



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

~~3977~~
~~Apr 8th~~



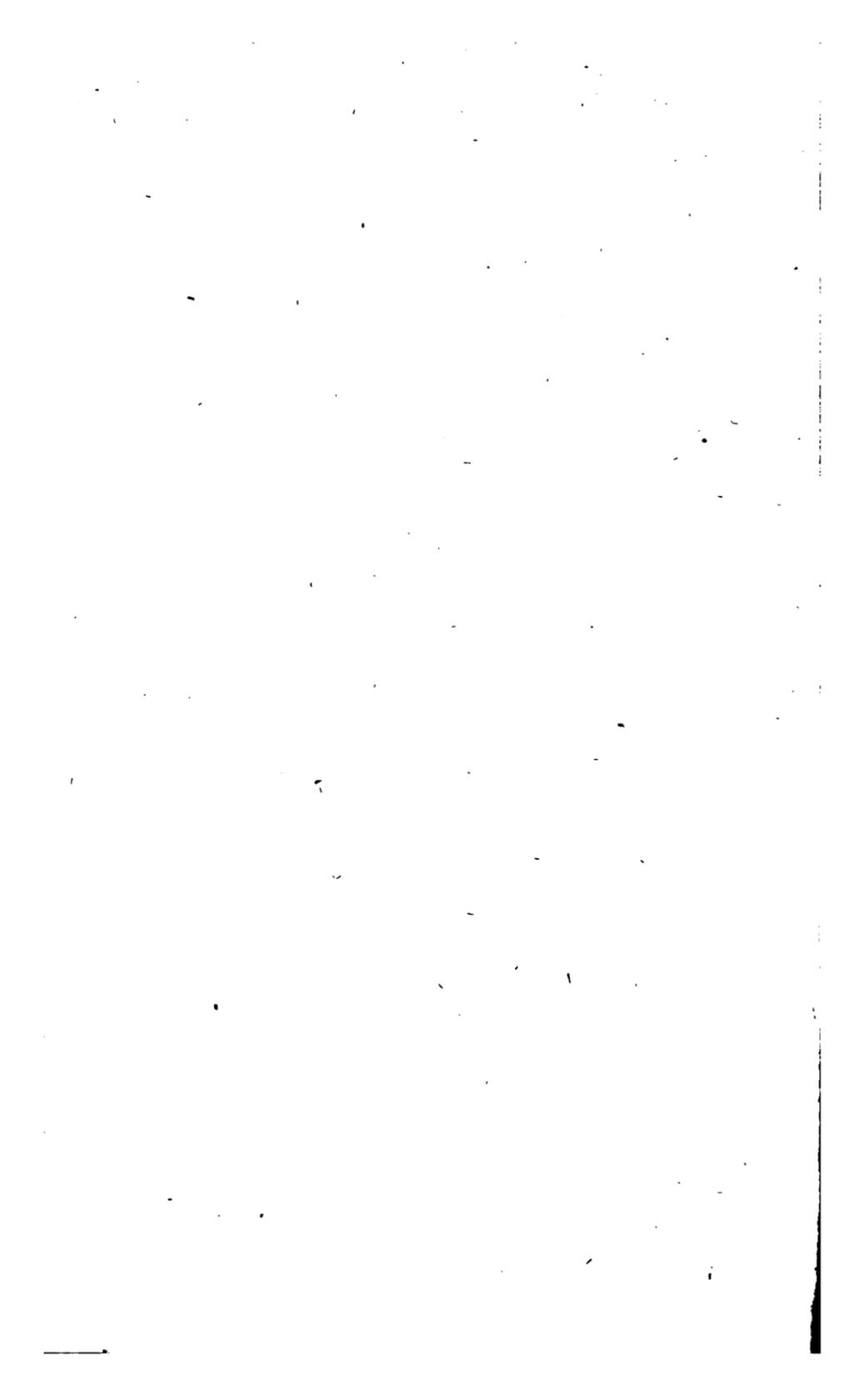
Vt. Port III B. 37











ENSAIO
BIOGRAPHICO-CRITICO
SOBRE OS MELHORES
POETAS PORTUGUEZES.

01/27/71

GENERAL SERVICE BOARD

1971 JAN 20 10 30 AM

RECEIVED

ENSAIO
BIOGRAPHICO-CRITICO

SOBRE OS MELHORES

POETAS PORTUGUEZES.

POR

Josè Maria da Costa e Silva,

Socio Correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Socio Honorario da Academia Lisbonense das Sciencias, e das Letras, Socio Correspondente do Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro, e da Academia Archeologica de Madrid.

TOMO IX.

Tros, Tirusque mihi nullo discrimine agatur.
Virg. En. Lib. I.

DADO Á LUZ

pelo Editor

JOÃO PEDRO DA COSTA.

Lisboa.

NA IMPRENSA SILVIANA.

1855.**

OLIVER

THE UNIVERSITY OF OXFORD

1900-1901

REVISED LIST

1901

... ..
... ..
... ..
... ..



APR 1941

ENSAIO BIOGRAPHICO-CRITICO

SOBRE OS MELHORES
POETAS PORTUGUEZES.

LIVRO XX.

CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA HESPAÑHOLA.

CAPITULO I.

O Doutor Gabriel Pereira de Castro.

O Doutor Gabriel Pereira de Castro, um dos homens que mais honra fazem á nossa Jurisprudencia, e á nossa Poesia, e que entre nós tem o primeiro logar entre os alumnos da Eschola Hespanhola, nasceu na cidade de Braga no anno de 1611, e seus pais, que pertenciam a uma familia mui distincta, lhe deram a educação propria para a vida da Magistratura para que o destinavam.

O Padre D. José Barbosa, Clerigo Regular da Congregação dos Theatinos, no seu *Archiathenæum Lusitanum*, Poema Latino, hoje inteiramente esquecido, o menciona nos seguintes versos como um dos mais distinctos alumnos do Collegio das Artes.

*Inclytus en Gabriel Castro Pereira sequetur,
Hæc propugnabit patriæ regalia jura,
Et Lysia ostendet quanta sit potentia Regnum,
Cæsareo si jura nocum quis dixerit Astrum,
Nos cæst ab eximio magnum cognomine Castro;
Insuper Aquidum decus immortalæ Sororum,
Hæc erit, et cinget viridanti tempora lauro;*

*Certabit Castro, pariter certabit Homerus,
 Alter Ulysseæ muros modulabitur Urbis,
 Errores, et facta, cum Tanatillo Parnaso
 Certabunt ambo dubio certamine, litem
 Dividet intonsus Musarum Nutrix Apollo:
 Una corona duas præcinget laurea frontes,
 Unaque palmam pares faciet discumbere Parnaso.*

Gabriel Pereira de Castro era dotado de juizo agudo, percepção prompta, e tinha muito amor ao estudo, e por isso não admira que se distinguisse entre os seus contemporâneos, e fosse delles respeitado, e tido pelos mestres em grande estima, e as suas Obras Juridicas, que não sam poucas, e que inda hoje no Foro se citam como authoridade, provam bem o quanto aproveitou nos seus Estudos Universitarios.

A estas applicações austeras, juntava elle os estudos amehos das bellas letras, e da poesia, que cultivou com esmero desde os mais tenros annos, seguindo os principios da Eschola de Gongora, que então dominavam em Portugal; mas parece-me, que foi demasiado rigor, por não dizer injustiça, o affirmar o Collector do *Parnaso Lusitano*, aliás pessoa de bom gosto, e critica, que o estylo deste Poeta era o verdadeiro typo da *Phenix Renascida*, e a quinta essencia do gongorismo.

O Doutor Gabriel Pereira de Castro seguiu os differentes logares da Magistratura, portando-se em todos elles com aquella prohibidade, inteireza, e zelo, que constituem o character de um Juiz digno deste nome, e por premio de seus longos serviços foi elevado ao cargo de Chancelier Mór do Reino, em cujo exercicio falleceu, em 17 de Dezembro de 1692.

Pelo testemunho de alguns contemporâneos consta, que o Doutor Gabriel Pereira de Castro composera um grande numero de poesias lyricas, e pastoris, nem é possível que assim não fosse: primeiro, porque a lyrica é, digamolo assim, o noviciado da poesia: segundo, porque nenhum engenho, por grande que fosse, principiou pela composição de uma Epopela. O proprio Homero compoz Hymnos, e Epigrammas, de que nos restam alguns. Virgilio tinha-se exercitado, e aperfeçoado o seu estylo no *Culex*, e

outras poesias ligeiras, que se conservam, nas Eclogas, e nas Georgicas, quando levantou o vôo a celebrar as peregrinações de Eneas, e as futuras grandezas dos Romanos. As Sylvas de Estacio mostram que o seu estro se empregara em tractar menos importantes assumptos, quando traçou os grandes, e horriveis quadros da Thebaida, e da Archileida, de que só temos dous Cantos, não sei se por se perder o resto nos seculos da barbaridade, ou porque a morte veio cortar-lhe o fio da vida no principio daquella tarefa.

Finalmente nem Dante, nem Ariosto, nem Tasso, nem Camões, nem Milton, nem Klopstock deixaram de cultivar os generos subalternos, e de distinguir-se nelles, antes de elevar-se á altura do Poema Epico; embora as suas composições deste genero fizessem esquecer as outras, ou pelo menos diminuissem a admiração por ellas. Todos os Poetas amam, porque não ha Poeta sem imaginação exaltada, e sem coração sensivel, e nenhum Poeta ama sem expressar em verso as perfeições, e encantos da sua amada, exaltar os seus favores, deplorar a sua esquivança, e os ciúmes, que ella lhe inspira, e para isto lhe serve, mais que tudo, a poesia Lyrica.

Mas por uma fatalidade, que persegue a nossa litteratura, todas essas poesias ficaram por imprimir, e ou se perderam de todo, ou jazem sepultados no pó de alguma secretaria, ou nas gavetas de alguns curiosos, esperando que algum acaso feliz as faça descobrir, e dar á luz como aconteceu ás poesias de Caminha, e aos Annaes de D. João III. por Frey Luiz de Sousa.

Estou perseguido de que as poesias Lyricas de Gabriel Pereira, fariam muita honra ao Author, e á nossa poesia daquelle seculo, porque a sua imaginação risonha, e fecunda, e a loquacia, e graça do seu style, e sua harmoniosa versificação o habilitavam para distinguir-se como Poeta Lyrico.

Não o entenderam assim os seus herdeiros, que se contentaram de publicar a sua *Ulyssa*, ou *Lisboa Edificada*, obra de longos annos de trabalho, e que elle deixou com expressa declaração de que só seria publicada quando uma junta de entendedores declarasse, que era superior aos *Lusitanae* de Luiz de Camões.

Se alguma coisa pôde desculpar o orgulho do Poeta, é a opinião de alguns Literatos, e Poetas a este respeito expressada. José Agostinho de Macedo, com todo o despejo, que lhe era natural, dizia altamente, que a Ulyssea era infinitamente superior aos Lusiadas, Manoel de Galleghos diz quasi o mesmo; Thomaz Antonio dos Santos e Silva, o Cantor da *Brasilada*, era do mesmo parecer, e o Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, se claramente o não diz nas suas Obras, pelo menos o dá bem a entender.

Mas se tem havido Criticos, que tem dado a este Poema um logar muito acima do seu merecimento real, não tem faltado outros que o tem tractado com um desdem, que elle certamente não merece. Já referi o juizo do Editor do Parnaso Lusitano, quanto ao estylo, ao passo que elogiá muito a sua fabula, e andamento. Teria muita curiosidade de vêr o Commentario á Ulyssea por Manoel de Faria e Sousa, que o Conde da Ericeira, no Prologo da sua Henriquéida, diz ter sido trazido de Hespanha a Portugal pelo Padre Pedro Alvares, da Congregação do Oratorio; queria vêr como elle justificava a penosa tarefa de commentar um Poema, de que tanto mal tinha dito nos seus Commentarios a Camões; visto que nenhum homem de siso gasta o seu tempo, e as suas locubrações em illustrar um Poema de cuja ruindade está capacitado.

A opinião mais geralmente seguida entre os nossos Literatos dá a Gabriel Pereira de Castro, como Poeta Epico, o logar immediato a Camões; Assim o julga o Padre Francisco José Freyre, e muitos outros homens tão eruditos, e entendedores como elle.

Respeitando, como devo, o voto de pessoas tam doutas, e de juizes tam competentes na materia, mas persuadido de que, ao menos na Republica das Leiras, devem ser livres as opiniões, não hesitarei em dizer, que só lhe dou o terceiro logar entre os nossos Epicos antigos; ficando o segundo ao Author da *Malaca Conquistada*.

Não quero dizer com isso que Gabriel Pereira não soube desempenhar as regras do Poema Epico, pelo contrario, elle as observa com todo o rigor; a sua fabula, toda dramatica, seria perfeita sem o largo tempo que

o heroe se conserva ocioso no palacio de Circe; e se o cume desta Deosa, que promove a discordia entre Lusitanos, e Gregos, por causa dos amores de Ulysses, e Calypso, fosse mais bem fundado. Não tinha Circe, obedecendo ás ordens dos Deoses, transmittidas por Mercurio, deixado partir Ulysses em muito boa paz? Não sabia que estava destinado pelos fados para fundar uma grande cidade junto á foz do Tejo? Tinha por ventura alguma esperança, de que o heroe Grego voltasse ao seu poder? Não por certo; logo com que verosimilhança faz sahir Thesiphone dos Infernos para induzir Gorgoris a tomar as armas contra Ulysses?

Os caracteres na Ulysses sam vigorosamente desenhados, as paixões vivas, as sentenças cheias de bom senso, e de novidade, o maravilhoso brilhante, a acção progressiva, e com aquellas alternativas de recdio, e de esperança, de que nasce o interesse. Os episodios bem ligados com a acção; nada mais cheio de fogo do que as suas batalhas, e os seus duellos; nada mais vivo do que as suas pinturas; é terno, e affectuoso nos amores, erudito sem pedanteria, eloquente nos discursos, harmonioso, e variado na versificação; rico, e engenhoso nas comparações; o character do seu estylo é a sublimidade, e a graça, e abunda em imagens phantasticas, e modos pictorescos de dizer, e de pintar as cousas.

A vista do expellido perguntará alguém: porque motivo lhe não assigno o primeiro lugar depois de Luiz de Camões? Que mais desejo nelle como Poeta Epico? Sem querer dar a minha opinião como regra, respondo, que a originalidade. A erudição que é tão pedroso auxilio dos Poetas, foi prejudicial a Gabriel Pereira de Castro; quis introduzir no seu Paema tudo que havia admirado nos outros, copiou Homero, Virgilio, Estacio, Ovidio, Ariosto, Tasso, Camões, Gougata, de modo que uma boa terça parte da Ulysses é composta de materias alheias, e apenas duas poderão julgar-se produção da sua obra.

Ha porém nisto uma circumstancia notavel; e é, que o Poeta nunca se mostra mais digno deste nome como quando confiando-se nas suas proprias forças, caminha sem moletas estranhas; si o que é des outros se alliminasse do

seu Poema, desappareceria delle a maior parte dos seus defeitos, especialmente de estylo. E' porisso, que me parece muito para sentir que elle não se abandonasse mais á maravilhosa força da invenção, com que a natureza o dotara.

Este Poeta foi, como já disse, alumno da Escola de Gongora, mas, se imitou o seu estylo, e modo de colorir, soube mostrar mais juizo, e moderação do que o seu modelo, a quem muito excede na clareza; evitou cuidadosamente os desvarios dos servis imitadores, que sem poderem competir com as bellezas raes do Poeta Castelhanao, exaggeraram os seus excessos, e os seus defeitos, tornando-se insupportaveis á leitura, á força de ridicularias, e extravagancias.

Finalmente o estylo de Gabriel Pereira de Castro não é o de Frey Jeronymo Vahia, ou de D. Eugenio Gerardo Lobo, ou de Balthazar Grazian; tem ás vezes poesia de mais, como alguns Quinbentistas tem poesia de menos; e eu que fui creado com a leitura dos Poetas Gregos, e Latinos, que tenho um affecto entusiastico por Pindaro, Horacio, Virgilio, e dou todo o apreço á magestosa singularidade de estylo dos grandes Escriptores da antiguidade, não escrupuliso em confessar, que prefiro as demasias do engenbo, á regularidade da insipidez. A frialdade é para mim o primeiro dos defeitos poeticos; chama-se muitas vezes temeridade ao valor, e á cobardia prudencia: mas a temeridade acaba ás vezes grandes cousas, e a cobardia para nada serve.

Citaremos, porque nestes casos as citações são os melhores argumentos, alguns trechos da Ulissea, para que os Leitores se desenganem de que o estylo de Gabriel Pereira de Castro não é tão vicioso como alguns o tem querido ensinar.

No Canto I., Estança XLI. descrevendo o Poeta como Circe transformara alguns companheiros de Ulysses em diferentes animaes, accrescenta

Qual vendo o Companheira hir-se mudando
 Quer soccorre-lo, e leva meia espada,
 E ao infelice Actéon imitando,
 As mãos fendidas acha, a testa armada.

Póde acaso esta idéa exprimir-se com mais elegancia, e poesia? Não póde dizer-se o mesmo da pintura de um rio, que limpido, e sereno se desliza volteando por entre um bosque delicioso.

Corre por entre os bosques divertido,
Com curso tão sereno, e docegado,
Que nas voltas se mostra arrependido
De levar agua doce ao mar salgado;
Deixava o Arvoredo, ao Ceo subido,
Dentro do espelho d'agua o seu traslado,
E em suavissima sombra lhe pagavam
O ser, e a vida que a seus troncos davam.

Bem conheço que não faltará quem traga a pelo a *agua doce*, contraposta ao *mar salgado* mas se entre as aguas do mar, e as dos rios, se dá esta differença physica, porque não ha de o Poeta nota-la?

Mostrava a terra verde as bellas Flores
Vestidas com tal graça, e alegria;
De mais finas, e mais suaves côres,
Que estar-se rindo o prado parecia.

Póde haver uma pintura mais risonha? Não são estas imageus phantásticas, estas methaphoras bem appropriadas, e deduzidas, as que dam alma, e vida ao estylo poetico, e que o separam do dialecto da prosa?

E igualmente cheia de antecidade voluptuosa a pintura da belleza de Helena, que se encontra neste Poema admiravelmente campida com o panorama das ruinas de Troya.

Arde a Neptunia Troya já rendida
Ao Cavallo fatal, e á Grega espada;
A fumo, a sombra, a nada reduzida,
Que a gloria humana he sombra, he fumo, he nada;
Já tractavam os Gregos da partida,
Carregando o despojo á rica armada,
E entre tão rica, e soberana presa,
Hera a formosa Helena a mór riqueza.

Já co'a causa, e desculpa do Troyano
 Incendio, que na cinza inda fumava,
 Soltando a redea ás Naus o Soberano
 Agamemnon as ancoras levava:
 Da negra antenna despregando o panno,
 Que hindo prenhe do Vento, que soprava,
 O Porto deixa, o alto mar cortando:
 Vam-se as praias, e os montes afastando.

O destroço fatal de Troya viam
 Das Naus, que o Hellesponto atravessavam,
 Os Gregos quando a vista suspiciam
 Nas terras, que já apenas devisavam;
 Só nas partes mais altas pareciam
 Huns vestigios das Torres, que ficavam,
 Aonde a vista o mais que determina
 He medir a grandeza co'a ruina.

Amphitheatros, Machinas, e Muros,
 Pyramides, Colossos, levantados,
 Edificios, que estar mostram seguros
 Contra a força dos tempos, e dos fados,
 Jazem sem fama, em cinza vil, escuros,
 Das Idades por fabula prostrados,
 Que o Tempo os bronzes, e as columnas parte,
 E os poderes da Morte iguala Marte.

De bandeiras, e flamulas ornaram
 A poderosa Armada, que partia;
 E as proas para Tenedo inclinaram,
 Que hum bosque sobre as ondas parecia;
 Que ali vam despedir-se concertaram,
 Onde a ancora pesada o sal feria,
 Sobre ella, quando o fere, se dilata
 O mar azul, em círculos de prata.

Ambos de Atreo os Filhos valerosos,
 (Antes que hum vá a Esparta, outro a Mycena)
 Queriam despedir-se, desejosos
 Que ali possa alegrar-se a bella Helena:
 Com elles sahe ao campo; e os seus formosos

Olhos, de que reparte gloria, e pena,
 Amor, que saltear delles pertende,
 Pelo florido campo, e praia estende.

De vê-la o mesmo Ceo se namorava,
 E o ar no de seu rosto se accendia,
 O mar, quando ella as conchas lhe fertava,
 Parece que a beijar-lhe os pés corria;
 Que as divinas graças, que mostrava,
 Contar quizer mais fácil lhe seria
 Contar as flores do lascivo Maio,
 E do Sol os cabelles raio a raio.

Pela testa, sem ordem desparzido,
 Solto o cabello vâa livremente,
 Donde sahe a queixar-se de opprimido
 De hũa cinta de perlas resfulgente;
 No hombro sôa o arco de brunido
 Martim, ao lado a aljava está pendente;
 Com menos graça o bosque entrar costuma
 A linda Deosa que nasceu de espuma.

Ha neste trecho alguns jogos de palavras; como *os poderes da Morte iguala Marte*; *o ar no de seu rosto se accendia*, &c. mas além de cahirem naturalmente sem esforço, nem violencia, e serem por isso menos reprehensíveis, deve notar-se que esta especie de ornamento pueril parece ser molestia endemica da poesia moderna, pois se observa nos Poetas da melhor nota de todas as nações, e ás vezes com menos naturalidade do que nestes apontados aqui, como em Camões.

*De governar o Reino, que outro pede,
 Por causa dos Privados foi privado.*

*Logo todo o restante se partiu
 Da Lusitania, postos em fugida,
 O Miralmanem só não fugiu,
 Porque antes de fugir lhe fogue a vida.*

Em Racine

Quand je suis tout de sen, d'où la vient cette glace?

Em Tasso

*Oh sasso amato, e sospirato tanto,
Che dentro al te mie fiamme, e fuori il pranto.*

.....
Sani piaga di stral piaga d'amore.

Em Shakespeare

Had death been french, ther death had d'gd to day.

E o mais é, que mesmo entre os Poetas da antiguidade já apparecem vestigios destes contrapositos, trocadilhos, e jogos de palavras pois vêm os em Virgilio *velere valum, vulnere sicabat limphiis, &c.* Neste verso

A ancora pesada o sal feria.

Talvez desagrade a alguns pertuços xôr o mar methaphoricamente designado pela palavra *sal*; e apesar disso esta methaphora foi algumas vezes usada pelo Cantor da Eneida. *Et spumas salis ære ruebant, et fit sonitus spumante salo.* Dirão, que os erros de uns não, serrem de desculpa aos outros; concordo: mas persisto em que dous ou três versos ruins, duas ou tres expressões desleitadas não tiram o merito a esta pintura.

Gabriel Pereira de Castro sabe unir a concisão com a elevação, e a pompa das imagens; veja-se como descreve em duas Oitavas a navegação dos Gregos para Troya, o seu desembarque, e a fortificação dos arrayaes:

Partio a grossa armada; hia cobrindo
O mar, que hum grande bosque parecia;
A azul espalda de Neptuno abrindo;
Já a terra a pesada ancora mordia;
A gente sabe na praja; o Sol ferindo
Nas armas, representa o ar, que ardia
Campo de fogo, e a gente que marchava
No estrepito hum trovão, que atravessava.

Desembarcamos logo n'hum momento,
Os Cavallos aos Carros juntamos,
E pelo largo campo as levo vento

As alegres bandeiras despregamos;
 Cercam vallos o grande alojamento,
 Vestem Tendas o campo que occupamos,
 O Xanto geme, as terras emmudecem,
 E d'alta Troya os muros estremezem.

Que profusão de imagens em tão pequeno espaço! A armada que navega; e cujos mastros parecem um bosque fluctuante, a entrada no porto, a cahida das ancoras, o desembarque, o ar inflammado com o reflexo do Sol nas armas, representando um campo de fogo, e estorndo da marcha das tropas, que imita o do trovão; os cavalloz jungindo-se aos carros, as bandeiras despregadas ao vento, o abrir dos vallos, o assestar das tendas, e sosto de Troya á vista de tantos inimigos, que ameaço os seus muros; para nos descrever tão variados objectos bastam ao Poeta d'ous Estrophas! Junte-se a isto a valentia dos versos, e a pompa do estylo, e digam os desapaixonados se não é este um dos mais bellos trechos da Epopeia moderna!

Para tornar mais evidente o talento descriptivo de que o Poeta fôra dotado pela natureza, transcreverei a descriptção da entrada do Inferno, no Canto IV.

Já venciam com passo errante os medos,
 Da escura entrada, aonde os carregados
 Ramos de seus confusos arvoredos
 Do ar, por mór temor, sam meneados,
 Quando chegam ao pé d'altos rochedos
 Onde do Logo Estigio os abrasados
 Fogos, que da outra parte ao ar sobiam,
 Sua corrente a espaços descobriam.

Com esta escura luz se devisava
 Hum Batei, que atravessa lentamente,
 Que o cançado Charonte navegava
 Oppondo o braço á rapida corrente;
 Chega á praia, quem heram perguntava,
 Contra os deus move a passo diligente,
 E conhecendo a Circe, lhe declara
 Como Hecate que os passe lhe mandara.

Era Charonte Velho, a quem cobria
 A vista a sobranceira carregada,
 E sobre o pardo peito lhe cahia
 A espessa barba nunca penteada;
 Os membros nús, que a parte descobria
 A roupa, do largo uso maltratada;
 Velho, porém robusto por extremo
 Com forças aptas ao pesado remo.

Logo as miseras almas, que esperando
 Passar, as largas praias habitavam,
 Vendo a Ulysses armado, o vam cercando,
 Que de tal novidade se admiravam;
 Por entre as sombras outras vam vêndo
 Em quanto o escuro Reino não passavam,
 Como as Aves, que vendo o Sol distante,
 Passam do Hesperio Calpe ao Monte Atlante.

Queria atravessar o Rio escuro
 Charonte, no pesado remo péga,
 Onde para subir Ulysses duro
 Firma o pé, mete o remo, o batel chega;
 Geme c'ò peso o barco mal seguro,
 Elle as almas aparta, entra, e navega,
 A rôta véla ao ar desencalhendo,
 Os remos igualmente vai batendo.

Sahem na deserta praia, e vam sobindo
 Por huma estrada ao parecer formosa,
 Viam graves Visões, não lhe impedindo
 Do Inferno a livre entrada, e temerosa;
 Gritos sóam, que os montes repetindo
 A Jornada faziam duvidosa,
 E a pouco espaço a porta vêm do Inferno,
 Que hum medo infunde, e hum pavor interno.

Vêm as soberbas torres d'aço puro,
 Que não temem de Jove o forte braço,
 E os negros lanços do abrasado muro,
 Que guarda, e cinge o temeroso Paço;
 O lume, onde arde dentro, inda que escuro,

As sombras vence por hùm grande espaço,
Que pelas boecas, que no muro abria
Linguas de immortal fogo dèspedia.

Das Torres, pelos ares levantadas,
Se vê, co'a luz do fogo, a architectura,
Naquella parte em pé, nesta gastadas
Por entre a confusão da Noite escura;
De fumo nuvens densas, e dobradas
Sobem do ar impuro á mór altura,
Bramam graves trovões continuamente
D'onde se precipita o raio ardente.

Phlegethonte das Casas, em que habita
A eterna Noite, os muros vai lambendo,
Espadanas de fogo, com que imita
Os rios, pelas margens brota ardendo:
Nas ondas, que do centro ao ar vomita,
O espumoso rio está fervendo,
Vendo-se as almas, que arrojava o centro
Sahir ao alto, e recolher-se dentro.

Ali hum grão Portal se vê cortado
Em penha viva, aonde a vista alcança,
N'hum bronze em letras igneas entalhado
Quem entra deixa aqui toda a esperança:
Ali se via Cerbero, indignado,
A quem de massa soporada lança
Circe grão parte, e logo resupina
A disforme cabeça á terra inclina.

Cão a fera deforme amortecida,
Em grave somno, e sem vigor prostrada,
Logo a Esphinge se vê, dura, e temida,
Das Filhas de Phylira acompanhada;
Da Chymera, e da Hydrá embravecida
A sahida da porta está guardada,
E co'a fouçe fatal de agudo córte
Preside a todas a invensivel Morte.

Ali a Soberba está, que por empreza
Toma atrever-se a Jupiter celeste,

Está a seu lado a Inveja, em fogo accesa,
 Que os membros nos mordendo apenas veste;
 O triste, e frio Medo, a vil Pobreza
 A pallida Avareza, a mortal Peste,
 Outros monstros se vêm, a quem fazia
 O Somno, Irmão da Morte, companhia.

Na temerosa porta se detinha
 Ulysses, que ao entrar está patente;
 Plutão triste, e pesado o rosto tinha,
 E a vista n'elle põem fera, e ardente;
 Sobre o robusto corpo ao ar caminha
 A testa, em grandes cornos eminente,
 Irado aos monstros grita, que tremendo
 Se apartam c'ò terror do brado horrendo.

Nesta descripção ha alguns rasgos de Virgilio, e de Dan-
 te, como pôde observar-se na pintura de Charonte, nos
 muros cahidos em parte, e na inscripção da porta do
 Inferno:

Quem entra deixa aqui toda a esperança,

que é uma traducção livre, e elegante do famoso verso
 do Pai da Poesia Toscana

Lasciate ogni speranza, ó voi ch'entrate,

mas isso não faz damno á grandeza deste quadro verda-
 deiramente epico.

Examine-se a pintura de Poliphemo no Canto III., e
 diga-se depois se pôde ter inveja ás que daquello gigan-
 te nos deixaram Homero, e Virgilio.

Quando seu manso gado apascentando
 Mais de perto hum Pastor se me offerece,
 Que nos robustos membros imitando
 Hum monte, hum vivo monte me parece;
 Hum natural cometa scintillando
 Na levantada testa resplandece,
 De pelles he o vestido, a que hum pesado
 Pinho serve de arrimo, e de cajado.

Nas ondas imitava o denegrido
 Cabello as do Cocito, que não sente
 Cultura, antes intenso, e retorcido
 Sobre os hombros lhe Cae naturalmente;
 Do queixo prodigioso, dividido
 Em duas, se despenha huma corrente
 De intensa barba, que correndo immunda
 Prodigamente o largo peito inonda.

Sete desiguaes canas ajuntara,
 Que como Orgão uniu com molla cêra,
 Onde do ar a região mais clara
 O duro som com grave alento altera;
 O grande estrondo, que nos montes pára,
 Rompe o silencio, e a resposta espera,
 Com que Echo, que escutando está defronte,
 Mostrava que tem alma, e voz o monte.

Se do retrato do Gigante passarmos ao modo porque
 Ulysses, em vingança de seus companheiros devorados,
 lhe vasou o unico olho, que lhe adornava a testa, e ao
 desatinado furor com que desperta, acharemos que o
 Poeta soubera carregar, com pincel vigoroso, as côres da-
 quella horrenda pintura.

Pesadamente o hirsuto Monstro dorme
 Sobre os despojos de animaes prostrado,
 Peso inutil, cruel, horrendo, informe,
 Simimorto, em lethargo sepultado;
 Toma alento dormindo em sem disforme,
 Que no escuro aposento dilatado
 Mil echos fórma, e nelfes representa
 Trovão fero no ar, no mar tormenta.

Eu, como se subira a hum grande monte,
 Sobre os peitos lhe estampo a dura planta,
 E c'huma fera estaca sobre a fronte
 Rompo a medonha luz, que o Mundo espanta;
 Elle habbado de purpurea fonte
 O carregado corpo mal levanta,
 Cae a esta parte, e aquella em furia acceso,
 Sem poder sustentar sea grave peso.

Com grão furor co'as mãos pesadas toca
 As feridas crueis, e com intensa
 Cholera bebe o sangue a negra bocca;
 Que banha o largo peito, e barba densa;
 Ferido, e cêgo a furia se provoca,
 Mal acordado cae co'a dôr immensa,
 Representando o alto Peleo, ou Ossa
 Brama com tom de voz horrenda, e grossa.

Qual o Touro encerrado, que ferido
 Sacode a crensa, e temerosa fronte;
 Em roda se vigia embtavecido
 Acommettendo quanto vê defronte:
 E c'hum, e outro asperrimo mugido,
 Por se tornar ao conhecido monte,
 Co'as lanças, e reparos bravo intesta;
 Bramindo, e inclinando a dura testa.

Tal na Caverna o horrido Gigante
 Co'as mãos a Cova apalpa em ira ardendo,
 Toma o bastão, e quanto tem diante
 Vai com furia, e braveza desfazendo;
 Dava hum, e outro brado penetrante,
 Tomar ás mãos os Gregos não podendo,
 Levanta a porta por tentar a face
 Da duvidosa luz, que ao Mundo nasce.

De seus gritos, e vozes espantados
 Os animaes nas covas se esconderam;
 Rompe o Abyssmo á força de seus brados,
 Onde as Furias as penas suspenderam
 Com que TYPHEO, e ENCELADO abrazados
 De JUPITER de novo estremeceram,
 E CHARONTE, que ouviu a POLYPHEMO,
 Largou das mãos o carregado remo.

Ha na Ulyssea muitos rasgos de amavel naturalidade, como, por exemplo, quando THELEGONIO corre a abraçar CIRCE, sua mãe, na occasião em que ella se queixa a ULYSSES pela sua partida, e a mãe repellindo-o com brandura lhe diz:

Não te quero (lhe diz) pois hes retrato
De hum ingrato, o maior, que o Mundo teve,
Porque não o pareças, sendo ingrato,
E quem me leva a vida, o gosto leve.

Não é isto pintar a natureza com simplicidade Home-rica? Mas a este ressentimento da amente offendida, succede logo a effusão da ternura maternal.

Mas não te dou eu, filho, tão barato,
Bem desta vida bre... sem dizer breve,
Que as lagrimas lhe affogam n'hum momento
Entre as fauces da voz o ultimo accento.

Um dos pontos de semilhança do Doutor Gabriel Pereira de Castro com Luiz de Camões está na ousadia philosophica de suas sentenças, que nelle se torna mais notavel se attendermos á epocha, em que escreveu, quando uma dominação estrangeira, com razão suspeitosa, por que conhecia que a nação detestava o seu jugo, estava pesando sobre Portugal, e quando a Censura previa, era rigorosamente exercida debaixo da influencia da Inquisição, dos Jesuitas, e de todos os frades em geral, apoyos eternos da tyrannia, e inimigos, da instrucção dos povos: foi neste tempo que o Poeta se atreveu a espalhar pelo seu Poema sentenças, e moralidades desta força.

He costume no Mundo inveterado,
Que o defeito de hum Grande nos parece
Digno de ser coberto, e ser louvado;
E só no humilde o Crime se conhece:
Cada qual com seus Vicios abraçado.
Põe-lhe outro nome, e nelles envelhece,
Parece o que está em alto mais perfeito,
Que encobre co'a distancia o mór defeito.

Cant. III. Est. CH.

Que montam apparencias, e vestidos,
E a falsa opinião tambem que monta? -
He o Hypocrita falso nova Esphinge,
Porque he pessimo o mau se bom se finge.

Cant. IV. St. LXVIII.

De vêr os Reis no Inferno está admirado
 Ulysses, tendo a Jove tão propicio,
 Que no Mundo lhe deu tão grande Estado,
 Que he do favor divino certo indício ;
 Aqui (diz Circe) tem aparelhado
 O seu castigo os maus por beneficio
 Dos bons, e poucos Reis o Inferno encerra,
 Porque entre poucos se divide a Terra.

Ibid. Est. LVII.

Os que vem d'alto tronco, se esquecidos
 Do herdado exemplo estão de seus passados,
 Que a Virtude abraçaram preeminente,
 Roubam lugar alheio injustamente.

Cant. VII. Est. LXXXII.

• Que montam os Leões, e as Aguias puras,
 Com que a Soberba espera eternisar-se?
 Que montam Atrios, Carros, e Pinturas
 Se quer o Iguavio nelles gloriar-se?
 Que as famosas imagens, as figuras
 De que a vangloria sabe namorar-se,
 Afrontam os que imbelles encostados,
 No tronco antigo estão de seus passados.

Ibid. Est. LXXXIII.

A' Patria, a quem tu dás honras tamanhas,
 E ao Mundo onde espalhaste tua memoria,
 Exemplo, e espelho deixas, onde vejo
 Que alta Virtude dá por fructo a inveja.

Ibid. Est. XCIV.

Quem dorme ao proprio damno os olhos cerra,
 Não dormem, nem descançam Reis prudentes.

Cant. VIII. Est. XIV.

Que os mortos se erguem quando faltam vivos.

Ibid. Est. XVI.

Depois da fama, e honra estar perdida,
 Não fica que perder, que esta jactura
 Ao tempo vence, e eternamente dura.

Ibid. Est. XV.

Que Rémora não ha que possa tanto,
Que iguale á força d'hum suave canto.

Cant. V. Est. XLII.

A paciencia os casos facilita,
Sofrando has de vencer fortuna, e fadés;
Sempre o animo ergue a cousas altas,
Se ellas faltarem, vejam que não faltas.

Cant. IV. Est. CXVIII.

Outra semilhança que existe entre este Poeta, e o Author dos Lusíadas, é a facilidade com que os seus versos se gravam na memoria dos Leitores, e por isso vemos que os Lusíadas, e a Ulyssæa sam de todas as Epópeias Portuguezas, aquellas de que os amadores da poesia sabem mais trechos de côr, sem duvida porque em nenhum ha um estylo tão imaginoso, e uma versificação tão harmoniosa. A melhor musica não é a que admiram os mestres pelo artificio, e combinação scientifica da composição; mas aquella que arrebatá os ouvintes, lhe arranca o riso, ou as lagrimas, e que elles não esquecem ao sahir do theatro, e se retiram para suas casas cantando aquelles trechos, que mais impressão lhe fizeram.

Tambem, se exceptuarmos os Lusíadas, de nenhum dos nossos Poemas Epicos, se poderão citar tantos versos isolados, que firam o ouvido, e a phantasia, ou por vibração forte, e sonora, ou pela energia, e novidade da expressão; nem periodos poeticos mais pomposos, e valentes.

Satyros de metal de crespa fronte

.....
Que Lusitania he tumba de Iamigos

.....
De ambas as Indias, de ambas as Hespanhas

.....
D'onde o Sol nasce, ás ondas onde morre

.....
Tinha ante o rosto hum véo de magestade

.....
O rosto hum Sol, cada cabello hum raio

.....

As desiguaes Pyramides de neve

E nos peitos c'o punho bate a espada

Encanece Neptuno, que o valente

Austro as ondas levanta, e quando descem,

Deixam-se vêr as grutas, e as montanhas,

Que esconde o mar nas humidas entranhas.

Moço galhardo, a quem a guerra engana,

Grande Senhor da Serra Marianna

Linhas de fogo pelo ar se viam

Das lucidas Estrellas, que cahiam

Que acham, fugindo nos pesados ares

Unido o mar c'os Ceos, e o Ceo c'os mares

Da barba prenhe de humido rocio,

Que sobre o pardo peito descaçava,

O liquido cristal correndo em fio

Lavando os membros nus ao mar tornava.

Cantamente se chega, o espaço mede,

Junta as pontas do arco, e sacudindo.

A corda, são veloz, que o vento excede,

A mortal setta, o ar delgado abrindo :

Chega onde a vista aponta, e mata a séde

No sangue de hum grão Touro, que cabiado

Desanimado morde a terra, e solta

A alma robusta em negro sangue envolta.

As portas do Oriente,

Chorando aljofar, abre a linda Aurora,

Que quando ri nos Ceos, nos Campos chora.

O assumpto da Ulyssea da maneira, que o Author o tractou, abrange em si a materia da Iliada, e da Odissea

de Homero, e é preciso confessar, que elle soube com muito talento, e artificio reduzir aquellas vastas pinturas ás dimensões do quadro que pretendia traçar. Menos de dous Cantos lhe bastaram para referir as peregrinações do heroe Grego, e um para recopilar a Iliada, sem omittir factos algum essencial, e acrescentando-lhe muitos adornos de propria lavra.

Algumas vezes o Poeta Portuguez aperfeição, e contorna melhor as figuras, que o Grego havia desenhado de um modo demasiado tosco, e grosseiro; assim acontece com o combate singular de Páris, e Menelau. No trezeiro Livro da Iliada os dous exercitos, Grego, e Troyano, marcham a encontrar-se; Páris vem na frente dos seus coberto com uma pelle de Leopardo, e com dous dardos na mão desafia os mais valentes dos inimigos; Menelau sahe ao seu encontro, e Páris apenas o vê, foge medroso, e vai esconder-se entre os Troyanos: Heitor indignado de tamanha cobardia, vomita contra elle uma torrente de injurias, bem merecidas sim, mas pouco dignas da magestade da Epopea. Páris envergonhado, resolve-se decidir a guerra em um duello com Menelau.

Esta proposta, feita aos Gregos por Heitor, é acceita sem hesitação; as condições sam que, vencido Páris, Menelau recobrará Helena, e os thesouros, que ella havia trazido, e se embarcará com os Gregos; que se pelo contrario a victoria fôr de Páris, Agamemnon deixará Troya com o seu exercito, e o Principe Troyano ficará de posse da filha de Leda; mas os Gregos exigem que Priamo venha em pessoa ratificar o tractado pois não tem confiança em seus filhos.

Priamo chega; faz-se um sacrificio, em que o Velho Rei de Troya, e Agamemnon, Commandante em Chefe dos Argivos, juram as condições, mas Priamo retira-se para Troya, porque lhe falta o animo para presenciar o perigo de seu filho.

Ulysses, e Heitor demarcam o campo: os dous contendores armam-se; a sorte dá a Páris o direito de ser o primeiro que dispare a lança, o que era grande vantagem em um combate singular; dispara, mas a lança não pôde penetrar o escudo de Menelau; porém a lança deste rompe o escudo, e a couraça do inimigo,

que deixando-se levar do golpe consegue livrar-se da morte.

Passam logo á batalha das espadas, porém a de Menelau quebra com um golpe dado no bacinete do Troyano, que em vez de aproveitar-se desta fortuna, em vez de carregar sobre o seu inimigo, consente, como um parvo, que Menelau lhe lance as mãos ao elmo, e o vá levando de rastos: Venus que o protege, desce rapidamente, corta a corréa que prende o capacete ao queixo, e arrebatá o Troyano em uma nuvem. Menelau fica com o morrião vazio nas mãos, dando alguns traspés, e atira com elle para o meio dos Gregos. Já se vê que este combate com as fanfarronias, e cobardia de Páris, e as descomposturas de Heitor é mais proprio da *Secchia rapita* de Tassoni, que da magestade do Poema Epico.

Na Ulyssea de Gabriel Pereira, passam-se as cousas de um modo mais nobre, e mais militar. O amante de Helena, é vencido, porém mostra a coragem propria de um guerreiro, é digno rival do Rei de Esparta.

Como a guerra, e furor por pontos cresce,
A Gente popular, que o risco via,
Diz a Páris, que injusta acção parece
Negar a Menelau o que pedia;
Outro diz, que a contenda só merece,
Que os dous provem seu braço, e valentia:
Que elles só façam a aspera peleja,
E ao vencedor Helena o premio seja.

Este concerto Páris não recusa,
E a todos com valor se põem diante,
Por entre a multidão céga, e confusa,
Falla com voz composta, e arrogante:
"O ignaro Povo com rasão me accusa,
"Que com espada, e coração constante
"Nada temo, que sabe o animo forte
"Forçar Estrellas, e vencer a sorte.

Já o duello os Gregos lhe pediam,
Páris se offerecia ousadamente,
A' duvidosa sorte, e já vestiam

Sobre a tecida malha arnez luzente:
 Já Gregos, e Troyanos concorriam
 No campo, que guarnece Marte ardente
 De Capitães, e de armas, que o cercavam
 Que alegre vista, e horrida formavam.

Depois de assim o Duello concertado
 O lugar da batalha se assignala,
 Já tinham varias rezes degolado,
 E o cheiro de Panchaia o fumo exhala,
 Menelau, aute Jupiter prostrado,
 Sua grave affronta com silencio falla,
 Cada qual promettendo fé segura,
 Por Phebo inteuo, e Phlegethonte o jura.

Concertam, que o que delles fôr vencido,
 Ou vencer, com Helena juntamente
 As joias goze, ou torne a seu marido
 Seguudo a sorte fôr triste, ou contente;
 Páris as fortes armas tem vestido,
 E abraçado o escudo refulgente,
 Com agulha a corrêa debuxada,
 De que pendia a generosa espada.

A celada compõem, onde se aperta
 A famosa plumagem, que brotava
 Da botca de uma Serpe, que desperta
 Nos olhos, como viva scintillava;
 Tem Menelau a cholera incoberta,
 Que n'alma a grave dôr dessimulava,
 Qual, vendo o Javali, irado treme
 O Libreo forte, e por saltar-se geme.

Deu a Páris lugar primeiro a sorte
 Para ferir co'a lança ao inimigo,
 Não quer Priamo vêr tão duro, e forte
 Combate, e ao caro filho em tal perigo:
 "Que Páris vença, ou tenha honrada morte,
 (Diz elle) ou caso adverso, ou fado amigo,
 "Não poderei vêr trance tão custoso,
 "Tudo em mãos deixo a Jove poderoso."

Do Campo se sahio. E levantando
 O braço, Páris tira a grossa lança,
 Menelau a recebe no dobrado
 Escudo, onde, ferindo, ella descança ;
 A sua vôa, e rompe o ar delgado,
 E Páris allrontado da tardança,
 Coberto com o escudo, com môr pressa,
 Contra o féro inimigo se arremessa.

Já cada qual dos dous a espada ardente
 Mostra nos duros punhos apertada,
 Sobre elmo, sobre escudo refulgente
 Os golpes sôam de huma, e de outra espada :
 Páris ajoelhou, a que o valente
 Menelau corre, azinho da celada,
 Arrastado o levava onde aeabára,
 Se Venus, que isto via, o não salvara.

Huma forte corrêa, que o trazia,
 Já sem alento, Venus lhe desata ;
 Com elle n'huma nuvem se escondia,
 Que sobre o largo campo se dilata ;
 Da vista foge, e Menelau que via
 Vôar a nuvem em circulos de prata,
 Acidalia conhece, que ao Troyano
 A vida quiz salvar por este engano.

Nas mãos lhe fica o Elmo, e descontente
 Com ira o rompe, e vinga a sorte escaça ;
 Qual o Touro feroz, que ao lado sente
 O que a desafia-lo entrou na praça ;
 Se a capa lhe deixou, corre vehemente,
 E co'a testa inclinada a despedaça ;
 Tal Menelau nas mãos tendo a celada,
 Lhe diz : « Perjuros ! que he da fé jurada ! »

Este ultimo rasgo é palpitante de naturalidade ! E' assim que o nosso Poeta se aproveita das idéas alheias, melhorando-as, e aperfeiçoando-as a maior parte das vezes ! O mesmo pôde observar-se comparando o combate de Heitor, e Achyles na Iliada, com o combate de e Achyles na Ulyssea.

Homero pinta o heroe dos Troyanos como um fraco, e inconsequente, que não ousa entrar em Troya com medo das reprehensões de Polydamante, ao mesmo passo que se lembra de-hir desarmado cometter pactos a Achyles, e ao mesmo tempo foge apenas o vê; e só depois de tres longas carreiras, com que pertende acolher-se á cidade, obstando-lhe o seu contrario, é que enganado por Minerva, chega a affrontar-se com elle, que repelle as suas propostas; e vendo-se gravemente ferido ainda tem a vitez de lhe supplicar, que não deixe devorar seu corpo pelos Mastins dos Gregos.

Na Ulyssea pelo contrario, os dous heroes sãm iguaes no valor, nas forças, e na destreza das armas; toda a differença a favor de Achyles está na disposição do fado, e nas armas, que sãm impenetraveis; não se temem, mas respeitã-se, não sãm dous homens, que se acommettem, é a Europa, e Azia, personolisadas nelles, que vam uma de encontro á outra; o combate dura o dia inteiro, Heitor está mal ferido, porém a sua coragem permanece inteira.

Conhece-se ferido, e que o fervente
Sangue já as fortes armas lhe banhava,
Contra Achyles corria impaciente,
Que a vida, e o perigo despresava;
Girava a um lado, e outro a espada ardente,
Co'a voz que solta os montes abalava,
Que hum trovão parecia a voz pesada,
Traz elle hum raio o fulminar da espada.

Sentia a coxa esquerda mal ferida,
O escudo lança atraz, a espada afferra,
Que sobre Achyles cãe grave, e temida,
Com que ambos os joelhos pôz por terra;
Bravo se ergue da affronta recebida,
Aperta os deatés, c'o inimigo cerra,
Nos braços o levanta, e entre os braços
Se dam ambos durissimos abraços.

O Poeta junta aqui uma comparação, que poderá parecer gigantesca á imaginação acanhada da Eschola Fran-

ceza, mas que por sua grandiosidade é propria para nos dar idéa da força com que luctavam estes dous heroes dos seculos mythicos, a quem já Homero achava tão inferiores em forças, e em estatura os homens do seu seculo.

Como se Pelio, e Ossa se topassem
De duras rochas fronte, e peito armados,
E na tosca aspereza se abraçassem
C'os braços de seus troncos carregados;
E em fontes de apertados rebentassm;
Assim estes vivos montes abraçados,
Se apertam; onde Heitor qual vivo monte
Brotava sangue de huma, e de outra fonte.

A lucta continúa, Achyles trabalha por derribar o seu inimigo, mas elle, como homem adextrado longamente neste exercio, frustra todos os seus esforços, e consegue sempre ficar em pé.

Que seu grande vigor o desengana,
Que não he seu esforço cousa humana.

Comtudo, esta aturada fadiga, o muito sangue que lhe sahio das feridas, que havia recebido começão a enfraquecer o Heroe Troyano.

Achyles, que se vê mais alentado,
Estreitamente aperta Heitor comsigo,
Mete o joelho esquerdo ao dextro lado,
Carregando nos peitos do inimigo,
Que sem poder suster-se cáe forçado,
Sem descuidar-se em seu valor antigo,
Pois nos braços o aperta tão vehemente,
Que ambos a terra medem juntamente.

Heitor, a quem o peito a dora lima
Da dôr grave em mil partes dividia,
Tendo de Achyles o grão peso em cima,
A quem já contrastar tão mal podia,
Mostando que inda assim menos o estima
Dê hum lado n'outro o corpo revolvia,

Que sem temer contrario tão temido
Vencido quer não parecer vencido.

Vê no ar levantado o braço forte,
E apertado hum punhal na dextra erguida,
Do alto a baixo vê descer a morte,
Hindo esconder-se o ferro na ferida;
Gozando Achyles mais ditosa sorte
Os laços corta desta illustre vida,
Tendo outra vez no ar a adaga fera,
Como que a alma, por ferila, espera.

E' assim que um grande caracter se sustenta até ao fim; é deste modo que devia morrer o defensor de Ilion, aquelle Heitor, que Pindaro chama, em uma de suas Odes, *firmissima columna* do reino de Priamo. Gabriel Pereira de Castro guardou-se bem de pintar Achyles prendendo ao seu carro o cadaver de Heitor, e arrastando-o trez vezes ao longo das muralhas de Ilion. Elle pinta o filho de Peleo, e Tethys como um inimigo generoso, e nisso deu o Poeta boa prova de discrição, e gosto apurado; semelhante atrocidade daria a Gorgoris tristissima idéa dos Gregos, e os tornaria odiosos áquelle Monarcha, que convinha dispôr á benevolencia para com elles; preferio por isso substituir aquelle acto de villainia, á seguinte amplificação, que nos faz sentir quanto Troya perdeu em Heitor, e quanto custou a Achyles aquelle triumpho.

Triumpho a Morte, e Marte de arrogante
Despojo, que no campo se estendia,
A espada jaz, e escudo rutilante,
Que Grecia toda com razão temia;
O Ilion poderoso, e triumphante
Nelle a gloria contempla, que perdia,
Cuja alta fama, gerando o Ceo tocava,
Nesta viva columna descançava.

Achyles vencedor, quasi vencido
O escudo abraça, que já mal sustenta,
Toma a espada, das forças impedido,

E a planta move vagarosa, e lenta;
 De cançado dos golpes, e opprimido
 Estar com pouca força representa,
 E com tremente passo, e mão pesada
 Vai fazendo bordão da propria espada.

Esta imagem é digna de um grande Poeta, e o Author não a deve a ninguem! O combate de Heitor e Achyles é um dos trechos mais forte, e vehemente escriptos, que se deparam na Ulyssea, que tanto se recommenda pela vivacidade de colorido, e movimento dos combates.

A parte erotica, que não avulta pouco neste Poema, é tractada com toda a galhardia do estylo lyrico, posto que os sentimentos pareçam ás vezes demasiado rhetoricos, mas esse defeito deve attribuir-se ao gosto do tempo. O maravilhoso, é tirado da mythologia, nem o assumpto admittia outro, e o Poeta soube tirar delle um partido admiravel; parece-me que nesta parte é que elle rivalisa com Camões.

Outra cousa que lhe faz muita honra é dar-nos engenhosamente a origem mythologica dos nomes de muitos sitios, e logares do paiz, como de Rio das Maças, Collares, Val de Cavallinhos, Chelas, &c. posto que Antonio de Sousa Macedo, que depois tractou este mesmo assumpto no seu Ulyssippo, muito o excedesse nesta parte.

Um dos grandes dotes deste Poeta é o talento de narrar, de que dam bom testemunho a historia da Nympha Lethis, da batalha de Alcides, e Pithodemo, da guerra de Troya, da aventura de Poliphemo, e de muitas outras, que seria longo innumerar.

Thomaz Antonio dos Santos e Silva, o cantor da Brasiada, tinha a descripção da Caçada como um dos melhores, e mais poeticos episodios da Ulyssea, e como elle além de grande Poeta, e apesar de coxo, tinha-sido, em quanto teve vista, um poderoso Caçador diante do Senhor, parece que neste caso o seu voto deve ser de muito peso.

Uma das cousas, que mais me desagradam neste Poema, é a extravagante imaginação da serpente, e do leão, que accompanham Valinferno nos combates; já

não quero faltar da inverosimilhança de apparecerem na Peninsula duas feras, que nunca existiram nella, como pôde Valinferno domesticar dous animaes tão bravos, ensina-los a segui-lo, a distinguir os inimigos dos amigos, e obedecer á voz do dono? Quem teve atégora habilidade para adestrar assim uma Súcriú, ou um Boachira, cuja fera brutalidade não admittê disciplina? E advirta-se que era necessario que a serpente de Valinferno fosse algum destes monstros, e não uma cobra vulgar! Esta idéa poderia ter cabimento em um Poema de Cavallaria, mas em um Poema Heroico! E' zombar da verosimilhança, e diminuir em vez de realçar a glória do heroe, que se serve de taes auxiliares!

Alguns preceitistas de boa nota, e entre elles o Padre Francisco José Freyre a quem tanto deve a nossa literatura, e que hoje é moda menoscar, aconselham os Poetas Epicos para que não escolham assumptos nem muito modernos, nem muito antigos; porque nos primeiros tem pouco lugar as fepçes, e nos segundos é forçoso que se introduzam muitos costumes estranhos aos nossos.

O conselho é judicioso, mas se me é licito dizê-lo, não concordo com os seus fundamentos, quanto aos assumptos demasiado antigos. Parece-me que os costumes estranhos, e contrarios aos nossos sam uma vantagem, e não um inconveniente. Não é da estranheza desses costumes que vem parte do interesse, que tomamos pelos Poemas Gregos, e Latinos; as Poemas de Ossian, as Poemas Arabes, Persianas, Chinezas, e Sanscritas? Não fazem ellas parte do colozido local, e nos transportam em idéas a essas remotas epochas? O inconveniente que eu acho nesses assumptos moi antigos é, que o Poeta não saiba pintar esses costumes com a exactidão e viveza com que os pintam os Alemães, e Inglezes, que isto sam insignes, ou, o que é mais natural, he substituir os costumes modernos, como frequentemente acontece nos nossos Poemas, nos dos Hespanhoes, e Francezes, e com muita especialidade nos Dramas de Lope de Vega, Calderon, Moreto, e outros, em que os heroes, debaixo de nomes Gregos, e Romanos, só apresentam costumes Hespanhoes.

Gabriel Pereira de Castro, foça é dizê-lo, não soube evitar este escolho. Comparem os seus Gregos com os de Homero, e conhecerão a differença. Examine-se a pintura que elle faz dos Lusitanos, e veja-se se é possível que na epocha, em que se passa a acção a Península estivesse tão povoada, tão rica, e em tal estado de civilisação. Ignota alguma, que quando os Phenícios, em tempos posteriores, abordaram a nossas praias, acharam a terra povoada de pequenos povos, juntos em Aldeas, quasi no mesmo estado em que os nossos Negueiros acharam os Negros da Costa da Africa, ou os Selvagens do Novo Mundo? A tradicção diz, que Gorgoris, foi posto á testa da sua nação pelo grande serviço de haver descolherdo o mel, e o nosso Poeta faz d'elle um grande Rei, dá-lhe uma corte modelada pela de Philippe III., aposentado em palacio sob arbores, com um jardim, quando o pobre rei-salé, é fratre de Eryu Bernardo de Brito, apenas teria uma choupana para recolher-se, algumas peles de carneiro para dormir, e uma horta para sustentar-se. Vejam-se os seguintes versos.

O Paço de tapizes se adornava
De Persico brocado, e seda fina,
As lavradas cadeiras põem diante
D'Ebano, e puras linhas de Elephante!

Quantos tempos se passaram antes que na Europa se conhecessem meyos tão ricos? Cadeiras de Ebano, marçhetadas de marfim! Brocados da Persia! Sedas, que só foram conhecidas na Europa no tempo de Justiniano I. E Botta ainda não existia, nem Carthago, estava ainda fundada! e os Reis da Grecia faziam o comer pela sua mão! e dormiam, como consta de Homero, embuçados no seu manto sobre peles de Leão! Foi com a mesma sem cerimonia que o Poeta apresentou Circe com os Jardins de Arandrea, e para quando de disparate, descrevendo o sumptuoso banquete, dado por aquella Maga a Ulysses, fecho o primeiro Canto, com estes versos, aliás excellentes, se os contemplarmos fora do quadro, em que estão collocados.

Sobre a meza estava a Honrada de
Para della enfiugar dedos de neve.

Pois já no tempo de Circe trabalhavam as famosas fabricas de fição de linho da Hollanda? Circe limpando as mãos em toalhas de Hollanda fina! E pena que não lembrasse ao Poeta fazer-lhe tomar café depois de jantar!

Eu bem sei que no tempo em que Gabriel Pereira creveu ninguem reparava nestas inconveniencias, mas nem por isso deixam de ser um defeito real, mas o Poeta tem bellezas que resgatam soberamente estas, e outras imperfeições, assegurando a seu Author o terceiro lugar entre os nossos Epicos de primeira ordem.

Além da Collecção de Poesias Lyricas em diversas linguas, de qua se fallou no principio deste Capitulo, e de que D. José Barbosa dá noticia como formando um Volume em 4.º manuscripto, deixou o Doutor Gabriel Pereira de Castro um Volume, tambem manuscripto, de Comedias Portuguezas, que vem notado no Catalogo da Bibliotheca de Arcebispo de Lisboa D. Rodrigo de Cunha, que se imprimio na Cidade do Porto, no anno de 1627.

Se attendermos ao talento do Author, e ao estado de perfeição a que a Poesia Dramatica havia chegado na Hespanha, no seculo do Poeta, não pôde deixar de ter sido grande perda para a nossa Poesia Dramatica, que essas Comedias não tivessem sahido á luz.

Quando já tinha terminado este Capitulo, abri casualmente a Gigantomachia de Manoel de Gallegos, e entre as muitas poesias, em louvor do Author, que se lêem no principio da Obra, deparei com o seguinte Soneto de Gabriel Pereira de Castro, que aqui transcrevo para dar aos Leitores alguma idéa do estylo deste Poeta no genero lyrico.

SONETO.

A's Esphas do Olympo rutilantes
Erguem Filhos da Terra as duras fronte;
Rasgam nuvens, escallam horisontes,
E a Jupiter se atrevem de arrogantes.

Os Polos enfiados, e nublantes
 Por Lua, e Sol, de luz eternas fontes,
 Vem entrar, pondo montes sobre montes,
 Como portas do Ceo bravos Gigantes,

Sobre elles cáe do altissimo emispherio
 Vóando o raio retorcido, e forte,
 E a soberba em seus montes opprimida.

Dividido com Jupiter o Imperio
 Tendes, porque elie deu-lhe eterna morte,
 E vós podestes dar-lhe eterna vida.

Gabriel Pereira de Castro occupava no Parnaso Portuguez um lugar demasiado distincto para que o Padre Antonio dos Reis deixasse de menciona-la nesseguintes versos do seu *Enthusiasmus Poeticus*.

frontis

*Deposita gravitate sedet, vultuque severo
 Mutato in facilem, Gabriel, qui celsa Pelasgi
 Mania structa manu, cantu super aethera vocat
 Allilonante!*

CAPITULO II.

Alexandre de Gusmão.

Este hábenérito Brasileiro, um dos homens mais distintos da nossa Diplomacia, Cavalleiro da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Christo, Conselheiro Ultramarino, e Secretario do Ultramar; Proprietario do Officio de Escrição da Ouvidoria de Villa Rica, Alcaide-Mór de Poção, e Fidalgo Cavalleiro da Casa de Sua Magestade El-Rei Dom João V.; nasceu na Cidade de Santos, Provincia de S. Paulo, no anno de 1615, e foi mono Filho de Francisco Lourenço, Cirurgião-Mór do Presidio da Villa de Santos, e de sua Mulher D. Maria Alvaraz; e foi irmão de Pedro Bartholomeu Lourenço, o primeiro homem que na Europa concebeu a idéa de um balão aerostatico.

Ignora-se qual fôra o nome que recebera no baptismo, pois consta, que o Padre Alexandre de Gusmão, da Companhia de Jesus, quando na Bahia foi seu Padrinho da Chrisma, não acceitara a incumbencia de apresentá-lo naquelle acto, senão debaixo da condição de que havia de tomar o seu nome; e no futuro se viu que tivera boa razão para esta insistencia pois assim conseguiu perpetuar seu nome na memoria dos homens.

Alexandre de Gusmão completou o seu curso de instrução primaria, e secundaria nas Aulas dos Jesuitas, unicos mestres que então havia em todo o vasto continente do Brazil, e quasi os unicos que havia neste Reino.

Durante os seus estudos deu muitas, e exuberantes provas de applicação, intelligencia, e vivacidade de caracter, o que parece coincidir com o que se lê no Tomo I. das *Anecdotas dos Varões celebres do Brazil*; Collecção curiosa, e manuscripta, que algumas pessoas possuem, isto

é, que no Registo do Collegio em que era alumno Alexandre de Gusmão, se encontrava a seguinte nota, accrescentada á sua matrícula pelo Director: *Puer studiosus, ingeniosus, sed valde Nebulosus*; esta ultima designação, que era na verdade uma censura, pôde tambem tomar-se como propheta da sua aptidão para as negociações Diplomaticas, de que deu depois tantas provas.

Estando ainda na flôr da idade, ávido e deseioso de adiantamento, passou á Europa, e entrou no serviço do Conde da Ribeira, na qualidade de Secretario, e o Conde mui satisfeito da sua aptidão, o levou comsigo para Paris, quando no anno de 1714 foi nomeado Embaixador na corte de Luiz XIV.

Vivendo n'aquella Capital, que então era o foco das luzes, e civilização Europeas, de preceza reconheceu o que lhe faltava para se adiantar na carreira, para que lo impellia a sua ambição; e matriculando-se na Universidade Parisiense, ali seguiu cuidadosamente o curso de Juris, e tomou o grau de Doutor; e logo que regressou a Portugal, cuidou em incorporar-se na Universidade de Coimbra, o que conseguiu em 1719.

Em 1720 nomeou El-Rei dous Embaixadores para assistirem, em seu nome, no Congresso de Cambrai; e determinou, que Alexandre de Gusmão os acompanhasse, a fim de o habilitar n'aquelle ramo de serviço publico.

Antes porém que se terminasse esta commissão, resolveu El-Rei que passasse a Roma para ali promover a expedição das Bulas do serviço da Patriarchal, e das quartas partes dos Bispos, e negociação, que se havia tornado mui difficilissima de terminar pela impericia de quem a promovia, ou porque as chicanas dos Curios de Roma de proposito a complicavam, para indefinidamente a protractarem; a actividade de Alexandre de Gusmão, e sua astuciosa prudencia, fizeram que ella em breves se terminasse muito á satisfação, e aprazimento d'El-Rei.

Sua Magestade determinou que elle ficasse residindo em Roma, na qualidade de Ministro, e ali permaneceu pelo longo espaço de sete annos, onde prestou grandes serviços, levando a effeito muitas negociações milidrosas, que um homem menos habil, e menos relacionado na Corte não teria de certo conseguido. Entre estas mercões per-

ficlar, noticia a concessão ao Patriarcha de Lisboa para fazer uso, de suprenumeral, ou *Canon*, e aos Beneficia- dos da Patriarchal para trajarem habitos prelaticos, a concessão do Capello penpetuo para os Patriarchas Lis- boenses, o serem declarados do Padroado Real todos os Beneficios da Sé oriental, a concessão do augmento das quartas, e tercias partes dos Bispados, e dos quintos das rendas das Dignidades, e Canonicatos das Cadeiras do Reino, a suppressão de outras, e as promessas das pensões de Parochias, tudo para dotação dos Ministros, e Fabri- ca, da Patriarchal.

Em um requerimento, dirigido a El-Rei D. João V., expõe Alexandre de Gusmão as grandes fadigas, e traba- lhos, e as grandes diligencias que lhe custaram estas nego- ciações, e não haverá dúbida em conceder-lhe inteiro cre- dito, que tudo isto era tractado na Corte de Roma, a mais arteira e astuciosa de todas as Côrtes da Europa, cujos Ministros podam dar lições de sagacidade diplomatica a todos os negociadores do mundo.

Terminados estes, um novo conflicto veio ainda apurar os recursos deste douto Brazileira. Tractava-se nada me- nos que de fazer reconhecer o direito que tinha o Rei de Portugal para a proposta dos Bispos dos seus Estados, reconhecendo-se igualmente que todos os Bispados do Rei- no eram do Padroado Real.

Havia mais de cem annos que o Governo Portuguez andava empenhado nesta pertençaõ, tinha-se escripto largamente sobre este objecto, e o Desembargador Ma- noel Rodrigues Leão, no seu *Tractado Analytico*, tão vo- lumoso como erudito, parecia haver esgotado a materia; haviam-se em diversos tempos redobrado as instancias, e tudo sem resultado algum: Alexandre de Gusmão achou novos, e mais convenientes argumentos, e por tal modo dirigio esta negociação espinhosa, soube incutir com tal geito na Curia, que ella por fim cedeu, e Por- tugal ficou satisfeito.

Não foi menos difficil a tarefa em que teve de pôr mão na Corte de Madrid: tractava-se de traçar a linha dos li- mites das possessões Americanas das duas Corôas; ne- gocio largamente disputado, e de proposito cada vez mais obscurecido pelas subtilizas, e influencia dos Jesuítas.

tas, a quem não convinha que os dous Governos viessem a final accôrdo sobre esta materia, e que elle teve a habilidade de terminar de uma maneira vantajosa para este reino, que ficou com duzentas legoas de terreno, a titulo de indemnisação.

Encarregado da Secretaria do Ultramar, por fallecimento do Cardeal da Motta, ali desenvolveu o seu costumado zelo, e pericia, aperfeçoando o methodo de serviço, fazendo importantes regulamentos para as Colonias, cortando por abusos inveterados, tornando aquellas vastas regiões mais productivas para a Fazenda, ao passo que se aliviavam os grávames dos povos, e estas providencias mereceram a approvação geral, especialmente em Minas Geraes: as mais importantes destas réformas foram a abolição das devaças, e substituição do pagamento dos quintos pelo maneiio dos homens livres, e a cappitação dos escravos. As devassas permanentemente abertas em todas as comarcas eram um grande flagello que pesava sobre os povos. Alexandre de Gusmão, em uma Memoria endereçada a El-Rei, lhe chamou *redes enredadoras*, de que resultava o serem remettidos ao reino, debaixo de prisão, centos de individuos dos mais ricos d'aquellas terras: a nova fórma de imposto, além de promover a liberdade do commercio, evitou a falsificação das barras de ouro, e da moeda, a que muitos eram levados pela tentação de lucrar o quinto.

Em um paiz como o nosso, e na epocha em que o Author vivia pôde suppor-se quanta coragem carecia, e por quantos dissabores devia passar antes que pudesse levar ao cabo esta medida proveitosa, e necessaria. Elle proprio confessa, na sobredita Memoria, que teve de combater dous annos continuos com os obstaculos, e argumentos bons, e ruins, que continuamente lhes oppunham; mas a tudo respondeu a contentamento dos povos, e o acrescimo de mais um milhão de rendimento para a Corôa.

Alexandre de Gusmão como Brazileiro, tinha o conhecimento pratico d'aquelle paiz, das suas circumstancias, e das suas necessidades, e este conhecimento será sempre essencial em todo o Ministro, que tenha a seu cargo o regimen colonial. Conheceu pois, que o Brazil era um paiz de muita terra, e pouca gente, e que não era pos-

sível, que sem augmentar-se-lhe a população elle podesse jámais chegar ao grau de riqueza, e de prosperidade a que era chamado, tomou pois o negocio a peito, promovendo com todo o desvelo, a remessa para aquellas fertilissimas regiões de grande numero de casaes, que podessem fornecer-lhe braços: este negocio foi por elle tractado com toda a actividade, sendo elle o proprio que procurou os meios, que confeccionou as ordens, regimentos, e condições do transporte, promovendo tudo com tal exactidão, providencia, e mindeza, que no fim de tres annos, se julgou desnecessaria qualquer alteração no systema por elle estabelecido.

No meio destes trabalhos, e de tantos serviços prestados á sua patria por este douto, e benemerito cidadão, o surpreendeu a morte nesta Cidade de Lisboa, no dia 31 de Dezembro de 1753, e foi sepultado no Convento de Nossa Senhora dos Remedios, dos Carmelitas descalços, junto a Alcantara.

No anno antecedente, isto é, em 1752, havia elle sido eleito Socio da Academia Real de Historia Portugueza, e encarregado de escrever, na lingua Latina, a Historia Ultramarina do Reino de Portugal; ninguem na verdade mais apto que elle para desempenhar bem esta empraça, porém a morte lhe não deu lugar para isso.

Alexandre de Gusmão foi casado com D. Isabel, cujo sobrenome, e appellido se ignoram, porém consta que pertencia a uma casa muito illustre, da Provincia de Traz-os-Montes.

Deste matrimonio, celebrado em 1743, teve elle dous filhos, que ambos pereceram adolescentes, pois sabemos que já não existiam na epocha do obito de seu pai.

Posto que na sua exposição de serviços, feita em 1740, a El-Rei D. João V, parece dar a entender que estava pobre, e que não havia sido sufficientemente recompensado, vê-se, não obstante isso, por uma carta sua, ainda não impressa nas Collecções, que das suas Obras se tem publicado, que no anno de 1746 era proprietario de uma casa, que lhe rendia annualmente passante de dezasseis mil cruzados; e combinando nós o valor desta somma pelo preço dos generos naquelle tempo, força será convencer-nos, que Alexandre de Gusmão, ou gra de di-



cilicóntento a respeito de fortuna, ou dava muito alto valor aos seus serviços, pois com tal rendimento os julgava mesquinha e contra remunerados.

Alexandre de Gusmão havia escripto muitas, e diversas Obras, tanto em prosa como em verso, mas a maior parte dellas pereceram desgraçadamente com sua espolhada, e abundante livreria no incendio, que consumio as casas proprias em que habitava, proximo á Igreja Parochial da Santos.

Parecerá na verdade estranho, que um homem que passou toda a sua vida no laborioso exercicio dos cargos públicos, e dos negociós do Estado, que o obrigavam a multiplicadas viagens, e enredado no labyrintho maziavelico das transacções diplomaticas, acha-se tempo para o cultivo das Musas; e outras tarefas litterarias; não pôde porém duvidar-se d'isso. A vista das poesias que ainda escaparam do incendio da sua casa, e que andam espalhadas por mão dos curiosos de Portugal, e do Ultramar, e parte das quaes se tem hido publicando em nossos dias, no Panthão Brazileiro, sendo estas composições o unico titulo, porque neste Ensaio lhe consagramos este Capitulo.

É tambem verdade, que até hoje Alexandre de Gusmão só era conhecido como Escriptor, pelas suas numerosas Cartas, que giravam em manuscrito, em diferentes Collecções por mãos de curiosos, que as apreciavam muito não só pelas interessantes noticias, e aneddotas, que nellas se encontram, e que muito elucidam a historia do tempo, mas pela elegancia do estylo, e pela pureza da linguaagem, que o collocam a par dos nossos melhores Epistolographos.

As poesias de Alexandre de Gusmão podem, sem algum escrúpulo, ser consideradas entre as melhores daquelle tempo; seu estylo é puro, e livre de inebração, e de gongorismo, que proxa quanto seu gosto se havia aperfeiçoado nas suas viagens, e longa permanência na corte de França, onde então reinava a boa critica, e o estudo, e simulação da antiguidade; a sua versificação é correpta, senbrosa, e a sua expressão robusta, e ás vezes graciosa; e nota-se já nas suas composições um certo arrojado philosophico de pensamentos, que mostra que elle

havia esquecido a philosophia que aprendera nas aulas dos Jesuitas, trocando-a pela que florescia entre as nações estranhas, com quem havia largo tempo praticado. As seguintes citações comprehendem quanto temos expellido.

Havendo Alexandre de Gusmão feito baptisar dous filhos, pondo a um o nome de Veriato, e ao outro o de Trajano, causou isto grande escandalo, porque taes nomes não vinham na Folhinha, posto p primeiro brilhasse tanto nos annaes da Patria, como o segundo nos annaes de Roma. O Poeta não teria feito caso do que rosnavam os beatos, mas houve um ocioso, que lhe dirigio sobre este objecto uma Satyra, a que elle respondeu com o seguinte Soneto; em que fallando com os seus dous filhos, rebate indirectamente os argumentos, e argucias com que havia sido atacado.

SONETO.

Isto não he vaidade, he desengano
Que dou ao vosso errado pensamento;
Dei-vos o ser, e dei-vos documento
Para fugir da soberba ao dano.

Esta vaidade, com que o Mundo engano,
Foi da Fortuna errado movimento,
Subi, mas tive humilde nascimento,
Assim foi Veriato, assim Trajano.

Quando souberdes ler do Mundo a Historia
Dos dous Heróes, que tanto por empreza,
Vereis a minha, e mais a vossa gloria.

Humilde, quanto ao ser da Natureza;
Illustre nas acções, e esta memoria
He só quem pode dar-nos a grandeza.

Na pequena Collecção manuscrita, que tenho agora presente, ha versos de algumas poesias lyricas Italianas, e entre ellas, a Cançõeta a Niso, uma das mais lindas composições do mais elegante, e harmonioso Poeta, que honrou a Italia no século passado; e o Abbade Pedro Metastasio, a qual peça a transcreverei.

A Nise.

CANÇONETA.

Bem hajam os teus enganós,
 Já respiro socegado,
 Já, ó Nise, a hum Desgraçado
 O Ceo brando se mostrou,
 As cadéas que o prendiam
 Já minha alma lançou fóra,
 Eu não sonho, Nise, agora,
 Não sonho, que livre estou.

Acabou-se o ardor antigo,
 Tenho o peito socegado,
 Nem para fingir-me irado
 Acha Amor em mim paixão.
 Si o teu nome escuto, o rosto
 Não se córa nesse instante,
 Quando vejo o teu semblante
 Não me bate o coração.

Sonho, sim, mas não te vejo
 Em sonhos huma só vez,
 Eu desperto, e já não hes
 Quem logo, desejo vér.
 Quando estou de ti ausente,
 Já por vér-te não suspiro,
 Si te encontro, não deliro
 De desgosto, ou de prazer.

Da tua belleza fallo,
 Não me sinto enternecido,
 Considero-me offendido,
 E já me não sei irar.

Bem que estejas de mim junto,
 Ninguem me vé perturbado,
 C'o meu rival ao teu lado,
 Bem posso de ti fallar.

Mostra-me severo o rosto,
Falla-me com doce agrado,
He o teu rigor baldado,
He o teu favor em vão.

Tuas vozes já não tem
Sobre mim a força usada,
Teus olhos erram a estrada,
Que me vai ao coração.

Si me vejo alegre, ou triste,
Si inquieto, ou socegado,
Já não he por ti causado,
Não o devo ao teu favor.

Sem ti me agrada a campina,
Verde selva, ou fonte pura,
A caverna, a brenha escura
Sem ti, não me faz horror.

Olha como sou sincero!
Ainda te julgo bella,
Mas já não te acho aquella
Que não tem comparação.

Não te offenda esta verdade,
Nesse teu rosto perfeito
Já descubro algum defeito,
Que julguei belleza então.

Quando quebrei as cadeas,
Confesso a fraqueza minha,
Julguei que nunca mais tinha
Hum instante que viver.

Mas para fugir das penas,
Para opprimido não ver-se,
Para a si proprio vencer-se,
Tudo se pôde soffrer.

Em o visco, em que se enlaza
Passarinho innocente,
Deixa as pennas, e contente
Vai liberto da prisão.

Mas depois que em breves espaço
Se renovam as penninhas,
Canta em roda das vaninhas,
Brinca em outra occasião.

Eu sei que extinto não julgas
O vovô incendio antigo,
Porque a todo o instante o digo,
Porque não o sei callar.

Natural instincto, oh Nise,
A que falle me convida,
Porque da passada lida,
Costuma qualquer fallar.

Seus perigos o Soldado
Depois da batalha conta,
E para os dignaes aponta
Das feridas que apanhou.

apanhar feridas é uma phrase de maldade plebéa para ter logar em tão miltosa e operada composição, que diria Metastasio se visse assim traduzidos estes versos :

*De sue ferite i segni.
Mostra il Guerrieri cosi?*

O Captivo, que nos ferros
Entre trabalhos gemia,
Mostra cheio de alegria
As cadeas, que arrastou.

Fallo, se só por desahago
Do meu gesto me entretenho,
Fallo, porém não me empenho
Em saber si fé me das.

Fallo, porém não procuro
Si a minha expressão te agrada,
Ou se ficas socorada
Quando em mim fallando estás.

Eu desprezo huma inconstante,
 Tu hum peito verdadeiro,
 Eu não sei de nós primeiro
 Quem se hade consolar.
 Sei que, Nise, achar não podes
 Outro tão fiel amante;
 Como tu outra inconstante
 He mui fácil de encontrar.

Esta formosa Cançoneta, admiravel pelo picante da idéa, pela delicadeza das imagens; e pela deçura musical dos versos; esta Cançoneta, verdadeiramente Anacreontica, que Amor, e as Graças dictaram ao Poeta valido d'Eutherpe, achá-se na verdade aqui bem traduzida; mas quando comparo esta traducção com a que della nos deixou José Basilio da Gama, me parece ver menos que a deste ultimo Poeta: ella parece representar melhor o original, já por ser em Estrophes septisyllabas, como elle, e accentuadas do mesmo modo, o que a torna mais cantavel, já porque descobre nella certo desleixo chistoso, certa molleza graciosa, que é mais facil de sentir, que de explicar; e sobre tudo ha na poesia de José Basilio, mais facilidade de expressão. Ha tambem na traducção de Alexandre de Gusmão alguns trechos em que o texto apparece desfigurado, por exemplo:

Bem que estejas de maritante,
 Ninguem me vê perturbado,
 Com o meu rival ao teu lado
 Bem posso de ti fallar.

Metastasio diz:

Confesso pii non sono
 Quando mi vien appresso,
 Col mio rivale istesso
 Posso di te parlar.

Já me não sinto perturbado quando te chegas a mim, e até com o meu proprio rival posso fallar a teu respeito. Bem se vê que isto, é muito differente do que diz a Estrophe Portugueza: não diz o Poeta Italiano,

que pôde fallar de Nise ao seu rival, estando este ao lado della, o que Metastasio diz é, que Nise é para elle objecto tão indifferente, que com o seu proprio rival pôde fallar socegradamente acerca daquelle dama.

Eu desprezo huma inconstante,
Tu hum peito verdadeiro,
Eu não sei de nós primeiro
Quem se hade consolar.

Metastasio era Poeta demasiadamente galante, e coiteza para dizer a uma dama, que a *desprezava*; este termo seria mui duro; contenta-se de dizer, com expressão mais matiosa, que a *deixa*; tambem tinha bastante estima de si para confessar, que ella o *desprezava*; bem longe disso, é nelle que ella *perde* um coração sincero, e porque um coração sincero é cousa difficilissima de achar, e uma inconstante se encontra a cada passo, é que accrescenta, que não sabe qual dos dous hade primeiro de consolar-se.

*Io lascio un inconstante,
Tu perdi un cor sincero
Non so di nos primiero
Chi s'abbia a consolar.*

Estas delicadezas de exprimir, este fio logico de idéas, só encontram os grandes genios, e nem a todos é permittido e senti-los.

Na mesma Collecção se encontra o seguinte Soneto, que ali se diz improvisado no jardim do palacio Borghe-se, dirigido a uma esta estatua de Jupiter, na occasião em que o Author era Ministro de Portugal na Côte de Roma, e andava engolfado nas importantes negociações, de que fallamos acima.

SONETO.

Oh tu que tens do Mundo o regimento,
Si amas o bem, si odeias a maldade,
Como vejo com premio a iniquidade,
E abandonado o são Merecimento?

Devo crêr que do Tartaro o tormento
 Castiga huma mortal leviandade,
 Que seja alta Sciencia, Amor, Piedade
 Expôr-me a hum mal sem meu consentimento?

Guerras crueis, estupidos Tyrannos,
 Males, queixumes, e molestias tristes,
 Enchem o curso dos pesados annos.

Si hes Deos, si isto prevês, e assim permittis,
 Ou fazes pouco apreço dos Humanos,
 Ou só aqui em pedra bronca existes:

Além destas poesias de Alexandre de Gusmão, e de
 mais algumas contheudas na Collecção, que tenho pre-
 sente, existe delle uma Ecloga, ou Idylio, que principia

Pastora a mais cruel, e deshumana, &c.

que foi pela primeira vez impressa, sem o nome do
 Author, na *Miscelania Curiosa, e proveitosa*, publicada
 pelo Senhor Francisco Rolland, mercador de livros, e
 na *Collecção de varios Escriptos ineditos de Alexan-
 dre de Gusmão*, Porto, 1841, 8.º.

Esta Ecloga é escripta em quartetos hendecasylla-
 bos, e passo a copia-la, para aqui deixar consignadas
 todas as composições poeticas deste illustre Brazileiro,
 que atégora tem chegado ao meu conhecimento.

ECLOGA.

Pastora a mais cruel, e deshumana,
 Que fazes de matar-me alarde, e gosto,
 Como he possivel que tão lindo rosto
 Unisse o Ceo a huma alma tão tyranna!

Cruel, que te fiz eu, que me aborreces?
 Tens coração mais duro que hum rochedo,
 Sou Tygre? sou Leão? que meta medo?
 Que apenas tu me vês, desappareces?

Por ti tão esquecido ando de tudo,
 Que o Gado no redil deixa faminto,
 O Sol me fere a prumo, e não o sinto,
 A Ovelha está chamando, e não lhe accudo.

Lá vai o tempo já, que em Baile, e Canto
 Hera eu no logar o mais famoso;
 Agora sempre afflicto, e pesaroso
 Tudo o que sei he desfazer-me em pranto.

Ha pouco que encontrei alguns Pastores,
 Que vam comigo ao monte apoz do Gado,
 E não me conheceram de mudado;
 Que tal me tem parado os teus rigores.

The o rebanho meu que, ontr'ora viste
 Tão nedio, antes de que eu enlouquecesse,
 Já não come, não medra, e se emmagresse,
 Por dó, que tem, de vêr-me andar tão triste.

Elle me guia a mim, não eu a elle,
 Que vou nos meus pesares enlevado;
 Bem pôde o Lobo vir matar-me o Gado,
 A' minha vista, sem que eu dê fé d'elle.

Não sei que nuvem trago neste poito,
 Que tudo quanto vejo me escurece,
 A flôr do campo parda me parece,
 Até o mesmo Sol acho imperfeito.

Parece-me que a expressão, *acho o Sol imperfeito*,
 não representa bem a idéa do Poeta, que é, segundo
 entendo, que até o Sol lhe parece não ter já tão bri-
 hante luz como tinha d'antes.

Do alegre prado fujo, e fã no escuro
 Da Serra me retiro entre os rochedos,
 E ali pergunto ás Feras, e aos penedos;
 Si alguém he mais que tu cruel, e duro.

Ali ouço sôar, rompendo o mato,
 Dos ribeirinhos as saudosas aguas,
 E em competencia vam as minhas magoas
 Dos olhos despedindo outro regato.

O mal que me succede eu o mereço,
 Que ingrato desprezei quem me queria,
 Agora, si me vê, faz zombaria,
 Que bem vingada está no que eu padeço.

Então nem eu sabia o que amor hera,
 Tambem me ria do tormento alheio,
 Quão cedo, ainda mal, o tempo veio,
 Já o conheço mais do que eu quizera.

Não me desprezes, não, gentil Pastora,
 Que igual castigo, ereio, o Ceo te guarda,
 Não sejas na piedade adversa, e tarda,
 Tem dó de maltratar a quem te adora.

Esta Ecloga aproxima-se muito á maneira de Theocrito, e me parece reunir grande parte dos requisitos deste genero de Poemas. Simplicidade de idéas, e de estylo, expressão natural, e repassada de sentimento, versificação facil, e corrente; e estas prendas nos pareceram ainda mais estimaveis, porque o Poeta soube resistir ao pernicioso exemplo dos seus contemporaneos, que de ordinario escreviam as suas Eclogas em estylo affectado, cheias de subtilezas, de trocadilhos, e da quinta essencia do que então se chamava engenho.

A' vista das poucas composições, que podemos juntar aqui, parece-me, que o Leitor sem difficuldade concordará comigo, que Alexandre de Gusmão seria agora contado entre os melhores Poetas, que tem produzido o Brazil, si por desgraça se não houvessem perdido os muitos versos, que havia composto.

CAPITULO III.

Duarte Ribeiro de Macedo.

Ha cousas de que é inexplicavel a origem, e o modo porque sam propagadas sem interrupção durante seculos, neste número conto eu a asserção de todos os Biographos de Duarte Ribeiro de Macedo, que affirmam, que elle nascera na Villa do Cadaval, Arcebispado de Lisboa, e que fôra baptisado na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em 10 de Fevereiro de 1618.

Parece que o homem que primeiro escreveu isto, e o que successivamente o foram repetindo, nunca léram as Obras de Duarte Ribeiro de Macedo, aliás ali haveriam achado um claro desmentimento desta sua affirmativa, que elles não deviam passar em silencio; mas refuta-lo, se não fosse verdadeiro.

Duarte Ribeiro de Macedo, em nma Canção dirigida ao seu protector D. Rodrigo de Menezes, que anda entre as suas *Obras metricas*, declara franca, e positivamente, que havia nascido na Cidade de Lisboa. Eis aqui o texto:

Foi minha Patria a melita *Ulyssea*,
Sempre triumphante, e sempre victoriosa,
E si he sorte ditosa
Ter por Patria huma Côrte,
Tive ditosa sorte.

Não ha nada mais claro, e preciso; pergunto agora, será possivel que um homem como Duarte Ribeiro não soubesse a terra onde tinha nascido? Será crível que quizesse mentir, nesta parte, dando conta da sua vida a um fidalgo respeitavel pelo seu character, e pela grande influencia que lograva na côrte, e de cuja protecção es-

perava o seu adiantamento, e fortuna? E que proveito podia elle esperar de semelhante mentira? Que podia cooperar para o seu bom, ou mau despacho o haver nascido em Lisboa, ou no Cadaval?

Os Leitores á vista do exposto, decidirão a questão entre Duarte Ribeiro de Macedo, e os seus Biographos, segundo maior credito que lhe mereça a authoridade daquelle, ou destes.

Foram seus pais Fernando Duarte, e sua mulher D. Maria de Abreo, que attendendo á muita viveza, e comprehensão, de que dava claros indicios na maistenra idade, o destinaram para as letras, em que depois grangeou moita celebridade.

Recebeu o grau de Mestre, em Philosophia, na Universidade de Evora, e na de Coimbra o de Bacharel em Direito Cesareo.

Despachado Juiz de Fóra da Cidade d'Evora, e depois Corregedor da Torre de Moncorvo, na Provincia de Trazos-Montes, serviu estes logares com grande credito de probidade, e rectidão, tornando-se por seu affavel tracto, e cortezania muito estimado, e respeitado dos povos daquellas terras.

Em virtude do bem que desempenhou aquelles cargos, e das vantajosas informações que recebera da honestidade do seu proceder, o Governo o nomeou Desembargador da Relação, e Casa do Porto, d'onde passou, em 12 de Junho de 1664, á Casa da Supplicação, e a Desembargador dos Aggravos em 11 de Fevereiro de 1668.

O estudo da historia sagrada, e profana, e das sciencias politicas, junto ao grande talento, com que a natureza o dotara, o habilitaram para ser nomeado Secretario da Embaixada, que El-Rei D. Affonso VI. enviou a Luiz XIV., Rei de França, por D. João da Costa, primeiro Conde de Soure, incumbencia que Duarte Ribeiro de Macedo desempenhou de maneira muito honrosa para elle, e para a córte, que tão boa escolha fizera.

Tão boa foi a opinião que de si deixou na córte daquelle grande Monarcha, naquella epocha a mais brilhante, e civilisada da Europa, que sendo depois mandado, na qualidade de Enviado Ordinario, para a dita córte de Pariz, onde chegou no 1.º de Março de 1668, ali foi rece-

vido com grandes honrarias, e applausos, poucas vezes tributados a Ministros Estrangeiros.

No longo prazo de nove annos, que se demorou em França, no exercicio desta missão importante, promoveu com todo o zêlo, e sagacidade de que era dotado, os interesses, e vatagens da nação, que representara, e que nelle havia depositado a sua confiança.

Não mostrou menos capacidade, e proficiencia politica na commissão de Enviado Extraordinario á côrte de Madrid, onde so houve como perfeito Ministro, e consumado Diplomata.

Regressando á patria, foi pouco depois nomeado tambem Enviado Extraordinario para a côrte de Saboya, e havendo-se posto a caminho para o seu novo destino, ao chegar á Cidade de Alicante, cahiu gravemente enfermo, e apesar de todos os socorros da Medicina, o mal fez tão rapidos progressos, e o seu estado se tornou tão assustador, que os Facultativos perdendo toda a esperanza de salva-lo, declararam, que poucos dias lhe restavam de existencia.

Duarte Ribeiro de Macedo recebeu esta triste noticia com toda a constancia de um philosopho, toda a resignação de um christão, tractando logo de pôr em ordem todos os seus negocios temporaes, fez o seu testamento, e se entregou depois todo aos preparativos para a grande jornada da eternidade.

Assistido do Padre D. Raphael Bluteau, da Congregação Thiatina, recebeu o Sagrado Viatico com grande devoção, e piedade, e no dia 10 de Julho de 1680, terminou a sua existencia.

Duarte Ribeiro de Macedo gozou, no seu tempo, de grande reputação como Literato, Diplomatico, Historiador, e Poeta, achando logar para cultivar as letras no meio dos negocios do fóro, das côrtes, e das suas repetidas viagens, como o provam as diversas Obras que publicou, tanto em portuguez, como em castelhana.

As poesias de Duarte Ribeiro de Macedo formam um pequeno volume, contendo trinta e tres Sonetos, quatro Madrigaes, quatro Canções, duas Syllas, tres Romanças, uma Epistola, em Tercetos, uma Elegia, algumas Quintilhas, Decimas, &c.

Estas poesias sam escriptas em linguagem pura, ás vezes elegante, e em versos correntes, e harmoniosos; porém o estylo, além de resentir-se muito do mau gosto do seculo, é geralmente debil, e descolorido; de modo que, póde dizer-se, que ~~apenas~~ tem poesia: fraco de imaginação, pobre de imagens, este Poeta jámais se eleva ás regiões do sublime, jámais chega á altura, e elevação do genero lyrico, a que pertencem as suas composições, é um rouxinol, que volteia de arvore em arvore, e vóa terra, terra, sem poder como a aguia remontar-se ás nuvens. E' mais um corteção, que se distrai versificando, que um Poeta inspirado, que canta para a posteridade.

Entre as suas poesias me parece terem o primeiro lugar os Sonetos, muitos dos quaes sam bem escriptos, e bem fechados, posto que não estejam perfeitamente isemptos de prosaismo de expressão, e de phrases pouco poeticas. Eis aqui um, improvisado no *Penedo das Saudades* quando o Author frequentava a Universidade de Coimbra, que me parece dos melhores.

SONETO.

Pois me vejo convosco neste assento,
A' propria Saudade consagrado,
Quero pedir-vos conta do passado,
Oh mil vezes tyranno pensamento.

Hum lustro ha já, que a meu contentamento
Tomou contas a lei do injusto Fado,
E pelas breves horas de hum cuidado
Me deixou largos annos hum tormento.

Si assim desconta Amor as alegrias,
Si assim se troca a duração da gloria,
Que me quereis, oh loucas phantasias.

Alcancemos do tempo huma victoria,
E porque tenham fim da Pena os dias,
Perca-se a vida, ou perca-se a Memoria.

Eis aqui outro, bastante engenhoso, a D. Ignez de Castro eterno, e impertinente thema da maior parte dos Poetas daquelle tempo.

SONETO.

Posto que ausente está vosso cuidado,
A Traição contra vós favorecida,
E que ao dia vejaes, Nise offendida,
Contra a vossa Innocencia conjurado.

Na presença de hum Rei mal informado,
Basta a vos segurar a doce vida,
Apparecer formosa, e affligida,
C'o bello rosto em lagrimas banhado.

Não perturbe o temor vossa belleza,
Que a natural piedade tem segura
Adonde vai chorosa a gentileza!

Mas, oh rigor da humana desventura,
Que antes falta hum primor á Natureza,
Que falta huma desgraça á formosura.

O Soneto feito na Soledade do Bussaco, distingue-se pela força da expressão, e das idéas religiosas, que o inspiraram.

SONETO.

Este he Bussaco, ah Fabio, mysteriosa
Copia lá do Carmello deduzida,
Onde assiste a verdade recolhida,
Onde habita a Piedade affectuosa.

Ali verás naquella Selva umbrosa
O estado melhor da humana vida,
Ali a Contemplação vive escondida,
Ali móra a Esperança venturosa.

Ditoso quem já livre de cuidado,
Pertendente do Céu, passa contente
Neste retiro alegre a vida humana.

Porque aqui, neste monte levantado,
Ensaia o Ceo na vida penitente
Cortezãos da Cidade Soberana.

O Soneto dezesete, sobre os dous amigos Pylades, e Orestes, offerecendo-se a morrer um pelo outro, passa com razão, por um dos melhores Poemas deste genero, que sahiram da penna de Duarte Ribeiro de Macedo.

SONETO.

Em simulacro injusto, onde o humano
Sangue o barbaro rito offerecia,
Pylades com Orestes contendia
Sobre victima ser do altar profano.

Do cutello o rigor, da morte o damno,
Hum na vida do outro, mais sentia,
Este com força, aquelle com porfia
Ao golpe se inclinava deshumano.

Oh milagre de amor! oh prova rara
De amisade fiel, donde mais hera
Estimada do amigo a vida chara.

Tirar-lhe a vida hum golpe só podera,
E si d'ambos o sangue o altar banhara,
Huma victima só se offerecera.

No Soneto seguinte tracta o Poeta de informar uma dama da formosura, e graças de outra dama, e devemos confessar, que elle soube tirar-se, com muito espirito, de uma empreza tão delicada; porque nada é mais difficultoso, que não offender qualquer senhora gahando-lhe os attractivos de outra, visto que não ha nenhuma, que ainda que tenha cabeça de cão, como a Princeza Canivosa, de quem fallam os nossos livros de cavallarias, que se não julgue superior em belleza a todas as formosas do mundo.

SONETO.

Assistida de Deosas, e de Amores
 Hum Jardim Phyllis peregrina honrava,
 Com tal graça, que as flôres animava
 Ao mesmo passo, que pisava as flôres.

Não vi acção em Phyllis sem primores!
 Parece que os descuidos estudava!
 Hum milagre nos olhos duplicava,
 Nos olhos, que de tudo sam Senhores.

Quiz exceder-se hum dia a Natureza,
 E por formar a Phyllis cuidadosa,
 Novo exemplo formou de gentileza.

Esta he Phyllis, Aonia, rigorosa:
 É tal em fim de Phyllis a belleza,
 Que só vós sois no Mundo mais formosa.

A conclusão não pôde ser mais lisongeira, nem mais propria do caso, acredita-lo-hia a dama, a quem é dirigido o Soneto? Ha noventa e nove probabelidades contra uma, que sim; porque em materia de propria formosura sam ellas dotadas de credulidade sem limites, e de uma fé tão robusta, que pôde mudar montanhas.

No tempo, em que o Author escreveu, era uma mania das damas o exigir que os Poetas lhe dessem em Sonetos a definição do amor, e não são poucas as que, más, ou boas nos restam dessa epocha de frioleiras poeticas. Duarte Ribeiro de Macedo tambem teve uma prima, que lhe perguntasse o que era amor; já se vê que o Poeta não podia resistir ao convite, porque os rogos de uma prima sempre foram irresistiveis para um primo, especialmente quando este é moço, e ella formosa. O nosso Poeta Diplomatico satisfez ao quesito no seguinte.

SONETO.

Não sei que seja Amor, Prima querida,
 Posto que sei que a alma vos adora,
 Dizem que he Deos as Fabulas, Senhora,
 Filho da Deosa veacedora em Ida.

Porém si dos effeitos, definida
 Quereis aquella cousa, que enamora,
 He hum affecto, que no peito móra,
 He huma dôr, que póde mais que a vida.

He causa a semilhança dos sugeitos,
 Que inclina a amar por força do destino,
 Mas a causa mais mohre he contemplar-vos.

Assi Amor se conhece dos effeitos,
 Mas dos effeitos do meu peito fino,
 Amor he só servir-vos, e adorar-vos.

Do seguinte Soneto moral se collige, que Duarte Ribeiro de Macedo não estava mais satisfeito com o tracto da côrte, que Francisco de Sá de Miranda, que fugio della, e o Doutor Antonio Ferreira, que della desejava fugir.

SONETO.

He tal das Côrtes o cuidado, oh Licio,
 Tão perigoso da Cidade o tracto,
 Que dando ao Mundo as honras de barato,
 Amo do campo o rustico exercicio.

Quem he bom traz pendente o precipicio
 Na voz do Detractor, nas mãos do ingrato,
 Tomando o beneficio por contrato
 Fez á Ambição venal, o beneficio.

Disfarçada a Mentira na verdade
 Abre as portas ao credito violenta,
 E no discurso o engano persuade.

Em fim, quanto a Fortuna representa
Na pompa vã da Córte, e da Cidade,
He dispor nas bonanças á tormenta.

Este Soneto é bem pensado, e bem escripto, e com elle fecharemos as citações deste genero de Poema, pôsto que Ribeiro de Macedo tenha ainda não pequeno numero delles, que se possam lêr com gosto.

Os seus Madrigaes, que não passam de quatro; como dissemos acima, fazem desejar que o Poeta se tivesse dado mais a estas pequenas, e chistosas composições, para que lhe não faltava engenho. Duvido porém que só compozesse tão poucos, e é muito mais provavel, que se extraviassem os outros, ou não chegassem á mão do Collector das suas poesias. O melhor destes Madrigaes me parece o seguinte, em que tracta de um beijo deixado dar por uma dama.

MADRIGAL.

Libar as flôres da mais bella bocca
Quiz, para dar alivio ao que padeço,
E Chloris então com resistencia pouca
Não consentio, mas permittio o excesso.
De que eu cheirasse hum Cravo
Formou depois aggravo,
E bem como offendida
Do rosto ás Rosas deu purpurea vida:
Mas tal foi do sentido
A elevação, em gloria do cuidado,
Que a gloria de que fosse consentido
Poude supprir o gosto de furtado.

Immediato a este em merecimento me parece o terceiro, endereçado a uma dama, que se estava vendo ao espelho.

Vivas lisonjas de hum crystal procuras,
Chloris, logrando a propria formosura,
E com mudas verdades,
Cortezão de crystal, o Espelho fino

Do objecto peregrino

Debuxa as maravilhas das idades,
 Mas si queres melhor, Chloris ingrata,
 Vêr no muito que pôde a gentileza,
 Regula nos poderes a belleza;
 Meu peito nos Incendios a retrata,
 Conhecer pôde a causa pelo effeito
 Vendo-se nos estragos de meu peito.

As idéas deste Madrigal não estão isemptas de affectação, e subtileza, mas esta sorte de Poema admitti-as melhor do que outra.

As Canções de Duarte Ribeiro de Macedo pouco podem interessar, tanto pelos assumptos, de ordinario pouco lyricos, como pelo estylo, quasi sempre languido, e que se aproxima mais da prosa, que da poesia: a primeira a D. Rodrigo de Menezes, move algum tanto a nossa curiosidade, pela narração que o Poeta ali faz do curso dos seus estudos, e de alguns successos da sua vida, mas pecca por demasiada estenção.

Na Canção á morte do Infante D. Duarte, que morreu preso no Castello de Milão, e com suspeitas de veneno, victima da politica deslial daquella epocha, offerece alguns trechos, que se chegam mais ao estylo lyrico, do que as outras, e por isso nos serviremos della para dar idéa do estylo do Author, nesta qualidade de composição.

CANÇÃO.

Esta de Portugal Tragedia augusta,
 Que informa, em repetidos sentimentos,
 A inundaçào do Têjo saudosa,
 Magoa sempre mortal, e sempre injusta,
 A quem tantos levanta monumentos,
 Quantos ha corações a Dôr forçosa:
 Esta pompa chorosa
 A quem servem de ornato
 As vencedoras ramas
 Junto da qual exhala ardentes chammas,
 Humor sabio em funebre apparatus;
 Memorias sam votivas

De huma morte, que dura em magoas vivas,
 Amor he sempre triste;
 Que em partes desiguaes igual assiste.

Duarte, aquelle Principe excellente,
 Que soube conformar galhardo, e forte
 Marte, e amor na Côrte, e na campanha;
 A quem fez da culpa o ser valente,
 E em quem soube pedir infausta morte
 O Medo, Author no Tribunal de Hespanha,
 A honra de Alemanha,
 De Portugal a gloria,
 Hoje a morto sepulta
 Onde vive immortal em fórma culta
 Solemne sacrificio da Memoria,
 Onde a Posteridade
 Deposito achará de saudade,
 Em urna breve, adonde
 O discreto valor Palas esconde.

O Infante D. Duarte militava na Alemanha, havia feito differentes campanhas ao serviço daquella nação; grangeando nellas grandes creditos de General experiente, e Soldado intrepido, e valoroso. Acclamado o Senhor D. João IV., a Hespanha receiando que aquelle Principe accudindo a Portugal, com a sua espada, e grande experiencia, prestasse grande apoio á revolução na guerra que contra nós se havia declarado, tanto trabalhou que conseguiu que aquelle Principe fosse preso, no Castello de Milão, onde falleceu pouco depois; e algumas memorias do tempo affirmam, que a sua vida fôra abbreviada com veneno. Não affirmo, nem nego o facto; só direi: primeiro, que naquelle seculo raro era o Principe, ou grande personagem, que não se julgasse envenenado, era a mania do tempo: segundo, que para abbreviar a vida do Infante me parece sobejo motivo, o tedio, e aborrecimento de vêr-se encerrado em uma prisão, sem culpa sua, e por perfidia, e deslealdade alheia, quando tinha tantos motivos para desejar ardentemente o vêr-se restituído á patria, que na verdade tinha grande necessidade dos seus serviços.

Perdeu a Igreja o peito mais constante,
 Perdeu o Imperio o braço mais temido,
 Que a Cruz seguio, e as Aguias defendera,
 Faltou á Patria o Filho mais amante,
 A Castella o temor mais conhecido,
 Que nos passados seculos tivera :

Occupa breve esphera
 Em pouca terra agora
 A cinzas convertida

A mais illustre, e desejada vida
 Que o Danubio logrou, e o Téjo chora,
 Em quem a Fama estuda
 Novos preceitos d'eloquencia muda,
 E ás futuras idades
 Ensina desenganos, e verdades.

Theatro fez de seu valor Germania,
 E de Bragança em gloria sempiterna,
 Qu'em dous lustros vencedora espada,
 A' morte dava leis na Pomerania,
 O que em Alsacia obrou, chora Saverana,
 Lorena se confessa assegurada,

Cominis rebellada
 Inda o castigo sente,
 Acção mais generosa

Que em linguas de crystal affirma o Mosa,
 E o Rheno deu, na temida corrente,

O premio merecido

De valor tantas vezes repetido,
 Acha em prisão tyranna

No temor da insolencia Castelhana.

Esta Estrophe, escripta em estylo verdadeiramente lyrico, é um dos trechos mais bellos desta Canção.

Triumpho do Valor a Tyrannia,
 E contra a Lei dos Cesares sagrada,
 Valer-se soube o Medo do Interesse,
 Contrastando o Engano a Valentia,
 A promessa entre Barbaros guardada,
 E o Privilegio natural perece :

Affrontas mil padece,
 A preços reduzida,
 Da vida a Liberdade
 Em lastimosa injuria da Verdade,
 E do Medo a Politica offendida,
 Maxima foi do Estado
 Viver sempre o temor desimulado,
 E he tal do Ibero o Medo,
 Que rompeu dos temores o segredo.

Assim Fernando, em Carcere Africano,
 A inestimavel Liberdade entrega
 A perfido Inimigo a chara vida,
 Constante soffre tracto deshumano,
 A nobre Ceuta ao Sarraceno nega,
 Preço da Liberdade pertendida :
 Agora repetida
 Vemos a mesma Historia,
 Que por costume antigo
 O Ceo de nossos Principes amigo,
 Escolhe Cortezãos da Eterna gloria
 Repetida, e sómente
 Executada em Povo differente,
 Onde foram culpados
 Povos, e Reis, amigos, e obrigados.

Vemos a mesma historia é expressão trivial, que fica muito abaixo da magestade da eloqução lyrica.

Duarte agora Infante foi segundo,
 Que em duplicado Carcere vivia,
 E preço a vida fez da Liberdade,
 Em seu ditoso transito do Mundo
 Deixou rota a prisão da Tyrannia,
 Quando os laços rompeu da Humanidade;
 Na Celeste Cidade
 Assenta Praça Eterna,
 Venturoso Soldado,
 Onde sempre de amores abrasado
 Lusentes armas de Saphir governa,
 Com pratica divina

Os poderes mais altos examina,
 Onde acclama victoria
 Em batalhas de luz, campos de gloria.

Soldado nas cautelas advertido,
 Da Praça de Milão fez eminencia,
 De venturosas armas occupada:
 Adonde exercitava prevenido
 A constancia, o valer, a paciencia
 Na conquista da Patria desejada:
 Hyerosalem sagrada
 Entrava em guerra viva,
 E deixando na terra
 Successiva hũa guerra de outra guerra,
 Hoje logra victoria successiva,
 Porque amante, o guerreiro
 Alcança em premio de vencer primeiro
 Os Inimigos d'alma,
 Na Cidade do Ceo triumphante palma.

Repousa em doce paz Heroe divino,
 A visão beatifica logrando,
 Na maior hierarchia collocado,
 Assento occupa agora crystallino
 Junto de nossos Reis, e de Fernando,
 Que imitaste na morte, e no cuidado
 Ao Povo, que occupado
 Solemnisa as memorias
 De tão ehorada morte
 Divino proteotor na Etherea Córte,
 Solicita triumphos, e victorias,
 E si por accidente
 Na morada da gloria dôr se sente,
 Lembre-te a Patria triste,
 Benigna intelligencia ao Reino assiste.

Mas em quanto descança eternamente
 Da pena injusta, e barbara injustiça,
 Eternamente em nós viva a lembrança:
 Ha de ser immortal a dôr presente,
 E o valor, assistido da Justiça,

Corra enlutado ao Templo da Vingança:

Certissima esperança

De nossas alegrias,

Theodosio Soberano,

Mimo dos Ceos ao Reino Lusitano,

Desempenho de occultas prophécias;

Deste Principe a morte

Vinganças clama ao vosso braço forte,

Que com causas menores

Germanico pedia aos Succéssores.

Dos Infantes vos chama a Companhia,

Que foi Affonso o nosso sentimentd,

Dos Ceos para esta empreza concedido:

As Fortunas vereis, que promettia

A Pedro, no ditoso nascimento;

Astro feliz na indicação luzido:

O damno já temido;

No valor de Duarte;

Padeça, executado

Por vós, o Castelliano castigado:

Trema do Imperio a mais remota parte,

As Culpas á Vingança.

Façam iguaes as armas de Bragança,

E nos cobrias da Terra

Repita a nossa ddr vingança, e guerra.

Não mais, Canção, não mais, que a voz desmaia

Quando a sentir se ensaia;

Chorar tão grande perda não te alrevas;

Porque dos Erros, que contigo levas

Falta de sentimento não se entenda

Sabe buscar nas lagrimas a emenda.

Havia em Lisboa, naquelle tempo, uma dama tão formosa como Lucrecia, e como ellas costumam ser sempre prodigas dos seus favores para com todos os cavalheiros, que não usam apertar os cordões da bolça, Duarte Ribeiro de Macedo apresentou-se no número dos aspirantes ás suas graças, e foi recebido com a costumada benevolencia; mas dentro em pouco tempo recebeu della

uma carta de peditorio a que o Poeta, que como o philosopho grego, *não queria comprar tão caro um arrependimento*, respondeu com a seguinte Silva, uma das mais chistosas composições, que sahiram da sua penna.

SILVA.

Reduzistes, Menina, em tanto excesso
A preço aquelles bens, que não tem preço,
Que julga o pensamento
Ignorastes, amores,
Que a preço de tormento
Se compram os favores.

Pedistes-me, com penna divertida,
Quanta seda Granada tem tecida,
Assim pois reduzir-vos determino
Toda essa seda fina a papel fino.
E ha de julgar ficaijs melhor servida
Quem o intento penetra,
Pois dou por letra, o que pedis por letra:
Não fia da vontade
Dar ao que mereceis sem igualdade;
E porque em fim ninguém dizer-me possa
Vos não sirvo de siso,
Recommendo ao Juizo
Esta petição vossa,
E julgareis, estando hum pouco attento,
Si vos serve melhor o Entendimento.

Oh! como andais discreta
Em pedir a hum Poeta!
Que só sam os Poetas abundantes
De Rubis, de Saphiras, de Diamantes;
Isto que he prata, e ouro
He seu vulgar thesouro,
Assi que obedecendo
Vos dou a hum tempo dando, e escrevendo.

O Poeta, nestes versos, parece meter a ridiculo a balda dos Poetas seus contemporaneos, especialmente Hes-

panhoses, em cujas descripções de formosura se encontram sempre, *cabellos de ouro, olhos de Saphira, mãos de prata, labios de nacar, faces de coral, &c.*

Para os vinte mil réis valer-me espero
 Das aréas do Téjo peregrino,
 Que envolvem ouro fino;
 He longè a Potosi, hir lá não quero,
 E sede agradecida a meu desejo,
 Mais que as aréas com que corre o Téjo:
 E quanto ás meias, pois de azul celeste
 Vosso gosto se veste,
 Me mandareis dizer, pelo primeiro,
 De qual destas Esphas crystalinas
 Quereis as meias finas,
 Porque me serve a escolha de embaraço,
 E assi não tire ao Ceo qualquer pedaço.

No Chamalote estou mui bem cuidando,
 Mas já vou acertando
 D'onde tira-lo possa,
 Mais he ventura minha do que vossa:
 Vistes ao pôr do Sol nesse horisonte
 Cláras nuvens, que aos raios crystalinos
 Se apresentam defronte,
 Vários formando visos peregrinos,
 E como o Sol, nas nuvens empregado,
 Ou as veste de azul, ou de encarnado?
 Não ha mais rica Tenda
 Que Tafetá, que Chamalote venda!
 Deixai que venha hum dia alegre, e claro,
 Logo hum vestido cortareis bem raro!

Os Regalos das mãos me dam cuidado,
 Mas tudo o Engenho tem facilitado,
 Si ha inda o Velocino
 Hum regalo tereis bem peregrino,
 Mas em quanto não faço este caminho
 Vos contentai que sejam só de Harminho:
 Perdoai que me esquecia,
 Que busca-los no Ceo também podia;

Ha hum Signo Celeste
 Que Aries se chama, e que de lãa se veste;
 E, si não estiver já tosquiado,
 De lá hum regalo vos virá pintado.

Tenho a vosso preceito obedecido,
 E saber só quizera
 Si se dá vosso gosto por servido;
 Ordenai mais preceitos,
 Que tudo vos darão penna, e conceitos.

Esta peça, em minha opinião, tem muito merecimento, e é um modelo do que os francezes chamam *persiflage*. Reina nella uma juvenalidade lepida, e cortezãa; uma certa maneira de pungir levemente, que faz sorrir o Leitor.

Duarte Ribeiro de Macedo parece que tinha em grande apreço as poesias do Doutor Francisco de Sá e Miranda, e que procurava imita-lo ás vezes. Em prova do que, citamos as seguintes Quintilhas, dirigidas ao Doutor Antonio Barbosa Bacelar, Desembargador da Relação de Lisboa, e um dos mais affamados Poetas daquelle tempo.

QUINTILHAS.

Perdido aquelle logar,
 Que fôra esperança minha,
 Ao achaque de esperar
 Vim neste Valle buscar
 A solidão por mesinha.

Tanto que os Homens não vi,
 Passo já convalescente;
 Com razão fugi da Gente,
 Porque os objectos perdi,
 Que me fizeram doente.

Deixar-vos lá d'onde venho
 No mal, de que me retiro,
 Com tão perigoso empenho,
 He toda a pena, que tenho,
 Aonio, neste retiro.

Queira Deos, Mestre, e amigo
 Que tal ventura tenhaes,
 Na pertença, que comigo
 Sómente vos pareçaes
 Em amar a Dom Rodrigo.

Nos mares d'huma esperança
 As pertençaes animei,
 Tomar porto desejei,
 E, de mudança em mudança,
 No desengano portei.

Portei, está aqui por *aportei*; nos nossos *Classicos* ha muitos exemplos desta suppressão do *a* iniciativo em alguns verbos, especialmente da primeira conjugação,

Mas he tão cruel o estado
 Da minha sorte inimiga,
 Que por lei do injusto Fado
 Me condemna a que não siga
 O bem do desenganado.

Segue o disfarçado mal,
 Ao depois do Desengano,
 O que teve perda igual:
 E eu vou seguindo meu damno,
 E conhecendo que he tal.

Encarnada, e fresca Rosa,
 Olhai o que aqui me admira!
 Acho na manhã ditosa,
 E pela tarde saudosa
 Vejo que tudo he mentira.

Perdendo a belleza vam,
 Como o dia perde as côres,
 Já não sam, si foram flôres,
 Assim pelas Côrtes sam
 As promessas, e os favores.

Linda comparação cheia de amenidade; e graça de expressão!

Não me mostraria alguém
 Que ajude por ajudar?
 Oh! como o Sá disse bem,
 Ao menos para esforçar
 Os engenhos, que atraz vem.

O Sá, de quem o Poeta fallá aqui, he Sá de Miranda,
 cujo estylo, e philosophia procura imitar aqui.

Tudo he respeito; e valia,
 Ou particular intento,
 Perdido o merecimento
 Hum dia como outro dia
 Queixas vãs lhe leva o Vento.

He mui antigo este mal,
 E já nesta minha dôr,
 O Sá me aconselha e val,
 Mas si o bem igual não fôr
 Seja o coração igual.

Muito pôde a Semrazão,
 Por mais que o valor se anime,
 A moderar a Paixão,
 Porque padecida imprime
 Justa dôr no coração.

Porém que digo? si vêjo
 Vosso grande merecer
 Desta sorte padecer;
 Mas com tudo vos invejo
 O merecer, e o soffrer.

Tenho assentado comigo,
 Que estes ham de ser os meios
 De conseguir, meu amigo,
 Não lisonjas, não enleios,
 Que affrontas trazem consigo.

Si com tudo, isto não val,
A conta já feita está,
Outra vez me anime o Sá,
A virtude he paga igual
De si mesma, disse já.

Si ouvis a Philosophia
Do Seneca Portuguez,
Vereis no que o peito fia:
Todo este Quarteto fez
Para mim, quando escreviá.

Grande signal de saude
He ter tudo á parte posto,
Olho sómente a Virtude,
Ledo, ou triste o mesmo rosto,
Que não ha quem vô-lo mude.

De Pisão, Tacito escreve,
Que na celebre adopção
Ouvindo a grave Oração
Do Imperador Galba esteve,
Sem mostrar alteração.

E que podia imperar,
O Politico observou,
Da constancia no accertar,
Tambem se eu não me alterar
Sou capaz do que não sou.

Nestes preceitos fundado
Vou divertindo o desejo
Entre as flôres deste prado,
Por onde mais engraçado
Passeia o sagrado Téjo.

Aqui, quando a voz procura
Queixar-se ao Rio sem medo,
Formo queixas da Ventura,
Que ó Rio, que não murmura,
Póde fiar-se o segredo.

Novas espero melhores
 Lá da vossa pertença,
 Diz-me com tudo a Razão
 Que amigos, e Protectores
 Huns, e outros falsos são.

Mas como lograes o amor
 Do Illustrissimo Rodrigo,
 Tereis successo melhor,
 O Ceo mo dê por Senhor,
 E a vós sempre por amigo.

Estas Quintilhas sam verdadeiramente uma Epistola familiar, escripta, como já dissemos, no gosto de Sá de Miranda, e de certo a Obra do discipulo não faria vergonha ao mestre, a versificação porém é muito mais apurada, como era de esperar, attentos os seculos, em que cada um delles escreveu.

Entre as Obras metricas de Duarte Ribeiro de Macedo encontram-se alguns Romances, como acontece a todos os Poetas desta epocha, em que estes Poemas, e os Sonetos andavam tão validos. Nem podia ser por menos, visto que esses Poetas eram alumnos de uma eschola, cujo fundador tem os seus maiores titulos de gloria poetica affiançados nos seus Romances.

Os de Duarte Ribeiro de Macedo me parecem um pouco melhores, que os dos seus contemporaneos, posto que nelles se encontre o mesmo estylo pretencioso, o mesmo rebuscado das idéas, os mesmos conceitos alambicados, que de ordinario se encontram nas Obras deste genero, só com a differença de serem menos excessivos.

Destes Romances o mais vezes citado, mais acceto do público, e mais bem avaliado dos Criticos é o que tem por assumpto a morte de Adonis, que passamos a transcrever.

Por entre hum Bosque de Nymphas
 Solicita Adonis Feras;
 Estas deixando sem vida,
 E sem liberdade aquellas.

Leva de Amor privilegios,
E de Diana licenças
Para castigo de Brutos,
Para encanto de Bellezas.

Contra as Bellezas dos Bosques,
E os moradores das penhas,
Dos olhos fulmina raios,
E das mãos despede Settas.

Lastima, e horror a hum tempo
Monte, e valle representa,
Naquelle gemendo Brutos,
Neste suspirando Deosas.

Assim, pelo bosque errando,
Oh quem lembrar-lhe soubera
Que sam Feras o que busca,
E Nymphas o que despreza.

Dando preceitos ao bosque
O mais occulto penetra,
Diversos sentindo estragos
Cada tronco, e cada penha.

De hum Javali teve vista,
Que do Thebano podera
Ser perigoso trabalho,
E ser duvidosa empreza.

Logo, por tirar-lhe a vida,
Ao Arco a setta ligeira
Applicou com segurança,
E despedio com destreza.

Chegou ao corpo do Bruto,
Nelle se escondeu violenta,
Mas foi por logar adonde
Com vital alento o deixa.

Voltou a fera offendida,
E mais fera que si mesma,
O offensor tão ega busca,
Que não vio que Adonis hera.

Chega primeiro que o Joven
Ao Arco applique outra setta,
Que em odio de amor impede
A Fortuna as diligencias.

Entre os dentes tyrannisa
De Adonis a gentileza,
E faz lastimoso estrago
O que o Tempo não fizera.

Hum tumulo de Boninas,
Que fóra de Venus prenda,
Cadaver opprime adonde
A viste com magoa a Fera.

Prantos o valle occuparam,
E em repetida Tragedia
Das lagrimas os diluvios
Foram de Adonis exequias.

Em suspiros pela posta
Foi a nova a Citherea,
Que pouco havia que Adonis
Em laços de Amor tivera.

Parte a buscar seu cuidado;
E de sorte á dôr se entrega,
Que feria pés de prata
Pisando rusticas hervas.

Perde rubins de seu sangue,
E teve mysterio a perda,
Que quem dava ás flôres fórma,
Esta vez lhe deu materia.

Rosa já no valle triste
 Cada rubim se apresenta,
 Já o Imperio das mais flôres
 Goza diffundida, e bella.

E em tanto chegou Dione.
 Quando cobria tristezas
 O corpo, que á maior gala
 Offereceu competencias.

Aos olhos seu sentimento
 Trouxe mais copia de perlas,
 Que quantas mostrando o dia
 Foram do campo riquezas.

„ Ai! (disse) querido Adonis,
 „ Como he possivel vos vêja
 „ Sem vida, Venus com vida,
 „ Si não fôra immortal Deosa.

„ Aqui despojo de hum Bruto
 „ Estais para magoa eterna,
 „ Porque ter immortal vida
 „ Me faz immortal a pena.

„ Quem pôde, luz dos meus olhos?... „
 Aqui a voz ficou suspensa,
 Que sabe a Dôr, quando grande,
 Embargar acções da queixa.

O Ceo, que as magoas attende,
 Piedosamente decreta
 Que Adonis, da Selva gala,
 Bella Flôr honrasse a Selva.

Já n'outra fôrma o cadaver
 Vermelho Goivo se ostenta,
 Da belleza nasce Flôr,
 E do sangue flôr vermelha.

Adonis, amor de Venus,
Transforma o Ceo, porque intenta
Que o que quiz Flór racional,
Flór vegetativa queira.

A Elegia á morte de D. Maria de Ataide, fallecida na flór da idade, póde ser considerada como a Elegia mais anã, que atégora se tem escripto em portuguez, pois consta apenas de sete Tercetos; as outras poesias desta Collecção consistem em Decimas, Glosas, e outras frioleiras poeticas, que não merecem que se gaste tempo com ellas.

Duarte Ribeiro de Macedo é apenas um Poeta de terceira ordem, e o maior merito das suas poesias está na linguagem, que em geral é pura, e algumas vezes elegante, e para dizermos tudo, a gloria do seu nome está mais affiançada nas suas Obras de prosa, que nos seus versos, que sam menos conhecidos, e menos estimados do que ellas.

CAPITULO IV.

André da Silva Mascarenhas.

Não consta ao certo a terra em que nasceu André da Silva Mascarenhas, ainda que se saiba que ella, qualquer que fosse, fazia parte do Bispado de Lamego; na mesma duvida estamos a respeito da sua linhagem, e esta mesma obscuridade parece indicar que seus pais eram pessoas de baixa extracção, lavradores talvez, que seguindo o costume das nossas provincias quizeram que seu filho estudasse, e fosse Doutor para nobilitar a familia, pois d'ahi provinha commummente a aluvião de Erades, e Baixareis que inundavam as provincias do norte, onde os pais faziam professar seus filhos, mesmo sem vocação, e outros estudar, e todos frequentar Coimbra, com esperanza de que os primeiros, depois de graduados, conseguissem ser Bispos, ou pelo menos Prelados das suas respectivas Ordens, e de que os segundos chegassem a Desembargadores da Relação, ou do Dêsembargo do Paço.

Era esta uma loteria, em que todos entravam, e em que, como nas da Misericordia, por um a quem sahia a sorte em preto, ficavam quatrocentos com ella em branco, tirando por premio de tantas despesas, e cnidados para sustentar um filho em Coimbra pelo longo espaço de seis annos, o ter em casa um mandrião, a quem todos chamavam, com muito respeito, o *Senhor Doutor*, que trajava panno fino na ultima moda, passeiava, e cortejava senhoras, em quanto seu pai, e seus irmãos, trajando uma veste de saragoça remendada, rompiam a terra com o arado, e com a enchada, ou podavam as vinhas, e ceifavam as searas; que o Doutor, sem servir logares, sem pôr banca de Advogado, á maneira dos zangãos, que comem o mel que não fabricam, deixava trabalhar os outros para o sustentarem a elle.

Se era Frade acontecia o mesmo: o Reverendo, ou por preguiça não seguia os estudos, ou por inaptidão sabia mal delles, e adeos esperanças de Guardiania, de Provincialado, ou de Bispado, e sua Caridade, dando de mão ás ambições, e vaidades mundanas, tendo certo o comer, e o vestir, reduzia-se á condição de Religioso de boa vida, não porque a fazia, mas porque a levava, e ao menos duas vezes no anno, cedendo ao excesso de ternura filial, apparecia-lhe em casa, dava a manga, ou o cordão a beijar á mãe, ás irmãs, ás primas, e ás criadas, passava ali uma temporada folgando, gracejando, cantando modinhas, e quando voltava ao convento levava o alforge bem recheado de payos, e chouriços, e alguma roupa, e dinheiro para satisfazer as suas religiosas necessidades.

Consequentes com este bello systema, e levados destas esperanças os pais de André da Silva Mascarenhas o fizeram estudar as linguas latina, e grega, a rhetorica, a philosophia racional, e moral, e as mais doutrinas que servem de preliminares ao curso juridica, e findos estes, o enviaram para a Athenas Lusitana.

Foi esta boa gente dos raros a quem tocou a sorte em prezo, porque seu filho frequentou a Universidade com aproveitamento; formou-se na Faculdade de Direito Civil, e creio que sahio melhor Magistrado do que Poeta, porque serviu toda a escalla de logares de letras, com credito, ao que parece, visto que chegou a ser nomeado Desembargador da Relação do Porto, tomando posse do logar em 22 de Agosto de 1672.

E' natural que tivesse composto muitas poesias, mas dessas só imprimio *A Destruição de Hespanha, e Restauração summaria da mesma*, Poema Heroico, em nove Cantos, Lisboa, 1671 — 4.º; com o qual devemos consolar-nos, se não dar-nos os parabens de que as outras se perdessem.

Parece-me que basta o titulo desta Epopeia para dar idéa da sua viciosa contextura, pois abrange duas epochas tão distantes entre si como a invasão de Hespanha pelos Arabes, e a sua restauração, que se verificou tantos seculos depois.

Mesmo o eanuejado de *Destruição de Hespanha*, me

parce. uma expressão sobre maneira inexacta; porque dá a entender que os Mouros destruíram a Hespanha; como os Gregos destruíram Troya, e os Romanos Carthago; e Corintho; quando os Sarracenos o que fizeram foi destruir o throno de Rodrigo, e subjugar a maior parte da Hespanha, fundando nella uma das Monarchias mais poderosas, mais ricas, e mais duradouras que tem havido na Europa, substituindo á rustica barbaridade, e ignorancia da Iberia Gothica, as artes, as sciencias, a civilisação, o commercio, a industria, e a pompa, e grandeza, verdadeiramente assumbrosa, da Hespanha Arabe.

Os Historiadores Hespanhoes, e Portuguezes, inspirados pelo despeito de vencidos, e pelo fanatismo religioso, nos representam os Arabes, que invadiram a Peninsula Iberica, e avassallaram a sua parte Meridional, com as mesmas côres com que os Escriptores do Baixo Imperio nos figuram os Hunnos, os Herulos, os Suevos, e os Godos, isto é; como cabilda de barbaros, sem instrução, sem policia, inspirados sómente pela sede de sangue, e o instincto da destruição. Cada Calipha era um Atila, cada Wasir um Polyphemo, cada Ulema uma especie de Ogro, que se nutria de carne humana. Nem isto podia ser de outro modo, segundo a logica do tempo; os Arabes não eram christãos, logo não podiam deixar de ser animaes ferozes.

Mas a verdade é, que os Arabes eram uma nação engenhosa, civilisada, e polidá, e a unica que, naquelles tempos de trevas, cultivava as sciencias, as artes, e as letras, nem havia outra de costumes mais suaves; conquistavam, mas não era para destruir, mas para fundar Imperios. Os christãos, que ficaram entre elles, viviam em paz, conservaram seus bens, o livre exercicio da sua religião, sem delles se exigir mais que o conservarem-se tranquillos, a obediencia ás leis, e o pagamento dos impostos, a que eram obrigados os mais cidadãos. Nas terras dominadas pelos Arabes continuaram a existir os Mosteiros, sem que os Monges fossem inquietados. Succederia o mesmo aos Arabes que ficassem em terras conquistadas pelos christãos? A resposta a esta pergunta está no modo porque os Mouros foram tractados no tem-

po de Philippe IV, em que a Inquisição os queimou, os Magistrados os perseguiram; até que uma população innumeravel emigrou para Africa, levando consigo os seus thesouros, e a sua industria, que era um thesouro ainda maior!

Veio o exemplo dos Mouros quem começou a bannir a rudeza gothica dos Hespanhoes; foi aos Mouros que Cordova deve toda a sua elegancia; e riqueza; assim como Sevilha, Valença; e Granada. Os edilicios nas cidades, a perfeita cultura dos jardins, e dos campos tornavam a Hespanha Arabe um verdadeiro paraizo, cuja belleza era realçada pelo estado miseravel, e selvagem, a que se achava reduzida a parte dominada pelos Christãos; onde as artes, as sciencias, as letras, a vida elegante, e polida eram inteiramente desconhecidas.

O Imperio Musalmano da Hespanha percebeu, como percebem todas as coizas humanas, porém a Alhambra, a Mesquita de Cordova; e uma multidão de monumentos seus, que escaparam da cimitarra devastadora dos Christãos, ainda hoje assombram os artistas, arrebatam os antiquarios, e mostram, desmentindo os seus fanaticos calumniadores, a que ponto de cultura, e de opulencia havia chegado uma nação generosa, e instruida, que elles osam alcunhar de barbara.

O plano da destruição de Hespanha, si póde dizer-se que em tal Poema ha plano, é o seguinte.

Rodrigo, ultimo Rei dos Godos, havendo violado a filha do Conde Julião, este, aggravado da injuria, e influido por Plutão, confedera-se com um Rei d'Africa, por nome Ismar, posto que os historiadores Arabes não façam memoria de Rei, ou personagem alguma deste nome, o qual lhe dá uma armada para passar a Hespanha; esta armada é destruida por um temporal, escapando o Conde, e alguns Mouros.

O Rei Mouro, apresentando-se-lhe Julião com as tristes noticias do ruim resultado daquella expedição, chama a conselho os seus, e resolve-se que o Conde passe a Hespanha, com alguns Mouros, a fim de explorarem o estado da terra; e ajuizarem d'ahi se a empreza póde ser emprehendida com esperanza de resultado feliz.

Executa-se esta resolução; os exploradores encontram

no mar, e na terra signacs, que julgam favoráveis para a expedição projectada, vencem diversos obstaculos. O Conde consegue fallar a sua filha, e volta a Africa com os Mouros seus companheiros, que elle consegue fazer evadir da prisão.

Chegado o Conde Julião a Africa, acha morto o Rei, que o enviara, e em seu lugar Miramolim, e seu filho Ulit, que haviam encarregado o velho Muya do governo da Provincia Tingitania; o Conde se dirige a este Governador, a quem trabalha por convencer da facilidade, e importancia da conquista de Hespanha; Muça propõe o negocio em conselho, onde se suscitam algumas contradicções, porém Muça encosta-se ao voto de Tarif, e lhe entrega vinte mil homens, para realisar a invasão.

Tarif toma Gibraltar, e Algeziras, e corre para a Extremadura: sahe-lhe ao encontro D. Sanchão sobrinho de Rodrigo, peleija tres vezes com elle, e morre no mesmo combate: o General Mouro, e Julião voltam para Africa, d'onde tornam em breve com grande reforço de tropas.

Rodrigo, accordando do seu lethargo, começa em fim a preparar-se para a guerra; chama os seus Barões a conselho; Pelaio faz propostas mui prudentes, que tem a approvação do Rei, mas sam rebatidas por Godfredo, por fim adoptadas, e El-Rei se despede da Rainha com muitas lagrimas.

Rodrigo, sahindo de Toledo, apresenta-se aos Mouros, e assenta seus arraiaes nas margens do rio Guadaleta. Trava-se o combate, morre muita gente de parte a parte, e no fim de tres batalhas, os Mouros rompem os Cordos, Rodrigo os reanima, peleijando valorosamente, e assim se vão renovando os conflictos por espaço de oito dias, até que a victoria se declara pelos Africanos, sendo Rodrigo salvo por Pelaio.

Venus pede a Jupiter que salve a vida de Rodrigo, e Jupiter manda a Mercurio para o avisar de que fuja, o que elle faz, retirando-se por mar da Ilha de Cadiz. Chega Tarif em seu seguimento, e uma tementa lhe faz perecer quinhentos Mouros. Lamenta a Rainha furiosa, e sentida a perda d'El-Rei seu marido.

Rodrigo entra no rio Aono com alguns companheiros, eouve, em uma barca, cantar tristemente a perda de Hespanha; saltam finalmente em terra, Mendo segue a Syrene, que se transforma em ave, e Mendo em arvore, e depois em viado, e o seu companheiro em fera. Os outros fogem para o mar, onde combatem com um monstro marinho, e o mar negro se faz vermelho.

Manda El-Rei deitar ao mar o feiticeiro Chrispino, e este nasceia sobre as ondas, opéra varias, e medonhas illustres phantasticas; tira da força a seu filho Alfeno, e blasfema contra Rodrigo. Navega este fallando nas transformações, que presenciara, e Chrispino lhe apparece de noite narrando-lhe desventuras.

O Rei, deixando as naus entregues a dous Capitães, vai, com alguns dos seus, apresentar-se a Dabul Gengi, Governador da Aquitania, que o recebe bem. Vão a uma caçada, e apanham nella as feras em que Mendo, e seu companheiro haviam sido convertidos, e a ave em que se mudara Syrene.

Entram em uma caverna subterranea, onde fallam com uma Prophetisa, que lhe conta todos os estragos de Hespanha, e que Maça, pungido de inveja estorva a gloria de que Tarif blazonava, e que ambos haviam sido chamados a Africa, ficando o Governo nas mãos de Abdalasis. A Prophetisa descobre, que Rodrigo é Rei, Syrene, que estava tornada em ave, recobra a sua propria figura, e Mendo, e seu companheiro perdem a fórma de veados. Casa-se Mendo com Syrene, e Dabul a farta. Tracta-se de matar o Rei, que atravessa o mar da Mauritania, e aprêa a Barcelona.

Rodrigo, disfarçado, confere com o Marechal Lamberto, que estava fortificando Barcelona, e é por elle informado do estado das cousas, e dos martyrios dos Santos, e então toma a resolução de esconder-se até dos seus. Parte d'ali em traje de pastor, encontra no caminho o exercito de Abdalasis, e sendo levado perante elle, escapa milagrosamente.

Apparece-lhe de noite uma visão, que o exhorta a seguir a virtude, e detestar o vicio. Chega ao Mosteiro de Candinaria, e ajudado de um Religioso, leva a imagem da Senhora da Nazareth para um rochedo á beira-

mar, e ali ficam ambos fazendo muito austera penitencia.

Morto o Monge, é Rodrigo levado para Viseo, onde se mete em uma cova, no sitio em que se findou depois a Ermida de S. Miguel, e ali termina santamente os seus dias.

Havendo o Poeta assim preenchido oito Cantos com a historia da destruição de Hespanha, passa a contar no nono a sua restauração; que se reduz a narrar algumas victorias de Pelajo sobre os Sarracenos, e a nomear alguns Reis, que foram successivamente restaurando a Peninsula.

Os Agentes sobrenaturaes, que formam o maravilhoso desta tal qual açção, são tirados da mythologia, e para isso se authorisa no Prologo com o exemplo de Luiz de Camões; porém a sua melhor descolpa está, quanto a mim, em ser elle um dos que tiraram melhor partido deste maravilhoso.

Quanto aos episodios, em que o Poema não é obscuro, alguns há, que não são mal inventados, nem destituídos de interesse; porém outros não podem deixar de parecer estranhos, e extravagantes em semelhante assumpto; como as metamorphoses de Mendo, de Syrene, e outros de igual jaez.

Mas quem é o Herde do Poema? Confesso ingenuamente que não o sei dizer, porque nem em Rodrigo, nem em Julião, nem em Tarif, nem em Pelajo encontro as circumstancias; e predicados exigidos pela arte, em um heroe de Poema Epico. Rodrigo é um Principe relachado, e vicioso, que não sabe defender os seus Estados, que foge á primeira derrota para andar errando mundo, sem saber-se para que, e quando volta a Hespanha, em lugar de collocar-se á testa das Provincias, ainda não sujeitas, de continuar a guerra como Pelajo, acaba por se fazer Ermitão. O Conde Julião é um traidor vulgar, que trahia a ruina de Hespanha para vingar uma affronta, e deixa a estranho o trabalho de realisar o seu projecto. Tarif invade a Hespanha, porque o mandam, Muça vem depois disputar-lhe a gloria, e como subalternos que sam, voltam a Africa porque os chamam, e deixam o governo a Abdalasis, que não faz mais que

elles, e o conteúdo destes Chefes Sarracenos, podiam ser apresentados, com uma grandiosidade correspondente á grande façanha, que comprehendiam. Pelio quasi que não figura senão no ultimo Canto, e isto basta para que não possa considerar-se Protagonista.

Quanto á caracteres foi coisa que o Poeta se não lembrou de pintar, e bem que não faltasse occasião para isso. Uma parte retórica é absolutamente nulla, posto que Cãmilla, e o Balaio de Gigina podiam, na mão de um verdadeiro Poeta Epico, encher o Poema de pathetico, e de interesse.

Porém sem embargo destes defeitos de invênção, e disposição, que não são de natureza graves, estou persuadido que o Poema poderia sustentar-se, e ser lido com agrado, si todas estas faltas fossem cobertas com o brilho da poesia de estylo; si o Poeta soubesse revestir as suas idéas, com um colorido brilhante, imaginoso, e sublime. As bellezas de estylo, sem na poesia o mesmo que na musica um achiela, voz, que faz disfarçar muitas vezes os descuidos, ou faltas de execução, ao menos para os que não são Artistas. Porém o estylo de André da Silva Mascaranhas é de ordinario frio, sem colorido, nem força, nem imagens, nem movimento, e á sua versificação languida, prosaica, e sem variedade; e é sobre tudo esta falta a que mais tem cooperado para o profundo esquecimento, em que jaz este Poema, e o nome do seu Author: alguns dos melhores trechos, que delle vamos extrahir, compararão, (suppondo) este juizo.

Venus supplica a Jupiter a favor de Hespanha.

Hia já neste tempo o Sol ardente
Tingindo no alto mar seus raios de ouro;
Traz elle vindo andando a Noite humente
Cobrindo-lhe com sombra o rosto louro;
Toda a noite immolavam tristemente
Victimas a Matona, (Infausto agouro!)
Queimando em holocausto, que das veias
Chorando brotam as lagrimas Sabeias.

Infausto agouro está aqui visivelmente para armar ao consorte, E' certo que das occurrencias, que tinham

logar antes, e nos sacrificios tiravam os antigos agouros, e presagios: porém o facto de offerecer um sacrificio nunca passou por agouro, nem fausto, nem infausito. Que *lagrimas Sabeias*, sam estas, que *chorando brotam o incenso das veias*? As lagrimas não *choram*, sam o producto do chouro; *lagrimas com veias* inda ninguém vio se não o Author, e muito peor com veias, de que *brêta o molle incenso*. A segunda parte desta Oitava é uma embrulhada de consas, que faria vergonha mesmo a um improvisador da rua.

A Lua, e as Estrellas scintilavam,
Sobre as aguas ceruleas de Nereo,
Nas mesmas se esculpiam, e figuravam
Os Signos, e os Planetas do azul véo:
Pelo que o Ceo, e o Mar se transformavam,
Mal se via qual hera o Mar, ou o Ceo,
Porque nas aguas tremulas fingia
Hum o que realmente no outro havia.

Vendo tanta Instrucção da Olympia Sala,
A Deusa pouco casta de Cythera,
Cheia de grave dôr desta arte falla
A Jupiter seu Pai, e Senhor da Esphera:
« Quem podera pensar que a fraca ala
Dos Bisnetos d'Agar tanto podera,
Que quizesse intentar cousa tamanha,
Como he destruir a nobre Hespanha.

Vêjo que sem vergonha, medo, ou pêjo
Querem lograr os campos abundantes,
Do Bethis, do Mondego, Ava, e Téjo,
E delles lançar fôra os meus amantes;
Destruir vossa Lei, só com desejo
De estenderem seus Idolos errantes
Para que Plutão seja obedecido
Na Terra, muito mais que o Ceo subido.

Os meus amantes, em logar daquelles, que me dão culto, é expressão ridicula na bocca de Venus, além de não expressar a idéa do Poeta. *Que Lei de Jupiter é esta*

ta, que os Mouros pertendiam destruir? Servindo-lhe de meio para isso a conquista de Hespanha? Por ventura os habitantes da Península eram Idolatras? Nem os Sarracenos queriam estender seus Idolos errantes, porque não tem Idolos, e só reconhecem um Deus Único, e Onnipotente, nem invadiam a Iberia para que Plutão ali fosse mais obedecido que o Ceo. Quem quer passar por bom escriptor deve analysar bem as suas idéas, e torná-las coherentes antes de as lançar no papel.

Ha muito poucos dias, Padre amigo,
 Me promettestes vós que, si inda houvesse
 Emenda, abrogaríeis o castigo
 Sem que Hespanha algum mais se perdesse:
 Elles, como sabeis, trazem consigo
 Tanta dor, quanto nelles se conhece,
 Ora, si isto assim he, que pensamento
 Vos pôde assim mudar do vosso intento?"

A isto lhe responde o Pai superno,
 Tão brando quanto pôde imaginar-se:
 "Muito bem sabeis vós que o meu governo,
 E palavra jámais, pôde mudar-se:
 Que si permitto ao Mouro lá do interno
 Coração da grande Africa abalar-se,
 Com exercitos d'ous desvanescido,
 He para brevemente o vér perdido."

Assim dizendo, manda aos Elementos
 Que como se estender na agua salgada
 A Armada dos Cães sanguinolentos
 Se abraze, e alague logo toda a Armada.
 Ajuntam-se os trovões, chuvas, e ventos,
 Na mais occulta, e intima enseada,
 Do Gaditano Mar, e ali soccegam
 Em quanto os braves Mouros não navegam.

a Armada dos Cães é na verdade expressão digna da
 magestade do Poema Epico!!!

Já Phebo do ardentissimo Horizonte
 Pelo Mundo seus raios esparsia,

Tirando o negro véo da branca frente,
 Por distinguir da noite o claro dia;
 A Moça de Titão na fresca fonte
 De Amphytrite rancisona se via;
 Dar aos Ares luz, ás Hervas cores,
 Pasto aos Animaes, á Terra Flores:

Tanto que o claro dia se mostrou
 Sereno, e sem temor a grande Frota
 Se armou seguramente, e preparou
 Para logo seguir sua alta rota;
 As sacras, qualquer logo apañou
 Com força varonil da praia imota;
 Qualquer delles gritando se despede
 Do Rei falso, e do falso Mafamado.

Cantad. 3.

CONCILIO INFERNAL.

Com ira, neste tempo, inveja, e sanha
 O Inferno; que aos bens não deixa vêr-se,
 Vendo em tal descrime a nobre Hespanha;
 Que poderá perder-se, ou não perder-se;
 Chama com rouca voz a mais estranha
 Eumenide, (si he digno de crêr-se)
 Sóa por todo o Inferno a echo horrendo
 Do cavernoso sump, rouco, estapendo:

No mesmo instante o Anjo mais formoso,
 Que do seu resplendor o nome tinha,
 Que por soberbo, torpe, e caviloso
 Trocou glórias por pena tão asinha;
 Subindo ao seu throno tenebroso,
 Que em columnas de fogo se sustinha;
 E se encosta ao doos, que mal se soffre
 De chammas, alcatrão, fumo, e enxofre:

Toma na mão o sceptro marchetado
 De faiscas de fogo, e a corôa
 De ferro caudentissimo esmaltado
 Com cobras da Acheronica lagôa;
 Dos Espiritos maus todo cercado,

C'o fogo, que os magda, e o magda
 Com tridentes, farpões, lançando em terra
 As almas, que por paz quizeram guerra...

Estavam junto ao throno irreverendo,
 Assentados, em salas de alcataã,
 A Soberba, a Inveja, o Odio horrendo,

A Luxuria, o Engano, e a Traição
 De cada qual o vulto hera estupendo,

Mas apprehenso nas mãos tudo hera vão;

Logo em menor assento estava a Ira,
 A Vingança, a Van gloria, e a Mentira;

Em cadeiras mais raras assentada,

A Multidão estava, que desceu

Do Ceo, a terça parte bem contada,
 Dos Cidadãos, que Deus creou no Ceo:

Que por torpe tambem, e rebellada

A quem taes bens lhe fez, não merceou

Tão claras, e riquissimos assentos.

Si não penas, castigos, e tormentos.

Os Pontifices logo, e Reis do Mundo

Sem Corôas, nem Sceptros, nem Thiaras,

Vinham mordendo as mãos, e com profundo

Choro lançando lagrimas amaras:

A estes se seguia o bando inumido

Dos Duques, e Marquezes, que por raras

Maldades, que no Seculo fizeram,

Muito a si, e aos seus esclaresceram.

A idéa de Dante, mas o Poeta soube expressa-la bem. Note-se porém, que sendo a opinião recebida pelos Theologos, que as almas dos condemnados sam enviadas ao inferno, para serem atormentadas pelos Demônios, André Nunes da Silva parece indicar aqui, que elles se tornam em Demônios, pois, se assim não foram, não seriam chamadas a assistir a este Concilio.

Apoz estes, com Togas revestidos,

Alguns, que cá julgaram, estam chorando,

Dando suspiros vãos, brados perdidos,
 Das bocças fogo, e fumos-exhalando;
 Vem logo dando ais, e vãos gemidos
 Os que armas governaram, mal logrando
 As rapinas, e furtos, que admitiram,
 E os que a seus Soldados permittiram.

O Poeta era Desembargador, e devia saber se os Magistrados se tornavam credores do Inferno pelas prevaricações; que cometiam nos exercicios dos seus cargos. E' mui provavel; que os Generaes, cujos collegas elle collocava na caldeira de Pero Botelho pelos factos, alleguem contra esta sentença o direito da guerra. Talvez que tenham razão, porém receio que tenham mui fraca defesa no Tribunal Divino, á fate do quinto, e septimo preceito de Decalogo.

Os mesmos seus Soldados tanto amigos;
 Que cá na vida tanto os adoravam,
 Que nos gostos da paz, e nos perigos
 Da guerra tão affectos se ostentavam,
 Já soltos em tyrannos Inimigos,
 Os corações, e entranhas lhe arrancavam,
 Virando cá da terra os artificios
 Para formal castigo de seus vicios.

Vinham logo das Gentes Populares,
 Legiões, que contar-se não podiam,
 Freiras, Frades, Arões, Capitulares
 Das Sés, que indignamente enriqueciam:
 Vinham Bruxas, e Adulteras a pares,
 E outras mais, que honradas se fingiam
 Sem o serem, e todos juntamente
 Abrasados, no Inferno justamente.

Parcece que o Sr. Desembargador acreditava em bruxas; visto que aqui lhe arranja casas de graça no reino de Belzebut; nem é para admirar visto que a Santa Inquisição, e os Parlametos queimaram tantas mulheres pelo crime imaginario de bruxaria. Agora se o trahir os maridos, e os amantes; e o fingir-se honra-

das sem o sereni, sanz crimes, que mereçam as penas eternas, então pobre do sexo feminino; pois é muito provavel que, pelo menos, nove decimos delle, lá vão parar por esses peccados!!

Segue-se logo grande confusão,
Grandes estrondos, gritos, e alaridos,
Das almas condemnadas, que se vão
Meter na nave, e fogos accendidos:
Abrindo a bocca está o velho cão,
E depois de ter todos submergidos,
Outra vez os vomita, de tal sorte
Que o eterno se sente mais que a morte.

Para coutar o obscuro Labyrintho
Dos castigos, que vão no immundo lago,
No homicida, todo em sangue tinto,
No Ladrão, no Adultero, e Virago,
No Falsario, no Rico, Faminto,
A que sempre atormenta o grande Drago,
Seria despejar o Mar immenso
Chuma pequena concha em vaso intenso.

Os Latinos chamam *Virago* á donzella de espiritos varonis; não é certamente nesse sentido que esse vocabulo aqui está; então que significa? Tambem não percebo porque o *grande Drago* ha de atormentar o *Rico*, e o *Faminto*. Ter riqueza, e ter fome, não é crime, nem peccado, uma vez que o rico por abuso de sua riqueza, e o faminto instigado pela fome não se arrojem a cometer crimes; mas é isso que devia expressar o Author! *Vaso intenso* é outro Amphiguri. A linguagem, e estylo deste Poema, ainda que alguma vez apresente suas taes quaes bellezas, faz lembrar as quintas de Cintra, onde a cada passo, por entre a vegetação, se encontram massas de granito.

Juntos todos assim, na Inferia Sala,
E Consistolio pleno, e fraudolento,
Do Throno Satanaz aos seus falla
Com mostras de paixão, e sentimento:

Toda a Gãnte Hespanica se absta
 A padecer por Deos pena, e tormento,
 E não querem tomar outro exercicio,
 Mais do que sacco, açótas, e cilicio.

Mui bem sabeis, que em quanto assim se obrar,
 E se não abraçar o que ora digo,
 Sem duvida nenhuma ha de parar
 Todo o mal nas vinganças de Rodrigo.
 Muito convém, oh meus, sem dilatar,
 Que se chame, e abbrevie este castigo,
 E que os Christãos se acabem, ou se deslerrem,
 E as Sagradas Imagens se soterem.

Para isto os melhores pareceres,
 Que se podem tomar em taes emprezas,
 Sam enganar a muitos com Mulheres,
 A outros com regalos, e riquezas,
 A outros com os dões da flava Ceres,
 A outros com peccados, e torpezas,
 A outros com soberbas, e enganos,
 E a outros com cargos soberanos.

E tornados aos proximos peccados,
 Como de certo alguns hão de tornar,
 Serão pelo seu Deos bem castigados,
 Porque só elle sabe castigar:
 Por tanto, filhos meus mui estimados,
 He justo, e necessario o esforçar
 Para empreza tão ardua, e tamanha
 Como he destruir a grande Hespanha,
 Assim dizendo, o Povo Adullerino
 Com gritos, e alaridos se inclinou,
 Ao que disse o Anjo mais motivo
 De quantos o alto Deos no Ceo creou:
 Só hum, Dizbo, Trásge pequentino,
 Cóxo das pernas lambas, replibpu
 «Outras cousas maiores do que he esta
 Fiz eu zombando já, desmiando a sesta»

Mandas que com astucias, e enganos
 Vamos fazer peccar a Hespanha! Gloria?
 Para fazer peccar os Castelhanos
 A Soberba é basta, e a Luxuria:
 Pouco fias dos nossos, mais que humanos,
 Poderes, e da mais humilde furta
 Do Inferno, pois fazes claustro pleno
 Para hum baixo magbicio, tão pequeno

Quem nos diria que haviamos de encontrar, neste Poema o Diabo côxo? E' certo que Le Sage, na sua Obra, lhe faz representar um papel mais gracioso, e interessante, mas a honra da invenção sempre fica ao nosso Desembargador.

Juntamente os Espiritos immundos,
 E Lucifer com elles juntamente,
 Com gritos, e alaridos faribundos,
 Se sahiram as Terras do Occidente:
 Buscam a seu intento os mais profundos
 Modos, para enganar a Hespana Gente,
 E as almas deixam presas no Eterno
 Captiveiro, e masmorras do Inferno.

Canto II.

Esta descripção do Inferno, e Conselho dos Demónios, é um dos melhores trechos, apesar de seus defeitos, que escaparam da penna do Author: mas não pôde deixar de extranhar-se, que havendo empregado o maravilhoso mythologico, substitua aqui o Inferno Christo ao Inferno do Ethnico, e Satanaz a Plutão. E' necessario, primeiro que tudo, attender á consonancia das idéas; e Satanaz, e os Anjos rebeldes formam uma horrível desafiinação, quando se collocam a par do Olympo, onde Venus supplica, Jupiter determina, e Mercurio cumpre as suas ordens.

Eu estou mui longe de condemnar que um Poeta, em um Poema de assumpto moderno, mas não sagrado, empregue o maravilhoso de Homero; mas é necessario que o faça com a regularidade com que o fez Camões, que nunca pôz o Empirio a par do Olympo, nem confundiu o reino de Satanaz, com o reino de Plutão.

JULIÃO, E MARTIM.

Despede-se o Conde, e saltá em terra
 A' maneira vestido de Ermitão;
 Com contas ao pescoço urdindo a guerra
 Aos seus com disfarce, e com traição;
 Caminhando vai só por huma Serra
 De escuro mato, e espessa solidão,
 Ouvindo tristemente os cantos graves
 De Bufo, de Corujas, e outras Aves.

Feras silvestres differentemente
 Pelos incultos matos se enxergavam,
 Fazendo trepidar todo o vivente,
 Quanto mais a quem culpas trepidavam:
 Já se hia neste tempo o Sol ardente
 Recolhendo nos Paços, que se lavam
 Com as aguas gentis do mar de Atlante,
 Para d'ahi passar mais adiante.

Estende largamente a noite escura
 Pelo Artico Globo o negro manto,
 Cheio de confusão, tristeza pura
 Ficou o vão Romeiro pouco santo:
 Encosta-se com intima amargura
 Varia imaginação, e occulto pranto
 Ao tronco, e ao pé d'huma Azinheira,
 Que lhe servio de cama, e cabeceira.

Não tinha o desleal muito dormido
 Quando Plutão em sonhos lhe apparece,
 De fumo, e negras sombras revestido,
 Gala, que para os seus curioso tece,
 E lhe diz: « Julião, Filho querido,
 « Que causa assim indigna te entristece?
 « E faz não dar repouso a teus cançados
 « Membros, de caminhar debilltados?»

« Mui de vagar se acaba hum bem tamanho,
 « Lança logo de ti todo o temor,

» Que eu de noite, e de dia te acompanho,
 » Não temas, pois que tens tal protector :
 » O mal constante, e perfido rebanho
 » De Mouros, que traxeste d'Azamor,
 » Ha de hir no Navio, que escondeste
 » Contra as leis, e preceitos, que lhe deste.

» Ha de roubar nas praias arenosas
 » Todos quantos por elles caminharem !
 » E nas ondas do mar tempestuosas
 » Quantos Barcos aos olhos se avistarem :
 » Serão suas maldades tão famosas,
 » Que os Christãos, que ali juntos se acharem,
 » Depois de lhe moverem gran castigo,
 » Presos os levarão ao Rei Rodrigo.

» Advirto-te primeiro, porque quando
 » Vires teus companheiros maniatados,
 » Stejas com coração sereno, e brando,
 » Sem temor, que mais sejam maltratados :
 » Por meu alto conselho venerando,
 » Que então te influirei, serão tornados
 » Ao Navio, sem mais se divertirem,
 » Para nelle contigo se partirem.

» Na terra tens a mim, se em mi ti fias,
 » Para te dar victorias singulares,
 » E no mar tens a quem ha poucos dias
 » Benigno te offertou todos os mares :
 » Si o mar, e a terra tens, que desconfias ?
 » Nem de ti, nem das Gentes populares ?
 » Eia ! segue animoso o bravo assumpto,
 » E tudo, que te digo, hasde achar junto.

Como isto disse, o Rei da treva impura,
 Na noite, e nos penhascos se embuscou,
 Gritando entre os ramos da espessura,
 Que na passagem impio atropellou :
 Apanha neste tempo a noite escura
 A tarrafa das Sombras, que espalhou.

Pelo Mundo resurge a Manhã clara;
Incitando ao trabalho a Gente avára:

Levanta-se Julião, todo admirado
Da turbida Visão, que em terra vira;
Sem falla, e c'o cabello arrepiado
Da Arvore funesta se retira:
Sua viagem segue acelerado,
E cêgo do que disse Plutão, tira
Segura confiança, e força rara,
Para flagello ser da Patria clara.

Vai proseguindo alegre seu caminho,
Por donde o Alquibir os campos lava,
Ajunta-se-lhe ali Martim de Espinho
Que tambem a Toledo caminhava;
Natural de Jaen, mas já visinho,
De Sevilha argentifera, e levava
Certo Aviso a El-Rei, muito em segredo,
Que o que não sabe a fé, ensina o Medo.

Alquibir por Guadalquibir, não tem exemplo nos Clasicos; *Martim de Espinho*, é nome tão pouco Epico, como o do *Irmão Patusco*, que se encontra no *Dracuy*, que ao menos não é um Poema Heroico; mas este *Martim de Espinho*, como ao diante se verá, tinha sentimentos mais nobres que o seu nome.

O disfarçado Condé astutamente,
Desejando saber tudo o que havia,
Se fuge hum simplissimo innocente,
Que nada conhecia, nem sabia:
Martim, com este engano, simplimente
Lhe vai contando tudo o que entendia,
Como o Conde Julião estava enojado
Em Africa, e dos Mouros muito amado.

Por causa da brutescá violencia,
Que fez a sua Filhá El-Rei Rodrigo,
Tinha entregue já toda a potencia
Dos Fortes de além-mar, em gran perigo;

É que se a divina providencia
Desviar não quizesse esse castigo,
A douce, e chara terra, em breves annos,
Seria de perversos Mauritanos.

Brutesca por *brutal* é contra o uso da lingua, que só applica esta palavra a obras de pintura, escultura, bordadura, e a certa especie de dança.

Porquê a Filha do Conde exasperada
Do mal, que padecen, com peito astuto,
Se finge, com engano, namorada
Do Rei, a quem Amor tem feito hnm Bruto:
E lhe diz: « Não consinto mais espada,
Ou arma, com que Eba, ou Sizebuto
Contra elle armar-se possam; desta sorte
Terá sempre seguro o Reino forte. »

Em ordem a isso o Rei tem publicada
Huma Lei vergonhosa, impassiva,
Que nenhnm seu Vassallo traga espada,
Adaga, ou qualquer outra arma offensiva:
Toda a Hespanha está já desarmada,
Sem ter força offensiva, ou defensiva;
E cuida se assegura El-Rei Rodrigo
N'aquillo, em que tem certo o seu castigo.

Agora o gran Conselho Sevilhano,
Representa a El-Rei, com gran desgosto,
O perigo, o castigo, a perda, o damno
A que El-Rei, e o Reino está exposto:
Turbado o Conde fica, e quasi insano
De ouvir todo o seu mal, e vêr disposto
O Povo, a encontrar seu louco intento,
Dá comsigo gemidos vãos ao Vento.

Fluctua o coração, vóa ligeiro:
No que fará, e vê-se em pura treva;
E como apanhará ao companheiro
As Cartas, e Papeis que a El-Rei leva?
E assentando em si, por derradeiro,

No que mais lhe convém, e lhe releva,
 He, não matar a quem delle se fia,
 Mas furtar-lhe as Cartas, que trazia.

Dos Outeiros mais altos vem descendo,
 Com tardo passo, as Sombras tenebrosas,
 E o dourado Sol vai recolhendo
 O seu Coche, nas ondas amargosas:
 Martim, e Julião já não podendo
 Mais aturar as calmas rigórosas,
 Se estendem sobre a margem d'um piscoso
 Rio; virente, ameno, e deleitoso.

Esta Estancia é na verdade excellente pela expressão.

Oh! quam nescio he dos Homens o cuidado!
 Quam firme, quam constante o desvario!
 Quem dirá, que ha de ser logo affogado
 Martinho, no crystal deste alto Rio?
 Estrados em fim na relva, e prado,
 Se entregaram ao somno falso, e pio,
 Mas não que Julião cauto dormisse,
 Sómente que dormia se fingisse.

Estes dous ultimos versos contém uma embrulhada grammatical, como muitas outras que se encontram frequentes neste Poeta, que de certo não brilha na correcção, regularidade, e pureza da lingua.

E como vio ao triste carregado
 De somno, que altamente resonava,
 Lhe toma, estando o pobre inopinado,
 Os Papeis, e as Cartas, que levava:
 Amanhece; e acorda o desgraçado
 Martinho, sem cuidar no que faltava;
 Mas, revolvendo os olhos, vê holido
 O alforge, e o seu porte consumido.

Bem entendeu que o Socio inconfidente
 Do rapto dos Papeis a culpa teve,
 Com lagrimas lhos pede piamente,

Que a pedir-lhos á força não se atreve?
 Irado Julião lhe diz que mente,
 Que si não fóra ser homem tão leve,
 Caminho de Cartas, vão Bogio
 O havia de lançar no undoso Rio.

E' possível que o Conde Julião conhecesse alguns indivíduos das numerosas variedades dos Scimios de Africa, e mesmo da Asia; mas de certo não podia conhecer os Bogios; e mesmo concedendo-se que assim fesse, sempre o chamar Bogio ao seu companheiro seria indigno do estylo Epico.

Vendo-se assim fraudado o vil Martinho,
 De hum Homem, que até li tanto servira,
 E que andar não podia seu caminho
 Sem papels, nem tornar d'onde partira;
 Maldizendo de si triste, e mesquinho,
 Louco, desesperado, acceso em ira,
 Com as sombras já proximas da morte,
 Para Julião falla desta sorte:

André da Silva Mascaranhas precisou de um monosyllabo para completar o primeiro verso desta Estancia, e occorrendo-lhe *vil*, fez uso d'elle sem lhe importar se convinha, ou não a Martinho. Os bons Escriptores, e grandes Poetas, não cahem nestes descuidos. Que razão ha para aquelle pobre messageiro ser tachado de vil? Foi, é verdade, sincero, e imprudente declarando ao companheiro o objecto da sua missão; mas ser imprudente, não é ser vil, e o partido desesperado que toma, quando se encontra roubado, mostra bem que tinha sentimentos mais nobres do que o Grande de Hespanha, ou Rico Homem, que abusando da sua confiança perfidamente o roubou quando dormia. Isto deve advertir aos Poetas que os epithetos não devem empregar-se á toa, e só para encher o verso. Todas as vezes que um epitheto não dá maior força, ou mais colorido ás idéas, são palavras ociosas, que não abonam o talento de quem assim os batea, e tornam o estylo froxo, e verboso.

« Onde poderá haver hoje verdade ?
 Onde poderá achar-se hum firme amigo ?
 A' vista de tão grande falsidade,
 Como sem causa usaste aqui comigo ?
 Humilde peço á Summa Magestade
 Dò Ceb; que este miserrimo castigo,
 Que em mim vês voluntario, em ti o vejas
 Violento, e dos teus roubado sejas. »

Assim dizendo iroso, insano, e cego;
 Dando vozes chorosas, se arrojou
 A's sussurrantes ondas do alto pégo,
 Onde a voz com a vida se apagou :
 Fica Julião triste, e sem socego
 De vér um caso tal, que não cuidou
 Já nunca mais de vér, com tanta pena,
 Por cousa tão singela, e tão pequena.

Vê do Conselho as Cartas, e acha certo
 Tudo o que o Companheiro referira,
 Vê todo seu engano descoherito,
 E o mais que na idéa presumira :
 Vê atalhado tudo, e vê o aperto
 Com que o Conselho a El-Rei persuadira
 A se armar contra os duros Sarracenos,
 A terem armas grandés, e pèquenos.

Decreta de affogar-se n'agua viva,
 Assim como tambem o fez Martinho,
 Huma vez que a Fortuna, e sorte esquivã
 Lhe tira a direcção do seu caminho :
 Mas a pectorea setta vingativa,
 Que no coração lhe hé pungente espinho,
 Lhe dicta, que o moírrer vem a ser nada;
 Sem se vingar da injúria divulgada.

Decreta não é o termo proprio; mas *resoloe*, porque
 ninguem decreta para si, mas para os outros *pectorea*
setta não sei o que quer dizer.

E que tambem, rompendo aquelle avizo,
 Que o Portador morto a El-Rei levava,
 Lhe não fica causando perjuizo,
 Como com a Paixão se lhe antolhava :
 Tudo lança no Rio de improviso,
 E affoga onde seu doer se affogava,
 Sem se affogar a si, salvando a vida,
 A viagem prosegue permittida.

Canto II.

Este episodio, posto que pareça mais proprio de uma Epopeia Romantica, que de um Poema Heroico, não deixa por isso de ser bem pensado, interessante, e mais bem escripto do que o Author costuma escrever; não diremos com isto que esteja inteiramente limpo de defeitos, e negligencias de expressão, e de versos presajcos, e côxos por falta de synalephas; mas só notamos que estes descuidos sam aqui menos frequentes, que em outras partes do Poema.

Podem tambem contar-se entre os descuidos felices do Author, a consulta de Muça sobre a invasão de Hespanha, o discurso do Conde Julião ao Rei Mouro, dando-lhe conta do naufragio, em que perdera a Armada, que lhe confiara, o discurso de Pelajo nas côrtes convocadas por Rodrigo para cuidarem da salvação de Hespanha, ameaçada pelos Agarenos, que já começavam a talar algumas terras, e o valeroso accomettimento de Gótfredo ao exercito Mustime, descuidado e fatigado da peleja do dia, empreza, em que aquelle heroe perde por fim a vida combatendo valerosamente.

Sabindo pois o inclito Gótfredo
 Com outros Ventureiros, que o seguiam,
 Com submittida voz, muito em segredo,
 Investem Batalhas, que não dormiam,
 Com fribundo esforço, e nenhum medo,
 Com as armas Tataes, que retiniam
 Nos escudos dos Mouros, vam rompendo
 Por elles braços; pernas desfazendo.

Nunca, não, nenhum rapido ribeiro,
 Com força de tormenta faz mais dampos,
 Pelos campos, do qua este Cavalleiro
 Fez, nos sobresaltados Africanos:
 Vai seguindo a victoria aventureiro,
 Fazendo feitos altos, mais que humanos,
 Em modo, que si El-Rei o socorrera,
 Naquelle noite a guerra se vencera.

Chega Gotfredo forte ao Arraial
 Do Exercito feliz, donde assistiam

Tarif Gladiador, e o desleal
 Julião, consultando o que fariam
 A ambos accommette, e por seu mal
 Por que ambos com valor se defendiam,
 Com a Guarda Real, que em seu favor
 Sempre delles estava em derredor.

Hera já neste tempo descoberto,
 Pelo Arraial todo, o desatipo
 De Gotfredo, que tinha em muito abesto
 Aos seus Capitães com susto indino:
 Correndo todos vam no campo aberto,
 E cercando-o com ferro adamantino,
 Lhe fazem dar a vida, e a cabeça
 Lhe arrancaram dos hombros mui depreca.

Madrugava a solar Embaixadora
 A horrifar de pérolas os prados,
 Que o vingador da bella Caçadora
 Em grilhões de crystal lhe tinha atados:
 Todo o Orbe Universo se namora
 De seus frescos crepusculos dourados,
 Com hum lenço o Sol vem enxugando
 As lagrimas, que della estam manando.

Quando os Mouros, no perfido Arraial,
 Acham mortos aos pés com grande affronta
 Albucacin, Mamil, e Perimal,
 E outros muitos de conto, mas sem conta:

Pasmava de vêr o estrago universal,
 Que em tão breve, Gofredo lhe desconta;
 Levam gritando, em cima de huma lança,
 De Gofredo a cabeça por vingança.

de conto, mas sem conta é um jogo de palavras, como outros, de que abundam os Seiscentistas; o Author adoeceu muitas vezes desta doença literaria, posto que muito menos do que alguns dos seus contemporaneos.

A vista nam do Exercício de Hespanha
 Com aquelle espectáculo estupendo,
 Alegrou-se de o vêr toda a campanha
 De Mafoma, os Christãos estão gemendo:
 Rodrigo, enternecido, e triste banha
 Com lagrimas seu rosto, inculto, vendo
 A pallida cabeça de hum seu Primo
 Posta naquelle pau com sangue infimo.

A necessidade da ryma obrigou o Poeta a alterar a pronuncia da palavra *infimo*, fazendo-lhe longa a segunda syllaba, e breve a primeira. Mas o peor é, que a expressão *sangue infimo* é um verdadeiro engano, ella parece designar *sangue plebeo*, *sangue da mais baixa relé*; mas o sangue que tingia a lança, era naturalmente o que escorria da cabeça de Gofredo; porém Gofredo não era um soldado da plebe, mas um Rico Homem, e parente do proprio Rei, logo o epitheto de infimo não pode convir ao seu sangue; si falla de outro sangue, em que a lança podia estar tinta, devia explicar essa idéa com mais clareza; além de que essa circumstancia é tão insignificante, que não valia a pena de notar-se.

E diz-lhe assim com voz pesada, e dura,
 Que do coração infimo arrancava:
 « Hes aquelle Gofredo por ventura,
 Que a todo este meu Reino esforço dava?
 Que no meio de tanta desventura
 A mim, e a meus Conselhos animava?
 Sem força, sem cabeça, e já sem alma
 Morrendo grangeou da Guerra a palma!

Vai-te embora, Gotfredo, estreito amigo
 Do teu Rei, tua Patria, e tua Gente;
 Que onde viver o nome de Rodrigo
 Vivirá o teu nome eternamente:
 Esta consolação leva contigo,
 Que morto has de viver eternamente,
 Que tal morte dá vida! — Assim dizendo,
 Em chôro se envolveu com grito horrendo.

Ha duas passagens na Eneida de Virgilio, que parecem ter fornecido a idéa deste episodio; a historia de Nise, e Eurialo, e o discurso de Eneas, no momento de mandar a Evandro o cadáver de seu filho Pallante: mas que differença!

André da Silva Mascaranhas é em geral pobre de comparações, pôde porém oitar-se algumas a que não falta viveza de colorido. Tal é a seguinte:

Assi como em pleja os Elementos
 A vingar-se huns dos outros se resolvem,
 Aguas contra aguas, ventos contra ventos,
 O Mar c'o Ceo, o Ceo c'o Mar envolvem;
 Com trovões, e relampagos violentos
 As aréas do fundo se revolvem,
 As nuvens prehes d'agua vam parindo
 Dilavios sobre o Mar, que está bramindo.

E esta.

Assim como na noite mais escura,
 Do verde Mez de Maio, o Deus Vulcano
 De longe, entre trovões, brave murmura,
 Ameaçando á Terra hum grande damno;
 Desfaz-se a nuvem negra em agua pura,
 Nasce o Sol summaamente alegre, e ufano,
 Mostrando que elle he o Author do dia,
 O Medo atraz se volve em alegria.

Quasi todos os Poetas Epicos, e Tragicos, tanto antigos, como modernos, e com especialidade Luiz de Camões tractaram de incluír as suas sentenças, em um, ou

dous versos; e esta pratica é muito acisada, não só por que a sentença assim adquire maior força, pela contisão, mas porque pôde mais facilmente citar-se.

André da Silva Mascaramhas, procede muito por um methodo differente, pois em logar de destacar as sentenças, junta-as, e encadéas umas com as outras, ás vezes por Estancias inteiras. Assim o observamos no Canto III.

A todos nos parece que podemos
 Aconselhar, e mil conselhos damos,
 E para nós toma-los não sabemos,
 Quando delles no mal necessitamos:
 De longe os Reaes conselhos reprehendemos,
 Sobre as razões de Estado discursamos,
 Por mostrarmos em tudo subtileza;
 Grosseiro he quem de subtil se preza.

.....

O Mundo está de maus conselhos cheio,
 Que não quer pelos bons já governar-se,
 Para ter hoje hum bom conselho effeito,
 Primeiro a muitos maus ha de liir sujeito:

.....

O que sem guerra passa, e sem temor,
 No ocio aos cobardes tão jocundo,
 Este, sempre abomina a dura guerra,
 Por não perder o vão ocio, e a Terra.

E no Canto IV.

Poucos sem se cançarem prosperaram,
 Porque se muitos prosperos nasceram,
 Por Imperios amplissimos, que herdaram,
 Por Estados, que os Pais lhe mereceram,
 Ou com grande trabalho os conservaram;
 Ou com vis ignominias os perderam;
 Que a quantos grandes Reinos possuiram,
 Sempre grandes cuidados opprimiram.

Não se pôde chamar prosperidade
 A que d'autes não foi purificada
 No fogo de qualquer adversidade,
 Que a cousa, que com mais difficuldade
 Foi adquirida, sempre he mais prezada;
 Nenhuma muito facil se sublima,
 Que o que pouco custa não se estima.

No Canto III. *Tarif*, a pedido de *Maça*, expõe o modo de guerriar dos Romanos, a organização dos seus exercitos, as armas de que usavam, &c. este trecho é excellente, mas por desgraça é copiado do *Viniato Tragico* de Braz Garcia Mascaranhas, e como o Poema deste foi publicado no reinado d'El-Rei Dom João IV., e a *Destruição de Hespanha* em 1671, isto é, na Regencia do Infante D. Pedro, que depois reinou, com o nome de D. Pedro II., não pôde entrar em dúbida quem foi o Author original, e quem o Plagiario; e quando faltassem outras provas, bastaria a valentia da versificação para fazer resolver o pleito a favor de Braz Garcia. Parece na verdade incrível que um homem erudito como André da Silva Mascaranhas, se mostrasse tão André, que lizesse semelhante usurpação a um Author quasi contemporaneo, e cujo Poema andava nas mãos de todos.

A *Destruição de Hespanha*, posto que contenha em si alguns trechos, a que não pôde negar-se merecimento poetico, posto que menos iscada das affectações, dos conceitos, e trocadilhos, que em tanto excesso se encontram em outros Alumnos da *Eschola Castelhana*, não pôde considerar-se si não como um Poema de terceira ordem, attenta a debil imaginação de seu Author, as frequentes incorrecções da sua linguagem, e a languidez do seu estylo, e metro, que os Poetas pouco anteriores a elle haviam levado a um ponto de perfeição, de que elle infelizmente ficou muito longe.

E' necessario que André da Silva Mascaranhas tivesse um ouvido muy pouco musico, para, como elle proprio o confessa no seu Prologo, procurar de proposito encher o seu Poema de versos agudos, com pretexto de variedade, afastando-se assim da pratica dos melhores Poe-

tas da sua Eschola, que se haviam descartado delles, como inimigos de toda harmonia metrica, e que apenas se desculpam nos Quinhentistas, que ainda lidavam com a difficuldade de accomodar a lingua patria á nova

Coasta igualmente do Prologo, que André da Silva Mascaranhas havia concluido; e tinha prompto para publicar um Poema intitulado a *Lapiada*, que era dividido em varios Cantos; e que tinha por assumpto o descobrimento da Imagem da Senhora da Nazareth, em uma lapa, e os milagres, e prodigios operados pela Virgem, debaixo daquella invocação: porém esta Obra ficou em manuscripto, como muitas outras do Author, e com ellas talvez se perdeu.

ENSAIO
BIOGRAPHICO-CRITICO
LIVRO XXI.

CONTINUAÇÃO DA ESCOLA HESPAÑHOLA,

CAPITULO I.

Frey Jeronymo Vahia.

De todos os Authores, que em Portugal tiveram o infortunio de alistar-se na Eschola de Gongora, e de adoptar, e mesmo exaggerar os seus principios, aquelle a quem a natureza havia mais prodigamente dotado de todos os dotes, que formam o grande Poeta, e que mais abusou delles, foi sem duvida Frey Jeronymo Vahia.

Não consta, ao certo, o anno do seu nascimento, mas parece' verosimil que teria logar em 1620, com pequena differença para mais, ou para menos, visto que a sua profissão religiosa foi em 1643.

Foi sua patria a Cidade de Coimbra, a qual formosa Athenas Lusitana, nutriz coroavel de tantos sabios, que haviam honrado as nossas letras; mas que então entregue aos Apagadores Jesuitas, havia consideravelmente decahido de todo o esplendor scientifico, com que brilhara naquelles felices tempos, em que os estudos eram ali dirigidos pelos Teives, e pelos Ferreiras, e outros Professores de igual pulso, e talento, e cujas Obras, e Nomes, sam ainda lidos, e repetidos com admiração, e respeito.

Seus pais, que o destinavam para a vida ecclesiastica, o fizeram matricular na Universidade, cujos estudos seguiu com a assiduidade, que o talento sempre fornece,

è ali aprendeu bem a unica cousa, que os Jesuitas ensinavam bem, isto é, a lingua Grega e Latina, que escrevia com pureza, e elegancia, como se deprehende dos bellos versos, que compoz no idyomâ da antiga Roma.

Adquiriu igualmente grande reputação nas Sciencias Moraes, Theologicas, e Phylosophicas dos Jesuitas, que se reduziam a uma perfeita ignorancia, atreada com os estavios da sciencia, e de uma verbosidade sophistica, e arguta, que naquellas anias passava por eloquencia, e uma facilidade maravilhosa de argumentar sobre tudo, e de obscurecer as questões mais simplicies á força de distincções subteis, de argumentações refinadas, de abusos de parases, e outros mesquinhos artificios, que os seus mestres appellidavam dialectica; e desgraçadamente para as nossas letras, este vicioso systema de educação teve uma influencia ducidida na sua maneira habitual de compor, como manifestamente o comprovam, a cada instante, as suas poesias.

E' hoje incrível o grande applauso com que as suas Obras foram recebidas dos contemporaneos, e como estes podiam achar prazer nos seus conceitos e abstenços, nos seus refinamentos de idéas, na subtilidade de seus pensamentos, na desmesura de suas hyperboles, e na relação remota que serve de fundamento ás suas methaphoras, que devia torna-las inintelligiveis; mas estes inconvenientes, que hoje sam grandes para nós, não existiam para os contemporaneos.

Devemos lembrar-nos que sendo os estudos os mesmos para todas as classes da sociedade, todos os espiritos estavam afinados pelo mesmo tom, e que era força que para elles fosse claro, o que para nós é hoje escuro, e difficiloso de entender, e bem se vê que tal caracter de estylo não era, naquelle seculo, peculiar da poesia; pois se encontra nos Historiadores, nos Oradores, e nos escriptos de todos os generos.

Jeronymo Vahia tomou o habito da Congregação de S. Bento, como dizem, no Mosteiro de Tibães, em 4 de Maio de 1643, sendo sempre mui estimado, e respeitado de todos os Monges daquela Ordem, e serviu os maiores cargos della, que desempenhou bem, e devidamente, como era de esperar de um homem de tanta probidade e talento:

Foi também nomeado Chronista das suas Ordens, que se lizo ageava de que os seus Annaes fossem transmitidos á posteridade por Escriptor de tamanha nomeada.

Frey Jeronymo Vahia não gozava só dos creditos de excellente Poeta, passava também por um dos mais eloquentes Oradores sagrados, que floresciam no seu tempo; e attendendo a essa reputação collocou El-Rei D. Affonso VI., querendo dar-lhe um público testemunho da sua benevolencia, e afeição, lhe outhorgou a patente de seu Prégador Regio, que para um frade, era ponto de grande importancia, e quasi equivalia a ser despachado Bispo, pois que a nomeação de prégador regio o habilitava para subir do Mosteiro, estar fóra delle pelo tempo que lhe convinha, excusava-o de todos os trabalhos da Communidade, sem que os Prelados tivessem sobre elle mais que uma jurisdicção puramente nominal, podendo, além d'isso, prégar em qualquer Diocese, ou Igreja em que se apresentasse, independente de permissão do Bispo, ou do consentimento do Parocho. Por estas regalias, e commodidades, é que a patente de Prégador Regio era ambicionada por todos os frades, ou monges, que estavam nas circumstancias de subir ao pulpito, e para conseguila revolviam mares, e montes, e empenhavam todo o valimento dos seus protectores, e amigos.

É verdade que esta permissão ampla, e illimitada, que se dava aos prégadores regios, de prégar livremente em toda a parte, não estava em harmonia com o Canon, e por isso alguns Parochos, mais ousados, o contrastaram ás vezes, sem d'ahi lhe resultar reprehensão, ou censura: para o provar citarei um exemplo do mesmo tempo.

O Parocho de certa Igreja desta Capital, apresentando-se um dia o Padre José Agostinho de Macedo para ali prégar em uma festa, lhe recusou a permissão de subir ao pulpito, por que perguntando-lhe pela provisão do Eminentissimo Cardial Patriarcha, que o authorisava para exercer a predica, vio, que a que o Orador lhe mostrava, havia findado seis mezes antes.

Alguns annos depois havendo o sobredito Orador sido agraciado com a patente de Prégador Regio, á instancia do Monsenhor Rebello, que sempre o protegeu muito, foi

José Agostinho convidado pela Irmandade para ali prégua o Sermão do Orago da Freguezia; sabendo disto o Prior, franca, e categoricamente declarou ao Julz.; que a Irmandade podia chamar qualquer Orador, menos José Agostinho, porque elle estava resollido a não consentir que um homem tão escandaloso prégasse na sua Igreja.

Empregaram-se para com elle persuasões, rogos, empenhos; mas o Parocho foi inflexível, e os Irmãos passaram pelo desgosto de retirar a sua incumbencia ao Padre Macedo, dando-lhe conta da opposição do Prior. O Clerigo, ferido no seu orgulho, que era excessivo, ficou furioso, mas dissimulou o seu despeito.

Chegou finalmente o dia da festa, e quando o Prior com o Diacono, e Subdiacono atravessava a sacristia, para hir cantar a Missa, atravessou-se-lhe diante o Prégador, dizendo-lhe com tom ameaçador: Conhece-me? — Perfeitamente. Responden o Parocho com todo o sossego: E não sabe (continhou elle) que sou um Prégador Regio? que posso prégua em toda a parte que me approver? «Menos aqui.» O interrompeu o Prior sem alterar-se, e encaminhando-se placidamente para o Altar.

Mas estes casos eram mui raros, e o geral era, que a authority real sobrepujava a todas as considerações de disciplina, e usos ecclesiasticos.

Residindo na Côrte a maior parte do tempo, em virtude do emprego, que exercia, favorecido do Rei, que muito se comprazia dos seus Sermões, e pelo favor real bem quisto dos Grandes, com quem vêmos que familiarmente se correspondia, applaudido no pulpito, como Orador, festejado nas salas, e nas grades como Poeta, ponde Frey Jeronymo Vabia dar largas ao seu genio sociavel, e folgasão, levar vida alegre, e tranquillia, e dar-se ao cultivo da poesia, para que tinha vocação irresistível; e era tão prodigiosa a sua facilidade de versificar, que chegando a esta Capital a noticia da victoria de Canal, pela manhã, elle, na tarde desse dia, apresentou no Paço uma Canção, celebrando este assumpto; e esta Canção tem nada-menos que duzentos e cincoenta versos.

A morte deste Religioso teve logar no Mosteiro de S. Romão de Neiva, pouco distante de Vianna, no anno de

1688, contando 45 annos de Monge. A sua Ordem lhe fez pomposas exequias, e collocou o seu nome no numero dos Varões, que lhe haviam dado mais esplendor.

Não consta que as suas Obras fossem nunca collegidas, e publicadas juntas, e essa desgraça lhe é commum com a maior parte dos Poetas do seu tempo; eram porém tantas, e tão estimadas, que de nenhum outro se conservaram tantas, que occupam grande espaço na *Phenix Renascida*, e no *Postilhão de Apollo*, vastos reservatórios das Poesias Seiscentistas. O grande Lyrico Francisco Manuel do Nascimento affirma, que em Pariz encontrara um homem, que lhe quizera vender uma Collecção completa das poesias de Frey Jeronymo Vahia, escripta em letra de mão, e encadernada com toda a magnificencia, e asseio. Existirá esta Collecção nas mãos de algum curioso, ou n'alguma Bibliotheca d'aquella cidade? Não sabemos de certo, mas esta persuasão parece muito probavel.

A grande reputação de Frey Jeronymo Vahia depreheade-se bem do juizo expendido sobre as Obras deste Poeta pelo erudito Abbade Diogo Barbosa Machado, na sua Bibliotheca Lusitana, o qual é do theor seguinte: "De todos os alumnos do Parnaso, de que era fecundada a sua idade, nenhum lhe disputou a primasia, ou fosse na magestade do estylo Epico, ou na cadencia da metrificacão Lyrica; em a qual o seu genio jovial, e nãoca pueril, se excedeu a si mesmo; usando de equivoocos tão naturaes, e proprios, que privou da gloria de unico, neste genero de composiçãõ, ao celebre Jeronymo Cancero. Para todos os assumptos, assim sagrados, como profanos, se elevava tão altamente a sua Musa; em o idyoma latino, e materno, que parecia ser o seu influxo mais divino que humano."

Este juizo prova duas cousas; primeira, a grande admiração que Barbosa Machado professava pelo genio de Jeronymo Vahia; segunda, a sua falta de criterio, e de bom gosto em poesia. E' certo, e já acima o confessamos, que a natureza creara aquelle Religioso para Poeta, e que se nascesse em seculo mais feliz, poucos haveria que podessem hombraear com elle. A sua imaginação é rica, e fecunda; tem muita facilidade

de, muita elegancia, muito engenho, muita graça, e muita originalidade, mas os seus defeitos nascem das suas mesmas boas prendas, ou para melhor dizer, do abuso dellas; a sua imaginação degenera de fecunda em extravagante; a sua facilidade em despeixo, a elegancia em affectação, o engenho em subtilidade, a graça em bofonaria, a originalidade na estranheza, daqui resulta um estylo obscuro, viciosamente conceituoso, violentamente metaphorico, rebuscado, cheio de trocadilhos, e hyperboles; que desfiguram as idéas, e transpõem todos os limites do estylo florido, é a quinta essencia do gongorismo, uma multidão de faiscas brilhantes, sem mais consistencia, nem calor.

As suas poesias joviaes, que Barbosa Machado, chama impropriamente lyricas, e que elle tão infaticamente elogia, são talvez as peiores de todas. Toda a sua jovialidade consiste em equívocos de palavras, que pôde agradar uma vez, mas que continuamente repetidas em uma Obra inteira produzem depressa a saciedade, e a saciedade o fastio. Obras escriptas por este modo podem ser do gosto de algumas pessoas, mas estou bem certo de que não será o bom gosto que se contente dellas. Conceda-me pois o Abbade Barbosa o não vêr se não disparates, e bofonarias, nas chamadas graças dos seguintes versos.

Canto a historia daquille,
Que na celeste carroça,
Sendo o *Cocheiro do Dia*
He *Conde Andeiro das horas.*

Concedo que se possa designar o Sol pela appellation de *cocheiro do dia*, mas que relação ha entre o Sol, e o Conde João Fernandes Andeiro, o celebre valido da Rainha D. Leonor? Se Andeiro faz allusão ao Andarilho, que corra diante das carroceas dos Grandes, que faz aqui o titulo de Conde, que recorda uma personagem historica; e que relação ha entre o Sol, e um Andarilho? Os que se seguem não valem de certo mais.

He *Eidalgo de Solar*,
Que em seu privilegio cobra
A *moradia dos Ceos*,
Das noites que na agua mora.

Que quer dizer esta ridicula gerigonça? Qual será o espirito sisudo, o juizo maduro, que se contente das allusões forçadas, e destes equivocos?

Havendo-nos Castella declarado a guerra, mandou o Governador proceder a um alistamento de soldados, e segundo o espirito devoto do tempo, mandou-se tambem sentar praça a Santo Antonio, a fim de animar o povo para a defesa da patria. Daqui toma Frey Jeronymo Vahia occasião, e assumpto para palhaciari, em nm Responso em Redondilhas, e talvez de uma maneira pouco decente para um Poeta ecclesiastico.

Se Antonio assentado estais,
 Não façaes na guerra falha,
 E se heis de hir para a Batalha,
 Como assim vos assentais?

Este trocadilho do verbo *assentar* por pronome, e do verbo *assentar*, que significa estar sentado em banco, ou cadeira, não é na verdade muito chistoso?

.....
 Vesti, leal Portuguez,
 Esse burel mais galhardo,
 Que he certo que desse *Pardo*
 Não está seguro *Arranguex*.

O *Pardo*, e *Aranguex* sam dous sitios reaes, onde a Córte de Hespanha costuma habitar uma parte do anno; o habito de Santo Antonio é *pardo*, logo *Aranguex*; isto é, a Córte de Hespanha, não está segura deste *Pardo*. Eis aqui o pensamento do Author, avalem os Leitores a exactidão, e semilhança, e o grau de merecimento que elle tem? Prosegue o Author discreteando no mesmo gosto.

.....
 Neste Terço de Lisboa,
 Desta vez, hides alistado,
 Que hum Terço com tal Soldado
 Segurar bem póde a c'róa.

Outro equívoco de *Terço* companhia de tropa, e *Terço* gente que se junta para rezar, e *corda* diadema de Rei, e *corda* especie de reza. Eis aqui o que a Barbosa Machado parece grande belleza lyrica, e a mim grande frioleira.

.....
 Levai grande coração
 Contra o Carracena grulha,
 Que bem se ha de haver na bulha
 Hum Soldado, que he *Bulhão*.

Bulhão é o appellido de familia de Santo Antonio, e *bulhão* é synonymo de bulhento na linguagem vulgar, e o Poeta julga ter metido lança em Africa, jogando com estes dous vocabulos, e equivocando as suas significações.

Castella hum *memento* veze,
 Por quanto desta vez oudo,
 Que heis de, Antonio, vencer tudo,
 Por que estais nos vossos treze.

A Igreja celebra a festa de Santo Antonio no dia treze de Junho, e daqui tira o Poeta, que Santo Antonio *ha de vencer tudo, por que está nos seus treze. Ora estar nos seus treze*, é uma expressão popular, que significa, *ter treze annos de idade*. Mas por que ha de Santo Antonio vencer tudo, porque tem treze annos de idade, ou, segundo a expressão do Author, está nos *seus treze*? Acaso os homens vencem tudo aos treze annos? Nesse caso muito errados andam os governos em não comporem os seus exercitos de creanças de treze annos, visto que é este o meio de vencerem sempre!

O peor é que o Author não conhece outras fontes de jovialidade, e em todos os casos, e todos os assumptos não faz nso de outras: temos ainda outros exemplos deste vicioso modo de escrever; e serão tirados dos Romances, em que elle burlescamente descreve a sua jornada a Coimbra.

.....
 As *Meninas* dos meus olhos
 Choravam como *Meninas*,
 Pedacos d'alma, que então
 De *cantaro* parecia.

Perlas netas não choraram,
 Que como sam tão tenrinhas,
 Inda não tem *perlas netas*,
 Apenas tem *perlas filhas*.

.....

Perguntei: "Ha que comer?"
 Respondeu-se: "Ha Azevias."
 E temi, porque não sam
 A Negros muito propicias.

Com tudo, doze comi,
 E dando-mas mui bem fritas
 Me admirei de vêr tão *quente*
 Peixe, que tão *fresco vinha*.

Heram valentes as doze;
 A' doze mil maravilhas,
 Mas eu as deixei tão *fracas*,
 Que as deixei *postas na espinha*.

.....

Puz-me a cavallo, mas minto,
 Não me puz se não a Macho,
 Tão matador, que estivera
 N'hum *Potro* mais descaçado.

Equivoco fundado na palavra *Potro*, que significa
 cavallo novo, e o cavalleté, em que se dam trácios.

De singular presumindo,
 Deixa o caminho trilhado,
 Não anda a *rasto* de Besta,
 Sendo Besta, que anda *á rasto*.

.....

Hera do pobre Thitão
 A bella mal maridada,
 Pobre lhe chamei? mal disse,
 Que Thitão tem muita *branca*.

Branca é o nome de certa moeda, e chamam-se
 brancas as cans: ora Thitão sendo muito velho, por
 força deve ter muita branca!

Os olhos sam tão suaves,
 Iada quando está mais brava,
 Que, se *arregalla seus olhos*,
 Todos os *olhos regalla*.

.....

A Democrita do Ceo,
 Ou a Heraclita do Polo,
 Que se desfaz toda em *riso*,
 Que se desfaz toda em *chôro*.

Muito podem as preocupações do seculo, pois cegam
 um homem de talento a ponto de não conhecer o quan-
 to é ridiculo este modo de escrever! Desculpo que um
 Poeta compondo uma peça jocosa, deixe, para fazer rir,
 escapar um, ou outro destes pensamentos extravagantes,
 mas quando vemos um Poema composto de cinco longos
 Romances, sem que em nenhum delles haja uma unica
 Estrophe, em que não appareça um destes abusos de ter-
 mos, um destes jogos de palavras, e contrapostos absur-
 dos, força é que o livro escape das mãos, ou que o Lei-
 tor esteja iscado da peste do mau gosto, de que o Au-
 thor está enfermo.

As poesias de Frey Jeronymo Vahia sam, parte em la-
 tim, parte em castelhano, parte em portuguez. Seria
 muito para desejar que elle não tivesse poetado se não
 na lingua dos Romanos, por que nisso teria ganhado
 muito a reputação poetica do Author, e a gloria das
 nossas letras, visto que nas poesias latinas, o seu estylo
 é mui puro, as suas idéas sãs, sendo mui raro encon-
 trar nellas resabio algum de gongorismo. O mesmo

phenomeno se observa dos versos latinos do Cavalheiro D. Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos, gongorista tão atrevido como Frey Jeronymo Vahia, ainda que por outro gosto. Parece que a imitação dos Poetas da antiguidade lhes dava juizo, e lhes servia de obstaculo para cahirem nos delirios a que se abandonavam na poesia vulgar.

Entre os Poemas Latinos deste engenhoso Monge, se distingue muito a Elisabeth, Poema em dous Cantos, que em 1831 sahio á luz em Pariz, acompanhado de uma elegante traducção, em verso solto, pelo Sr. J. A. C. Henriques, assim como algumas traducções de Poemas Latinas de Santenel, e de Vanini.

O Traductor diz, no seu Prefacio: « Fiz esta traducção por vingar do esquecimento um Poema, que faz honra ás nossas Letras, tanto pelo seu estylo corrente, e facil, como pela pureza da sua dicção, e belleza das suas imagens; o Author, farto da lição dos Classicos, que fazia o principal estudo daquelles tempos, parece ter tomado Virgilio por modelo, cujo espirito muitas vezes o anima: dotado além disso de uma imaginação fecunda, elle acha sempre exemplos os mais apropriados, e entretece com summa arte no corpo do Poema os episodios mais agradaveis, formando com a Obra um unico todo, que torna a sua leitura tão variada como instructiva..»

Concordo perfeitamente com este juizo do douto Traductor, e muito seria para desejar que elle, e outros muitos Literatos, que estam nas mesmas circumstancias, se dessem ao trabalho de vulgarisar, com os atavios da lingua Lusitana, alguns Poemas dos nossos Poetas da Latinidade moderna, que estam perfeitamente esquecidos, como o *Paciccidos*, do Padre Bartholomeu Pereira; o *Chanelidos*, de Diogo de Paiva de Andrade; as *Eclogas* de Henriques Caiado, e muitas outras poesias de grande merecimento, que dormem na volumosa Collecção do Padre Reis, intitulada, *Corpus Poetarum Lusitanorum*, onde poucas pessoas vam procura-los, até por que essa Collecção já se não encontra de venda.

Para dar alguma idéa da Poesia Latina de Frey Jeronymo Vahia, e provar o que disse ácerca da grande dif-

ferença que ha entre o estylo destas, e das suas poesias vulgares, tanto Castelhanas, como Portuguezas, transcreverei a pintura, que elle faz, da chegada de Alecto ao Mando, no primeiro Canto da *Elisabeth*.

Nox erat, astra vagum placido jubar aurea cœlo
 Extulerant, ignes argentea Luna minores
 Inter splendebat, fulgenti œmula fratri
 Nocte diem mediâ simulabat clara serenum
 At, veniente Deâ, atrâ cœlum, sidera, Luna
 Nube obvelantur; periit sua gratia nocti;
 Lumine pro roseo, radiisque miscantibus umbra
 Tartarea horrendo cœlos involvit amictu
 Centum cœruleos pro criabibus illa colubros
 Ferrea sulphureis nodantes orbibus ora
 Pectebat dextrâ, torvo lux atra recessu,
 Lux, sed luce carens, et œvis æqua cometis
 Omine funesto simulabat lumina; mixtum
 Sanguine, fel viridans nigro rabida ora venenat,
 Pestifer ingratas jam tum vapor inficit auras:
 Talis Inisœos ibat motura penates
 Tesiphone stridens, ut magno maior Homero
 Concinit Aoniis satur illo Poeta fluentis.

Creio que não farei cousa desagradavel aos Leitores, collocando aqui o trecho correspondente a este, na versão portugueza do Senhor Campos.

TRADUCÇÃO.

Hera noite serena, n'aurea esphera
 As lacidas Estrellas scintilavam,
 A Lua dardejava os igneos raios
 Emalando do Irmão o fogo ardente;
 Parecia até ser hum dia bello.
 Eis que a Furia apparece, o' Cœo, e a Lua,
 As Estrellas se obumbram, e obscurecem;
 Perde a Noite a belleza, então se enlucta
 De espessa escuridão. Tartareo manto
 Cem azues cobras cingem enroscadas,
 Sua ferrenha carrancuda fronte,

Em logar de cabellos sulphurosos,
 Seus olhos covos sam, vesgos, e baços,
 Mas carecem de luz, bem arremedam
 Aziago clarão de mau Cometa :
 Pela bocca asquerosa ella derrama
 Veneno verdoengo, tinto em sangue,
 Seu vapor pestilente infesta os ares ;
 Já Thesyphone outr'ora assim marchava
 Os Iniseos Penates perturbando,
 Como canta melhor que Homero o Vate
 Que a longos tragos bebeu da Agua Aonia.

Diogo de Paiva de Andrade, no seu Poema Latino intitulado a *Chantiada*, pinta Thesyphone sahindo do Inferno para accender a guerra entre os Portuguezes, e o Nizamaluco, e impellir a este Rei Indiano, para pôr assedio á Fortaleza de Chaul. E' a este episodio que o Poeta allude aqui, aproveitando a occasião de elogiar Diogo de Paiva, o que faz com bastante excesso, pois o proclama superior a Homero, o que é de certo desarrazoada exaggeração.

Frey Jeronymo Vahia compoz um Poema Epico em hespanhol, que intitulou *Alphonsiada*; não sei qual era o assumpto deste Poema, nem direi nada do seu merecimento; por que nunca o vi, e havendo durante muitos annos feito todas as indagações, e diligencias possiveis, não só não deparei com algum exemplar delle nem de venda, nem nas Bibliothecas públicas, nem particulares, mas nem ao menos pessoa que o tivesse visto; isto me leva a presumir que a *Alphonsiada* nunca se imprimiu, e que o Conde da Ericeira, e o Padre Francisco José Freyre, e outros Escritores, que fallam deste Poema, só o teriam visto em copias manuscriptas, que talvez desgraçadamente pereceram, digo desgraçadamente por que tenho por impossivel que um Poema Epico, escripto por homem de tamanho talento, e com tanta disposição para a alta poesia, não valesse a pena de lêr-se, quaesquer que fossem os defeitos de seu estylo, que não pertendo nem justificar, nem defender.

As poesias portuguezas de Frey Jeronymo Vahia constam de Sonetos, Canções, Madrigaes, Romanços, Poemas

Mythologicos, Decimas, Quadras, em fim de toda a sorte de composições usadas no seu tempo: todas estas poesias sam escriptas com muito engenho, e em linguagem quasi sempre pura, mas salpicadas de conceitos, trocadilhos, e jogos de palavras, em que naquelle tempo se fazia consistir a poesia.

Principiando pelos Sonetos, principal vocação dos Poetas Seiscentistas, que não esperavam salvação poetica, se não pela obra meritoria de haver longa, e profusamente soneteados, acharemos entre elles muitos compostos com bastante espirito, força, e ás vezes graça, e com aquella perfeição, e sonoridade metrica, que distingue o Author de todos os seus contemporaneos. Entre elles me parece poder apontar-se como menos eivado de gongorismo o seguinte, feito á Fonte das lagrimas.

SONETO.

Vês esta pura fonte tão acceita,
 Digna de vista ser, sem ser vistosa,
 Que quanto mais murmura mais delecta,
 De muda Penha filha sonora?

Vês que o gosto enfeitça, o prado enfeita,
 E quanto branda mais, mais poderosa,
 Contrarios vence, opposições sujeita,
 Pois se vé fria, pois se vé chorosa?

Vês tanta prata, vês aljofas tanto?
 Sabê Isabel gentil, e doce Isbella,
 Do ouvido suspensão, da vista encanto,

Que si ella vive em mim, eu vivo nella,
 Ella he lagrimas toda, eu todo pranto,
 Eu de amor fonte, fonte amor ella.

Tambem póde citar-se como um dos menos defeituosos o seguinte, a um individuo, que havia dado repetidas provas de valeroso na guerra, e de liberal na paz.

SONETO.

Prodigo o sangue, e prodigo o thesouro,
 Gastais tão liberal como valente,
 O Luso o canta, o Castelhana o sente,
 Pois dais o ferro a hum, a outro o ouro.

Com Guerreiro metal, com metal louro
 Dando pena fatal, premio eminente,
 Fazeis a Gente Ibera, e Lusa Gente
 Perder o campo, e conseguir o Louro.

Vossa mão valerosa, quanto rica,
 Dilatando da vida a brevidade,
 Seculos cresce, tempos multiplica.

Faz vossa vida quasi eternidade,
 Pois sobre a vossa idade vos fabrica
 A idade do ouro, e a do ferro idade.

E este, louvando o valor, e a erudicção do Conde de
 Atouguia, que passava por grande Militar, e grande Poeta.

SONETO.

Vós, que não sabe Marte, ignora Apollo,
 Nem Apollo cantar, nem vencer Marte;
 Vós, Conde excelso, em huma, e outra parte
 Pasmais o Mundo, estremeceis o Polo.

Quanto Vulcano faz, verte Pactolo
 Ouro, e ferro na brazida, e feroz arte,
 Essa lingua desata, essa mão parte,
 De Bellona terror, prisão d'Eolo.

Da espada o raio, e o trovão do canto
 Quanto argenta Nereo, doura Piróo
 Occupa de temor, enêbe de espanto.

Da tumba Occidental ao Berço Eão,
 Sã foreis menos, ou sereno, ou forte,
 Vos fôra Apollo igual, e igual Mavorte.

Havendo o Padre Antonio Corrêa publicado pela imprensa um livro composto pelo Veneravel Padre Frey Antonio da Conceição, e tendo-o intitulado *Fama Postuma*, em razão de haver sahido á luz depois da morte do Author Frey Jeronymo Vahia, dirigiu ao Editor o seguinte

SONETO.

Esta, que prende o Ar, e o Ar corôa,
Fama posthuma não, mas vital Fame,
Quando ativa remonta, e doce aclama
Do Mundo o pasmo, a gloria de Lisboa.

Esta, que leve chega, e clara sôa,
Onde se esfria o Sol, e onde se inflamma,
Em berço de ouro, e de argente em cama
No mar occidental, na Terra Eôa.

Cem pennas lhe não dam pomposa gala,
Não lhe dam linguas cem fecundo assento,
Veste huma penna, e huma lingua falla.

Porém como sam vossas, grão talento!
As pennas cento, huma só penna iguala,
Iguala huma só lingua, a lingua cento.

O frenesi dos conceitos, dos trocadilhos, das metaphoras, anthiteses, e jogos de palavras havia-se apoderado do espirito de Vahia, que até o acompanha naquellas composições, que pela seriedade, e pathetico de sua natureza exigiam pensamentos simples, expressão singela, e a pura linguagem de um coração penalizado.

Poderá alguém esperar, que o Poeta deplorando, em um Soneto, a morte do Marquez de Castello-Melhor, se exprima da maneira seguinte?

SONETO.

O Castello-Melhor, o melhor forte,
Gloria do Minho, honra de Salvaterra,
Quando subiu ao Ceo, cabiu á Terra,
Cabiu, ai duro caso! ai dura sorte!

Da maior fortaleza de Mavorte
 Hum Jaspe só, toda a ruina encerra,
 O Tempo fez, o que não fez a guerra,
 O que não pôde Marte, pôde a Morte.

Fôssos lhe deu, serviu-lhe de estacada
 Pio o Gallego, o Castelhana exangue,
 Com Cadaveres hum, outro com sangue.

E fôra extincta, e fôra aniquillada
 A ter mais duração, ou mais estrella,
 Deste Castello só, toda Castella!

Será esta a linguagem da dôr, da saudade, da admiração, e direi mesmo, da decencia? Como é possível que um homem de talento não conhecesse, que esta affectação de idéas, estas contraposições pueris, estes desvarios de engenho, e de eloquência eram não só improprios, mas indisculpaveis em tal assumpto? *Castello melhor, melhor forte, subiu ao Ceo, cahiu á terra, um jaspe que encerra em si toda a ruina de uma fortaleza, um fôssos de sangue, uma estacada de cadaveres, um castello que havia aniquillar toda Castella;* pôde dar-se mais ridicula algaravia, mais reloucada accumulção de pensamentos incoherentes! Mas o peor é que no tempo do Author estes desconchavos de espirito, este modo ridiculo de escrever, passavam por bizzaria de engenho, por invenções admiraveis, e por prodigios de poesia! Lamentemos pois a sorte do Poeta, que por haver nascido em um seculo de inteira corrupção de gosto, mal-logrou nestes saltos de volantim, nestes equilibrios, e forçam de volteador, a rebusten herculea de que a natureza o havia dotado.

O character dos Madrigaes accomoda-se mais com os conceitos, trocadilhos, e agudezas de engenho, pelo menos é isto o que em maior, ou menor grau se depara em todos, que nos deixaram os Authores de differentes epochas, que se tem dado a este genero, pouco importante, mas por essa razão mesmo estavam elles mais em harmonia com o estylo habitual de Frey Jeronymo Vahia. Escolheremos para exemplo alguns dos melhores,

que Mathias da Silva nos conservou na sua *Phoenix Renascida*.

Ao Protomartyr Santo Estevão, esculpido em uma Pedra.

MADRIGAL.

Mais do que as mãos, o peito
De pedras teve armado,
E não menos indigno, que indignado
Povo, já reprovado, hum tempo eleito;
Que vos deu n'huma, e n'outra pedra dura,
Protomartyr ságrado,
Primeiro do que morte sepultura:
Mas se então mal ferido,
Hoje bem esculpido,
Se encontram vossas pedras de tal sorte,
Que vos dam vida, si vos deram morte.

A idéa é engenhosa, ainda que enunciada com bastante affectação, mas que não desdiz do genero; e o verso, que designa os Judeus

Povo, já reprovado, hum tempo eleito;
é de uma precisão admiravel, e abrange toda a Historia de Israel.

MADRIGAL.

Penando ausente, e presente
Si a vossos olhos chego,
Si delles me desviu,
Na dura ausencia, e no suave empegno,
Hum incendio padeço, e choro hum Rio;
E sempre em tal pesar, em prazer tanto
Se turba a vista em hir, se turba em pranto;
Ai! como teño, que me façam cégo
De vér no gosto, e de não vér na magua
Vossos olhos com fogo, os meus com agua.

Mandando certa Dama ao Poeta o seu retrato, feito de cêra, e tão semelhante como de ordinario sam os retratos, e bustos feitos d'aquella materia flexivel, elle lhe enviou em paga o seguinte Madrigal, cuja copia collocou por cima do retrato.

MADRIGAL.

Purpureas Rosas, e Jasmins nevados,

Abelhas engenhosas.

Colhestes, escolhestes,

Ou nos Elysios prados,

Ou nos Jardins celestes,

Por fazer esta Cêra, que me inflamma,

Cêra na essencia, nos effeitos chamma:

Mas hoje que he Retrato mais que vivo,

A branda Cêra do *meu Bronze* esquivo,

Da minha Marcia fera

Vos pôde dar o mesmo que lhes destes,

Vindo pois a colher na bella Cêra

Abelhas Amorasas,

Jasmins nevados, e purpureas Rosas.

Muitas das Decimas de Vahia sam verdadeiros Epigrammas, cheios de pico, e de sal. Tal é este, endereçado contra D. João d'Austria, que com jactancia verdadeiramente hespanhola, havia dito em público, que no dia de S. João havia comer os figos lampos em Lisboa, e que nas vesporas desse dia perdeu a batalha de Canal.

EPIGRAMMA.

Meu Principe, desta vez

A Lóa deitou ufano,

Mas, si rasgou Castelhana,

Não cortou bem Portuguez:

A Comedia, em que lhe pez,

Não foi bem representada,

Pois se perdeu na Estrada

Vossa Alteza de maneira,

Que pôr Jornada primeira,

Fez a ultima Jornada.

Mas si por erro intentou
 Fazer entre nós Comedias,
 Se emende, que só Tragedias
 Comsigo representou :
 E se a Festa destinou
 Ao dia de São João,
 Logrou sua devoção,
 Se bem com diverso intento,
 Pois huscando o Nascimento,
 Achou a Degolação.

Tambem acho muito engraçado o seguinte, feito a um
 beato, de alcunha o Cardeal, que morreu estando a comer.

EPIGRAMMA.

Pouco Santo mostrou ser
 Este, que a Terra consome,
 Os Santos morrem de fome,
 Este, morreu por comer :
 Veio o Cardeal a morrer,
 Que ninguem da morte escapa,
 E por baixo de sob-capa,
 Dizem, não com pouco espanto,
 Si não morreu como Santo,
 Que teve morte de Papa.

Juntarei a estes outro de estylo differente, pois tem
 por objecto o nascimento de Jesus Christo.

EPIGRAMMA.

Não choreis bello Menino,
 Si d'amante vos presais,
 Por que amor que chora mais
 He sempre amor menos fino :
 Limpai o rosto divino,
 A quem a minha alma adora,
 Que se vossa Mãi vos chora,
 Meu Deos, com tantos rigores,
 He por que ao nascer das flôres
 Costuma chorar a Aurora. 1692.

Os pensamentos sam graciosos, e brilhantes; mas es-
tará este estylo em harmonia com o assumpto?

Já acima demos idéa dos Romances jocosorios de Va-
hia; agora transcreveremos um de assumpto serio, para
que o Leitor possa notar o modo porque o Poeta Conim-
bricense os desempenha.

ROMANCE.

A Rosa.

Como tens tão pouca vida?
Quem tão depreça te mata?
Flôr do mais illustre sangue,
Que deu de Venus a planta.

Huma Aurota só que vives,
Flôres te chamam Monarcha,
Na mesma terra do Imperio
Que foi berço, tens a campa.

Lastima da tarde chamam
A ti, doce mimo da Alva,
Gentil pérola nascida
Entre conchas de esmeralda.

Agua nos vôos florentes
Estendes ao Sol as azas,
Mas quando os raios lhe logras
Phenix em raios te abrazas.

Em quanto em verde clausura
Te fecha o Botão as galas,
Para os logros, que desejas,
Te dam vida as esperanças.

Mas quando a purpura bella
Te serve já de mortalha,
Sentido o Sol chora raios,
Buscando a morte nas aguas.

De formosura tão rica
 Não sei quem foi o Pirata
 Tão atrevido, que rouba
 A joya da Madrugada.

Para os Poetas da Escola Hespanhola, pelo menos neste seculo, a Ode é a Canção, mas a Canção é um Poema Romantico, que com seus estirados Ramos mal pôde ageitar-se ao canto extemporaneo, como a Ode, e por sua marcha compassada, e o tom geral do seu estylo tem mais pontos de semilhança com a Elegia, que com a Ode, como a conceberam os antigos, e tal semilhança com a Elegia a faz sahir da esphera da poesia lyrica; pois nem Minermo, nem Callimacho foram contados pelos Gregos como Poetas Lyricos, nem os Romanos consideraram como taes Catullo, Ovidio, Tibullo, e Propercio, posto que algumas das suas Elegias tomaram um estylo mais elevado, e tractem assumptos alegres, ou grandiosos.

Mas nestes tempos de gosto corrompido, em que as cousas, e as idéas facilmente se confundiam, os Escriptores de Sonetos, de Romances, de Sextinas, e Redondilhas, e com muito mais razão os de Canções, eram sem escrupulo appellidados Poetas Lyricos, ainda que nas producções do seu espirito não houvesse nada commum com o estro de Pindaro, e de Horacio.

Neste sentido, geralmente abraçado, em quanto a Arcadia não fez conhecer o que era Ode, e o que era poesia lyrica, tambem Frey Jeronymo Vahia pôde ser considerado Lyrico: nas suas Canções ha muita elevação, muitos rasgos brilhantes, e muitos versos, que por sua sonoridade, e energia se destacam dos outros, e vem ferir agradavelmente o ouvido, e a imaginação, e gravar-se sem custo na memoria do Leitor, mas o estylo é sempre o de Canção, e sempre gongoristico, e affectado.

Transcreveremos, para mostrar o modo com que elle costuma sempre proceder nestes Poemas, ou Canção a Frey Antonio da Conceição, Religioso da Ordem da Santissima Trindade, que falleceu em opinião de Santo.

CANÇÃO.

Vós, Flór de Portugal, antes Coroa,
 Que da maior, que da menor Trindade,
 E sois no Ceo mimo, e pompa no Universo,
 Igual em nome, em Patria, em Santidade
 A Luz de Padua, á gloria de Lisboa,
 Que em huma tem sepulchro, em outra berço,
 Si quereia que meu verso
 Suspenda por facundo,
 Como Esphas no Ceo, Feras no Mundo,
 Desengastar do Polo exclarecido
 O Plectro, que guardam luzes bellas,
 Para vosso louvor, pois he devido
 A louvores do Sol plectro de Estrellas,
 E mostro em minha mão com doce enleio,
 Que não morreu, ou que renasce Orpheo
 Do Ceo, não do Libetro
 Baixe furia elegante ao casto metro,
 Pois tem para dictar versos canoros,
 Se hum nove Musas, outro nove choros.

D'onde ao mar furibundo o Tejo ascete
 Pede soccorro, em vez de dar tributo,
 Por fazer digno Espelho em crystal feio
 A Cidade feliz do Grego astuto,
 Roma de Portugal, que tanto oheito
 Pedja um Mar, e despresava hum Rio,
 Abristes ao Rocio
 Da vossa alva serena
 O mimoso Botão, pura Acucena,
 Crescestes, mais temendo ser ferida
 D'Aspide, entre boninas occultado,
 Vos transplantaes no verde Abril da vida
 Ao seguro Jardim, horto fechado,
 Que, unido fertil Terra, e Ceo benigno
 He na fragancia hum só, em nome Triunfo
 Onde perpetuamente
 Manchado nunca, sempre florescente,

Vos cecum, Virgem Flor, com brandos giros
Auras de pranto, e aguas de suspiros.

Em guerra doutra, sendo a penda lanca,
O pendão de Aristoteles seguistes;
Com applauso geral, com alta gloria
Primeiro convencestes, que arguistes;
Mas quem vencido foi tambem alcanca
Em ser vosso trophéo sua victoria;
Felice na memoria,
Incançado no estudo,

Em tudo universal, unico em tudo,
Ostentaste tal arte, engenho tanto,
Em toda a occasião, em toda a parte,
Que podem brilhar com raro espanto,
Sem arte o engenho, e sem engenho a Arte;
Aos Livros as virtudes videstastes,
Huns aprendestes, outros ensinastes,
E posta em competencia

Vossa sciencia, e vossa consciencia,
Tivestes Superior, mas igualmente
Tanta de douto, quanto de innocente.

Sábio, a cadeira, o pulpito elegante,
Vos esperava já, já vos pedia;
Novo Thomaz, Chaisesthano segundo,
Mas vos dado a Rachel, negado a Lia,
Desta desprezador, daquella amante,
Deixaes tanto a Sciencia quanto o Mundo;
Aspero, mas jucundo,

Ermo vos persuade,
Que Cidade fogaes a Solidade;
Mudo ali, bem que a Deus mais eloquente,
Ali só, mas do Ceo acompanhado,
Tão parco vos mostrais, tão abstinente,
Que a fonte vos dá cope, e prato e prado;
Antes, que assim vossa abstinencia excede,
Vos dá prato o jejum, e fonte a sedação
Com disciplina eterna.

Argos novo ficais, fama moderna,

Que verteis alma terna; e corpo exangue,
 Agua por dous, e por cem, olhos sangue.

O fallar foi silencio, o viver morte,
 Tremenda Cova, regido aposento,
 A Terra cama, e a vigilia somno,
 Mas possuís tal gloria em tal tormento,
 Que Summo Rei, a quem na Eiberea Corthê
 O Sol dá Solio, os Thrans, fazem Throao,
 Para sublime abono.

De seu amor divino, chupes
 Por Grande vos fazer, se fez Menino,
 E com rara affeição, com lédo vulto,
 Os braços seus, a vosso collo entrega
 De branca nuvem, onde o Sol oculto
 Mercês concede, e resplendores nega,
 Oh! mimo singular, amor profundo,
 Segundo sois Antonio, e sem segundo.

Ceda o primeiro Santo
 A tanto beneficio, a favor tanto,
 Pois dá, trocando as mãos, trocando os laços,
 Só braços elle, a Deos, Deos a vós braços.

Os Cidadãos do Céu, Anjos do Mundo,
 Assistem no mysterio sacrosanto,
 Mas suspendida a voz, e mudo o choro,
 Que como vês chorais; cessa o seu canto,
 Por que fóra mais grato, mais jocundo,
 Que não o choro seu o vosso choro.

Corre com tal decoro
 De perolas em fio,
 Que o mar não amargoso, o mar não frio,
 Que mui mais incêndido, que banhado,
 De diversas Cazulas, varias flôres
 Despem; de tanto pranto namoradas,
 Por vestir suas côres, suas côres,
 Ou foi que resultando luzes bellas
 Da alma no corpo, e do corpo nellas,
 Nevadas se fizeram,
 Para glorias vos dar, que a Christo deram.

Tendes no Templo as, que no monte leve,
Vós de neve trajais, Christo de neve.

Seguindo o Crucifixo, a Cruz tomastes,
Dando ao Ceo glorias, e ao Inferno assombros,
Com valor tão fatal, tão nunca visto,
Que posta a dura Cruz aos brandos hombros,
Vos imiton o mesmo que imitastes,
E se a Christo seguís, vos segue Christo;

Sois do Ceo tão benquisto,

Que se faz seu Cupido

Vosso sequaz, sendo de vós seguido

Muitos annos assim vos accompanha,

Vosso amor, vosso amado, e vosso amante,

Tomando o Sacro Lenho, oh cousa estranha,

Se passivel por nós, por vós triumphante;

Mais que o Mundo vos ama (e bem o fundo)

Pois mais concede a vós, menos ao Mundo:

Traz o Lenho precioso

Pelo Mundo mortal, por vós glorioso,

Por hum na dôr, por outro na alegria,

Muitos annos por vós, por elle hum dia.

De prophético Espirito dotado,

Ser patente fazeis o que hera escuro,

E fazeis o futuro ser presente,

A vós presente foi sendo futuro

O dia, que vos tinha destinado

Na Terra Ocoaso, si nos Ceos Oriente;

E quando Alla luzente

Quer abrir ao Sol louro

A porta de Zaphir com chave de ouro,

Depois que com virtudes excedestes

Os numerosos annos, que contastes,

Com vosso corpo a Terra florescestes,

E com vossa alma o Polo illuminastes,

Adquirindo nas prendas peregrinas

Hum mais Estrellas, e outro mais boninas;

E por abono grave

De que sois clara luz, e dôr suave,

Quando vossa alma, e vosso Corpo encerra
O Céo resplandeceu, cheirou a Terra.

Musa, não mais! que em mar tão dilatado
He meu debil ingenho concha breve,
Valente penna de Escriptor Sagrado,
Grave em sentenças, como em vóos leve,
Tal mente, vida tal, tal Santidade
Ao tempo furto, entregue á Eternidade,
Tracto Antonio, Antonio,
De Livio pasmo, e medo de Sactónio,
Ambos jacte Lisboa, admire o Mundo,
Este por Santo, aquelle por facundo.

Qualquer Leitor, mediocrementemente instruído poderá apontar sem grande trabalho os Hyperboles, conceitos nimiamente esquadrihados, e expressões affectadas, que mancham esta Canção aos olhos do gosto moderno, mas a justiça péde, que ao mesmo tempo elle não deixe no escuro as bellezas verdadeiramente poeticas, e ás vezes lyricas, que nella se encontram; tome-se tambem em conta o assumpto, de sua natureza pouco inspirador, que póde servir ao Poeta de não pequena desculpa. Dirão talvez, que nesse caso não deveria tracta-lo. Não ha dúvida que seria melhor; de cada cem Poemas ruins que apparecem, uma boa terça parte deve a sua imperfeição á esterilidade, e ingratição dos assumptos; mas só os que nunca fizeram versos, é que podem ignorar, que o Poeta trabalha muitas vezes sobre themas de escolha alheia, e que elle nunca escolheria de moto proprio; mas há mil circumstancias que obrigan a isso, sem que seja possível recusar sem graves inconvenientes, e nesses casos o Poeta é como o dançarino de corda, que por mais que se eleve nunca sahe da perpendicular da corda detezada, onde vem cair, nem póde largar das mãos a maromba, ou as bandeiras, com que se equilibra; o que acontece ao Poeta, succede tambem ao Musico, e ao Pintor, sendo um muitas vezes obrigado a pintar um frade, quando o genio o chamava a pintar Jupiter Olympio, e outro a notar versos ridiculos, e insultos, que he prendem os vóos, em lugar de Operas de Metastasio, ou de Callabi-

gi, que podiam inspirar-lhe os mais sublimes pensamentos.

Juntamos a esta Canção alguns Ramos da outra, demasiado longa, que elle compoz em uma manhã, para celebrar a celebre victoria do Canal, tão funesta para os Castelhanes;

CANÇÃO HEROICA

Augusto Rei do mais valente Imperio,
 Em si breve, em conquistas dilatado,
 Por quanto argenta o mar, doura Pyróo
 Da Tumba occidental ao Berço Eóo,
 Vós, Senhor, que temido, Vós que amado,
 Honra do Luso sóis, e horror do Hisperio,
 Hoje, que produz gloria, e vituperio,
 Vituperio á Castella, a Lysia gloria,
 Da guerra o campo, e o Louro da Victoria,
 Prestai a tudo vós fronte serena,
 Que se anima meu peotro vossa fronte,
 Farei que xussa espada, e minha peoa
 De Marte aos Campos, e de Apollo ao monte
 Assombra com valor, pasme com arte,
 Muito mais que a de Apollo, e que a de Marte
 Deixaram hoje, Principe eminente,
 Vosso alto esforço, e minha sede ardente
 Regatado o Parnaso, Iberia exangue,
 Hum sem mais agua, outro sem mais sangue,
 Em si breve, em conquistas dilatado,
 Por quanto argenta o mar, doura Pyróo
 Da Tumba Occidental ao Berço Eóo.

Estes versos pintam bem Portugal, que occupando uma porção mui limitada na Peninsula Hespanhola, era, em virtude de suas conquistas, e descobrimentos, um dos mais dilatados reinos pelos seus senhorios na Costa d'África; na Asia, na America, e pela posse de muitas, e importantes Ilhas em todos os mares; estas circumstancias todas exprimem esses versos, com uma pompa de expressão, e uma energia digna de um grande Poeta. El-

les tem sido muitas vezes citados com louvor, todos os que sam dados á leitura de poesias os sabem de cor, e versos que andam na memoria de todos, não podem ser ruins, nem mediocrementemente bons.

O Castelhanao Antheo, que vezes tantas
 Cahido á Terra, ao Vulto levantado,
 Com alterna fortuna, e varía sorte,
 A vida dilatou, fugio á morte,
 Jaz para sempre, Alcides esforçado,
 Soberbamente humilde a vossas plantas,
 Cortais de hum golpe só muitas gargantas,
 A' Hydra Hespana, que partida em peças
 Abate a vossos pés suas cabeças;
 Antes, sem golpe algum do braço invicto,
 Só do tremendo nome a grande fama
 Ganhou o mór tropheo no mór conflicto,
 Que chora o Hespanhol, e o Luso aclama:
 Ouviram que hieis vós, Monarcha Augusto,
 E logo a rumor tanto o mais robusto,
 Quanto brio perdeu achou desmaio,
 O trovão os matou antes que o raio,
 Mostrando assim o Exército mais grosso
 Primeiro o medo seu, que o valor vosso.

O Poeta entra em materia com franqueza verdadeiramente lyrica, e a pertinacia de Castella, em invadir Portugal, sendo sempre repellida, está, si me não engano, bem symbolisada em Antheo, que tantas vezes derribado por Hercules se levantava revestido de novas forças, cummunicadas pela terra que tocava, e nas cabeças da Hydra Leonea, que rebrotavam em maior número, depois de esmagadas pela clava de Alcides.

Soberbamente humilde a vossas plantas,
 Cortais de hum golpe só muitas gargantas,
 Sam dous versos excellentes, que contêm em si grandes imagens lyricas, mas contêm igualmente um hyperbole, que não pôde sustentar-se á luz da verdade. A batalha do Canal foi, é certo, uma grande perda para a

Hespanha, uma grande calamidade se quizerem; mas não para a deixar por uma vez abatida, como o Poeta parece suppor em seu enthusiasmo laudatorio; e a prova é, que ella continuou a fazer-nos guerra, sem embargo daquelles, e de outros desastres.

Quanto brio perdeu, achou desmaio,

é um verso elegante, harmonioso, e que explica bem a idéa do Author, passemos ao terceiro Ramo.

Mais no lugar, que no valor fiado
 Occupava o Contrario, hãa mente altivo,
 Que, levantando aos Ceos a excelsa fronte
 Acaba nuyem, começando monte,
 Nella do Infantes número excessivo,
 Como bom defendido, hãa formado,
 Tão sublime se vê, tão remontado,
 Que parece destina fazer guerra
 Mais a Jeyre ao Ceo, que a nós na Terra;
 Mas, pôs, subindo ao Ceo, por duas vezes,
 Huns com passos, outros com façanhas,
 Malhas rompendo, espedaçando arneses,
 Transformam nos os montes em campanhas,
 Este acomette, aquelle lhe resiste,
 Humifero, outro se oppõe, ninguem desiste;
 Excede o Luso em brio, em lugar cede,
 Cede o Ibero em valor, e em posto excede;
 Ambos iguaes estão, que deste modo
 Quem desigual-a a parte, igual-a o todo.
 Por esta, est'outra, aquella, e toda a parte,
 Corta o ferro, arde o fogo, o sangue corre,
 Tudo se oppõe, bem que se junte tudo,
 Lança a lança, elmo a elmo, escudo a escudo;
 Quem vence, ou cede, quem respira, ou morre,
 Não distingue a Fortuna, ignora Marte;
 Só depois que este fica, aquelle parte
 Do Mando, ou campo, morto, ou fugitivo,
 Se sabe o vencedor, se alcança o vivo.
 Entre nuvens de pó, trovões de bronze,

De bronze entre trovões, raios de Guerra,
 Nas quatro partes; nas espheras onzas;
 Fazem tremôr o Ceo, e abri'r a Terra,
 Acham nos golpes feros, e ais sentidos
 Horror aos olhos, lastima aos ouvidos,
 E chéa de furor, e de pó chéa,
 Féa sim, mas galhardamente féa,
 Enche a nossa Nação, e a Gente estranha
 De sangue as armas, de armas a campanha

E não seria grande damno para a poesia portugueza, que um homem que possuia esta força, e esta abundancia, nascesse em um século de gosto tão corrompido! Igual mistura de grandes belezas, e grandes defeitos de estylo se encontram em todos os outros Ratos, ou Estrophes desta Canção, que não transcrevo em razão de sua extensão demasiada para um Poema deste genero.

A poesia lyrica é a manifestação de uma torção de idéas, e sentimentos extraordinarios, que agitam a nossa imaginação por causa de um objecto assombroso, ou de um affecto violento, que opera sobre o Poeta, que transportado por uma especie de delirio ou inspiração, toma a lyra, passá rapidamente os dedos sobre suas cordas, e rompe em cantos sublimes, e rapidos, porque um tal estado de excitação não pôde ser duravel, e por isso que os grandes lyricos como Pindaro, Horacio, Rousseau, Chiabrera, e Francisco Manoel deram pouca extensão ás suas Odes, prescindindo de idéas intermediarias, a fim de parecerem as suas Obras extemporaneas, e não meditadas. O mesmo caracter observamos nos Psalmos, e outras composições lyricas da Biblia, ou dos Livros poeticos-sagrados dos Chinas: mas esta regra parece que poucas vezes tem sido observada pelos Autores de Canções, pois ao contrario parece que caprichavam de esgotar bellas todos os recursos do assumpto, multiplicando os seus Ramos, quasi sempre, de grande numero de versos.

Esta diffusão era de esperar nas Canções de Frey Jeronymo Vahia, não só por que esse era a moda, mas por que a sua grande affluencia de idéas, e nimia facilidade de compôr, e versificar o levavam naturalmente a is-

se; em todas as composições, de qualquer genero que fossem, e nãta: e prova tanto como o seu Lampadario de Crystal.

Havendo a Duqueza de Saboia presenteado a Rainha de Portugal, sua irmã, com um lustre de crystal, admiravel por sua grandeza nunca vista em taes obras neste Reino; e pela belleza de sua fórma; este objecto fez gntau- de rumor na Corte; e na Cidade; nã se fallava em qua- tr: cousa; até por que naquell: tempo havia pouco em que fallar; todos diligenciavam vê-lo; e todos, logo el visto, ficavam transportados de admiração; e vinham as- sembrar todos os que não o haviam visto; com as descrip- ções pomposas, talvez exaggeradas, que delle faziam; e nã houve Festa; que não pagasse o seu tributo de versos ao lustre, que tamanho assombro causava. Na- Valha, que a ninguém cedia o passo nestas cousas, e que via nãta occasião oportuna para fazer cousa de gran- de satisfação para a Rainha; e assumpto para alardear, e empenhar todas as forças do seu astro; escreveu, com o título de *Lampadario*, um Poema, que intitulo *Idyllo*, pto: que pelo estylo dá mais ares de Canção.

Este Poema, que foi recebido do público com os cost- tumados applausos, occupa cincoenta paginas da *Phân- tasmagoria*. Para levantar este colosso metrico sobre tão pequena base, amontou elle conceitos sobre conceitos; hyperboles sobre hyperboles; digressões sobre digressões; trocadilhos sobre trocadilhos, e quantas imagens pode: fornecer-lhe a sua fecundissima imaginação! Nunca a estatua equestre de Domiciano effiou tanto a Musa lisoni- geita dos Poetas Romanos, e se é para admirar que Va- lha pudesse ter a paciencia de amontoar ali tantas cou- ras, boas, ou más; mais é para admirar a paciencia dos que levaram tal leitura ao fim. Não oso transcrever nada deste *Idyllo Gigante*, por que não é susceptivel de extracto.

O celebre Poeta Hespanhol D. Luiz de Gongora, cele- bre pelo talento de que a natureza o dotou, e mais ce- lebre por ter sido o Pai, e Apostolo da Seita dos Cultes, aquem pertenceram quasi todos os nossos Seicentistas, que o reconheceram por mestre, e modelo, a quem ex- cederam, se não nas bellezas, ao menos nas estravagan- cias, compoz um pequeno Poema, em que cantava os

empres do Gigante Polyphemo, com a Nereida Galathea, e a morte de Ascis-amante, e amado daquella Nymphe, occasionada pelo ciume, e furores do seu monstruoso, e desfavorecido rival.

A escolha não podia ser mais infeliz, por que além da pouca sympathia que encontram entre os modestos os Poemas fundados sobre a mythologia, as terruras, e requiebrós amourosos na bocca de um monstro, horrando, feroz, monstruoso, e disforme como nos representam a Polyphemo, especie de urso com figura humana, se hey mana pôde dizer-se a figura de Polyphemo, não podem deixar de parecer ridiculos, e os seus furores ciosos impium, aversão, ódio, e não sympathia; mas o Poema era de Gongora, e não o Oraculo, e o Meate, e Gongora nunca se mostra tão-gongorista como então; derramando, e não prodriga; naquella fabula absurda, e esdrúxula mais abstrusos, e rebuscados, as metaphoras mais ridiculas, os hyperboles mais desatinados, e todos esdrúxulos, e de novo, estilo inventado por elle. E que mais era preciso para o Poema ser levado ás nuvens; pelos seus discipulos-entusiastas, e elle proclamado por um Poeta superior a Homero, Virgilio, e a todos os Poetas de antiga Grecia, e da antiga Roma.

O outro inconveniente teve o Polyphemo de Gongora, que foi passar a maior infirmitade de Polyphemos na Italia; na Hespanha, e sobre tudo em Portugal, todos escriptos, e de mal gosto, e peiores que o Polyphemo original; como sempre acontece em todas as copias, ou imitações; e terminamos ainda mais Polyphemos se já crinho: Freyre de Andrade os não tivesse metido a ridiculo em barto: Polyphemos de diferente gosto, pois se reduz a uma parodia; em que criticosamente censura os disparates de todos, os qua haviam apparecido.

Adidos estes Polyphemos, em qualquer lingua, e por quem quer o Author que sejam escriptos, apresentam um ar de focandia mais prounciado, pois a cada passo imitam, copiam, exaggeram, as idéas, conceitos, e expressões cecias que Gongora atavia o seu. Por exemplo diz Gongora

Mereme, y lusia es un Sol en mi frente
Quando en el Cielo un ojo se veva,

Neutra el ergba dudar: a qual se phese,

Al Cielo humano, e al Cyclope celeste:

E Thomas Stigliani aproveitando a mesma idéa: exprime-a desta maneira:

*Chi più è bello del Sol di cuiqi anole il sangue A
Ogni bellezza derivar fra noi? ...
E pur ha un occhio in testa, io dico il sole
Com'asimira: dá Mari ai lidi Baita ...
Egli nel mar, io nel mio scoglio itessa,
Egli gran Polifemo, io piccolo Cielo.*

Eis aqui: que se chama: um cargo melhorado para o anno! Polyphemo é para Góngora: um *Ceo humano*, e o Ceo *Cyclope celeste*; e para Stigliani: o Ceo é um *Polyphemo grande*, e Polyphemo, um *Ceo pequeno*; mas para se estabelecer esta methaphora, que relação, que semelhança ha: entre Polyphemo, e o Ceo? Acaso a grandeza extraordinaria? Mas essa só existe na figura humana, comparada com a dos outros homens; sem ella Polyphemo seria considerado muito pequeno; não só em relação ao Ceo, mas a qualquer outro; bui terra! (Tambem não existe essa semelhança na forma: logo toda a relação está em ambos: terem um só olho; relação que lhe fica sendo: commum com todos os outros; mas o Ceo não tem olhos; e não ha methaphora vulgar, que chama ao Sol *olho do Ceo*, donde se segue: serent: muitas as methaphoras com que os dous Poetas chamam a Polyphemo *pequeno Ceo*, e *Ceo Cyclope celeste*, e *Polyphemo grande*; por: que não tem mais fundamento que outra methaphora.

Frey Jeronymo Vahia era: um gongorista: muito decidido para deizas de imitar seu mestre, publicando um Polyphemo; assim o fez: pois, e a primeira: Oitava deste Poema pôde affontamente citar-se como um perfeito modelo de culteranismo gongorístico.

Onde Neptuno, com grilhões d'argento,
Prende o rebusto pé de Silibeo;
Que ao Ceo dá gosto, á Terra dá tormento;

Gloria de Jove, Inferno de Typhoe,
 Entre hum Campo, que tem no monte assento,
 Colosso o monte, o Campo Colisseo,
 Cerra hum Benbasco hum Caverna fria,
 D'onde a Noite não sae, nem entra o dia.

A segunda principia com quatro versos quasi posticos, porém os seguintes sam pelo mesmo gosto.

Corôa hum Bosque desta rocha a frente,
 Que parece por herrido, e sombrio.
 Não dos que cria de Scicilia o monte,
 Mas dos que banha de Acheronte o Rio:
 Mostram o absceso do aspero horizonte
 Chorando o seu indicio, ou desvario
 Com pennas d'alma, e corpo infernas Aves,
 Não leves as do corpo, as d'alma graves.
 A pintura do gigante é de um colorido sobrenatural
 ra curioso.
 Hera hum Torre o Cyclope, nascido
 Do Rei do Mar, a quem o lume claro
 De hum olho, que Argos tinha dividido,
 Fazia o parecer Torre de Pharo;
 Da canna hum Instrumento, mal ferida,
 Traz nesta mão, e n'outra hum Pinho taro,
 Porém tão facilmente move ufana
 A destra e Pinho, como a esquerda a canna.
 A grenha inculta, sobre a excelsa fronte,
 Grossa nuvem de escura Cee parece,
 Que faz sobre hum Outeiro hum horizonte
 O que nasce da barba tanto cresce,
 Que fêz largo bosque o alto monte,
 Os hombros a alta grenha lhe escurece,
 E os peitos dilatados a segunda
 Avara esconde, liberal, e immunda.

Não produzio Tritaetia nas montanhadas,
 Javalis bravos, nem Leões rampentes,

Que da marla, com rigidas facanhas,
 Hum fuja ás unhas, outro escape aos deytas;
 Huns já sam pasto das crueis entranhas,
 Outros os membros vestem eminentes,
 Com quem parece o Cyclope arrogante
 Dos Gigantes Leão, dos Leões Gigante.

Largo Pomar, mas breve çurrão hera
 Do Pastor é çurrão, com que se ampara
 Ruivo o madretinho, desmaiada a pera,
 Mel para o gosto, para a vianda cêra;
 A prodiga Rosiã, e a fructa avara
 Da Castanho, huma fêa, outra formosa,
 Huma que espiabos he, outra he de rosa.

Hera mouro o çurrão da Nez ardente,
 E da fria Balala cova escusa,
 Que enterrada, e nascida juntamente
 Tem morte em berço, vida em sepultura;
 Nem falta o fructo, que á Saturnia Gente
 De Jove a Arvore deu na idade pura,
 Tempo, que, não havendo algum thesouro,
 Foi de ouro tempo, sem ser tempo de ouro.

O Instrumento de çanna, e cêra unido,
 Move do Mundo o fundamento immoto,
 E atrôa o Ceo, formáudo seu ruido
 Nos Ceos, trovão, no Mundo terremoto:
 Quer responder o Mundo ao som temido
 Por boccas de cavernas, que o tem roto,
 Porém acho não tem para esse intento
 Voz, sendo voz, alento, sendo alento.

Não pôde negar-se que este trecho é superbamente
 metrificado, e mesmo que alguns versos se façam nota-
 veis por sua força; mas quanto não haveria que dizer
 sobre a sua composição! Não é bem donosa a idéa de
 um pequeno çurrão, que é um vasto pomar, e um muro?
 da nez, e uma cova da balala? e o instrumento de can-
 na, e de cêra, que é trovão no Ceo, e terremoto no Mun-
 do, que o seu som faz aballar em seu fundamento, e o

Mundo que quer responder-lhe pelas bocas das tubernas,
e em que o Poeta não achia para isso

Voz, sendo voz, e alento sendo alento?

póde ir mais longe a extravagancia destes dous versos?

Que enterrada, e nascida juntamente,
Tem morte em berço, e vida em sepultura,

podia, sem grande indulgencia, passar por engeñoso, por que com effeito a batata nasce enterrada, e ali vive, e se cria, mas será exacto o primeiro hemistichio do segundo? Como póde sustentar-se que a batata tem morte no berço, isto é, no ceio da terra onde nasce, e se cria? Que peccado, que entre tantos desconchavos se encontrem rasgos como estes:

Esta pois gruta, de terror cercada,
Que parece a rompê Plutão na Serra,
Quando levou a Esposa mal roubada
Para a sombra do Inferno ao Sol da terra:

.....
Hera huma Torre o Cyclope nascido
Do Rei do mar!

.....
A grenha inculta, sobre a excelsa fronte,
Grossa nuvem de escuro Ceo parece,

.....
A prodiga Romã, e a fructa avara
Do Castanho, huma fea; outra formosa;
Huma que espinhos he, outra he de Rosa.

Vahia paraphraseou, como todos os polyphemistas, as idéas de Gongora; para comprovar esta observação, que acima fizemos, comparemos a pintura que o Poeta Cordovez faz do gigante, e então o Leitor poderá afuzar entre o quadro, e a copia, entre o imitador, e o imitado, e conhecer qual delles deitou a barba mais longe em destemperança de imaginação, e em estylo hyperbólico.

Un monte era de miembros eminente
 Este, que de Neptuno hijo fiero,
 De un ojo ilustra el orbe de su frente,
 Emulo quasi del maior lucero,
 Cyclope a quien el pino mas valiente
 Baston le obedecia tan ligero,
 Y al grave peso junco tan delgado
 Que un dia hera baston, y otro cayado.

Negro el cabello, imitador undoso
 De las obscuras agoas del Letheo,
 Al Viento, que le puña preceloso
 Burla sin orden, pende sin asseo,
 Un torrente es su barba, impetuoso;
 Que, adusto hijo deste Pyreneo,
 Su pecho intunda ó tarde, o invano
 Surcada aun de los dedos de su mano.

No la Trinacria con sus montañas, fiera
 Armó de crueldad, calzó de viento,
 Que redima feroz, salvé ligera
 Su piel manchada de colores ciento,
 Pelico es ya la que en los bosques era
 Mortal horror al que com passo lento
 Los Bueys a sua albergue reduzia
 Pesando la dudosa loz del Dia.

Cercado es quanto mas capaz, mas Heno
 De frutas el çurron quasi abortado,
 Que el tardo Otoño dexa al blando seno,
 De la piedosa hierva encomendado
 La Serva a quien le da rugas el heno,
 La pera, de quien fue cuna dorada
 La rubia paja, y, pala da tutora,
 La niega avara, y liberal la dora.

Errizo es el çurron de la Casteña
 Y entre el membrillo o verde, o datylado,
 De la manzana hypocrita, que engaña
 A lo pallido nó, al arrehelado,
 Y dela Encina, honor de la Montaña

Que papellon al siglo fué dorado
 El tributó alimento aunque grossero
 Del mejor Mundo, y del candor primero.

Cera, y cañamo unió, que no debiera,
 Cien cañas, cuyo barbaro ruido
 De mas echos que unió cañamo y cera
 Albognes duramente es repetido;
 La selva se confunde, el mar se altera,
 Rompe Triton su caracol torcido,
 Surdo huye el baxel a vella, y remó,
 Tal lo Murion es de Polyphemo.

Desta confrontação deduz-se, si me não engano, que as idéas do mestre, e do discipulo sam quasi as mesmas, e que será mui difficil decidir qual delles andou peior; posto que me pareça que alguns rasgos de Vahia requintam ás vezes sobre as extravagancias do seu modelo, posto que em outras partes do Poema lhe leve alguma vantagem, especialmente na amenidade, como acontece quando falla dos namorados de Galathea.

O Semicapro Deos, que em Gados tracta,
 Aristeo, que em Abelhas tem de leite,
 Rios de Ouro lhe dam, Rios de Prata,
 Que o mel ouro parece, e prata o leite,
 Porém quanto produz a terra grata
 Quer Cupido que á Nympha se sугeite,
 Inspirando aos amantes, que não erra,
 Quem dá por bens do Ceo os bens da Terra.

Todos adoram, cada qual tributa
 Pensão gostosa, e voluntario juro,
 Este flôres offerta, aquelle fructa,
 Qual puro leite, com amor mais puro,
 E qual em breve fayo ambrosia mta,
 Que foi alma suave em corpo duro,
 Dando a hum tempo a esta formosa Fera
 Mimos de mel, e coração de Cera.

Arde o mar, arde a Terra, e em vão caçados
 Sam Icaros do Sol os Pegureiros,
 Que tem de Galathea mil cuidados,
 Tendo descuidos mil dos seus Cordeiros,
 Fazendo guerra os Lobos contra os Gados
 Intensa paz assentam seus Rafeiros,
 E o Lavrador em vez dos bens de Ceres
 Amor semeia, e colhe malmequeres.

Finalmente neste pequeno Poema, que tanto rumor fez no seu tempo, os pensamentos engenhosos acham-se mesclados com os extravagantes, o bom com o ruim de uma maneira, que faz ter dó um talento tão grande que se perdeu por falta de gosto; e pelas erradas doutrinas em que seus mestres o embuiram. Algumas Estanças da Canção de Polyphemo farão conhecer isto com mais evidencia.

.....
 Oh gentil Galathea, mais suave,
 E branca mais que as Pombas de Cupido,
 Mais formosa que o Passaro, que grave,
 Ouro a Corôa, purpura o vestido,
 He das Aves o Sol, e do Sol Ave;
 Não menos grata que o Jardim florido,
 Mais doce quando a calma, e frio assombra,
 Que o Sol no Inverno, que no Estio a sombra.

O Poeta parece ter tido uma predilecção mui viva por este trocadilho *d'Ave do Sol*, e *Sol das Aves*, porque o repete em diversas composições, e até no Poema Latino de Santa Isabel encaixou como

Sol Avium, vel Solis Avis.

Deixa as grutas, tece o cabello louro
 D'ouro, ou Zaphir da undosa Monarchia,
 Que sobre o seu azul fará teu ouro
 Parar a Noite, e proseguir o Dia:
 A teu pé deve o nacar o thesouro,
 Que com liquida neve o orvalho cria,

Pois teu cabello largo, e teu pé breve,
Cifra os raios do Sol, da Aurora a neve.

Cruel Filha dos mares, cujo ouvido
A' minha voz he Aspide ao encauto,
A's aguas deste entregó o teu sentido
Deste musico triste ao doce pranto;
Que os ventos tem calado e emmudecido,
Com vozes de Falcão, e de Orpheeo canto,
Emmudecendo entre huma, e outras véas:
Dos Rios os Cisnes, e as do mar Scréas.

Pastor sou, mas por estes horisontes
Quando bebe o meu gado, quando pasce,
Furta ao mar Rios, corre a Terra montes,
E fórma outeiros, não menores fontes,
Íguaes á que por huma, e outra face
Desce a meu peito, que com novo encanto
Dentro arde em fogo, e arde fóra em pranto.

Mais do que as Flôres, e que orvalho as flôres,
Árvores tenho, aonde Abelhas crio,
Que sahem de huma, e entram de mil côres,
De Flôres cheias, ricas de rocio:
Unindo cada tronco seus licôres,
O que foi breve orvalho, he largo Rio,
Onde se muda, para môr thesouro,
O pranto d'Alva em riso, a prata em ouro.

Tendo meu Pai, a Jupiter segundo,
Não segundo em valor, segunda em forte;
Mal pôde a larga terra, o mar profundo
Dar-te Sogro maior, maior Consorte;
Não me desprezes, quando admira o Mundo,
Minha excelsa Estatura, e peito forte,
Qual outro nunca vio o Rei do Pindo,
Do Nilo ao Tanaes, e do Téjo ao Indo,
.....

Ao Sol vi hoje, e vi-me juntamente
No quieto crystal de hum lago frio,

Por signal que me foi sua corrente
 Espelho pouco, sendo largo o Rio :
 Meu olho radiante, e o Sol luzente
 Ficaram nesta vista ao desafio,
 Tão huns na luz, que fomos nesta guerra
 Elle do Ceo Gigante, eu Sol da Terra.

É outra imitação dos versos de Gongora, de que já citamos outra por Stiglieni, e talvez não ache um só Polyphemo, em que elles não fossem imitados.

Da minha gruta pende no rochedo
 O troculento vulto, a pelle asp'rosa
 Com que nos Brutos causo amor, e medo,
 A Phantasma por fêa, e por formosa
 Lastimosos signaes outro penedo
 Dos Peregrinos desgraçados goza ;
 Porém já a dar hospicio me accommodo,
 E se antes Marte fui, Amor sou todo.

.....

E á vista disto dirá alguém que este Cyclope, que o pragueiro Virgilio não duvidou denominar

Monstrum horrendum, informe, ingens cui lumen ademptum

não é um Cedadon bem terno, bem amoroso, e sobre tudo bem discreto ?

Temos algumas Satyras de Frey Jeronymo Vahia, escriptas em estylo burlesco, e verso de romance, entre ellas me parece uma das melhores a seguinte, endereçada a certas Beatas, a quem levanta resoluto o véo que cobre as hypocrisias desta casta de gente, que tanto abundava no seu tempo, e que felizmente no nosso tem hido gradualmente diminuindo; e não se cuide que escrever assim sobre tal objecto demandava pouca coragem, visto as consequencias funestas, que provieram a alguns de beliscarem na pelle daquella camalha irascivel, e então tão apadrinhada,

Beatiferas Senhoras,
Em cujas ditosas casas
Como em Adegas Mosquitos,
Andam bandos de Beatas.

Por saber que gostais dellas
Vos repetirei as traças,
Que a huma, nova no Offício,
Dava outra jubilada.

Juntaram-se n'uma Igreja,
Que Jubileo celebrava,
E depois de despejarem
Cada qual sua cabaça,

Dizia a mais velha á nova :
Bofé, Madre, pouco basta,
Para sustentar hum corpo
O principal he esta alma.

C'hum par de bollós d'Azeite,
E dous Arrates de Passas,
Hum pão molle com manteiga,
Que trouxe esta pobre manga,

Meditarei eu agora,
Até que daqui me saia
A jantar c'huma Devota. . .
Deos me acceite estas passadas!

Em quanto se fazem horas,
Pois no habito he novata,
Lhe quero ensinar as regras
Desta profissão caçada.

E perdoe, si me atrevo
Com bom zêlo a encaminha-la,
Que este habito me desculpa,
Pois sômos Irmãs em armas!

Não tenho que lhe dizer
Do répolégo da toalha,
O Habito só lhe lembro,
Que tenha a manga bem larga;

Porque succede occasião,
Que hum alqueire de castanhas
Nos quer dar qualquer Senhora
Sem Homem ter onde as traga.

Sobre virtude he limpeza,
Pois talvez hum panno falta
Para embrulhar n'huma pressa
Carne cosida, ou assada.

Chapéu não o trago sempre;
Mas porém tenha-o em casa,
Nunca se perde empresta-lo
A quem quer hir embuçado.

O bordão seja o primeiro,
Porque subindo huma escada
Já de ouvi-lo se alvorata
Quem o recadinho aguarda.

Traga contas ao pescoço,
E diga que sam tocadas,
E que com orações suas
São das penas muitas almas.

Não se lhe dê dos pantufos
Andarem cheios de lama,
Que hum coração de Devota
Em mau cheiro não repara.

As çapatas não faz nójo
Andarem acalçalhadas,
Isto de lavar os pés
He cousa desnecessaria.

O rosto unte com enxuadia
Quando se deitar na cama,
Pela manhã com cuspiho,
Porque lhe dá muita graça.

Algumas de nós profumam
A toalhinha lavada,
Que convém chegar cheirosa
A Senhoras, e Fidalgas.

Traga hum anelinho preto
Junto com huma tambaca,
As mãosinhas por mimosas
Lave com limas assadas.

Visitar Donas Viuvras
He cousa desenganada,
Porque he hir sem sobresalto
De hum marido de má laia.

As palavras lhe encômmendo,
Que sejam mui recatadas,
Dos limites de Terceira
Attente bem como falia.

Quando nomear São Bento,
Accuda c'o Patriarcha,
Já sabe que a São Francisco
O Seraphico não falta.

Dos outros com dizer Padres
Tem dito tudo o que basta,
Chame aos Capuchos Santinhos,
Os mais pela mesma traça.

Dos graves Religiosos,
E Prégadores de Fama,
Os sobrenomes ao menos
He necessario que saiba.

Advertindo que os mais graves
Sam os de maior papada,
Os que gritam com mais força,
Mas entenda-os na falla.

Celébre os Musicos logo,
E de Frey Dionysio a Harpa;
Diga que he hum Ceo na Terra
O Falsete ouvir de graça.

O Palmella dos Cardaes,
Do Orphão já se não falla,
Gabriel, o da Azambuja,
He cousa lá de outra massa.

Mas isto, aqui para nós,
He andar lá pela rama,
Não tarde muito em gaba-los,
Que com isto se enche a manga.

A's Viuvas dê Meninas,
Dê Seraphins ás Casadas,
A humas chame Rainhas,
A outras mal empregadas.

Diga, que hindo pela Igreja
Heram tantos a gaba-la,
Que se ouvia hum murmurinho
Por onde quer que passava.

Por aqui lhe vá dizendo,
Porque em mui breves palavras
Eu lhe affirmo, como amiga,
Que ha de matar muita caça.

E para render de todo
A algumas, que sam novatas,
He necessario dizer-lhe
De Eulana, e de Sicrana.

Isto faça, e faça est'outro,
E esteja mui descansada,
Que nem trinta mil Demonios
Desfarão esta meada.

Mate-a Deos com Gente nobre,
E a livre de Gente baixa,
Que cuida que o ser Senhora
Consiste em ser encerrada.

Esses pontinhos no tracto
Uson Maria Castanha,
Hoje, a Gente que he Viuva,
Quanto mais nobre mais lbana.

Não podem sempre as Sênhoras
Zombar das suas Criadas,
Querem quem lhe traga novas
Do que na Cidade passa.

Ainda hoje fallou comigo
Minha Senhora Fulana,
Na borda do seu Estrado
Assentar logo me manda.

Muitas vezes merendamos
O Chouriço, e a Salada,
Tem sempre o Armario provido
De doces, da Marmelada.

Mui bons confeitos, e bôllos,
Que os faz ricos a Criada,
Isto dito, he impossivel
Que não chame esta a sua Aya,

E diga : «Trazei á Madre
Daquillo que houver em casa.»
Aqui entra o cumprimento,
Ai! Senhora! disse tracta?

Não o dizia por tanto,
Perdoe-me a confiasça;
E vá fazendo entrementes
A medo de sacco a manga.

Diga: «Em fim já estou de posse
De hir daqui carregada,
Não faltará quem deseje
Fosse a carga de pancadas.»

Logo, com o rosto baixo,
E com cara envergonhada
Dirá: «Pague Deos a esmóla,
Bem sabe elle como andava

Desfallecida estes dias
De jejuns de pão, e agua;
A'manhã, querendo elle,
Me hei de erguer de madrugada

A ganhar o Jubileo,
Que nenhum delles me escapa;
Lá lhe prometto rezar
Hum Terço pela sua alma,

E á Madre Esp'ritual
Dizei, que tenha lembrança
De a encommendar a Deos;
Porque he Pessoa mui Santa.»

Logo, feita reverencia,
Com a Cabeça bem baixa,
A abraçará pelos pés,
Tomando logo a escada.

Estando a manga provida,
Tolo he quem mais aguarda;
Vire a cabeça dizendo:
Fique o Senhor nesta casa.

Nunca se perde fazer
Cumprimentos ás Criadas,
Deos lhe dê boa ventura,
Veja, Mana, o que me manda.

Vá para casa direita,
Meta na barriga a carga,
Tenha confiança em Deos,
Gente tola nunea falta.

No outro dia madrugue,
E se ha de Commungar, faça
Que as conhecidas a vejam,
Porque fique acreditada.

Lembre-se das cermonias,
Beije o chão, reze em voz alta,
E de quando em quando diga :
Meu Deos ! com voz entôada.

Si estiver á Prêgação
Tire da manga a cabaça,
E por debaixo do manto
Vá chupando precatada.

E quando lhe souber bem
Dê dous ais, com boa graça,
E diga : Deos te console,
Como me tens consolada.

E diga para as visinhas :
Isto só he manjar d'alma,
Estivera assim dez annos,
E nunca ficára farta.

Porém seja com recato,
Porque se fôr apanhada
Dirão, que em vez de Devota
He peor do que huma Cabra.

E si á tarde houver Completas,
Vá-se chegando com traças
Para as Senhoras Viuvas,
Não lhe faltará vianda.

Em muitas destas me achei,
E do que lhe sobejava
Trouxe huma çapata cheia,
Por não caber já na manga.

Deixe-se estar ás Completas,
Que muitas vezes se alcança
Huma amisade, que rende
Quando menos se cuidava.

E porque ás vezes succede,
Que huma tripa se desata,
De calcanhar faça rôlha,
Porque deixe sahir nada.

E se escapar hum ventinho,
Que a nossa carne he mui fraca,
Tussa logo, que com isso
O outro sóm se desfarça.

Depois de sahir da Igreja,
Si fôr hora acomodada,
Venha por casa da amiga,
Que nisto sempre se ganha.

Póde alguma estar fazendo
Bóllos, doce, ou marmelada,
E levará hum bom dia,
Si Deos lhe der sua graça.

Chegando a casa procure
Quem vá por meia canada,
E tendo alguma farinha
Tracte de fazer suas papas.

Porque enchem o vão, anórmente
 Si sam bom assucaradas,
 Com azeite, ou com manteiga,
 Que no mais não se repara.

Pela manhã hum pãozinho
 De vintem, quente que escalde,
 Com manteiga, e com assucar,
 Que para nós isto basta.

Mas beba-lhe huma gotinha,
 Porque he mesinha estremada,
 E nas manhãsinhas frias
 Isto he saia de malha.

Isto seja ao Almoço,
 Do jantar não digo nada,
 Que ha de ter em casa alheia,
 Regra, que entre nós se guarda.

Se lhe derem sobre Peixe
 As fatias albardadas,
 Cousa de que muito gosto,
 E fallar nellas regala.

Si lhe derem bom Cidvão
 Ate-o na ponta da manga,
 Que depois, lançado em vinho,
 Os espiritos levanta.

E si á tarde chover tanto,
 Que a obrigue a estar em casa,
 Passas, Figos, e Bolotas
 He cousa desenfadada.

E disto ha de estar provida,
 Tendo sempre na sua arca
 Estas cirandagens todas,
 Que he para o tempo o que basta.

Porém melhor me parece,
Por mais tormenta que faça,
Hir a fazer provimento
Deixar o que está em casa.

Antes então me parece,
Que matará muita caça,
Encarecendo a fineza
De vir assim casopada.

Não tenha medo da chuva,
Seja quanta fôr a agua,
A Beata verdadeira
Nenhum caso faz da lama.

Sáia sempre em todo o caso,
E se fôr ao romper da Alva,
He excellente remedio
Para quem anda oppilada.

Tambem, si quizer, de noite
Póde sáhir rebuçada,
Porque em nós estes passeios
Cousa he que se não estranha.

Si morar no Bairro-Alto
Vá ás Igrejas de Alfama,
Isto de andar muita Terra,
Em nós he cousa mui Santa.

Tenha a Cruz á cabeceira,
Diciplinas penduradas,
Hum livrinho de Orações,
E na parede huma estampa.

Entre nós outras não se úsa
Ter róca, nem almofada,
Bem tem Homens que fazer
Em procurar os bons d'alma.

Seja em fim a sua vida
 Levar vida bem folgada,
 Assás, que para Doentes
 Ha no Hospital huma cama.

E não a quero câncar
 Em lhe dar regras mais largas,
 Que, como creio, tem geito
 De sahir boa Beata.

Pois lhe sinto condição
 Boa, para huma Trapaça,
 Esse nariz de alambique,
 E olhos de Gata ladra,

Esses beijos chupadiços,
 E essa bocca revirada;
 Si assim vai, daqui em diante,
 Virá a ser huma Santa.

Vou-me, porque dam as dez,
 Não quizera que tardara,
 Porque estou, como lhe digo,
 Para jantar convidada.

E he juramento devido
 Ao jantar não fazer falta,
 Antes eu por elle espere,
 Que a panella requentada.

Ai, Senhora! disse a outra,
 Como fico consolada
 De ouvir tão santos coaselhos!
 Dê-lhe Deos por mim a paga.

Mas ai, que me falta muito
 De perfeição de Beata!
 Quem me dera, minha Madre,
 O saber bem imital-a!

Se assim o faz, disse quem
Esteve ouvindo as Beatas,
Seguro-lhe em breve tempo
Huma perfeição mui rara.

Mas guarda-te de subir-me
Os degraus da minha escada,
Por que se tal me fizer
Heide leva-la á escala..

E' este quadro perfeitamente tirado ao natural, só um homem que no confessorio tinha tido muitas occasiões de notar, e observar os embustes, e as velhacarias destas paracismeiras hypocritas, é que podia traçá-lo, e colori-lo com tanta verdade, e viveza. Tem de mais o merito de não ser escripto no estylo gongoristico, affectado, habitual nas composições do Author; o chiste, e a graça derivam aqui da verdade das pinturas, da firmeza das observações, e do ar de seriedade, candura, e boa fé, com que a mestra instrue a discipula das maranhãs, e alicantinas da profissão; estão aqui todos os crimes e vícios das Beatas, desde a golodice, até ao alcovitismo, e intriga: até o final tem muita jocosidade; não está aqui a jocosidade nos contrapostos, nos hyperboles, e nos jogos de palavras, em que o Author teve a desgraça de a procurar tantas vezes. Juvenal, e Boileau não desdenhariam desta Satyra, e Nicolau Tolentino reconheceria nella a sua maneira de tractar estes assumptos.

Si Frey Jeronymo Vahia tivesse sempre usado desta estylo corrente, elegante, e singelo, se para ostentar espirito, e discrição não tivesse delirado por gosto, e por bizzarria de engenho, desfigurando as bellas imagens da sua fecunda phantasia com expressões turgidas, violentamente methaphoricas, com conceitos esquisitamente esquadrihados, seria sem dúvida hoje contado entre os maiores Poetas que Portugal tem produzido, e teria ganhado mais gloria com menos trabalho, e menos contensão de espirito.

O Padre Antonio dos Reis, no seu *Enthusiasmo Poetico*, consignou nos seguintes versos o elogio de Frey Jeronymo Vahia.

*Lis fuit & Musis merita quis fronde Bahis
 Debuerit cinxisse caput; Phœbusque sequester
 Electus; demum Phœbo mandante; Thalia
 Caliope cessit, memrans tamen. mœstis facta
 Quæ cecinit Vatis plectrum, quorum edita quondam
 Pars videns diem, linea pars altera clausis
 In pluteis arrosa latent.*

CAPITULO II.

Gregorio de Mattos Guerra.

São tão poucas as poesias de Gregorio de Mattos, que existem impressas, que alguém estranharia que nesta Obra se lhe consagre um Capitulo; mas como existem manuscriptos seis grossos volumes, em quarto, que contém quasi todas, tenho boas esperanças de que algum dia appareça um Editor com a necessaria ousadia para publicar a maior parte ao menos destas produções do Rabelais Portuguez.

E que motivo razoavel pôde haver para que ellas não appareçam? Acaso a sua virolencia satyrica, e as personalidades de que estão cheias? Mas não há também personalidades nas Satyras de Horacio, nas de Juvenal, e de Persio? Não é igualmente mordaz, e virulento Boileau? Não o é Salvador Rosa? Nicolau Franco, e o Arellino? Pois se as Satyras destes homens correm impressas por todo o mundo literario, porque não hão de ter a mesma sorte as de Gregorio de Mattos? Há dous séculos que as cinzas daquelles, cujos nomes se deparam nessas Satyras se confundiram na sepultura com as cinzas do Poeta, e que descredito pôde dahi vir a pessoas obscuras, que nós não conhecemos, senão pelas invectivas que elle lhe dirigio? E quem nos diz que essas censuras não eram merecidas; sabemos que o século

em que o Poeta viveu não era um seculo de virtude: mas dirá alguem, que alguns dos homens por elle atacados eram grandes personagens, que exerciam cargos importantes no Estado: concede que isso fosse uma razão para se não publicarem logo, porque é justo que se não promova a insubordinação dos povos, ridicularisando as pessoas a quem a manutenção da ordem social exige que elles obedecam: mas isso é mais um motivo para que saíam á luz muitos annos depois, asim de darem lição proveitosa aos magnatas de hoje, mostrando-lhe o perigo a que se expõem seguindo o exemplo dos antigos. E' necessario que os Grandes da terra se capacitem de que não podem delinquir impunemente, e que se lembrem no momento de commetter uma acção criminosa, que nesse mesmo momento um Historiador, ou um Poeta está tranquillamente, sentado ao seu bafete, traçando-lhe uma corôa de infâmia: que a sua voz venera o espaço dos seculos, e apresentará aos olhos, e á execração da posteridade os crimes, os erros, as delapidações, e as tyrannias que hajam perpetrado em sua vida pública, e particular.

Mas os homens virtuosos? Se Gregorio de Mattos teve a desgraça, ou a imprudencia de atacar algumas pessoas virtuosas, ainda assim insiste, em que devem imprimir-se as suas poesias; censuras injustas não prejudicam ao homem de bem contra quem ellas se dirigem. Sócrates foi personificado em uma Comedia de Aristophanes como charlatão, corrompidor da mocidade, mestre de velhacarias, e injustiças, como homem sem religião, e inimigo dos Deoses; toda a Grecia applaudiu a Comedia, mas por isso o mundo antigo, e moderno não deixou de respeitar Sócrates como o homem mais virtuoso, que floresceu no mundo antes da Lei da Graça.

Por ventura os Romanos respeitaram menos a Caião depois do libelo, que Julio Cezar publicou contra elle? As satyras contra pessoas que á muito tempo morreram, são como os retratos, e estatuas dos homens da antiguidade, em que todos admiram a execução artistica, sem lhe impostar que representem, ou não fielmente os originaes.

Gregorio de Mattos nasceu na Cidade de São Salvador da Bahia, em 7 de Abril de 1628, de Pedro Gonçalves

ves de Mattos, natural da Villa dos Arcos de Valdevez, em Portugal, e de Maria da Guerra, de uma familia mui distincta da Bahia, recebeu o nome de João no acto de ser baptisado na Cathedral, mas este nome lhe foi mudado na chrisma no de Gregorio, a instancia do Prelado D. Pedro da Silva, que naquello acto lhe serviu de Padrinho.

Se aquelle Bispo se chamasse Gregorio, não estranharia em que elle se obstinasse em dar seu nome ao Afilhado; mas não se dando esta circumstancia, desejava eu saber que capricho o movera a instar que o nome de João fosse mudado pelo de Gregorio, um dos mais des-harmoniosos, de que usamos.

Não pôde dizer-se que Gregorio de Mattos nascera, como muitos grandes literatos, do seio da indigencia, pois consta que seus Pais eram abastados; e que além de outros predios, e rendas possniam em Patitiba um canavial, em que trabalhavam cento e trinta escravos, repartidos por dons engenhos.

Vendo seus Pais, que elle mostrava grande viveza, e penetração resolveram fazer d'elle, não um mullato lavrador de assucar, mas um Magistrado, que illustrasse a sua familia com os seus talentos, e com os cargos, que occupasse na carreira da Jurisprudencia.

Começou pois Gregorio de Mattos a frequentar, mesmo na Bahia, as aulas dos Jesuitas, havendo-se no estudo da instrucção secundaria muito a contento dos seus mestres, a quem só desgastava a sua tendencia para os versos satyricos, em que nem a elles poupava. E consta que seu Professor de Rhetorica o reprehendera muitas vezes, dizendo-lhe: "Ruim séstro tens rapaz, e se não te entendares, não te faltará que soffrer no futuro: capacita-te, de que um tolo que louva faz mais fortuna, do que um discreto que censura."

O Padre que assim lhe fallava mostrava bem que, como todos os Jesuitas, possuia o talento de conhecer o mundo: mas se o Mestre o aconselhava bem, o Discipulo não tinha o juizo necessario para se aproveitar do conselho: a vocação pôde mais que a razão; e Gregorio de Mattos passando a Coimbra a matricular-se no Curso Juridico, tão depressa se fez conhecido por suas

Satyras, que o Desembargador Belcheor da Cunha Brochado, escrevendo a um seu amigo de Lisboa, dizia a seu respeito: "Anda aqui um Estudante brasileiro, tão refinado na satyra, que com suas imagens, e seus tropos parece que batia Momo as cançonetas de Apollo."

Gregorio de Mattos foi o primeiro que introduzio na Poesia Portugueza o verso decasyllabo, que por isso foi no principio conhecido pela denominação de *verso de Gregorio de Mattos*, posto que elle não fosse verdadeiramente o seu inventor, pois havia muito tempo, que delle usavam os Italianos, de quem elle o imitou, e nisso não deixou de fazer serviço ao mechanismo da Poesia Patria.

Terminados os seus Estudos Universitarios, e condecorado com o capello Doutoral dirigiu-se o Poeta á Metropole, a praticar com os melhores Advogados da Côte, onde adquirio grandes creditos defendendo mnitas causas importantes, e difficultosas, e ganhando-as por seus arrazoados, cheios de engenho, de subtileza, e ousadia pouco commum, não se descuidando de inserir nelles algumas invectivas violentas contra as partes contrarias, sens Advogados, e algumas vezes contra os proprios Juizes.

Entrando, como sempre fôra sua tenção, na carreira da Magistratura, foi Juiz do Crime, e depois de Orphãos, com se evidencia de uma douta sentença, por elle proferida em 2 de Novembro de 1671, referida pelo celebre Pegas no Tomo VII. da Ordenação Livro I., Titulo 87, Paragrapbo 24.

Gregorio de Mattos, não obstante a mordacidade das suas poesias, foi por muito tempo bem visto na Côte, e muito aceito a El-Rei D. Pedro II., que era então Regente do Reino, por causa da prolongada prisão de D. Afonso VI., seu Irmão.

Mas o Poeta de pressa conheceu, por experiencia propria, quanto é precario o favor dos Principes, e quão facil se perde a acceitação nos Paços. Havia naquelle tempo grande empenho em meter em processo a Salvador Corrêa de Sá Benavides, Governador do Rio de Janeiro, era um negocio de partido, e todos sabem que em taes negocios costuma haver pouco escrupulo nos

meios, que se empregam, com tanto que se consigam os fins.

Accentou-se mandar ao Rio de Janeiro um Magistreado activo para tirar devassa daquella personagem, e para isso foi convidado Gregorio de Mattos, com a promessa explicita de um logar na Casa da Supplicação; mas o Poeta, ou porque julgasse o accusado innocente, ou por outro motivo que ignoro, escusou-se da commissão, e perdeu por isso a graça do Regente.

Este caso, desgostando-o do serviço, e resolveu a dar de mão aos seus projectos de engrandecimento, voltou para sua patria, provido no emprego de Thesoureiro Mór da Cathedral, e o primeiro Arcebispo da Bahia, D. Gaspar Barata de Mendonça, o nomeou tambem seu Vigario Geral.

Gregorio de Mattos exerceu estes cargos com ordens menores, e usando sempre do traje secular; mas o successor de D. Gaspar quiz obriga-lo a receber ordens sacras para exercer aquelles cargos ecclesiasticos. O Poeta recusou, e o Arcebispo lhe tirou a mурça, e a vara.

Tomou então Gregorio de Mattos a resolução de casar-se, e o effectuou com Maria de Povos, viuva, muito honesta, e formosa, mas tão pobre, que seu Tio Vacente da Costa Cordeiro lhe fez doação de umas terras, para que não fosse inteiramente desprovida de doté para casa de seu marido, que por seu desmatêlo, e prodigalidade já havia dado cabo de quasi toda a herança paterna.

Para supprir ás despezas do seu novo estado, Gregorio de Mattos pôz de novo Banca de Letrado, e nesta occupação lhe começou a sorrir a fortuna, como em outro tempo no Reino, ganhando a maior parte dos processos pela força, e agudeza das suas razões, e dos seus argumentos, sempre fundados em bom direito; mas por muito dinheiro que elle ganha-se, todo era pouco para supprir as despezas estravagantes do seu systema de vida.

A paz havia desertado de sua casa: uma mulher é sempre difficiliosa de soffrer, mas as mulheres honestas, parece que por maldição, que as acompanha, possuem quasi todas o segredo de tornar-se insupportaveis, e detestadas por seus maridos. Pensam que por ser virtuosas tem a

direito de serem obedecidas em tudo, de serem despetivas, impertinentes, ralhadoras, altivas, sem condescendência, nem respeito, como se a honestidade não fosse nellea obrigação, mas favor porque os maridos hajam de ficar-lhe agradecidos.

A esposa de Gregorio de Mattos, que era uma senhora muito honesta, tinha, como é costume das taes, genio rispido, e impaciente, e já se vê que não podia viver em paz com um homem de genio folgazão, original, e perdulario. Andavam em guerra continua, e as desavenças chegaram a ponto della se retirar para casa de seu Tio.

Gregorio de Mattos, longe de se affligir com isso, deu graças a Deos por se vér livre daquelle trambolho; mas o Tio, os parentes, e os amigos empenharam-se em reconcilia-los, e Gregorio de Mattos respondeu: «Não recebo em casa minha mulher, sem me ser trazida pelo Capitão do Mato!»

Chamavam Capitães do Mato no Brazil a certos Officiaes, que á frente de escoltas giram o certão em procura dos *Quilongos*, isto é, dos pretos fugidos, e prendendo-os os vão entregar a seus senhores, de quem recebem por cada um uma recompensa determinada por lei. Já pôde ajuizar-se do despeito da esposa de Mattos vendo-se tractar como escrava, o seu orgulho revoltava-se contra esta idéa; que a tornava o objecto de riso de toda a Bahia, foi porém necessario curvar ao genio excêntrico, e á vontade de ferro do seu marido; ser-lhe conduzida pelo Capitão do Mato, a quem elle pagou pontualmente a quantia estipulada pela restituição de uma escrava.

Neste longo intervallo não cessava Gregorio de Mattos de espalhar Satyras contra tudo que lhe parecia vicioso, ou ridiculo, mas adornadas de tanto engenho, e de tão graciosas appudadores, que todos as procuravam, e as liaem com avidex; o Governador da Bahia, D. João de Alencastro, era um dos maiores admiradores do Poeta: e mandava registar todas as suas Satyras, á proporção que hiam sabido, em livros para isso destinados; mas tendo até ali rido á custa dos outros, apenas vio nellas algumas golpes, a elle dirigidos, com procedimento bem pouco cavalheiro, fez lançar mão de Gregorio traiçoadamente, meteo-lo em um navio, e transportar para Angola.

Este procedimento desesperou Gregorio, e não se dando por satisfeito com as mui terminantes ordens, dadas pelo Governador, para que fosse bem tractado a bordo, nem que lhe falta-se cousa alguma, nem com as cartas de recommendação, que lhe mandou para o Governador de Angola, foi por toda a viagem occupando, em escrever Satyras contra elle, todo o tempo que não gastava com a sua viola, instrumento que tocava com toda a perfeição, e que o acompanhava para toda a parte aonde hia.

Em Angola viveu alguns tempos como Advogado, até que tendo occasião de prestar grandes serviços ao Governador, em apasiguar nm tumulto da tropa, conseguiu como remuneração deste serviço e transportar-se para Pernambuco.

Governava então aquella Capitania Caetano de Mello e Castro, este fidalgo recebeu benignamente a Gregorio de Mattos, que se lhe apresentou, brindou-o com uma bolsa bem provida, mas ao mesmo tempo o exhortou a abandonar a composição de Satyras, pois que dellas só lhe haviam provindo tantas perseguições. Gregorio de Mattos obrigado a optar entre a amizade do Governador, e as Satyras, decidiu-se pela primeira: mas podemos accrescentar, que nenhuma promessa desempenhou mais violentado, e a contragosto.

Houve mesmo occasiões em que elle amaldiçoou o constrangimento em que o haviam collocado; era o tigre engayplado, que á vista da prea arreganha as presas, estende as garras, e morde ruivoso os varões de ferro, que lhe impedem o lançar-se a ella.

Uma occasião em que elle deu boa prova disso foi a seguinte. Duas mulatas de ruim vida, encontrando-se diante da porta do nosso Poeta, travaram-se de razões, e se descompuseram com as phrases mais pifias, e petulantes de que semelhante canalha costuma fazer uso; das palavras passaram ás obras, esbafetaram-se uma á outra como as Deosas de Homero, em um dos Livros da Iliada, e arremessando-se com força, vieram ambas a terra, mas em uma posição tão grutesca que dava muito que vêr, e que rir aos curiosos, e curiosas, que muito assodados se reuniam em torno do par belligerante; ouvindo

tanta algazarra sahia Gregorio a vér o que era, e dando com os olhos naquelle deshonesto, e ridiculo espectáculo, começou a gritar como um doido: «Aqui d'El-Rei contra o Sr. Gastão de Mello.» E perguntando-lhe os circumstantes que motivo de queixa tinha contra o Governador, responder: «Prohibiu-me fazer versos quando se me offerecem taes assumptos!

Este argumento de respeito seria mui louvavel em Gregorio de Mattos, se elle o não ataviasse de malignidade, e d'elle se não esquecesse depois em varias Satyras, que fez a despeito da soa promessa.

Gregorio de Mattos falleceu de febre continua, em 1696, com setenta e tres annos de idade, deixando um unico filho, por nome Gonçalo de Mattos, que não foi herdeiro nem do estro, nem dos talentos de seo Pai.

As poesias de Gregorio de Mattos *correm manuscritas em seis volumes*, e sempre foram muito estimadas dos curiosos, e amadores da boa poesia; a sua lingua-gem é rica, especialmente em termos e phrases populares, e familiares; suas pinturas são vivas, seus golpes satyricos profundos, e penetrantes; pôde dizer-se, que as suas Satyras são temperadas com pimentão, em vez de sal; o seu estylo recente-se bastante do seiscentismo, muito em voga no seu tempo, mas a sua graça é inexaurivel, posto que muitas vezes resulta dos equivocos, e contrapostos; a sua versificação é corrente, e quasi sempre harmoniosa.

Para darmos idéa da maneira de compôr deste Poeta citarei as seguintes poesias, extrahidas de um volume manuscripto, que tenho presente.

SONETO.

Ao casamento de Pedro Alves de Neiva.

Sete annos a Nobreza da Bahia
 Servia huma Pastora India, e Bella;
 Porém servia a India, e não a ella,
 Que a India só por premio pertendia.

Nil Dias na esperança de hum só dia
 Passava, contentando-se com vê-la,
 Mas Frey Thomaz, usando de cautela
 Deu-lhe o Villão, tirou-lhe a Fidalgia.

Vendo o Brazil, que por tão çujos modos
 Se lhe usurpara a sua D. Elvira,
 Quasi a golpes de hum maço, e de huma goiva.

Logo se arrependeram de amar todos,
 E qualquer mais amara, si não vira
 Para tão limpo Amor tão çuja Noiva.

Este Soneto é parodia do famoso Soneto de Camões,

Sete annos de Pastor Jacob serviu,

mas a parodia é feita com muita graça, e mais deviam achar-lhe os contemporaneos do Brazil, que conheciam o noivo, a sua noiva, Frey Thomaz, e as beidas de todos estes figurões, que nos são inteiramente estranhos: é este um inconveniente inseparavel da satyra, quando não versa sobre a censura dos vicios, que sam de todos os tempos, e de todos os paizes.

A mania de querer passar por fidalgo foi sempre molestia endemica, tanto da India, como do Brazil; Gregório de Mattos a meteu a ridiculo neste

SONETO.

Faça medidas de A c'o pé direito,
 Os beijamãos de Gafador de pélla,
 Saiba a todo o Cavallo a parentella,
 O Criador, os Donos, e o defeito.

Se o não souber, e vir Rocin de geito,
 Chame o Lacaio, e pôsto na jaquilla,
 Maude que lho passeie a mór caubeta,
 Que inda que o não entenda faz respeito.

Sêia na Armada, e soffra piparotes,
 Damas ouça cantar, não as forniqúe,
 Lembre-lhe sempre a Quinta, o Potro, o Galgo.

Que com isto, e o favor de quatro annos
 De bom ouvir, e crêr se porá a pigua:
 De amanhêper hum dia hum Gran-Fidalgo.

Segundo o costume do tempo, Gregorio de Mattos era grande galanteador de Ereiras, balla, que acompanhava todos os Poetas contemporaneos. Em certa occasião, em que a Madre, a quem elle rendia os seus cultos, lhe havia enviado um presente de doce, o Poeta lhe mandou em agradecimento o seguinte engracadissimo

SONETO.

Senhora minha, si de taes clausuras
 Tantos doces mandais a huma Formiga,
 Que esperais vós agora, que vos diga,
 Si não forem *muchassimas dulzuras?*

Eu esperei de amor outras venturas,
 Mas ei-lô vai! tudo o que he dar obriga,
 Ou já seja de amor, ou já huma figa
 Da vossa mão sam tudo ambrosias puras.

O vosso doce a todos diz: "comei-me."
 De cheiroso, perfeito, e de asseiado,
 Eu por gosto de dar, comi, e fartei-me.

Em este se acabando, hirá recado,
 E, si vos parecer glutão, soffrei-me,
 Em quanto vos não peço outro bocado.

A petulância satyrica de Gregorio de Mattos não respeitava as Authoridades, nem os Magistrados, quando nelles encontrava alvo para dirigir os tiros dos seus sarcasmos, e das suas censuras; boa prova disto é este Soneto, dirigido contra um Ministro, recentemente despachado para a Bahia.

SONETO.

Senhor Doutor, muito bem vindo seja
 A esta bestial, e vil Cidade!
 Sua justiça, graça, e equidade
 Traga cousa que a todos cause inveja.

Seja muito bem vindo, porque veja
 O maior disparate, e iniquidade,
 Que se tem feito em huma, e outra idade,
 Desde que ha Tribunaes, e quem os reja.

Que me ha de succeder nestas montanhas
 Com hum Ministro em Leis tão pouco visto,
 Como previsto em trampas, e maranhas?

He Ministro de Imperio mero, e mixto,
 Tão Pilatos no corpo, e nas entranhas,
 Que solta hum Barrabaz, e prende hum Christo.

Não é de estranhar que os Padres não ficassem isem-
 ptos das cutiladas satyricas do Juvenal Brasileiro, sobe-
 ja materia davam elles á censura pelo seu desgraçado
 procedimento, muito maior em as terras do Ultramar.
 Havia na Bahia um Padre Damaso da Silva, Conego
 muito ignorante, com presumpção de muito instruido,
 e o Poeta, que o encontrou no seu caminho, não se des-
 cuidou de mimosea-lo com Sonetos, de que transcrevere-
 mos alguns.

SONETO.

Este Padre Frisão, este Sandco,
 Tudo o Demo lhe deu, e' lhe outhorgou,
 Não sabe o *Musa Musæ*, que estudou,
 Mas sabe as Sciencias, que nunca aprendeu.

Entre catervas d'Amor se meteu,
 Entre corja de Bestas se acclamou,
 Aqoella Salamanca o doutorou,
 E nesta Sella Segura floresceu.

Que elle he grande Alchimista isso não nego,
 Que Alchimistas de esterco tiram ouro,
 Si crémos seus apocriphos conselhos.

E o Frisão as Irmãs pondo ao pespego
 Hera força tirar grande thesouro,
 Em ouro convertendo couros velhos.

Recusando o mesmo Padre restituir a uma Freira as
 prendas que della tinha, Gregorio de Mattos o mimosiou
 com este Soneto.

SONETO.

Confessa Sor Madama de Jesus
 Que tal ficou d'hum tal *chismenez*,
 Que, hñdo-se os mezes, e chegada o mez
 Parira em fim d'hum Conegô Abestruz.

Dizem que hum *chigraviz*, deitara á luz,
 Morgada de hum Presbytero montez,
 Cara Frisana, garras de Hollandez,
 E bocca de Caqueiro de Alcaitruz.

Bou que nascesse de tal *chigraviz*,
 E o parisse huma Freira, *vade in* paz,
 Mas que o gerace o Senhor Padre Arrôz!

Verdade he, e o coração mo diz,
 Que o filho foi sem dúvida algum traz,
 Para as barbas do Pai d'onde se pôz.

Um dos melhores Sonetos deste genero, que sahiram
 da penna deste Poeta, é aquelle em que elle censura o
 bom acolhimento que encontram os mentirosos, ao pas-
 so que os homens que fallam verdade são pelo commun
 desattendidos, e mal tractados.

SONETO.

Mau officio he mentir, mas proveitoso,
Tanta mentira, tanta utilidade
Traz consigo o mentir nesta Cidade,
Como diz e mais triste mentiroso.

Eu como hum ignorante, e hum baboso,
Me puz a verdadeiro, por vaidade;
Todo o meu cabedal meli em verdade,
E sahi do negocio perdidoso.

Perdi o principal, que heram verdades,
Perdi os interesses de estimar-me,
Perdi-me a mim com tanta soledade.

Deram os meus amigos em deixar-me,
Cobrei odjos, cobrei inimizades!
Eu me meto a mentir, e a aproveitar-me.

Dissemos acima, que Gregorio de Mattos fôra o primeiro que introduzia na nossa poesia os versos decasyllabos, que ao principio se chamavam do seu nome: para mostrarmos como elle manejava este verso copiaremos alguns trechos de uma Satyra, que não pomos toda, por ponparmos o melindre de alguns Leitores, que se espantam de qualquer idéa, e qualquer expressão mais livre, e se arrepiam como creanças que tremem, e choram quando lhe fallam no papão.

Marinicos todos os dias
Eu vejo de sege passar por aqui,
Cavalheiro de tão lindas prendas
Como *verbi gratia* Londres, e Pariz.

Mais Fidalgo que as mesmas Estrelas,
Que as doze do dia vê sempre luir,
Pois o Pai por não sei que deixaste
Tudo o que comia viaha pelo ga.

Peneirando-lhe os seus Avellosos,
 He tal a Farinha do Nympho gentil,
 Que por macho he sangue Tudesco,
 Porém pelas femeas humor meretrix.

Hum Avô, que rodou nesta Côte
 Em coche de quatro de Dom Belianis,
 Sobre mulas foi tão attractivo,
 Que as Senhoras todas trouxe atraz de si.

Foi hum grande verdugo das Bestas,
 Pois o hum azorrague, e dous Borzaguins,
 A compoz dos maus passos, que dava,
 Lhes hia cantando o lá, sol, fa, mi,

Avistando este nosso hemispherio
 Callou pela Barra, em hum Bergantim,
 Pôz em terra os maiores Joanelles,
 Que viram meus olhos desde que nasci.

Pertendendo com recanxonilhas
 Roubar as Guaritas de hum saltô subtil,
 Embaçando com alma de Gato
 A risco do sape dinheiro de mil.

Senão quando, na Horta do Duque,
 Andando de ronda hum certo Maisim,
 Assomando-lhe hum Cão pechilingue,
 O dono do Gato deitou o seutil.

Não obstante pagar de vasio,
 O Santo Hymineo o Picaro vil,
 Se regala á ufa do Sogro
 Comendo, e bailando como hum Muchachim.

Com achar-se prudente com todos,
 Que muitos Babosos o tem para si,
 Elle certo he o meu desenfado,
 Que hum Tolo prudente dá muito que rir.

He deitado de hum entendimento
Tão vivo, e esperto, que fôra hum Beliz,
Si lhe houvera o juizo illustrado.
Hum dedo de Grego, e dous de Latim.

Entre gavos o triste Idiota,
Tão pago se mostra dos seus gorgolis,
Que nascendo Sencivo da gema,
Quer á fina força meter-se a Rossim.

Deu agora em famoso arbitrista,
E quer por arbitrios o bruto Malsim,
Que o vejamos subir a Exceñencia:
Como diz que vimos Montalvão subir.

Sendo pois o alterar as moedas
O sópro, o arbitrio, o ponto, o ardil,
De justiça, a meu vêr, se lhe deve
As honras, que leve Ferraz, e Suliz.

Dem com elle no alto da força;
Aonde o Fidalgo terá para si,
Que he o mais estirado de quantos
Beberam no Douro, mijaram no Rhiz.

Seu intento he bater-se moeda,
Correrem-lhe gages, e ser Mandarin,
Porque andando a Moeda na forja
Se ri do Cuama, do Seana, e de Ophir.

Sempre foi de Moeda privado,
Mas vendo-se agora Senhor, e Juiz,
Empenhado em pôr taes as Moedas
Abriu ás unhas porta para si.

Muito mais lhe rendem cada palmo
Daquelle portada, que dous Potosis,
Muito mais lhe rendem cada pedra,
Que val hum ochavo de Valladolid.

Estes versos sam na verdade bem fabricados, sonoros, e correntes; e hoje que está muito-em moda este metro dançante, difficulosamente se encontrarão melhores decasyllabos: quanto ao Poema, de que elles fazem parte, é uma violenta diatrib, porém está escripta com muita força, e abundante de idéas, e de expressões originaes, como quasi todas as Obras do Poeta.

A's vezes Gregorio de Mattos abandonando os Sonetos, e os versos decasyllabos, derrama a sua biles em octosyllabos, como acontece nesta Satyra contra os Franciscanos, dirigida ao Confessor do Arcebispo da Bahia.

Eu que me não sei callar,
 Mas que antes tenho gran mingua
 Não purgar-se qualqoe lingua,
 A risco de arrebeitar;
 Vos quero amigo contar,
 Pois sois o meu Secretario;
 Hum successo temerario,
 Hum caso tremendo, e atroz;
 Mas fique aqui entre nós.

Confessor ha Severita,
 Que ao Ladrão do confessado;
 Não só lhe absolve o peccado;
 Mas os furtos lhe alcovita;
 De precursor da visita,
 Que na vanguarda marchando
 Vai pedindo, e vai tirando,
 O Demo ha de ser Algoz;
 Mas fique aqui entre nós.

O Ladronaço em rigor
 Não tem para que dizer
 Furtos, que, antes de os fazer,
 Já es sabe o Confessor;
 Cala-os por ouvir melhor,
 Pois com officio alternado,
 Confessor, e confessado
 Ai se barbejam sós;
 Mas fique aqui entre nós.

Ai o Ladrão se consente
 Sem castigo, e com escusa,
 Pois do mesmo que se accusa
 He o Confessor delinquente;
 Ambos alternadamente
 Hum ao outro, e outro a hum
 O peccado, que he commum,
 Confessa em commua voz;
 Mas fique aqui entre nós.

Hum, e outro co'a mór cautella
 Vem a ser neste incidente
 Confessor, e penitente,
 Porque fique ella por ella;
 O Demo em tanta mazella
 Desfaz só porque façoes,
 E absolve porque absolvaes,
 Pacto, immuidade atroz;
 Mas fique aqui entre nós.

Não se dá a este Ladrão
 Penitencia em caso algum,
 E sómente em hum jejum
 Se lhe tira a collação;
 Elle estará como hum cão
 De levar a bofétada,
 Mas na cara ladrilhada
 Emenda e Pejo não pôz;
 Mas fique aqui entre nós.

De tal Confessor me abysma
 Que releve, e não se offenda,
 Que hum Frade sagrado veuda
 O sagrado oleo da chrisma,
 Não por cera havendo queixa,
 Que nem a da oretha deixa,
 D'onde christmando a mão pôz;
 Mas fique aqui entre nós.

Que em toda a Franciscania
 Não ache hum só mau Ladrão

Quem o ouça de confissão,
Senão hum Padre da Apanhia!
Isto, amigo, he sympathia,
E he o que lhe veio a pello,
Que hum vá atando no orêlo
O que outro mete no cóz;
Mas fique aqui entre nós.

Que tanta culpa mortal
Se absolva! não perco o tino,
Pois absolvo hum Theatino
Peccados de pedra e cal;
Que vida conventual
Dará a huma Filha quem bate
Condemnando o dou-te, e dá-te,
Vem á dar-lhe o pão, e arróz;
Mas fique aqui entre nós.

As Freiras com tantas sedes
Sam condemnadas em pedra,
Quando o Ladrãoço medra
Roubando pedra, e paredes;
Vós, amigo, que isto yêdes,
Deveis a Deos graças dar,
Porque vos fez secular,
E não Zote de Albernóz;
Mas isto aqui para nós.

Lourenço Ribeiro, Clerigo, o Prégador, natural da Bahia, e segundo se resnava, mulato, dava-se muito a compor Trovas, que cantava nas sociedades ao som da cythara: este homem teve a indiscrição de mofar, e denhar publicamente dos versos de Gregorio de Mattos. Chegou isto aos ouydoz do Poeta, que offendido da fatuidade do cabrito, resolveu logo tirar a desforra, o que fez na seguinte Satyra, uma das melhores que lhe sahi-ram da penna, e que elle intitidou *Os Milagres do Brazil*.

Hum Branco muito encobido,
Hum Mulato muito ouzado,
Hum Branco todo coitado,

Hum Canaz todo atrevido ;
No saber muito abatido,
Nas sciencias ignorante,
Mui ufano, e mui farfante,
Sem pena, ou contradicção,
Milagres do Brazil são.

Que hum Cão revestido em Padre,
Por culpa da Santa Sé,
Seja tanto ousado que
Contra hum Branco honrado ladre ;
E que esta ousadia quadre
Ao Cortezão, ao Senhor,
Ao Bispo, ao Governador,
Tendo Naus, e Maranhão,
Milagres do Brazil são.

Si este tal Podengo asneiro
O Pai desvanece já,
A mãe lhe lembro, que está
Roendo em hum Tamoeiro ;
Que importa hum branco cueiro
Se o rabo he tão denegrado ?
Mas si no mixto sentido
Se lhe esconde a negridão,
Milagres do Brazil são.

Préga o perro fraudolario,
E como a licença o céga,
Cuida que em pulpito préga,
E ladra em hum campanario ;
Vam ouvi-lo de ordinario
Tios, e Tias do Congo,
E si, suando o Mondongo,
Elles só gabo lhe dão,
Milagres do Brazil são.

Que ha de prégar o Cachorro,
Sendo huma vil Creatura,
Que não sabe de Escriptura
Mais que aquella, que o pôz ferro ?

Quem lhe dá ajuda, ou soccorro
 Sam quatro Sermões antigos,
 Que lhe vão dando os amigos;
 E si amigos tem hum Cão,
 Milagres do Brazil são.

Hum Cão he o timbre maior
 Da Ordem Predicatoria,
 Mas não acho em toda a Historia
 Que hum Cão fosse Prégador;
 Nunca falta hum bom Senhor
 Que lhe alcance esta Licença,
 Ao Lourenço por Lourença,
 Que as Pardas tudo farão,
 Milagres do Brazil são.

Em versos quer dar pennada,
 E porque o Genio desbroche,
 Como he Cão, a troxe-moxe
 Mete a unha, e dá dentada;
 O Perro não sabe nada,
 E si com pouca vergonha
 Tudo abate, porque sonha
 Que sabe alguma questão,
 Milagres do Brazil são.

Do Perro affirmam Doutores
 Que fez huma Apologia
 Ao Mestre da Theologia,
 Outra ao Sol dos Prégadores;
 Si da Lua aos resplandores
 Late hum Cão a noite inteira,
 E ella, seguindo a carreira,
 Luz com mais ostentação,
 Milagres do Brazil são.

Que vos direi do Mulato,
 Que vos não tenha já dicio,
 Si será amanhã delicto
 Fallar delle sem recato?
 Não saltará hum mentecapto.

Que, como Villão de encerro,
Sinta que dam no seu Perro,
E se ponha como hum Cão,
Milagres do Brazil são.

Imaginas que o insensato
Do Canzarrão falla tanto,
Porque sabe tanto, ou quanto?
Não, si não por ser Mulato.
Ter sangue de Carrapato,
Ser Estoraque do Congo,
Cheirar-lhe a roupa a Mondongo,
He Citra da perfeição,
Milagres do Brazil são.

Estas duas Satyras, no estylo de Quevedo, tem muito merecimento pela força da expressão, pela novidade dos pensamentos, e até estarem limpas de algumas obscenidades, que deturpam ás vezes a seguinte, dirigida ás Freiras de Evorá, que haviam hido tomar conta de um Convento na Bahia, e de que por isso apenas citarei alguns trechos.

Estamos na Christandade!
Soffrer-se-há isto em Argel!
Que hum Convento tão novel
Deixe hum Leigo por hum Frade!
Que na roda, ralo, e grade,
Frades de bom, e mau geito
Comam marendas a eito,
E estejam ao seu contento
Feitos Papas do Convento,
Porque tem o papo feito?

Si a engordar a Fradaria
A esta Cidade as trouxeram,
Melhor fóra que vieram
Sustentar a Infantaria:
Que importa que cada dia
Façam obra, e casa fundem,
Si os Fradinhos as confundem

Por modo tão execrando,
Que quanto ellas vam fundando
Tudo os Frades lhe refundem?

Pelo goito que isto leva,
Cuidam que em Evora estão,
Onde de Inverno, e Verão
Se põem os Marrões á céva?
Nenhuma jámais se atreva,
Sob pena de excommunhão,
De cevar o seu Marrão,
E se em taes calamidades
Me asseguram que sam Frades,
Harto encovados estão.

Sirvam-se do Secular,
Que ahí está o garbo, e asseio,
O primor, e o galanteio,
A boa graça, e bom ar,
A este ham-de vir fallar
A' Grade, ao Pateo, a Torreiro,
Que o Secular todo he sheiro,
E o Frade, a mui limpo ser,
Sempre ha de vir a feder
A cepo de Pasteleiro.

.....
O Secular entendido,
Encolhido, e mesurado,
Não pede de envergonhado,
Nem toma de comedido;
Cortezmente, e advertido
He humilde, e cortezão,
Declara a sua affeição,
E como se aggravo fóra,
Chama-lhe sua Senhora,
Chama-lho, e pede perdão.

Mas o Frade, mal creado,
E Villão, e Malbadeiro
Nos modos he mui grosseiro,
Nos gestos mui depravado;

Brama, qual Lobo esfaimado,
 Porque a Freira se destape,
 E quer, porque nada escape,
 Hir logo com tudo ao cabo,
 E fede mais que o Diabo
 Ao bodum de trape, e zape.

Este contraste da grosseira salvajaria fradesca com os modos apurados, e maneiras dengosas dos freiraticos, é tão chistoso como verdadeiro, e proprio do tempo do Poeta: segundo as tradições que nós restam transmittidas por alguns livros, e alguns velhos; ninguem obtinha diploma de Cavalheiro elegante; e interessante, como agora dizem, ou de taful da gemma, como diziam então, sem ser namorado de uma Freira, frequentar as grades, e andar com as algibeiras prenhes de prendas, e cartas da sna Freira. Um freirático era conhecido de longe pelo trascular a pivete, o abandalhado esmero do traje, maneiras feminis, o melifho da falla, o escolhido dos conceitos, e o dengoso dos gestos, e das acções; de modo que os freiraticos podiam ser considerados como a transição do macaco para o homem; a conversação destes casquilhos, á força de pretensão e finura, tornava-se quasi imperceptivel para o commum dos individuos, e por isso á sua expressão chamavam *Lingua Freira*: o grande Francisco Manoel, com a sua costumada graciosidade, a define assim: *Lingua Freira*, ou *Freiratica*, é uma certa lingua delambida, inintelligivel, por muito refinada, despida de todo o termo enérgico, confeitada de phrases de conventual invenção, cujo significado é só claro para os adeptos. No nosso tempo, felizmente, não ha freiraticos, nem conversações, e comesanas de grade, nem estes namoros sacrilegos, e apesar disso não faltam boas almas que não cessam de clamar, e de escrever, que não ha religião, que a moral está perdida, e os bons costumes praxertidos! Quem os não conhecer que os compre.

Por tanto vos admoesto,
 Que o mimo, o regalo, o doce
 O Secular vá-lo almoce,

Que a hum Frade basta hum Gabresto ;
 Toda a Freira de bom gosto
 Se entregue, em toda a maneira,
 A hum Leigo, que bem lhe cheira,
 E faltando aõ que lhe pedem
 Praza a Deos, que se lhe azedem
 Os doces na cantareira.

Esta Satyra, se lhe desculparmos alguns termos um tanto rasteiros, e algumas idéas menos decentes, pôde considerar-se como um dos melhores Poemas deste genero, que possuímos.

Terminaremos os exceptos satyricos de Gregorio de Mattos, com a seguinte Satyra contra um Frade, que se estomagava contra o Poeta pelas que elle dirigia contra os outros Frades.

Reverendo Padre alvar,
 Basta que por vossos modos,
 Sahis ao campo por todos
 Os Mariolas do Altar :
 Mal podia em vós fallar
 Quem noticia, nem suspeita
 Tem de Asno de tão má seita ;
 Mas como nos veio ao justo
 A Satyra, estais com susto
 De que por vós fosse feita.

Comvoseo minha Camena
 Não fatta, si vos não poupa,
 Porque sois mui fraca roupa
 Para alvo da minha pena ;
 Si alguém se queima, e condena
 Porque vê que os meus apodos
 Vam bem frizando em seus modos,
 Ninguem os tome per si,
 Hum pelo outro, isso si,
 Que assim frisarão com todos.

Vós, com malicia veloz,
 O applicais a hum, coitado,

Que logo terá cuidado
 De vó-lo applicar a vós;
 Desta applicação atroz
 De hum por outro, e outro por hum,
 Como não livrais nenhum,
 Ninguem do Poeta então:
 Se virá a queixar, se não
 Do Poema, que he commum.

Bonitos da minha mão,
 Com lances ao ar direitos,
 Calando em varios sujeitos
 A huns servem, a outros não;
 Não consiste o ter razão,
 Nem menos está o mal
 Na obra, ou no Official,
 Está na torpe cabeça,
 Que se ajusta, e endereça
 Pelos moldes, a ser tal.

E pois Padre, vos importa
 Nos meus moldes não entrar,
 Deyeis logo endireitar
 A cabeça, que anda torta,
 E hum zotissimo ignorante
 Vêr-vos a Musa picante
 A vós, Padre mentecapto,
 De molde como çapato,
 E mais justo do que hum guante.

Outra vez vos não metais
 Sentir alheios trabalhos,
 Que dirão que comeis Alhos,
 Gallego, pois vos queimais;
 E por que melhor saibats
 Que os Zotes, de que haveis dôr,
 Sam de abatido valor,
 Porém os vossos sentidos
 Quaes serão os defendidos,
 Sendo vós o Defensor?

Ainda que o genio de Gregorio de Mattos o levava para a satyra, e para o estylo faceto, não supponham por isso os Leitores, que elle não tinha forças para escrever em tom serio. Algumas poesias se encontram entre as suas, no estylo nobre, e não são ellas por certo as menos estimaveis da Collecção. Veja-se o seguinte Soneto, feito em sexta feira santa.

SONETO.

Que hes terra, Homem, e em terra has-de tornarte
 Hoje te lembra Deos, por sua Igreja,
 Do pó te faz o Espelho, em que se veja
 A vil materia, de que quiz formarte.

Lembrate Deos, que hes pó, para humilbarte,
 E como teu Baixel sempre fraqueja
 No mar da Vaidade, em que peleja,
 Te pôz á vista a terra onde salvarte.

A'lerta! álerta pois! que o Vento berra,
 Que assoprá a Vaidade, e que iuchá o panno;
 Na prôa a terra tens, amaina, e ferra.

Todo o Lenho mortal; baixel humano;
 Si busca salvação, tome hoje terra,
 Que a terra de hoje he porto soberano.

Veja-se este, em que elle exprime tão vivamente a dôr, e arrependimento de seus erros, e a sua confiança na Misericordia Divina.

SONETO.

Pequei, Senhor, mas não porque hei peccado
 Da vossa piedade me despido,
 Por que quanto mais tenho delinquido
 Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Si basta a vos irar tanto peccado,
 A abrandar-vos sobeja um só gemido,
 Que a mesma culpa, que vos ha offendido,
 Vos tem para o perdão lisongeado.

Si huma Ovelha perdida já sobrada
 Gloria tal, e prazer tão repentino
 Vos deu, como affirmais na Sacra Historia;

Eu sou, Senhor, Ovelha desgarrada,
 Cobrai-a, e não queirais, Pastor Divino,
 Perder na vossa Ovelha a vossa Gloria.

Dirá alguém que estes dous Sonetos de assumpto tão grave, e de estylo tão serio, sabiram da mesma penna, que escreveu as Satyras, e outras poesias jocosas, que acabamos de transcrever? Não por certo, mas não entra em dúbida que sejam do Poeta, á vista de muitas outras que se deparam na sua Collecção, em que sahio do seu estylo chocarreiro, e usual. Tal é este Soneto, um pouco gongorista, endereçado a uma Dama, que lhe mandou dizer que nunca a havia de lograr.

SONETO.

Adeos, vão pensamento, adeos cuidado,
 Que eu te mando de casa despedido;
 Porque sendo de huns olhos hem nascido,
 Fuste com desapego mal criado.

Naceste de hum Acaso não pensado,
 E crioute hum olhar pouco advertido,
 Creceste na esperança de entendido,
 E ás mãos morreste de hum desesperado.

Icaro foste, que atrevidamente
 Te remontaste á esphera da luz pura,
 De donde te arrojou teu vô ardente.

Fiar do Sol he irracional loucura!
 Porque nesse brandão do Ceo luzente
 Falta a razão, si sobra a formosura.

E este finalmente, a certa Freira que lhe perguntava como havia passado.

SONETO.

Aquelle não sei que, que, Ignez, te assiste,
No gentil corpo, na graciosa face,
Não sei donde te nasce, ou não te nasce,
Não sei em que consiste, ou não consiste.

Não sei como de amor arder me viste,
Porque Phenix d'Amor me eternisaste,
Não sei como brilhaste, ou não brilhaste,
Não sei como presiste, ou não presiste.

Não sei como me vai, ou como ando,
Não sei o que me doe, ou porque parte,
Não sei si vou vivendo, ou acabando,

Como logo meu mal-hei-de contarte,
Si de quanto minha alma está passando
Eu mesmo, que o padeço, não sei parte.

Gregorio de Mattos foi grande Poeta no seu genero; talento original, e um dos alumnos que, entre nós, fizeram mais honra á Eschola Hespanhola. O seu estylo é energico, a sua graciosidade natural, posto que ás vezes demasiado piçante, a sua versificação fluida, e corrente: é pena que ás vezes respeite pouco a modestia, e descabi-a em expressões, e palavras indecentes; mas este defeito, de certo grande para nós, não o era para o tempo em que o Poeta escreveu. Em todo o caso, a não publicação das suas poesias, não póde deixar de reputar-se uma grande perda para a nossa Literatura.

CAPITULO III.

D. Antonio Alvares da Cunha.

A Cidade de Gôa, que a indomavel constancia, e a espada, sempre veacedora, de Afonso de Albuquerque, arrancaram das mãos do Hidalção, um dos mais poderosos Monarchas da India, para fazer della a Metropoli do Imperio Portuguez no Oriente; Gôa, a oppulenta, onde affluia, naquellas epochas da nossa grandeza, todo o commercio da Asia, do Mar Roixo, e da China; Gôa, hoje decabida da sua antiga magestade, da sua oppulência, e da sua população, porque o Genio dos Albuquerque, e dos Castros deixou de presidir aos seus destinos; pôsto que nunca brilhasse pela gloria literaria, e poetica, assim mesmo não deixou de dar á Eschola Italiana Fernão Alvares do Oriente, Author da Lusitania Transformada, e á Hespanhola, um dos melhores Poetas, que nella floresceram.

Foi este, D. Antonio Alvares da Cunha, filho de D. Lourenço da Cunha, Capitão Mór dos mares da India, muito illustre por sua linhagem, e muito mais illustre por seus longos e valiosos serviços feitos ao Estado.

Nasceu D. Antonio Alvares da Cunha na Capital da India Portugueza, no primeiro de Maio de 1626; desde a mais tenra infancia se fez notavel pela vivacidade do seu espirito, e pela facilidade com que aprendia tudo, que lhe ensinavam, era pois terreno fertil, e disposto para todo o genero de cultura.

Naquelle theatro das nossas antigas proezas, passou sua vida até á idade de onze annos, em que foi transferido para Lisboa, onde teve principio a sua instrucção regular, e literaria.

Principiou ella pelo indispensavel estudo da lingua do antigo Lacio, que é a chave de ouro, com que se nos

abre na Europa o santuario das letras; aprendeu depois os idyomas Toscano, Francez, e Hespanhol, que fallava, e escrevia com muita promptidão, e pureza.

A Genealogia, a Historia, e as Sciencias Mathematicas, foram depois objecto dos seus estudos, fazendo grandes progressos nestas variadas disciplinas, assim como na poesia, que começou a cultivar desde os primeiros annos, e em que grangeou grande nomeada.

Em 1610 a Nação Portugueza cansada de supportar o jugo hespanhol, que durante tres reinados consecutivos, sessenta annos de continuados vexames, e extorções, que haviam pesado sobre a sua cerviz, tomou as armas, e proclamou a Serenissima Casa de Bragança, a quem, pela morte do Cardeal Rei, pertencia de direito o Sceptro.

D. Antonio Alvares da Cunha abandonando então o remanso das letras, vestiu as armas, e correu a auxiliar com a sua espada a patria, que estava empenhada na defensão da sua liberdade; e portou-se com todo o valor, e brio cavalheiresco, durante o tempo que serviu na guerra da acclamação, até que a falta de saude o constrangeu a deixar o serviço militar.

Recollido então a sua casa, em Lisboa, continuou no exercicio das letras, e da poesia, fundando no seu palacio a Accademia denominada dos *Generosos*, de que foi Secretario, em cujos membros se contavam os melhores engenheiros, e mais eruditos daquelle seculo, como póde vêr-se das Actas, que della se conservam.

Juntado á gloria literaria o lustre de uma ascendencia antiquissima, e a consideração das riquezas, e dos cargos públicos, que exerceu; porque foi quinto Senhor da Taboa, e das Villas de Oguella, Barroso, S. Simão, e Alvareffos; Commendador da Ordem de Christo, Deputado da Junta dos Tres Estados, Coronel da Ordenanças da Côrte, e ultimamente Guarda Mór da Torre do Tombo; pode passar o resto dos seus dias tranquillo, feliz, e estimado de todas as pessoas doutas do seu tempo, que muito se compraziam com a affabilidade do seu tracto, e a sua agradável, e jovial conversação.

Assim chegou a sessenta e quatro annos de sua idade, em que possuiu desta a melhor vida, em viate e seis

de Maio de 1670, na sua casa de Lisboa, e foi sepultado na Freguezia de Santa Catharina, em sepultura rasa, sem ornato algum, nem ao menos um simples epitaphio, por elle o haver assim determinado no testamento com que falleceu.

Este Poeta foi casado, e deixou do seu matrimonio numerosa descendencia, (de quem procedem os Condes da Cunha).

D. Antonio da Cunha foi escriptor mui fecundo, tanto em verso, como em prosa, e neste ultimo genero deixou muitos escriptos importantes sobre diferentes assumptos Historicos, Geographicos, e Genealogicos, por que a Genealogia foi sempre aos olhos dos fidalgos a mais util, e estimada de todas as sciencias, e em que sempre mais capricharam de distinguir-se.

Algumas destas Obras correm impressas, e nellas se observa uma linguagem pura, harmoniosa, e muitas vezes elegante; porém a maior parte dellas se conservam eneditas na bibliotheca do Convento de S. Domingos de Lisboa, e Deos sabe que fim levariam.

Não foram menos numerosas as suas Obras Poeticas, que tambem pela maior parte tiveram a desventura de nunca serem dadas á estampa, ficando tambem sepultadas na livraria do mesmo Convento, ou nas gavetas dos seus amigos, ou dos curiosos, que dellas poderam haver copias.

E' muito para notar, que os Editores do *Postilhão de Apollo*, e da *Phenix Renascida*, que abarrotaram aquellas Collecções com tamanha quantidade de versos insipidos, e escriptos em despeito das Musas, e de bom senso, nada publicassem nellas, ao menos em seu nome, deste Poeta tão acreditado, e elogiado dos seus contemporaneos, limitando-se o Collector da *Phenix Renascida*, á sua Epistola, em Tercetos, dirigida ao Conde de S. Vicente, João Nunes da Cunha, na occasião em que partia para os Estados da India, onde hia exercer o cargo de Viso-Rei. Esta Epistola foi pela primeira vez impressa em Lisboa por Antonio Craesbeck de Mello, mas sem declarar a data da impressão.

Tambem corre impressa outra Obra deste Poeta com o titulo de *Certame Epitalamico* ao casamento d'El-Rei

D: Affonso VI., Lisboa, por João da Costa, em 1666, em formato de quarto.

Dous Sonetos, e um Madrigal ao nascimento do Serenissimo Infante D. Pedro, (depois Rei) que se encontram em uma Collecção de Poesias a este assumpto, dadas á luz pelo Typographo Paulo Craesbeck, Lisboa, anno de 1648, em formato de quarto.

Obelisco Portuguez em applauso do baptismo da Serenissima Infanta D Isabel Luiza Josepha, Lisboa, por Antonio Craesbeck de Mello, em quarto.

Jacob Van-Velsem, Typographo Hollandez, imprimio em Amesterdam, em formato de quarto, no anno de 1673, uma Collecção Poetica com o titulo de Applausós Academicos á Victoria do Ameixial. Este livro já havia sido publicado em Lisboa por Henrique Valente de Oliveira, no anno de 1663, e nelle, entre as Obras de varios Academicos, estam incluidas algumas poesias de D. Antonio Alvares da Cunha.

Eis aqui a que se reduzem os Poemas impressos deste fidalgo, que tantos versos havia composto em sua vida, e que a incuria sua, ou dos seus descendentes deixou perecerem miseravelmente, como de ordinario acontece a todas as Obras, que não recebem a vida typographica.

D. Antonio Alvares da Cunha pensa com força, exprime-se com energia, sabe colorir as suas idéas, versifica bem, e ryma com facilidade. O maior defeito das suas poesias está, quanto posso julgar pelas poucas que foram por mim examinadas, na demasiada estensão que lhe dá; parece que se persuade de que nunca tem dito bastante. E' bem que um Poeta tenha fecundidade de idéas, e grande copia de expressões com que as enuncie, mas o abuso dos melhores dotes é tambem um grave defeito; a estensão de um Poema deve regular-se pela importancia do assumpto, e ha nisto certa medida, que só póde da-la o bom gosto, e juizo do Escriptor.

Esta regra, que é applicavel a todos os generos de poesia, é da mais rigorosa necessidade nos assumptos didacticos, e moraes; nada impaciente mais o Leitor, que lhe alonguem demasiado as suas lições por muito proveitosas que sejam, Horacio na sua Arte Poetica,

não deixou de fazer esta advertencia aos Pisões, e na
 pessoa delles a todos os Poetas futuros.

Quidquid præcipias, esto brevis! ()*

Desta advertencia se esqueceu D. Antonio da Cunha
 na sua Epistola ao Conde de S. Vicente, que se torna
 insoffrivel por sua excessiva prolixidade, e que reduzida
 a dous terços da sua extensão, seria talvez a melhor de
 quantas se escreveram no seu tempo. Eis aqui alguns
 trechos della.

Já que haveis de surcar as crystalinas
 Aguas da Foz do Têjo áquellas prayas,
 Que o Mundo vio ao tremular das Quinas,

Em quanto as vossas vôadoras Faias,
 As azas desfraldando, leva o Vento,
 Seguindo as snas pateadas rayas;

Ouvi o rouco som deste Instrumento,
 Que inda que toca, os pontos desentôa,
 Que he diferente a voz do pensamento.

.....
 Armai-vos de inaudita paciencia
 Para poder tirar, com juizo claro,
 De qualquer accidente a experiencia.

Confundem as paixões, e ao desamparo
 Se perde o Mundo interior, fugindo
 Ao soffrimento deste mal reparo.

O Sol, que no Zenith está ferindo
 Com hum globo de rayos, não se altera
 Se a bésta os vai a hum ponto reduzindo.

(*) Do mesmo parecer era o antiquissimo Poeta Cas-
 telhano Berceo, pois diz, no seu elogio das Mulheres pe-
 quenas,

Quieroos abreviar la predicacion,
 Ca siempre me pagué de piqueña razon,
 Y de Muger pequena, y pequeno Sermon,

Corre seu curso luminoso a Esphera,
E o vapor, que se oppõe, fazer não tira
Inverno, Outono, Estio, e Primavera.

Bem vedes como a Pedra, que suspira
Pela Estrella, se abraça ao metal duro,
Meio por onde a tanto bem aspira.

Repugne a Natureza; o que procuro
He conseguir o bem, e pouco importa
Se o gosto nestas brigas aventure.

Aberta está ao ser felice a porta,
Pois esse bem, que a tantos arruina,
A vós discretamente vos exhorta;

Em quanto a poderosa mão Latina
De não encher d'Arabico thesouro,
Ditosamente ao Mundo predomina;

Porém tanto que em circulos o ouro
Serviu d'ornato aos dedos, á cabeça,
Despojada se vio do triumphal louro.

.....
Todo o furor que á Ira me provoca,
Si por hum breve espaço o considero,
Em prudentes dictames se me troca.

Por fugir das paixões tambem não quero
Brandura, que permitta licenciosos,
Hum meio entre estes dous termos pondero.

Dobrareis felizmente os tormentosos
Cabos, que tanto Oceano molestam,
Outros há que dobrar mais revoltosos.

Invejas cá, e lá muito se aprestam,
As venenosas frechas, e invejados
Sam só os que as Verdades manifestam.

.....
Não se vos dê de ouvir a phantasia
Daquelle que deseja mandar tudo,
Presumindo que toca á Fidalguia.

A Nobreza he saber; engenho rudo
 Não tem sangue apurado, e assim só suba
 A testa, que melhor sirva de escudo.

Nascestes a domar os Elementos
 Deste pequeno Mundo, descompostos
 Andam a terra, o fogo, o mar, e os ventos.

E já que o Deos de dous contrarios rostos
 A porta aberta tem, recuperando
 Hireis aos Lusos os perdidos postos.

Aqui traça o Poeta uma pintura lamentavel das perdas que havia soffrido o dominio portuguez na Asia, apontando as causas desta decadência, a fim de que o novo Viso-Rei haja de remediar estes males.

Do Cabo tormentoso ao seio brando
 Quem Mombaça levou, e quem Quilôa?
 Quem Ormuz, quem Mascate ao Mouro bando?

Da foz do Roixo mar á nobre Gôa,
 A trombeta do Luso em tanta praya;
 Só em Dio, Damão, Baçaim sóa.

Daqui seguindo a dilatada raya,
 Que a Ilha vai cercar produzidora
 De melhores Aromas, que Pancáia.

O Poeta designa aqui a Ilha de Ceilão, famosa pelas especiarias que produz, especialmente a canella, que elle julga, com razão, mais preciosa que o insenso, e mais profumes da Arabia.

Já se não vê a espada vencedora,
 Do Luso braço, em vinte Fortalezas,
 Que o Sol sommava, diminuindo a Aurora.

Já se não multiplicam as proezas,
 Porque quizemos repartir sem conta
 As riquezas, que agora sam riquezas.

Que entre nossos passados hera affronta
 O ter preço o rubi, quando na espada
 Lho dava o sangue, que trazia a ponta.

O madeiro da Selva nomeada
Da nossa Taprobana então servia
Ao valor, só de pyra levantada.

Mas tanto que se deu por mercancia
Aquelle premio, que ao valor se deve,
He Droga sem proveito a valentia.

Hum vosso Quinto Avó ao Filho escreve,
Que mandasse Pimenta, e que zombasse
Da calumnia formada, ou grave, ou leve.

Mas elle, como he certo que tomasse
O exemplo de tal Pai, para o serviço,
O conselho hera força desprezasse.

E assim, sem se lhe dar de que remisso
Dilata o Tempo o premio desejado,
Fez do servir para o servir feitiço,

.....

Persuado-me que estes poucos trechos bastarão para se fazer juizo do talento, e estylo do Author, e desta Epistola descommunal; nella, posto que menos eivada de gongorismo do que as Obras da maior parte dos Authores, que foram seus contemporaneos, não deixa de encontrar-se bastantes rasgos, que dêem materia á justa censura, especialmente no que diz respeito a methaphoras improprias, como por exemplo neste Terceto.

Não julgues o que he pelo que sôa,
Que se na *Cythra* do *Papel* a penna
Toca suave, rijamente sôa,

Que relação ha entre uma *Cithara*, e uma folha de papel? Entre uma penna, e o plectro? Uma methaphora é uma comparação, abbreviada, se entre o objecto cuja denominação passa para outro, e esse outro para que elle passa, não se dá uma semilhança notavel, e evidente, a methaphora é viciosa, porque lhe falta o fundamento. Podemos dizer com toda a propriedade, que Achilles é um leão, porque o leão é forte, valente, e furioso como Achilles; chamar bosque de naus a uma armada; porque entre os mastros de uma esquadra, on-

deando com a oscillação das vagas, e as arvores de uma floresta, agitadas do vento, ha na verdade grande semelhança; mas quando Gongora diz, fallando da Sicilia, que das suas searas

Las Provincias d'Europa son hormigas,

diz uma impropriedade; 1.º porque nada se parece um reino com uma formiga: 2.º porque a menor falta de relação existe entre o commercio de sereaes, que os reinos da Europa fazem com a Sicilia, e o roubo que os enxames de formigas fazem nas tulhas dos Lavradores: 3.º porque as formigas vam fazer essas devastações em grandes turbas, e os reinos da Europa não vam, nem podem hir a comprar trigo á Sicilia; sam alguns Mercadores, os que se encarregam disso. Quando dizemos uma folha de papel ninguém o estranha, porque o papel é chato, largo, liso, flexivel, e delgado como as folhas das arvores, e das plantas o sam, pela maior parte: o mesmo acontece quando denominamos a espada *rayo*, porque a espada brilha, e destroi: mas como pôde chamar-se *cythara* ao papel, se este nem tem a configuração da *cythara*, nem dá como ella sons harmoniosos? O menor inconveniente que tem estas methaphoras mal formadas, como se encontram tantas nos Authores Seiscentistas, é tornarem a oração enigmatica, e difficil de entender, e é essa uma razão para serem cuidadosamente evitadas por todos aquelles, que aspiram á gloria de bous, e correctos Escriptores.

D. Antonio Alvares da Cunha tambem se encontra honrosamente mencionado pelo Padre Antonio dos Reis: eis aqui os versos, que lhe consagrou.

Cunha

*Ad caput undantis prærupto è vertice Fontis
Stat, Generosorum magna comitante calerva,
Et rigat Aonio silientia corda liquore
Ipsè, sùique simul.*

CAPITULO IV.

Frey Eusebio de Mattos.

Gregorio de Mattos, de quem já tractámos, teve por irmão a este Eusebio de Mattos, que o igualou no genio festivo e jovial, e lhe foi muito superior nos talentos, e na sciencia.

Eusebio de Mattos nasceu, como seu irmão, na Cidade da Bahia de todos os Santos, em 1629. Mostrou desde seus primeiros annos, singular viveza, e grande facilidade de aprender. Frequentou, como era costume, as aulas dos Jesuitas, que então, por desgraça deste reino, e das Letras Portuguezas, haviam conseguido o monopolio da Instrucção Pública.

O pensamento reservado da Companhia de Jesus, quando á força de intrigas, de importunação, e de hypocrisia obteve do supersticioso, e pouco illustrado Rei D. João III. este monopolio da instrucção da mocidade, foi dar cabo de toda a boa philosophia, que então florescia entre nós; enredar o espirito dos jovens n'um labyrintho de superstições, e nas maximas arteiras de sua moral depravada, suffocar em suas almas toda a faizca de independencia, e de amor da patria, influir nelles um respeito cego para com a sua Corporação, para assim levarem ao fim o seu plano tenebroso de entregar Portugal á Hespanha, domina-lo á sombra do Governo intruso, e apoderar-se de toda a sua riqueza.

Este plano é um facto, de que hoje só dauidam os necios, e os que por seu particular interesse promoveram a sua resurreição, e que pertendem acredita-los de novo, para com o seu auxilio barbarisarem de novo a Europa, e fazerem retrogradar nella as luzes, para estabelecerem o predomínio do privilegio, do monachismo, e da ignorancia. E a prova do que levb dito é, que da

introducção dos Jesuitas, e da sua alliada a Inquisição, outro presente de D. João III., começou a decadencia das letras, das sciencias, do bom gosto, da gloria nautica, e militar destes reinos.

Nem nos illudamos com o brilho literario, do reinado daquelle Monarcha, esse brilho era o reflexo da luz, que vinha dos reinados anteriores; os grandes homens, que então floresceram, haviam terminado os seus estudos nas Universidades do reino antes que os chamados Apostolos houvessem dellas banido a boa instrucção, e os grandes Mestres, que occupavam as suas Cadeiras, para ahi diffundirem as trevas do Peripato, e da Theologia escolastica; mas a proporção que esses grandes luminares se foram apagando pela morte, é que se vio a depravação, a que chegaram entre nós as letras divinas, e humanas! E se algum homem se tornava distincto, ou por ter feito bons estudos fóra do reino, ou porque a natureza o havia dotado com um talento extraordinario, lá estavam as intrigas jesuiticas para o afastarem dos cargos públicos, lá estava a Inquisição para o perseguir a titulo de suspeito na Fé, para o sepultar em masmorras, queimar, ou obrigar a expatriar-se.

Um dos principaes cuidados dos Professores Jesuitas, era estudar cuidadosamente a indole dos mancebos, que frequentavam as suas escolas, e se em algum delles encontravam disposições felizes para se distinguir nas letras, era logo por elles festejado, cercado de seducções, até conseguirem que elle entrasse no seu gremio, e vestisse a roupeta de Santo Ignacio, a fim de darem á sua Corporação mais um meio de superioridade, e de respeito.

Foi isto o que aconteceu com Eusebio de Mattos, joven, e inexperto, cedeu ás suggestões daquelles embahidores, e professou o seu Instituto, em 24 de Maio de 1644, sem embargo das vehementes advertencias, e representações de seu Irmão contra o passo funesto, que pertencia a venturar.

Depois de tomar o habito dobrou-se em Eusebio de Mattos a paixão pelos estudos, e foi tanto o seu aproveitamento, que em breve foi condecorado com o grau de Mestre, regendo com grande credito algumas Cadeiras de Theologia, e de Philosophia.

Mas não era só no cultivo das Sciencias Philosophicas, e Ecclesiasticas que o Padre Eusebio se distinguia, elle brilhava no pulpito como um dos mais eloquentes Oradores do seu tempo, lograva os applausos de grande Poeta, tanto em portuguez, como em latim; gozava de grande reputação como Mathematico, como excellente Musico theorico, e pratico, e até como Pintor engenhoso, e mai correcto. O Padre Antonio Vieira, que o amava como irmão, costumava dizer: *Que Deus se apostará em o fazer grande em tudo, e que não fbra mais por não querer.* Um tal elogio, sahido da bocca de um Varão tal, de um Juiz tão competente como o Padre Vieira, é mais que sufficiente abono do grande merecimento do nosso Poeta

Mas esse mesmo merecimento, essa grande superioridade sobre os seus collegas, não podia deixar de suscitar a inveja; e em breve começaram as machinações surdas contra elle, aproveitando-se todas as occasiões de mortificar o seu amor proprio, e de indispor-lo com os superiores. O Padre Eusebio não era homem para soffrer calado essas picadas de formigas, essas intrigantinas de claustro, conhecidas vulgarmente com o expressivo termo tecnico de *Fradarias*; reagiu com vigor; então o odio dos seus emulos tirou a mascara, declarou-se a perseguição, e aproveitando o pretexto de algumas irregularidades do seu proceder, verdadeiras, ou inventadas não sei, mas naturalmente exaggeradas, romperam no excesso de expulsa-lo da Companhia.

Quando uma Corporação perde um membro de extraordinario merecimento, é ella, e não elle, que a isso fica lesado. Assim o reconheceu o Padre Vieira, que estava ausente; toda Bahia quando isto aconteceu; mas quando tornou a ella, e soube o que se passara levou grandemente a mal este successo, e exclamou com desgosto: "Fizeram bem nós é que o havemos de sentir!... cuidam que a cada passo florescem daquelles mattos!" Mas, (responderam) dava escandalo na Sociedade; tinha uma barragão. "E que importava isso (gritou o Orador indignado) era melhor que tivesse seis mancebas, e que a Companhia thas sustentasse, e os filhos, do que perder um tão valente soldado, que tarde, ou nunca terá quem prechenna o seu lugar!"

Sahido da Companhia, tomou Eusebio de Mattos a resolução de dirigir-se á Ordem Carmelitana, que o recebeu com os braços abertos, e ali professou, em 15 de Agosto de 1664, tomando o nome de Frey Eusebio da Soledade, e ali deparou melhores companheiros, e passou o resto dos seus dias, entregue ao exercicio do pulpito; regendo as Cadeiras de Theologia, e de Philosophia, e cultivando a Boesia, cuja paixão nunca o desamparou. Falleceu no Convento do Carmo da Bahia, em 1692, contando sessenta e tres annos de idade. Isto é, no tempo em que podia ainda, por muitos annos, enriquecer a Literatura Portugueza.

Segundo o testemunho de alguns Authores contemporaneos, Eusebio de Mattos foi de character folgazão, e jovial, e amigo de sociedade, e desenfadameato; suas maneiras eram agradaveis, sua conversação judiciosa, posto que não poupasse os rasgos satyricos, quando achava occasião de os empregar a proposito. Não admira por tanto que fosse bem acolhido, e festejado das pessoas distinctas, e cortezãs do seu tempo.

Eusebio de Mattos imprimio, em sua vida, alguns Sermões, e deixou em manuscripto um maior número delles, que provavelmente pereceram no transtorno geral, que com a extinção das Ordens Religiosas, soffreram as Bibliothecas dos Conventos.

As poucas pessoas, que entre nós lêem Sermões, talvez porque sam mui poucos os que valem a pena de serem lidos, encontram nos de Eusebio de Mattos muito conhecimento das Escripturas, e dos Santos Padres, muita doutrina, eleguencia vehemente, estylo correcto, e periodos bem compassados, e harmoniosos; como nunca tive occasião de lêr nenhum delles, não posso deixar de referir-me a este juizo de pessoas competentes, e que se conforma com os grandes creditos que o Author gozou sempre como Orador Sagrado, e com a sua pericia nas sciencias ecclesiasticas.

As suas poesias eram numerosas, e versavam sobre assumptos meraes, jocosos, satyricos, e eroticos, algumas dellas giram em manuscripto juntamente com as de seu Irmão Gregorio de Mattos, porém a maior parte se considerou á muito como perdida.

Felizmente podemos hoje duvidar deste infortunio, porque ha pouco appareceu na Revista Trimestre, Journal do Instituto Historico, e Geographico do Brazil, a agradavel noticia de que nas mãos de alguns curiosos daquelle Imperio se conservava um grande volume manuscrito, contendo muitas Obras ineditas de este Poeta; podemos por tanto esperar que mais ou menos breve appareça um Editor, zeloso da gloria nacional, que as torne pela imprensa accessiveis ao exame dos Amadores da Lingua e da Poesia Nacional. Sobre esta noticia pôde consultar-se a sobredita Revista, 2.ª Serie, Tomo I., paginas 540.

Entre as poucas Obras Poeticas de Eusebio de Mattos, que me consta terem sido communicadas ao público pela imprensa, contém-se as seguintes Oitavas, que aadam no Tomo I. do *Pastilhão de Apollo*, e que podem dar-nos idéa do estylo, e versificação deste Poeta. O fim desta Obra é fazer o retrato de uma Dama, assumpto já de si ruim, porque traz consigo muita azaggeração; e não admira que o Poeta, querendo ostentar engenho, e lisongear o original da pintura, dê tantas vezes no affectado, e conceituoso do estylo culto, ou gongoristico; e nos jogos de palavras, que hoje seriam com razão condemnados.

Podeis desafiar com bizzarria,

Só por só, cara a cara, a bella Aurora;

Que a Aurora não só cara vos faria

Vendo tão boa cara em vós, Senhora;

Senhora sois do Sol, e luz do Dia,

Do dia, em que nasceste atégora,

Que si a Aurora faz luz por sua Estrella,

Duas tendes em vós a qual mais bella.

Sei que vos dera o Sol o seu thesouro

Pelo negro gentil desse cabello,

Tão bello, que em ser negro foi desdouro

Do Sol, que por ser de ouro foi tão bello;

Bella sois, e sois rica sem ter ouro,

Sem ouro haveis ao Sol de conveucello,

Que se o Sol por ter ouro he celebrado,

Sem ter ouro, esse negro he adorado.

Vossos olhos, Senhora, estai attento,
 Sabeis os vossos olhos o que sam?
 Sam de todos os olhos hum portento,
 Hum portento de toda a admiração;
 Admiração do Sol, e seu contento,
 Contento, que me dá consolação;
 Consolação que mata e bom desejo,
 Desejo, que me mata quando os véjo.

Attento no primeiro verso está adverbialmente, e equivale a estai attentamente.

A bocca para Cravo he pequenina,
 Pequenina si he, será rubi,
 Rubi não tem a côr tão peregrina,
 Tão peregrina côr eu nunca vi;
 Vi a bocca, e julguei-a por divina,
 Divina não será, eu não o cri,
 Mas creio, que não quer a vossa bocca
 Por rubi, nem por Cravo fazer troca.

Vêr o nevado aljofar, que desata
 A Aurora sobre a galla do Rosal,
 Vêr os rayos de nacar dessa prata,
 E pérolas em conchas de coral;
 Vêr Diamantes em golpes de escarlata,
 Em piques de rubi vive crystal
 De vêr os vossos dentes de marfim,
 Por entre bellos labios de carmim.

Em peito algum socega este Amor cêgo,
 Cêgo só pelo Amor do vosso peito,
 Peito, em que o Cêgo Amor não tem socego,
 Socego, por vos ter amor perfeito,
 Perfeito foi o amor em tal emprego,
 E o emprego perfeito em tal effeito,
 Effeito, que he mal feito dizer mais,
 Quando chega o Amor a extremos taes.

Tanto se presa Amor do vosso amor,
 Que o môr amor que tem, he amor tanto,

Tanto, que diz o Amor que outro maior
 Não teve por amor, nem por encanto;
 Encanto he vêr o Amor em tal amor,
 Que arde tambem o peito por espanto,
 Tendo do fogo vivo por signal
 Doze vivas empólas de crystal.

A dizer dessas mãos não me aventuro,
 Que a ventura das mãos a tudo mata,
 Mata Amor nessas mãos já tão seguro,
 Que tudo ás mãos lavadas desbarata;
 A cuja neve a prata, e crystal puro,
 Se apurou o crystal, a neve, e a prata,
 Bellissimas Pyramides formando
 Onde Amor vai as almas sepultando.

Por este ultimo verso se vê que o Author julgava, como os mais doutos Antiquarios, que as Pyramides do Egipto haviam sido edificadas para sepulchros dos antigos Reis daquelle paiz; esta opinião tem soffrido algumas contradicções, que será difficiloso manter; visto que tendo-se aberto algumas nos nossos dias, em todas foram encontrados cadaveres.

A descrever a cinta não me atrevo,
 Porque a vêjo tão breve, e tão succinta,
 Que em vê-la me suspendo todo, e enlevo,
 Por não vêr atégora melhor cinta,
 Mas por seguir o estylo, que aqui levo
 Digo, que he vossa cinta tão distincta,
 Que o Ceo se fez anel da formosura
 Só para cinta ser de tal cintura.

Vamo-nos para o pé... mas tate! tate!
 Que descrever o pé tão peregrino,
 Si loucurà não he, he disparate,
 Disparate, que passa a desatino;
 Aqui desatinei, pois me deu mate
 O picante do pé tão peregrino,
 Que pé tomar não posso em tal pégada,
 Pois he tal vosso pé, que em pontos nada.

O vocabulo *peregrino*, empregado duas vezes como rima na mesma Estança, é uma negligencia, que deve cautelosamente evitar-se por quem aspira á gloria de Escriptor correcto.

Além destas Oitavas podem haver-se como legitimas composições deste Poeta as seguintes, que o Sr. Varnaghem traz no seu Florilegio da Poesia Brasileira; Obras, que elle achou confundidas nos livros manuscriptos de seu Irmão Gregorio de Mattos, e das quaes imprimio algumas, em dúvida de serem de um, ou de outro. Eu examinei essas Obras duvidosas, comparando-as com as que sam reconhecidas por de Gregorio de Mattos; e pelas differenças de estylo, que notei em umas, e outras, me convenci de que eram todas de Frey Eusebio; e parece que independente dos argumentos tirados da diversidade de estylo, e linguagem, bastaria a qualidade dos assumptos para decidir a questão, pois não é crível que um homem do caracter de Gregorio de Mattos, se occupasse em compôr poesias de devoção; elle, que a cada passo se mostra immodesto em pensamentos, e expressão, e nos actos de sua vida, nunca se fez notar por devoto: é por tanto mais verosimil, que essas poesias sejam antes de Frey Eusebio, a quem em qualidade de Frade, é crível que as Beatas importunassem muito com peditorios de semelhante natureza.

Mas, ou de moto proprio, que elle as fizesse, ou para satisfazer importunações alheias, é certo que nessas poesias não faltam rasgos, que abonem o grande talento do Author. Vejamos o seu Poema á Soledade da Virgem.

Nos braços do Occidente agonizava:
 Em crystalino leito o Pai do dia,
 E a noite o negro manto desatava,
 E de pallidas sombras se vestia;
 Quando a sentir saudades se apartava
 Do melhor Sol a Aurora de Maria,
 Acompanhando-a, em seus mortaes retiros,
 Ancias, penas, cuidados, e suspiros.

Pérolas, que das conchas divididas,
 Baixavam a eclypsados resplandores;

Sendo de hum fogo amante produzidas,
 Vitaes borrifos sam das lindas flores,
 Pois quando mais da lastima impellidas
 Do prado lisongeam os verdores,
 Produzem com mortiferos ensaios
 Magoados Abris, saudosos Maios.

A regia Flor da Rosa bella, e pura
 O saudoso pranto em si recebe,
 E por dar melhor galla á Formosura
 Por copos de crystal aljofar bebe,
 Quando em Maria a pena mais se apura
 Brancas venturas seu carmim concebe,
 Que póde a saudade rigorosa
 Fazer sua belleza venturosa.

Mas ainda assim sentida, e magoada,
 A Maria acompanha em seu tormento,
 Que nos braços da pena desmaiada
 Só sente em si com vida o sentimento;
 Da vida de seus olhos apartada
 Tanto entrega o motiyo ao pensamento,
 Que o Filho, a quem lamenta sepultado,
 Testemunha he fiel do seu cuidado.

Hum ai! lisongear a dôr queria,
 E a mesma dôr no peito o embargava,
 Porque huma dôr a outra reprimia,
 Quando hum tormento a outro se buscava,
 O melhor dos sentidos padecia,
 Porque o melhor cuidado lhe faltava;
 Sendo do coração, em laço estreito,
 Centro o sepulchro, e sepultura o peito.

Vendo sem lar o Sol, que o Mundo adora,
 Murcha do prado a Flor mais peregrina,
 Ficou sem luz a mais suprema Aurora,
 Sem resplandor a Estrella matutina;
 Nas saudosas lagrimas, que chora,
 Firme levanta os creditos de sua,
 Porque menos de lá a dôr tivera,
 Si o pranto hum só suspiro enter necera.

Com o tormento a lingua immudecida,
 O coração no peito lhe fallava,
 E quando o echo n'alma repetia,
 Reposta o coração reverberava ;
 Ai! saudade! o coração dizia,
 Ai solidão! a alma articulava,
 Si hũa dôr, que está viva, he mais violenta,
 A alma tem esta dôr, que só atormenta.

Já sem a luz do claro Sol ausente
 Me tem a saudade em noite escura,
 Tendo a pena maior, que esta alma sente,
 O ter a sua gloria em sepultura ;
 A dôr da solidão he tão vehemente,
 E padece-la tanto o Amor procura,
 Que quando alivio a tanto mal se achara,
 Só por padecer mais o não buscara.

„ Oh quanto agora, amado Filho, ou quanto
 „ Me lembra que em Bêthlem, em doces laços,
 „ Vi vosso pranto, alivio do meu pranto,
 „ Sendo Oriente desse Sol meus braços!
 „ Agora em solitario, e triste espanto,
 „ Sigo daquellas lagrimas os passos,
 „ E vem a agradecer lagrimas finas
 „ Favôres de outras lagrimas divinas.

„ No vosso oriental, oitavo dia,
 „ Thesouro de rubis se anticipava,
 „ Pois poucas dilacões Amor soffria,
 „ Preça para correr ao sangue dava ;
 „ Bem sei daquella dôr, que então sentia,
 „ Meu Bem, que a minha dôr prophetisava,
 „ Sendo de Amor aquelle humilde excesso
 „ Annuncio á solidão, que hoje padeço.

„ De poderosos Reis, pobres Pastores,
 „ Em meus braços vos vistes adorado,
 „ Porque os vossos divinos resplandores
 „ Lhe haviam clara luz nas almas dado ;
 „ Mas agora, sendo alvo dos rigores,

» Vos vistes pelos Homens ultrajado,
 » De Espinhos corôado, escarnecido,
 » De golpes cheio, e sangue denegrado.

» Nos braços de Semião, Amor, quizestes
 » Passar das minhas mãos apresentado ;
 » E como em mãos dos Homens vos pozestes,
 » Logo andou com cuidado o meu cuidado,
 » Pois pelos Homens hoje a ser viestes
 » Nos braços de huma Cruz crucificado,-
 » Para nesse sepulchro, que venero,
 » Vêr a hum Deos por querer, que tanto quero.

» Já da minha amorosa companhia
 » Hum tempo, oh doce Amór, vos apartastes,
 » E por dar luz a quem a luz não via,
 » Sendo a luz de meus olhos, me deixastes ;
 » Hoje, por semrazões da Tyrannia,
 » Sem vós fiquei, e vós sem mi ficastes,
 » Que como estou sem mi, filho querido,
 » Nem em mi posso achar o que hei perdido.

» Como penas procura o pensamento,
 » Neste meu solitario, e triste estado,
 » Quer meu amor para maior tormento,
 » Que sem pena imagine o meu cuidado ;
 » Si ao coração as penas dão tormento,
 » Não seja o coração alimentado,
 » Pois receio na pena encarecida,
 » Que dêem ao coração as penas vida »

Sentindo a dôr da vossa Soledade,
 Oh quem, pura Maria, hoje podera,
 As ancias reprimindo da vontade,
 Tornar do peito o bronze em branda cera
 Porque em vossa maior penalidade
 Meu pranto companhia vos fizera,
 E si eu sentir a vossa dôr me víra,
 Não sentir como vós he que sentirá.

Tornada a Rosa em candida Açocena,
 Publica a vossa dôr vosso semblante,

A quem o coração de magoa, e pena
 Mil correios envia a cada instante,
 Que suspireis, Senhora, Amor ordena,
 Pelo querido Filho, e doce Amante,
 Suspirai, Virgem pura, que eu bem vejo
 Ser pena o suspirar, porque he desejo.

Já sem acção nenhuma de vivente
 Vos tem a triste dôr, que o peito encerra,
 Padecendo na lastima presente
 Em campanha d'amor saudosa guerra;
 A vossa dôr a Morte não desmente,
 E a vossa pena a vida não desterra,
 Que viva, estais da pena magoada,
 E morta, porque a vida está apartada.

Não pôde negar-se que neste Poema ha boa versificação, e pensamentos nobres; mas tambem não pôde negar-se que ha aqui um desperdicio de espirito, um alambicado de conceitos, uma profusão de trocadilhos, e jogos de palavras, certa quinta essencia de gongorismo, que quadra mal com a seriedade do assumpto: posto que Gregorio de Mattos não seja inteiramente livre destes brilhantes falsos, e destas puerilidades engenhosas, é tambem certo que nunca dá nesta linguagem freiratica, pertenciosa, e esquisita, e é essa uma das razões, porque julgo, que de Frey Eusebio, e não delle, sejam estas composições.

AOS TORMENTOS DE CHRISTO.

Sedenta estava a crueldade Humana
 De aggravos, e tormentos,
 Contra a Excelsa, Divina Magestade,
 Doce emprego d'Amor, summa Bondade,
 Que conhecendo a semrazão tyranna,
 E os barbares intentos, entre vicios,
 Com que, deixando tantos beneficios,
 Prodigios, e favores,
 Os Homens lhe pagavam com rigores;
 De fino amor, e paciencia armado,

Se entrega a padecer com tal cuidado,
Que o tormento, que instantes lhe faltava,
Maior tormento a seus desejos dava.

O odio o inculcava á céga Gente ;
Pois a um Deos, Summo bem Omnipotente,
Rei dos Ceos, e da Terra,
A paz dos Anjos, e do Inferno guerra,
A cuja voz os Orbes se estremecem,
E Agua, e Ar, Terra, e Fogo lhe obedecem,
Chegam a acclamar Rei de zombaria ;
E com tal ousadia,
Que, usurpando-lhe o culto merecido,
Ao verdadeiro tractam por fingido,
Que até hum Deos, que a Réo se ha sujeitado,
Como fingido Rei se vio tractado.
Que causa, quem se humilha em baixos pannos,
Destruição de cultos, e respeitos.

De espinhos a corda lhe fizeram,
E si outra mais cruel fazer poderam,
Fazer-lha, de si proprios, não se ignora,
Que cada coração espinho fóra ;
Setenta e duas fontes caudalosas,
Da Sagrada Cabeça desatadas,
De púrpura banhadas,
Deixaram frescas rosas
Não em botão formosas ;
E vendo o puro sangue verdadeiro
De Cbristo, innocentissimo Cordeiro,
Cada a qual torna a Deos o fabuloso,
Fazendo desperdiçar o precioso,
Pois o divino sangue parecia
Quando ao rosto descia,
Entre magoas, e penas,
Choveiros de rubis sobre Açucenas.

Mas quem vio, doce agrado dos meus olhos,
Jámais a Flor ferida dos Abrolhos ?
Mas como entre Romanas mãos se viram,
Da condição dos Homens se vestiram ;

Porque de Flor jámais a formosura,
Dos Homens entre as mãos viveo segura.

Deixai, Senhor, que sinta o meu cuidado,
Ao verdadeiro Amor, vê-lo vendado,

Pois o que a hum Deos mentido
Fez a Gentilidade, hoje atrevido
Fazem-o a vós, que sois Deos de verdade,

Oh vãa Gentilidade!

Si bem, Senhor, com tanta differença,
Que elle solto se vê, vós, meu Rei, preso;
Elle venerações, e vós desprezo.

Mas sendo vós, Senhor, Lynce divino,
Foi cégo desalino;

E este injusto rigor soffrer não posso
Mas permitti-lo foi mysterio vosso;
Porque as finezas vendo entre os amargos,
Tapais os olhos por não vêr estragos;
E si acaso esses olhos Soberanos
Tapais, só por não vêr olhos humanos,
Da minha alma tirai a torpe venda
Porque, vendo quem sois, vos não offenda.

Um dos Poemas de Frey Eusebio de Mattos, que
mais apreciado, e applaudido tem sido, é o que se inti-
tula: *Ecce Homo*. E' escripto em Decimas, e com bastan-
te vigor de estylo, e de expressão.

Hoje, que tão demudado
Vos vejo por meu Amor,
Espero em fim, meu Senhor,
Que me hei-de vêr por ganhado;
Satisfazei meu cuidado,
Já que assim vos chego a vêr,
Pois só vós podeis fazer
No mal, que sentindo estou,
Que deixe de ser quem sou,
E seja como hei-de ser.

Já vejo aos Homens clamar,
Por vossa morte impacientes,

E dos tormentos presentes
 Querem a mais appellar;
 Os termos se ham de trocar,
 Que hoje a Fé quer advertida
 Vendo em pena tão crescida,
 A que é hem que se reporte,
 Clamar porque vos dêem morte,
 Clamar a vós me deis vida.

Pilatos compadecido
 De vos vér como vos via,
 Outra condição vestia
 Para vos mostrar despido;
 Eu tambem, Amor querido,
 Vendo excesso tão atroz,
 E o estado, em que vos pôz
 O impio Povo ruim,
 Já que vos despem por mim,
 Me quero eu despir por vós.

Vestir outra condição para vos mostrar despido, e quero despir-me por vós, já que vos despem por mim, sam trocadilhos, e conceitos alambicados, que se tornam ridiculos quando se tracta de assumpto semelhante, mas que no tempo do Poeta passavam por bizzarria de engenhão, e portentos de discrição.

Dispam-se contentos vãos,
 Loucuras, cégas vaidades,
 Atem-se as mãos ás maldades,
 Si á Bondade atam as mãos;
 Fiquem pensamentos sãos,
 E a Soberba se desfaça;
 No peito a humildade nasça,
 Morra a culpa que me priva,
 Porque não he bem que eu viva
 Quando morre o Author da Graça.

Este he o Homem, dizia
 Pilatos, que se enternece;
 Mas quem a Deos desconhece,

Mal conhecer-se podia ;
A minha Esperança fia
De vós, que alento lhe dá,
Huma Fé, que viva está,
Que de Amor ao desempenho
Conheça o mal, que em mim tenho,
E veja o bem que em vós ha.

Correu-se a nuvem Sagrada
Dessa vossa vestidura,
E do Sol a formosura
Se mostrou toda eclypsada ;
A flor por Homens pisada !
Oh que pena me causais !
Pois quando assim vos mostrais,
Conheço, oh Pai amoroso,
Que por serdes tão piedoso
A tal piedade chegais.

A barbara crueldade
Dos Homens, Senhor, me admira !
Pois se vestem de mentira,
Para despir a verdade :
Não querem ter piedade,
Porque os céga a semrazão,
Porém não he muito, não,
Quando o seu rigor os prostra,
Que quem com paixão se mostra
Mal pôde ter compaixão.

Hoje me guia o Destino
A amar-vos, que não he bem,
Tenha amor grosseiro a quem
Tem em vós amor tão fino ;
Pois quando a amar-vos me inclino
Maior culpa, amada prenda,
Fôra amar-vos sem emenda,
Porque vendo esse Amor vosso
Si offender-vos vêr não posso,
Como he bem que vos offenda ?

O mesmo caracter de versificação, e de estylo, a mesma affectação de conceitos, encontraremos na *Paraphrase da Salve Rainha*, na *Flagellação de Christo*, e nos versos á lançada com que Longuinhos o traspasçou, que sam uma especie de Madrigaes, e até no seguinte

SONETO.

A S. Francisco.

Oh magno Seraphim, que a Deos vóaste
Com azas de humildade, e paciencia,
E absorto já nessa divina essencia
Logras o Eterno Bem, a que aspiraste.

Pois o caminho aberto nos deixaste
Para alcançar de Deos tambem clemencia,
Na Ordem singular da Penitencia
Destes Filhos Terceiros, que criaste.

A Filhos, como Pai, olha queridos,
E intercede por nós, Francisco. Santo,
Para que te sigamos, e imitemos.

E assim, desse teu habito vestidos,
Blasonemos na terra de bem tanto,
Que depois para o Ceo juntos vóemos.

Parece que este Soneto foi pedido ao Author para alguma festa da Ordem Terceira de S. Francisco; sahi na verdade um pouco prosaico, mas é isso o que de ordinario acontece quando os Poetas se acham obrigados a escrever para satisfazerem pedidos alheios, e não por propria inspiração.

Não póde dissimular-se que os versos, que acabamos de citar, não correspondem á grande reputação do Author; mas se tivessesmos á vista as suas composições, sobre assumptos menos severos, e mais proprios para despertar o éstro, e excitar a phantasia, talvez que o nosso juizo fosse então mais favoravel; mas como temos a certeza de que essas poesias existem, não devemos perder as esperanças de que algum dia venham á luz.

CAPITULO V.

Antonio Villasboas e Sampaio.

A 17 de Agosto de 1629, na Quinta denominada da Tareja, Termo da muito antiga, e formosa Villa de Guimarães, nasceu Antonio de Villasboas e Sampaio, Senhor do Solar do Paço de Villasboas, e Torre de Ayró, Termo de Barcellos.

Foram seus pais Diogo de Villasboas Caminha, e D. Anna de Carvalho e Sampaio, pessoas muito nobres naquella Provincia, e possuidoras da grande fortuna, que veio a recahir nelle, como filho primogenito, que era.

Destinado por seus pais para a carreira da Magistatura, principiou em Braga os seus estudos elementares, e findos elles passou a matricular-se na Universidade de Coimbra, onde se distinguio por sua assiduidade, e applicação, fazendo actos brilhantes, e terminado o seu Curso Juridico foi condecorado com o grau de Licenciado, ou Bacharel, como hoje dizemos.

Havendo servido os logares de Juiz de Fóra de Villa do Conde, e de Viseu, passou a ser nomeado Corregedor da Villa de Moncorvo, e depois Provedor de Caminha, e estes logares desempenhou elle com tanta probidade, e prestança, que El-Rei D. Pedro II. houve por bem despacha-lo, em recompensa de seus bons serviços, e o agraciou com a mercê de um logar de Desembargador da Relação do Porto, de que tomou posse no 1.º de Fevereiro de 1689.

Antonio Villasboas e Sampaio casou com D. Maria Ferraz de Almeida, e deste matrimonio houve tres filhos, a saber: Diogo de Villasboas e Sampaio, que foi Capitão Mór de Barcellos, e Governador de Villa do Conde; D. Balthasar de Faria, que seguiu a vida ecclesiastica,

e frequentou a Universidade de Coimbra, onde alcançou o Capello de Doutor, em Sagrados Canones, sendo depois Inquisidor de Coimbra, Prelado da Patriarchal, e Bispo d'Elvas; D. Pedro de Villasboas e Sampaio, que foi Doutor, e Lente da Faculdade de Leis, Deputado do Santo Officio, Desembargador da Casa da Supplicação, Collegial de S. Pedro, e Bispo d'Elvas por fallecimento de seu irmão.

Além destes filhos, teve mais Antonio de Villasboas, da sobredita sua mulher, uma filha por nome D. Josepha, que foi Religiosa, e tomou o véo no Mosteiro das Benedictinas de Barcellos.

Antonio de Villasboas além de muito erudito nas Sciencias Academicas, mostrou grande disposição para a poesia, tanto latina, como vulgar, que cultivou desde os seus primeiros annos, adquirindo por ella grande nomeada entre os seus contemporaneos.

Foi tambem mui habil Escriptor em prosa, como o prova a sua Obra, que tem por titulo: "Nobliarchia Portugueza, Tractado da Nobreza Hereditaria, e Politica, offerecida ao Marquez de Gouvêa D. João da Silva, e impressa em Lisboa por Francisco Villella, em 1676."

Esta Obra é a mais conhecida, e estimada de todas as do Author; posto que hoje bastante rara; a sua dicção é facil, e para, o estylo menos inficionado dos vicios do tempo, o que prova nelle, ou muita força de hom gosto natural, ou que a leitura continuada dos exemplares Gregos, e Romanos tinha corregido nelle, em parte, a influencia que a Eschola Hespanhola exercia nos seus coevos.

Deixo aos Genealogicos ávaliar o merecimento da Obra; quanto ao modo porque está tractado o assumpto, parece-me porém, que apesar de algumas noticias curiosas, que no livro se encontram espalhadas, o Author geralmente se mostra credulo, ou mentiroso, ou pelo menos falto de criterio, e imparcialidade, adoptando tradições confusas, legendas inverosimeis, factos mal provados, ou absolutamente fabulosos, e por isso lhe não faltou quem o censurasse, mesmo em sua vida.

Antonio de Villasboas, como todos os Literatos do seu tempo, fallava, e escrevia com muito apuro, e perfeição

a lingua castelhana, e nella havia escripto, uma especie de Romance intitulado: *El Baxel de Cupido, Navegacion entretenida de Roberto, y Cinthia.*

Esta Obra chegou a estar prompta com todas as licenças necessarias para sahir á luz, porém o Author mudou de resolução, havendo por pouco digne da gravidade de um Magistrado o imprimir uma Obra deste genero, e por isso a condemnou a ficar eternamente sepultada no pó da sua livraria. O Abbade Barbosa affirmã, que este manuscripto, com algumas lacunas, se conservava em poder dos descendentes do Author. Os mesmos motivos obstaram á publicação das suas numerosas Poesias.

Estou hem longe de approvar estes escrupulos, e me parece ridiculo, que um homem se julgue superior á sua Arte; si é vergonhoso ser Pintor, Escultor, Musico, ou Poeta, para que perde o seu tempo cultivando estas Artes? Estará só a vergonha em saber-se que elle as cultiva? Por ventura o roubo, o ou assassinio deixa de ser crime, quando é praticado no silencio das trevas, e sem que o público tenha delle noticia? A poesia é um dom immediato da natureza, e que ella concede a muito poucos individuos, e estudo, e a applicação podem fazer um grande Mathematico, um grande Physico, Theologo, ou Jurista; mas nem o estudo, nem o saber podem fazer um grande Poeta, que não deixará de o ser ainda que lhe faltem todos os soccorros da sciencia, e o exemplo de Shakespeare prova sufficientemente esta asserção. Como pôde pejar-se um Magistrado de publicar as suas poesias, quando Salomão, que a Escripura chama o mais sabio de todos os homens, se não pejou de publicar as suas entre os Hebreos? As poesias de Julio Cesar, de Polião, de Vario, e de Varão, andavam nas mãos de todos os Romanos, e não vêjo que com isso soffresse algum desar a sua memoria. O Papa Urbano VIII., D. Dimiz, o Infante D. Pedro, e em tempos mais chegados a nós o Rei da Prússia, honravam-se do titulo de Poetas, e nem por isso o mundo os respeitava menos. Insisto, e insistirei sempre em censurar esta mania, porque ella tem sido causa de se perderem muitas Obras, que teriam dado muita gloria á nossa Lite-

ratura; quem esconde os fructos do seu talento, ou do seu saber, renega a missão de instruir a humanidade, que recebeu do Altissimo; é como o que *esconde a luz debaixo do alqueire*, e pôde applicar-se-lhe a sentença de Metastasio

*No meritò di vivere
Chi vive sol per se.*

Antonio de Villasboas considerado como Poeta, unico titulo porque podia ter logar neste Ensaio, é na verdade Escriptor elegante, e o seu estylo é mais descarregado da affectação, dos conceitos alambicados, dos brilhantes falsos, das antithesis, e trocadilhos, que de ordinario mancham os escriptos dos Escriptores de prosa, e verso daquelle seculo: tem além disso este Poeta bastante imaginação, viveza de imagens, e versificação mui corrente; isto é quanto pôde ajuizar-se pelos dous pequenos Poemas, que delle conservamos.

O primeiro destes tem por titulo: *O Auto da Lavradora de Ayró*, que sahiu á luz em Coimbra, na Typographia de José Ferreira, no anno de 1678, e debaixo do nome supposto de João Martins, creado do Duque de Barcellos: o que é novo testemunho do ridiculo péjo, que o Author tinha de ser conhecido por Poeta.

Ayró é um monte junto ao solar da casa do Author, em Barcellos, e no Capitulo IX. da sua Nobeliarchia affirma o Author, que aquelle nome era corrupção de *Mons aurens*, ou *Monte aureo*, ou *Monte de ouro*, denominação que lhe havia sido dada nos tempos antigos, ou pela secundidade do seu terreno, ou pelas minas daquelle metal precioso, que o affamavam, como a muitos outros montes da Peninsula Hespanhola. Sem pertender affirmar, nem negar esta etymologia, de que o Leitor poderá ajuizar o que melhor lhe parecer, direi sómente, que o Poeta levado do desejo tão natural de celebrar os logares em que nascemos, nos educamos, e em que passámos os melhores tempos da nossa vida, resolveu cantar em uma methamorphose, á maneira de Ovidio, tanto o Monte Ayró, como uma fonte, que reventava, e corria junto ao Paço de Villasboas, e que era geralmen-

te conhecida pelo nome de *Fonte de Virtude*, pela que o vulgo lhe attribuia de curar de muitas enfermidades aquelles, que se lavavam em suas aguas.

Parece-me que o Poeta errou o titulo deste Poema chamando-lhe *Auto*, não sendo elle uma composição dramatica como os Autos, mas uma verdadeira narração, e por isso andaria melhor, si não me engano, chamando-lhe *methamorphose*, ou *Ecloge*; mas persindindo deste descuido, que não é de grande importancia, direi sem escrupulo, que nesta pequena composição se deparam rasgos de muito amena, e graciosa poesia. Aqui a apresentamos por inteiro, em attenção á sua muita raridade:

Ao pé do Monte Ayró,
Onde só de huma pégada
Deu a Fonte da Virtude,
Que ahí nasce, vida, e fama.

Onde o Sol logo em nascendo,
Depois que em penhas descança,
Almoça no valle flores,
Bebe em correntes de prata.

No Paço de Villasboas,
Logar onde pela calma,
A' sombra de verdes Olmos
Se juntam bellas Serranas,

Pelo caminho de cima,
Com huma talha apedrada,
Pucarinho de Estremoz
Em prato de Porcelana,

Hia Leonor pela sésta
Para a fonte a buscar agua;
Lavradora, que de todas
He por formosa invejada.

Pastores d'Ayró,
Fugi apressados,
Que vai Leonor
A dar-nos cuidados.

Leva o cabelo em rolete,
 Melenas depeuduradas,
 Gargantilha de velorios,
 Com relicario de prata.

Colete de Serafina,
 Figa de Azeviche á banda,
 Ramal de coraes no braço,
 E camisa debuxada.

Manteo verde, que na côr
 Dá que entender a quem passa,
 Que inda que Leonor he esquivã,
 O manteo dá esperança.

Descalça pelas pedrinhas
 Vai sem medo de topadas,
 E assim, melhor que de meias,
 Vai Leonor hindo descalça.

A todos quantos encontra
 Com seus olhos prende, e mata,
 E com ser escaça a Moça
 Dam seus olhos muitas dadas.

Esta pintura é digna de Gongora, quando elle se mostra, como acontece de ordinario nos seus Romances, Poeta amavel, original, e elegante, e não innovador extravagante, turgido, e obscuro.

Pastores de Ayró,
 Fugi apressados,
 Que vai Leonor
 A dar-nos cuidados.

Chega á Fonte de Virtude,
 Que com orystallinas aguas,
 Dando saltos de prazer,
 Chora, e ri co'a mesma cara.

Põe de parte o pucarinho,
 Começa a lavar a talha,
 E soltando ao ar a yoz
 Suavemente assim canta.

CANTIGA.

Não quero bem a ninguem,
Em nada amor me maltrata,
Nem o desamor me mata,
Nem me cança o querer bem.

Logo põe a talha á fonte,
E parece que alegrava
A agua, que hia sahindo,
O hir Leonor a busca-la.

E pegando da rodilha
Começa de concerta-la,
Cantando por outro estylo
Esta cantiga engraçada.

CANTIGA.

O meu pucarinho,
Com que agora venho,
Vê-de como he lindo,
De barro vermelho.

Não se gabe alguem
De beber por elle,
Que o meu pucarinho
Só para mim serve.

Inda que tem azas,
A Ninguem da azos,
Pega-se nos beiços,
Cheira como barro.

Azas, e azos é um jogo de palavras muito no gosto do tempo, em que o Poeta escrevia, e de que sobram exemplos nos seus contemporaneos.

A talha se hia enchendo,
E Leonor se apparelhava,
Para a levantar, e olhando
Para a fonte, assim cantava.

O primeiro verso desta Copla, posto que rigorosamente não possa dizer-se errado, cochea pela falta de synalepha, vindo assim a ser necessario apoiar a voz na syllaba *se*, que é breve, como se fosse longa, quando devia ellidir-se com a primeira do vocabulo *hia*, que se lhe segue.

CANTIGA.

Fonte de virtude,
Clara como a Prata,
A quem de ti bebe
Nauca a séde mata.

Belardo, Pastor queixoso
De Leonor, que perto andava,
Com hum rebanho de ovelhas,
E a coaheceu pela falla,

Pondo-se atraz de hum Salgueiro
Tirou do Çurrão a gaita,
E a tocou, porque Leonor
Soubesse que ali estava.

Vitou-se ella para vér
A quem a gaita tocava,
E, dando c'os olhos nelle,
Assim ouviu, que cantava.

CANTIGA.

Devo mais favor ás pedras
Do que á tua formosura,
Que as pedras duras não fogem,
Tu foges, e mais hes dura.

Ah Leonor! que tão mal pagas
Huma fé singela, e pura,
Mas como hes, Leonor, de pedra,
Em nada te ponho a culpa.

Assim disse, e pouco a pouco
Se chegou para onde estava
O motivo de sua queixa,
E do seu queixume a causa.

E soltando a voz do peito,
 Que de hum suspiro arrancava,
 Lhe fallou desta maneira,
 Os olhos razos em agua.

BELARDO.

Leonor ingrata,
 Tu, que a pena sómente dás barata
 A quem deseja dar-te a alma, e vida,
 Sendo crua homicida
 De quem te adora,
 Ouve-me hum pouco agora,
 Não sejas sempre dura,
 Junto desta agua, em quanto ella murmura
 Do meu amor, e tuas tyrannias.

Bem-sabes tu que os dias,
 E a noite mais comprida
 Gasto em quererte, e nisto passo a vida:
 Em quanto o Gado pasce, o meu cuidado,
 Tuas memorias sam, mal empregado,
 Pois que tão mal o pagas sempre escassa,
 De huma pequena graça;
 Mas digo mal, que tudo tu mereces,
 Não pelo que hes, mas pelo que pareces.

Em quanto a Noite triste
 Os vales cobre, e pelo monte assiste,
 E o rebanho, na réde recolhido,
 Rumeia o que de dia tem comido,
 Toda a minha fadiga, e minha gloria
 He vêr-te retratada na memoria;
 E assi, Leonor, sem somno, e sem abrigo,
 Me achas dias, e noites só contigo.

Pois hum amor singelo, huma fé pura,
 Que a tua formosura
 Confessa por Senhora,
 Não será venturosa huma só hora?

Este Carvalho, aquelle Choupo antigo,
 Que aquella vide busca por abrigo,
 Não vés como a agasalha entre seus braços,
 E vam formando laços,
 Hum com o outro unidos,
 Em reciproco amor agradecidos,
 De élo em élo, e de galho em galho,
 O Choupo á vide, e a vide ao Carvalho.

Viste já huma Rôla,
 A quem de pola, em pola,
 E de hum a outro ramo,
 Cem amante reclamo,
 Com huma voz saudosa
 O macho galanteia para Esposa,
 E arrastando-lhe a aza
 Guia-la quer ao ninho, que he sua casa?

Pois esta, que podera por altiva
 Mostrar-se hum tanto esquiua,
 Obrigada do amor, e do carinho
 Em fim vai para o ninho,
 Amante tão fiel, e de tal sorte
 Que si acaso a morte
 O Consorte lhe leva, de sentida
 Não pisa herva, nem flor em toda a vida.

Estas minhas Ovelhas, que tosando
 Vam este *Campo raso*,

Campo raso, horrivel, e indecente cacaphonia, que
 todo o Poeta que aspira á gloria de hom, e correcto
 versificador deve cuidadosamente evitar.

Si o Carneiro acaso
 As anda procurando,
 Si as requista o Anho,
 Não sabem do rebanho,
 Mas com igual ventade
 Lhe pagam a amizade;
 E tu queres, por ser mais entendida,
 Faltar á obrigação de agradecida?

Si o fazes por vaidade
 Não to merece, não, minha vontade;
 Si o fazes por virtude, o casamento
 Não vês que he Sacramento
 Em que dous corpos se atam, ides corrida
 Com hum nó, que se não desata em vida;
 E a gosto dos amigos, e parentes
 Em serviço de Deos vivem contantes?

Estas idéas Christãas, estas allusões ao Evangelho figuram, a meu vér, muito mal em um Poema, que termina por duas metamorphoses: é necessário que em uma composição poetica todas as idéas se liguem, como o grupo das Filhas de Niobe, que em diversas aptitudes mostram em seus semblantes um ar de família, que as denuncia por irmãs; idéa que Ovidio elegantemente exprimiu nos seguintes versos, fallando das Nereidas:

*Pacis non omnibus una
 Nec diversa tamen, quales decet esse Sorores.*

Outras já se presaram
 Deste caprixo, que ao depois pagaram;
 E se quizeres conhece-lo ao certo,
 Aqui tens tu o exemplo de bem perto:

Esta fonte, que vês, já foi Pastora
 Tão livre, e tão senhora
 Da sua liberdade,
 Que huma boa vontade

Nunca pagou com outra, mas agora
 Sente o castigo, porque ainda o chora.

O Vulgo, que entendia
 Que hera virtude sua tyrannia,
 Chamava-lhe «a Virtude», que assim erra,
 E este nome só tinha em toda a Terra;
 E assi hera Virtude assi chamada
 Deste Valle a Pastora celebrada,
 Flor destes campos, galla deste monte,
 E veio a parar tudo nesta fonte.

Foi o caso, que nesta Aldeia havia,

Foi o caso, expressão trivial, e indigna do dialecto poetico.

Hum Pastor, que queria
Que á vista da guedelha penteada
O amasse Virtude; mas tão dada
Estava ella á sua *beatice*,

Beatice é termo plebeo, improprio, e mal sóante em uma composição deste genero; o Poeta, cujo gosto não era mui puro, cabe muitas vezes nestas incoherencias, e contra-sensos.

Que chamava doudice
A's finezas d'Ayró, que a namorava;
Porque assim se chamava
Este Pastor famoso,
Mais celebre no amor, que venturoso.

Hera Ayró de estatura alevaniada,
Sobrancelha arrugada,
Largo de espaldas, negra cabelleira;
Usava de polaina, e de guilteira.
Virtude hera Pastora
Com brios de Senhora,
Bem parecida Moça, com asseio,
Não admittia Amor, nem galanteio,
Mas tudo despresava;
Hum rebanho de Ovelhas, que guardava,
Só hera o seu cuidado,
Nisto gastava o tempo, mal gastado,
Cada vez mais severa,
Com pouco de Mulher, muito de Fera.

Succedeo que huma tarde,
Já quando ao pôr-se o Sol nas aguas arde,
Descendo com seu Gado desse Outeiro
Vinha Virtude ao longo do Ribeiro,
Guiando-o ao curral sem mais cuidado;
Mas a força do Fado,
Que já a perseguia,

O destino cruel daquelle dia,
 Tal para a Pastora,
 Trouxe-lhe á vista Ayró, que não a via.

Ayró, que á vio, alegre, e presenteiro,
 A foi buscar ligeiro,
 Saudaram-se, e Virtude já vermelha,
 Como que se a morderá alguma Abelha,
 Cada vez mais formosa
 Em cada huma das faces pôz huma rosa.

Emé a foi detendo vagaroso,
 Encostado ao bordão, todo amoroso,
 Dizendo-lhe mil cousas á porfia,
 Até que a noite pôde mais que o dia,
 E mudando a luz posto
 Hia transpondo lá para o Sol posto.

Queria hir-se a Pastora, e não podia,
 Que Ayró se atravessava no caminho;
 Porfiava, mas elle lhe impedia
 A passagem, com rustica carinho.
 Todo risonho, todo reguebrado,
 Até que ella ficou, hinda-se o Gado;
 E querendo romper todo embargo,
 Deteve-a Ayró pegando-lhe no braco.

Ella insistia, e elle mais amante,
 Passar queria ávante,
 E usar de liberdade,
 Violando a honestidade
 Com sacrilego intento,
 Da Casta Donzella,

Que vendo-se em perigo tão violento,
 Sem lhe valer ahi manha, ou cautela,
 Pôz os olhos no Céu, e com voz muda
 Chamou aos altos Deoses em sua ajuda.

E afastando de si forte, e valente
 O Mancebo atrevido, incontinentemente
 O viu erguer-se em monte,
 E ella, transformada nusta fonte.

Por esse campo raso
 Lhe vai fugindo, rindo-se do caso;
 Porque assi quiz dos Deoses a piedade
 Encontrar a atrevida liberdade,
 Com piedosa cautela
 Castigar o Pastor, valer a ella.

Este he o Monte de Ayró, que estamos vendo,
 E a fonte da Virtude, que, correndo,
 Por este Valle em aguas se desata;
 Que por esquiua, e ingrata,
 Quando hera Pastora,
 Quiz ser de tanto damno causadora.

E tu, como esta queres
 O primor, encontrar da Natureza,
 E com nova aspereza
 Ser hum segundo exemplo das Mulheres.

Assim dizia Belardo,
 E Leonor, tomando a talha,
 Lhe disse: «Belardo adeos,
 Sem horas de hir para casa.

Essa affeição, que me mostras,
 Nunca pôde ser bem paga,
 Porque não tenho com que
 Pagar affeição tamanha.

Na Aldeia ha outras Pastoras,
 Em quem mais bem empregadas
 Podem ser essas finezas,
 Porque eu valho pouco, ou nada.»

E ponho a talha á cabeça
 Se foi de volta virada,
 E Belardo se ficou
 Dizendo, e quem tal cuidara!

Riselo, que tinba ouvido
 Tudo quauto ali passara,
 Do Pinheiral da Brucinha
 Por detrás de huma enramada;

Pegón n'huma Sanfoninha,
 Que com destreza tocava,
 Que também o amor faz cegos,
 Que com Sanfoninhas andam.

Depois de se rir hum pouco,
 Cantou, com linda toada,
 As cantigas que se seguem,
 Em quanto as Cabras pastavam.

CANTIGA.

Ao pé d'huma Junqueirinha
 Corre huma fonte de prata,
 Si Leonor quer hem a outro,
 Bem nescio he quem se mata.

O Amor não se constrange,
 A affeição dá-se de graça,
 Porque sómente he soborno
 O que com ouro se paga.

Si os corações se não unem,
 Si se não prendem as almas,
 Para que he jogar de amores,
 Nam ha verdade nas cartas.

OUTRA.

Florisela, meus amores,
 Vós de donde estais hem vedes,
 Fallai-me á hora da noite,
 Percamos barços, e rédes.

Confiado estou em vós,
 Si a esperança me não mente,
 Mas dizem-me, que esperanças
 Também faltam muitas vezes.

Si sabeis que vos adoro,
 Não sejais esquiua sempre,
 Que amor com amor se paga,
 E só quem paga não deve.

Não venha tambem Biselo,
 Como Belardo, a perder-se,
 Que quem se ri dos amigos
 Talvez seus males padece.

FIN.

Pelo contheudo deste Poema, e pelo estylo, em que se acha escripto, se convencerá o Leitor, creio eu, de que melhor que o titulo de Auto, lhe cabe o de Ecloga, e que é uma das mais bellas, que se escreveram naquella seculo, sem embargo de alguns conceitos, trocadilhos, e outras affectações gongoristicas, de que quasi ninguem, mais ou menos, soube livrar-se inteiramente naquella época; e quando homens da esphera de Corneille, e Racine cahiram ás vezes nestas puerilidades de estylo, que pôde esperar-se de Poetas que viviam no foco da infecção, e estavam tão longe delles em gosto, juizo, e talento? Desculpemos-lhe estes defeitos, em attenção a não hirem tão longe como alguns dos seus contemporancos.

O casamento da Infanta D. Catharina, filha d'El-Rei D. João IV., com Carlos II. Rei de Inglaterra, que então se julgou um acontecimento mui prospero para Portugal, excitou a celebra-lo a maior parte dos Poetas do tempo, e Antonio de Villasboas não se excusou de contribuir para esta solemnidade com o seu contingente, dedicando a este objecto um Poema, em noventa Estanças, com o titulo de *Saudades do Têjo, e de Lisboa na ausencia da Senhora Catharina, Rainha da Grã Bretanha.*

Crejo que foi esta a primeira vez, que o nome de uma Princeza deste reino appareceu á testa da composição de um Portuguez, sem ser precedido da palavra *Dona*; parece-me que não usarem as Senhoras deste titulo em Inglaterra, França, Alemanha, e outros paizes não justifica o Poeta para omitti-lo, fallando de uma Senhora Portugueza, sendo elle Portuguez, escrevendo na nossa lingua, e publicando a sua Obra em Portugal. Qualquer que seja o pretexto a que o Author recorra para desculpar-se, se esta omissão não foi nascida de descuido do Typographo, é claro, que a denominação de *Senhora Catha-*

rina, tractando-se de tão alta *Personage*, não pôde deixar de produzir muito ruim effeito em ouvidos Lusitanos.

Estas Saudades do Téjo, e de Lisboa, sam, como todas as memoraveis Saudades dos Poetas daquella época, uma declamação, nobre, si assim o quizerem, mas em que ha de ordinario mais affectação que naturalidade, mais espirito que sentimento, mais elegancia que singeleza.

O Poema de Villasboas distingue-se sobre tudo pela força da expressão, e pelo bem fabricado das Estrophas, que mostram o que elle poderia ter feito, se emprehen-desse a composição de um Poema Epico, também de quando em quando se deparam ali pinturas de grande merecimento, tal é esta da partida da Armada, em que sahio da barra de Lisboa, demandando a Inglaterra, em que seu marido a esperava, ou pelo menos o seu avultado dote, que segundo Goldsmith foi o principal motivo porque Carlos II. procurou este casamento.

Hiam as Naus cortando vagarosas
Do claro Téjo a limpida corrente,
E as Nymphas apoz ellas, que saudosas
Ao Vento pedem, que dali se ausente:
Alegre estava o dia, o mar de rosas,
E o Téjo aquella tarde mais contente;
Porque o Vento, deixando o mar, e o posto
Faltou hum dia, só por dar-lhe gosto.

Sahiu a Armada em fim da foz em lera,
Traz si levando os olhos da Cidade,
Que vendo que o melhor se lhe hia embora
Triste ficava, e morta de saudade;
Qual o Amante, que, ausente o bem que adora,
Perdida sente a vida, e liberdade,
Assi Lisboa, vendo a Infanta ausente,
Do bem maior que tinha, a ausencia sente.

Com muitos olhos a Cidade olhava,
Que vê muito quem ama de verdade;
Para a Armada, que as vélas alargava,
Formando sobre o mar huma Cidade:

Segui-la, a ser possível; desejava,
 Ficar-se-hera o motivo da saudade,
 E irresoluta toda, e embaraçada
 Assi dizia, olhando para a Armada.

Esta falta de Lisboa é rigorosamente do estylo do tempo, vêmos nella em lugar de sentimento espirito, em lugar de paixão conceitos, em lugar de verdade chymeras, em lugar de naturalidade affectação, e trocadilhos, que destroem todo o pathetico da situação; vêjamos alguns axemplos.

«Ouvi-me, Ventos, vês que razão tenho

»De me queixar da vossa ligeireza,

»Tornai hum pouco atraz o leve Lenho,

»Adonde a alma leva de Amor presa;

»Enganai desta vez o humano engenho,

»Sêde alivio a meu mal nesta tristeza,

»E quando em tanto não queirais cançar-vos,

»Podeis de meus suspiros ajudar-vos.

»Meus suspiros darão sobejo vento,

»Darão meus olhos agua sem medida,

»Com elle vôará meu pensamento,

»Com ella hirão involtas alma, e vida;

»A vida hirá buscar contentamento,

»A alma a si, porque anda dividida,

»Com penas tristes, vôos de pesares,

»Meu pensamento hirá sobre esses mares.

»Lagrimas minhas, vós com mais cuidado

»A Nau fareis voltar ao undoso Téjo,

»Vós, suspiros, com vôo levantado,

»Fareis este serviço ao meu desejo:

»Mas ai! que vêjo a Nau no mar saigado!

»Mas ai! que já no pégo a Armada vêjo,

»E as lagrimas, suspiros, pensamento,

»De mais não servem, que de mais tormento!

»Eu não queria, oh Vento rigoroso,

»Impedir-te a jornada de Inglaterra.

» Bem sei que o apartamento, que he' forçoso,
 » Bem sei que o fado esquivo me fáz guarrol
 » Queria só, oh Vento procelloso,
 » Tornar a vêr a Infanta nesta terra,
 » Para pedir-lhe huma Alma, que a saudade
 » Lá lhe levou, deixando-me a metade!

» De que me serve a mim viver de meias?
 » De que me serve a alma a mim partida?
 » Que gosto me dam lá glorias alheias,
 » Si eu cá hei-de passar tão triste a vida?
 » Tu, Oceano, a Carlos lisongejas,
 » Tu, Tejo, o tempo segues, e eu perdida
 » Si achar-me quero, toda envolta em magoas,
 » Em vão me busco aqui, que estou nas aguas!

» Na Armada vou, que lá vam meus cuidados;
 » A Armada tenho aqui no pensamento,
 » Vêde o que a affeição faz, que põe cortados
 » Termos de huma affeição, trocado o assento:
 » Mas já meus pensamentos levantados,
 » Acham na esperança novo alento,
 » E se esperanças vem, meus pensamentos,
 » Corra o Tejo, a Nau vá, soprem os Ventos.»

Não é preciso mais, para que o Lector conheça como este Poeta sabia imitar a linguagem de paixões ternas; vêja-se este phraseado freiratico, e puerilmente conceituoso, se pôde ser a expressão de um pesar profundo, da ternura, da melancholia, e de uma saudade penetrante, e verdadeira. E com tudo, este estylo pretencioso, estas idéas rebuscadas, e fóra do natural, este despendio de antitheses, e argúcias, era o grande enlevo daquelle seculo desgraçado, em que os Poetas para escreverem mal davam mais tractos á imagioação, e mais contençaõ ao espirito, que os Authores do seculo antecedente para escreverem bem.

Algumas vezes o Poeta, depois de se perder nas nuvens, ambicionando a gloria, de se mostrar mais gongorista que o proprio Gongora, descahe de repente no ex-

cesso contrario, passando da exaggeração da poesia, a não ter poesia nenhuma: assim lhe acontece, por exemplo, na Estança LXI. em que nem ao menos tempera com alguma elegancia a trivialidade das idéas:

Sahiram, dando bom principio ao dia,
Foram á Sé a ouvir primeiro Missa,
Hindo diante toda a Fidalguia,
E os Tribunaes da Guerra, e da Justiça.
Aqui mostrou Lisboa á bizzarria
De armações muitas, com que desperdiça
Despezas grandes, mostras de Lealdade
Com que dos Reis venera a Magestade.

O insipido prosaismo desta Estrophe, mostra que o estylo em que o Padre Theodoro d'Almeida escreven o seu esquisito Poema do Terremoto, não é tão original, e tão novo como no seu tempo se julgou. Coteje-se, quanto á expressão, esta chamada Oitava, com a seguinte do Poema daquelle douto Padre, que talvez por um acto de humildade Christãa, quiz mortificar o seu orgulho de sabio, tornando-se ridiculo na posteridade, publicando um Poema, já não digo sem vocação, mas com a mais completa negação, e inhabilidade para a poesia, e diga-se si não parecem sahidas da mesma penna.

Huma illustre Senhora estando fóra
Do perigo, pergunta si perece
Sua filha, ou se vive, sem demora
Que escapou do perigo reconhece;
Prompta na terra ajoelha, a Deos adora,
A mercê recebida lhe agradece:
Eis que um muro, que perto lhe ficava,
Se arruina sobre ella, quando orava.

Canto II.

Mas dos homens, iguaes na natureza,
Custa muito o soffrer, quanto mais quando
Não he justo, porque nessa fraqueza
Vai dous males pesados supportando,

Sobre a injuria e danno tambem pesa:
 Tudo vexa, e opprime, separando:
 Qualquer delles por si nos vexaria:
 Hum mais outro, que força não faria?

Canto IV.

.....
 Contendia o Fidalgo c'o Mulato,
 O Herege c'o bom Religioso;
 Contendia o Mendigo c'o Donato,
 O Mancebo c'o Velho assas idoso:
 Anda o Monge, que vive com recato,
 C'o Soldado mais livre, e mais jocoso;
 Anda o Leigo, e os Ministros das Igrejas
 Trabalhando com mutuas invejas.

Canto VI.

O mais notavel nisto, em minha opinião, não é que o bom Padre Theodoro d'Almeida cahisse na miseria de compor um Poema escripto neste gosto; há certos eruditos que julgam, porque sam grandes Theologos, grandes Mathematicos, grandes Physicos, &c. podem tambem ser grandes Poetas, e é tão fraca a idéa que formam da mais bella, e mais difficil das artes, que pensam que para sobresahir nella basta querer; cegos pelo amor proprio, começam a extravagancear, e a delirar em verso, e julgam-se pelo menos rivaes de Lucrecio, e de Virgilio. Não sabem que juizo claro, boa memoria, e muita applicação bastam para constituir um Erudito; mas que todo o saber humano não pôde fazer um Poeta, si a natureza não o houver criado tal.

O que admira neste caso é, que o Padre Antonio das Neves, homem de grande instrucção, e talento, e muito versado em litteratura, não tivesse pejo de publicar o Poema do seu collega, acompanhando-o de muitas notas, em que pertende demonstrar que aquella Obra não só é um Poema de grande merecimento, mas o melhor que se havia escripto! E' com effeito levar muito longe o espirito de corporação!

As salvas com que a Rainha é recebida a bordo da Esquadra, que devia conduzi-la á Grã Bretanha, sam pelo Poeta energicamente descriptas.

Do concavo metal o estrondo horrendo
 Em huma, e' outra Nau se repetia,
 Linguas de fogo cada qual vertendo,
 Parece que outra vez se recolhia:
 Em fumo os ares se hiam convertendo,
 Pelos ares o fumo se estendia,
 E o ar temia o Rio em taes ensaios,
 Nervens fazendo o fumo, o fogo rayas.

Parece que da Esphera fummosa
 Descera ás aguas Jupiter Tonante,
 E na estação do tempo mais ditosa
 Trovões fazia, e rayos coruscantes:
 Para vêr hera a machina estrondosa,
 Horrenda sempre, tremula, e flammante,
 E Marte alegre, solto todo o panno,
 A Esposa festejar do Rei Britano.

Coalhado de Bateis estava o Rio,
 E a Nau no meio delles levantada
 Mostrava hum agradável Senhorio,
 Que a fizera do Mundo respeitada;
 Parece que cobrara então mais brio
 Vendo-se entrar da cousa mais presada,
 E tanto assim, que logo mui ligeira
 De Capitania levantou bandeira.

Via-se a Nau feliz empavesada,
 Flammulas, e bandeiras tremulando,
 A quem a Nau de Colchos, celebrada,
 Estava entre as Estrellas invejando;
 E a carroça da Deosa namorada,
 Que de Chypre as boninas vai pisando,
 Vendo na Nau mais alta formosura,
 Teve em pouco esta vez sua ventura.

Os cavallos, do Sol, que cada dia
 Pascendo Estrellas, vem beber salgado,
 Si Phaethonte delles se confia,
 Segunda vez se vira despenhado:
 Seu gosto fóra só, sua alegria

Levar a Catharina, a seu cuidado
 Era tomar a estrada do Occidente,
 Para trocar co'a Nau, que o não consente.

Todos os Escriptores contemporaneos sam unanimes em affirmar, que a Infanta D. Catharina era a mais amavel, e virtuosa Princeza do seu tempo, mas, a excepção do Poeta, niuguem fallou em sua formosura, que Goldsmith affirmou que era mediocre: mas em chamar formosa a uma Dama, inda que o não seja, nunca se perde nada, porque ainda não houve nenhuma, que se enfadasse por lhe levantarem esse testemunho.

ENSAIO BIOGRAPHICO-CRITICO

LIVRO XXII.

CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA HESPAÑHOLA.

CAPITULO I.

André Rodrigues de Mattos.

Um dos mais felizes engenheiros do Seculo XVII., cujas Obras são hoje menos conhecidas, foi sem dúvida André Rodrigues de Mattos, que nasceu em Lisboa, e que parece, no anno de 1638.

Foi filho de uma familia muito distincta, que lhe deu mui liberal educação, fazendo-lhe estudar todas as disciplinas necessarias para ser matriculado na Universidade de Coimbra, onde frequentou o Curso de Sagrados Canones, em que alcançou o grau de Bacharel.

Voltando a Lisboa, foi agraciado com o habito da Ordem de Christo, que nesses tempos só era concedido a pessoas distinctas, e que nas provanças, a que se precedia, mostravam pareza de sangue, e herdada fidalguia.

Não consta que este Poeta exercesse algum cargo civil, ou ecclesiastico, mas sim, que possuindo uma boa Quinta de seu Património, no sitio do Campo Grande, nella se retirava todos os verões, e ali, desalagado de pensões, e cuidados, passava tranquillamente os dias entre o estudo, e ao cultivo das Musas.

Foi Socio das Academias dos *Generosos*, e dos *Singulares*, que então gozavam de grande reputação em Lisboa, e na primeira, e segunda parte das Obras desta ultima Academia se deparam algumas poesias suas.

Favorecido da fortuna, estimado, e respeitado dos seus compatriotas pelos seus talentos, sciencia, e poesias; liberto de encargos, e responsabilidades, que ás vezes amarguram a vida dos homens públicos, quem não pensaria que o Doutor André Rodrigues de Mattos não pôde ser contado no número dos homens felizes, daquelles a quem coube em sorte aquelle estado que Horacio chamava *auræ mediania*, e que elle tanto se felicitava de possuir?

O resultado porém mostrou quanto seria errada esta opinião, pois que estando o Poeta na sua já citada Quinta do Campo Grande, no dia dezesete de Agosto de 1698, pôz termo á sua existencia por meio do suicidio, e foi sepultado na Capella de Nossa Senhora da Conceição da Igreja Parochial do Campo Grande.

Seria hoje mui difficil, se não impossivel, averiguar que motivo poderoso levou um ancião de sessenta annos de idade, e nas circumstancias, em que devemos suppor André Rodrigues de Mattos, a cometer semelhante desatino, em um tempo em que as idéas favoraveis ao suicidio não tinham ainda principiado a generalisar-se. Seria por ventura algum accesso de hypochondria, ou desespero de alguma paixão amorosa, que ás vezes se declara com mais furor na idade avançada? algum repentino desgosto de familia? ou talvez a loucura? Os Escriptores contemporaneos, que referem o facto, nada nos dizem dos seus motivos, e nisso vem coherentes com o inveterado desleixo da nossa nação em transmitir á posteridade os acontecimentos, com as circumstancias que habilitem para bem se ajnizar delles.

As Obras de André Rodrigues de Mattos, cuja publicação chegou á minha noticia, a fórã as inseridas na Collecção da Academia dos Singulares, de que já fallei, são as seguintes:

1.º *Triumpho das Armas Portuguezas, deduzido de varios versos do insigne Poeta Luiz de Camões, glossados, e reduzidos ao intento.* Lisboa, 1668, em 4.º. Estes forrejos de volteador andavam muito em moda no tempo do Poeta.

2.º *Dialogo Funebre entre o Reino da Portugal, e o Rio Tejo, á morte da Infanta D. Isabel Duquesa.* Lisboa, 1690, em 4.º.

3.º Um Volume de Rhythmas Varias, em 8.º Esta edição é de 1654; consta que esta Obra fôra depois mandada recolher, por causa de algumas obscenidades que continha; talvez por esse motivo nunca me foi possível, a pesar de todas as diligencias, vér um só exemplar della. Jazerá naturalmente sepultada na poeira de alguma livraria particular, esperando que algum curioso de archiologia literaria de lá vá desenterra-la, para a dar ao prélo. Este pretexto de obscenidade com que foram prohibidas as rymas deste Poeta, é verdadeiramente curioso; pensará alguém que essas poesias eram escriptas no estylo da *Martinhada*, ou do *Capitulo dos Franciscanos*; mas essa supposição é inadmissivel; primeiro, pelo caracter pessoal do Author, homem grave, e modesto, e que não se atreveu a traduzir a Estança XIX. do Canto XVI. do Gofredo por temor de que lha riscassem, posto que aada tenha de escandalosa: segundo, porque havendo aquelle Volume sido impresso depois das indispensaveis licenças do Ordinario, do Santo Officio, e do Paço, era impossivel que todos os respectivos Censores estivessem dormindo quando o approvaram, ou fossem tão ignorantes, ou relaxados, que deixassem passar composições tão offensivas dos bons costumes, que tornassem o livro incapaz de correr. De duas cousas uma, ou foi outro o motivo da prohibição, ou o fanatismo de algum Prelado, que se alvorotou, sem causa, por alguma expressão mais viva, ediligenciou aquella suppressão. Em ambos os casos o procedimento da Authoridade foi uma injustiça rotória, e até não hesito em dizer, que um roubo; e posto que este caso não seja singular na historia das nossas letras, a boa logica diz, que onde ha censura prévia não pôde haver responsabilidade no Author, salvo se elle faltou ao dever de submeter-se a ella.

Estabelecér um Governo a censura prévia, é o mesmo que dizer ao Author: « Tu não imprimirás se não o que me convém; e para saberes si o que escreveste está ou não em harmonia com os meus interesses, o apresentarás ao exame de taes homens, ou de taes Tribunaes, em quem depositei a minha confiança, e a quem dei as instruções necessarias.

Segue-se daqui por consequencia legitima, que quan-

do qualquer Author sujeita nma Obra aos Censores, designados pela lei, as ideas que nella se contem, apenas se lhe pôz o *imprimatur*, sejam ellas quæes forem ficam sendo propriedade do Governo, que as approyou pelos seus orgãos legaes; se houve abuso deve pedir contas aos seus delegados, que trahiram a sua confiança, e não ao Author, que satisfez á lei. E' por tanto claro a todas as luzes, que é uma enorme injustiça não só punir o Escripitor com prisão, multa, ou desterro, mas até prohibir-lhe o curso do livro, que elle deu á luz com as licenças necessarias, visto que não é elle quem tem a obrigação de examinar e julgar se os Censores, e os Tribunaes, que lhe deram a permissão de o publicar, cumpriram, ou não com as instrucções, de que ella não tem conhecimento. Imprimir uma Obra é negocio de grande despeza, e prohibi-la depois de impressa é obrigar o Author não só a perder a despeza, para a qual talvez se empenhou, mas os lucros que deviam provir-lhe da sua venda, que podem ser grandes; e se isto não merece o nome de roubo, confesso, que não sei que nome lhe quadre: mas em Portugal houye sempre tanto desamor para os trabalhos literarios, e tam pouco apreço da gloria que delles resulta, que a prohibição de um livro, mesmo depois de impresso com todas as formalidades legaes, pareceu sempre a cousa mais simples e indifferente do mundo.

4.º O Gofredo, ou Jerusalem Libertada, Poema Heroico de Torquato Tasso. Lisboa, na Officina de Miguel Deslandes, anno de 1682, em 4.º

Esta Obra é hoje um livro raro, e tão raro, que nunca vi della senão dous exemplares; um que existe na Real Bibliotheca Pública de Lisboa, e outro de que se ha alguns annos, a aquisição, e que havia pertencido a um Religioso mui douto, e afeiçoado a este genero de estudos.

André Rodrigues de Mattos, posto que pertença á Eschola de Gongora, está bem longe de haver cabido nas extravagancias de estylo dos outros alumnos da mesma eschola; o que o Leitor facilmente poderá conhecer por alguns versos d'elle, que passamos a transcrever.

SONETO.

Eu que busquei por Fama esclarecida
 Verter do Tasso o metro Soberano,
 Achei por vós, oh Heroe Lusitano,
 Na sombra a luz, e no desmaio a vida;

Gloria maior, memoria mais subida,
 Me deu o vosso engenho mais que humano,
 Que a Musa singular do Sol Toscano
 Nunca imitada foi, nunca excedida.

A ser no Luso Idyoma celebrado,
 Vêmos agora o Tasso renascido,
 Menos de mim do que de vós formado.

Pois alentando o methodo atrevido
 O que no impulso seu foi só tentado,
 Ficou no vosso applauso conseguido.

Este Soneto foi dirigido ao Padre Francisco da Cruz, Reitor do Collegio de Santo António da Companhia de Jesus, desta Cidade, que foi um dos Censores da traducção do Gofredo, e que lhe fizera grandes elogios.

No fim da traducção do Gofredo, debaixo das armas do Grão Duque de Toscana, Cosme III., a quem a Obra é dedicada, collocou o Author o seguinte

SONETO.

Estas a quem o Mundo reverente

Em seis Odes se prostra dividido,

Sendo com paz heroica mais tenido

No forte braço o escudo refulgente;

Estas de quem a Fama eternamente

As glorias canta em giro repetido,

Aos Inflexos estragos prevenido;

Jugo adorado da Toscana Gente,

Se ao Tasso, em Luso Idyoma transformado,
Do ser primeiro conhecido apenas,
Derem seu patrocínio sublimado,

Fenyx renascerá de heroicas pennas,
Não do humilde calor em que he ultimado,
Mas da secunda luz do alto Mecenas.

DECIMAS.

Chloris, se fogo quereis
Dessa pedra, que feris,
Pouco meu domno advertis,
Mai vosso rigor sabeis:
Mais facilmente achareis
Em vós artificio igual,
Pois mostrais ao natural,
Usando rigores mil,
Na condição o fuzil,
E no peito o pedernal.

Admira, em termo tão breve,
Vér que a poucos golpes logo,
Sahem faiscas de fogo
Por entre dedos de neve:
Mas Fabio a provar se atreve,
Que he natural essa acção,
Pois mudais na condição
Equivocamente cheias
Com neve da pedra as veias,
E em fogo as veias da mão.

Estas Decimas, que tem por objecto uma Dama, petiscando fogo, tem na verdade muito engenho, e foi este um assumpto Academico, dado em uma Sessão da Academia dos *Singulares*; nem pareça isso estranho, porque outros de igual jaez foram dados em outras Sessões, verbi gratia: *Uma Dama desmaiando á sangria*; ou *uma Dama sahindo de noite em traje de homem*, em procura do seu amante, encontrando-se com elle, petiscaram um

com outro sem se conhecerem, e pelas feridas que se deram nos peitos se conheceram; ou uma Dama retratando o seu amante; ou uma Dama desmaiando á vista de uma caveira. E' assim que estas associações de homens de talento em Academias, longe de cooperarem, como era de esperar, para o progresso da arte e aperfeiçoamento do bom gosto, serviram sómente de o depravar e corromper: era de toda a impossibilidade, que homens empregados todos os dias em discorrer sobre assumptos tão frívolos, estravagantes, e ridicúlos, não contrahissem um espirito falso, uma maneira viciosa de encarar os objectos, uma mania de amplificar, e de refinar as idéias, além dos limites da boa razão, procurando brilhar mesmo á custa do bem senso: o que de certo não teria lugar se nas Academias se occupassem com assumptos serios, verdadeiros, e interessantes, e não filhos do capricho, e incapazes de inspirar o genio.

No quarto Volume da Phenix Renascida, paginas duzentas e sessenta e oito, tambem se depara um Soneto de André Rodrigues de Mattos.

SONETO.

Alegre Pintasilgo, flôr vivente,
 Não cantes, lisongêa hum desgraçado,
 Suave fontesinha, alma do prado,
 Não corras, accompanha hum descontente.

Vêjo que entre essas ramas livremente
 Festivo zombas do meu triste fado,
 Júlgo que entre essas penhas, sem cuidado,
 Marmuras rindo do que peno ausente.

Mas já que corres livre, sem demoras
 Bate essas azas, accelera o passo,
 Vai ligeira saber de hum bem, que adoro.

E se queres chegar em breves horas
 Voa com estas pennas, que aqui passo,
 Corre com estas aguas, que aqui choro.

Estas imagens phantasticas sam na verdade inverosimilhs aos olhos da razão tranquilla; mas não assim aos olhos de um amante saudoso, a quem a magoa confunde o espirito, e obriga a delirar. Aqui o Poeta está no caso daquelle Pastor de uma Ecloga de Dingo Bernardes.

Aquella chamma, aquelle intenso ardor,
Que brando sinto já pelo costume,
De noite dá de si tal rasplendor,
Que mil Pastores vem a pedir lume.

A Obra mais importante de André Rodrigues de Mattos, é sem dâvida o Gofredo, de Torquate Tasso, traduzido Oitava por Oitava, e verso por verso.

Esta traducção sahiu á luz em um grossa Volume, no anno de 1682, impressa na Typographia da Miguel Deulandes, e dedicada a Cosme Terceiro, Grão Duque de Toscana, traz na frente, além de mui honrosas approvações dos Censores, que examinaram o livro por parte do Ordinario, Inquisição, e Desembargo do Paço, um grande número de versos, tanto latinos como portuguezes, em que os melhores Poetas do tempo lhe tributam grandes elogios pelo bem acabado daquella empreza.

E' curioso vêr quam judiciosamente André Rodrigues de Mattos avalia no seu prefacio o trabalho, que dá uma traducção poetica, e o pouco agradecimento, que dellas se tira: "As traducções (diz elle) sam ordinariâmente, beneficio desconhecido, trabalho sem esperança de premio, e empreza pouco ditosa. Beneficio desconhecido porque aquelles mesmos, que talvez tomaram a primeira noticia do original pela copia, só tractam de desluzir, o que em boa correspondencia deviam agradecer: trabalho sem esperança de premio, porque se lê o titulo de traducção como descredito do livro, e pedindo a ordem da justiça, que se lêa primeiro, e que depois se julgue; nestas acções se perverte a urbanidade, e sam os Traductores julgados antes de serem lidos: empreza finalmente pouco ditosa, porque ainda aquelles engenhos, que se revestem melhor nos pensamentos, e idyomas estranhos, como sómente vdam após das Obras alheias, servem de augmentar para os seus originaes, quando

muito, a voz, e os vóos da Fama." A estas sensatas ponderações não ha que accrescentar se não que parece que os nossos Poetas estiveram sempre tão penetrados, e convencidos dellas, e que fugiram tanto de aventurar-se a estas ingrattões, ou injustiças dos Leitores, que não ha nação mais pobre, e minguada que a nossa, de traducções poeticas.

Dizem que na livraria dos Theatinos existia manuscrito um exemplar da traducção do Gofredo, de André Rodrigues de Mattos, emendada por André Nunes da Silva, em trezentas e noventa e nove Oitavas, algumas das quaes foram refundidas, e que elle Silva, dizem, haver emprehendido aquelle trabalho por credito da lingua portugueza. Não pertendo contradictar esta traducção, que vem na Bibliotheca Lusitana, sómente direi, que tendo eu em outro tempo frequentado muito o Convento dos Theatinos, porque a maior parte dos Padres, que então ali existiam, haviam sido meus condiscipulos, nunca lhes ouvi fallar em tal Obra, nem me lembro de a achar mencionada nos Catalogos da sua livraria, que examinei muitas vezes. Além de que, se este facto é verdadeiro, parece-me que para ninguem é mais desairoso que para André Nunes, de quem na frente da Obra de Mattos, da edição acima mencionada, se lê em louvor della o seguinte

SONETO.

Hum milagre de engenho, sabio, obrastes
 Na traducção do Tasso, que fizestes,
 Ilustre André, e ao Patrio Idyoma destes
 Quantas na Empreza glorias alcançastes.

Nos termos da eloquencia Lusa achastes
 A Italica facundia, que excedestes,
 E se na acção a Patria ennobrecestes,
 Vosso nome altamente eternisastes.

De Gofredo o valor foi sem segundo,
 O engenho de Torquato foi subido,
 Mas por vós cada qual fica illustrado.

Pois neste empenho vosso admira o Mundo,
Fielmente a Torquato traduzido,
Cabalmente a Gofredo decantado.

A' vista destes dous factos tão contradictorios, é inevitavel concluir que o Poeta Theatino, ou era um amigo pouco sincero, ou um adulator impudente, que louvou em público o mesmo que deprimia em particular.

Mas, de qualquer modo que seja, parece-me que descobrir, depois de um exame minucioso, trezentos e noventa e nove descuidos de estylo, ou de intelligencia na traducção, Oitava por Oitava, de um Poema de vinte Cantos, e mais de quinze mil versos, está tão longe de causar admiração, que talvez acontecesse o mesmo fazendo-se iguaes investigações na Iliada, e na Odyssea de Pope, na Eneida de Annibal, e em outras quaesquer traducções poeticas, tão affamadas como estas.

Ponderando com imparcialidade o trabalho insano que demanda, e as difficuldades, que offerece a versão de Obra, e de estylo tão elegante, e variado, é minha opinião, se ella vale alguma cousa nestas materias, que André Rodrigues de Mattos fez um grande serviço á litteratura patria, tornando nosso, o mais perfeito, e sublime Poema Heroico, que até ao presente tem apparecido nas linguas modernas, e que muito bons Criticos tem collocado a par da Iliada.

Não tenho a traducção de André Rodrigues de Mattos por tão perfeita como na verdade podia ser; a tyrannia da ryma o obriga muitas vezes a recorrer á vocabulos hespanhoes, e italianos, como *Geriones*, *Pilones*, *pello* por *cabello*; *novellas* por *novas*; *Arriivar* por *chegar*; *lhano* por *planice*; *aborre* por *aborrece*, e muitas outras; a mesma necessidade de ryma o obriga outras vezes a usar de termos menos proprios; por exemplo

Tartarei Numi, di seder piú degni
Là sovra il sole ond'è l'origin vostra,
Che meco già dai piú felici regni
Spinse il grau caso in questa orribil chiostra.

André Rodrigues traduz :

Tartareos Numes, vós que sois mais dizeis
 De assento sobre o Sol na origem vossa,
 E comigo dos Reinos mais divinos
 Lançou o grão caso nesta horrivel choça.

Os Reinos mais divinos, não corresponde exactamente ao *piú felici regni* do original; *horrivel choça* inda é peor, e meños conforme com o texto. Lucifer não chama ao Inferno uma *choça*, mas um *clauastro*, *prisão*, *masmorra*, que todos estes significados tem o vocabulo *chiostro*, que Tasso empregou.

Há também nesta versão alguns erros de intelligencias, e destes me contentarei de apontar alguns, como prova da facilidade com que mesmo um homem de talento se allucina, e engana, mesmo em cousas tão claras, que parece impossivel a equivocação.

No Canto VI., Estança CII. Herminia, que de noite sabira furtivamente de Jerusalem para procurar Tancredo, em quanto não volta o Escudeiro, por quem o mandara avisar ao campo dos Latinos, entregue ás soas meditações amorosas, tem a imprudencia de assomar a uma eminencia do terreno, para dali contemplar as tendas dos Cruzados. O reflexo da Lua, que então se dessemburilha das nuvens, reflecte sobre a armadura de Clorinda, que ella traz vestida, e a torna visivel aos Comandantes de um piquete, que está emboscado nas visinhanças; que tomando-a por Clorinda, e julgando com razão, que uma Guerreira de tanto credito não estaria ali a taes horas sem ser acompanhada, e para facção importante, mandam aviso ao campo, que se alvorota, e pega em armas, e remetem para ella: Herminia cheia de medo erava esporas ao cavallo, e foge; e o setimo Canto começa com a seguinte Estança.

Intanto Erminia infra l'ombrose piante
 D'antica selva dal Cavallo é scorta;
 Né piú governa il fren la man tremante,
 E mezza quasi par tra viva, e morta,
 Per tante strade si raggira, e tante
 Il corridor, ch'in sua balia la porta,
 Ch'alfin dagli occhi altrui pur si dilegua,
 Ed é soverchio omai ch'altri la segua.

Nada ha mais claro do que esta Oitava, seja pela grammatica, seja pelo estylo, seja em fim pelos antecedentes da situação, e apesar de tudo isso não a entendeu André Rodrigues de Mattos, que a traduzio assim:

Em tanto Herminia, entre espessura umbrosa
De antiga selva, do Cavallo desce,
Nem já a tremula mão governa anciosa
O freio, e quasi morta ella parece;
Co'a liberdade, que tomou forçosa
O Bruto no correr desaparece:
E em fim dos que a seguiam foge á vista,
E seguem já debalde esta conquista.

è scorta dal cavallo não quer dizer que *desce*, ou se apeia do Cavallo, mais que *he levada*, ou *guiada por elle*; o verbo italiano *scortare* significa *guiar*, *levar*, *conduzir*, *escollar*; deste engano resulta, que o resto da traducção desta Estança é uma embrolhada tal, que estou certo de que em todo o Poema não se encontra outra semelhante.

Co'a liberdade, que tomou forçosa
O Bruto no correr desaparece

não é o que diz o original: o que Torquato Tasso diz é, que estando Herminia entre viva, e morta, com o susto, e não podendo por isso dirigir as rédeas, o Cavallo que a levava a sen arbitrio, gira por tantos caminhos, que os perseguidores o perderam de vista, tornando-se assim baldado que alguém a seguisse. Já se vê que o dizer antes, que Herminia descera do Cavallo, é um contrasenso, que o resto da Estança desmente: mas estes, e outros descuidos alguma desculpa merecem, se nos lembrarmos da sentença judiciousa de Horacio: *Opere in longo fas est obrepere somnum*. Não é a nossa literatura tão rica de traducções poéticas, que possámos desprezar esta.

Sem embargo de que a versificação deste Poema é em geral harmoniosa, e robusta, apparecem nella alguns versos duros, que bem examinada a materia, provém da imitação do systema métrico, muito defeituoso, mas cu-

juicio os Poetas deste tempo mal podiam conhecer, affeitos como estavam a compôr versos castelhanos; e observar a pratica dos melhores Poetas daquella nação.

A dureza destes versos provém:

1.º Da suppressão do *m* final da palavra antecedente, illidindo a vogal, que fica com a primeira do vocabulo seguinte.

E pergunta aonde a Imagem está escondida.

2.º De reduzir a uma as duas vogaes da parte feminina do pronome passivo *sua* conforme a antiga pronuncia.

Conforme aos usos da sua Terra, e Gente.

3.º Da reduçãõ de muitas vogaes a uma só, resultando dahi grande difficuldade no pronunciar o verso.

Disse, e o impio Rei supposto que a piedade:

4.º Da contracção de algumas palavras, illidindo-lhe as vogaes do centro, como acontece em *união*, *feis*, *infais*, *triumpho*, &c.

Ter na Cidade *união* tão peregrina.

Duro desterno aos de mais *feis* destino:

Qu fosse fundo de *fiel* mão zelosa.

Que deve muitos *triumphos* á excellencia.

5.º De fazer a synalepha illidindo a vogal final longa da palavra antecedente co'a primeira breve da seguinte, o que deve ser pelo contrario.

Porém se de seu Reino está apartada.

Todas estas praticas, sam como já disse, usadas pelos Hespanhoes, e é isso o que torna ás vezes os seus versos tão desagradaveis aos ouvidos dos estrangeiros.

Quanto ao estylo poetico, empregado nesta traducção, parece-me em sua generalidade nobre, elegante, e digno da Epopeia: o que não offerecia pequenas difficuldades em Obra de tamanha extensão. O Leitor poderá áju-

zar delle pelos trechos que passo a transcrever, visto que o livro não é hoje de facil acquisição. Principiarei pela Estança III. do Canto IV., tantas vezes citada como exemplo de harmonia imitativa.

Chiama gliabitator dell'ombre eterne
 Il rauco suon della Tartarea tromba;
 Treman lé spaziose atre caverne,
 E l'aer cieco á quel rumor rimbomba:
 Nè si stridendo omai dalle superne
 Regioni del Cielo il folgor piomba,
 Né si scossa giammai trema la Terra
 Quando i vapori in sen gravida serra.

Chama os habitadores das eternãs
 Sombras o rouco sôm da trompa irada,
 Tremem as atras, horridas cavernas,
 E no ar cégo rumor retumba e brada:
 Nem tanto nunca das regiões supernas
 O Mundo amedrontou nuvem rasgada,
 Nem tanto treme sacodida a Terra
 Quando o vapor em si gravida encerra.

Concedo que esta traducção não iguale o original, mas ao menos não o desfigura, e representa uma parte da sua harmonia artistica.

A declaração de guerra feita por Argante a Gofredo, no Conselho dos Principes Cruzados, Canto II. Estança LXXXVIII. e seguintes, é escripta com a maior energia, e força de expressão.

Assim disse Gofredo, e furia ingente
 Penetrou logo o coração de Argante:
 E tão mal a encobrio, que ousadamente
 Do grande Capitão se pôz diante:
 « Quem não quer paz (lhe diz) a guerra intento,
 « Que o Mundo é de discordias abundante;
 « E o teu furor bem mostra que te céga,
 « Pois nosso parecer te não socega. »

Logo tomou o extremo do seu manto,
 Curvou-o, e fez hum seio, e o seio exposto,

A sua Oração começa irado em tanto
 Com mais despresador, e feio rosto :
 « Oh tu, a quem não rende o fero espanto
 « Da perigosa empreza, a que te has posto,
 « Guerra, ou paz neste manto meu se encerra ;
 « Sem mais demora elege ou paz, ou guerra. »

A acção feroz, a pratica atrevida,
 A querer guerra a todos provocava,
 Antes de terem a resposta ouvida,
 Que do grande Gofredo se esperava :
 Solta o Barbaro ao manto a parte azida,
 Tudo a guerra mortal desafiava,
 E em alto o disse tão feroz, e insano,
 Que parecia o templo abrir de Jano.

Igual força se depara no duelle de Rinaldo, e Gernando,
 que tem logar no Canto V., Estança XXV. e seguintes.

Hum sitio havia no campo onde, a que prove
 As forças, vai concurso nobre, e eleito,
 E entre exercicios de diversas sortes
 Dá mais firme vigor aos membros fortes.

Aqui pois, onde a Turba he mais copiosa,
 Como he costume seu, Rinaldo accusa,
 E vibra, como frecha venenosa,
 A lingua, que lhe tem o Averno infusa ;
 Ouve Rinaldo as vozes, e a fogosa
 Ira não péde já ter mais reclusa :
 « Montes » gritou, e a elle com força oráa
 Se abalança, levando a espada máa.

Foi relampago a voz, trovão a espada ;
 Como annuncio do rayo, que cahia :
 Tremeu aquelle, e fuga assegurada
 Para escapar da morte pertendia :
 Mas na presença de Héroes illustrada,
 Fez semblante de intrepida ousadia ;
 Ao gran contrario espera, e sem detensa
 A espada põe em acto de defenza.

Quasi a este tempo espadas mil ardentes
 Ferir fogo se vêem, e a hum tempo esgrimem,
 Que a turba varia das mal cautas gentes
 De toda a parte corre, e tudo opprimem;
 De incertas vozes, brados diferentes
 Tal confusão, e rumor vago exprimem,
 Qual se ouve á borda d'agua, quando os ares
 Confundem seus murmurios, e os dos mares.

Mas o estranho rumor não desalenta
 No offendido Guerreiro o impulso, e a ira;
 As defesas despreza, e quanto intenta
 Deter-lhe o passo, que a vingança aspira:
 Romper por entre as armas fero intenta,
 E a espada como rayo em torno gira,
 E fez caminho tal, que sem ter conta
 Com defensores mil, Gernando affronta.

Co'a valorosa mão, nas iras mestra,
 Vai mil golpes tirando, e mil repartio;
 Ora ao peito, ora á cara, e ora á destra
 O ferro aponta, ora á sinistra parte,
 E tão rapida em fim, tão forte, e destra
 Enganar sabe a vista, e vence a arte,
 Que sem ser esperadas as feridas
 Se empregam, onde menos sam temidas.

Nem descansou the que no peito immerido
 Viu huma, e outra vez a forte espada;
 Cae o triste ferido, em sorte adversa,
 E alma, a espirito deu por dobre estrada
 Logo a espada embainhou, de sangue asperado,
 O Vencedor, e sem deter-se nada,
 Dali para outra parte se retirou,
 E do animo cruel depoz a ira.

Vem ao tumulto o pie Gofredo em tanto;
 E vê fero espectáculo improvisado
 Tincto Gernando em sangue o peito e o mané,
 Que de sua morte indicio foi previsto,
 Ouve os suspiros, a querella, e pranto,

Que são do mal do Cavalleiro aviso,
 E disse: "Aqui onde mais obra o preceito
 " Quem foi o que ousou tanto, e tanto ha feito?"

Transcreverei mais a pintura dos Jardins de Armida, não pela facilidade com que o Traductor soube trazela á lingua portugueza, mas para que o Leitor veja com quanta injustiça se tem asseverado, que ella servira de modelo á Ilha dos Amores nos Lusíadas.

E já deixando as vias enredadas,
 N'um Jardim delectoso entrando, viam
 Crystaes correntes, aguas estanhadas,
 Plantas, que variamente floresciaam:
 Estancias descobertas, e elevadas,
 Largos, e umbrosos valles descobriam,
 E, o que tem neste agrado maior parte,
 He não dever a obra nada á Arte.

O ultimo verso desta Estança diz o contrario do original.

L'arte che tutto fa, nulla si scopre

Devia por tanto a Estança Postagoeza terminar assim:

He fazer tudo, sem mostrar-se, a Arte.

O Jardim d'Armida não era natural, mas effeito, e obra da magia, que n'uma Ilha deserta, e pedregosa, o fizera de modo tal, que parecia uma paisagem natural, e equivocarem-se os seus artefactos com as produções da natureza, sendo sempre considerado como a perfeição da arte: foi este o pensamento de Tasse naquella excellentemente verso, que o Poeta Portuguez ou não entendeu, ou não soube expressar.

Hum mixto de cultura, e de rudeza
 O ameno das Estancias conservava,
 E como por delecto a Natureza
 A sua imitadora, aqui imitava;
 Os sópços da Aura sem da Maga empresa,

Da Aura, que ás plantas mais agrados dava,
E eterna a flor, eterno o fructo dura,
Porque em quanto hum desponta, outro madura.

No tronco mesmo, e entre a propria folha,
Sobre o Figo, que nasce, morre o Figo,
Veste-se o mesmo ramo, e se desfolha
De verde, e de onro ao novo, e pomo antigo;
Lascivamente por subir abrolha
A vide, onde o horto tem maior abrigo,
Aqui as Uvas ostentam varias côres,
Algumas já no fructo, outras nas flores.

As Aves, agradaveis na verdura,
Vozes davam lascivas á portia,
E variamente a agua, que murmura,
As folhas, e aguas entoar fazia:
Quando as Aves se calam, ella se apura,
Quando cantam mais leve discorria,
Seja arte, ou acaso ora acompanha, e ora
Alternava a harmonia a branda Ora,

Huma das Aves, que entre as mais ostenta
Varias côres, em bico nacarado,
E a lingua meneando representa
Que as vozes racionaes tinha imitado,
Com tão grande artificio agora intenta
Fallar, que como monstro hera admirado,
Callam-se os mais por imita-lo attentos,
E no ar suspendem o susuro os Ventos.

Haverá alguém de boa fé, que possa achar, já não digo plagiato, mas semelhança, entre a descripção deste Jardim, e o da Ilha dos Amores, em que Luiz de Camões nos deu o melhor trecho de poesia discriptiva, que se encontra em todos os Poemas do Século de Quinhentos? e apesar disso, José Agestiuhó, e os seus Bogios, não reciearam de propalar esta calumnia em seus libellos contra o Homero Lusitano, como se fallassem a Hottentótes, a Tapuias, e a outros Povos boçaes, que não sabem lêr. Voltemos ao assumpto, e vejamos como André Rodrigues

de Mattos copiou o desafio de Argante, e Tancredo, um dos mais robustos quadros da Jerusalem Libertada.

Em risto põem, guiadas para o alto,
Os dous Campeões as lanças vigorosas;
Curso jámais se vio, nem se vio salto
De plantas, nem de pennas tão furiosas:
Nem força igual se vio, porque no assalto
Rompem Tancredo, e Argante as valorosas
Hastas nos Elmos, d'onde ao ar que atroam,
Troncos, astilhas, e faiscas vôam.

Dos golpes o rebombo ali fazia
Tremar a terra, retumbar os montes,
Mas o impulso feroz não conseguia
Turbar nenhuma das soberbas fronteas:
Já hum, já outro cavallo ali jazia
Dando de bruto sangue ao campo fontes,
Levam da espada os dous Mestres da guerra,
E põem, deixando o estribo, os pés em terra.

O verso sexto desta Estança não corresponde ao original, que

L'uno, e l'alto cavallo in guis a urtosse
Che non fur poi cadendo a sorger promti.

Estes dous versos, no estylo de Ariosto, são mais proprios do Orlando Furioso, que de um Poema Epico como o Gofredo: o pensamento que André Rodrigues de Mattos lhe substituiu é mais digno da magestade da Epopeia; a isto chamava Boileau « lutar com o original » e eu, inda que muito inimigo destas liberdades, porque julgo que uma traducção deve representar o seu original, como o espelho representa o corpo, que se lhe põe diante, não me atrevo a condemnar esta. Fique em descontento de que o Tasso perde ás vezes na expressão do seu interprete.

Aos golpes cada qual movia attento
A dextra, á vista o olho, ao passo a planta,

E as acções variando n'hum momento,
 Ou gira, ou retrocede, ou se adianta;
 Aqui aponta a ferir, e o movimento
 Para onde não se espera se transplanta;
 Talvez de si descobre alguma parte,
 E pertende enganar arte com arte.

Tancredo ao Pagão mostra sem defensão
 De escudo, e espada o peito, mal guardado,
 Corre elle, quer feri-lo, mas na offensa
 Empregado, descobre o esquerdo lado;
 Com hum golpe Tancredo a furia immensa,
 Lhe rebate, e empregando o ferro irado,
 Não muito logo em retirar-se tarda,
 Mas destramente se restringe em guarda.

O fero Argante, que soberbo admira
 Vêr-se do proprio sangue humedecido,
 Com insolito horror freme, e suspira
 Do pesar, e da dôr embravecido,
 E do impulso guiado, e cego de ira
 A espada, e voz levanta enfurecido,
 E hindo a empregar o golpe, lhe foi dada,
 Por Tancredo, no hombro huma estocada.

Qual o Urso, quando já ferir-se sente,
 Do venablo raivoso não faz conta,
 E contra as mesmas armas cegamente
 Os perigos, e a morte audaz affronta
 Tal o indomito Argante se pressente,
 Juntando chaga a chaga, affronta a affronta,
 Como ferir sómente pertendia,
 Do risco, e da defensão se esquecia.

E applicando em furor, que he justo admira,
 A força extrema, que ao mais alto encumbra,
 Faz que tão furibunda a espada gire,
 Que a terra se estremece, e o ar relumbra:
 Nem tempo ao outro dá que hum golpe life,
 Tanto na preça a vista lhe deslumbra;

Nem ha reparo algum, que segurança
Possa dár, em tal furia, em tal pojança.

Tancredo se repara, e em balde attende
A que dos golpes cesse a tempestade;
Ora oppõe vãa defensão, ora pertende
Que do girar lhe valha a agilidade;
Mas como já incançavel quasi o entende,
Quer superar do fero a actividade;
E enfurecido faz com quanta póde
Violencia maior, que a espada rode.

Vence a ira a razão, o arrojo a arte,
Ministrar forças o furor procura,
Sempre que móve a espada ou fura, oa parte
Lamina, e malha, e nada sé assegura;
Cobrem as armas a terra, e as armas parte
O sangue, e o sangue tem de suor mistura;
Trovão he no rumor, o ferro vago,
Relampago na luz, rayo no estrago.

Este, e aquelle Povo incerto pende.
De tão novo espectáculo admirado,
E em temor, e esperança o caso attende,
Vendo ora triste, e ora alegre o Fado:
E não se vê entre tantos, nem se entende
Acceno leve, nem sonoro brado,
Mas está cada qual mudo, e constante;
Salvo no coração, que estava errante.

Ambos já de cansados por ventura
As vidas perderiam valerosas,
Se aos olhos não fizera a noite escura
Inda as cousas vizinhas duvidosas:
Cada qual dos Araldos já procura
Impedir as proeuras bellicosas,
Hum he o Franco Amideo, o outro Pindoro,
Que o duello impoz, e aparta com decoro.

O pacifico sceptro hum, e outro ousava
Nas armas intrepôr dos combatentes,

Co'aquella segurança, que lhe dava
 A antiga, e veneravel Lei das Gentes:
 « Sois, oh Campeões, Pindoro lhe gritava,
 » De honras iguaes, de corações valentes,
 » Cesse o furor, que he injusto que se affoite
 » Ao grão silencio interromper da noite.

No Canto IX. o Sultão de Nicea, Solimão, um dos mais intrepidos heroes Sarracenos, á frente de uma legião de Arabes Beduinos, ataca de noite o acampamento dos Christãos, e este ataque é favorecido por uma sortida dos assediados, tendo Argante, e Clorinda á sua frente; trava-se uma batalha sanguinolenta, em que há muitas mortes de parte a parte, até que os Musulmanos sam repellidos por ambos os lados. Tasso havendo-se mostrado digno rival de Homero, nos pinta Solimão deliberando se deve matar-se, ou salvar-se para continuar a perseguir os Cruzados, e acaba assim o nono Canto, abrindo o decimo com a fuga do Capitão Turco, que tenta dirigir-se ao exercito EGYPCIO, que se junta em Gaza, tendo apertado as feridas, si adormece sobre a terra, sendo dahi a pouco despertado pelo Mago Ismeno, que o conduz a Jerusalem. Vejamos agora como o Traductor imitou esta sublime concepção do Principe dos Epicos modernos.

Fez o Sultão quanto hera permittido
 Obrar força terrena, e mais não pôde;
 Todo he sangue, e suor, e estremecido
 O ancioso peito aos lados se sacode:
 Hum braço tem no escudo enfraquecido,
 O ontro debil o braço faz que rode;
 Maltracta, mas não corta, e estando obtuso,
 Perdeu de espada agora a espada o uso.

Como tal se sentiu, mostrava aspeito
 De homem, que está preplexo, e descorria,
 Se, por tirar a gloria ao claro feito,
 Elle a si mesmo a morte se daria;
 Ou se, sobrevivendo ao seu desfeito
 Campo, a sua vida em salvo se poria,

Mas «Triumphe (disse) o Fado, e por mais gloria
 «Tropheo seja a fugida da Victoria.

«Veja o Inimigo a minha espalda agora,
 «E escarneça, e murmure a fuga indina,
 «The que de novo armada inda alguma hora,
 «A sua paz lhe perturbe peregrina:
 «Não cedo eu! não! que lá no peito mora
 «Eternamente a dôr da alta ruina,
 «E inimigo serei resuscitado
 «Inda depois de em cinzas transformado.»

Dizendo assim, não longe descobria
 Hum Cavallo, que girá em passo errate,
 E logo ao livre freio a mão prendia,
 E montou nelle o barbaro Gigante:
 Já o horrivel Cimeiro lhe cahia,
 Já falta ao Elmo a galla mais flammante,
 E a rôta sobreveste da soberva
 Pompa Real, vestigios não conserva.

Tasso pinta a Solimão como homem corpulento, e de robustez herculea, não diz porém que fosse gigante, e se aqui é denominado tal, deve-se á lei suprema da ryma; pelo mesmo motivo apparece no verso setimo a palavra *sobervã* transformada em *soberva*, segundo a pronuncia agallegada dos Portuenses, a fim de rymar com *conserva*.

Fureza del consonante, a quanto obligas!
 Haces que sean blancas las hormigas!

mas a plebe literaria, e consoanteira, como lhe chama Francisco Manoel, não repara nestas difformidades:

Qual do cerrado Ovil foge assustado
 Lobo, talvez correndo furibundo,
 E, em que tenha o gran ventre já abastado,
 Mostra fome, e desejo mais profundo;
 A lingua deita fóra, e encarniçado
 Dos beiços vai lambendo o sangue immundo,

Tal elle foge ao estrago bellicoso,
Mas na fome insaciavel desejoso.

E como a sorte a ordena, a todos quantos,
Bem como espessa nuvem o vam seguindo;
A tanta espada, a tanta lança, a tantos
Instrumentos de morte resistindo;
E em fim seus passos, apesar de espantos,
A via mais deserta dirigindo,
Tão dubiamente o que fará receia,
Que em gran tormenta o seu discurso ondeia.

Hir-se resolvê em fim para onde aduna:
Esquadra poderoso o Rei do Egypto,
E juntando a si as armas, a fortuna
Quer de novo tentar de outro conflicto;
Qualquer demora julga eli importuna,
E sem guia caminha ab seu districto,
Como experto nas vias duvidosas
De Gaza antiga ás prayas arenosas.

Nem porque sintia exasperar-se as dôres
Das feridas, e grave o corpo, e egro,
Alliviava das armas os rigores,
E trabalhando passa o dia integro:
Mas quando a noite mancha ao Mundo as côres,
E os seus varios aspectos tinge em negro,
Desmontado se cura, e como pôde
A hum a alta Palma o fructo lhe sacode.

E delle alimentado, á Terra dura
Descanço pede o corpo fatigado,
E, a cabeça no escudo achar procura
Socego ao pensamento perturbado;
Mas de hora em hora mais, e mais se apura
Das chagas o tormento exasperado,
E ao coração, e ao peito em taes rigores
Hetam Buitres internos ira, e dôres!

Em fim quando já, em torno socegadas
Todas as cousas, a alta noite via,

Vencidas do cansaço, e sepultadas
 No Lethes, tantas penas esquecia:
 E a breve, e enferma quietação já dadas
 As partes lesas, huma voz ouvia,
 Que em formidavel sômn, e impulso forte
 Aos ouvidos lhe falla desta sorte:

«Solimão! Solimão! os negligentes
 »Repousos a outro tempo aqui reserva,
 »Pois vês que em jugo de Estrangeiras Gentes,
 »A Patria, onde reinaste, agota he serva:
 »Neste campo descanças, sem que intentes
 »Os despojos vingar, que inda conserva?
 »E adonde a affronta indicio tão forçoso
 »Se guarda, o dia esperas pernicioso?»

Desperta, os olhos abre, e reconhece
 Hum homem, de antiquissimo estubante,
 Cujos torcido baculo parece
 Que dá firmeza, e guia ao passo errante:
 «Quem hes tu? (lhe pergunta, e se enfurece)
 »Que, fantasma importuno, a hóm caminhante
 »Rompes o breve somno? e que esperança
 »Em mim te vai na affronta, ou na vingança?»

«Eu sou (lhe diz o Velho) quem moydo
 »De conhecer em parte o teu desenho,
 »Como homem, que he de ti compadecido
 »Mais do que consideras, aqui venho:
 »Nem o ousado fallar embalda ha sido,
 »Porque na vexação se affia o engenho,
 »E permite, Senhor, que eu seja agora
 »Do teu grande valor agoute, e espera.

«Ora, porque se eu tardo, hia direito
 »Ao grande Rei do Egypto o teu caminho,
 »E aspera, a vã jornada houveras feito
 »Se eu não te declarasse o que advinho,
 »Sabe que, em que não vás, verás o effeito
 »De estar o Sarraceno aqui visinho;

» E lá não tens logar, nem ha perigo
 » Digno do teu valor contra o inimigo.

» Mas se me qu'es por guia, dentro ao muro
 » Que da Latiua gente está cercado,
 » Por dia claro te porei seguro,
 » Sem que empunhes a espada aventurado,
 » Aqui por armas, e trabalho hum duro
 » Contraste te fará ser celebrado,
 » Defenderás do impio inimigo a Terra,
 » Até que El-Rei do Egypto chegue á guerra.»

Em quanto assim lhe falla, a cara e vozes
 Do antigo velho o fero Turco admira,
 E dos affectos do animo ferozes
 De improviso depóz o orgulho, e a ira:
 « Padre, (lhe diz) já em promptos, e velozes
 » Desejos, a seguir-te o peito aspira,
 » Qué eu julgo por conselho mais amigo
 » O que tem mais trabalho, e mais perigo.»

Aos seus ditos o Velho deu louvores,
 E porque a noite as chagas maltratara,
 Hum seu licor lhe estilla, com que as dôres,
 E as feridas a hum tempo aplaca, e sára:
 Logo vendo que o Sol dourava as côres,
 Dás rosas, com que a Aurora se toucara,
 « Tempo he (disse) ao partir, pois descoberta
 » Tem o Sol a estrada, e os mortaes desperta.»

E sobre hum carro seu, pouco distante,
 Junto ao fero Niceno se assentava,
 A rédea affrouxa, e logo a mão possante
 Alternamente os Brutos açoutava;
 Fazem elles no chão curso volante,
 Nem roda, ou pé na aréa se estampava,
 E ambos suando, de suor banhados,
 Branqueavam co'as escumas os bocados.

Um dos episodios da Jeruśalem Libertada, que tem sido mais applaudido, não só pela sua originalidade,

mas pelo vigor com que se acha escripto, é o tumulto que Argilão promove entre os soldados Italianos para vingar Rinaldo, que elles julgam assassinado por ordem de Gofredo: o pretexto é na verdade plausivel, e verosimil. Rinaldo havia-se retirado furtivamente do campo, recusando responder perante um conselho de guerra pela transgressão de um edito, que prohibia os desafios, edito que elle havia quebrantado dando morte ao Principe de Noruega, que o havia injusta, e atrevidamente provocado, e Gofredo insistia no cumprimento da lei.

Alguns dias depois, uma partida de forrageadores encontra, em sitio deserto, um cadaver sem cabeça, envolvido nas armas de Rinaldo, e todo traspassado de golpes; julgando ser o corpo do heroe Italiano, o Commandante da partida o faz conduzir ao campo, o apresenta ao General em Chefe, e lhe diz publicamente que soubera de um camponez, que os assassinos haviam sido soldados do Exercito Cruzado.

Esta narração espalha a consternação no acampamento, e o Espirito Infernal se aproveita desta disposição para illudir Argilão, e por meio delle os Italianos, que tumultuam, pegam em armas, ameaçam matar os Francezes, e a Gofredo; mas este se lhe apresenta, e sem desculpar-se, os reprehende asperamente, atemorizando-os de modo, que não sómente se aquietam, mas soffrem que em meio delles seja preso o cabeça de motim. Vejamos, e será esta a ultima citação, como o Poeta Portuguez trasladou este grande quadro, do Poeta Toscano.

Sahia a noite em tanto, e os estendidos
Campos do Geo co' as azas assombrava,
E o somno, ocio das almas, os sentidos
Com doce esquecimento socegava:
Tu só, Argilão, não tñhas submergidos
Os varios pensamentos, pois estava
Tanto peite, e o discurso batalhando,
Que nada conseguia o sonno brando.

Este, prompto de mãos, de lingua ousado,
Impetuoso, e servido de engenho,
Nas ribeiras do Trinto foi criado

Do civil odio no iracundo cenho;
 E sendo da sua patria desterrado,
 Teve de Salteador barbaresco empenho,
 Até que veio á Asia ser guerreiro;
 E em melhor fama he classo Aventureiro:

Em fim junto da Aurora os olhos cerra;
 Mas não foi sonho doce, e poezgado,
 Estupor sim, que Alecto cruel lhe encerra
 No peito, quasi em morte sepultado:
 Deu-lhe aos sentidos turbidos a guerra,
 E deprimindo batalha o seu cuidado;
 Porque a Furia Infernal, que irá-lo intenta,
 Horrida image em sonhos lhe apresenta.

Hum grande corpo em sombras lhe figura,
 De que a cabeça, e dextra he dividida,
 E da esquerda, com pallida braadura,
 A sanguinea caveira suspendida:
 Respira, e falla; e de horrida mistura
 A voz entre soluços proferida:
 Foge, Argilão, (lhe diz) que he desvario
 Seguir hum Capitão cruel, e impio.

» Quem do ferez Gofredo, e do impio engano
 » Com que a mim me matou, os mais confia?
 » De odio se roe por dentro este Tyranno,
 » E só matar-vos tracta a sua ousadia:
 » Mas se a tua dextra, em tanto desengano,
 » Que á gloria aspirar, e em si se fia,
 » Não fujas, não; mas o Tyranno oxangue,
 » Meu Espirito aplaque com seu sangue.

» Eu te darei ferrea defenza, e de ira
 » Ministra, te armarei a dextra, e peito.»
 Assim o exhorta, e no fallar lhe inspira
 Novo vigor, para o maligno effeito;
 Acorda temeroso, os olhos gira,
 De venenosa raiva mostra aspidio,
 E em seudo todo armado se apressava,
 E unir de Italia a Gente prôcubava.

Júntoa-a adonde estavam penduradas.
 Dá bom Rinaldo as armas sangüinosas;
 E em vozes de furor desordenadas,
 Estas palavras proferio irrosas:
 «Até quando o rigor destas malvadas
 Gentes, de mortes, e ouro ambiciosas
 Deixareis que sem fé, sem leis, sem maio,
 Vos ponha ao collo o jugo, á bocca o freio?

«Quanto de indigno vimos neste opprobrio;
 «Sete annos ha, si com razão se toma,
 «He tal, que arder da pejo, arder de oculo,
 «D'aqui a mil annos pede Italia, e Roma:
 «Calo, que as fortes armas, e alto engenho
 «Do bom Tascredo, he quem Scilia doma,
 «E que hoje a goza o Franco deshumano,
 «E o premio usurpa do valor o engano.
 «Calo, que onde a occasião, e o tempo pede,
 «Promptas mãos, juizo firme, animo ouado,
 «Qualquer dos nossos aos de mais precede,
 «Ou fica victorioso, ou sepultado:
 «E quando a palma, ou presa se concede
 «Na branda paz, no ocio descaçado,
 «Nosso he o perigo, e delles nesta empresa
 «O triumpho, a honra, as terras, e a riqueza.

«Tempo foi já que horrendas, e inhumanas
 «Estas açções julgara a nossa offensa,
 «Mas, sem comparação, menos tyranas
 «As faz daquellas armas a presença:
 «Mataram a Rinaldo, e co'as humanas
 «Leis, profanaram a divina, immensa!
 «E não fulmina o Ceo?.. não se abre a Terra,
 «E tragando estes Barbaros, se cerra?

«A Rinaldo mataram, que hera espada,
 «E escudo á nossa fé, e jaz inulto?...
 «Inulto jaz, e á Terra ensangüentada
 «Deixaram náo o cadaver, e insepulto:

- » Quereis saber qual foi a mão malvada?
- » A quem, oh Companheiros, será occulto?
- » Ail quem não vê quanta ao valor Latino
- » Tinha inveja Gofredo, e Balduino?

- » Mas que busco argumentos? ao Ceo juro,
- » Ao Céu, a quem mentir nunca he decente,
- » Que á hora, em que se illustra o Mundo obscuro,
- » Vi hum Espirito errando tristemente!
- » Oh! que horror, ai de mim! cruel, e duro!
- » Que engano de Gofredo fez patente!
- » Eu o vi! .. não foi sonho!... e me parece
- » Que, aonde os olhos volvo, me apparece!

- » Pois que faremos nós da mão tyranna,
- » Que de tão feia morte he hoje immunda?
- » Ser-lhe sempre obedientes? ou da insana
- » Furia hir fugindo aonde o Eufrate inunda?
- » D'onde aos Povos imbelles fertil mana,
- » E as Villas, e Cidades, que fecunda?
- » Conquiste-as facilmente a nossa vista,
- » Sem dar ao Franco parte na conquista.

- » Vamos; e o sangue fique assim vingado,
- » Si isto quereis, do Príncipe innocente;
- » Mas se o vosso valor, que está gelado
- » Agora, fosse qual sohia, ardente,
- » Como foi desta Serpe devorado
- » O preço, e o lustre da Latina Gente,
- » Assim com morte fera o caso infando
- » Fôra aos de mais exemplo memorando.

- » Eu quizera, se o vosso alto ardimento
 - » Tudo o que pôde executar ousara,
 - » Que nesta mão ao coração violento,
 - » Ninho de insidias, o castigo entrara..»
- Assim disse, agitando o pensamento
De quantos seu furor arrebatara..
- » Arma! arma!» gritando á Gente incita,
 - E a mecidade altiva «arma! arma!» grita.

Gira entré elles Alecto, a dextra armada,
 E co'a chamma o veneno se confunde,
 A ira co'a loucura, e a malvada
 Sêde de sangue mais, e mais se infunde;
 Vai conduzindo esta Peste, e dilatada
 Na Gente Italiana se diffunde,
 Passa para os Helvécios onde prende,
 E depois os Britanos comprehende.

Nem só as estranhas Gentes faz que mova
 O duro caso, o gran público damno,
 Mas a antiga occasião á ira, nova
 Materia offerece, e nutrimento o engano:
 O rancor esquecido se renova,
 Chamam ao Povo Franco impio, e tyranno,
 E o odio no furor precipitado
 Não pôde já mais tempo estar fechado.

Qual em concavo cobre humor fervente
 Ergue na chamma borbulhões, e fuma,
 E, não cabendo em si, com furia ardente
 Sobre as orlas do vaso inunda, e espuma;
 Tal não bastavam a enfrear a Gente,
 Dos que tinham prudencia a breve summa,
 E Tancredo, e Camillo heram distantes
 Guilherme, e outros Cabos importantes.

A's armas correm já precipitados,
 Confusamente, os Barbaros ferozes;
 Ouvia-se entoar guerreiros brados
 Sediciosas trombetas, feras vozes
 Gritam, que se arme ao pio Bulhão, mandados
 Muitos de cá, e de lá nuncios velozes;
 E Balduino, que a defensa intenta,
 Logo a seu lado armado se apresenta.

Elle, o motivo ouvindo, ao alto a vista
 Ergue, e, como costuma, ao Ceo recorre:
 « Senhor, (diz) tu que sabes que á conquista
 » Do civil sangue a minha dextra aborre,
 » Tu rompe o véo, e faz que desista .

» Da mente destes o furor, que corre;
 » E o que sabe de mim, teu ser profundo
 » Faze agora patente ao cego Mundo. »

Calou-se, e hir pelas veias já sentia
 Do Ceo hum calor novo, e desasado,
 Que vigor, e esperança lhe infundia,
 E o faz mais atrevido, e venerado:
 A' Turba, que a Rinaldo pertendia
 Vingár, se oppóz, dos seus acompanhados,
 Nem as armas, e furias, que vozeam,
 Do seu grande valor o passo enfream.

Sobre a grande couraça a regia veste
 O adorna agora, e, contra o seu costume,
 Nuas as mãos, e a cara, e de celeste
 Magestade ostentava hum novo lume:
 Menea o aureo Sceptro, e só com este
 Socegar estes impíos presume;
 E tal se lhes mostrava, que parece
 Que Homem mortal na voz se desconhece.

« Que flocos ameaços, ou que insano
 » Rumor d'armas he este? ou quem o move?
 » Assim se ultraja o Septro Soberano,
 » Cujo valor hei feito que se approve?
 » Quem ha que em mim suspeite? ou quem d'engano
 » Gofredo accuse, ou delinquente o prove?
 » Por ventura esperais, que á vós prostrado
 » Vos dê satisfações como culpado?

» Pois não farei que tanta indignidade
 » A' Terra cheia do meu nome entenda,
 » Que estê Sceptro, e a certeza da verdade
 » Com que obro, sempre he bem que me defenda:
 » Mas ceda hoje a justiça á alta piedade,
 » Os Réos absolvo desta culpa horrenda;
 » Possam os vossos meritos livrar-vos,
 » Inda ao vosso Rinaldo quero dar-vos:

» Só lave o sangue este commum defeito
 » De Argilão, fero author de tanto damno;

«Pois o que forja no malvado peito;
 «Fez a todos cabir no mesmo cangana»
 Raios de Magestade o Regio aspecto
 Mostrava em modo augusto, e soberano;
 Tal que Argilão attonito, indeciso
 Teme, quem tal cuidara, a ira de hũa viso.

O Vulgo, antes audaz, e irreverente,
 Que em orgulhos, e affrontas licencioso,
 O ferro ministrando iradamente,
 Vagava, dos estragos desejoso;
 Não ousa agora levantar a frente,
 Ou já de euvergonhado, ou de medroso,
 E soffre que Argilão, que tem cercado,
 Seja pelos Ministros manietado.

Assim o Leão, que antes a horrivel coma
 Rugindo sacudia attivo, e fero,
 Se chega a vêr o Mestre, que lhe doma
 Do bruto coração o horror severo,
 Jugo affrontoso soffre, e vil maroma
 Tornando humilde o natural austero,
 E dos dentes, e garras descuidado,
 Faz que tractavel seja o mais irado.

He fama, que foi visto com sanhuço
 Acto feroz, e ameaçador semblante
 Hum Guerreiro com aras ter o escudo
 De alta defenza ao pio Bulhão diante;
 E vibrar fulminando o ferro agudo,
 Em que se via sangue inda estillante;
 Sangue de Reinos: hera por ventura,
 Que ao Ceo a ira provecam tarda, e dura.

Supponho que estes trechos bastam para habilitar o
 Leitor para fazer juizo do merito; e dos defeitos desta
 traducção; não direi eu que é perfeita, mas não é para
 desprezar, especialmente em uma literatura tão pobre
 como a ndssa de Obras deste genero; pelo menos per-
 suado-me que ella representa melhor Tasso, do que a
 de Lionel da Costa a Virgilio, e Terencio;

Como esta traducção é hoje mui rara, nem é provavel que algum Poeta moderno se abalance á longa, e difficil tarefa de nacionalisar de novo a Jerusalem Libertada, parece-me que faria grande serviço aquelle, que eliminando desta Obra alguns Toscanismos, e Iberismos, que lhe mancham o estylo, corregindo alguns versos, e alguns defeitos de Itiliencia, a publicasse de novo, pondo-a assim ao alcance dos curiosos de poésia.

CAPITULO II.

André Nunes da Silva.

Eis aqui outra grande reputação obscurecida! outra prova da falibilidade das glorias literarias, de que o grande homem de um seculo, pôde ser um ente nullo, ou talvez ignorado no seculo seguinte. Isto deve desenganar os Escriptores de que só poderão conseguir a immortalidade de seus nomes imitando as bellezas eternas, que tem a natureza por typo, e sam por isso de todos os tempos; aquellas bellezas singelas, e magestosas que admiramos nos Gregos, e Romanos, e não as chamadas bellezas de convenção, filhas do capricho, e da moda, que variam com o gosto bom, ou ruim de cada geração.

André Nunes da Silva nasceu em Lisboa, a triuta de Novembro de 1630. Foram seus Pais Francisco Nunes da Silva, e Mariauna da Cruz, que, sem que se saiba a razão disso, passaram ao Brazil, levando-o consigo ainda na infancia, e se estabeleceram no Rio de Janeiro.

Naquella Cidade, que estava então bem longe de aspirar a ser a Metropole de um grande Imperio Transat-

latico, recebeu o pequeno André a instrucção primaria, passando depois a cursar as aulas dos Jesuitas, no collegio que ali tinham, onde havendo completado o curso de Humanidades, foi graduado-Mestre em Artes.

Como se destinava para o estado ecclesiastico, julgou util, senão necessario, formar-se na faculdade dos Sagrados Canones, e para consegui-lo se embarcou para este reino, em doze de Julho de 1650.

A viagem foi pouco feliz, e muito trabalhosa, por causa de mares revoltos, e ventos ponteiros; e para cumulo de tantos enfadamentos, chegando ás aguas de Portugal foi a embarcação, em que vinha, aprisionada pela Esquadra Inglesa, que nesse tempo bloqueava Lisboa.

Depois de haver padecido o que era de esperar em semelhante situação, ponde em fim recobrar a liberdade, e desembarcar em Lisboa, onde descansou de tantas fadigas, e partiu para Coimbra, onde se matriculou na aula de Direito Canonico, que frequentou com assiduidade, e aproveitamento, e findo o curso foi condecorado com o grau de Doutor naquella faculdade, em tres de Novembro de 1656.

Tomou depois as Ordens Sacras, constituindo-se Presbytero do-habito de S. Pedro; neste estado permaneceu, talvez advogando, até que desenganado do mundo, talvez porque se lhe malograssem algumas esperanças de adiantamento, se recolheu, em seis de Junho de 1684, na casa de S. Caetano dos Clerigos Regulares Theatinos, onde permaneceu por espaço de vinte annos, na qualidade de hospede, e sem ligar-se a votos, e vivendo vida exemplar.

Não podia dar-se a André Nunes da Silva achar asylo mais a proposito para si, que o Convento dos Theatinos no estado, em que então se encontrava aquella casa religiosa. Além de uma copiosa e selecta bibliotheca, que ali ficava á sua disposição, lhe offerencia ella a sociedade mais propria para um homem de letras, porque naquelle tempo ali se achavam reunidos muitos varões notaveis por sua virtude, e vasta erudição, cuja convivencia não podia deixar de ser para elle sobre maneira agradável.

Repartido entre a pratica de boas acções, e o cultivo

da poesia, chegou André Nunes da Silva á idade, não pouco avançada, de setenta e quatro annos em que, no momento em que acabava de celebrar a Missa, foi atacado de uma paralyisia, que resistiu a todos os soccorros da arte; e aos desvelos dos seus amigos.

André Nunes da Silva vio aproximar-se a hora do passamento com a firmeza de um Philosopho, e a resignação de um Christão, esperando-o placidamente no dia tres de Maio de 1705, e foi sepultado em uma capella, que para esse fim havia instituido, na Freguezia de Nossa Senhora das Mercês.

André Nunes da Silva foi um dos mais distinctos Poetas, e Prégadores daquelle seculo, e era por isso ouvido com grande attenção, e applauso pelos numerosos auditorios que concorriam ás Igrejas, a que elle era chamado para exercer o mister de Orador. Foi socio da Academia dos Singulares, que então gozava de grande estima pública, e se fez mui notavel entre os seus consocios, que muito o estimavam, e entre cujas poesias, que sahiram á luz nos cadernos das suas sessões, se distinguem muito as suas.

As composições, que temos deste Poeta, além de muitas Obras que ficaram manuscriptas, tanto em prosa como em verso, cuja innumeração póde vêr-se na Bibliotheca Lusitana, e entre as quaes se nota a traducção de André Rodrigues de Mattos, por elle emendada em mais de tresentas e noventa Oitavas, das quaes muitas foram inteiramente refundidas, sam as seguintes.

Hecatombe Sacro, em obsequio de S. Caetano, constando de cem Sonetos. Lisboa, 1686, 8.º

Sonetos á Conceição da Virgem Nossa Senhora. Lisboa, 1695, 8.º, contém trinta Sonetos.

Canção á Victoria do Ameixial. Amesterdam, 1673, em formato de 4.º

Varias Orações, que andam nas Obras da Academia dos Singulares.

Poesias Varias, collegidas, e dedicadas ao Author, por Domingos Carneiro, e por elle impressas na sua propria Typographia. Lisboa, 1671, formato de 8.º.

Esta Collecção é dividida em tres partes, a 1.ª contém os versos sacros; a 2.ª os versos moraes, e func-

bres; a 3.^a os versos amorosos: uma boa parte destas composições (um terço dellas pelo menos) é escripta em castelhano, segundo a mania do tempo, em que os Poetas se não contentavam de imitar o estylo dos Hespanhoes, mas julgavam não distinguir-se bastante, si não poetavam na lingua dos nossos visinhos, levando alguns este ridiculo descoco a ponto de não escreverem um só verso em portuguez; fazendo-se entre estes mui notavel João de Mattos Fragoso, que em castelhano compôz todas as suas Comedias; e Antonio Henriques Gomes a sua Epopeia o *Sansão Nazareno*, e todas as outras suas Obras em prosa, e verso, que não sam pouco numerosas, assim como as suas Comedias; e o Doutor Miguel da Silveira, que no mesmo idyoma publicou o seu Poema Epico intitulado: *O Mechabeo*, que tão celebrado foi na epocha do seu apparecimento, e que depois D. Ignacio de Luzan desacreditou inteiramente, na sua Arte Poetica, tirando delle todos os exemplos, que cita de vicios de estylo.

Cuidaram esses homens grangear assim mais celebridade, havendo a lingua castelhana por mais conhecida, e vulgarisada no mundo, e por isso mais propria para fazer notorias as producções do seu espirito, mas em castigo da sua falta de patriotismo, e deste injusto despreso, com que menoscabavam o idyoma materno, sam hoje desconhecidos, ou pelo menos mui pouco lidos, e apreciados entre nós, e até mesmo dos bons Criticos de Hespanha.

André Nunes da Silva pertence áquella secção da Eschola de Gongora, que em Castella se denomina dos *Conceitistas*, porque punham o principal merito da poesia em produzir sobre os assumptos, mui triviaes ás vezes, nma multidão de conceitos engenhosamente alambicados, abstrusos, e esquisitos, que por isso mesmo descahem muitas vezes na affectação, e na frialdade; e ainda que André Nunes da Silva tem naturalmente muito espirito, e gosto bastante puro, em relação ao tempo em que floresceu, não deixa com tudo de cabir a miudo nestes defeitos; sirva de prova a seguinte Decima, feita a D. Lucas de Portugal, por estender a sua capa sobre um terreno çujo para umas Damas passarem por elle.

A Belleza, e cortezia
Em competidos assombros,
Tiram dos melhores hombros
A capa de mais valia;
Mas quando nesta porfia
O juizo o lance apura,
Discretamente assegura
Que aquelle galãa despejo
Victima foi do cortejo,
Não roubo da formosura;

Mais de sacrificio teve
Que de roubo a nobre empreza,
Porque não rouba a Belleza
O que á Belleza se deve;
O maior despejo he breve
Ao Sol, que nella se apura,
Que como em sua luz pura
Alta Deidade apparece,
Tudo a Belleza merece,
Nada usurpa a Formosura;

Mas bem lhe paga o primor,
Com termo cortez, se astuto,
Pois o que fõra tributo
Hoje lhe estima favor;
A capa, cujo valor
Todo o valor atropella,
O diga, pois vëmos nella,
Quando a pisa gloria tanta,
Huma flôr em cada planta,
Em cada estampa huma Estrella.

Andou em fim Portugal
No excesso sempre galante,
Decoroso como amante,
Como fino liberal;
E a Fama, em extremo igual,
Vendo a Portugal rendido,
Com accento repetido
Pública por toda a parte,

Que o que nunca ponde parte
Póde hoje a Mãe de Cupido.

Vejam os Leitores que desperdicio de espirito, que trocadilhos, que contraposição de idéas, em assumpto de tão pequena monta; decerto que não merecia tanto trabalho a estravagancia de D. Lucas de Portugal; mas não nos esqueçamos, se quizermos ser justos, que no tempo das Academias dos *Singulares*, dos *Anonymos*, e dos *Occultos*, este modo de poetar passava por assombro de discricção, e engenho; assim como aquella acção do Fidalgo pelo *supra summum* da galantaria, e da boa criação!

Da mesma enfermidade moral se mostrou tocado o Poeta em outra Decima, em que pertendeu demonstrar a um amigo, que era excusado sahir de Lisboa para vér a Serra da Estrella, porque a formosa Amarilis era um perfeito retrato della.

Erro grande, culpa rara
Foi hir á Serra da Estrella,
Podendo em Lisboa vê-la,
No Bairro de Santa Clara:
Porque em sua esphera achara
Vossa attenção, com certeza,
De Amarilis a belleza,
A quem meu cuidado apura,
Estrella na formosura,
Quando Serra na dureza.

Póde haver pensamento mais falso? Que ha de common entre a belleza de uma Dama, e uma montanha como a Serra da Estrella? entre a sua isempção, metaphoricamente chamada dureza, e a dureza dos rochedos daquella Serra? Todo o mysterio deste conceito está na palavra *Estrella*, tomada ao mesmo tempo na sua significação natural, de globo celeste, e como nome daquella Serra. Eis aqui como o mau gosto do seculo, e o immoderado desejo de brilhar, e de dizer cousas extraordinarias prevertia os melhores engenhos.

E, na verdade, peste número entrava André Nunes da

Silva, quando em momentos felizes conseguia libertar-se das preocupações do seculo, e dava rédea ao talento poetico, de que o dotara a natureza, como lhe acontece no Ramo V. da Canção, a Cidade de Lisboa, em que descreve a grandeza, e opulencia do seu commercio.

E com razão, pois nella vê cifradas
De todas as Cidades as grandezas,
Da Planta Universal o commum fructo;
Pois, (como ao mar os Rios) desatadas
De todo o mundo, todas as riquezas,
O buscam por remedio, on por tributo:
O Ethiope bruto,
O Persa cégo, o barbaro Othomano,
O Franco nobre, o valoroso Hespano,
O fertil Belga, e quantos vivem donde
A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde:
Por varias vias, por distinctos modos,
A' Feira universal concorrem todos,
Julgando cada qual mudo, e absorto
Porta do Mundo, de Lisboa o Porto.

Assim acontece neste Soneto, cujo estylo, e pensamentos me parecem cheios de gravidade, e unção proprias do assumpto.

SONETO.

O Vicio, e a Virtude em lucta forte
Tem do peito a campanha dividida,
Está da parte do Peccado a vida,
Está da parte da Virtude a Morte.

A Virtude, e Razão da mesma sorte
Parciaes sam na contenda repetida;
A Virtude ao Peccado vive unida,
A Razão a Virtude tem por Norte.

Senhor! Senhor!... nesta arriscada empreza
Vossa piedade de meu peito mude
Em valor firme, a natural fraqueza.

Vosso favor imploro, elle me ajude,
Que se está pelo Vicio a Natureza,
He bem que estejais vós pela Virtude.

Este fecho me parece excellente; é o grito da alma Christãa profundamente compungida, e confiada na esperança da piedade de Deos.

Não é muito inferior a este o Soneto dedicado á paixão, e morte de Christo, posto que termine com um conceito, que alguém julgará demasiado engenhoso para o assumpto.

SONETO.

De horror se cobre o Sol, o furibundo
Eolo se reveste de braveza,
Lucto arrasta do Orbe a redondeza,
O Ceo fulmina rayos iracundo.

Descobrem-se os abýsmos do profundo,
A' Terra falta a natural firmeza,
Que na morte do Author da Natureza
Corre tormenta a grande Nau do Mundo.

Rôtas no véo do Templo, em risco tanto,
As vélas, no naufragio ultimo empenho,
Já de salvar-se perde a confiança.

Mas ai, que apparecendo o Corpo Santo
No mais excelso do Cruzado Lenho,
Toda a tormenta se tornou bonança.

Sem querer de maneira alguma desculpar as allusões metaphoricas, e nimio artificiosas dos Tercetos, não he-
sito em confessar, que ellas me desagradam menos que
vêr figurar Eolo na pintura dos grandes phenomenos
com que a natureza accompanhou a ultima agonía do
Redemptor.

O Soneto á immaculada Conceição da Virgem, me
parece bastante engenhoso, e digno de transcrever-se.

SONETO.

Ambiciosa, atrevida, inobediente
 A primeira Mulher, em breve instante,
 Ao preceito faltou de hum Deos amante,
 Pelo consêlho de huma vil Serpente.

Offendido o Juiz Omnipotente,
 Piedoso decretou, por Lei constante,
 Que com dôres parisse Eva ignorante,
 E as filhas de tão fragil ascendente.

E pois o Summo Author, que tudo cria,
 Aquella pena á aquella culpa ordena,
 E dôr não sente a Mãi do Eterno Dia,

Se entre glorias pario, de paz serena,
 He consequencia certa que Maria
 Não teve a culpa, pois não teve a pena.

A consequencia é logica, e não vêjo neste Soneto cou-
 sa que valha a pena de censurar-se. Não me parece
 menos bello este Soneto á Cruz, em que Christo expirou.

SONETO.

Se em golfo de Sereas proceloso,
 Empenho repetido do cuidado,
 O sahio Grego ao duro mastro atado
 A's Sereas escapa cauteloso ;

Eu no mar deste Mundo tormentoso
 De Syrtes, e Sereas povoado,
 A' vossa Cruz, Senhor, sempre abraçado,
 Aos perigos escape venturoso.

Oh ! livrai-me, meu Deos, de tanto astuto
 Labyrintho, de tanto cégo encanto,
 Para que colha desta planta o fructo.

Que he justo, doce Amor, em risco tanto,
Se salva a Ulysses hum madeiro bruto,
Que a mim me salve este madeiro Santo.

Entre as poesias sacras de André Nunes da Silva, deve mencionar-se a Canção a Santa Isabel, uma vez que se lhe desculpem alguns traços de gongorismo.

A Canção á morte de D. Ignacia da Silva se faz notar, entre as poesias moraes, e fúnebres do Author, pela amenidade, e mimoso das pinturas, que ajunta como symbolos de uma Senhora nobre, e formosa cortada na flôr da idade. O Poema é como se segue.

CANÇÃO.

Nasce o Dia luzente, e nasce a Rosa
Em berço de esmeralda, tão formosa,
Que nas guardas, e purpura, que ostenta,
Ser Rainha das flores representa :
As boninas, que os prados enriquecem,
De sua vinda o parabem lhe offerecem,
Porque com voz suave a toda a parte
Mercês faz, honras dá, glorias reparte :
Mas ai! que ardor tyranno, em tarde dura
Lhe tirou brio, galla, e formosura ;
Padecente infeliz em breve prazo
Muita dôr, grande mal, indigno occaso.

Este paralelo entre uma rosa, que desabrocha ao amanhecer cheia de rocio, e de aroma, e depois se desfolha, e murcha, atormentada pelo suor, com uma Donzella, que cede á repentina enfermidade, na aurora da vida, me parece poetico, gracioso, e inspirador de compassiva melancolia. Prosigamos.

Principe soberano, o Cravo ardente
Orna, e illustra o prado florescente,
Mostrando-se gentil, fino, e galante
Da mesma terra, que o produz constante ;
Que de seu pensamento agradecida,
Lhe augmenta o ser, e lhe dilata a vida,

Beijando humilde, quando mais se perde,
 Com bocca parda, sua planta verde:
 Mas ai! que golpe atroz de mão perjura
 Cortou dos laços de ambos a ventura,
 Por cuja tyrannia esquiva, e forte
 Choram dôr, soffrem pena, e soffrem morte.

Nos doces laços, que seus ramos tecem,
 Os candidos Jasmims, nascem, e crescem,
 Dos prados Estrellas, se do campo Harminhos,
 Em seus abraços, e com seus carinhos,
 Ensinando discretos, se constantes,
 Logros de amor, a meritos de Amantes:
 Mas ai! que de Aquilão o impulso insano,
 Em proceder em tudo deshumano,
 Toda a União, todo o composto amante
 Desfez, rombou, murchou no mesmò instante,
 Tornando-se o verdor, doçura, e laços
 Em sombras, em ruinas, e em pedaços.

Com verdes azas, com florido ornato
 He lustroso dos campos aparato
 A Arvore, que aos ares se remonta,
 E que huma vida em cada folha conta,
 Servindo firme, nas amenas gramas,
 A's flôres do Jardim de guarda damas:
 Mas ai! que Inverno rigoroso, e frio,
 Nas azas lhe tirou o lustre, e o brio,
 E em cada folha lendo, em tal victoria,
 Hum mal presente, huma passada gloria,
 E sendo de si mesma em sen tormento
 Huma sombra, hum terror, hum escarmento.

Natural filho de hum penhasco bruto,
 Já corre claro, e já se enrosca astuto
 Crystal desfeito pelo verde prado,
 A ser delle listão sempre nevado,
 Com que as flôres brilhantes, que se ostentam,
 Ou se atam, ou se enfeitam, ou se alentam,
 Sendo o veloz, o candido Phaetonte
 No curso Rio, no principio fonte:

Mas ai! que ás mãos tyrannas da geada
Morre, por seu rigór, prata qualhada,
Quando a destinos seus o Monstro frio
Prende o passo, ata o curso, embarga o brio.

Ameno prado foi, Jardim florido,
Da bella Ignacia o resplendor luzido,
Pois nella juntos vio sacro horisonte
Rosa, Cravo, Jasmim, Arvore, Fonte,
Como pôde dizer, em tanta empreza,
Cada parte por si desta belleza :
Que muito pois que fosse contrastada
De ardor, fouce, Aquilão, tempo, geada,
Procurando discretos seus rigores,
Que em Astros se tornassem tantas flores,
Porque podesse o nobre archivo dellas
Verter luz, lograr Ceo, pisar Estrelhas.

Os Criticos vulgares, os pedantescos assoalhadores das regras francezas só terão olhos para vêr nesta Canção algumas methaphoras remotas, alguns versos divididos, ou conceitos incisos, que affectadamente se correspondem em cada uma das Estrophes; mas os Leitores, cuja alma é feita para sentir profundamente a poesia, que sabem que o estylo dos Seiscentistas é um dialecto do idyoma das Musas, que é preciso estudar, para julgar com justiça, e imparcialidade o que nelle se escreveu, acharão mui delicada, e mui lyrica esta confrontação terna, e volupiosamente magoada da morte de uma Joven bella, e virtuosa com o breve perecedeiro lustre dos objectos mais lindos, e encantadores, que a natureza nos apresenta, como as rosas, os cravos, os jasmims, as fontes, os regatos, e as arvores floridas! Ella lhe trará á lembrança o cadaver de uma filha dos Pharaos, involvida nos aromas dos mais preciosos balsamos; Iphigenia marchando ao altar, em que vam sacrificá-la corôada de vistosas grinaldas, entre os perfumes, e os hymnos: este Poema lhe parecerá não uma Nenia, em que retumbam os gemidos da angustia, e os gritos do desespero, mas o cantico triumphal, com que as Virtudes conduzem a par dos Elysios uma alma innocente e pura.

Os versos eroticos de André Nunes da Silva, transfloram a sensibilidade da sua alma, e respiram a cortezania, e ás vezes a graça. Os seus defeitos sam os mesmos das suas outras Obras, abuso de engenho; este abuso degenera algumas vezes em argucia, e affectação, posto que nunca descahe nos excessos de alguns dos seus contemporaneos; e seguinte Soneto póde dar idéa do seu estylo.

O Poeta, vendo chorar a sua Dama, desconfia por isso do seu amor, e justifica assim a sua desconfiança.

SONETO.

Quando, Silvia, chorais, e na fineza
 Pertendes ostentar vossa ternura,
 Acho, que desluzis toda a ternura,
 Vêjo, que acreditais toda a dureza.

A Fonte com discreta subtileza
 Meu pensamento claramente apura,
 Pois das entranhas de huma penha dura
 Só póde diriva-la a Natureza.

Se nas lagrimas, Silvia, se retrata
 A brandura, de vós a apartais quando
 Lançais de vós as lagrimas ingrata.

Bem posso dizer logo em rigor tanto,
 Que inda quando a fineza em vós me mata
 Penhasco, Silvia sois, se he fonte o pranto.

O Soneto, que passo a transcrever, feito a uma Dama, que escrevia ao seu amante, chorando, póde contar-se no numero dos bons, apesar de alguns jogos de palavras, que o gosto do seculo exigia do Author.

SONETO.

Com lagrimas, e letras declarava
 Narcisa a chamma, que em seu peito ardia,
 Em hum papel, que a Fabio dirigia,
 Onde letras, e lagrimas mesclava.

Publicar seus extremos intentava,
 Porém nesta gostosa idolatria
 Nem com o pranto o pranto encarecia,
 Nem com a penna a pena exaggerava.

Do Lynce Amor queixosa, em seu cuidado,
 Lhe diz: «Oh cégo Deos, piedoso ordena
 » Que explicar saiba o fogo, que me inflamma;

» E permite que entenda Fabio amado
 » Em linguas de crystal do peito a pena,
 » Em rubricas de fé de amor a chamma.»

Mais bello me parece ainda pelo pensamento, e pela
 expressão este, em que descreve a morte de Pyramo, e
 Tysbe.

SONETO.

Invejosa de Amor Estrella irada
 Por occulto poder, fatal decreta,
 Que os que foram tropheo da mesma setta,
 Sejam despojo atroz da mesma espada.

A Pyramo a desgraça imaginada
 Ministra no punhal morte indiscreta,
 Se em Tisbe a pena, que sentio discreta,
 No estoque deixa a morte vinculada.

Dividir pertendeu tyranna Sorte
 Os corpos, e os affectos na ferida,
 Mas em vão quiz romper o laço forte.

Pois, apesar da espada appetecida,
 Não poude a Parca dividir na morte
 A quem unir o amor soube na vida.

O seguinte, que tem por titulo, Amor perdido, está
 escripto com bastante paixão, e vigor.

SONETO.

Lgrimas, docemente derramadas,
 Já conseguistes glorias repetidas,
 Mas se fostes espelho a duas vidas,
 Hoje de duas vidas sois espadas.

Ah Sílvia! que venturas contrastadas
 Do tempo injusto se não vêm perdidas?
 Que maior dôr, que a pena de esquecidas?
 Que mais pena, que a magoa de lembradas?

Logrei vosso favor, mas o desvelo
 Da Fortuoá, alcançou de mim victoria,
 Mostrando que não soube merece-lo.

Oh pena! oh dôr! que affliges a memoria;
 Por que lograr o bem para perde-lo,
 He Inferno, com mascara de gloria.

Este ultimo verso explica, quanto a mim, de uma maneira muito energica o sentimento, tão profundo como verdadeiro, de que na perda da cousa amada, o maior tormento é a recordação dos prazeres, que com ella gozamos, em quanto não se extinguiu a paixão.

Entre os melhores Sonetos deste Poeta deve contar-se o que fez sobre a fineza de El-Rei D. Pedro I., corôando depois de morta a D. Ignez de Castro.

SONETO.

Luctaram com valôr, com furia insana,
 Entre Ignez bella, e entre Pedro amante
 O Amor de Pedro, sempre relevante,
 E a fortuna de Ignez sempre tyranna.

Esta, ainda no logro deshumana,
 Aquelle, até no mal sempre constante,
 Na linda Dama, e no gentil Infante,
 Foram assombro á terra Lusitana.

Nesta dura contenda repetida,
A Belleza vencida foi da Sorte,
Porém do Amor a Sorte foi vencida.

Pois, apesar da Tyrannia forte,
Só lhe roubou no Amor a Sorte a vida,
O Amor corôa lhe adquirio na morte.

Em uma das sessões da Academia dos Singulares, deu-se para thema « um Amante doente, e uma Dama desdenhosa » André Nunes satisfiz ao pedido com o seguinte

SONETO.

Da Febre a chamma, se o tremor do frio
Padeço, e quando a sorte assim me trata,
Na Febre o meu affecto se retrata,
No frio se retrata o teu desvio.

Sahe a Febre a mostrar o ardente brio,
Do cégo amor, que o coração maltrata,
E o frio da esquivança mais ingrata
Chega a mostrar o louco desvario.

Mas inda que o juizo, oh prenda bella,
De extremos taes formasse a copia viva,
Igualdades não acha no traslado.

Pois vêjo ás luzes da tyranna Estrella,
Que o frio se sujeita á Febre esquivã,
E o teu desdem não cede ao meu cuidado.

Na mesma Academia se deu outro assumpto, por igual gosto, a saber: « uma Dama ciosa procurando o seu amante foi achallo entretido na contemplação do seu retrato » o Poeta o desempenhou pelo modo seguinte.

SONETO.

A Fabio busca Clori soberana,
Com o receio de enganoso trato,
E achando-o inspendido em seu retrato,
O seu mesmo retrato a desengana.

Temeu discreta, mas ficou ufana,
 Approvando de Fabio o termo grato,
 Que em parecer por sua copia ingrato,
 Abonou sua luz por mais que humana.

Apesar dos temores neste enleio,
 De seu amante satisfeita fica,
 Se o acha com a copia, que o assombra.

Deixa pois advertida o vil receio,
 Que a copia, inda que muda, a certifica
 Que adora a luz, quem idolatra a sombra.

Estes Sonetos podem reputar-se por muito bons, maximamente se attendermos ao pouco que podiam dar de si taes assumptos, que nem feriam o coração, nem exaltavam a phantasia. Teuho para mim, que entre as causas da perversão dos engenhos, e da corrupção do gosto, que reinou neste seculo, deve contar-se o ruim methodo dos trabalhos de tantas Academias, que obrigavam seus alumnos a discorrer sobre themas phantasticos, inverosimeis, extravagantes, e mesmo ridiculos, e absurdos, cujo desempenho necessariamente se havia recentir daquelles principios viciosos. A experiencia mostra que mesmo os grandes Poetas, que despregam vós d'aguia nos assumptos de sua propria escolha, nunca se elevam muito quando trabalham em obras de encomenda.

André Nunes tambem condescendeu com a mania do seu seculo, escrevendo alguns versos dos chamados versos jocoserios, que desdoram o Pindo com uma saraiva de frivolidades, e graciosidades fecticias, sendo a graça um dom da Natureza, e não uma aquisição da Arte: graças a martello, como lhe chamava uma Senhora de muita discrição, si fazem rir é só de quem as diz; sam como as contracções ridiculas de uma Velha presumida, comparadas com os admanes singelos, e expressivos de uma Dama amavel, e zombateira.

Para que o Leitor faça idéa da disposição do Poeta para esta qualidade de composição, não citarei mais que uma Decima, endereçada a certa Dama, que tendo no

peito um Cupido de coquilho, cahiu este, e quebrou as azas.

DECIMA.

Si o Discurso acertos tem,
Que a Chloris vinha presumo
Por Moço de tanto fumo
Amor de cachimbo, bem ;
Mas quando do seu desdem
O garbo vêjo alinhado,
Torno a notar com cuidado
Que hera cousa muito indina
Ter, tão ainda Minina,
Hum Amor tão desazado.

André Nunes da Silva tinha espirito agudo, phantasia viva, originalidade, pureza, e ás vezes elegancia de linguagem, e boa versificação, e póde ser considerado como um dos melhores Lyricos do seculo, em que viveu.

CAPITULO III.

Frey Simão Antonio de Santa Catharina.

De Thomé Lopes, e de sua mulher Magdalena do Espirito Santo; nasceu este Poeta, na Cidade de Lisboa, porém ignora-se o anno, mez, e dia do seu nascimento, e a classe da sociedade a que pertenceram seus pais.

Chamou-se primeiro Simão Lopes; pelo menos assim o assevera Diogo Barbosa Machado, em sua Bibliotheca Lusitana; porém no Tomo das suas *Rymas sonoras*; que contém a maior parte das poesias do tempo de secular; eu o vejo designado pelo nome de Simeão Antunes Freyre.

Seja como fôr, si ha dúvida a respeito do seu nome no seculo, não pôde have-la á cerca do talento não vulgar, com que a natureza o havia enriquecido; como se depreheende do aproveitamento com que estudou as letras sagradas, e profanas, e o muito que se distinguio na poesia, e na musica, em que sahio além de mui habil tocador de viola, e órgão, em que teve no seu tempo mai poucos artistas, que podessem competir com elle, um grande Mestre de Capella, e muito affamado compositor; reputação esta que sobejamente abonavam as muitas partituras suas, que existiam no Convento de Santa Maria de Belém, onde professou, em *idade adulta*, segundo affirma Barbosa, a tres de Junho de 1696.

Esta data, e a expressão de *idade adulta*, de que usa Barbosa, me parece que pôde dar-nos aproximadamente a epocha do seu nascimento; suppondo pois que tinha trinta, ou poucos mais annos quando vestiu o habito, em 1696; pôde haver-se por mai probavel que nascesse em 1666, ou pouco antes.

Havendo pois abraçado o Instituto Jeronymotano, com o nome de Frey Simão Antonio de Santa Catharina, vi-

veu este Poeta sempre naquelle Mosteiro, estimado de todos aquelles Monges, que o nomearam para diversos Cargos da Ordem, que sempre desempenhou bem, occupando o tempo que lhe ficava livre em tarefas literarias, deixando assim grande copia de livros compostos, e traduzidos, que se conservavam na bibliotheca do Mosteiro de Belém.

Mas si hera muito estimado dos religiosos pela sua applicação, e virtuoso comportamento, não o era menos dos seculares pelo seu saber, prendas, jovialidade de caracter, conversação festiva, e poesias.

Todos os Poetas do tempo viviam familiarmente com elle, e o estimavam muito, e com especialidade o Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, Author da Henriqueida.

Foi socio de quasi todas as Academias, que floresceram no seu tempo, como a *Portuguesa*, *Ecclesiastica*, e *Harmoniosa*, onde foi muitas vezes Presidente, como se vê de muitas Orações, que andam no primeiro Tomo das suas Obras Academicas, que sahiram á luz em Lisboa, na Officina da Musica, em 1728.

Falleceu em dezeseis de Maio de 1733, tempo em que estava regendo a Cadeira de Theologia Moral, desenvolvendo neste magisterio grande assiduidade, e doutrina.

Os Padres da sua Ordem lhe celebraram mui solemnes exechias, a que assistiram os Membros das tres Academias, de que era socio, e os seus numerosos amigos.

A mais importante das Obras de prosa, que este Religioso deu á luz, é um livro traduzido do castelhano, que tem por titulo: «Luz do verdadeiro Catholico, e explicação da Doutrina Christã» que segundo o costume da Casa Professa da Companhia de Jesus do Mexico todas as quintas feiras do anno tem explicado na sua igreja o Padre João Martins de la Parra.

Este Tractado é dividido em quatro partes, que todas foram impressas na Officina da Musica, a 1.ª em 1722, a 2.ª em 1723, a 3.ª em 1727, a 4.ª em 1728.

As outras, que eram muitas, sobre diversos assumptos sagrados, e profanos ficaram manuscriptas na livraria

do seu Convento, e entre ellas menciona Barbosa as seguintes :

Obras Academicas em verso, e prosa, dous Tomos de folio.

Orações Evangelicas, dous Tomos de folio.

Obras excusadas de Frey Simão, um Tomo de folio.

Manual de Orações Academicas.

Um Poema Jocoserio, em nove Cantos, sobre uma Eleição, o qual principiava assim :

Os Enredos, as bulhas, as trapações,
Os enganos, os medos, os temores,
Os ardiz, as astucias, as negações,
Os agrados, os risos, os amores,
As trombas, os focinhos, as caraças,
As furias, os raivaços, e os rancores
Que houve em certa Eleição com forte espanto,
Darão materia a nunca ouvido canto.

Existirá por ventura este Poema? escaparia ao transtorno de papeis, e livros, que necessariamente devia produzir a supressão dos Mosteiros? Não o sei: mas as pessoas que conhecem as scenas comicas, que muitas vezes tinham logar nos Capitulos, e Eleições, tanto freiraticas, como fradescas, não podem deixar de lamentar a perda de um quadro daquellas intrigas, e ridicularias, traçado por um ingenho tão festivo, e tão conhecedor da materia como Frey Simão! Tenho para mim, que se aquelle Poema houvesse sabido á luz seria o mais sólido fundamento da gloria literaria de Frey Simão, porque o assumpto se tornaria cada vez mais curioso á proporção do tempo que fosse correndo depois da extinção das Ordens Regulares, e assim viria a Obra a ser um monumento, em que os curiosos poderiam estudar os costumes, e a vida privada daquellas grandes Corporações, que tanta influencia gozaram na sociedade, a que fizeram tanto bem, e tanto mal.

As poesias de Frey Simão Antonio de Santa Catharina, comprehendem dous Volumes de oitavo portuguez, o primeiro em que ha de mistura muitas Orações Academicas em prosa; impresso na Officina da Musica, Lis-

boa, 1728; o segundo, contendo só poesias, publicado na Typographia Augustiniana, Lisboa, 1731, com o nome de Simeão Antunes Freyre.

O grande apreço de que as Obras de Frey Simão gozaram, pôde conjecturár-se de modo porque ácerca dellas se explica o Censor D. Manoel do Tojal da Silva, Clerigo Regular da Congregação Theatina, e um dos religiosos mais instruidos daquella então mui douda corporação.

« Não acho que estas poesias offendam lei alguma do reino, ou encontrem o serviço de Vossa Magestade, nem que desmereçam, por inúteis, a licença que pertendem para se fazerem públicas, pelo beneficio da estampa. Não é inútil na republica este genero de poesias, porque assim como as heroicas sam benemeritas, de toda a estimação, e applauso, porque com sua elegancia de muito recreiam, e accendem juntamente os animos para a emulação, e imitação das proezas, que cantam; tambem nestas poesias jocosas se acha a utilidade de aliviarem o animo; recreiarem o entendimento, naquellas horas successivas que a mesma razão deu por parenthesis, ou ferias á fadiga, e trabalho dos estudos serios, e graves, e dos empregos civis, e negocios politicos; pois para todos deixou repartido tempo a illustrada sabedoria, que nem por assignar á bocca o officio de fallar, lhe negou licença para o exercicio de rir, *tempus loquendi, et tempus ridendi*.

« Quando as Thalias, e as Therpsycotes jocosas cantam, desarmadas de espirito mordaz, e purificadas de indecorosas dissonancias, não sam indignas da que as escutem tambem aquelles ouvidos que tão louvavelmente dam attenção aos cantos heroicos das Caliopes, e das Melpomenes, porque tambem naquellas se exeroita, e apura o ingenho, com o uso da agudeza, da galantaria, e da discrição; como se vê neste Author, sem que nelle degenera a discrição em mordacidade, a galantaria em indecencia, a agudeza em satyra.»

Concordando em parte com a opinião do Censor, sempre accrescentarei, que dous Volumes de poesias recheadas de hofonarias, e idéas burlescas sam muito fraca recommendação para a posteridade, e isto se prova bem

pelo esquecimento em que hoje se encontra o nome de Frey Simão, tão affamado um tempo, e agora quasi desconhecido, mesmo dos Literatos.

O gosto pelo estylo burlesco tem desaparecido inteiramente da Europa; quem lê hoje em França as Obras de D. Assoncy, de Scarron, e de Sarrasim? Que estima gozam na Italia Benchiello, e os imitadores de Berni? A vida activa dos povos modernos, os seus habitos, e modo de existir não permitem que se interessem por frivolidades; para que os homens de hoje dêem attenção á poesia, é necessario que ella esteja affinada pelo espirito do seculo, e que lhe apresente idéas philosophicas, e sensações vivas, que dêem abalo violento ao seu coração, e á sua phantasia! além disso, a jocosidade está muito ligada com os costumes, e como estes variam; é força que ella varie tambem: o que faz rir um seculo é muitas vezes frio, e ensulso no seculo seguinte: o que parecia engenheiro, e de bom tom aos nossos avós pôde parecer-nos grosseiro, e indecente! Ha Scenas em Gil Vicente, que eram mui applaudidas, e celebradas no Paço, e que hoje, se os seus Dramas se representassem, seriam pateados, e assoviados, até em um theatro de feira. As Coplas dirigidas a Garcia de Resende, transcriptas no 1.º Volume desta Obra, pareceriam hoje, não gracejos, mas injurias atrozes, que produziriam querella judicial, ou arrancamento de espadas entre o gracejado, e o gracejador; e com tudo Garcia de Resende se deu tam pouco por offendido com taes insolencias, que elle proprio as imprimio no seu Caucioneiro!

Outro inconveniente para as poesias de Frey Simão é o serem quasi todas Academicas, isto é, versarem sobre objectos frivolos, ridiculos, e extravagantes, que naquellas associações literarias era moda dar para discorrer, ou para nos explicarmos mais propriamente, para delirar; e foi esse um dos principaes motivos que taes Academias serviram mais para preverter o gosto, que para apura-lo, mais para estragar a poesia, que para cooperar para os seus progressos. E' porém certo, que apesar 'do expellido, o nosso Poeta escrevia a lingua com grande correcção, e elegancia, tinha uma veia inexaurível de jocosidade, e versificava com toda a perfeição.

Aos que sam versados na leitura dos Poetas deste tempo é excusado advertir, que as Silvas, os Romances, e as Decimas compõem a principal parte das poesias de Frey Simão; entre os Romances passou por um dos melhores o seguinte, que tem por assumpto, Venus açoutando Cupido, com umas disciplinas feitas de rosas.

ROMANCE.

Dizem, que a Senhora Venus
Açoutara ao Deos Tyranno,
Porque andava co'as tres Graças
A cabra céga jogando.

Outros dizem, que os açoutes
Fôra por ter pendurados,
O carcaz n'hum Alcornoque,
E n'outro Alcornoque o arco.

Outro, que por ser devoto
Do Evangelista São Marcos;
Vêjam quando foi delicto
O ser devoto dos Santos.

Outros, porque muitas Damas
Do Beco de Martim Alho,
E tambem de Mata Porcos,
Mudou para o Bairro Alto.

Outros porque interesseiro
Elle mesmo dera azos,
A que aquellas mesmas Damas
Fizessem do Amor contrato.

Outros, porque a certa Chloris,
Adônde os Abris, e os Maios,
Passaram novênta vezes,
Ferro com harpão dourado.

Outros dizem, e he mais certo,
Que a Venus foram berrando,
Huns Homens feitos Carneiros,
Outros Bodes, e Veados.

Que destes metamorphoseos
 Todos juntos se queixaram,
 E lhe pediram justiça
 Contra aquella Circe macho.

Dizem, que ali logo Venus
 Chamando o bem estreado,
 Enganando-o com amendoas,
 O agarrara por hum braço.

Mas que não custara pouco
 Pôr-se a geito de açouta-lo,
 Porque o Menino na ataca
 Seis nos cégos tinha dado.

Cortados c'huma thesoura,
 Deitou-lhe as calças abaixo,
 Que hera camursas de amantes,
 Que o mesmo que pelles de Asno.

Quando Cupido se vio
 A' Suissa, envergonhado,
 Ficou de frio tremendo,
 E de medo teritando.

Chamou, com mui altos gritos,
 Por seu Pai o Deos Vulcano,
 O qual não veio accudir-lhe
 Por estar côxo, e estar manco.

Supponho que *manco* está aqui meramente para armar
 ao toante pois não sei que este vocabulo exprima outra
 idéa se não a que indica a palavra *côxo*.

Os gritos enternecidos
 Se acompanhavam com prantos,
 E não abrandava a Venus
 Tanto aljofar derramado.

Chamou Venus por Agleia,
 Porque o tomasse a cavallo,
 A Euphrosina deu huma perna,
 Deu a Thalia outro tanto.

Subjugado assim Cupido
Viram aquelle texto claro
Cheio de flores de Mina,
E hera o texto de Cujacio.

O Poeta é aqui digno de muito louvor, por exprimir um objecto sordido, e indecente sem offender os ouvidos, nem a imaginação; mas será este o verdadeiro fim da poesia?

Tirou da cinta o flagello,
Que tinha para estes casos,
Feito de folhas de rosas,
E foi-o disciplinando.

Com rosas o Deos Amor
He por Venns açoutado,
Pois se havia ser com flores,
Não fóra melhor com cravos?

Não, porque as flores de Amor
Rebentam no mez de Março,
E pallidas, e amarellas
Nos rostos das Damas se acham.

Estas amarellas Rosas,
Assim lhe chama Escolapio,
Dos açoutes de Cupido
A pagaça cõr tomaram.

Foi o caso que o Minino,
Estando-o a Mãi açoutando,
Fez huma descortezia
Nas barbas dos Convidados.

Aqui as encarnadas rosas
A amarella cõr tomaram,
Pois na sua cõr as tingio
O amarello desacato.

Assim como as rosas brancas
Se tingiram de encarnado,
Quando Cupido entornou
A ambrosia dos Deoses sacros.

Assim as que heram encarnadas
Na amarella côr se acharam,
Quando entornou o Deos cêgo
O nectar dos namorados.

Quem cheirasse o envez de Amor,
Antes de ser açoutado,
Os Jasmins de Italia nelle
Recendiam, trasandavam.

Mas si no forte conflicto
Quizesse applicar-lhe o olfato,
Já o acharia de rosas
Amarellas perfumado.

O odorifero flagello,
Quando ao ar hera elevado,
Deixava os ares corruptos
De ambar griz do Deos Tyranno.

Mas este ambar de Cupido
Algalia hemos de chama-lo,
Porque agitado do açoute
Cupido o suou, que he Gato.

Acabando-se o castigo,
Eis que chegam Boticarios,
Procurando aquellas Rosas
Para o lambedor rosado.

Não pôde negar-se que neste Romance ha muito en-
genho, e muita graciosidade, mas uma graciosidade
mais propria da Ribeira Nova, ou da Praça da Figuei-
ra, que dos Salões, faz rir, mas com aquelle riso gros-
seiro da infima plebe, e não o riso malicioso das pes-
soas civilisadas. E com tudo estas baboseiras indecen-
tes eram applaudidas nas Academias, e nas Assembléas,
diante das Damas, que lhe achavam muito chiste, e
um religioso grave não se pejava de as compôr; tanto
é certo que as idéas de decencia sam tão variaveis co-
mo os trajés, e as opiniões dos homens.

Todos sabem que Julio Cesar, sendo accomettido pelos Conjurados, em pleno Senado, se defendeu ao principio com o seu ponteiro de escrever, e traspassou o braço de um delles; como lêmos em Sactonio. Vejamos agora como Frey Simão transfigurou burlescamente esta horrivel atrocidade da morte de Cesar.

ROMANCE.

Contra Cesar ja taludo
Se atreveram alguns Rapazes,
E dar a tão varia vida
Hum *requiescat in pace.*

Não tem muito chiste vêr tractar de *Rapazes* a Cassio, Bruto, e os outros Chefes da reacção Aristocratica contra a dictadura de Cesar! Sabiamos que o assassinato do fundador do Imperio Romano, era considerado pelos Republicanos como uma acção heroica, e pelos amantes da Monarchia como uma atrocidade abominavel; mas tractar isto de *rapaziada* estava reservado para Frey Simão, e applaudi-lo para a chamada Academia Portugueza, onde este Romance foi recitado em uma sessão. Eis aqui como o falso espirito, e o ruim gosto conduzem um homem de talento quando tem a mania de excitar o riso com assumptos que por sua natureza não podem ser burlescamente tractados.

Esparina, que he de Cesar
Auruspice, ou Nigromante,
O avisou a que dos Idos
De Março se resguardasse.

Sua Mulher agoutenta
Sonhou que o vio hir mui grave,
Metido n'hum Bahul velho
Vestido a modo de Frade.

Vendo-se ao Espelho Cesar,
Não vio nelle a sua imagem,
Mas vio hum Enterramento,
E Dom Quixote diante.

D. Quixote, e os Frades não sam citados nesta matê-
ria com muita propriedade?

Vio mais quebrar hum Espelho,
E que dividido em partes
Lhe diz cada pedacinho
Sobrii citate, et vigilate

N'um banquete aonde havia
De Convidados seis pares,
Foi elle nones, e treze
Dos dez, que eu ali entrasse!...

Estando lendo á Candêa,
Quiz a Candêa apagar-se,
Mas não se apagou, temendo
Que Cesar desconfiasse.

Depois ao deitar da Cama
Fez voltar os almadragues,
Pondo a cabeça bem donde
Tinha posto os calcanhares.

Pucha pela roupa toda,
Para melhor enroupar-se,
Deixa a Mulher á Suissa
Feita *Dominica in albis*.

Já roncando a somno solto,
Ouvio tres pancadas grandes,
No Cenobio Alcobacense,
Que he do Sarcophaco a chave.

Tinha a Mulher dous Cãeszinhos,
Que uivando sem se callarem,
Estiveram a noite toda,
E o Çapato em vão dehalde.

Tudo via, e ouvia Cesar,
Mas louco qual Bonifrate,
Teve tudo por mentira,
Sendo agouros de verdade.

Si Cesar fóra Christão,
Que dos agouros zombasse,
Está bom, porque nós outros
Não sômos nenhuns Alarves.

Mas sendo Cesar Gentio,
E dos Gentios Magnate,
Porque não crêo nos Agouros,
Que fallavam sem fallar-lhe?

Porque foi Cesar mofoio,
E o seu Fado agonisante,
Já lhe arrastrava os cabellos
Em funebres Vassallagens.

Vai fóra aos quinze de Março
Vestida de Guardinfanta;
Podendo ficar em casa
Com bellissimo donaire.

Homem porque vás correndo
Ao Capitolio a entregarte?
Quem te quizer que te busque,
E buscandete não te ache.

Tu não tens hum bom Palacio?
Palaceate huma tarde;
E para escapar melhor
Pöete n'hum escaparate.

No escaparate escapava
Certamente, que este traste
Não lograria este nome,
Sem prestimo semelhante.

Hera Cesar hum simplote,
Tão simplote, que hindo a dar-lhe
Com trezentas cachaporras,
Deixou cachaporrear-se.

Si quem dava fosse amigo,
Que cachaporreasse amante,
Estava bem; porque o mesmo
Se faz hoje em qualquer grado.

Este tiro mordaz contra as Freiras nas suas conversações de grade, posto que não seja de bom gosto, pinta bem os abusos, e leviandades, a que davam logar aquellas visitas.

Mas, Homens do Diabo, si heram
Huns Brutos, outros Deciazes,
Qdê mais podiam fazer
Si não brutalidades?

Porque havias consenti-las?
Tinhas mais que levantarte,
Tornar ás de Villa Diogo,
Si as dessem, ou te deixassem?

Mas tu deixaste vir Casca
Que não vem mais que a cascarte,
E juntamente a dar nome
A tão valente linguagem?

Cascoute o Casca atrevido,
Accertandote o gasnate,
Bruto buscoute o bandulho,
Decio os dedos pollegares.

Tu presado de discreto,
Fazes do estylo moitante,
Espada, rodella, e chuço,
Estoque, broquel, alfange.

Pois que digo? hé Cesar tolo?
He simpralhão? he basbaque?
Cuida que o estylo da penna
Defende dos Ignorantes?

Não vês, Cesar, que sam nescios
Os que conjuram infames
Contra hum Cesar, a quem devem
A honra, e a liberdade?

A liberdade, de vagar! porque Cesar havia despojado os Romanos da liberdade, e que Bruto, Cassio, Cas-

ca, e os outros conjurados o despojaram da vida. A questão é si Roma lucrava, ou perdia com a morte de Cesar, e para decidir esta questão a favor dos seus mata-dores, era preciso provar, que Roma podia continuar a ser livre: mas parece-me esta proposição não poderá ser defendida por quem conhecer o estado da Republica; naquella, as victorias, e as conquistas haviam amontoado nella todas as riquezas do Universo, e estas haviam trazido com sigo o luxo, e os vicios, e banido todas as virtudes, e os bons costumes; o orgulho, e o despotismo dos Patricios haviam exasperado o povo, e produzido as guerras civis de Mario, e Sylla, que haviam dissolado, e inundado de sangue toda a face da terra, e em taes casos era evidente, que Roma não podia deixar de ser regida por um Monarcha; e quem era mais digno de empunhar o sceptro do que Cesar? Com a sua morte Roma não recobrou a liberdade; vio-se dilacerada por novas guerras civis; por novas proscricções, para cahir nas mãos de Augusto, que estava mui longe de possuir as virtudes de Cesar; eis aqui como a imprudencia de Bruto, e dos seus amigos, em vez de salvar a patria, a involveram em novas calamidades.

Co'as armas dos entendidos
 Quer offender quem não sabe
 Que huma penna aguda fira,
 Que hum rasgo discreto?

Huma penna só contende
 Contra outras pennas picantes,
 Que em juizo se aparam
 Para Appolinceos combates.

Mas porém contra pistolas,
 Arcabuzes, bacamarites,
 Bombas, granadas, clavinias,
 E trabucos nada valem.

Nada disto então havia,
 Mas havia em toda a parte
 Armas, que não erram fogo,
 Com pontas de Diamante.

Si tu esgrimiras por penna,
Tinteiros de huns que já de antes
Jupiter, roubando Europa,
Na cabeça pôz aos pares.

Então sim, porque os tinteiros
Sam as armas do Estudante,
E do Tinteiro a agodeza
Faz á da ira vantagem.

Si ao Tinteiro te arremessas,
Quando na penna pegaste,
Talvez que todos fugissem
Com medo de algum desastre.

As pennas, sem os Tinteiros
Eu nunca as vi n'outra parte,
Salvo n'hum Chapéo por plumas,
Ou n'buma Ave por plumagem.

Querias ferir com penna
A nescios? bom disparate!
Todo o nescio he carne pôdre
Nem se doe, nem bota sangue.

Parece que tem mandiaga,
Porque nunca pôde entrar-lhe
A espada de hum dito agudo,
O punhal de hum dito grave.

Para nescios cachaporra,
E não razões elegantes,
Porque para emmandingados
O remedio he mais probavel.

Já que usaste d'outro estylo,
Meu Cesar, foste peccante,
Por isso nesta pendencia
Ficaste como ficaste.

Tractar assumptos semelhantes em estylo jocosario,
querer promover o riso, com cousas que causam horror,

por mais que me digam, é hir de encontro ao bom gosto, é empregar as forças de Hercules em volteios, e cabriolas de equilibristas, que podem assombrar os nescios, mas que os homens de juizo contemplam com desdem. Não o havia julgar assim a Academia denominada *Portugueza*, que deu este assumpto para discorrer aos seus socios, e que é probavel que applaudisse grandemente estas bufonarias de Frey Simão.

As Lyras do Padre Frey Simão de Santa Catharina podem talvez classificar-se como as suas melhores poesias, ao menos sam aquellas, que dam alguns visos do estylo lyrico: as Estrophes sam bem cortadas, breves, e com os consoantes harmoniosamente collocados. Isto pôde observar-se na seguinte, em que elogia a D. Antonio Caetano de Sousa, douto religioso da Congregação Theatina, por occasião das suas prelações de Philosophia Moral, na Academia Portugueza.

LYRA.

Douto Sousa discreto,
De Apollo Filho, e de Mercurio Neto;
Pai de illustres Sciencias,
Pois todas com sobmissas Reverencias
Aqui, e em qualquer parte que vos vejam,
Com respeitoso culto a mão vos bejam:

Fazei-me a caridade,
De inclinar por hum pouco a Magestade,
E ouvir da minha Musa
Hum breve rasgo, pois que não se excusa,
Que vos quero fazer eu, e mais ella
Hum Beijamão de Gafador de pella.

Quando nos Caetanos,
Haverá pouco mais de noventa annos,
Lêstes Philosophia,
Já desde então convosco eu aprendia,
E tinha a sinderesis tão inchada,
Que, ouvindo muito, nunca aprendi nada.

Depois no meu Convento,
 Onde os Estudos tem contrario vento,
 Tornei ao *ergo*; louco,
 Cuja fadiga me aproveita pouco;
 Pois si convosco nos Jardins amehos
 Entendi pouco, entendo agora menos.

Sei que na Academia
 Hoje tornam a lér Philosophia,
 E Discipulo amante,
 Me matriculo aqui vosso Estudante,
 Para Ethica aprender já me consagro
 Mui idoneo, porque ando ha dias magro.

Agora sei de certo
 Estrago da Ignorancia o vil aperto,
 Pois vosso engenho raro
 O que hera escuro agora deixa claro,
 Trocando para mim já reste lance
 O que hontem foi latim, hoje em Romance.

Já com animo franco
 Vendo-vos na cadeira venho ao banco,
 A Academia travessa
 Cuido me muda o banco hoje em tripeça;
 Mas tripode de Apollo, onde sentado,
 Quasi me sinto já divinisado.

Estes versos fazem allusão ao costume que havia na Academia Portugueza, de haver uma elegante tripode, onde devia sentar-se todo o socio, que recitasse alguma poesia de sua composição, sendo-lhe vedado faze-lo de outro qualquer lugar.

Eu não sei o que sinto,
 Pois já de ser humano me desmiato,
 Cuido estou espiritado,
 Pois violento furor me ha arrebatado,
 Que em convulsões violentas, e medonhas
 Faço visagens, faço carantonhas.

Já entortando a bocca;
 A poetisar o espirito me provoca,
 Deste impulso incitado
 Hum olho tenho aberto, outro fechado,
 Já bambaleando o corpo em gesto horrendo
 Apollo inspira quanto vou dizendo.

As bufonérias desta composição me parecem mais decentes, e de melhor gosto que as da antecedente. Na ultima Estrophe encontra-se o verbo *poetisar*, que foi introduzido na lingua neste seculo; porque os Escriptores do seculo de quinhentos sempre disseram: *poetar*, que na verdade me parece preferivel por ser mais breve, e mais harmonioso.

Havendo o Author fechado a Academia dos Anonymos, no anno de 1713, foi nomeado para presidir a ella, no anno de 1714, o Desembargador Caetano de Brito, e na sessão de abertura Frey Simão lhe dirigiu um comprimento na seguinte

LYRA.

Eu que o anno passado,
 Me vi de vossos versos tão louvado,
 Que fiquei atordido
 Por ouvir o que nunca tinha ouvido,
 Pois dissestes da minha Poesia
 Cousas, que eu não sonhei, nem tal sabia.

Desde o anno passado,
 Quando eu quiz ser Poeta laureado,
 Que a João de Saldanha
 O loureiro pedi com arte, e manha,
 Para delle fazer mil cousas boas,
Verbi gratia, Laureis, Pasteis, Corôas;

Desde o anno passado,
 Quando das Musas fui sevandijado,
 Pois cada qual com bulha
 Me fez a peça, e me deitava a pulha,
 E, vendo-me em tal modo escarnecido,
 Enfiado fiquei, fiquei perdido.

Desde o anno passado,
 Que estive nesse solio empanturrado,
 Logrando as cortezias
 Que logra Apollo nas Academias,
 Porque o traveço Ossuna só por peça
 Me tinha assim metido na cabeça.

Desde o anno passado,
 Quando Apollo esperei ser adorado,
 Por me ter promettido
 O Deos do Chafariz tão conhecido,
 E fiquei, por ser fraco de miolo,
 A verdadeira Fabula de Apollo.

Allude o Author, nestes versos, a um chafariz que, de tempos anteriores ao reinado de D. João segundo, existia no centro da Praça do Rocio, tendo em cima uma estatua de Apollo; na reedificação da cidade, depois do terremoto, foi o chafariz removido dali, e a estatua de Apollo collocada no Jardim do Palacio da Inquisição, no angulo que a sua muralha fazia para a rua do Principe, e travessa do Jardim do Regedor: Demolidos os carceres da Inquisição, incendiado o palacio, e edificando-se casas, e o theatro novo naquelle local, o Apollo foi transferido para o deposito das aguas-livres ás Amoreiras, onde hoje se conserva.

Desde então, meu Caetano,
 Esse throno guardei por soberano,
 Que ninguem o occupasse,
 Porque as vossas Poesias só beijasse;
 Para tal Presidente he prevenido,
 Ahi está da Poeira sacudido.

Eu fiz-lhe a caridade,
 Mas em mim foi mentira, em vós verdade:
 Vós he que sois Apollo,
 Eu fui hum simples, hum basbaque, hum tolo,
 E sabeis vós de que eu tal conjecturo?
 De que vós fallais claro, e eu escuro.

Occupai esse throno
 Para credito seu, e nosso abono,
 Só da vossa eloquencia
 Deve admittir tal throno a Presidência ;
 Bem podera elle ser mais eminente
 Si o havia occupar tal Presidente.

O Conceito, que disse,
 Semsaboria foi, já foi tontice,
 Pois vosso alto talento
 Faz empinado o mais humilde assento ;
 Porém nunca será tão empinado
 Como vosso talento he remontado.

Orastes de tal modo,
 Que ficon aturdido o Lyceo todo ;
 No elegante, e jocundo
 Deu brado essa Oração em todo o Mundo ;
 Eu não sei como ouvimos o elegante,
 Estando vós de nós lá tão distante.

Porque a nossa distancia
 Mais que no espaço está nessa elegancia :
 Aonde ninguem chega,
 Por mais que a véla, e remo a vós navega ;
 Por que he certo ser digno de admirado,
 O que he em vós natural, em nós forçado.

Quando vér-vos desejo
 Si olho para vós, mas mal vos véjo ;
 Porque as luzes maiores
 Sempre cégam c'os claros resplaudores,
 Eu por vos vér melhor, não sem refolho,
 Hum olho fecho, e pisco o outro olho.

Estes tres predicados
 Sam os que tem os mais enamorados ;
 .Pois com furor intenso
 Mordem beiço, olhos piscam, tiram lenço :
 Daqui tenho entendido,
 Que vos namoro todo enternecido,

Porque nessa Oração vi taes primores,
Que digo a gritos, sois os meus amores.

As Sylvas, sorte de composição que andava muito valida no tempo do Poeta, e que ainda hoje tem bastante voga na Hespanha, sam talvez as que menos valem entre as poesias de Frey Simão. Não sei porque estas poesias descahem de ordinario no prosaismo, tanto de metro, como de expressão, e ainda assim as do nosso Poeta, peccam menos que as dos seus contemporaneos nestes dous defeitos. Parece-me que devem contar-se entre as melhores de Frey Simão a dirigida a Jeronymo Godinho de Nisa, abrindo a sessão da Academia dos Anonymos, no segundo anno, em que foi Secretario delia. Outra recitada na Academia dos Anonymos, e que tem por assumpto um amante, que estando desávido com a sua bella, arrojou o seu retrato aos metaes, que se estavam derretendo para fundir uma peça de artilharia. Outra a Mathias Ribeiro da Costa, posto que pecca por demasiada estensão: mas esta melhoria não faz com que estas composições não sejam de muito pouca valia poetica.

Algumas Decimas de Frey Simão Antonio de Santa Catharina podem passar por boas composições neste genero, tal é a seguinte ao Doutor Agostinho Gomes Guimarães, por occasião da sua presidencia em uma das Academias, de que era socio.

Ostentaste o desempenho
Dessa Oração por tal modo,
Que julga o Congresso todo
Ser huma Aguia o vosso engenho;
Eu tambem com todo o empenho
Grasnando como Patinho,
Com voz rouca, e de mansinho
Aqui digo á Academia,
Que he mui certa a sympathia
N'uma Aguia, e n'um Agostinho.

Tal é esta, endereçada a Agostinho Borges de Carvalho.

Amigo, ando sem sócego,
 Em vêr tenho hum olho só,
 Pois temo que qualquer pó
 Me faça de torto, cego:
 Na vossa Oração não nego,
 Que o meu remedio suavisou,
 Pois não terei prejuizo,
 Si ma dais para ganhar
 A minha vida a rezar
 Tal Oração de juizo.

Taes sam estas, dirigidas a um Presidente, que era
 Frade Franciscano.

Padre meu, negar não posso,
 Sendo vós já nosso Irmão,
 Que foi a vossa Oração,
 Oração do Padre Nosso:
 Eu affirmo, e o meu moço,
 Que não he nenhum magano,
 Salvo com elle me engano,
 Que orais como orara Phebo,
 Porque hoje a este tal Mancebo,
 Vemos Frade Franciscano.

De Phebo hoje a magestade
 Se tracta com indecencia,
 E só estima a Reverencia
 De vossa Paternidade:
 Phebo aqui quer ser vós-cade,
 (Tem huns caprixos tremendos)
 Desses verbos Reverendos
 Vos pede alguns bocadinhos,
 Que vão para os Capuchinhos,
 Quer delles fazer remendos.

Meteste-lo n'hum çapato,
 O pobre velho está tolo,
 Tem hoje ateimado Apollo,
 Que ha de ser vosso Donato:
 Está feito hum mentecato,

Anda aqui feito hum tontinho,
 Estava hoje pasmadinho
 Assentado n'hum poial,
 Diz que sois seu Provincial,
 E elle vosso Donatinho.

A seguinte feita de repente para responder a quem lhe perguntava, o que devia preferir-se em uma Dama, si a musica, si a formosura, pôde considerar-se como um bello Epigramma.

Si a mim licito me fôra
 Escolher n'buma belleza,
 A gala da gentileza,
 Ou o primor de Cantora:
 Da sobredita Senhora
 Escolhera o seu cantar
 Para mais me regalar,
 Que eu tenho a meu entender
 Muito menos com que vêr,
 Que tenho cóm que escutar.

Para melhor sentir-se o chiste desta Decima é necessario que o Leitor saiba, que Frey Simão era cego de um olho, e por isso diz, e era verdade, que tinha menos com que vêr, do que com que escutar, pois tinha dous ouvidos sãos, e só um olho com vista.

Independente dessa razão, peculiar ao Author, eu sou perfeitamente da sua opinião neste caso; uma linda voz, dirigida pela pericia artística-mosical é o maior encanto que pôde tornar uma mulher interessante, e toda a que estiver neste caso conseguirá sempre maior imperio sobre o coração do homem sensivel, que a que for simples, e friamente formosa. A mulher que é grande cantora accende a nossa imaginação, transporta, e enche de ternura o coração, elevando o espirito a regiões desconhecidas; e o homem absorto neste arrebatamento, mal pôde deter-se a reparar em feições regulares, ou na elegancia da figura; sê ha occasião em que a mulher se nos representa como um anjo, ou como outra creatura sobrenatural, é sómente quando canta, e canta bem.

O mesmo póde ajuizar-se de outra tambem extemporanea, a um pintor, que pintando a figura de Apollo sobre uma taboa de madeira de loureiro, não lhe pegavam as tintas.

N'uma taboa de hum Loureiro
 Quiz hum Pintor debuxar
 A Apollo, e não poude usar
 Da penna, nem do Tinteiro:
 Como Daphne foi primeiro
 A Taboa, o repudiou,
 E a dita Daphne accusou
 Ao Pintor de nescio, e tolo,
 Pois dava a Sombra de Apollo
 A quem lhe a luz despresou.

E estas a uma Dama, que estando frigindo filhozes, e vendo o seu amante, se enlevou na vista delle de maneira, que sem ella o vêr, um gato lhe hia furtando as filhozes, que ella frigia. Foi assumpto dado na Academia dos Anonymos, com consoantes forçados; tambem me parecem muito graciosas.

Tem Fabio hum lindo *chasco*
 Si eu frigindo Filhoz *pesco*,
 Que falla com Phylis *fresco*,
 Porque de zelos me *atasco*:
 Dar-lhe-he de tinta c'um *frasco*,
 No focinho á Dama, e *mosco*
 Mal esta filhoz *enrosco*,
 Levou tres o Gato *fusco*,
 Os dous sedem-me a *chamusco*,
 Ella he fina, si elle he *tosco*.

Ai! que já lhe bota a *garra*,
 Sape, Gato, e não a *erra*,
 Ai! que entra, e a porta *cerra*,
 E vam feitos Olmo, e *Parra*,
 Diverti-mê, e o Gato *agarra*
 A Filhoz, que o lume *torra*,
 Páre, só Gato, e não *corra*,

Como todas, não sou *mirra*,
 Mas saibam me deixa a *birra*
 Da Filhoz, e Fabio *forra*.

Estes consoantes forçados, eram nm verdadeiro leite de Procustes, inventado para pôr a tormento a imaginação dos Poetas antigos, era na verdade um trabalho insano, e ridiculo accommodar idéas em versos que forçosamente deviam terminar em certas palavras dadas, e quasi sempre extravagantes, resultando muitas vezes destes saltos mortaes os mais alentados despropositos, além de phrases embrulhadas, e torcidas, que desgostam, e offendem a boa razão, e até as regras grammaticaes.

No tempo, em que Frey Simão de Santa Catharina florescia, andavam muito em voga os Sonctos, para que elle deixasse de occupar-se muitas vezes com estas composições; citaremos alguns para o Leitor ajuizar do seu talento para a confecção daquelle pequeno Poema: seja o primeiro o que tem por assumpto Julio Cesar derramando lagrimas á vista da estatua de Alexandre.

SONETO.

Dizem, que de Alexandre o grandalhão
 Com huma Estatua Cesar se encontrou,
 A qual tantas invejas lhe causou,
 Que fez chorar de raiva o Salvajão.

Não sei si este animal teve razão
 Nas lagrimas, que a mares derramou,
 Pois nellas geralmente confessou
 A magoa, que escondia o coração.

Não queiras chorar Julio em caso tal,
 Que essa Estatua nenhuma cousa tem,
 Que exceda o teu valor tão sem igual.

Mas Cesar respondeu como ninguem:
 «Si dizem que em chorar que faço mal
 Hei-de chorar, e faço muito bem.»

Cesar que *se encontrou com uma estatua* de Alexandre, é expressão impropria; diz-se, por exemplo, Pedro encontrou-se com Paulo; mas diz-se, Pedro encontrou uma fonte, porque a fonte não se move, da mesma maneira que não se movia a estatua: no penultimo verso

Si dizem *que* em chorar que faço mal,

o primeiro *que* está de mais, e fôrma um verdadeiro solocismo. E' este um daquelles descuidos, em que cahem ás vezes os melhores escriptores, e aqui talvez seja um erro de typo.

O seguinte Soneto finge o Author que lhe fôra dirigido por Luiz de Camões, mas de certo ninguem dirá que sahio da penna do Principe dos nossos Poetas.

SONETO.

Reverendo Simão, quam differente
Te vêjo a ti, e a mim te vêjo absorto!
Torto me vês a mim, eu a ti torto,
A minha cara o diz, e a tua o sente.

Fez-te Apollo das Musas Presidente,
Por seres no Parnaso irra do Porto,
Avesso fui já teu antes de morto,
Agora o teu avesso me desmente.

Já que fomos no mal participantes,
Sejamo-lo no bem! oh quem me dera
Que fossemos em tudo semelhantes!

Mas tu do olho do Mundo n'alta esphera
Direito ficarás, qual heras d'antes,
E eu torto ficarei qual d'antes hera!

SONETO. •

A Fama por cem bocças vá gemendo,
E por outras cem bocças vá gritando,
Com os metaes os montes atroando,
Com as vozes os ares suspendendo.

Em melodias doces vá dizendo,
 Em cadencias suaves vá cantando,
 Que temos Presidente venerando,
 Si tivemos assumpto reverendo.

Diga, que estava triste, e descontente,
 A Academia confusa, e assás tristonha
 De lhe faltar ha muito hum Presidente.

Cante em estylo alegre, e voz risonha,
 Que nesse Couto achou felicemente
 Quem lhe tirasse as *barbas* de vergonha.

Este Soneto foi dirigido a José do Couto Pestana, um dos melhores Poetas daquelle tempo, e Author do Poema Sacro intitulado: *Quiteria Santa*, de que se faz menção neste Ensaio. Havia elle, presidindo a umã sessão academica, dado por assumpto o empenho das barbas de D. João de Castro, para reedificar a fortaleza de Dio, e é a este assumpto que Frey Simão allude no ultimo verso.

Havendo-se installado na Villa de Setubal a Academia denominada Problematica, Frey Simão de Santa Catharina celebrou na Academia dos Anonymos, de que era socio, este acontecimento, com o seguinte

SONETO.

Foi celebre Louvaina, ainda bem !
 Por ter huma Academia, que a illustrou,
 Assim hoje he Coimbra, e bem custou
 A Dom João Terceiro, que Deos tem.

Famosa foi Pariz, e inda retem
 O esplendor, que a Academia lhe deixou,
 O Rei ando buscando que a fundou,
 E lembrar-me não posso de foi quem.

Sendo erecta Setubal por Tubal,
 E fundando a Academia o grande Liz,
 Se eu falto a ambas, a ambas falta o Sal.

Setubal, si eu lá vou serás feliz,
 Porque Academia tens mais principal
 Que Coimbra, Louvaina, e que Pariz.

Este Soneto é ruim pelo pensamento, e pela execussão; pela execussão, porque os versos sam desalinhadados, e prosaicos, e porque

E lembrar-me não posso de foi quem,

em logar de

E não posso lembrar-me de quem foi,

é uma expressão obscura, e equivocada, e mais violentamente transposta de que o permite o genio da nossa lingua.

Quanto ao pensamento, porque não sei que possa haver porporção entre as Academias de Louvaina, Coimbra, e Pariz, que sam das mais celebres Universidades da Europa, onde se ensinam as Artes, e as Sciencias; com a Academia Problematica de Setubal, cousa tão diferente de uma Universidade; já se vê que a idéa do Author firma-se toda em um abuso de termo; ainda mais quando, que a Universidade de Coimbra custou bem a El-Rei D. João III., parece dar a entender que fôra elle quem a fundara, o que é falso, porque foi El-Rei D. Diniz; ou que a reformou, e aperfeiçoou, o que é tanto pelo contrario, que foi aquelle Rei quem a deitou a perder, entregando-a aos Jesuitas, em cujas mãos se foi definhando, e decahindo até ao reinado d'El-Rei D. José; que pelo seu grande Ministro, lhe restituiu o antigo esplendor, pela bem entendida reforma dos estudos.

Como é possível que Frey Simão não soubesse quem fôra o fundador da Universidade de Pariz? Se na verdade o ignorava, que conceito havemos de fazer da sua instrucção? Se finge ignorar-lo não sei que graça possa ter a affectação de tão supina ignorancia.

E' igualmente solemnissimo destempero, por não dizer algo mais, o fechar o Soneto dizendo, que a Academia de Setubal é mais principal que as Universidades de Coimbra, Louvaina, e Pariz, por ser fundada pelo

grande Liz, que ninguem sabe hoje quem é, mas que sempre havia ser personagem muito menos importante, que Carlos Magno, e El-Rei D. Diniz.

É pena que homens de talento cáiam ás vezes nestas indiscrições, e descuidos.

Frey Simão de Santa Catharina tambem cultivou a poesia latina, como se vê de alguns versos impressos nas suas Obras, e de outros que se conservam manuscritos, em mão dos curiosos, e que brevemente hirão desapparecendo, á vista do pouco gosto, que hoje existe pela poesia da latinidade moderna.

Frey Simão Antonio de Santa Catharina pôde considerar-se como um Poeta de segunda ordem, e de gosto menos corrompido do que a maior parte dos seus contemporaneos, mas como a sua vida poetica, foi, digamo-lo assim, academica, quasi todas as suas poesias versam sobre assumptos dados nas Academias, de que era sócio, é essa a principal razão de ser hoje menos conhecido, e estimado do que devera ser; e disso não pôde culpar-se o público, que hoje nutrido com idéas mais elevadas, mal pôde contentar-se com ver tractar em verso assumptos phantasticos, inverosimeis, e as frioleiras engenhosas, com que os socios da Academia Portugueza, Escholastica, e dos Anonymos gastavam o tempo, apuravam a paciencia, e avillavam as Musas, fazendo-lhe fallar continuamente a linguagem da Praça da Figueira, e dos graciosos das Comedias do Judeo.

O Poeta, que pertende cantar para a posteridade, deve occupar-se em assumptos grandes, elevados, e de interesse geral; o estylo jocoserio tem seu logar quando se emprega para tornar ridiculos os crimes, os vicios, e baldas dos homens; mas querer gracejar sobre todos os assumptos, sómente por ostentação de espirito, e mostrar bizarrria de engenho, é descer da dignidade de sábio, que Pindaro lhe attribuia, para tornar-se Truão, e os Truões, posto que possam agradar por um momento, depressa nos fatigam, e desagradam com os seus meos, e graças de algibeira.

INDICE DO TOMO IX.

LIVRO XX.

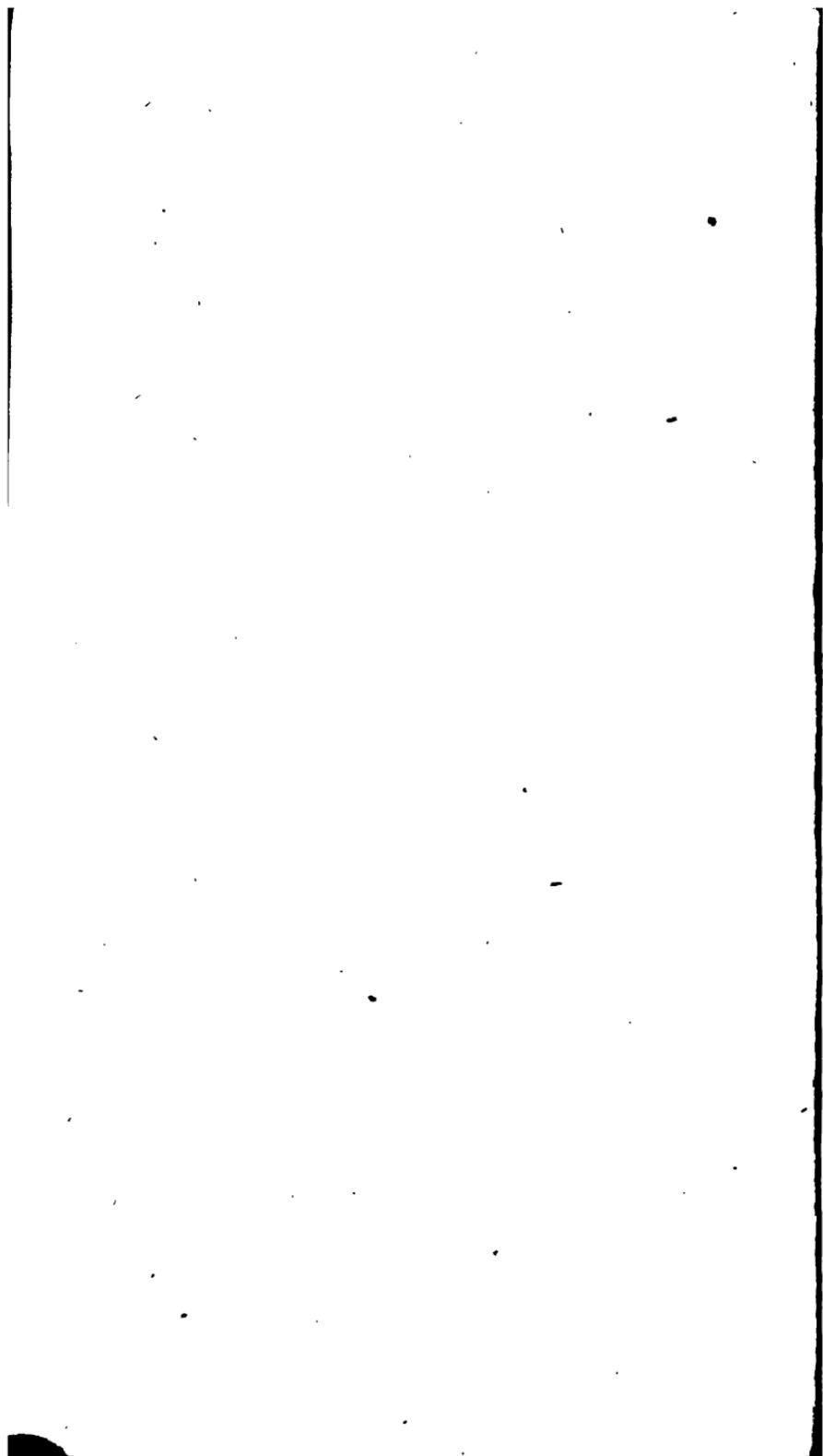
CAPITULO I. <i>O Dr. Gabriel Pereira de Castro</i>	5
CAPITULO II. <i>Alexandre de Gusmão</i>	37
CAPITULO III. <i>Duarte Ribeiro de Macedo</i>	52
CAPITULO IV. <i>André da Silva Mascarenhas</i>	78

LIVRO XXI.

CAPITULO I. <i>Frey Jeronymo Vahia</i>	108
CAPITULO II. <i>Gregorio de Mattos Guerra</i>	162
CAPITULO III. <i>D. Antonio Alvares da Cunha</i>	190
CAPITULO IV. <i>Frey Eusebio de Mattos</i>	199
CAPITULO V. <i>Antonio Villasboas e Sampaio</i>	216

LIVRO XXII.

CAPITULO I. <i>André Rodrigues de Mattos</i>	239
CAPITULO II. <i>André Nunes da Silva</i>	272
CAPITULO III. <i>Frey Simão Antonio de Santa Catharina</i>	290



ENSAIO
BIOGRAPHICO-CRITICO
SOBRE OS MELHORES
POETAS PORTUGUEZES.

THE
UNIVERSITY OF
MICHIGAN
LIBRARY

ENSAIO
BIOGRAPHICO-CRITICO

SOBRE OS MELHORES

POETAS PORTUGUEZES.

POR

José Maria da Costa e Silva,

Socio Correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Socio Honorario da Academia Lisbonense das Sciencias, e das Letras, Socio Correspondente do Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro, e da Academia Archeologica de Madrid.

TOMO X.

Tros, Tiriusque mihi nullo discrimine agetar.
Virg. En. Lib. I.

DADO Á LUZ

pelo Editor

JOÃO PEDRO DA COSTA.

Lisboa.

NA IMPRENSA SILVIANA.

1855.

1870

1871

1872

1873

1874

1875

1876

1877

1878

1879

1880

1881

1882

1883

1884

1885

1886

1887

1888

1889

1890

1891

1892

1893

1894

1895

1896

1897

1898

1899

1900

ENSAIO BIOGRAPHICO-CRITICO

SOBRE OS MELHORES

POETAS PORTUGUEZES.

LIVRO XXIII.

CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA HESPAÑHOLA.

CAPITULO I.

Antonio da Fonseca Soares.

Ha homens que nascem fóra do seu seculo, que suplantam as suas preocupações, que o modificam, e alteram, e lhe imprimem, se é licito o dizer-lo, o sello do seu genio. Taes foram Dante, e Petrarca entre os Italianos, Haller, e Hagédorn entre os Alemães, Garcilaso entre os Hespanhoes, Racine na França, e Garção em Portugal. Ha porém outros, que talvez com maior erudição e genio, luctam, é verdade, contra a torrente de uma opinião que reprovam, mas acabam por ceder-lhe, e deixar-se arrebatado por ella. Tal foi Lope de Vega em Castella, e Antonio da Fonseca Soares entre nós.

A natureza o havia criado para grande Poeta; tinha-o prendado com uma imaginação viva, e ardente, coração sensível, e terno, ouvido delicado, e proprio para conhecer os feitiços da harmonia metrica, amor do estudo, e da gloria; mas nascido no imperio do gongorismo, criado com o pessimo leite da philosophia escholastica, introduzida pelos Jesuitas em nossas escholas, arrastado pelo exemplo dos seus contemporaneos, e pelos applausos, que o vulgo lhe tributava, abraçou aquel-

le estylo vicioso, e cheio de brilhantes falsos; e se não deu em todas as extravagancias dos Poetas do seu tempo, se é um dos primeiros ornamentos da Eschola Hespanhola, entre nós, perdeu com o renascimento do bom gosto, a gloria, que era devida ao seu saber, e aos seus talentos.

Antonio da Fonseca Soares nasceu na Villa da Vedigueira, da Provincia Transtagãa, em vinte e quatro de Junho de 1631. Foi filho legitimo do Doutor Antonio Soares de Figueiros, da principal nobreza d'aquella Villa, e de D. Helena de Zuniga, natural da Irlanda, porém de origem hespanhola, como bem o indica o seu appellido.

Seus pais, que da sua viveza concebiam grandes esperanças, lhe fizeram cursar os estudos, que então haviam em Portugal, em que aproveitou quanto era de esperar de uma indole tão feliz, e de um talento tão precoce.

Terminado o curso dos seus estudos veio á Côrte, onde foi bem recebido da alta sociedade, e dos Literatos, pelas suas maneiras cortezãas, e pelos bellissimos versos que compunha, tanto em portuguez como em hespanhol; porque a mania do tempo era escrever, nessa lingua, que erradamente se julgava superior á lingua patria, tanto em elegancia, como em harmonia, e fallando verdade, neste absurdo não deixava de haver um ponto de vista razoavel, porque a gravidade magestosa do idyoma Lusitano não se accommodava bem com os retocanos, conceitos alambicados, equivococos, jogos de palavras, e as mais extravagancias engenhosas, que formavam os principaes ingredientes do estylo em voga.

Antonio da Fonseca Soares, como nobre, que era, seguiu os preconceitos da sua classe, abraçando a vida militar, de preferencia a outra qualquer profissão.

Fez a campanha da acclamação de D. João IV., em que se portou, segundo consta, como Official de grande valor, e de illibado procedimento, merecendo sempre o applauso, e a estimação dos seus Chefes; e muitas vezes empregou a sua lyra em celebrar os grandes feitos, e conquistas de praças, que tiveram logar durante aquella guerra de independencia.

Moço, nobre, militar, abastado, e Poeta, não admirá que nas folgas das armas, se abandonasse aos amores, aos passatempos, e ao cultivo das Musas. Creio que a esta epocha deve referir-se a composição da sua *Phyllis*, Epopeia heroico-amorosa, escripta em hespanhol, e que foi recebida com applauso enthusiastico dos dous reinos, e essa alluvião de versos, em ambas as linguas, que hoje se encontram derramados pelos Volumes da *Phenix Renascida*, do *Postilhão de Apollo*, e de muitas outras compilações desse tempo, e dos immediatamente posteriores, compilações na verdade feitas sem gosto, nem escolha, mas que apesar disso, é necessario precorrer, porque nellas é que unicamente se encontram muitas composições estimaveis, daquella epocha, que é necessario não confundir com outras, que com toda a razão se desprezam. Até porque sem essas compilações mal se poderia fazer idéa do que foi então a poesia, e o engenho portuguez, e do que a lingua perdeu, ou ganhou com o systema de escrever então adoptado.

Seria muito para desejar que no nosso tempo reinasse o mesmo gosto de publicar collecções de poesias, que não se teriam perdido tantas Obras estimaveis, que foram impressas em folhas, e folhetos avulsos, ou que giraram manuscriptas por mãos de alguns curiosos, em cujo poder vam desaparecendo todos os dias, com grave perda para o nosso Parnaso, e para a reputação do talento portuguez. Mil vezes tenho instado neste objecto, e na necessidade de fazer reimpressões dos nossos livros classicos, e em edições pouco despendiosas, para chegarem facilmente ás mãos de todos, advertimos porém, que quando tocamos esta especie só nos dirigimos á Academia das Sciencias; não ignoramos que a esta erudita, e benemerita Corporação, e a alguns Literatos é que somos devedores da resurreição de alguns Authôres antigos, como Caminha, e Frey Bernardo de Brito; bem sabemos que entre nós os Typographos não sam Aldos, nem Elziyiros; e que os Livreiros preferem vender uma vez na vida um livro raro por alto preço, a fazer deites edições, que lhe dariam maior proveito.

Corria o anno de 1662 quando se divulgou em Lisboa a noticia, logo confirmada, de que no dia dezoito de

Maio; Antonio da Fonseca Soares, abandonando a profissão das armas, as esperanças de melhor fortuna, os prazeres, o mundo, e a gloria poetica havia vestido a roupa de Franciscano, em um Convento de Evora.

Este grande, e inesperado successo deu por muito tempo assumpto ás conjecturas, e discussões dos salões, como era de esperar em um tempo, em que havia tão poucas distracções, e em que todos tomavam tanto a peito quanto tinha relação com as letras.

A opinião pública se dividio a respeito dos motivos que haviam conduzido Antonio da Fonseca Soares a transformar-se de militar em frade, e de Poeta em Frey Antonio das Chagas.

Diziam os beatos, que um toque repentino da graça do Senhor havia mudado o coração de Saulo; desgarrado pelos caminhos do mundo; diziam outros, que pretendiam campar por mais bem informados, que as serias reflexões, que elle havia muito fazia sobre os erros de seus annos juvenis o tinham conduzido aquelle resultado; não faltava quem capitulasse aquella resolução de capricho poetico, quem a attribui-se a desesperação amorosa; quem a desgostos de familia, quem ao medo que concebera, em razão de um tiro de bacamarte com que fôra ferido em Setubal; cada um ajuizava do caso segundo as suas idéas, mas o público ficou então ignorante dos seus motivos, e querer elucidá-los seria hoje cousa mui difficil; o que não admite duvida, é que elle permaneceu constante no seu proposito, que observou á risca a regra do seu instituto, que compria com todo o zélo as suas obrigações religiosas, e foi logo considerado como modélo de austeridade, e virtude.

Passados alguns annos, Frey Antonio das Chagas instituiu no Varatojo um seminario, de que tomou posse em seis de Maio de 1680, e passou o resto de seus dias empregado na sua direcção, em asperas penitencias, e na composição de alguns Sermões, e Obras Asceticas, em que entremeava alguns versos; mas tão frios, que valiam tão pouco a pena de lêr-se como as prosas de que fazem parte.

No mesmo seminario do Varatojo o visitou o Anjo da Morte, no dia vinte de Outubro de 1682, contando ape-

nas de idade cincoenta e um annos tres mezes e vinte dias. Seus discipulos, e companheiros, de quem sempre fôra amado, e venerado como pai, o sepultaram com sinceras lagrimas, e em testemunho da santidade de sua vida, o nomearam sempre, o *Veneravel Padre Mestre Frey Antonio das Chagas.*

Não serei eu quem condemne Antonio da Fonseca Soares por haver abraçado o estado religioso, é isso um caso de consciencia, em que não é permittido entrar, especialmente quando a austeridade da sua vida conventual nos prova, que a sua vocação foi sincera. Também não terei a temeridade de querer julgar os seus motivos; se alguma paixão violenta, e desgraçada, se algum grande infortunio occulto o compelliram a tão grande sacrificio na flôr da idade; isso não diminue o seu merecimento, antes mostra, que soube tomar um partido prudente: ha desgostos que só acham allivio na solidão; ha molestia d'alma, que só Deos tem o poder de curar! Respeitemos o segredo deste homem exemplar; e não calunaiemos as suas cinzas.

Sou porém demasiado amator da bella arte da poesia, demasiado zeloso do credito das vossas letras para que de boamente lhe perdoe o encarniçamento, e a tenacidade com que procurou aniquillar todas as suas poesias, e com especialidade a *Phylis*, de que queimou todos os exemplares, que poude haver á mão, tornando-a tão rara, que tendo-a procurado com todo o interesse que sempre puz em adquirir livros, nunca vi della se não tres exemplares, e todos tres manuscriptos. Parece-me que neste negocio o zelo do veneravel Padre foi longe de mais! Talvez as suggestões fanaticas dos seus directores transtornassem o seu bom juizo! Se queria ganhar o Ceo pelos caminhos da austeridade, e da virtude contemplativa, era para isso necessario fazer um Auto de Fé da *Phylis*, e dos seus outros versos? Póde a critica, é verdade; notar abi muitas faltas contra o bom gosto, mas nada que seja offensivo para a religião, ou para os bons costumes. Para que é abandonar a poesia? não é ella um dom de Deos? um dom que elle concede a poucos homens? e será justo deixa-lo ocioso? Mas póde abusar-se d'elle; não o nego, e desgraçadamente não

faltam exemplos: mas impedia o veneravel Padre de santifica-lo, como praticaram S. Basilio, S. Prudencio, S. Prospero? não podia emprega-lo celebrando as maravilhas de Deos, e as verdades da Religião? faltavam-lhe excellentes assumptos na Biblia, e no Evangelho? Dirá alguém que o Bispo d'Alba, Jeronymo Vida, ou o Dominicano Ortega peccaram cantando a morte de Christo, um em um Poema latino, outro em um Poema hespanhol, ambos tão ricos de poesia, como de sentimentos de piedade?

Poucos Poetas terão conseguido tamanha estima dos seus contemporaneos, como Fonseca Soares, e mesmo quando a preponderancia exemplar da antiguidade aniquilaram entre nós a Eschola de Gongora, derramando largamente o ridiculo sobre elle, e os seus discipulos, muitos dos proprios reformadores conservaram para com elle certo respeito, que me parece indicar, que nelle existia um merecimento real, e que não se emborilbara tanto como os outros no labyrintho do mau gosto.

O Padre Francisco José Freyre (conhecido geralmente pelo anagramma de Candido Lusitano,) um dos fundadores da Arcadia, e que mais trabalhou para o resurgimento do bom gosto, não duvida declara-lo por muito bom Lyrico, posto que se mostre pouco contente delle como Poeta Epico.

E' certo que o erudito Verney, nas suas Cartas de Barbadinho, o tracta com demasiado azedume, mas todos sabem que não foi mais indulgente com Camões, e que em suas criticas se mostrou pouco moderado; e direi, até juiz pouco competente em materias de poesia, cujo sentimento parece que não possuia em grau muito elevado.

Para se avaliar um Poema não basta, me parece, mostrar que ha nelle meia duzia de Oitavas defeituosas, nem basta citar um Soneto ruim para dar idéa do talento de um Poeta: será ruim a Enéida porque nella se acha este verso

Anchisem facio certum, remque ordine pando?

Dirá alguém que Antonio Diniz da Cruz e Silva é um pessimo Lyrico porque dirigiu a Garção uma Ode Hora

ciana muito ruim? Havemos julgar de Garchão pela can-
tiga, que se acha nas suas Obras,

Cuidava que Briolanja
Hera meiga como bella,
Cuidava que hera marmanja
Mais tenra do que Vitella?

Para um Censor se mostrar justo, é necessario que examine com prudencia, e imparcialidade as Obras do Author, que censura, que balance as suas bellezas, e os seus defeitos, que leve em conta as suas circumstancias, o seculo em que viveu; só assim é que poderá ser justo, e dar com segurança a sua sentença.

Contando mais com o meu zêlo, que com as minhas forças, que reconheço serem bem poucas, propoz-me a preencher uma lacuna, que existia na nossa Literatura, escrevendo um resumo historico-critico sobre os nossos Poetas, e as suas Obras; mas não entra no meu plano o tractar d'aquelles Poemas que escreveram em hespanhol, ou latim, mas só das suas producções portuguezas: não me cabe por isso examinar a Phylis; só direi de passagem que me parece grande injustiça o quererem os Criticos julgar pelas regras da Epopeia um Poema puramente Erotico, e que por isso pôde sahir da gravidade do estylo heroico, e adornar-se com os floreios do estylo lyrico; e sem querer negar-lhe os defeitos de composição, de idéas alambicadas, e de expressões violentamente metaphoricas, parece-me com tudo encontrar n'elle sufficientes bellezas, e algumas descripções, e trechos que tornam a sua leitura agradável, abonam o talento do Poeta, e explicam a grande voga, que teve no tempo da sua publicação.

O Padre Francisco José Freyre (Candido Lusitano) sempre fez grande apreço do talento lyrico de Antonio da Fonseca Soares, e no Capitulo XX. do Livro I. da sua *Arte Poetica*, louvou muito as comparações, de que se adorna este Poema.

Entre os ensaios Epicos de Antonio da Fonseca Soares, distingue-se, a meu vêr, até por o estylo estar ali mais descarregado de gongorismos, o Poema, em um só

Canto, e em sessenta e duas Estanças, que tem por titulo: *Mourão Restaurada*. Esta praça, que estava em poder das tropas hespanholas, foi na guerra da aclamação investida, e sitiada pelo General Joanne Mendes de Vasconcellos, com um exercito de sete mil homens; e depois de alguns dias de trincheira aberta, deu-se o assalto com grande impetuosidade; e apesar da obstinada resistencia da guarnição, esta capitulou por fim, e os Portuguezes a renderam, e entraram nella triumphantes, no dia vinte e nove de Outubro de 1657.

O Poeta, que fizera parte desta facção brilhante, quiz immortalisar o denodo patriotico dos seus camaradas, compoendo este Poema, que dedicou a Joanne Mendes de Vasconcellos, e com toda a razão, pois fôra elle quem emprehendeu, e levou ao cabo, com um punhado de bravos, aquella difficil empreza.

Nesta Obra respira a todo o instante o entusiasmo bellicoso de um Poeta militar; as Estanças sam bem fabricadas, a narração rapida, o colorido vivo, e animado, e os versos harmoniosos; e correntes, como sam de ordinario todos os que o Poeta fazia.

Depois da Dedicatoria, indica Fonseca Soares a epocha da acção, o tempo em que a praça esteve em poder dos Castelhanos, e como Joanne Mendes emprehendera a sua restauração.

Dourava o claro Principe do Dia
Do signo venenoso a forma impura,
E o Anno, envelhecendo-sé, cahia
Na idade enferma, na estação madura;
O observador de Ceres repetia
No campo grato a provida cultura,
E Pales tão fecunda se mostrava,
Que o valle encanecia, o monte armava!

Quando o Gran Vasconcellos, que estivera,
De Traz-os-montes tanto em fim metido,
E contra os males, que alhanar viera,
Fôra então dos chamados o escolhido;
Com luz maior sondando lá da esphera
Da mente excessa o mar embravecido,

Da sorte, com que o Reino tibeia
Prudente o olha, e prompto remedeia.

As Syrtes da Borrasca antecedente
Adverte, e foge; e qual Piloto esperto
Conduz ao porto venturosamente
A Nau do Estado, que vagava incerto:
Se inchado o mar, si as ondas bravas sente,
Assi as applaça, com ditoso acerto,
Que no socego em fim que as desconhece,
Inda o que Syrte foi porto parece:

Quatro vezes a tocha mais brilhante
Da Noite a luz crescera, e consumira,
Depois que, obedecendo á sorte errante,
Mourão nas garras do Leão cahira;
Mas bem que os Estandartes arrogante
De Iberia ao ar tremola, ao vento gira,
Isso, que mais ufano, e vão se ostenta,
Mais no triumpho do que a reade augmenta.

Temos pois que Mourão havia quatro mezes, que tinha cahido no poder dos Hespanhoes; que a principal causa desta desgraça fôra a desintelligencia, e caprichos dos nossos Generaes, que por seus mal entendidos pondeneres, e ciumes do commando abriram passo á victoria do inimigo, não reunindo suas forças para a defesa da praça; que Joannes Mendes conhecendo todos estes inconvenientes, pozera todo o cuidado em remove-los, e partira de Traz-os-Montes, para expulsar os Castelhanos daquella praça, cuja posse era de tanto interesse para nós: o Poeta, em só quatro Estanças, faz sentir tudo isto, e acha meios de explica-lo com concisão, clareza, e estylo poetico.

As disposições, e trabalhos do cerco sam descriptos com a mesma energia, e concisão.

Já no nosso hemispherio o gran Planeta
Vira o dia uma vez resuscitado,
E outras, chegando á desejada meta,
Havia da Alva os nectares chupado,

Depois que co'a presteza mais secreta,
 Que o desejo podia haver formado,
 O generoso Sancho á Praça tinha
 Gauhado os postos, e deitado a Linha.

Tendo pois da Provincia aonde assiste,
 Quasi junto esse Exercito famoso,
 Bem que he de toda a Gente, em que consiste,
 Só de sete mil Praças numerozo,
 Marcha, e chega a Mourão, já quando enviste
 Sancho os muros, e a Praça valoroso;
 Pois co'a Gente que leva, Portugueza,
 Inda se vê maior que a mesma empreza.

Aquartelou-se o Exercito por onde
 Tinha já desenhado na campanha;
 E entre o mais forte do quartel esconde
 O que pôde offender do Povo a sanha:
 Abre trincheiras, com que corresponde
 Ao designio e trabalho; e com tamanha
 Pressa, e cuidado a todos assegura,
 Que mais que a terra, a vigilancia a cura.

A propriedade dos termos, e a regular distribuição
 dos trabalhos dá bem a vêr que é um official o que es-
 creve, e official pratico em fazer a guerra.

O famoso Albuquerque, que regia
 O mobil Campo de animados Ventos,
 Por varias partes cuidadoso envia
 Quem do Inimigo advirta os pensamentos,
 Os Campos assegura, os Combois fia,
 A quem guarde melhor seus mandamentos,
 A'lerta neste officio, em que se exalta,
 Muito faz, tudo adverte, e nada falta.

Albuquerque é o General da Cavallaria, Mathias de Al-
 boquerque; o verso

O mobil Campo de animados Ventos,
 para designar os Esquadrões de Cavallaria; que batiam
 os campos, poderia passar em poesia lyrica, mas no es-

tylo epico não pôde eximir-se da tacha de muito affectada, e violenta methaphora. O ultimo verso da Estança, dividido em tres incisos, compostos de um verbo, e um adjunto, torna o estylo conciso, e vibrado; mas para produzirem effeito é necessario que estas collocções artificiosas se não prodigalisem; mas o Author attendeu pouco a esta regra, e a leitura das suas poesias nos mostrará que elle abusa destas formulas, mais do que todos os seus contemporaneos.

Logo pois que alojado o campo esteve
 Na fórma á Terra, e Gente accommodada,
 Manda o supremo Heroe, que em termo breve,
 Se vá fazer ao de Mourão chamada;
 Que assim se conheça o que se deve
 A' sua presença; e quer que respeitada,
 Seja nelle, ou por sua authoridade
 Do Rei, que serve, a sacra Magestade.

Da Artilheria o General, que excio
 Da Praça, e gloria nossa ser pertende,
 E em quem a obrigação enche de Officio
 O valor, de quem leis o alento apprende,
 No approche, onde dá de eterno indicio
 De Marte as iras, e o furor suspende,
 E, chamando os sitiados, que elle applica,
 A ordem superior lhe rectifica.

O segundo verso desta Estança é defeituoso, porque a letra delle sóa, que o General da Artilheria pertende ser excio da praça, e da nossa gloria; quando o sentido é, que elle quer ser nossa gloria, e excio da praça: um Poeta que aspira á reputação de correcto deve desvelar-se em evitar semelhantes amphibologias, de que ás vezes resultam interpretações absurdas, e ridiculas; tambem o verbo *applicar* no penultimo verso, está abusivamente empregado.

Havendo exposto as disposições do cerco, o Poeta não se desenhida de nos dar a conhecer a praça, o que faz deste medo.

Lá na Provincia Betica metido,
 Do grande Rei Diniz reedificado,
 Se ergue o Castello de Mourão, sobido
 N'um monte, de asperezas rodeado,
 De excelsas Torres ao redor cingido,
 De forte muro, bem que antigo, armado,
 Co'a larga harbacãa, que grave ostenta,
 Soberbo está, robusto se sustenta.

Confesso que tambem me não agrada a expressão *Provincia Betica* para designar a Beira; visto que por ella se entende mais de preça a Provincia Hespanhola de que é capital Sévilha: continuemos.

Tão provido anticipa o provimento
 De tudo em fim, que sem que ali redunde
 Confusão, de tão vario ajuntamento,
 Faz que o regalo honesto ao campo abunde,
 Tão senhor do alvedrio mais isempto,
 Obra o que quer, o que deseja infunde,
 Que em fim, sem que a razão desaccbmmode
 Tudo vê, tudo manda, e tudo pôde.

O jogo da artilheria, e os assaltos dados á praça estam pintados com rasgos fortes, e animados, como pôde vêr-se dos seguintes trechos.

Não soffreu a galharda intrepidez
 Dos Soldados, mais tempo aos que se irritam,
 Cada qual das muralhas tenta a empreza,
 Todos ser os primeiros sollicitam;
 Trepam com valorosa ligeireza,
 Este salta, este vôa, aquelles gritam,
 E dos que topam, si fugir não tractam,
 N'este dam, ferem este, aquelle matam.

Mas o Mestre Mendonça em outra parte,
 D'onde coberto a offensa proseguia,
 Vendo do Luso o bellico Estandarte
 Arvorado nos muros, que offendia,
 Dando a Alexandre inveja, assombro a Marte.

Cioso de tão brava galhardia
 Expondo-se ao perigo, a que se iguala;
 Sem brecha, a parte, em que pejeja, escala.

Menos veloz o Sota Marinheiro,
 Sobre á gavia, apesar dos, que refuta,
 Vai-vens, quando c'o misero madeiro:
 Choca o mar, a agua investe, Boreas lucha;
 Quer cada qual, intrepido, e ligeiro
 Sobir ao muro, apesar da força imuta
 Do Hespanhol, que já louco do que adverte
 Mortes dá, pedras tira, e rayos verte.

Sahindo pois com impeto violento
 Do sacre ardente a polvora opprimida,
 Cégam nuvens de fumo o firmamento,
 Vê-se a machina etherea estremecida;
 Cheio de ardentés chammas deixa o vento,
 Pallido o Sol, a Esphera esmorecida,
 E em discordia fatal tudo confuso,
 Muda o ser, perde a fórma, estraga o uso.

Treme a Praça pasmada, e duvidosa,
 Vendo que em taes assombros castigada,
 Dos muros jaz a fabrica espantosa,
 Em cadaveres broncos desatada;
 Bem que ás chammas resista valorosa,
 Fica em cinzas, e incendios sepultada,
 E, sendo já dos Elementos tumba,
 Medonha geme, a que cruel retumba.

O muro cái, as Torres se arruinam,
 E na defenza cada qual constante,
 Do risco zomba; porque não fulminam
 Tiros de bronze a peitos de diamante;
 Quando que a Terra acabam, determinam
 Os corações por armas pôr diante,
 E então parece ficam mais seguros,
 Pois é Torre o valor, e alento muros.

O Poeta desvia ás vezes os olhos das massas dos
 combatentes, para os empregar nas façanhas indivi-

duaes de alguns dos seus heroes : assim acontece quando refere a ferida do Capitão Figueiredo, que naquelle dia se tinha distinguido pela intrepidez, e valentia de seu braço.

Menos do mando usando, que do exemplo
Fazia inda dos risços respeitar-se
O Figueiredo insigne, que no Templo
Da Fama sabe em tudo eternisar-se :
Quando atrevida bata, a quem contemplo
Ambição de querer assignatar-se,
Lhe fere o rosto, e sem que o desanime,
Caracter immortal nelle lhe imprime.

Ao bizaro Varão, que dos primeiros
Foi no ataque, no alento, e no perigo,
Que applausos darei eu, que em fim rasteiros
Não faça os que inda alcança do Inimigo?
Inveja faz aos mais aventureiros,
E os Leões Hespanhoes, inda no abrigo,
Tanto em vér este Lobo se esmorecem,
Que não Leões, Cordeiros já parecem.

Não houve voz no agonisar notoria,
Que ás queixas desse a ultima caricia,
Que se o viver á Fama hera vangloria,
O morrer pela honra hera delicia ;
Cada golpe hum esmalte hera á memoria,
Cada morte hum triumpho hera a Milicia,
Porque em fim pela Patria, que o mereçe,
Vive o que acaba, e se honra o que padece.

.....
Das torres, e dos muros superiores,
Vendo as armas do Luso tão chegadas,
Chovem sobre os fataes oppugnadores,
Alcanzias, barrís, bombas, granadas :
Porém sam como os rapidos fulgores,
Do rayo, que das Nuvens carregadas,
Abrotados dos troncos a que vóam,
A casca lambem, o centro não magóam.

.....

Terceira vez ao auge conduzia
 Pirois, e Ethonte a rapida carroça,
 Depois que a Praça, sem cessar, se vira
 Batida da violencia, que a destroça ;
 E, como pela brecha, que lhe abrira,
 Para assalta-la, a Gente se alvoroça,
 Tomada a ordem de que a obrar se entrega,
 Sancho aos assaltos brevemente chega.

De dous mil, que ao assalto destinados
 Estavam, escolheu de Rodeleiros
 Breve Esquadrão, mas tal, que os nomeados,
 De muito mais merecem ser primeiros ;
 Põe de lanças de fogo outros armados,
 Junto a quem os mais bravos Mosqueteiros
 Vam, e apprestando escadas ao mais alto,
 As minas atacam, depois o assalto.

Cabo delles, e de boas esperanças,
 Hera de São João o illustre Conde,
 Em quem sempre as mais arduas confianças,
 Inda maior o effeito corresponde,
 Com vivo alento ardendo entre as tardanças
 O immerso coração no peito esconde,
 Apenas, porque vê que o peito errante
 Lhe rouba huma victoria a cada instante.

Os Hespanhoes capitulam finalmente ; e o Poema con-
 clui com os elogios do General commandante da acção.

O outro Ensaio Epico de Antonio da Fonseca Soares,
 é outro Canto de quarenta e nove Estanças ; que tem
 por objecto a Victoria das Linhas de Elvas, que teve lo-
 gar no dia quatorze de Janeiro de 1659, sendo esta re-
 nhida, e decisiva acção commandada por D. Antonio
 Luiz de Menezes, Marquez de Marialva, e Conde de
 Castanhedo.

O Poeta começa dirigindo-se ao Marquez de Marialva,
 ponderando a fraqueza do seu éstro, para celebrar digna-
 mente tão grande acção ; e passa logo a marcar a épo-
 cha do successo.

Hera a, Estação caduca, idade triste,
 Em que o Anno decrepito expirava,
 E o Sol, que ao Mundo eternamente assiste,
 No mais frio dos tropicos entrava ;
 A Esmeralda do Campo hera Amatiste,
 Turvo o Rio corria, o Mar bramava,
 E entre os ramos, com vario movimento,
 Gemia o Ar, e suspirava o Vento.

Designado o tempo da acção, apresenta o objecto della, fazendo vêr o estado, em que se encontra a Praça de Elvas cercada, e combatida pelo exército hespanhol.

Quando da nossa Praça mais luzida,
 Que do Hespanhol estava sitiada,
 Hera a falta de Gente tão sabida
 Como a sobra do mal experimentada :
 Já não tinha miseria a humana vida,
 Sendo a força maior que aqui a expugna
 A fome, o mal, as armas, e a fortuna.

Com força grande, e militar sciência
 Tinha o famoso Exercito Inimigo,
 Bem que provado brava resistencia,
 Crescido em seus apertos o perigo,
 E, apesar da Estação, cuja inclemencia
 Crescia da Campanha o desabrigo,
 Exposto ao tempo, e contra a sorte armado,
 Mais de noventa Soes tinha contado.

Nas forças confiado, e nos apprestos
 Com que de empreza tal se leva a gloria,
 Por toda a Europa, em varios manifestos,
 Já cantava os triumphos da victoria ;
 A Praça já fizera seus protestos,
 E ao Reino outros, não dignos de memoria,
 E havendo ao Campo a Côrte conduzido,
 Tudo já na opinião tinha vencido.

Em quanto os inimigos lisongeados com a esperanca de dentro em pouco tempo entrarem triumphantes

em Elvas apertam o sitio da Praça, e cantam a victoria como infalivel, o Conde de Castanhedo, sem amedrontar-se com bravatas castelhanas, dispunha prudentemente tudo para os obrigar a levantar o cerco.

Disto informado o Conde generoso,
De Castanhedo o Conde, que de parte
Pondo o gosto da Côte delicioso,
Para as fadigas se dispõe de Marte:
Nã soffre, nã, que o Reino mais glorioso
De quem inda veneram o Estandarte
Tantos Reinos, Nações, Climas, Imperios,
De Hespanha se sujeite aos vituperios.

Jã lida aquelle Espirito invencivel,
Nas prevenções, que faz para esta empreza,
E aquelle fé no zêlo inaccessible
Arde, entre a chamma de valor accesa:
Das forças junta logo o que he possível,
E, engrossando a Milicia Portugueza
Co'as levas, que lhe vão do Reino todo,
De soccorrer a Praça estuda o modo.

Por nã pôr a fortuna em contingencia,
Que tudo arrisca huma hora, e perdê hum dia,
A Gente fez sahir com diligencia,
Bem quando a centô o humero excedia:
As acções que se estudam na experiencia
De tal sorte o valor substitua,
Que armado o peito desta confiança,
Mostrou maior accerto, que a esperança.

.....
Vendo pois o Exercito formado,
Que estando para a marcha prevenido,
O que observancias mostra de Soldado,
O que eloquências vence de entendido,
De sorte anima a todos de alentado,
Tanto persuade a todos de advertido,
Que com razões, a que efficacia sobra,
Tantô o juizo como as armas obra.

A confiança que ha, de quem governa,
De sorte anima a Lusitana Gente,
Que por ser digna de memoria eterna
Anhella o risco com furor ardente;
Hum bravo orgulho, huma alegria externa,
Faz a Victoria a todos tão presente,
Que hera das que o destino promettia
A menor circumstancia prophecia.

Deu signal o clarim com força estranha,
Cujó bellico impulso, cujo alento,
Fazendo estremecer toda a campanha,
Foi salva ao Sol, e admiração ao Vento:
Movem-se as Tropas com galharda sanha,
C'os Esquadrões iguaes no movimento,
E ao som tremolam d'armas, e tambores
Os Estandartes de diversas côres.

O Sol, ou já das nnuens offendido,
Ou já da nossa injuria envergonhado,
Negava ao Mundo, em sombras escondido,
A luz que alegre o campo, e anima o prado:
Então de varios rayos guárnecido
Desvaneceu das nevoas o toucado,
E corôando a todos de esplendores,
Outros Soes pelas armas faz maiores.

Porém, antes que a fulgida carroça
Em montes de crystal se submergisse,
E antes que ao pobre alvergue, ou pobre choça
Lavrador, ou Pastor se reduzisse,
Mandando a Gente, que já se alvorça,
O Conde fazer alto, e que se visse
O sitio mais capaz de alojamento,
Deu, ao trabalho allivio, ao tempo assento.

O ataque dado ás linhas hespanholas pelo exerci-
to portuguez, e o valor com que sam defendidas pelo
inimigo sam descriptas com muita viveza, e força de
estyló, o que mostra que o Anthor tinha mais disposi-
ção para a poesia epica, do que o Padre Francisco Jo-

se Freyre assevera, fundando este juizo na *Págla*, que não é um Poema Heroico, no sentido restricto deste termo, nem Fonseca Soares o considerou como tal, pois lhe deu o titulo de *Poema Tragico*, como se vê das poucas copias mutiladas, e informes, que ainda se conservam em poder de alguns curiosos.

O Poeta, depois de invocar a sua Musa em uma elegante Estança, começa assim a narração da batalha.

Começou da trombeta o som terrivel
 A encher o ar de horror, de espanto a Terra,
 Intimando fatal, com furia incrível,
 Medo ao Sol, ira ao Vento, ao Mundo guerra:
 Signal do ultimo dia hera infatível
 A muitos dos que o campo agora enterra,
 Não nos mortos, que então resuscitaram,
 Mas nos vivos, que muitos acabaram.

Logo o grande Varão, a cuja espada
 Tinha as Artes da Guerra reduzido,
 Manda se desse ás Linhas a escalada,
 A que o valor se tinha offerecido:
 E porque em tudo não ficasse nada,
 Que não vencesse o braço não vencido,
 Sendo merecedor de Eterno Templo,
 Menos usou do mando, que do exemplo.

Não tão violento o Mar tempestuoso,
 Quando abysmos, e Estrellas ameaça,
 Espumando de bravo, e furioso,
 A praya investe, as rochas despedaça,
 Como o Conde entre riscos valoroso,
 Apesar dos perigos, que rechaaça,
 Sem se lhe dar do posto, que intarrompa,
 As Linhas quebra, as Estacadas rompe.

Para chegar ao fosso dilatado,
 Voa, não corre, cada qual ligeiro,
 E apenas algum cahe de apressado,
 Quando serve de ponte ao companheiro;
 Parece que da morte arrebatado

Não basta ser o Espirito guerreiro,
 Pois faz o Rei, em tão confusa sorte,
 Sirva ali de cadaveres a morte.

As Cargas da Hespanhola Artilheria:
 Tão bastas se despedem cênte a cênto,
 Que o ar se atrôa, e se esmorece o Dia.
 Turvam-se os Coos, e treme o firmamento,
 Pallido o Sol o resplendor enfia,
 Tudo se esconde em seu profundo assento,
 E a terra em fim confusamente triste,
 Sem lei, sem fôrma, e sem discussão assiste.

Vendo da Praça os Heroes generosos,
 O valor, e o soccorro dos amigos,
 Já não socegam bravos e invejosos,
 De que a honra lhe ganhem nos perigos:
 Bem que em numero breve, valorosos,
 Acommettem de sorte os inimigos,
 Que nas acções, que a competencia crases,
 Cada qual hum Exercito parece.

Menos feroz o Touro, que estivera
 Preso, quando no Córpo se desata,
 Com furia brava, e catadura fêra,
 Brama, escava, accomette, offende, e mata;
 Menos embravecido o mar se altera,
 As penhas ergue, os orbes arrebatá,
 Vento que solto das prisões que teve,
 Ao Mar, á Terra, ao mesmo Ceo se atreve.

Pelo meio das armas Castelhanas
 Unir-se ao nosso Exercito pertendem,
 E franquear ás Quinas Lusitanas
 Huma das portas que do campo comprehendem:
 Não basta aos Hespanhoes forças humanas,
 Bem que com arte, e forças se defendem,
 Porque o valor daquelles Vencedores,
 Inda mais he, que para acções maiores.

O Conde illustre, que os amigos via
 De Belona entre os riscos empenhados,

Entrar tambem com cada qual queria
 A' honra dos successos arriscados:
 Onde a peleja mais se embravecia,
 Onde vé já ceder muitos Soldados,
 Bravo se arroja, e na maior tormenta,
 Quanto hum perde, outro ganha, elle sustenta.

Todos ao seu exemplo Aventareiros
 Do amor da chara vida se despojam,
 E expondo-se das balas aos chuveiros
 Só de não vér-se em tudo es mais se enojam:
 Nenhum ha que não seja dos primeiros,
 Todos ao risco intrepidose arrojam
 Com fúria tal, que em goffo de escarlata
 Este choca, esse fere, aquelle mata.

Em fim, rôtas as Linhas do inimigo,
 E formado Esquadrão no seu terreno,
 Dando ás soberbas tragico castigo,
 De estrago se enche logo o campo ameho:
 Está já com temores do perigo
 O maior dos seus Grandes, tão pequeno,
 Que ha pouco lhe era grande estreita Praça,
 E hum canto já lhe sobra na Desgraça.

De Marte com as iras, e rigores
 Foi a Batalha tão cruel, e ardente,
 Que parece que os Orbes superiores
 Chocaram pelo Mundo juntamente:
 Todo o Campo entre furias, e clamores
 Hera da morte rápida torrente,
 Sendo fatal da vida paroxismo
 Cópia do Cáo, original do Abyssmo.

Granizando os Mosquetes, e Arcabuzes
 Rayos de chumbo entre trovões ardentes,
 O mesmo fogo das funestas luzes
 De pharol serve aos animos valentes:
 Os Lobos Estremenhos, e Andaluzes
 Por mais que então as garras impacientes

Féros esgrimam, morrem bem que ufanos,
Entre os Herculeos braços Lusitanos.

Entre nuvens de fumo anoitecido
O Geo se ignora, o Mundo se escurece,
Tudo vaga entre as armas confundido,
Tudo em iras, e mortes se enfurece:
Em diluvios de chammas derretido
Que chega o Mundo a estreito fim parece;
Pois sem que baste a tanta força esoudo,
Tudo se offende, e se consome tudo.

No rôxo mar, que o campo representa,
De sorte o mais intrepido naufraga,
Que soçobrado em misera tormenta,
A vida perde, quando a sêde apaga:
Outro de sorte as veias alimenta,
Que exausto d'elle em suas ondas vaga,
E ao mesmo tempo que esta acção lastima,
Quando aquelle se affoga, este se anima.

O Conde invicto, que a fortuna irada
Vê no vagar, com que a victoria chega,
Montes rompe de ferro, com a espada,
De sangue huns rios abre, outros navega,
E qual o segador co'a dextra armada
Da curva fouce, em Julho, espigas sêga,
De hum golpe só, nas bellicas fadigas,
Cabeças corta mais, que aquelle Espigas.

As pernas bate ao rapido Ginete,
Que impellido da força, que o domina,
Se pisa quanto intrepido acommette,
Quanto encontra belligero arruina:
Sendo do ar fogoso martinete,
Tanto a vista, e distancias desatina,
Que n'hum só ponto a tudo está presente,
Vivo trovão, relampago vivente.

Dos Cavallos o estrepito furioso,
O retinir das armas repetido,

Dos mortos e espectáculo horrível,
 Os ays do afflicto, as vozes do readido,
 Do estrepado o grito lastimoso,
 E em fim dos que agonizam o alarido
 He tal, que o echo só de tantos males
 Magôa as penhas, e atormenta os vaites.

Mas já de Hisperia as Gentes, cujo estrago
 As nessas Tropas, sem parar, cresciam,
 O Campo convertendo em róxo lago,
 Apressados das sombras se valiam:
 E huma infausta ruina, hum triste amago,
 Nos deformes cadaveres se viam,
 Causando a vista deste horreado ensaio
 Aos olhos medo, aos corações desmaio,

Em fim cahiu a Estatua, que queria
 Adoração no Mar, na Terra e Vento,
 Cahi a Noite que tentado havia
 Chegar do Luso ao alto firmamento:
 Com pedra negra, Hespanha, deste dia
 Conte a memoria, chore o sentimento,
 Que o Luso, inda que esqueça isto que acclama,
 Em vivos bronzes lho eternisa a Fama.

Voltando toda, em fuga declarada,
 Toda Hespanha com vozes, e alaridos,
 Já deixa presa a Gente assignalada,
 E os mais dos Cabos mortos, e feridos:
 Segue a victoria a Portugueza espada,
 C'os clarins, vivamente repetidos,
 Celebrando do Conde excelso a gloria,
 Já lhe cantam alegres a victoria.

Rótas as linhas, derrotado, e posto em fuga o exercito hespanhol, o Conde apodera-se dos fortins, mete a sacco os arrayaes, em que se encontram riquissimos despojos, e remata a sua empreza levantando o cerco de Elvas.

Não pertendo ensinar que nestes dous Poemas haja toda a perfeição, de que eram susceptiveis, mas acho

nelles muitas Estanças mui bem fabricadas, pinturas vivas, excellentes versos, e outras bellezas de composição, e de estylo, que podem justificar a approvação com que os receberam os contemporaneos. Deve também ponderar-se as circumstancias em que sabiram á luz. A nação acabava de quebrar o jugo de Castella; que durante sessenta annos havia pesado sobre a sua cerviz, e entusiasmada com a restauração da sua independencia, e com a posse de um Monarcha legitimo, de cujo governo esperava toda a sorte de melhoramentos politicos, civis, industriaes, e commerciaes, defendia briosamente com as armas as suas fronteiras, repellido as invasões dos Hespanhoes, que trabalhavam por subjugar-nos de novo. Já se vê que nesta disposição dos espiritos, não podiam deixar de ser bem recebidos do público dous Poemas, que tinham por assumpto celebrar duas victorias de tanta ponderação, que punham os inimigos na impossibilidade de aniquillar a gloriosa revolução de 1640; para ser bem applaudido em taes assumptos não era de certo necessario ter tanto engenho como Antonio de Fozzeas Soares.

CAPITULO II.

Poesias Lyricas de Antonio da Fonseca Soares.

Antonio da Fonseca Soares devia a sua grande reputação á poesia lyrica mais do que a Obras de outro qualquer genero. Tal é a opinião do douto congregado Francisco José Freyre, e de quasi todos os Escriptores que fizeram menção deste Poeta.

Sam com effeito numerosissimas as suas poesias lyricas, na accensão em que naquelle tempo se tomava este vocabulo, designando-se por elle Canções, Sonetos, Elegias, Epistolas, Madrigaes, e Romances, e taes Poemas enchem, quasi exclusivamente tres grossos Volumes manuscritos, que tive presentes ao ordenar este Capitulo; só os Romances completam alguns centenares, e igualam, si não excedem, os de Frey Jeronymo Vahia, o mais fecundo Romanceiro, que temos lido, sendo-lhe porém, os de Fonseca Soares, mui superiores pelo gosto, invenção, e poesia de estylo.

Em todas estas poesias ha muito espirito, e para me explicar com mais propriedade o seu maior defeito está no sobejo espirito, de que o Poeta muitas vezes abusa; porém este defeito é de alguma maneira compensado pela originalidade, a delicadeza de alguns conceitos, e o pictoresco de algumas expressões; assim como pela valentia e sonoridade do metro, em que não conheceu superior, no seu tempo.

Os Tercetos das suas Elegias sam geralmente bem fabricados, e sentenciosos, e revestidos de pensamentos sublimes; tenho por um dos seus melhores Poemas, deste genero, o que elle compóz pouco tempo depois de haver professado, em um Convento de Franciscanos, ou Capuchos da Cidade de Evora; é porém muito para sen-

tir que sahisse demasiadamente extenso, o que sendo sempre inconveniente em todos os generos, se torna gravissimo em poesias funebres, ou asceticas, porque fatiga necessariamente a attenção do Leitor. Lancemos os olhos para esta composição, que vale bem a pena.

Entre o sagrado horror d'esta Clausura,
Onde tinha por habito a mortalha,
Casa faço tambem da sepultura.

D'onde como Gusano, que trabalha
Por se esconder no Tumulo tecido,
Roubo hum triumpho á temporal batalha.

Passo tão outro, oh Fabio, do que hei sido,
Que ou o que sou mil vezes desconheço,
Ou quasi sempre do que fui duvido.

Pasmo de vér que a verde idade teço
No Mausolco de hum Claustro, lemitado,
Eu, que não cube de Babel no excesso.

Pasmo de vér-me a tantos pés prostrado.
Eu, que no Olympo de hum soberbo intento,
Quiz dar ao Mundo assombro, aos Ceos cuidada.

E o que me admira por maior portento,
He que efficacia fosse do discurso
O que não poude ser d'ancia escarmento.

Se bem não tendo as lagrimas o curso,
Já creio que tão altos exercicios,
Effeitos sam do celestial concurso.

Impulsos sam daquelles beneficios
Com que a bondade immensa nos declara,
Que as vontades quer mais que os sacrificios.

Pois ao ferir da sacrosanta vara
Desfez em agua hum coração de pedra,
Que lavra agora para pedra de ara.

Este que hum tempo de Ariadne, e Phedra
Se votava ás imagens fabulosas
Com que inda a louca Idolatria medra.

Hoje, com differenças prodigiosas
Só de imagem se préza, e semilhança
De quem taes pedras assim faz preciosas.

Porém que muito he vêr-se esta mudança,
Si desse de piedades Oceano,
O fluxo ao clima mais remoto alcança?

Si em fim chega o seu curso soberano
Por ençantos de occulta providencia
Aos pedernaes do coração humano,
Onde bem que ache dura resistencia,
Vêmos que o manancial da Eterna Graça
Nasce, ou rebenta com feliz violencia,

Para que bem que entre os Espinhos nasça
O campo esteril regue, e fortaleça,
E os Ermos tristes apraziveis faça,
E em fim para que ao tempo que agonize
Do rôxo mar do sangue seu se chegue,
E nelle com mais gloria se eternize.

Neste, sem que a ignorancia mais navegue,
He força já, que Pharaó se affogue,
E he bem que o Povo, que he de Deos, se entregue.

Razão he já que aqui se desaffogue
A alma, de tantos laços encobertos,
E que a soltem, dos que os sentem, rogue.

.....
De mais, que vêr os bons como acabaram
Lá dentro d'alma hum vivo lume infunde,
Com que se foge aos gostos que se amaram.

E não he facil que em razão se funde
Quem para levantar-se desta sorte
Sem cahir na razão a alma confunde.

Venus, Minerva, Jupiter, Mavorte,
Que honras, que glorias podem dar-lhe á vida,
De que de preça não triumphe a Morte?

Qual flôr se murcha a idade mais florida,
Qual sonho acaba a gloria mais presada,
Qual sombra passa a pompa mais florida.

Só vêr no Terceto antecedente os nomes de Venus, Minerva, Jupiter, e Mavorte parece um tanto estranho na bocca de um homem desenganado do mundo, e recentemente acolhido em um claustro. Este ultimo escripto em estylo Biblico, é cheio de imagens graciosas e surprehende agradavelmente o Leitor.

R antes que a meta da fatal Jornada
 Corôe a vida, a todos nos parece
 Breve a flôr, vão o sonho, a sombra nada.
 Se pois com o tempo cada qual floresce,
 Secca aquella, este solto, essa desfeita,
 Magôas faz, ancias custa, horrores cresce?

Estas collocações artificiosas de palavras, passavam por grande primor de estylo no tempo do Poeta, mas elle abusou demasiado destes modos de dizer, que o bom gosto não rejeita, mas de que nos manda ser muito parcous: o que se segue faz-nos lembrar os rasgos do pincel de Young, o sublime, e eloquente Author dos Pensamentos Nocturnos.

Quem mais o Sonho, que a verdade accêta?
 Quem pela flôr a fructa, a alma perde?
 Quem pela sombra a luz do Sol engeita?
 E se a Esperança no Zenith mais verde,
 Das Primavéras, os Outonos vira,
 Aonde Abril he força se desherde,
 Que depressa entre os gostos advertira
 Que he ephime, e caduca a flôr da idade,
 A glória famo, a ostentação mentira?
 E si não, diga a vã Prosperidade,
 Quando em auge maior se considera,
 Que tempos goza os fructos da Vaidade?
 O que ha de ser incerto se pondera,
 Aquillo, que está sendo, vai passando,
 E hoje não he o mesmo que então hera.
 Logo, si o mesmo, que se está gozando,
 No crepusculo leve de hum momento,
 Vai da vida as Auroras enganando,
 Si aquelle arrebatado movimento
 Das Horas, vai fugindo quando dura,
 Só por mostrar que a gloria humana he vento,
 Quem das fições do tempo, e da ventura,
 Não apprende que o bem todo he mudança,
 E he só meta da vida a sepultura?

Esta poesia philosophica era então nova, e mais nova ainda a rica expressão destas idéas, em versos har-

momiosos, e correntes de que só Camões havia dado exemplo no seculo precedente.

Que importa pois que ousada a confiança
Do soberbo baixel, pasmo ás Nereas,
Navegue vento em pôpa, mar bonança?

Si arrebatado ao canto das Seréas
Para, entre os riscos desse Imperio undoso,
Horror das praias, magôa das aréas?

Que importa pois, que o menos caudaloso
Raudal das chuvas com a grossa enchente
Os campos senhorêe impetuoso?

Si em fim, passando o lobrego accidente,
Das Antarticas nuvens confundidas,
Morre corrida a misera corrente?

Que importa que com ancias repetidas,
Busque como esplendor, ou como abrigo
A borboleta as luzes pertendidas,

Si em fim, galanteando o seu perigo,
Acha naquelle agrado o seu tormento,
Tem no seu luzimento o seu castigo?

Que importa que da fonte o vago alento
Com as substancias, que hebeo ao monte,
Os valles encha de crystal, e argento?

Se estivo o Sol, apenas no horizonte
Raia, quando a que rio era de prata,
Mostra só que de lagrimas é fonte?

E ao Sol que importa, quando mais dilata
Seus raios, nesse exercito luzente,
Com que de Erebo as sombras desbarata,

Si por mais tempo que o triumpho augmente,
Vê que lhe dá no espaço de um só dia
Throno o zenith, e tumba o occidente?

Navegue pois a intrepida ousadia,
Corra a soberba, võe o cégo engano,
Ria o deleite, e lusa a tyrannia;

Que em fim de todos ha de ser no humano
Theatro baixo, risco, morte, pena,
Fim a luz, raio a dôr, e occaso o damno.

Governe o carro pois da luz serena
Esse, a quem inda em arvore Lampesia,
Chora de Padua na ribeira amena.

Erija em fim, com arrogancia nescia,
Aos Ptoloméos pyramides o Egypto,
E aos Cesares estatuas Roma, e Grecia:

Porque dos fados seus ao fim prescripto,
Ham de cahir, ludibrios da Fortuna,
Quanto ostentavam culto do Delicto.

Não será muito para sentir que um homem, que possuía esta abundancia, e facilidade nascesse em seculo tão corrompido de gosto? Não affige-vê-lo tanto a miúdo malograr as forças de um Heréules, em equilibrios de volteador, e saltos de volantim? Se Antonio da Fonseca Soares tivesse tido a fortuna de nascer no tempo da Arcadia, rivalisaria de certo com os seus pastores mais affamados, a quem não cedia nos dotes da natureza.

Seria facil apontar muitos outros trechos de excellente poesia extrahidos deste largo poema; mas limitar-me-hei a esta digressão sobre a facilidade com que em Portugal se corromperam os estatutos da Ordem Seraphica, a ponto de tornar necessaria a reforma.

Por elles já mais claro amanhecia
Nos mais dos horizontes Lusitanos,
O sol de Christo, a aurora de Maria;
Até que em fim nos campos Transtaganos
Tomando humildes religioso assento,
Pagar quizeram seu tributo aos annos.

Aqui fundaram pobre este convento,
Que oriente foi de nosse antigo lastre,
E delles logo oceaso, e monumento,

As cinzas deste arder, hem que lhe frustre
Outro esplendor dos seculos e vicio,
Fecha o marmore humilde em arna illustre.

Mas tanto que da Parca o duro officio
Deixou de tanto raio extincto o lame,
E a luz nublou no funéral hospicio,

Entibiando dos tempos o costume
O primeiro fervor, que alguns seguiram,
Nos mais se fez ou lastima, ou queixume.

Pois por mostrar que aproveitar queriam
Os engenhos da patria generosos,
Que aos Saccos, mais que ás Togas attendiam,

Edificios erguendo sumptuosos,
Aulas soberbas; claustros sublimados,
A pobreza aggravavam de zelosos :

Vio-se com sete corpos dilatados
Este Templo, Gigantes de Corintho,
Que o Ceo deixou depressa fulminados.

Depois com tres, de quem nem base, ou plintho
Se vê, mais que essa obra, que a grandeza
Fez do forte Africano Affonso Quinto ;

Vio-se então que a magnifica riqueza
Muda em Colisseos da Vaidade
Os cubiculos santos da Pobreza.

Contra quem essa vã superfluidade
Canonisou por culto a demasia,
Pondo a grandeza em traje de humildade,

Pois quando mais aquella se encobria,
Onde outras solidões se edificavam,
Paços no mundo cada qual fazia.

Mas os sceptros de Luso, que intentavam
Mostrar do Egypto aos symbolos egregios,
Que os olhos seus sobre hum bastão velavam,

Quebrando-lhe os illustres privilegios
Este templo, e convento lhe erigiram,
E os mais tomaram para hospícios regios.

Este facto prova que em Portugal sempre foi doutrina corrente, que os bens das Ordens eram propriedade do Estado, que delles podia dispôr segundo a sua prudencia, ou necessidade lhe dictasse, e não dos Religiosos, que delles só tinham o usufructo; e esta opinião é conforme ao bom Direito Canónico. Foi firmado neste Direito que D. Diniz dotou com as rendas dos Templarios, quando foram abalidos, a nova Ordem de Christo

por elle instituida; foi pela mesma razão que D. José dispôz dos bens da Companhia de Jesus, quando banio do seu reino aquelles Regulares. Não pertendo interpretar as intenções de ninguém, mas é certo que alguns dos escriptores mancebos têm tomado por moda lamentar a extincção dos frades, e capitularem de espoliação, e ataque ao direito de propriedade a redução dos seus bens a bens nacionaes. É necessario mui pouca philosophia historica para conhecer que a decadencia dos frades era um acontecimento que mais tarde, ou mais cedo devia realisar-se, independente das idéas que elles chamam revolucionarias; que attenta a mudança gradual que tem havido no modo de existir, de pensar, e nos costumes dos povos, nem era possível que as Ordens Monasticas continuassem a existir como estavam, despresadas, e invilecidas por sua relaxação, e comportamento desmoralizado; nem tornarem a seu vigor primitivo os seus estatutos. Convencidos destas verdades é que muitos Soberanos absolutos haviãam supprimido certas Ordens mais escandalosas, secularisando seus bens em proveito do Estado, e se preparavam para fazer o mesmo ás outras.

Mas aquelles varões, que se sentiram
 De que os Reis lhe usurpassem religiosos,
 Os bens que seculares possuiram,
 Deixando este solar dos generosos
 Filhos dessas montanhas de Galiza,
 A' Italia deram bem que ouvir queixosos;
 Porém João, aquelle que eternisa
 De Príncipe perfeito na memoria
 Quanto o clarim da Fama immortalisa,
 Aos que ficaram conseguindo a gloria
 De que observantes foram; reformando
 Accões fez dignas de mais alta historia.
 A estes logo os principaes juntando
 Da Provincia, que ao Reino o nome toma,
 Por esta dos Algarves começando:
 Não tão luzida em seus triumphos Roma
 Vio os monarchas, que a memoria abraça,
 E inda immortal posteridade assoma,

Que na presença aos olhos nunca escassa,
 Dos Pais da Patria, e Reis mais excellentes,
 Se vio por tempos, de Sertorio a praça,
 Tão pouco lá nos bosques eminentes
 Vio de Alverne, e de Grecia a terra Ausonia
 De Deos as côrtes, e do Imperio as gentes,
 Que aqui sobre os pensis de Babilonia,
 Se vio das Artes o alto municipio,
 Ser das Virtudes superior colonia.
 Tornando pois ao seu feliz principio,
 Neste celebre círculo, observancia,
 Que alguns entendem como ao fluxo Eripio,
 Muito apezar da estygia repugnancia
 Deste jardim do Ceo se achou nas flores
 Clara virtude, celestial fragrançia.
 Mas tanto que os pendões da Fé melhore,
 Lá nas aréas de Africa cahiram,
 A arrastaram de Luso os resplendores:
 Tanto porém que subditos se viram
 Os Dragões Lusos aos Leões Iberios,
 E as Aguias sobre as Quinas se subiram;
 Jactando-se dos nossos vituperios
 A Sorte, que custou tantos azares,
 Fudou na nossa injuria os seus imperios.
 Desertos pouco a pouco os patrios lares
 Foram sentindo as lastimas que enchiam
 De lucto o reino, e de ceas os altares.

Não ha frade que escreva uma obra: (disse com muita graça um escriptor francez, parece-me que foi Voltaire) que não arranje nella um cantosinho, onde colloque o seu Convento. Foi isto o mesmo que nesta elegia praticou o veneravel padre Frey Antonio das Chagas. Descreveu em optimos tercetos a fundação, e progressos da sua Ordem Seraphica, e as differentes phazes por que havia passado, e sem embargo da belleza do trecho, forçoso é confessar, que diminue o interesse, que todo se reconcentrava na individualidade do author, pois o que chama a nossa attenção é saber o motivo que elle teve para abandonar o mundo, quaes os seus

sentimentos depois de religioso, e como encará a nova carreira, que havia tomado.

A paixão mais dominante no coração dos frades e freiras, é o espirito de proeselytismo: por mais que lhes pese o jugo monastico, por mais que delle se queixem, e lamentem, não ha um só, não ha só uma, que tendo occasião, não trabalhe por seduzir algum incauto, ou incauta para envergar o habito, e cingir a toalha. Si dermos ouvidos ás suas affirmativas, não ha salvação possível para quem tem a desgraça de espirar fóra das paredes de um claustro, nem dormitorio de mosteiro, que tenha si quer um alcapão, que vá dar ás chafurdas de Pero Botelho! O seu desejo seria tornar o mundo todo, si fosse possível, n'um vasto mosteiro. De que nascerá esta mania fradesca? Será de recrearem que suas respectivas Ordens se acabem á mingua de gente, como os administradores de vinculos suspiram por ter filhos, para que os morgados não recaiam na Corôa? Será vontade de se vingarem da sociedade, arremessando o maior numero dos seus membros nas cadéas, que ella lhe lançou? Não sei: mas é certo que esta enfermidade dos claustros iscoa depressa o animo de Fonseca Soares, pois em outra elegia trabalhou por persuadir um amigo a fugir como elle do mundo: citaremos alguns tercetos della para se vêr como elle advoga esta ruim causa.

A elegia é dirigida a Gonçalo Vasques da Cunha, pessoa mui distincta, e ao que parece, então desgostoso com a côrte. O primeiro terceto é a quinta essencia do estylo culto, e viciosamente methaphorico, que ás vezes se depára nas obras deste poeta.

Da Académia de Marte, em cujo estudo
E' papel a campanha, o sangue tinta,
A penna espada, e o tintreiro escudo:

Foi neste tempo que principiou o abuso de pronunciar *Académia* com a penultima breve, em lugar de *Academia* com a penultima longa, contra a razão ethymologica, pois a palavra grega é *Ακαδημεία*, o que deve tornar o *i* longo em portuguez, porque representa um diphthongo.

Para a guerra da Córte, onde requinta
 Amor batalhas, Venus interpresas,
 Onde quem Troya foi, campo se pinta :

Senti deste meu mal nas asperezas,
 E ouvi desta montanha nos retiros
 Que tambem vinheis aliviar tristezas.

Oh! se eloquente a lingua dos suspiros:
 Mostrar podera destes longes duros
 D'Amor os laços, e da Morte os tiros!

Que depressa dos golfos mal seguros
 Do mar da Córte cautelada a vida,
 Se retirára deste monte aos muros!

Não se deseja vér convallescida
 Uma ancia, oh Fabio, que sarar pretende
 N'um bem, que foi de uma alma recabida.

Antes se vê quam oêgo se arrepende
 Quem, buscando o remedio do seu damno,
 As febres d'alma a'uma vista accende.

Vejamos que é relogio o desengano,
 Que vendo-nos nos riscos de hora em hora,
 Nos não mostra os avisos de anno em anno.

Conheçamos da vida, oh Fabio, agora
 Quanto em si, de si mesma combatida,
 Como contraria se lamenta, e chora.

Com taes contrariedades vive unida,
 Que se Deos chamou pó á essencia humana,
 Tambem chamaste, oh Job, vento a uma vida.

Si pois é pó, e vento a mais ufana,
 Si do mesmo, que, vive acha que morre,
 Que olhos céga este pó? que ar os engana?

Que homem, que fera nesta culpa incorre,
 Si é força em fim, que seus estragos beba,
 Um pó, que se levanta, um ar que corre?

Que importa pois que ao mesmo Sol se atreva
 Esta oinza vivente em nuve altiva,
 Se inda que a erga o Sol, o vento a leva?

E ordena a lei da Parca executiva,
 Que em si mesmo nos mostre o ser vivente,
 Porque a minutos morra, a instantes viva?

Oh Fabio, si quizera o mais prudente
Pôr na cabeça o pó de seus ant'olhos,
E ter nesta ardua vida a dôr presente;

Não cada qual dos racionaes pimpolhos
Por ter mais ar, como ouro em pó quizera,
Ter o ar na cabeça, o pó nos olhos!

Mas que val isto, si a maior esphera
Dos troncos racionaes, por ter mais folha
Se abraça só com a ambição da hera?

E já sem medo dê que a Morte os colha,
Não se olha ao pó com que a raiz se enterra,
Só para o ar, com que se cresce, se olha!

Por isso já dos seculos na gnérria,
O pó, que em pó se torna, e ar que é nada,
Um ficou abatido, outro por terra.

D'onde tarde a Razão desenganada,
Chora de Amor os idolos cahidos,
E da Fortuna á roda vã prostrada.

Não faço eu os discursos referidos,
Fabio, contra esses vossos sentimentos
De quem tenho os melhores aprendidos;

Mas porque possam vér meus escarmentos,
No pó do mundo os ventos dos enganós,
Na paz da vida, a guerra dos mementos.

Passam da vida cada hora os annos,
Acaba a cada instante a que mais dura,
E a cada passo vem da morte os dâmnos.

Tanto dos fins prescriptos se procura
Esta fatal, e aberrecida meta,
Que ou luz se apaga, ou sombra se apressura.

Menos rasga velez o vento a setta,
Que na esphera do seculo profana
Este da vida ephimeral Cometa.

Veleira nau, que o cêgo vento engana,
Sem sentir quanto arrou campo de neve,
Não corre mais velez que a vida humana.

Tam poudo ave, que o ar, e os ventos beva
Assim o estadio dessas nuvens cõa,
Quando rapido aqor mais se lhe atreve.

Mas se no fim o acerto não corôa
 Seu curso, á nau que importa o que navega,
 A' setta e que acha, ao passaro o que vôa?
 Si é pena vêr que a uma ave; outra se entrega,
 Que a setta errando o alvo perde o tiro,
 Que a nau para perder-se ao porto chega;
 Que será vêr no ultimo suspiro
 Que o porto se perdeu da Eternidade,
 O ponto d'alma, e desta esphera o giro?
 Oh! que gloria será da Liberdade
 Vôar, ferir, correr ao Ceo de tudo,
 Da luz ao alvo, ao mar da immensidade!
 Porém, se assim não sôr, pelo que cudo,
 Que ha de valer ser nau no mais pomposo,
 Ser agnia ao real, setta no agudo?
 Si pois de tanto oceano enganoso
 Já não quereis que tanta onda vibre,
 Um risco alegre, um baixo carcioso,
 Das aréas, que ao Tejo inveja o Tibre,
 Fugi, pois bem que sejam de ouro aréas,
 Sam riscos cegos para uma alma libre.
 Fugi, que os doces cantos das Seréas
 Podem ao coração pelos ouvidos
 Meter venenos, e lavar cadéas.
 Quando não, uesses golfos fementidos,
 Donde naufraga o proprio advertimento,
 Será final destroço dos sentidos
 O que era ultima taboa do escarmento.

A conclusão é qual devia esperar-se; no mundo vive-se pouco, e mal; ha pobreza; desgraças, perseguições, desgostos, trabalhos, enfermidades physicas; e Moraes, e para todos os que nelle habitam estão fechadas as portas do ceo: por tanto é necessario meter-se frade, ou freira todo o homem, ou toda a mulher, porque o habito é remedio universal para todos os males do mundo, como os pós de Quintilio eram, na opinião do Doutor Curvo Semedo, uma panacea milagrosa para curar todas as molestias; e que remedio, se nos claustros não ha doencas, não ha vicios, não ha crimes; vive-se muito, e bem, e está cer-

ta a salvação? E' verdade que esse monachismo universal tem um pequeno desconto, e é, que se elle se pozesse em pratica, o genero humano se extinguiria no fim de um seculo; mas quem repára em tão pequeno mal, á vista dos grandes bens, que o compensariam?

Deixemos porém as poucas poesias do veneravel padre Frey Antonio das Chagas, para nos entretermos com as do poeta Antonio da Fonseca Soares, e principiaremos pela elegia, que elle dirigiu ao Conde de Soure, consolando-o pela morte de sua filha.

ELEGIA.

Hoje, Senhor, que neste monte sôa
Daquelle ultimo valle hum echo triste;
Que os ares fere, e os pedernaes magôa,
Hoje que o mar, e vento, que lhe assiste,
Das aves troca em roucos sons o canto,
E a neve enlucta em eças de ametiste;
A' minha penna permitti que em quanto
Vôa, correio d'alma interneoido,
Proprio do mal não corra o vosso pranto.
Pois bem que tema ao coração ferido
Com as memorias renovar as chagas,
Que faz a imagem do melhor sentido,
Inda que as Musas se imaginem vagas,
Contra os venenos d'alma, estes suspiros
Talvez serão do espirito triagas.

Vagas está aqui em significação de *não poderosas*, e *triagas* não fazem aqui a melhor figura.

Sobre o convexo dos celestes giros,
Subio essa Deidade soberana,
A ser diamante, em côrte de saphiros.
Não Parca atroz se lhe atreveu tyranna,
Transito foi, não morte, aquelle excesso
Com que sabiu das condições de humana.
De tanto Sol parece que ao progresso
Era eclipctica pouca o largo espaço,
Que de um só Orbe nas distancias messô.

Quiz desatar da vida o doce laço
 Por não caber n'um mundo, que lhe deza
 Para mares de luz estreito, e escaço.

Subida pois á superior esphera,
 Sem vêr o hyverno da caduca idade,
 Se foi lograr a eterna primavera.

Bem sei que estas razões, que acha a picdade
 Da parte do juizo, ou do remedio,
 Não acha a dôr da parte da saudade.

Pois sem alivio de penoso tedio
 Vos serve agora ao rosto nunca enxuto
 Dé lucto a magoa, o pranto de epicedio.

Más se é penção da vida esse tributo,
 Para que é pois, senhor, cobrir-se tanto
 A alma de dôr, e o coração de lucto?

Si deis aos olhos da prudencia espanto,
 Dando-lhe a vêr que a tragica fortuna,
 E' dos heroicos corações quebranto;

Não é razão, que aos pezares se ana
 A grandeza dos animos supremos
 A quem se prostra o Fado, que os impugna.

Esta é a parte da alma, que só temos
 Capaz de oppormos á maior crueldade
 Que ha das glorias humanas nos extremos.

Quem pois tanto ao desar vos persuade,
 Que esta força melhor do entendimento
 Rendeis hoje aos imperios da vontade?

Não fere o raio á choça o pavimento,
 Não bate o mar da praya o debil muro,
 Nem ao pobre baixel contrasta o vento.

Chocamias ondas c'o penhasco duro,
 Co'a terra altiva, e fogo arrebatado,
 Co'a nau robusta o Boreal conjuro.

Tal é a antipathia com que o fado
 Faz aos Golossos, e aos Olympos guerra
 Dos ceos, do mundo, e da fortuna armado.

Tal a carvanca com que o Ceo se cerra,
 Ou a Terra se abre, a quem não morre,
 C'o primeiro vai-vem que o põe por terra.

Como pois, si sois nau, penhasco, e torre;
As furias estranhais do mar, que brama,
Do fogo que arde, e temporal que corre?

Desse mar nos vais-vens se adquire a fama,
Desse ventó na injuria se accredita,
E se achry sola dessé amor na chamma.

Por incapaz do exame da desdita
Na tenra flôr, que melindrosá cresce,
Mimosamente o rego s'exercita.

Tal debil nasce, e vive, que parece
Sem dar-lhe o Boreas, que de sópro a mata,
Que ar menor de hum Zephyro feneçe.

Não assim nobre tronco, a quem maltrata
A furia Austral, que os mesmos Céos perturba,
Que o mar açouta, e as nuvens arrehata.

Pois sem mostrár que a seu furor se encurba,
Tanto as carraucas mais feroz arrostra,
Quanto é maior dos seus vai-vens a turba.

Si pois, Senhor, como a razão nos mostra,
C'o peso grave a palma illustra se ergue,
C'o sópro leve a canna vã se prostra.

Como é razão que em tal valor se exergue
Essa fragilidade, que não póde
Achar nos grandes coraçõs alvergue?

Quem faz com que a prudencia se acomode
A' desigual fortuna, pouco sente
Que a sorte cáia, ou que a fortuna rode.

Que só gloria é do coraçõ prudente
Dos Astros dominaar o vario influxo,
E viver de seu fado independente.

Creseça de Cynthia, ou diminua o fluxo,
Que quando quer a Fama o seu retrato,
Primeiro faz co'as peanas o debuxo.

Não fóra de seu templo illustre ornato
Thyphis, si lá nos baixos de Carybdea
Perdera o nome, e confundira o tracto.

De Amor, e Marte Jupiter nas lides
Delicias deu ao frouxo Ganimedes,
Mas os trabalhos, ao valor d'Alcides.

Si pois a gloria humana, como vódes,
 Consiste no valor mais que no augmento,
 Que tu, Fortuna, como qués concedes;

qués, modificação irregular do presente indicativo do verbo *querer*, equival a *queres*, e se encontra repetida em alguns dos nossos antigos escriptores de melhor nota. Hoje apenas este vocabulo se emprega na linguagem da plebe, como muitos de igual jaez, e igualmente reprovados pelos que capricham de fallar bem.

Quem, si vos vir, crerá que documento
 Sois do valor, que foi de Hespanha assombro,
 Da Europa horror, d'America portento?

D'onde está pois aquelle desassombro
 Com que de Atlante ao peso Hercules anda
 Não sei se braço á braço, se hombro a hombro?

Donde assim se transpóz quem desta banda
 Foi no campo Hespanhol Marte de Euse,
 E no Anthartico mar raio de Hollanda?

Não pois se perca da constancia o uso,
 Porque perdeis com isto huma victoria,
 Maior que a guerra, que vos tem confuso.

Vive em vós da que amais com maior gloria
 A belleza na idéa, a graça n'alma,
 No peito o nome, a vida na memoria.

Não pois façais a luctuosa calma
 Chuveiro do pesar, que em grito mudo,
 Das mãos vos quer tirar a melhor palma.

Vivei, para que sendo á patria escudo,
 Traga nas palmas o civil governo,
 E augmente os lauros ao marcial estudo.

Para que assim com luzimento alterno,
 Apesar desse fadó, que o repugna,
 Mostreis nas éras, que tereis de eterno,
 Que onde sóbe o valor, desce a fortuna.

Em geral, estas elegias á morte de personagens estranhas ao poeta, não passam de meras composições de aparato, em que o pathetico pouco predomina, por que

sam dictadas pelo engenho, e não pelo coração: o seu fim é mais lisongear os interessados, que exaltar as virtudes dos mortos; e o escriptor em mostrando engenho, e alardeando a belleza, e elegancia de seu estylo tem da sua parte desempenhado o seu mister.

Não acontece assim quando o poeta é inspirado pela dôr, pela saudade, que dilaceram o seu coração; é então que a sua alma apaixonada se derrama com pathetica impetuosidade, que o fogo de suas queixas nos abraza, que a sua magoa nos commove, e arrebatã, como acontece quando Young lamenta sobre o tumulto de Narcisa, e Halles sobre as cinzas de Marianna arrannada de seus braços pela morte.

Os Romances de Antonio da Fonseca Soares não cedem a palma a nenhum dos seus contemporaneos, nem em numero, nem em merecimento; ha nelles muita variedade, graça, idéas engenhosas, estylo elegante, e versificação harmoniosa, que é dote particular deste poeta em tudo quanto sahio da sua fecunda penna. Ha delles serios, amorosos, jocoseros, e familiares, e em todos elles deixou o poeta alguns, que podem servir de modelo.

Entre os Romances familiares me parece distinguir-se o que elle endereçou a Francisco Pereira Coutinho, Mestre de Campo, e Governador de Setubal, agradecendo-lhe um presente, que lhe mandara.

Insigne amigo Pereira,
Cujas prendas generosas
A propria Inveja encarece,
E a mesma Calumnia louva:

Cujo coração bizarro
Julga com vaidade honrosa,
Breve esphera todo o Mundo,
Pouco applauso a Fama toda:

Tão querido das estrellas,
Que vos chama a mais opposta:
O requebrado de Venus,
O valido de Bellona:

Camarada em fim das Musas,
E em fim, sem fazer lisonja,
O Benjamin da Fortuna,
E o tudo da patria nossa.

Em cuja arvore fecunda,
Por mais que hum pique, outro róa,
Tendo todos para peras,
Sam mais que de Conde todas.

Vós, que sem ser dos Forjazes
Pereira, com qualquer folha
Podeis mandar ir á Feira
O fructo das mais formosas.

Vós, a cuja sombra tantos
Vivem luzidos, pois monta
Mais a vossa sombra obscura,
Que ess'outra luz que os adorna :

Que quereis que hoje vos diga
Si ao que sois, fazendo a somma,
Na cifra só dos extremos
Tenho mil erros de contas ?

Digam-no estes vossos mimos,
Que me tapam trinta boccas,
Quando mais o pasmo as abre,
Ou mais a vontade as dobra.

Mostrem-no estas vossas peças,
Cujas menores amostras
Sam canhões, com que se bate
O juizo de mais prova.

Lembram-me estes vossos queijos,
Pois sam já tamanha cousa,
Que tem feito memoravel
O que é mais contra a memoria.

Os doces, bem que entre dentes
Os trago, fazem que eu ponha
A bocca nos pés de quem tanto
Doce ma tem feito agora.

Dos queijos se assim me amardes,
E' bem que, a poder que eu possa,
Quando os não coma por traça,
Que por muito rato os coma.

Do viinho não sei que diga,
Sei só que em casa ha pessoa,
Que o põe na sua cabeça,
Quando o põe menos á bocca.

Vá bogiar Alexandre,
Cesar, a hum canto se ponha,
Dem-lhe a Cresso quatro figas,
E a Midas dem-lhe huma força.

Pois do Grego, e do Romano
E' nada o mais que se conta,
E é sabula Cresso, e Midas,
Até quando sois historia.

Crêde que digo mil vezes
Quando estou oomigo a solas:
Valha-te Deos, por Pereira
Quem ha que chegar-te possa?

Tu só das palmas, e cedros,
Tens feito sem muitas roncás
Humilde a maior grandeza,
Folhage a melhor corda.

Nesse tear das edades
Parcas, sem duvida heroicás,
Para gran-Senhor te urdiram,
Sem sê-lo em Constantinopla.

Tens por nada dar um reino,
E é nessas mãos pouca roupa
Todo o inundo para um dia,
Toda a India para uma hora.

Cuido que Juno estimara
Por blasonar de senhora,
Que só por ser do teu rancho
Andara de foz em fóra.

Entendo que si Mercurio
Te quizera erguer tramoia,
Que souberas mais dormindo
Do que elle acordado sonha.

Entendo que si te vira:
O Deos, que na guerra é ceca,
Que sem comeres meninos
Te julgara praça morta.

Creio, si o Sol se apeara
De lá do Têje nas ondas,
Que por câmpar tu de estrella
Lhe tomaras a carroça.

Presumo que si souberas
O ninho onde a Phenix mora,
Que nessa casa em tres dias
A viramos na gaiola.

Creio, si em França tirares
O que lá chamam pistolas,
Que um portuguez mais valera,
Que mil castelhanas doblas.

Detem-té pois por tua alma,
Pasma desta idade nossa,
Que si dás um passo avante,
Atraz os fará quem te olha.

Aquieta-te, alma d'azougue,
 Que teme a Fortuna propria
 De que hoje a rodar a deites
 Sem que lhe untes bem as rodas.

Deixa-nos viver no mundo,
 Que teme a Razão mais douta,
 Como em todo elle não cabes,
 Que entre nós de abafo morras.

Vai lá morar nesse Empyrio,
 E vê si sobre elle ha cousa
 Que no espaço imaginario
 Possa servir-te de alcova.

E tem mão nesse bizarro
 Coração, pois será força,
 Quando á bocca te não venha,
 Sahir-te pelas mãos fóra.

Mas adeos, que a entrar de guarda
 Toca o tambor, com que importa
 Bem que falte ao mais que devo,
 Que não falte ao que me toca.

Por esta ultima estrophe se vê que este romance foi composto no tempo em que o author seguiu a vida militar, e pelo seu conteúdo a estima que os superiores faziam do seu talento, pois que admittiam que elle lhe escrevesse com tanta familiaridade, e desenfado.

No tempo em que florescia António da Fonseca Soares estava o monachismo no zenith da sua gloria, não pelas virtudes que exercia, mas pela influencia que havia adquirido sobre todas as classes do Estado; os confesores da familia real, dos secretarios de Estado, dos grandes, dos magistrados, e todas as pessoas por quem se repartia o poder, eram as molas occultas, mas efficazes por que se movia toda a governança: ser protegido por um frade, era ter o caminho aberto para fazer fortuna; esta influencia dos frades a partilhavam as freiras com os seus encantos, e as suas prendas: era nas grades dos

conventos de freiras que se reuniam todos os ociosos da côrte, e da cidade; para o que muito cooperava o retiro em que vivia o bello sexo, e a tinctura de costumes mouriscos que ainda permanecia entre nós. Qualquer freira divertia-se mais, e gozava de mais liberdade no claustro do que na casa paterna, e por isso as donzellas tinham tão pouca repugnancia em tomar o véo. Ninguem se julgava taful de bom tom, sem ter a sua freira, e uma freira não só era uma amante apaixonada, mas uma protectora poderosa, por que per si, ou pelas suas amigas tudo conseguia, e pedia tudo para aquelle por quem se interessava! Se as paredes dos conventos faliassem, que intrigas, que escandalos, que aventuras curiosas não refeririam! que assumptos para Dramas nos forneceriam ao theatro, que illucidações a milhares de factos, mal interpretados na historia daquelles tempos!

O seguinte Romance poderá dar alguma idéa de como se tractavam os amores claustraes, e da pouca edificação dos costumes freiraticos daquelle epocha: é dirigido a uma freira de Chellas, que então estava doente.

Vá de versos, já que dizes
Fugiu para mim a véa,
Vêa d'agua, sim, nos ethos,
Teria, mas não de poeta.

Porém picado do dito,
Podendo-o ser da lanceta,
Não correrá de mim sangue,
Menos converão sentenças.

Vá de versos, minha Brites,
Quero dizer vá de versos,
Que quem está de pão, e agua,
Faz motetes de endoenças.

Agora chega o rapaz,
E o teu té; pego da penna,
E juntamente jantando
Faço estes de sobremera.

Não se pôde ser christão
 N'uma sexta-feira destas!
 Pão, e agua! já não posso
 Bolir com mão, nem com perna!

Vê tu, 'menina, que versos
 Poderá fazer quem leva
 Os dias como Deos sabe,
 E as noites como Deos queira!

Vê tu como pôde estar
 Quem te vê na cama enferma,
 E faltando-lhe esta dita,
 Cá na idéa te contempla.

Agora com febre grande,
 Logo com dôr de cabeça,
 Agora vem o barbeiro,
 Agora o medico chega.

Chega a amiga; e melindrosa
 Diz: « Mana, que doença trazes? »
 « Estais muito acabadinha. »
 Diz outra: « Estais amarello. »

E já por muitos favores
 Vem visitar-te uma vizinha
 E tremenda com a fallar
 Te diz, que és minha doença.

Chega a noite, e anciada
 Não quês ver ninguem na cella
 Digo, na enfermaria,
 E enche-se a casa de freixas.

Chega Maria, das Chagas,
 Da-te a minha carta, e vê-la
 Tão cheia de necedades,
 De disparates tão cheias.

«Que te motiva pesares,
 «Que te motiva molestias,
 Dizem as freixas amigas,
 «De quem é? é do Fonseca?»

Respondes muito enfadada :
 «Sim, mana, porém vem nescia;
 «Ai Brites, que isto é verdade;
 «Ai, mana, que isto é certeza!»

Mas quem deseja servir-te,
 Quem agradar-te deseja,
 Já que te não manda mimos,
 Manda memos por offrenda.

Bem sei eu que a minha prosa
 Não te agrada, antes dá pena,
 E quando falla picada,
 Cuido não faz presteleta.

Porém tornemos aos versos,
 Não quero admitir suspeitas,
 Que te devem minhas cartas,
 A estima, que fazes dellas.

Bem sei eu que lhe dirás :
 «Vinde cá, queridas letras,
 «Diverti-me estes pesares,
 «Ausentai-me estas molestias.»

Bem sei eu dirás : «Vejamos :
 «Como me escreve esta penna,
 «Si ajudando-me nos males,
 «Consolações me offereça.»

«Vejamos como se porta,
 «Si ama firme, si recebe,
 «Si diz amores, si rinhe,
 «Si desconfia, si zéla.»

„ Quero ver si aprende em mim
„ Esta dulcissima prenda,
„ Ou a estorvar os temores,
„ Ou segurar as finezas.

„ A mim diz o sobrescripto,
„ A Dona Maria em Ghellas,
„ No coração de quem amo
„ Fôra melhor que dissera.

„ Rasguemos este papel,
„ Que branda está esta obrêa,
„ Não sei si aprende a ser branda
„ De um coração tão de cera.

„ Lagrimas traz o papel,
„ Não me lastimeis finezas,
„ Que si se esforça o amor
„ A confiança fraquea,

„ Em verso me escreve agora,
„ Quero lêr, oh quem podera
„ Mostrar com lagrimas proprias
„ Quanto agradeço as alheias!

„ Mana, lêde-me estes versos,
„ Que eu não posso, porque apenas
„ Vi obediencia tanta
„ Quando chorei: sam endechas?”

Respondem logo as amigas:
„ Não, mana, sam umas letras
„ Com muito de affectuosas,
„ Sem nada de lisongeiras.

„ Romance é, e bem mostra
„ Ser feito com toda a pressa,
„ Sobre o joelho, pois traz
„ A mesma carta as emendas.

„Muito lhe deveis' menina!
 „Eu digo, querida prenda,
 „Que não pôde dever nada
 „Quem faz favor no que aceita.

„Ai, minha prenda adorada;
 „Muito agora te dissera,
 „Porém vou-me para o côro,
 „Que tocaram a completas.

„O moço fica esperando,
 „Eu torno com toda a pressa,
 „Para cerrar esta carta,
 „Que não quero vá sem ella.

„Vê o que ordenas de mi,
 „Desta vontade u que ordenas,
 „Que não poderei faltar-te,
 „Sendo não servir-te offensa.

„Adeos, minha adoração,
 „Elle te guarde, *et cetera*,
 „Hospital ás tres da tarde
 „Em ponto, hoje sexta feira.”

Do principio deste romance consta, que fôra escripto em sexta feira de paixão; já se vê o modo edificante com que soror Brites, que estava enferma, e Antonio da Fonseca Soares, que jejuava a pão, e agua, celebravam a semana santa: no mesmo se observa a relaxação a que haviam chegado as freiras com os seus namoros; pois sem nenhum reboço fallavam dos seus amantes umas com as outras, communicavam-se as cartas que recebiam com uma franqueza, que talvez fosse difficil de encontrar em seculares.

Além destes merecem particular menção, pela graça com que estão escriptos, um Romance a uma senhora, que lhe pedira remedio para o mal d'amores; outro a um homem que se presava muito de fazer versos, tendo mui pouca disposição para os fazer bem; outro ao Dr. João de Medeiros, Desembargador da Relação do Porto, em respos-

ta ao que elle lhe enviára ; outro a uma hortelãa de Chellas vendendo laranjas ; outro em que faz o seu retrato a uma dama, estando ambos presos ; outro a uma dama, que teve um desmaio na occasião de sangrar-se ; outro a uma rosa ; outro a uma freira, que lhe quiz dar uma bofetada por que elle lhe pediu um abraço. Não posso resistir á tentação de transcreve-lo para dar ao leitor um guapo exemplo dos conceitos que andavam em moda nos namoros freiraticos.

Joanna, que, sendo joya
Que eu mais estimo, e mais prezo,
Por joya de tanto custo,
Sois joya que não tem preço.

Por serdes o meu brinquinho
Tanto, minha flôr, vos quero
Que si vos ponho nos olhos,
Tambem vos trago no peito.

Rerla sois, que entre a clausura
Dessa concha, em que vos vejo,
No mar de tantos prodigios,
Servis á Aurora de espelho.

De tanto Sol breve nuvem
Avalio esse convento,
Pois só com vento esse Sol
E' bem que dissipe as nuvens.

Bella emulação de Dáphne,
Que de Apollo nos desprezos,
Tendo em folha a formosura
Deixais em flôr meus desejos.

De Diana outro traslado,
Que nesses globos supremos,
Sem ser astro sem segundo
Brilha Amor, astro primeiro.

Venus pelos resplendores
 Que do diaphano imperio,
 Crepusculisando raios,
 Triumphais dos luzimentos.

Desejando os braços vossos,
 Um abraço, doce emprego,
 Vos pedi, pois sempre em braços
 Estar comvosco desejo.

Mas si os ceos com as mãos tomo
 Quando abraçar-vos pertendo,
 E' pelo que apaixonado
 Então me mostro em querer-vos.

Ter queria o ceo nos braços,
 Por vos mostrar neste empenho,
 Que o que Atlante tem nos hombros
 Eu nos braços o sustento.

Mas como ao ceo se atreveram,
 Vêr castigados receia
 De desejos amorosos,
 Sacrilegos pensamentos.

Mas que importa que d'amor
 Gigantes atrevimentos,
 Por barbaros si confundam,
 Em babilonias de extremos?

Si não se lhes frustra a gloria
 Neste arrôjo que emprehenderam,
 Quando se culpam d'altivos,
 Por se empenharem discretos?

Pelo qua uma bofetada
 Me quizeses dar, sabendo
 Que dessas mãos o castigo
 Sam mais glorias que tormento.

E assim que mais deste amores,
Que anhelando obedecer-vos,
Pondes-me na lei de amar-vos,
De mais cinco mandamentos.

Ser mais que castigo, affago,
Pôr-me as mãos no rosto creio,
Que de uma boa vontade,
Me dais pronosticos certos.

Mais que as mais deusas formoso
Ficava, vendo que a Venus,
Na maçã, que cara julgo,
A palma por mão lhe levo.

Pelo que triumphante arrôjo
Empunhara cada dedô,
Com purpurea magestade
De branca açucena o sceptro.

Hydropico de crystaes,
Que nesses Alpes venero,
Bebera em copos de nacar
Liquida porção de argento.

Ceo o meu rosto julgara
Logrando desse hemispherio,
Exhalações crystallinas,
Em atomos lisongeiros.

Mas porém minha Joanninha,
Não é razão aqui entendo,
Que na offerta de meus braços
Me deis de mão ao desejo.

Si vos chamais Joanninha,
Para peras considero,
Que me dareis pelo nome
Neste amor que já vos tenho.

Pelo que por vós suspira
 Pyra se constroe um peito,
 E em Lisboa por Miranda
 Anda uma Troya de incendios.

Aqui pois suspendo as vozes
 A explicar o que vos quero,
 Que ás adorações de uma alma
 E' melhor liagua o silencio.

Aqui póde notar-se a influencia dos bons assumptos : um assumpto bem escolhido inflamma o espirito, move o coração, e eleva a imaginação do poeta, que merece este nome, ás regiões do sublime, e lhe faz deparar as grandes bellezas, e os rasgos originaes ; pelo contrario um assumpto ruim, ou mal escolhido esterilisa o engenho, e o faz debater-se com rasteiros saltos, sem poder tomar um vôo elevado ! Que podia fazer Fonseca Soares, tractando de uma bofetada offerecida por uma freira, a quem pediria um abraço ? Perder-se em conceitos rebuscados, e frivolidades, engenhosas embora, mas insignificantes, e ridiculas.

Deve pois o poeta, que trabalha para a posteridade, escolher assumptos ricos, interessantes, cujo interesse lhe desperte o éstro. Ninguem é grande com pequenos meios. Se as academias, tão numerosas nesta epocha, em vez de cooperarem para a reforma do gosto, precipitaram a sua decadencia, não foi por certo pela falta de instrucção, e talento dos seus membros, mas porque os assumptos dados ali para discorrer eram pela maior parte absurdos, extravagantes, futeis, e pueris: vejam-se as actas da Academia dos Anonymos, dos Singulares, &c. e diga-se se com os assumptos ali propostos era possivel produzir cousa que boa fosse ?

Antonio da Fonseca Soares foi, si não me engano, o primeiro que tentou naturalisar na nossa lingua certas coplas de pé quebrado, que os hespanhoes usam muito para cantar á viola, e que eram depois dos romances as suas mais milmosas poesias populares ; nos ensaios que deste genero nos ficaram delle, em que não teve muitos imitadores, soube elle imitar exactamente o colorido, e

tom, que os castelhanos costumam dar a estas cantigas; citarei para exemplo, a que elle intitulou *Retraço de Lysis*, e que se torna notavel pela idéa extravagante de achar relação entre cada feição da dama, que retrata, e um convento. E' natural que o original fosse alguma freira, por que só uma freira poderia lisongear-se de vêr-se transformada em ramalhete de conventos.

Levantar quero a *Lysis*
 Templos agora,
 Faço o que devo em ordem,
 Começo agora.

A *Lysis* a *Esperança*
 Busca, e a *Peinna*,
 Uma por retrata-la,
 Outra por vê-la.

O cabelo o convento
 E' do *Milagre*,
 Pois milagre é que os raios
 Nos louros se achem!

Ser da *Serra* o convento
 Bem pôde a testa,
 Por ser serra de néve,
 Serra da *Estrella*.

As sobranceiras hoje
 Com as pestanas
 Aos corações por gosto
 Dám a *Batalha*.

Tem a *Estrella* comsigo
 Qualquer dos olhos,
 A estrella que nos serve
 De norte a todos.

Muito vale o nariz
 Brinco de prata,
 Mas o feitio delle
 Tem toda a *Graça*.

Tem da *Rosa* o mosteiro
 Nas faces lindas;
 Que é do que as outras fazem
 Mil maravilhas.

Os beicinhos galantes
 Sam do *Ceo Portas*,
 Pois bem que apenas se abram
 Mostram mil glorias.

A barba a quem o mundo
 Perfeita admira,
 Fique-se, embora em branco,
 Por que *Bem-fica*.

Sempre têm a garganta
 Natas mui frescas,
 E tem nisso notavel
 A *Providencia*.

Meteram-se os seus peitos,
 Que é cousa linda,
 Dos jasmims, e açucenas
 Na *Companhia*.

Com não terem as mãos
 Do prado nada,
 Toda a gente que as vê
 Diz que sam *Claras*.

Muito grandes apertos
 Sofrê a cintura!
 Julgo-a mais apertada:
 Do que a *Cartacha*.

Não pinto o mais que encobre,
 Porque o não véjo,
 Por ser tudo isto em *Lysis*
Recolhimento.

Só seus pés sei que em tudo
Andam com ordem,
Só porque estão professores
Na dos *Menores*.

Adeos, Lysis querida,
Que eclipse feito
A luz desses teus olhos
Seguir pertendo.

Antonio da Fonseca Soares grangeou grande reputação, e louvores pelos seus sonetos, em um tempo em que esta qualidade de poemas andava muito valida, e em que uma multidão de poetas lhe disputava a palma. O soneto por sua brevidade, pela belleza de sua contextura, e pelo chistoso eplace de suas rimas lisongeia o ouvido, sem fatigar a attenção, molda-se a todos os assumptos, e accomoda-se a todos os estylos; em sonetos declara o amante o seu amor, exhala as suas queixas, ou exalta a sua ventura; em sonetos exprime o poeta os seus extasis á vista do formoso quadro da natureza, e se eleva a contemplar a magnificencia dos ceos, e a existencia do Omnipotente; em sonetos derramava o philosopho as sentenças, e axiomas mais sublimes da moral; em sonetos finalmente o odio, e a vingança derramavam o seu veneno; e os prazeres da amisade, e a alegria dos convites eram celebrados em sonetos.

Não admira por tanto que os nossos avós dessem tamanho apreço a um poema, que reúne tantas vantagens, e que os poetas daquella epocha se dessem tanto á sua composição; mas leitores, e poetas foram muito além da meta; pois chegaram-se alguns a persuadir de que ser poeta, era fazer sonetos, e fazer sonetos era titulo bastante para conseguir a immortalidade. Outro inconveniente deste uso immoderado dos sonetos, foi que todos se julgaram com forças para compo-los, e o Parnaso se vio inundado de uma aluvião de ruins combinações de quatorze versos, que contra vontade de Apollo se denominavam sonetos, o que trouxe consigo a depreciação deste genero, e o desprezo a que os Arcades depois o votaram; posto que nem Garção, nem Antonio Diniz, e

Quita, não poderam resistir á tentação de escrever alguns sonetos, que de certo se não contam entre as suas menos valiosas producções.

Antonio da Fouseca Soares nos seus sonetos dá ás vezes em hyperboles descomedidos, e que não estão em harmonia com a importancia dos assumptos que tracta; assim lhe aconteceu com o famoso soneto dirigido ao Conde da Torre por occasião de matar um touro com uma só cutilada.

SONETO.

Foi, oh Conde bizarro, de tal sorte
A vida desse bruto presumida,
Que o roxo mar da mais cruel ferida
Julgava estreito o seu alento forte.

Mas só vós, raio illustre de Mavorte,
Fizestes, com pujança nunca ouvida,
Que por onde a sahir não coube a vida
Soberba entrasse a arrebatá-la a morte.

Em fim cahiu o bruto, e parecia
Que o som do golpe, que nos valles dura,
Em todo o ar exequias lhe fazia!

Pois foi tal desse braço a força dura,
Que inda a terra parece que lhe abria
Nos sobejos do golpe a sepultura.

Confesso de mim, que quanto mais examino esta composição, menos posso atimar com o que nella admiravam tanto os contemporaneos, entre tantos rípios de idéas, e expressões alambicadas, e referencias sem propriedade, por exemplo: a *vida presumida do bruto*, o *mar roxo de uma ferida*, a *morte que cabe a entrar por onde a vida não cabe para sahir*. O correctivo, *parecia*, poderá acaso justificar o hyperbole descommunhal de que o som dos golpes, que dura nos valles, fazia exequias ao touro em todo o ar? E que quer dizer as exequias de um touro? e quem pôde persuadir-se de que uma cutilada por grande que fosse, partindo um touro podesse produzir

um som tão rijo, e sonoro, que atroasse os arcos e chãos do nos valles? A mesma desproporção se encontra na sepultura aberta com os restos do golpe. O padre Francisco José Freyre censura com razão este hyperboto na sua Arte Poetica, e Francisco Manoel o mete a ridículo nos seguintes versos :

Oh tempo! tempo! em que um fidalgo nosso
C'um golpe de cataua abria um touro,
E c'os restos do golpe a sepultura,
Que o fizesse alguém hoje!

Outras vezes o poeta abusando da agudeza de seu espirito, se perde em uma multidão de methaphoras viciosamente engenhosas, que deslumbram o leitor a primeira vista, mas que depressa se conhece que peccam na falta de relação dos objectos entre si, como pôde verificar-se examinando com boa logica este soneto celebrando um cavallo do Conde de Sabugal, que fazia admiraveis meneios com os pés, e com as mãos.

SONETO.

Galhardo bruto, teu bizarro alento
Musica é nova, som que aos olhos canta,
Pois na harmonia de cadencias tantas
E' clave o freio, é solfa o movimento.

Ao compasso da rédea, ao instrumento
Do chão, que tocas quando a vista encanta,
Já baixas grave, e agudo já levantas
Onde o pisar é som, e o andar concerto.

Cantão teus pés, e teu meneio prompto,
Nas fugas não, nas clausulas medido,
Mit consonancias forma em cada ponto

Pois em falsas ayrosas suspendido,
Ergues em cada quebro um contraponto,
Fazes em cada passo um sostenido.

No meio deste chorrilho de vocabulos technicos, violentamente metaphoricos, e abundantemente applicados, poderá alguém encontrar, já não digo poesia, mas deducção logica, ou propriedade verosimil? Que ha de commum entre o *chão*, e um *instrumento*? entre *bizarro alento de um cavallo*, e uma *peça de musica*? como pôde dizer-se que o pizar é *tom*, e o andar *concento*? Pôde alguém deixar de rir-se lendo que o cavallo em cada pé que levanta *ergue um sustenido*, só porque a palavra *sustenido* significa *sustido*, e o pé sustem o animal?

E se ao menos estas idéas extravagantes estivessem em um soneto burlesco! mas é uma composição séria! Na verdade que disparate tal só pôde ter equivalente na approvação que a este soneto deu, no 1.º tomo da sua *Nova Arte de Conceitos*, o beneficiado Francisco Leitão Ferreira, homem aliás instruido, bom poeta, segundo o gosto do seu tempo, e consumado peripatetico; eis aqui o como elle se explica: « Quiz Antonio da Fonseca Soares elogiar um cavallo destrissimo no ensino da picaria, e recorrendo ao predicamento do *logar*, que comprehende em si todo o movimento, seguiu a metaphora da musica, por ser esta na praxe uma consonancia de vozes, composta de harmonicos movimentos, regulados por tempos, espaços, e medidas, em que as vozes destramente sobem, descem, pausam, esperam, ou fogem, advertidas das figuras, que as dirigem, e da mão do mestre que as compassa; á luz pois desta observação compôz o louvor neste soneto. » E copiando-o termina o capitulo.

Deste exemplo podemos tirar que se os poetas escreviam mal, os criticos julgavam ainda peor do que elles escreviam.

Finalmente, nem todos os sonetos de Antonio da Fonseca Soares descahem neste excessô de gongorismo: em muitos conserva elle um meio termo, que se não o exempta totalmente de censura, pelo menos lhe pôde grangear indulgencia. Tal é este, deplorando a morte do principe D. Theodosio, de quem a nação havia concebido as mais lisongeiras esperanças.

SONETO.

Ignorada razão, fatal mysterio,
 Que de um golpe acabasse a Parca impia,
 Esse, que foi da Lusa monarchia
 Astro, e cometa do dominio Iberio!

Desse, que encheu consigo este hemispherio,
 Tumulo é hoje pouca terra fria,
 E cabe assim, quem mal em si cabia,
 Pôr ser-lhe estreito o mais augusto imperio.

Acabou, ensinando na altiveza
 De que foi, que acabou, porque declina
 Todo o ser, que os fins toca da grandeza.

Pois si o ser grande a estragos se destina,
 Que thronos busca a humana natureza,
 Si é a grandeza achaque da ruina?

No soneto, que se segue, elogia Antonio da Fonseca Soares um poema, que o Conde da Torre havia composto com o titulo de *Firmez as de Lidio e Inconstancias de Marfisa*. Ignoro se este poema chegou a imprimir-se, ou se ficou sepultado entre os manuscriptos de alguma livraria; pois apesar das diligencias, que para isso fiz, não pude absolutamente depara-lo.

SONETO.

Por vossa penna, oh Conde illustre, rara,
 Já tão feliz Marfisa se pondera,
 Que hoje em vós por mudavel se venera,
 Mais que dantes por firmê se louvara.

Vê-se em ser vosso assumpto tão preclara,
 Tão sublime o discurso a considera,
 Que inconstante outra vez Lidio a quizera,
 Si outra vez vosso plectro a celebrara.

Por esta causa glorias mais seguras
 Buscou contente Lidio entre as tristezas,
 E Marfisa atinada entre as loucúras.

Pois de ambos, porque sam vossas emprezas,
 Fazeis firme a inconstancia entre as venturas,
 E a desgraça felice entre as firmezas.

Antonio da Fonseca Soares não é um poeta correcto quanto a estylo, mas é um poeta de grande engenho, facil, harmonioso, puro na linguagem, e que teria alcançado um lugar mui mais honroso no Parnaso lusitano se tivesse tido a fortuna de nascer em seculo de gosto menos corrompido, e se não se houvera recolhido ao claustro.

CAPITULO III.

Manoel Botelho de Oliveira.

O primeiro brasileiro, que ousou apresentar-se no Pindo demandando logar no templo das Musas, em virtude de uma collecção de poesias impressas, foi Manoel Botelho de Oliveira.

A sua pertença devia parecer ali muito estranha, não só por ser o pertendente um veneravel ancião septuagenario, coberto de respeitosas cãs, e mais proprio para rezar nas contas, e lér na Biblia, que para vibrar o plectro sobre as cordas da lyra, mas porque um carioca poeta era bicho, até então desconhecido, nos bosques da Castalia.

Tudo quanto Apollo, e as Musas sabiam de poesia brasileira, reduzia-se a algumas cantiguinhas amelaçadas, composições populares improvisadas ao som da cythara, e da viola, que os Satyros, e os Phaunos canta-

vam ás vezes por desfastio na falda do Monte sagrado, cantigas que apóz algum breve espaço de voga entre os ociosos, ficavam sepultadas nos papeis da solfa, e só duravam gravadas na memoria de alguns velhos: porém o exame do livro depressa convenceo as Pierides de que a terra de Santa Cruz não fóra destinada pelas Parcas só para produzir tabaco, e mandioca, coqueiros, e bananeiras, algodão, e canas de assucar, e nutrir nos seus rios descommunhaes sucruis, e ferocissimas gibois, que os seus bosques não eram propriedade exclusiva dos macacos, e papagaios: e desenganadas de que ali tambem se creavam poetas, fizeram benigno acolhimento ao primeiro, que se lhe apresentava com os favores de uma vida inteira.

Isto não quer dizer que o Brasil não tivesse já produzido poetas dignos deste nome; mas os seus versos, que nunca tinham feito gemer o prelo, dispersos, e manuscritos não os podiam ter feito conhecer si não de um pequeno numero de amigos.

Manoel Botelho de Oliveira foi natural da provincia da Bahia de todos os Santos, onde vio pela primeira vez a luz do dia, no anno de 1636: porém não está averiguado o mez, e o dia do seu nascimento. Seu pai chamavase Antonio Alvares de Oliveira, e era capitão de infantaria; de sua mãe ignora-se o nome.

Concluidos os primeiros estudos na sua patria, como o destinavam para a carreira litteraria, embarcou para o reino, e chegando a Lisboa, partio a tempo competente para Coimbra, em enja Universidade se matriculou no curso de jurisprudencia, que seguio até tomar nesta sciencia o grau de licenciado.

Naquelle cidade se aperfeçoou na lingua latina, aprendeu a lingua italiana, e estudou com mais affinco a castelhana, que era então a lingua da moda para a sociedade aristocratica, e para a sociedade poetica, porque era o idioma de Gongora, que era nessa epocha o oraculo da poesia, tanto em Portugal como em Castella.

Entre os muitos mancebos estudiosos com quem se relacionou em Coimbra, tem o primeiro lugar Gregorio de Mattos Guerra, como elle brasileiro, como elle estudante de direito, e como elle poeta. Tantas coinci-

deciã, deviam naturalmente ligar estes dous moços, e na verdade assim aconteceu, por que a sua amizade durou até á morte.

Posto que Manoel Botelho de Oliveira se distinguisse muito entre os seus contemporaneos no estudo das leis, nem por isso deixava de consagrar ao culto das Musas as horas vagas, e o tempo de descanso, que os seus estudos lhe deixavam; em companhia de Gregorio de Mattos percorria os frequentes outeiros, que tinham logar na cidade, e suburbios, especialmente nos conventos de freiras, onde se faziam taes festividades, já pelo orago do mosteiro, já pela eleição da prelada, ou pelo seu natalicio; ali os dous amigos improvisavam, ou recitavam versos, que sempre eram escutados com enthusiasmo, e applauso dos ouvintes.

Outras vezes os dous amigos celebravam em seus versos as graças, e os encantos das suas amadas; porém é trivial qua a Gregorio de Mattos dessem mais que fazer as baldas, e os ridiculos dos moradores de Coimbra, do qua os feitiços das damas; aquelle genio era tão essencialmente satyrico, que se julgava fóra do seu elemento quando a mordacidade lhe não servia de Musa.

Terminando o seu curso juridico, e tomado o capella de doutor, partiu Manoel Botelho de Oliveira para Lisboa, onde se demorou algum tempo, esperando occasião favoravel para regressar ao Brasil, e por intervenção dos seus amigos alcançou ser despachado com o fôro de fidalgo da casa real.

Restituído á Bahia, ao centro da sua familia, e aos seus amigos de infancia, começou o nosso poeta a exercer o mister de advogado, mister tão util como honroso quando o talento, e a probidade se juntam no mesmo sujeito.

E' mui criuel que estas duas qualidades assistissem na pessoa de Manoel Botelho de Oliveira, pois nos consta que fóra sempre mui acceto, e mui bem visto de todos os Governadores, que presidiram naquella provincia durante sua vida, e que fóra sempre muito amado, e respeitado dos seus conterraneos.

Como advogado fez-se notavel pela força, e subtileza dos seus argumentos, pela lucidez das suas provas, e pe-

lo zelo com que defendia os interesses dos seus clientes, respeitando sempre a lei, e as formulas legaes.

Servio muitas vezes o cargo de vereador da camara da Bahia, e foi capitão mór das ordenanças de uma das suas comarcas.

Zeloso do credito, e gloria litteraria da sua patria, vendo que a maior parte dos poetas seus contemporaneos como Gregorio, e Eusebio de Mattos, o padre Francisco de Sonsa, João de Brito e Lima, e Bernardo Vieira Ravasco, irmão do padre Antonio Vieira, haviam fallecido sem dar á luz as suas obras, expondo-as assim a perder-se, ou a ficarem em manuscripto, o que equivale a perda, resolveu publicar as suas, posto que em idade já muito avançada.

Com este louvavel intento colligio todos os seus versos em um volume, que foi licenciado em Lisboa, no anno de 1703, e impresso em 1704 na typographia de Miguel Manescal, impressor do tribunal do Santo Officio, e sahio á luz em 1705, em um volume de formato de 4.^o, com o titulo esquipatico de *Musica do Parnasso, dividida em quatro choros, Rimas Portuguezas, Castelhanas, e Latinas, com seu descante comico reduzido em duas Comedias.*

Este titulo é quanto póde ser gongoristico, mas felizmente o estylo da obra não corresponde á extravagancia do titulo. A Academia Real das Sciencias de Lisboa declarou classica, e texto de lingua a parte portugueza destas poesias, e isto já não abona pouco o merecimento dellas.

Dos seus versos em lingua estrangeira sam os latinos os que mais me agradam; quanto aos portuguezes sam em geral bem fabricados, correntes, e sonoros; as rimas faceis, e o estylo poetico; posto que ás vezes se resinta do cultismo castelhano; não deixa por isso de aproximar-se bastante ao dos bons escriptores da eschola italiana.

Ontro merito, e não pequeno de Manoel Botelho de Oliveira, attento o tempo em que escreveo, é certa porção de colorido americano, que tanto se faz desejar na maior parte dos poetas brasileiros, ainda os de maior esphera.

Resta agora apresentar aos leitores alguns trechos de

suas obras, que façam conhecer o alcance, e a indole do seu genio na poesia portugueza.

Havendo o poeta advogado uma causa, aconteceu que os juizes della dessem sentença contra o seu cliente, segundo a opinião delle, contra direito, e justiça. Este proceder daquelles magistrados o escandalisou tanto, que publicou contra elles o seguinte

SONETO.

Que julgas, oh ministro de justiça?
 Porque fazes das leis arbitrio errado?
 Cuidas que dás sentença sem peccado,
 Sendo que algum respeito mais te atiga!

Para obrar os enganos da injustiça,
 Bem que teu peito vive confiado,
 O entendimento tens todo arrastrado
 Por amor, ou por odio, ou por cobiça.

Si tens amor, julgaste o que te manda;
 Si tens odio, no inferno tens o pleito;
 Si tens cubiça, é barbara, execranda.

Oh miseria fatal de todo o peito!
 Que não basta o direito da demanda,
 Si o julgador te nega esse direito.

Este soneto é bom, mas não lhe fica inferior outro feito á morte do famoso orador o padre Antonio Vieira, e á de seu irmão Bernardo Vieira Ravasco, succedidas no mesmo tempo.

SONETO.

Creou Deos na celeste architectura
 Dous luzeiros com giro cuidadoso,
 Um, que preside ao dia luminoso,
 Outro, que presidisse á noite escura.

Dous luzeiros tambem de igual ventura
 Creou na terra o Artifice piedoso,
 Um, que foi da Escriptura sol famoso,
 Outro, planeta da ignorancia impura.

Brilhando juntos um, e outro luzeiro,
Com sabia discricção, siso profundo,
Não podia um viver sem companheiro.

Succedeo justamente neste mundo,
Que fenecendo aquelle por primeiro,
Este tambem fenece por segundo.

Na descripção da Ilha de Maré, que é um dos mais bellos trechos das poesias lusitanas de Manoel Botelho de Oliveira, verá o leitor, que a leia com reflexão, quanto basta para fazer idéa dos defeitos, e bellezas do estylo deste poeta brasiliense.

A ILHA DE MARÉ.

Jaz em obliqua fórma, e prolongada
A terra de Maré, toda cercada
De Neptuno, que tendo o amor constante
Lhe dá muitos abraços por amante,
E botando-lhe os braços dentro della
A pertende gozar por ser mui bella.

Nesta assistencia tanto a senhoreia,
E tanto a galanteia,
Que do mar de Maré tem appellido,
Como quem presa o amor do seu querido,
E por gozar das prendas amorosas
Fica maré de rosas,
E vivendo nas ancias successivas
Sam de amor marés vivas,
E se nas mortas menos a conhece,
Maré de saudades lhe parece.

Vista por fóra é pouco appetecida,
Porque aos olhos por feia é parecida,
Porém dentro habitada
E' muito bella, e muito desejada,
E como a concha tosca, e deslustrosa,
Que dentro cria a perola formosa:
Erguem-se nella onteiros

Com soberbas de montes altaneiros,
 Que os valles por humildes desprezando
 As presumpções do mundo estão mostrando,
 E querendo ser principes subidos
 Ficam os valles a seus pés rendidos.

Por um, e outro lado
 Varios lenhos se vêem no mar saigado,
 Que vam buscando da cidade a via,
 Outros della se vam com alegria,
 E na desigual ordem
 Consiste a formosura na desordem.

Os pobres pescadores em saveiros,
 Em canoas ligeiros,
 Fazem com tanto abalo
 Do trabalho maritimo regalo;
 Uns as rédes estendem,
 E varios peixes por pequenos prendem,
 Que até nos peixes, com verdade pura,
 Ser pequeno no mundo é desventura;
 Outros no anzol fiados
 Tem aos miseros peixes enganados,
 Que sempre de vil isca cubiçosos
 Perdem a propria vida por gulosos.

Aqui se cria o peixe regalado
 Com tal substancia, e gosto preparado,
 Que sem tempero algum para appetite,
 Faz guloso convite,
 E se pôde dizer, com graça rara,
 Que a mesma natureza os temperara.

Não falta aqui marisco saboroso
 Para tirar fastio ao melindroso;
 Os polvos radiantes,
 Os lagostins flammandes,
 Camarões excellentes,
 Que sam dos lagostins pobres parentes;
 Retrogrados cangrejos
 Que formam pés das boccas com festejos.

Chama o poeta aos caranguejos *retrogrados*, porque dizem que andam para traz; mas isto é uma idéa errada do vulgo, porque a verdade é, que aquelles mariscos andam para a ilharga.

Ostras, que alimentadas
Estam nas pedras, onde sam geradas,
Em fim tanto marisco, em que não fallo,
Que é vasto perrexil para o regalo.

As plantas sempre nella reverdecem,
E nas folhas parecem,
Desterrando do inverno os dissabores,
Esmeraldas de Abril em seus verdores,
E dellas, por adorno appetecido,
Faz a divina Flora seu vestido.

As fructas se produzem copiosas,
E sam tão deleitosas,
Que como juncto ao mar o sitio é posto,
Lhe deu salgado o mar o sal do gosto;
As cannas fertilmente se produzem,
E a tão breve discurso se reduzem,
Que, por que crescem muito,
Em doze mezes lhe sasona o fruito,
E não quer, quando o fruito se deseja,
Que sendo velha a canna fertil seja.

As laranjas da terra
Poucas azedas sam, antes se encerra
Tal doce nestes pomos,
Que o tem clarificado nos seus gomos;
Mas as de Portugal entre alamedas
Sam primas dos limões, todas azedas.

Com perdão do poeta, as laranjas de Portugal não são todas azedas, como elle diz; pelo contrarió sam reconhecidas pelas melhores da Europa, sém exceptuar mesmo as mais affamadas da Italia. Nós tambem temos comido laranjas do Brasil; sam mui grandes; e enjoam por demasiado doces, falta-lhe aquelle sabor acido, que tor-

na as nossas tão agradaveis ao paladar ; tem além disso menos aroma, mais entrecasco, e menos çumo que as nossas, e a pelle menos lisa ; mas o author era carioca, e queria achar em tudo a doçura do meçoço.

Nas que chamam da China
Grande sabor se affina,
Mais que as d'Europa doces, e melhores,
E tem sempre a vantagem de maiores,
E nesta maioria
Como maiores sam tem mais valia.

Os limões não se presam,
Antes, por serem muitos, se despresam.
Ah ! se Hollanda os gozara
Per nenhuma provincia se trocara.

As cidras amarellas
Cahindo estam de bellas,
E como sam inchadas, presumidas,
E' bem que estejam pelo chão cahidas.

Cahir de maduras as fructas sei eu muito bem o que quer dizer ; mas *cahirem de bellas*, é para mim loquocão exotica, e inintelligivel, pois não sei como a belleza de um pomo possa ser causa delle cahir.

As uvas moscateis sam tão gostosas,
Tão raras, tão mimosas,
Que si Lisboa as vira, imaginara
Que alguem de seus pomares as furtara ;
Dellas a producção por copiosa
Parece milagrosa,
Porque dando em um anno duas vezes
Geram dous partos sempre em doze mezes.

Os melões celebrados
Aqui tão docemente sam gerados,
Que cada qual tanto sabor alenta,
Que sam feitos de assucar e pimenta,
E como sabem bem com mil agrados
Bem se pôde dizer que sam letrados.

Melões feitos de assucar e pimenta devem na verdade ter um gosto superior!

Não fallo em Valariça, nem Chamusca,
 Porque todos offusca
 O gosto destes, que esta terra abona,
 Como proprias delicias de Pomona!

As melancias com equal bondade,
 São de tal qualidade,
 Que em quanto docemente nos recréa,
 E' cada melancia uma colméa,
 E ás que tem Portugal lhe dão de rosta,
 Por insulsas aboboras no gosto.

Aqui não faltam figos,
 E os solicitam passaros amigos,
 Appetitosos de sua doce usura,
 Porque cria appetites a doçura,
 E quando acaso os matam,
 Porque os figos maltratam,
 Parecem mariposas, que embebidas
 Na chamma, alegres vam perdendo as vidas.

As romãs rubicundas, quando abertas,
 A' vista agrados sam, á lingua ofertas,
 Sam thesouros das fructas entre affagos,
 Pois sam rubis suaves os seus bagos;
 As fructas quasi todas nomeadas
 Sam ao Brasil d'Europa trasladadas,
 Porque tenha o Brasil por mais façanhas
 Além das proprias fructas as estranhas.

Pela mesma razão de que estas fructas foram trasladadas da Europa para o Brasil devia o poeta ter sido menos prolixo na sua enumeração, fallando-nos antes das indigenas, para dar ao seu estylo algum colorido local.

E tractando das proprias, os coqueiros
 Galhardos, e frondosos,
 Criam cocos gostosos,

E andou tão liberal a natureza,
 Que lhes deu por grandeza
 Não só para bebida, mas sustento,
 O nectar doce, o candido alimento;
 De varias côres sam os cajús bellos,
 Uns sam vermelhos, outros amarellós,
 E como varios sam nas varias côres,
 Tambem se mostram varios nos sabores,
 E criam a castanha,
 Que é melhor que a de França, Italia, Hespanha.

O gosto das castanhas de cajú é na verdade excellente; mas tambem o poeta contará entre os seus títulos de superioridade sobre as da Europa o fumo, é pessimo cheiro, que exhalam quando se assam?

As pitangas fecundas
 Sam na côr rubicundas,
 E no gosto picante comparadas
 Sam d'America ginjas disfarçadas.

As pitombas douradas, si as desejas,
 Sam de gosto melhores, do que as cerejas;
 E para terem o primor inteiro
 A vantagem lhes levam pelo cheiro.

Os araszes, grandes, ou pequenos,
 Que na terra se criam, mais, ou menos,
 Como as peras d'Europa engrandecidas,
 Com ellas variamente parecidas,
 Tambem se fazem dellas
 De varias castas marmeladas bellas.

As bananas no mundo conhecidas
 Por fructa, e mantimento appetecidas,
 Que o ceo para regalo, e passatempo
 Liberal as concede em todo o tempo,
 Competem com maçãs, ou baonezas,
 Com peros verdeaes, ou camoezas,

Não posso attingir que relação, ou similitança encontrou o author entre as bananas, e as maçãs, e os peros

verdeaes ! Si dissesse que competiam com os figos, parece-me que teria mais razão.

Tambem servem de pão aos moradores
 Si da farinha faltam os favores,
 E' conducto tambem, que dá sustento
 Como si fossè proprio mantimento :
 De sorte que por graça, ou por tributo
 E' fructo, é como pão, serve ao conducto.

A pimenta elegante
 E' tanta, tão diversa, e tão picante,
 Para todo o tempero accommodada,
 Que é muito avantajada
 Por fresca, e por sadia
 A' que n'Asia se gera, Europa cria.

O mamão por frequente
 Se cria vulgarmente,
 E não o presa o mundo
 Por ser muito vulgar em ser fecundo.

O marujá tambem gostoso, e frio
 Entre as fructas merece nome, e brio,
 Tem nas pevides mais gostoso agrado
 Do que assucar rosado,
 E' bello, cordeal, e como é molle
 Qual suave manjar todo se engolle :
 Vereis os ananazes,
 Que para reis das fructas sam capazes,
 Vestem-se de escarlata,
 Com magestade grata,
 Que para ter do imperio a gravidade
 Logram da verde côroa a magestade ;
 Mas como tem a c'rôa levantada,
 De picantes espinhos rodêada,
 Nos mostram que entre reis, entre rainhas,
 Não ha c'rôa no mundo sem espinhas ;
 Este pomo celebra toda a gente,
 E' muito mais que o pecego excellente,
 Pois lhe leva vantagem gracioso
 Por maior, por mais doce, e mais cheiroso.

Esta pintura do ananaz, é na verdade poetica, e graciosa. Em geral os brasileiros, e as pessoas, que tem estado no Brasil o gabam como o rei das fructas: "E' um fructo (me dizia enfaticamente o poeta brasileiro, José Eloy Othoni), que sabe a todas as fructas, e junta o aroma de todas ellas." Mas apesar disso, eu tenho para mim que um bom melão do reino não lhe cede em perfume, e é muito mais delicado no sabor; pelo menos quando se come não se encontram na bocca certas fibras duras, e lenhosas, que presenta o ananaz. E' certo que os que tenho tido não eram do Brasil, mas da Madeira, e Africa, mas não creio que essa circumstancia produza tanta differença entre estes, e aquelles, que por uns se não possam avaliar os outros.

Além das fructas, que esta terra cria,
 Tambem não faltam outras na Bahia,
 A mangava mimosa
 Salpicada de tintas por formosa,
 Tem o cheiro famoso
 Como se fôra almiscar oloroso;
 E' produção do mato
 Sem querer da cultura o duro tracto,
 Que como em si toda a bondade apura
 Não quer dever aos homens a cultura;
 Oh que galharda fructa, e soberana
 Sem ter industria humana!
 E si Jove as tirara dos pomares
 Por ambrosia a pozera entre os manjares.
 Com a mangava bella a similhança
 Do macuje se alcança,
 Que tambem se produz no mato inculto
 Por soberano indulto,
 E sem fazer ao sol injusto agravo
 Na bocca se desfaz qual doce favo.

Outras fructas dissera, porém basta
 Das que tenho descripto a varia casta,
 E vamos aos legumes, que plantados
 Sam do Brasil sustentos duplicados.

E vamos aos legumes, é formula prosaica, expressão baixa, que por isso não devia encontrar-se em um poema; porém o author é muito sujeito a estas negligencias de estylo.

Os mangarás, que brancos, ou vermelhos
Sam da abundancia espelhos,
Os candidos inhames, si não minto,
Podem tirar a fome ao mais faminto.

Tirar a fome ao mais faminto é cousa que podem fazer todas as substancias alimenticias, parece-me por isso rasgo de pouca discrição attribuir este effeito sómente ao inhame, e ao mangarás!

As batatas, que assadas, ou cosidas,
Sam muito appetecidas;
Dellas se faz a bella batatada
Das belgicas nações solicitada;
Os caras, que de roxo estão vestidos,
Sam loyos dos legumes parecidos,
Dentro sam alvos, cuja côr modesta
Se quiz cobrir de roxo por honesta.

A expressão rebuscada, e gongoristica de *loyos* dos legumes faz sentir ainda mais o prosaismo dos primeiros versos desta estrophe.

A mandioca, que Thomé sagrado
Deu ao gentio amado,
Tem nas raizes a farinha occulta,
Que sempre o que é feliz se difficulta,
E parece que a terra de amorosa
Se abraça com seu fructo deleitosa;
Della se faz com tanta actividade
A farinha, que em facil brevidade
No mesmo dia, sem trabalho muito,
Se arranca, se desfaz, se cose o fructo.

Delia se faz tambem com mais cuidado
O beiju regalado,

Que feito tenro por curioso amigo,
Grande vantagem leva ao pão de trigo.

Os aypins se aparentam
C'o a mandioca, e tal favor alentam
Que tem qualquer, cosido, ou seja assado,
Das castanhas d'Europa o mesmo agrado,

O milho, que se planta sem fadigas,
Todo o anno nos dá faceis espigas,
E é tão fequendo em um, e em outro filho,
Que sam mãos liberaes as mãos de milho.

O arróz semeado
Facilmente se vê multiplicado,
Cale-se de Valença, por estranha
O que tributa Hespanha,
Cale-se do Oriente
O que come o genio, e a lysia gente,
Que o do Brasil, quando se vê cosido,
Como tem mais substancia é mais crescido.

Tenho explicado as fructas, e legumes,
Que dam a Portugal muitos ciumes,

Tenho recopilado
O que o Brasil contém para invejado ;
E para preferir a toda a terra
Em si perfectos quatro AA encerra :
Tem o primeiro A nos arvoredos,
Sempre verdes aos olhos, sempre lédos ;
Tem o segundo A nos ares puros,
Na temperie agradaveis, e seguros ;

Creio que não dirão outro tanto os que sam experi-
mentado a temperatura ardente, e suffocadora do Pará,
e do Maranhão ! O poeta faz aqui como alguns pregado-
res, que costumam representar o sancto de quem pré-
gam como o maior sancto da côrte dos céos.

Tem o terceiro A nas aguas frias,
Que refrescam o peito, e sam sadias ;

O quarto A no assucar delectoso,
 Que é do mundo o regalo mais mimoso;
 Sam pois os quatro AA por singulares
 Arvoredos, assucar, aguas, ares.

Nesta ilha está mui lédo, e mui vistoso
 Um engenho famoso,
 Que quando quiz o fado antigamente
 Era rei dos engenhos preeminente;
 E quando Hollanda perfida, e nociva
 O queimou, renasceu qual phenix viva:

Aqui se fabricaram tres capellas
 Ditosamente bellas;
 Uma se esmera em fortaleza tantá,
 Que de abobeda forte se levanta,
 Da Senhora das Neves se appellida
 Renovando a piedade esclarecida,
 Quando em devoto sonho se vio posto
 O nevado candor no mez d'Agosto;
 Outra capella vemos fabricada
 A Xavier illustre dedica,
 Que o Maldonado, parochó entendido,
 Este edificio fez agradecer
 A Xavier, que foi com sacro alento
 Gloria da Igreja, do Japão portento.
 Outra capella aqui se reconhece
 Cujo nome a engrandece,
 Pois se dedica á Conceição sagrada
 Da Virgem pura, sempre immaculada,
 Que foi por singular, e mais formosa
 Sem mancha lua, e sem espinhos rosa.

Esta Ilha de Maré, ou da alegria,
 Que é termo da Bahia,
 Tem quasi tudo quanto o Brasil todo,
 Que de todo o Brasil é leve apodo;
 E si algum tempo Cytheréa a achara,
 Por esta a sua Chypre despresara;
 Porém tem em Maria verdadeira
 Outra Venus melhor por padroeira.

Não pertendo menoscar esta descripção da ilha de Maré, mas parece-me que está mui longe do que devia ser. O poeta perde-se em uma longa e prosaica nomenclatura das plantas, e legumes que produz; mas esquece-se de representar a nossos olhos a sua exposição maritima, e celeste; as suas fontes e regatos; os aspectos pitorescos das suas colinas, e o engraçado, e grandioso dos seus arvoredos, e os principaes animaes que produz: mas o poeta não podia saber tanto, por que no seu tempo não haviam apparecido, ou pelo menos não eram conhecidos entre nós os modélos do genero descriptivo.

Manoel Botelho de Oliveira não é um poeta de primeira ordem, está muito longe d'isso, mas é um escriptor puro, posto que nem sempre elegante, menos evado de gongorismo do que o geral dos seus contemporaneos, e muitas vezes não desprovido de originalidade: a sua versificação é corrente, e harmoniosa. Tambem não é para mim pequeno titulo de gloria o ser elle o primeiro poeta do Brasil, que não se envergonhou de ser tido por americano, pois apresenta nas suas composições alguns rasgos de colorido local. Posto que educado na Europa, longe de desprezar a terra do seu nascimento mostra por ella um enthusiasmo ás vezes excessivo, mas que muito honra os sentimentos do seu coração. O seu nome, e ainda mais, as suas obras sam quasi desconhecidas em Portugal, e pouco mais no Brasil aonde mesmo sam raras. É com tudo este poeta, fazendo-lhe justiça, não merece semelhante esquecimento. Segundo porém o gosto que no Brasil se vai manifestando pelos estudos amenos, e em especial pela poesia, podemos esperar que algum litterato, ou typographo se lembre de fazer resuscitar a gloria deste poeta, fazendo uma edição nova das suas poesias.

Manoel Botelho de Oliveira falleceu na cidade da Bahia, no dia 5 de Janeiro de 1711, segundo affirmo o conego Januario da Cunha Barbosa.

CAPITULO IV.

Manoel Tavares Cavalleiro.

É circumstancia mui digna de observação, tanto nos tempos antigos como nos modernos, a alliança entre a medicina, e a poesia, que muitas vezes se encontram cultivadas pelo mesmo individuo. Arato, e Nicandro entre os gregos, Virgilio, e Sannazaro entre os latinos, Petrarca, e Fracastor entre os italianos, Haller, e Wither entre os alemães, Darwin, e Garth em Inglaterra, são sufficientes provas desta asserção.

Mas de que virá esta tendencia para o cultivo das Musas nos homens que se consagram ao estudo da arte de curar? Será porque ambas estas faculdades tem por objecto a observação, e estudo da natureza? Pode bem ser: o exemplo dos doutores Nolasco, Mello Franco, e Lima Leitão mostram que Portugal não carece tambem de facultativos poetas.

Neste numero deve contar-se Manoel Tavares Cavalleiro, cujo nome está á testa do presente capitulo, e de quem daremos as poucas noticias, que nos foi possível alcançar.

Nasceu este poeta na cidade de Portalegre, na fértil provincia do Alentejo; não consta a data precisa do seu nascimento; mas como as licenças para a impressão das suas poesias são datadas de 1675, posto, que só em Dezembro de 1687 alcançassem a permissão de poderem correr, o que prova que só depois deste tracto, na verdade longo, é que o poeta pôde, ou quiz entregá-las ao prelo; parece-me que sem grande perigo de errar podemos suppôr que este author nasceria em 1645, pouco mais, pouco menos, isto é, trinta annos antes de pedir a licença para a publicação de seus versos, que elle proprio confessa no prologo serem obra de sua adolescen-

cia, *quando para apagar as sombras da sua ignorancia não havia mais luz do que a grammatica.*

Iguoramos egualmente quem foram seus paes, si era de família illustre ou plebea, com que mestres estudou as disciplinas preparatorias, e aonde.

É porém certo que cursou na Universidade de Coimbra as aulas de medicina com bastante aproveitamento, e nella recebeu o grau de licenciado, e de lá regressara á sua patria, onde passou tranquillamente a vida, no exercício da clinica, gozando sempre como medico de grande reputação, por causa da felicidade que o acompanhava no tractamento dos enfermos.

Não queremos dizer com isto, que Manoel Tavares Cavalleiro fosse um grande facultativo, por que sabemos o grande atrazo em que naquella epocha estava entre nós a medicina, a cyrurgia, e as mais sciencias naturaes, de que tanto aquellas facultades se ajudam; mas sem ser um medicó consumado, podia bem dar-se que tivesse mais alguns conhecimentos que os seus contemporaneos, ou mesmo que tivesse mais tino, e felicidade do que elles.

Testefica elle proprio que desde mui tenros annos despertara nelle o amor da poesia, e é mui de crêr que nella, em idade mais avançada, procurasse distração ao penoso encargo de visitar doentes, ao aspectó de cujas dôres, e acerbos padecimentos não pôde deixar de commover-se todo aquelle que alcançou da natureza um coração piedoso, e sensível.

Não consta igualmente se permaneceu no estado do celibato, ou se dobrou o collo ao jugo de hymeneo, e nesse caso se deixou descendencia: a mesma incerteza existe acerca do tempo, e do local do seu obito.

As poesias de Manoel Tavares Cavalleiro, que com o titulo de *Ramalhete Juvenil* sahiram á luz em Lisboa, na officina de Miguel Deslandes, fórman um pequeno volume em 8.º, contendo tres cantos de lyras, ao todo trinta, cincoenta sonetos, tres eclogas, dez canções, vinte e cinco romances, redondilhas, decimas, e outras composições deste genero.

Manoel Tavares Cavalleiro é um poeta essencialmente mediocre, tem mais espirito que talento, mais graça que imaginação, mais delicadeza que força; a sua linguagem

é em geral pura, a sua expressão muitas vezes elegante, o seu estylo facil, corrente, e ameno, a sua versificação harmoniosa, e as suas rimas bem collocadas. Posto que seja alumno da eschola hespanhola, e grande admirador de Gongora, soube preservar-se do excesso de desvarios, e dos conceitos affectados, em que se despenharam a maior parte dos seus coevos, o que prova que lhe não faltava de todo o bom gosto.

Foi socio de algumas Academias, como se depreheende dos assumptos, que ás vezes tractou, e que eram dados naquellas reuniões litterarias para os socios discorrerem; assumptos quasi sempre phantasticos, insolitos, exquisitos, e ridiculos, que não cooperaram pouco para a completa corrupção do gosto, obrigando os authores a discretear sobre objectos futeis, e estranhos, desviando-os assim da singeleza, e moderação, que a razão, e a natureza prescrevem. Que podia dizer um poeta obrigado a fazer versos sobre uma luz, que se apagava na presença de uma dama? Vejamos como Monoel Tavares se tirou deste bello thema.

DECIMAS.

Lume, cuja luz tão rara
Resplandecente alumia,
Que nas ausencias do dia
Tornar póde a noite clara:
Belleza tal porque avara
Se mostra de luzimento?
Recobra, luz, novo alento
Não te exponhas a desmaios;
Porque se eclypsam teus raios,
E outros luzem com augmento.

Não me atrevo a consentir
Que sem escusa recuses
Mostrar-me umas bellas luzes
De que aprendes a luzir;
Não me queiras encobrir
Com tão rigorosa lei
O resplendor, que admirei
No lume de uns olhos bellos,

Que inda que morro de vê-los,
Mais de os não vêr morrerei.

Si o fazes por ter inveja
De os olhos não pôr em ti,
Foi porque outros lumes vi
De luz muito mais sobeja;
Mas antes, si é que deseja
Luzir mais teu resplendor,
Mais mostrará seu primor
Quanto melhor descobrir
A quanto chega o luzir
De uns olhos, que o dam maior.

Mas não me atrevo a soffrer
Que a deixar em sombra escura
Te atrevas uma luz pura,
Que ao Sol pôde escurecer;
Mais ai que chegaste a vêr
Luzes, que sam para ti,
Soes para sombra, e assi
Quando taes as descobriste,
Si morres, é porque as viste,
Pois eu morro porque as vi.

Em morrer por luzes taes,
Clara luz, te assim disvellas,
Porque morrendo por ellas
Alcanças na vida mais:
Tanto esses transes mortaes
Que experimentas, eu te invejo,
Que se queixa o meu desejo
Da mesma gloria não ter,
Que tu ganhas em morrer
Pela que em taes olhos vejo.

Mas emfim, por estranheza
Não tenbo teu lance esquivo,
Porque descubro o motivo
Da tua esquiva rudeza;
E' porque a rara belleza

Te vence de outros fulgores;
 Pois como seus resplendores
 Perdem e' o sol as estrellas;
 A' vista de outras mais bellas
 Cessam as luzes menores.

Já que nos achamos neste ensejo, vejamos outro assumpto dos chamados academicos, que tanto naquelle tempo aguçavam o espirito dos infelizes habitantes do Parnaso, que andavam desperdicando o seu tempo, e cançando a imaginação em busca de conceitos proprios de objectos tão interessantes.

A um galã, a quem a sua dama deu por prenda o salto de um çapato.

DECIMAS.

Apesar de quem murmura
 Farei, senhor, que se entenda
 Vos abaixastes á prenda
 Levantado da ventura:
 Foi pois, porque em tanta altura
 Se admirou, em caso tal
 Vossa dama, que em signal
 De que o erro conheceu,
 Dando um salto se desceu
 Por ficar comvosco igual.

Mostra o primor desta acção
 Tanto estimar vossa fé,
 Que vos vai dando de pé,
 Quanto lhe ganhais de mão;
 Estimai-lhe o galardão,
 Ainda que o deo barato,
 Pois tendes nelle o recato
 Dos que podem murmurar,
 Que não são para chegar
 A' sola do seu çapato.

Quem faz de impossiveis conta,
 Por termo infalivel tenha,

Nesse instante se despenha,
 Que mais alto se remonta;
 Mas vós, livre desta affronta
 Ficais na vossa subida,
 Pois quando a sorte homicida
 Vos despenha de tão alto,
 Vós assim tomais o salto,
 Que o não julgo por cahida.

Si de principios falsos é impossivel deduzir consequencias rectas, como será possivel que um poeta sobre argummentos futeis, ridiculos, e extravagantes possa compôr senão extravagancias, futilidades, e conceitos falsos, e alambicados, como se vê nestes versos, e em todos os que sobre semelhantes materias se lêem nas collecções das Academias deste tempo, e nas obras dos poetas, que foram membros dellas? E' raro que um homem, ainda de mediano talento, deixe de escrever bem sobre um bom assumpto, porque este naturalmente o auxilia, e lhe desperta idéas convenientes; mas é muito mais raro ainda que um talento de primeira ordem possa produzir obra boa sobre assumpto ingrato, rebelde, ou absurdo; que o não inspira, nem lhe exalta a imaginação, nem lhe dá ardor ao coração. Não era acaso Milton um genio' de primeira ordem? Quem vóu mais alto do que elle na *Paraiso Perdido*? E porque nos parece elle tão desigual a si no *Paraiso Restaurado*? Porque este assumpto tem tanto de triste, e de esteril quanto o primeiro de grandioso, de pathetico, e de sublime. Foi por isso que todos os criticos judiciosos nas suas poeticas insistem tanto em recomendar aos poetas, que escolham assumptos de sua natureza nobres, elevados, e ricos, que se oundem a phantasia, e auxiliem o engenho, na boa execução delles.

Nada menos campestre do que as eclogas de Manoel Tavares Cavalleiro: os seus actores, pastores no nome, sam na linguagem cidadãos, e cidadãos muy polidos, que exprimem os seus amores com um estylo tão elegante, que parece terem frequentado a eschola de Tibulo, ou de Propercio; véja-se como na ecloga primeira Orsindo explica o estado de duvida em que se encontra sobre preferir Celia a Florina, ou esta áquella.

ORSINDO.

Ai chara Cella minha,
 A quem frequencia justa
 De habitual pensão meu peito amante
 Já tributado tinha,
 Que estranha dôr me custa
 Quebra comvosco ter fé tão constante!
 Mas quem tão de diamante
 Cercado encerra o peito
 Que á sobrehumana vista
 De Florina resista,
 Sem captivo se vêr do bello objecto,
 Enjo altivo primor
 Matar de amores pôde o mesmo Amor?

Quem na urgencia forçosa
 De obrigação alguma
 Tanto em fidelidade resplandece,
 Que em materia amorosa,
 Gosto alheio costuma
 Preferir sempre ao seu proprio interesse?
 Mas ai que assim carece
 Do mais, que afformoseia
 Animos immortaes,
 Quem não o obriga mais
 Que o gosto proprio, cortezia alheia?
 Ingratidão é dura
 Gosto não dar a quem mo dar procura.

Será porém possível
 Poder-me inteiramente
 Da obrigação remir, que me sujeita?
 Tendo por infalível
 Que como a diferente
 Fôrma de objectos dous mandar perfeita
 Não posso a vista estreita,
 Nenhuma obediencia
 N'um tempo a dous senhores
 Servir, nem dous amores

Pagos vi de uma sú correspondencia :

Quem esta repartio

Egual um, e outro amor nunca servio.

Na verde primavera

Dos annos mais floridos,

Quando as flechas provei do moço alado,

A causa Celia era;

E agora divertidos

Traz de Florina os olhos meu cuidado,

De ambas me véjo amado,

São por extremo bellas,

Minha alma esta roubou,

Aquella lha ganhou,

Digna de estimação é qualquer dellas :

Não sei nesta fadiga

Que emprenda, de que fuja, e que prosiga !

Não negarei que estes versos são bons, que os pensamentos são engenhosos, e ás vezes nobres; mas pergunto ao leitor judicioso se encontra nisto alguma cousa que seja pastoril? Se este estylo, poetico quanto quizerem, não é mais academico, que campestre? Si é assim que se exprimem os pastores das eclogas de Ferreira, de Bernardes, ou de Camões? Si o poeta não queria ou não sabia revestir os seus pensamentos de imagens campestres, porque pôz o nome de eclogas a estas composições? Porque alcunhou de pastores as personagens que nellas introduziu a fallar? Para que havia incorrer na censura de Horacio na sua Arte Poetica :

Descriptas servare vices, operumque coloses

Cur ego, si nequeo, ignoroque Poeta salutor?

Si o pastor Orsindo se mostra burguez vestido de currão, a pastora Florinda não lhe fica devendo nada em discrição, e cortezania de linguagem: ouça-a o leitor, e véja o que lhe falta para uma perfeita elegante de salão.

Successo estranho, nunca imaginado!

Quem com ventura igual te mereceu

Para logro do bem mais estimado?

Da estrella mais feliz que habita o Céo,
Fostes guiado aqui, dando-me a dita
Que atégora a desgraça me escondeu.

Si uma pura afeição, que amor me incita,
Na vossa estimação tem algum preço,
Sempre me vivirá no peito escripta.

E supposto incapaz eu reconhecô
Este sujeito meu, de um tão ativo
Serva me chamarei, si inda o mereço

.....
Ignoro qual de nós o mais culpado
Neste descuido foi; mais de mil gyros
Tem dado a clara luz do sol dourado,

Que o peito meu dos amorosos tyros
Vencido jaz, e quanto nelle occulto
Tem seu temor, divulgam meus suspiros.

O inutil voto do receio estulto,
Seguindo contra amor, dissimulando
Meu mal, delle o remedio difficulto.

Bem pôde o brando olhar d'um gesto brando,
Que descobrir deixei, o doce emprego
Ir dos cuidados meus manifestando.

Mas amor, que do meu desassocégo
Foi sempre author, o logro dilatava
Do amado bem, a que ditosa chego.

E que penosa dór me não custava
Poder imaginar que outro o bem tinha
Que eu com razão maior solicitava?

Si o premio logro já, que me convinha,
Por tão digna eleição, e justo accerto,
Mil parabens me dou da sorte minha.

Em uma grade de freiras, quando era moda frequen-
ta-las, não seria facil ouvir concertos mais finos, nem
mais requibrados; e chamava-se a isto estylo pastoril.
Não se entenda porém que censurando esta cultura, e
refinamento das eclogas de Manoel Tavares Cavalleiro,
approvo nellas o estylo rustico, de que Manoel de Faria
e Sousa, e mesmo Francisco Rodrigues Lobo se servi-
ram nas suas. E' necessario que o estylo dos poemas par-

loris nem; seja tão artificioso; e elevado que se perca nas aúvens; nem tão rasteiro, e desalinhado que ofenda os ouvidos: delidados: tão ridiculo é o pastor de; uma ecloga quando se exprime tão refinadamente como Orsindo: aqui, como expressando-se como os de Faria e Sousa, em linguagem barbara, e plebea; a phrase dos authores destes pequenos dramas deve ser singela, e graciosa; mas não tão rude que atropelle, e desacate a grammatica. Veja-se como Theocrito entre os antigos, e Geslier entre os modernos, souberam attingir o meio termo que requer o caracter destes poemas: a judicioso Bóileau no canto II. da sua Arte Poetica; depois de comparar o Idylho a uma pastora, que nos dias de festa não adorna a cabeça com rubins, mas com as simples flores do campo, caracteriza assim o estylo pastoril:

Telle, aimable en son air, mais humble dans son style,
Doit eclater sans pompe une elegante Idylle;
Son tour simple, et naïf n'a rien de fastueux,
Et n'aime point l'orgueil d'un vers presomptueux:
Il faut que sa douceur flate, chatouille, éveille,
Et jamais de grands mots n'épouvante l'oreille.

Mais souvent dans son style un rimeur aux abois,
Jette là de dépit la flûte, et le hautbois
Et follement pompeux dans sa verve indiscreté
Au milieu d'une Eglogue entonne la trompette.
De peur de l'écouter Pan fuit dans les roseaux;
Et les Nymphes, d'effroi, se cachent dans les eaux.

Mas se o severo censor condemna na ecloga o estylo demasiadamente elevado, e as idéas não campestres, não se mostra mais favoravel ás escriptas em estylo rustico, e linguagem plebea.

Au contraire cet autre, abject dans son langage,
Fait parler ses Bergers comme on parle au village;
Ses vers plats, et grossiers, depouillés d'agrement,
Toujours haïssent la terre, et rampent tristement:
On dirait que Ronsard sur ses pipeaux rustiques

Vient encor fredonner ses idylles gothiques;
Et changer, sans respect de l'oreille, et du son,
Lycidas en Pierrot, et Phylis en Toinon.

Tem razão Boileau; a ecloga é um poema, e um poema não pôde prescindir do estylo poetico, embora simples, e singelo. Os interlocutores de uma ecloga não devem fallar como os guarda-porcões, e cabreiros das nossas aldeas enfiando barbarismos, e solecismos uns nos outros; e usando de phrases, e termos chulos. Boileau chega a accusar Ronsard pelos nomes rúnicos dos seus pastores, e nisto tambem tem razão, por que a melodia dos nomes além de recrear o ouvido, dá subtileza ao verso. O mais galante é que parece que quando o grande critico francez, escreven aquelle trecho da sua Arte Poetica, tinha lido na vespera as eclogas de Sá Miranda, Lobo, Faria e Sousa, e Bernardim Ribeiro, em que a rusticidade do estylo se junta, a trivialidade dos nomes, porque Joanna, Madanella, Bicio, Braz, Ignez, e os outros quejandos nomes que ali apparecem não são menos grosseiros, e antipoticos, que os de Pierrot, e Toinon dos idyllios de Ronsard, de que elle escarneou chamando-lhe gothicos.

Pela minha parte direi, que entre os dous extremos do estylo pastoril, prefiro o que é nobre demais ao que demais é rustico, pela razão de que, se uma composição campestre escripta em estylo sublime não pôde ser uma ecloga, ao menos pôde ser um poema, que interesse, e dê gosto a lêr-se; mas uma ecloga em estylo rustico não pôde deixar de causar tedio a todo o leitor que não tenha o gosto corrompido.

Mánoel Tavares Cavalleiro tinha nascido poeta lyric; e bom testemunho d'isso são as suas canções em geral, escriptas no tom, e estylo proprio desta qualidade de composições; nellas vemos aquelle tom de sensibilidade, e de terna melancholia de que Petrarcha, e a sua escola havia revestido este poema, essencialmente romantico, que sem ter a elevação, e a impetuosidade da ode; tem com tudo bastante similhaça com ella, e com a elegia erotica dos antigos: a estas prendas junta este poeta outro merito não pequeno, que é a brevidade, tanto de ca-

da uma das canções, como dos ramos della. Estes predicados pôde observar-se na canção I. a uma ausencia.

CANÇÃO.

Agora, em quanto a luz de Phebo errante
 Levando em carro ardente
 Aos antipodas vai o claro dia,
 Saia dos olhos meus licor manante,
 Sendo com a corrente
 Liquido augmento desta fonte fria;
 Sobre a margem sombria
 Deste rio sereno,
 Que do florido ameno
 Se orna lauçan, brilhante se corôa,
 Pena lamentarei, que me magôa.

Cahindo a sombra vem da noite escura,
 Foi-se a tarde serena,
 Passando as horas vam do tempo vario;
 E só passar de mim minha tristura
 Não soffre a grave pena,
 E amarga dôr, que choro solitario!
 E' meu maior contrario
 Meu proprio pensamento,
 Que em machinas de vento
 Meu desejo enthronisa remontado,
 Traz elle vou, e vou precipitado.

Dobra-se minha dôr, e é tão penosa;
 Que geme a paciencia
 Opprimida do mal intoleravel;
 Saudade triste, e mogor' saudosa
 Effeitos de uma ausencia;
 Que o bem me desterrôu mais agradavel,
 Queixume lamentavel
 Em vão ao ar derramo,
 Só o misero reclamo
 Triste entoando vai desta agua pura
 Surdo rumor, que trepido murmura.

Meu pranto acompanhai serenas aguas,
 E tu, aura suave,
 Presta a suspiros meus errante alento;
 E o echo portador de minhas magoas,
 Agudo, como grave,
 Copia fiel do meu cruel tormento
 Vá onde o pensamento
 Ligeiramente o guia,
 Levando em companhia
 Ternuras taes, que movam piedade
 Na doce causa desta saudade.

Mas onde vou? quem busco? a quem me queixo?
 Si o bem, por quem suspiro,
 Dentro do peito meu tenho presente?
 Si ausente está de mim, por que não deixo
 Do apartado retiro
 A triste solidão, que habito ausente?
 Que importa que lamente
 Conforme a causa pede,
 Si nem se me concede
 Para alivio de mal tão insoffrivel
 A esperança menor de um impossivel?
 Vai a causa buscar do meu tormento,
 Canção, com esperança
 De me desenterrar tua lembrança
 Do sepulchro do seu esquecimento.

A canção á batalha de Montes Claros, ganhada pelo exercito portuguez sobre as tropas hespanholas, no memoravel dia 17 de Janeiro de 1665, é uma composição, além de demasiado extensa para o genero, mui desigualmente escripta, e uma daquellas em que o poeta, cuidando talvez que assim se tornava mais sublime, se abandonou mais ao estylo turgido, e affectado dos se-quizas da eschola de Gongora, a que pertencia: eis aqui o principio:

No aligera rumor da Fama, em quanto
 O orbi-vago clarim lêdo apregoa

Glorias de Portugal, tropheos de Marte,
 Fazei de Apollo meu, Antonio sancto,
 Que honra de Padua, e gloria de Lisboa,
 Tão dignamente sois, fazei a parte;

Supra ao defeito d'arte

Vosso sancto favor, que humilde invoco,
 Confiado cantarei, sem fazer caso

Do licor do Parnaso,

Dos em cujo louvor a lyra toco,
 As victoriosas armas, cuja fama

Pelo ambito universo,

Em concorde rumor de tom diverso
 Multiplicadas vezes se derrama;

Que a virtude subida

Quando se louva mais, é mais crescida.

Esta estrophe é tão mal pensada como mal escripta; invoca-se Santo Antonio para cantar tropheos de Marte, que donoso emprego para um sancto! umas vezes expressões rebuscadas, e atrevidamente metaphoricas, *aligero rumor, orbi-vago clarim*, outras vezes modos de dizer familiares, e triviaes, como *fazei d'Apollo meu, fazei a parte, sem fazer caso do licor do Parnaso, a lyra toco*; não é tudo isto muito elegante, e muito lyrico? Pois a segunda estrophe não fica devendo nada á primeira.

Não me insta a furia, não, de Marte horrendo,

Tendo em peleja tal mais bellicoso

Planeta em vós, oh novo armi-potenté!

Que o todo nella sois, pois nella entendo

Que parte ser deveis: em fim, forçoso

Direi: Quando do mundo a tocha ardente

Luzia na patente

Casa da gemea prole, a quem por fado

Coube alternadamente luz, e sombra,

Pela estrellada alfombra

Conduzia oriental Chryseo dourado

Do ardente carro os brutos anhelantes;

Sete, e dez dos que fingem

Da idade juvenil trazer origem,

Vinte e quatro mil raios militantes,

Vam em ordem unidos
Da preclara Estremoz apercebidos!

Vio-se geringonça mais ridicula? maior confusão de idéas, e de expressões? as denominações de planeta, e arripotente não cabem bem a sancto Antonio? E este sancto, que é o *todo naquella peleja*, porque o author entende que deve ser parte nella, não é uma proposição bem logica? e o mytho dos dous irmãos Castor, e Polux, um dos quaes existia alternadamente no ceo, em quanto o outro só morava no inferno, não é bem claramente designado?

Casa da gemea prole, a quem por fado
Coube alternadamente luz, e sombra!

e os versos:

Sete, e dez, dos que fingem
Da idade juvenil trazer origem

Não sam uma verdadeira charada? Póde alguém lembrar-se de que isto quer dizer, em phrase de tabellião, *Aos dexesete dias do mez de Janeiro?* A' vista disto não vale a pena notar os

Vinte e quatro mil raios militantes,

que vam unidos, e apercebidos da preclara Estremoz: só direi que Pindaro, e Antonio Diniz da Cruz cantavam os heroes em estylo um pouco differente.

Mas se a critica imparcial aponta os defeitos, não deve tambem occultar as bellezas, e por isso direi que nesta mesma canção se encontram alguns rasgos, que fazem muita honra ao talento do author, tal é o seguinte:

Qual rúmida maré, que de alternadas
Ondas á-praia traz soberbo empuxo,
E empollas de crystal arremeçando,
Parte em ruivas aréas sepultadas
Deixa, e de parte faz fugaz refluxo,

E as vai, para tornar, encorporando,
 Tal o inimigo bando
 Reprime o passo atraz, e reformado
 Torna outra vez a vir; mas rebatido
 No chão parte estendido
 Fica, e parte se vai desbaratado.

A comparação é nova, e de mais a mais bem applicada; a esta podemos junctar a seguinte estrophe:

Vôa o fugaz tropel, e dos cavallos
 Quadrupedante som combate a terra,
 E o podre campo em pó vai convertendo:
 Não cessa o portuguez de atropellalos,
 Por campo, monte, bosque, valle, e serra,
 Muitos matando vam, muitos trazendo,
 E o Caracena vendo
 Em ruina total a armada involta,
 Com plantas de Perseo, azas de Noto
 Annulla o simples voto,
 Preso em mãos do temor, á rédea solta
 Ao desdourar o sol os horizontes,
 Fugio, levando raros
 Dos de que cá deixou em Montes Claros
 Mortos, e na prisão immensos mentes
 Tudo em fim, dizer posso,
 Que a fortuna vio seu, marcou por nosso.

Os sonetos de Manoel Tavares Cavalleiro podem contar-se entre as suas melhores produções, posto que em alguns delles não faltem rasgos de gongorismo; muitos porém sam bem pensados, engenhosos, e versificados com facilidade, e harmonia; o seguinte me parece um dos melhores.

SONETO.

Detem, Fortuna, o giro apressurado
 Da fugitiva roda, porque intenta
 Amor, que com engenos me alimenta,
 Fartar-me de viver desenganado.

E é justo que um querer tão dilatado,
 Dirigido a quem magoas me accrescenta,
 Acabe de infeliz, quando lamenta
 Menos que seu descuido meu cuidado.

Bella tyranna, tyrannia ingrata,
 Justo emprego não é de um generoso
 Sujeito, em maltractar quem bem o tracta.

Nem é de um peito affavel, e amoroso,
 Indigno de morrer, de quem o mata
 Offendido viver, e não queixoso.

O trocadilho do primeiro verso do primeiro terceto é
 a mancha que mais desfigura este soneto.

SONETO.

Um doce pensamento namorado
 Me inclina, bella Chlora, a teu sugeito,
 Me traz em puro amor por ti desfeito,
 E todo em ti, por elle, transformado.

Quer descobrir-se, mas desconfiado
 De o muito alcançar de ser-te acceito,
 Se occulta no mais intimo do peito
 Em amorosas flammaz abrazado.

Si algum logar em teu favor tivesse,
 Por ti sempre sentira, e padecera
 Como quem nunca sente o que padece.

Fogo teus olhos sam, meu peito é cera;
 E com sempre soffrer nunca merece
 O que sem merecer ninguem soffrera.

Estas subtilezas platonicas, que se encontram nas poesias eroticas dos poetas deste século, e do antecedente fazem desconfiar de que elles as escreviam mais para alardear espirito, e imitar Petrarcha, que para desafogo da paixão amorosa. A verdadeira paixão exprime-se com

força, mas com singeleza; a verdade desaparece apenas o artificio se manifesta.

O soneto setimo tem por fim aconselhar uma dama que se aproveite do tempo em que é moça, e bella, por que essa quadra venturosa não dura por muito tempo.

SONETO.

Antes que já na rubricada neve,
 Laura gentil, do rosto delicado
 Dos fugitivos annos transformado
 A idade pague quanto ao tempo deve;

Que o lento passo da mudança breve
 A loura côr do teu subtil trançado
 Troque das brancas mãos no prateado,
 Ou tudo juncto n'uma cinza leve:

Sem tudo só fiar de uma esperança,
 Logra feliz do teu Abril as flores,
 Lástima já dos tempos avarentos.

Que o triste fim da tragica mudança
 Não deixa mais dos annos voadores,
 Que desenganos, e arrependimentos!

No soneto dezeseis procura o poeta provar, que a ausencia acrysolá o verdadeiro amor, em logar de desvanecer-lo, como ordinariamente se pensa.

SONETO.

Quem madrasta d'Amor chamou a ausencia,
 E a ausencia mãe chamou do esquecimento,
 Mais de enganosa fé tinha escarmento,
 Que de perfeito amor experiencia.

E' do affecto maior a preeminencia,
 Que a fé firme observou no apartamento,
 Credito do maior merecimento,
 Que acredita o valor da paciencia.

Amo, e da ausencia e mal soffro constante,
Lembranças extinguir me não consente
Saúdosa dôr, e magoa penetrante.

Queixoso, lastimado, e paciente,
Morrendo em fim ausente, como amante,
Vivo então mais amante, quando ausente.

Nos romances, composição tão valida no tempo do poeta, é elle de ordinario elegante, gracioso, e cheio de espirito, e de graça; o que vamos transcrever será bastante para fazer que o leitor possa ajuizar do modo porque elle tractava este poema popular.

ROMANCE.

Sem causa, bella Arminda,
Zelosa por Lisa,
Cruel em mim castigas
Não cometida offensa.

Da practica, que argttes
De mim para com ella,
-Mais tu me deves graças,
Que eu te mereço queixas.

Foi, si de mim te fias,
Quanto fiar-te devas,
Da fé, com que te adoro,
Dar credito á firmeza.

Em quanto a seus favores
De ingrato me condemna,
Lhe foi reprehensão dura
Premio de instancias ternas.

Não sejas, quando amante,
Tão credula em suspeitas,
Que nunca havendo culpa,
Demandam sempre pena.

Antes o curso ativo
Dessa decima esphera,
Volvendo atraz o passo
Por via irá diversa.

Que em ti não tenha, Arminada,
Minha alma doce prenda;
Que em fim não seja amante
Mas que amado não seja.

Si mal contigo acabo,
Que taes verdades crêas,
Oh! que tyranna fazes
Que maior damno tema!

Temo que tu mudavel,
Porque outro bem desejas,
Finges, por me deixares,
Tão perfida cautela.

Mas, ah! que peito illustre
Pagou, tendo nobreza,
Com vil perfidia occulta,
Clara benevolencia?

Vê desta fonte pura
A natural simpleza,
Com que tão clara mostra
Quanto no centro encerra!

Este crystal corrente
Vê, que, limando pedras,
Vai de ti murmurando,
Que tens maior dureza.

Qual ave namorada
Povoa o ar de pennas,
Que as que me dás sem culpa
Não lamente com queixas?

Sem que em ti, fera humana,
Se mostre uma apparencia,
De que a meu mal movida
Delle te compadeças!

Taes queixas triste Aliso
Com lagrimas alterna;
Mais repetio, mas todas
Debalde o vento leva.

Parece-me porém que as melhores poesias de Manoel Tavares Cavalleiro sam as que compõem os seus tres livros de lyras. Sam estas escriptas em estylo facil, gracioso, e elegante; contém pensamentos engenhosos, pinturas cheias de amenidade, e proprias do genero lyrico. As estrophes sam hem cortadas, e as rimas agradavelmente travadas, segundo o requerem as clausulas musicas. Foi elle um dos primeiros que introduziram no nosso idyoma este poema, que faz a transição da ode grega, e romana para a canção dos modernos, participando do character de ambas.

Na segunda lyra do livro I. nos apresenta mui philosophicamente o poeta as quatro grandes phases da vida humana, symbolizadas nas quatro estações do anno, com a differença porém de que o hynverno da nossa vida não é seguido de nova primavera.

LYRA.

Cessou do formidavel
Aspero hynverno o frio rigoroso,
E á vista do principio saudoso
Do verão agradavel,
Quanto Phebo alumia
Cheio se vê de placida alegria,

Com graça peregrina
De nova luz, diversos resplendores,
Pompa maior de esplendidos fulgores,
De Apollo a crystalina
Luz vem trazendo ao mundo
Mais alegre prazer, doce, e jocundo.

Com suave ruido
Zephyro o bosque adorna da verdura,
Que expulsou Boreas com violencia dura;
Já porém, esquecido,
Sopra de acomette-lo
Com settas frias de cruel regelo.

A multidão renasce
Da fertil herva, que viçosa cresce,

Verdega o prado, o monte reverdece;
 Contento o gado pasce,
 O campo a seus cultores
 Ricos thalamos dá de bellas flores.

O verbo *verdegar*, que o author emprega nesta estrophe, é privativo da provincia do Alentejo, patria do author: *verdejar* é que é admittido no uso geral dos nossos bons escriptores.

E tu, sereno rio,
 Que argentea guarnição deste horizonte
 Claro retratas, a quem todo o monte
 Do concavo sombrio,
 Teu tributario intenso,
 Prodigio invia crystalino censo:

Vê o curso vagaroso
 Do teu claro crystal como augmentando,
 De si mesmo incapaz discorre o prado,
 E em tempo deleitoso
 Já com superflua ehêa
 De regelo deixou triste cadêa.

Tão serena corrente
 O hyverno enfrêa com grilhões de prata,
 No florido verão, porque os desata,
 Crystalina serpente
 O espaçoso terreno
 Com girante licor vagas ameno.

Roriferas capellas
 O florescente Abril, e alegre Maio,
 Mostrar cedo verás com lédo ensaio,
 Por tuas margens bellas,
 Dando em crescido augmento
 Doceis floridos a teu claro argento.

Mas ai, que o secco estio
 Por ordem chegará, quando o insolente
 Cão queima as terras com latido ardente;

De seu vistoso brio
 Despindo o monte, e prado,
 E a ti de teu processo dilatado!

Formoso rio, quando
 Na, que levando vés, corrente extensa
 Se admire de feição tal differença,
 Que aos prados usurpando
 Vás, com crystal escasso,
 Breve limitação de ameno espaço.

O bosque mais florido
 Que ornar Pomona de aprazível copia,
 Triste experimentará misera inopia,
 Da verdura despido,
 E em fim de outro infalível
 Hyverno o ceo trará carranca horrível.

O tempo assim passando
 Se vai por ora, dia, mez, e anno
 Claro porém, de todos desengano;
 Que outro verão tornando
 Finito é seu hyverno,
 Mas o da eterna morte, sempiterno!

A lyra quinta contém uma bella descripção da noite,
 no estylo que prevalecia no seculo do author, mas que
 por isso não deixa de abundar em rasgos agradaveis.

LYRA.

Já Phebo luminoso
 No reino de Neptuno as luzes perde;
 De horrenda escuridão com tenebroso
 Manto, no prado verde,
 As flores se esconderam,
 Porque as do globo azul appareceram.

Da verdura esquecidos
 Os brutos dormem no covil seguro,
 Em triste solidão se vêem vestidos.

De azul, e róxo escuro,
Do occaso os horizontes,
De horror os vales, e de tucto os montes.

Nenhuma o ar povóá
Cantora alegre do volante bando,
De horror vestida vem, si alguma sôa,
Triste pronunciando
Com som funesto, e vario
Nocturna queixa, agouro solitario.

Por toda a redondeza
Commum repouso facil desobriga
Já dos humanos a mortal fraqueza
Da diurna fadiga,
E a todos doce, e manso
Domina os membros placido descanso.

Blandicias repetidas
Apprende em seus umbraes dama inconstante;
De falsas illusões vãs, e fingidas,
Se cré o incauto amante:
Que em methodo pequeno
Cifras constroe do diurno acceno.

Por fins extraordinarios
Do ocio vil os nocivos professores,
Impia turba de infandos adversarios,
Mortiferos authores
Andam, dos patrios damnos,
Tecendo fraudes, machinando enganos.

Com face rebuzente
Já descobrindo vem novo hemispherio
Diana clara, que resplandecente,
Do Neptunino imperio
Sobre os crystaes retrata
Tremula luz de sua bella prata.

E em carro pressuroso
Briosa, alegre, airosa, e triumphante,

Rompendo vem por campo luminoso
Com carreira gigante
Sua luz formosa, e pura
Tornando claro dia a noite escura.

Este verso parece imitado de Camões, na sua ode á
Lua, onde diz:

*Aquella, cujo objeito
Todo o mundo alumia,
Tornando a noite escura em claro dia.*

Do ceo puro, e sereno
Transcursa o meio, e em floridos prados
A Alva derrama seu thesouro ameno,
Para que semeados
De perolas luzentes
Prepare ao Sol os campos florescentes.

Lucifera assomando
A clara filha vem da branca escuma,
Da marchetada Aurora annuncios dando,
Preceito a cada uma
Luz do celeste polo
De abrir coberta franco passo a Apollo.

Do claro mensageiro
Precisa lei observa obediente
Qualquer da noite fulgido luzeiro,
Porque pelo oriente
O estrepito fogoso
Se ouvia já do coche luminoso.

Mal deixa definidas
Tosco pincel as propriedades tuas,
Negra a metade das humanas vidas,
Bem que a melhor das duas
Ao que tem por officio
Licita occupação, justo exercicio.

A lyra sexta ao Tejo parece ser improvisada á vista da
magesiosa corrente das aguas deste rio, e da frescura,
e amenidade de suas margens.

LYRA.

Formoso Téjo, cujo curso ameno
 Vertendo aréas de ouro,
 Vai do licor sereno
 Logrando o gran thesouro
 De amenas praias, sitio branco, e louro.

Rompendo os campos vens da terra hispana,
 Crystal precipitado,
 Té que da Lusitana
 Yagas o ameno estrado
 De verde multidão acompanhado.

Com pingue innundação fertilisando
 Vens terreno abundante,
 Talvez bravo encrespando
 Furor de onda espumante,
 Contra o peso veloz d'ave nadante.

Com perene licor de copia clara;
 Qual reciprocamente,
 De crystaes nunca avara,
 Vem da veloz corrente
 Dar-se em tributo teu, sonora enchente:

Tal discorrendo tu com sorte igual
 Por campo lusitano,
 Sepultas teu crystal
 Nas do falso Oceano
 Timidas ondas com final engano!

Rio aprazivel, que de polo a polo
 Quantos ha senhoreas,
 Rico mais que o Pactolo
 De auríferas aréas,
 Que os mais na fresquidão, com que reocréas:

Harpas de neve do Caystro claro
 Não ouças invejoso,

Pois com excesso raro
Te torna mais famoso
Dos cysnes teus o bando glorioso.

Chamar aos cysnes harpas de neve, é metaphora não só demasiadamente atrevida, mas muito mal formada, e viciosa, pois lhe falta a similhança, base do translató. Quando chamamos raio a uma bala, todos perecebem a similhança que se dá entre o trovão, o relampago, e os estragos produzidos pelo raio, e a detonação, o clarão da polvora inflammada, que sahe da bocca da arma de fogo, e o estrago da bala, que ella vomita: mas que similhança ha entre uma harpa, e um cysne? Que relação tem a neve com a harpa? Que se possa dizer que um cysne é de neve, todos concorderão, porque o cysne, e a neve sam brancos; mas chamar ao cysne harpa de neve, é fundar metaphoras em metaphoras, e dizer puerilidades; mas os seiscentistas, a exempló de Gongora seu mestre e modelo admiravam, essas puerilidades, como prodigios de engenho, e conceitos sublimes, não sendo ellas em verdade mais que maneiras de dizer absurdas e extravagantes.

Todos conhecem os lindos versos de Catulo á morte do pardal de Lesbia; cotejemos com elles a lyra segunda do livro segundo, em que se lamenta a morte de um papagaio pertencente a Chloris; e pelo diverso modo, por que um assumpto identico inspirou os dous poetas, conheceremos o quanto a poesia dos seiscentistas se afastava da nobre simplicidade, e desaffectedada elegancia da poesia romana do seculo de Virgilio.

LYRA.

De um lindo papagaio
Chloris a sentida perda lamentava,
Quando com furia brava,
Mortifero desmaio
Lhe roubara das mãos alegre ensaio.

« Verde cantor, (dizia,
E aljofar derramando crystal chora),

- » Que dos berços da aurora
- » Te trouxe a longa via
- » Té quasi ás tumbas, onde morre o dia.

Os papagaios fallam, quando os ensinam a fallar, mas não cantam, e nesse caso com que propriedade chama o poeta ao papagaio de *Chloris verde cantor*?

- » Cruel obediencia
- » Cá tributar vieste ao fado adverso,
- » Que contra mim perverso
- » Quiz tão justa innocencia
- » Nas mãos depositar da eterna ausencia !

- » Oh ! quanto me alegravas
- » Quando com tal prazer, com graça tanta
- » Da palreira garganta
- » As vozes espalhavas
- » Com que ao vivo as humanas imitavas !

- » Do manjar a doçura
- » Léda te offereci no dedo oblico,
- » Tu, com teu curvo pico
- » Lasciva mordedura
- » Davas na branca mão de neve pura.

Esta imagem é propria, graciosa, e natural ; mas não sei o que ganhou o estylo em o poeta empregar a palavra castelhana *pico*, em logar da portugueza *bico*, que de certo não é menos nobre, e harmoniosa do que esse vocabulo estrangeiro, que demais a mais tem em nossa lingua accepção mixta ; sempre foi, e será licito ao poeta valer-se de vozes peregrinas,

Propter egestatem linguæ, et rerum invitatem

como dizia Lucrecio, mas quando nella deparamos os termos necessarios, e ás vezes melhores, para que é admittir palavras estranhas?

- » Na delicada neve
- » Tinhas de minha mão throno ditoso,
- » Já com fim lastimoso.

„ De um duro transe breve,
 „ Languido jazes n'um regaço leve!

„ Porque em veloz fugida,
 „ Companheiro fiel, amigo caro,
 „ Em meu favor avaro
 „ Deste tão de corrida
 „ Nas mãos da amarga morte a doce vida?

„ Perjuria tal convinha
 „ Me houesses de render por gratifício,
 „ Devido ao beneficio,
 „ Dos muitos, ave minha,
 „ Favores, que te fiz, quando te tinha?

„ Debalde em fim te chamo,
 „ Si vendo já do Elysio a loura arêa,
 „ Junto da agua Lethea,
 „ Soltas lêdo reclamo,
 „ Verdura errante de animado ramo!

A seguinte, endereçada a uma dama cantando, me parece conter alguns trechos de poesia excellente.

LYRA.

Belleza peregrina,
 De encarnado setim sobre almofada
 Se via collocada;
 Giros de prata fina
 Cingiam rutilantes
 De tela carmesi roupas brilhantes.

Esta estrophe prova que no tempo do poeta ainda as senhoras em Portugal estavam costumadas a sentar-se em almofadas, segundo o uso mourisco, que prevaleceu por muito tempo neste reino, e ainda hoje, a pesar da grande mudança que tem havido em nossos costumes, podem encontrar-se nas provincias, e com especialidade no Algarve, muitos vestigios do modo de viver dos Arabes.

De seus aureos cabellos
 Botão de argentea flôr tem parte involja;
 Na parte ao vento solta
 Tem cada qual dos bellos
 Fios deste thesouro
 Zephyro brando por lisonja de ouro.

Uma lyra dourada
 Que no bisterno par de corda dura,
 Da mão candida, e pura
 Levemente tocada
 Reciprocas em breve
 Sente nas vozes seis prisões de neve.

Concertadas distancias
 Faz destra mão soar cordas douradas;
 Distancias concertadas
 Se alternam consonancias
 De harmonicos accentos,
 Com que anima prisão aos surdos ventos.

Não fica, tendo ouvido
 Tão suave tanger, tão doce canto
 Quem nos braços do espanto
 Não caia emmudecido,
 Fazendo da vontade
 Sacrificio fiel a tal deidade.

Ninguem, vendo-a; se escusa
 Co' das cordas subtis tono acordado,
 Ser de taes mãos atado,
 Nem captivo recusa
 Ter no sonoro accento
 Do canto seu suave encantamento.

Qual o Ithaco mauhoso,
 Caliópeas irmãs tendo em desprezo,
 Da nau ao mastro preso,
 Ao canto saudoso
 Quando applica os sentidos
 O deixam de escutar adormecidos.

Tal por estranho modo
 Com quantas prendas tem assim recrea
 Esta bella serêa,
 Que os meus de todo em todo
 Ignoram a destreza
 De retratar os dons de tal grandeza.

E' muito natural que esta serêa não passasse de cantar á viola algumas chacaras, romances, ou modinhas, como faziam ainda algumas no tempo da minha mocidade, e por isso gozaram da fama de excellentes cantoras, e toda a gente se aballava para hir ouvi-las ás assembléas, que frequentavam. O estabelecimento do theatro de S. Carlos acabou com os triumphos destes pequenos talentos, e hoje uma senhora, para recommendar-se pelo seu canto necessita ser professora, e poder hobrear com as artistas de profissão; e assim temos visto, nestes ultimos annos, algumas dessas chamadas curiosas cantar nas festas de igreja as composições mais delicadas dos grandes mestres, sem que estas desmereçam nada da sua belleza pela sua execução.

Vejamos agora como na lyra quinta, deste mesmo livro, o poeta manejou a seu modo o mesmo assumpto da ode de Horacio a Lyse.

LYRA.

Repetição duravel
 De inflammado langor, egra porfia,
 De angustia intoleravel,
 Queixosa padecia
 Nise, a cujos primores
 Rendido Amor, lhês tributou amores.

Murchou-se a primavera,
 Que dos annos o Abril na face adorna;
 E o que de rosas era
 Já de açucenas torna,
 Reduzindo a candores
 Da mais nevada côr, purpureas côres.

A gentil estatura
 Mudança tal sentio, que então sentira
 Ser marmorea figura,
 Lysippo quando a vira;
 Si Pygmalião a olhara
 Imagem de marfim nella admirara.

Com qualquer dos sabores
 Tregoa inviolavel tem frouxo appetite,
 Que opprimida de ardores
 Mil ambições admitte,
 Dos arrosios lembrados,
 Quanto mais prohibidos, desejados.

Já reduzido á mingoa
 Tem dos sentidos seus nobre excellencia,
 Presa a discreta lingua,
 Nos grilhões da impotencia;
 Vive, em fim, de tal sorte
 Que alvo das flechas é, que aponta a morte.

Belleza celebrada,
 Que das vidas prisão fôra algum dia,
 Vida presa tornada
 Mortal Fileno a via,
 Fileno, a quem seus olhos
 Settas tinham d'amor vertido a molhos.

Que o peso contemplando
 Do miserando mal, que tolerava,
 E a dôr significando
 Que no peito apertava,
 Silencio emmudecido
 Queixoso interrompeo, fallou sentido:

« Tyranna sorte minha,
 » Mal a meu caro bem sempre odioso,
 » Pois quanto em Nise tinha
 » Me roubaſ invejoso,
 » Vendo que destruidas
 » Ficam n'uma só vida muitas vidas!

- „ Formosa Nympha pura,
 „ Que assombro singular foste em belleza,
 „ E a maior formosura
 „ Te deu a natreza,
 „ Que armada de primores
 „ Contra si mesma fulminou amores.
- „ Que é das madeixas d'outo,
 „ De humanos corações doce prisão,
 „ Do Arabico thesouro
 „ Sublime emulação?
 „ Que é da candida neve,
 „ Que animada de gran no rosto esteve?
- „ Que é da aprazível graça
 „ Dos bellos olhos, cujas luzes bellas
 „ Tam peregrina traça
 „ Tem de imitar estrellas,
 „ Que para taes mostrar-se
 „ Taes querem parecer té no eclypsar-se?
- „ Peitos de marmor duro,
 „ Com braços de marfim, mãos prateadas,
 „ Plantas de crystal puro,
 „ Breves, e delicadas,
 „ Passo honesto, e brioso,
 „ Movimento gentil do corpo airoso
- „ Já com misero exicio
 „ Parexismo mortal tudo extermina,
 „ Mostrando infausto indicio
 „ Da funesta ruina,
 „ Que a meu damno inclinados
 „ Trazer costumam rigorosos fados.
- „ Ai tragica mudança,
 „ Verdugo injusto da maior belleza,
 „ Tyrannica esquivança,
 „ E asperrima cruza
 „ Do tempo, que não sabe
 „ Gloria no mundo vêr, que não acabe!

» Vejam as, com que avára
 » Não foi de perfeições a natureza,
 » O termino, em que pára
 » De uma altiva grandeza
 » A grave estimação,
 » Alvo de amor, emprego da affeição!

» E a presumpção esquivá
 » Da grandeza maior, mais veneravel,
 » Da Parca vingativa
 » Tema o inevitavel
 » Golpe, de cujo dâmnio
 » Pertende em vão triumphar o excesso humano. »

A similhaça da ode de Horacio com a lyra de Manoel Tavares Cavalleiro está em tractar-se em ambas de uma mulher, que tem perdido a belleza; a diversidade em que Lyse perde a belleza porque envelhece, e Nise porque a enfermidade a tem desfigurado: esta differença de assumpto produz a diversidade com que é tractado. Horacio zomba, e escarnece de Lyse, porque ainda tem pertencões de conquistas, teima em se julgar formosa, sem renuncia aos bailes, e bebe como qualquer rapariga; Manoel Tavares introduz Fileno, amante de Nise, lamentando o estado em que a observa, lembrando-se com saudade da belleza, que nella idolatrava. Os dōos poetas atinaram pois com o modo de composiçaõ, que lhe cumpria; mas o romano ficou muito superior ao portuguez na força da expressãõ, e naturalidade do estylo.

A lyra setima parece pelo esquipatico ter sido assumpto academico; tracta-se de uma dama, que recebendo de outra um espelho, o deixou cahir das mãos, fazendo-se em pedaços com a queda. Já se vê que um tal assumpto era uma fecundissima mina de conceitos, e trocadihos, segundo o gosto do seculo.

LYRA.

Nas mãos o espelho fino
 De outra candida mão Nisarda acceita;
 Em o qual de continuo

Vendo-se tão perfeita
Nunca fica de vér-se satisfeita.

Qual em manhã formosa
Nos liquidos crystaes da fonte pura
Se, vê da bella rosa
Graciosa figura
Bello epilogo ser da formosura.

Mas ai, veloz mudança
Roubadora do bem mais estimado!
Que esquecida a lembrança
Do quadrangulo amado
Deixa-o das mãos cahir precipitado!

Seu rosto junctamente
A côr desamparando estremecida,
Com sinistro accidente
Da voz emmudecida
Rompendo a suspensão, fallou sentida :

„Térso crystal, que estavas
„Mais seguro sem mim eu hem o sei,
„Pois porque me alegravas
„Tão pouco te logrei,
„Sem os damnos provar da esquiua lei!

„Inda agora de mim
„Dêste, mudo pintor, vivo traslado:
„Já com rigido fim
„Te vejo pelo estrada
„Em quebrados fragmentos derramado.

„Da candida brancura
„Desse manifestar ligeiramente
„A leve cobertura,
„Que inda te não consente
„Privilegio lograr de transparente.

„Não porque reprovasses
„Do artifice o primor, na toga fina

» Que o fez, porque lograsses
 » Belleza peregrina
 » Debuxada na face crystalina.

» De minha formosura
 » Por fiel secretario foste eleito,
 » Quando em facil pintura
 » Louvaste meu sujeito
 » Com tacita razão, mudo conceito.

» Quando em teu claro argento
 » Raio reverberou ferindo o tecto,
 » E o fulgor inquieto
 » Vi com cuidado attento,
 » Comsigo o comparou meu pensamento.

» Nelle os ardentes raios
 » Já destes olhos meus reverberaram,
 » Quando em doces ensaios
 » Comtigo se ensinaram
 » A tributar a Amor quantos mataram.

» Quando na testa pura
 » Capellas imprimi de flores bellas,
 » Tão natural pintura
 » Em ti logravam ellas,
 » Que eram flores em ti, se em mim estrellas.

» Pois si o rigor tyranno
 » Me dá no damno teu pena maior,
 » De muito maior damno
 » Tempera teu rigor
 » Na desconsolação da minha dôr.

» De teu tragico exicio
 Perde a lembrança tu, que eu me accommodo,
 » Com que no mesmo officio
 » Faça de proprio modo
 » Parte qualquer de ti, quanto o seu todo.»

Disse, e seus niveos braços
 Movendo para o chão, com mão airosa

Recolhendó os pedaços
Os meteu saudosa
D'ebano, e de marfim na casa umbresa.

O author usa muito da prosopopeia, que é sem duvida um dos mais bellos ornatos da poesia lyrica; parece-me com tudo que nesta foi pouco feliz, pois o discurso que presta a Nisarda, é sobre modo inconveniente, fazendo-lhe dizer cousas inverosimeis em uma mulher que não haja endoidecido de presumpção de sua belleza, por exemplo:

Nelle os ardentés raios
Já destes olhos meus reverberaram,
Quando em docés ensaios
Comtigo se ensinaram
A tributar a Amor quantos mataram.

.....

Que eram flores em ti, si em mim estrellas.

E outras semelhantes fanfarronadas, que fazem pouca honra ao discernimento do poeta; felizmente estes desvarios não são muito frequentes nelle.

Na lyra decima, sobre o poder do ouro, applica o author mui judiciosamente a fabula de Atalanta, e Hypomenes, que descreve mui poeticamente.

LYRA.

Tyranna lei fazia
O hymeneo claro de Atalanta bella,
Premio do que excede-la
Podesse de feição, que não podia
Quem por decreto urgente
Palma, e vida perdia junctamente.

Reciproca frequencia
D'oppositores vem, que aventureiros
Ganhar querem ligeiros
Do curso mais veloz na competencia
Da Nympha o casamento
Por premio singular do vencimento.

Quem pôde assim correr
 Que os bens possa alcançar, que nega a sorte?
 Muitos buscando a morte
 Vam c'os passos, que dam para a vencer,
 Com tributo vital
 Supplicio pagam todos capital.

Nenhum transe apertado,
 Que a muitos infeliz ali succede,
 A Hypómenes ia pede
 A esperança de um bem tão arriscado;
 Si bem que ser podia
 Causa de tanto amor, como ousadia.

Mas ella, que admirando
 N'elle com tal valor, igual nobreza,
 Por elle de amor presa
 Fica de o vêr, um pouco duvidando,
 Qual mais quer, si vencê-lo,
 Si a victoria perder por não perdê-lo.

Já (porque declarava
 Rouca tuba o signal) contra a balisa,
 Qual do logar, que pisa,
 Com passo mais veloz o fim deixava,
 Com curso acelerado
 Buscar o termo vam determinado.

Mil vezes exodel-o
 Poude a nympha veloz, e se deteve,
 Porque suspensa esteve
 Do mancebo gentil no gesto bello,
 Que a reciproco instante
 Deixava, sem querer, passar diante.

O joven fadigado
 Secco anhelito dá no peito ardente,
 Vendo que de presente
 Lhe resta por correr mais que o passado;
 Tanto que desconfia
 Do que humano vigor obrar podia.

Nas mãos uma tomou
 Das tres anreas maçãs, que em seu favor
 Dado a deosa do amor
 Lhe tinha a rogo seu, e esta lançou;
 Com generoso braço,
 No plano extenso do arenoso espaço.

Tal vista ella admirando,
 Cobiça o peito seu concebe ardente
 Do pomo reluzente,
 Logro foi da tenção, que declinando
 Seus passos Atalanta,
 O ouro volubil com primor levanta.

De novo alento cobra
 O Hypómenes audaz, passando ávante,
 Mas ella, em breve instante,
 Vence a detença, novo excesso obra;
 Segunda vez detida
 D'outro aureo pomo se cobrou perdida.

Té á mata destinada
 O ultimo espaço resta da carreira,
 E o moço a derradeira
 Tem, para despedir, maçãa dourada,
 Que expulsa ao ar vôando,
 Novo favor a Venus implorando.

Em quanto duvidosa
 Na escolha, fluctuou a nympha bella,
 Temendo que por ella
 Possa a palma perder victoriosa,
 Foi, sendo superada
 Do amante, ao vencedor em premio dada.

Tam certa segurança
 Tens do que queres ter, si ouro possues;
 Qual pois, si destribues
 Maçãs douradas, de fugir não cança?
 Por ti quem não fallece
 Falivel ouro, misero interesse?

Tygres insuperaveis,
 Vencidas da affeição de um vão thesouro,
 Para quem pomos de ouro
 Não tem que vos lançar, como intractaveis
 Sempre sois! como esquivas!
 Como ligeiras! como fugitivas!

No mais forte edificio
 Contra a força maior com fé segura,
 Defendida clausura
 A filha se encerrou do velho Acricio,
 Mas lá por derradeiro
 A pode ir orvalhar aureo chuveiro.

Vicio contaminado,
 Mal consentido error do ceo, e estrellas!
 Que leis não atropellas
 Cégo interesse vil d'ouro estimado!
 Mas porque em vão prosigo
 Si ao ar derramo quanto fallo, e digo?

Esta lyra me parece perfeita! A descripção da carreira é viva, e animada; a applicação do facto ao que o poeta pertende estabelecer bem feita; o estylo claro, rapido, natural, e inteiramente limpo de gongorismos; a versificação harmoniosa, destacando-se dos outros alguns versos que por sua belleza surpreendem agradavelmente o leitor.

O joven fadigado
 Secco anhelito dá no peito ardente,
 Estes versos sam dignos de um poeta medico.

A póde ir orvalhar aureo chuveiro,
 O que este verso exprime não se póde expressar nem
 com mais graça, nem com maior decencia.

E esta lançou,
 Com generoso braço,
 No plano extenso do arenoso espaço,

Não será isto o que hoje se chama harmonia imitativa? Não pintam bem á imaginação o comprimento da arena que os dons tinham que percorrer na carreira?

Tam certa segurança
Tens do que queres ter, si ouro possues?
Qual pois, si distribues
Maças douradas, de fugir não cança?

Não é isto uma grande verdade, exprimida com força e concisão pictoresca á maneira de Horacio? Que o diga o helio sexo!

Poderia, se quizesse alargar este capitulo, citar outras lyras, que não sam inferiores a esta, por exemplo, a quinta do livro segundo a um pintasilgo; a oitava a Laura encançando um craveiro; a primeira do livro terceiro a uma nau que partia; a segunda dirigida ás tropas que marchavam para a campanha; a quinta em que pinta Leandro passando a nado o Hellesponto para ir ter com Hero: mas os trechos transcriptos me parecem bastantes para se avaliar o merecimento deste poeta, hoje quasi esquecido, mas que mereceu os applausos que os seus contemporaneos lhe prodigalisaram.

ENSAIO
BIOGRAPHICO-CRITICO
LIVRO XXIV.

CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA HESPAÑHOLA.

CAPITULO I.

Manoel de Sousa Moreira.

A antiga villa de Mogadouro na provincia de Traz-os-Montes teve a gloria de dar o berço a Manoel de Sousa Moreira, um dos mais fecundos, e engenhosos poetas do seu tempo.

Foram seus paes Francisco Moreira de Sousa, e D. Maria Domingues de Antas, pessoas mui qualificadas, e estimadas daquella provincia pela nobreza de sua extracção, e opulenta fortuna que desfrutavam.

O seu nascimento teve logar no anno de 1648. A natureza o dotou de singular vivacidade, memoria tenaz e facilissima comprehensão, prendas estas que instigaram seus paes para o destinarem ao estudo das sciencias.

Havendo grangeado amplos conhecimentos dos idiomas grego, e latino, tornou-se igualmente muito habil na lingua castelhana, em que escrevia com tanta elegancia, e pureza como na latina.

Concluidos os estudos preparatorios, passou a matricular-se na famosa Universidade de Salamanca, onde frequentou com grande applicação, e aproveitamento, o curso phylosophico, em que tomou o grau de Bacharel, e a faculdade de Direito Pontificio, e voltando á patria, alcançou ser encorporado na qualidade de Lente na Universidade de Coimbra, segundo testifica Barbosa na sua Bibliotheca Lusitana.

Ao profundo conhecimento nas sciencias sagradas, e profanas, junctava Manoel de Sousa Moreira o estudo das letras, e amena litteratura, gozando a reputação de grande poeta, tanto latino, e portuguez, como castelhana. Não era menos celebre na oratoria; como se apprehende do grande numero de discursos, que recitou nas mais famosas academias, que florêsceram no seu tempo tanto em Portugal, como na Hespanha, que muito se honravam de o contar no numero dos seus socios.

Não se distinguio menos como prégador, sendo sempre que subia ao pulpito escutado com grande attenção, e interesse, não só pelas boas doutrinas, e erudição sagrada que brillavam nos seus sermões, mas pela pureza de linguagem, de elegancia, e galas de estylo, elevação de pensamentos, e força, e graça de expressão, com que eram escriptos.

Contava trinta annos de idade quando entrou no estado ecclesiastico, ordenando-se de presbytero, sendo pouco depois provido na abbadia de S. Martinho do Povo do bispado de Miranda, d'onde passou para a de Santa Maria de Castello Branco, arcebispado de Braga.

O Arcebispo de Lisboa, e Capellão mór D. Luiz de Sousa, attendendo á sua erudição, e talentos o honrou Secretario do Padroado Real, emprego importante, e que elle exerceo, e desempenhou com a aptidão, e proficiencia, que eram de esperar de um homem de tanta capacidade.

Foi a rogos daquelle prelado, que Manoel de Sousa Moreira tomou a seu cargo o escrever a historia da casa de Sousa, a que elle pertencia.

Manoel de Sousa desempenhou esta tarefa na lingua castelhana, com grande elegancia de estylo, sendo esta uma das mais bellas historias genealogicas, e panegyricas, que se tem composto na península hespanhola, posto que em muitos logares della o author não podesse, ou não quizesse evitar a nota de lisongeiro; mas pôde allegar-se em sua defeza; que em obras deste genero é raro o que se isempta desta culpa.

O Arcebispo ficou tão satisfeito com o historiador da sua familia, que para recompensa-lo do trabalho, que tivera no desempenho daquelle commissão, lhe alcançou

a Abbadia de S. Mamede de Lindoso, d'onde passou depois para a Igreja de Santa Maria de Chãas, que era do Padroado Real, e situada no Concelho de Tavora do bispado de Viseo.

Passados alguns tempos foi Manoel de Sousa Moreira transferido para a Abbadia de Nossa Senhora da Assumpção de S. Bado, no termo da Villa da Alfandega da Fé, na provincia transmontana; um dos beneficios mais pingues, e opulentos do reino, e de que elle foi o ultimo Abbade, por ser depois de sua morte annexado á Basilica Patriarchal de Lisboa.

Esta accumulção de beneficios, e continuadas transferencias de umas para outras Abbadias, era na verdade mui pouco conforme com as regras do direito canonico, e a antiga disciplina da Igreja; porém naquelle tempo não se olhava com demasiado escrupulo para estas materias.

Estabelecida a Academia Real de Historia Portugueza, onde se reuniram todas as capacidades litterarias do tempo, foi Manoel de Sousa Moreira chamado para fazer parte daquella erudita corporação, na qualidade de academico supranumerario, cuja nomeação elle agradeceu em uma carta tão discreta como elegante, que ainda hoje se conserva.

Foi igualmente socio de quasi todas as Academias poeticas, que não eram poucas, que existiam naquelle seculo, sendo muito estimado, e respeitado de todos os litteratos, que as compunham.

Foi Manoel de Sousa Moreira um dos nossos poetas mais favorecidos da fortuna, pois gozou sempre de perfeita e vigorosa saude, vivendo rico, tranquillo, bem visto na corte, admirado dos doutos, e respeitado dos povos, junctando a isto a larga vida de setenta e quatro annos, até 13 de Dezembro de 1722 em que falleceu.

E' porém de notar que um homem, que escreveu tanto como Manoel de Sousa Moreira, fosse tão pouco curioso na publicação de seus escriptos, que de todos elles só desse á luz pela imprensa:

Theatro genealogico, y panegyrico erigido a la immortalidad de la Ex.^{ma} Casa de Sousa. Paris, en la em-

prenta real, por Juan Anisson, Director della, en 1804; folio grande, com estampas.

E' natural que nem esta mesma obra se tivesse estampado, se o zêlo do Arcebispo de Lisboa, que lha encamendou, pela gloria da sua familia, se não encarregasse das despesas da publicação.

Deixou porém manuscriptas as seguintes:

Herculeiada, poema heroico, escripto na lingua latina; em doze cantos, comprehendendo os doze trabalhos de Hercules.

Diogo Barbosa Machado diz, que este poema é latino; mas o seu titulo parece indicar que foi composto em portuguez; e mais me confirmo nesta opinião vendo que o padre Francisco José Freyre (Candido Lusitano) que o havia lido, e talvez possuia copia delle, o cita como poema portuguez, accusando o author do defeito de multiplicidade de acção, cahindo assim no erro em que cahido muitos epicos antigos, e modernos de tomar para assumpto de um poema toda a vida de um heroe, que deve conter muitas acções distinctas. Como nunca pude vêr a *Herculeiada*, nem conheci pessoa que a tivesse visto; não posso decidir de que parte está o engano. Inclino-me porém muito á opinião de Francisco José Freyre; porque, como já disse, o titulo do poema é *Herculeiada*; que só pôde servir áquella obra sendo escripta em portuguez, ou castelhano, porque se fosse em latim deveria intitular-se *Heracleida*, e não *Herculeiada*.

Sem querer contestar a necessidade da regra dada por Francisco José Freyre, que exige a unidade de acção na epopeia, regra de que se dispensaram quasi todos os poetas epicos da antiguidade, e muitos de grande reputação entre os modernos, como Boyardi; e Ariosto; direi, que os trabalhos de Hercules, que Manoel de Souza Moreira escolheu para a sua *Herculeiada*, tractados por um poeta de imaginação tão fecunda como elle, podiam fornecer-lhe, si não um poema conforme as regras ordinarias da Poetica de Aristoteles, pelo menos um poema rico em quadros variados, e pinturas brilhantes; e mesmo não julgo impossivel combinar uma fabula com tanto artificio, que aquellas acções diversas, narradas como episodios da acção principal, viessem a fazer um todo per-

feito, e unico, como praticou Gabriel Pereira de Castro, com as differentes acções de Ulysses na sua Ulysséa. De qualquer modo que Manoel de Sousa Moreira procedesse na sua epopeia, tenho por grande perda da nossa litteratura que ella não chegasse a vir á luz.

Deixou igualmente em manuscripto :

Aventuras de Telemaco, traduzidas em oitava rima : esta traducção não passou do tereceiro livro, porque a morte o embarçou de completal-a.

Poemata Varia. E' uma collecção de epigrammas e outras poesias latinas de differentes generos.

Orações, Problemas, e Discursos Academicos.

Sermões varios.

Doas orações recitadas na Academia instituida no palacio do Almirante de Castella.

Lichos da Musa Transagana. E' uma copiosa collecção de poesias portuguezas, e castelhanas, que possuo, e a unica obra do author que até ao presente tenho visto, e de que apresentarei alguns extractos para fazer conhecer ao publico um poeta, de que até ao presente apenas se tem conhecido o nome.

Por estas poesias se depreheende que Manoel de Sausa Moreira foi um dos mais fecundos, e elegantes poetas do seu tempo : uma grande parte dellas é escripta em castelhano, segundo a mania dominante, e o resto em portuguez.

Imaginação viva, linguagem pura, estylo elegante, poetico, posto que ás vezes um pouco affectado, versificação corrente, flexivel, e harmoniosa formam o character destas poesias.

Uma das mais notaveis é um poema em romances sobre as façanhas do grande Affonso de Alboquerque ; a invenção deste poema é sobremaneira simples. Todos sabem que o conquistador de Gôa, e Malaca, poucos dias antes de terminar a sua existencia, queixoso das injustiças dos homens, desenganado das illusões do mundo, conscio do muito bem que merecera da patria, escreveu a El-Rei a seguinte carta :

“ Senhor, esta é a derradeira, que com os soluços da morte, escrevo a Vossa Alteza de quantas com espirito de vida lhe tenho escripto, pela ter livre de confusão des-

ta derradeira hora, o muito contente na occupação do seu serviço. Nesse reino deixei um filho, por nome Braz d'Albuquerque, ao qual peço a Vossa Alteza que o faça Grande, como lhe meus serviços merecem. Quanto ás cousas da India, ella fallará por si, e por mim. »

Tal é a idéa fundamental do poema: o poeta paraphrasea a carta do heroe, relatando em seus romances a serie dos feitos d'armas, e serviços, que elle havia feito. Alguem notará que o author escrevesse um poema heroico em versos, que o não sam. Deve porém advertir-se que elle á imitação dos antigos poetas hespanhoes, quiz formar uma epopeia popular para ser cantada nos salões, e mesmo nas praças. Que outra cousa é o Romancero do Cid? o de Bernardo del Carpio? do Rei Rodrigo? do Condestavel de Castella D. Alvaro de Luna? e outras muitas collecções de romances ligados uns com os outros, que com tanto gosto se lêem no *Cancionero de Romances*, e no *Romancero General*, e outras obras deste genero bem conhecidas, e apreciadas por todos os que conhecem a fundo o riquissimo Parnaso hespanhol.

O Abbade Diogo Barbosa Machado, na sua Bibliotheca Lusitana, equivocadamente disse, que este poema, era um *romance hendecasyllabo*, em cento e trinta coplas, quando na verdade é composto em romances octosyllabos, como se evidencia das seguintes coplas sobre o rendimento de Ormuz.

Propuz em vossos auspicios
Adornar co'a mais preciosa
Pedra do Oriente a esphera
De vossa augusta corôa.

Ormuz digo, por quem d'Asia
Com razão disse a vangloria
Que si fosse annel o mundo,
Ormuz delle a pedra fôra.

Porção da feliz Arabia,
Com magestade imperiosa,
Do mar Persico no seio
Placidamente repousa.

Seus nobres portos frequentam
 Quantas naus com larga pompa
 Preciosamente opprimidas
 Os mares do Oriente cortam.

Para seu culto, e delicia
 Nas fabricas engenhosas
 O alvo Persa, o China adusto
 D'Asia os mineraes esgotam.

De' inexpugnaveis muralhas
 Com guarnições valorosas
 Seus portos, e seus presidios
 Soberbamente se adornam.

A esta empreza, que algum tempo
 Empenho de Asia era toda,
 Com seis naus, mal guarnecidas,
 Dei as temerarias prós.

Proposto, e seguido o intento
 De todos foi com tal forma,
 Que a carranca do perigo
 Nos pareceu de victoria.

Da qual foi fausto preludio
 Mascate, e Soar, que involtas
 Em fumo, e sangue a Ormuz deram
 Com linguas de fogo as novas.

Destas ruinas fazendo
 Passo ao triumpho, a famosa
 Vista de Ormuz foi dos olhos
 Em vez de assombro, lisonja.

Assim que cheguei, saudada
 Com militar cerimonia,
 Lhe propuz em vosso nome
 De guerra, ou de paz a escolha.

Esta admittida, hospedados
 Fomos de seu Rei, que mostra
 No apparatus da hospedagem
 A grandeza da pessoa.

Mas tarde, e mal advertindo,
 Que a que vista por de fóra
 Parecia paz, só era
 Escravidão vergonhosa.

Ainda que a paz proposta pelos portuguezes a Ormuz, e a edificação de uma fortaleza no seu porto, importasse uma verdadeira servidão para aquelle reino, parece-me com tudo que o poeta não andou bem em fazer que Afonso de Albuquerque escrevendo ao seu Rei chamasse á sujeição de Ormuz *escravidão*, e o que é mais ainda *escravidão vergonhosa*. Não era debaixo deste ponto de vista que os capitães portuguezes contemplavam taes factos; elles pelo contrario imaginavam que um Monarcha do Oriente adquiria grande honra, e proveito em declarar-se vassallo d'El-Rei de Portugal, e pagar-lhe tributo: quando um poeta introduz a fallar homens de outro tempo, deve fazel-os expressar, não conforme as suas idéas, mas conforme as idéas delles, por erroneas que sejam, de outro modo faltará ao fim principal da poesia, que é a imitação.

Com trezentas naus possantes,
 Que um mundo portatil foram
 Antes no mar, que na terra
 Mandou hospedar as nossas.

Acceitámos o convite,
 D'onde em tempo de sete horas
 Se obraram proezas dignas
 De uma eternidade toda.

Bem sei qué á posteridade
 Sonhos serão, mas que importa,
 Si eu as fiz, o mundo as ouve,
 Asia as viu, e o mundo as chora?

Vencemos em fim, e aquellas
 Naus, que a pique se não foram,
 Serviram de luminarias
 A tão insigne victoria.

Do mar saltamos em terra,
Que assombrada, e temerosa
Temeu apagar as cinzas
No sangue, que viu nas ondas.

Mas eu, que mais que ruínas
Glorias quero, com piedosa
Atenção ouvia os rogos
Des que humildes paz imploram.

Concedi-lha, mas com pacto
De que sobre as pedras todas
De um forte se gravaria
De seu obsequio a memoria.

Sobre os altos alicerces
Lancei, com minhas mãos proptias,
Pedras, que tanto serviram
Ao exemplo como á obra.

Era o tempo, em que os ministros
Do gran Sophi com fastosa
Exacção o annual tributo
Demandam sem mais demora.

Eu lho paguei; porque enchendo
De dardos, ballas, pistolas,
Lanças, e espadas um cofre,
Lho dei com esta resposta :

„Dizei ao gran Rei da Persia,
„Que o tributo das cordas,
„Que a Portugal reconhecem
„Só neste metal se cobra.”

Todos sabem que depois da conquista de Góá, para nella estabelecer a metropole do imperio portuguez na Asia, fazendo della a séde estavel do governo, e aproveitando a sua vantajosa situação mercantil para della fazer um emporio de todo o commercio da India propria-mente dicta, nada cooperou tanto para a gloria de Af-

fonso de Albuquerque como a conquista de Malaca. Além do heroe, com esta empreza, vingar a morte de tantos portuguezes da frota de Diogo de Sequeira, ali traidamente assassinados; de libertar outros, que ali gemiam captivos, e vergando com o peso dos ferros, e dos mais asperos trabalhos, elle com a posse daquella praça grangeou para Portugal grande influencia em todos os povos da Aurea Chersoneso, e abriu as portas ao commercio das Molucas, do Japão, e da China. O poeta no terceiro, e quarto cantos, ou romances, de que se compõe este poema, descreveo com muita força, e elegancia de estylo aquella famosa expedição.

Pozemos ultimamente
Termo a esta larga derrota,
D'Aurea Chersoneso um tempo
Nas remotissimas costas.

Em cujo estreito servimos
A geographia enganosa
De Ptolomeu, cujas taboas
Naufragaram nestas ondas.

Passado o canal surgimos
Na enseada, que ambiciosa
Da insigne Malaca abraça
As plantas porque a corôa.

A cuja vista nos olhos
Com suspenção temerosa
A admiração, e o assombro
Se confundem, e equivocam.

Não tanto pela estrutura
Dos edificios, que mostram
Quanto na elegancia excede
A rica Asia á culta Europa;

Quanto pela formidavel
Obstinação prodigiosa
De suas muralhas, que eram
De animado bronze todas.

E porque na fé dos olhos
Não ficasse descomposta
Uma verdade com tantas
Presumpções de mentirosa,

Preciso foi que os ouvidos
Os soccorressem na prova,
Do admiravel testemunho
De mais de quatro mil boceaa.

Tanta era da artilheria:
A immensa, horrisona copia,
De que a praça inexpugnavel
Guarnecia as plataformas.

A qual, disparando a um tempo,
Nos quiz parecer que rotas
As espheras, desmentiam
Dos eternos eixos todas.

E era applauso! Agora julgue
Cada qual comigo agora
Como seria a da ira,
Si esta era a voz da lisonja.

Applauso foi, mas alheio,
Que a vista da armada nossa
Nem lhe deveu a advertencia,
Quanto mais a cerimonia.

Era El-Rei de Pao, que vinha
A render com fausto, e pompa
De Malaca á bella Infanta
O coração, e a corôa.

Tiravam seis elephantes
Sobre vinte e quatro rodas
Um carro triumphal, qual nunca
Em seus fastos sonhou Roma.

Occupava El-Rei um throno
Que ardia em chammas preciosas
De topasios, que parecem
Que abraçam tudo o que adornam.

cujo peso soberano
 Era esphera luminosa
 Das soberbas galarias,
 Que um quadro perfeito formam.

Nellas vinha a côrte, e nellas
 Em confusão magestosa
 Vinha a riqueza sem preço,
 Vinha o numero sem conta.

Real guarda repartida
 Em fileiras bem dispostas,
 Pomposamente adornavam
 A circumferencia toda.

Quando os seis montes viventes
 Com lenta, e grave demora
 Do Ophyr portatil moviam
 A machina prodigiosa;

Pareceu que nelles era
 A suspensão magestosa
 Mais que alta oppressão do juizo
 Soberba apreensão da gloria.

A espectaculo tão novo,
 Dividido em varias tropas,
 Um, e outro sexo a milhares
 A cidade despovoa.

Com razão, porque a admiravel
 Estructura prodigiosa
 Digno objecto era das vivas
 Attenções do mundo todas.

Com tanto regio apparatus
 Entre acclamações sonoras
 Do estrondo marcial, que os ares
 De festivo horror povoa,

Chegou ao palacio, aonde
 Nas reaes attenções que adora
 Do amante Rei, finalmente
 Seus rendimentos soborna.

O poeta mui judiciosamente aproveitou esta descripção das festividades feitas na recepção de El-Rei de Pao, que vinha a Malaca para se desposar com a Infanta, filha do Sultão Mahamud; em primeiro lugar para lançar mais variedade na sua narrativa, e em segundo lugar para nos dar idéa da grandeza, pompa, e opulencia daquella cidade, uma das mais nobres, e mais ricas do Oriente.

Nem se julgue que isto é uma invenção da sua phantasia, é facto puramente historico, referido além de outros pelo Bispo de Silves D. Jeronymo Osorio nos seus livros de *Rebus Emmanuelis*, talvez a historia mais bem escripta que possuímos. Quando Affonso de Albuquerque surgiu com a sua armada diante de Malaca estava esta cidade toda occupada nos festejos das bodas da Infanta com El-Rei de Pao, e cheia de estrangeiros, que haviam concorrido para vêl-as. A guerra, sempre ruim hospeda, fez para logo parar tantas alegrias, e não tardou muito que não tornasse as galas em lucto, os prazeres em lagrimas; tão rapidamente se muda o aspecto da fortuna, mesmo nas circumstancias, em que a felicidade humana parece mais segura.

Assim passou, que assim passa
A gloria humana, sem outra
Satisfação mais que a magoa
De vêr como é transitoria.

Desta verdade infallivel
Bem clara, e bem triste prova
Foi da infelice Malaca
A tragedia lastimosa.

Sobre aquelle fatal carro,
Que mais pareceu tramoia,
Em que ostentou a Fortuna
A sua imagem mais propria.

A palavra *tramoia* significa aquelle machinismo por que se operam as transformações, e mudanças de scena nos theatros; mas como na linguagem vulgar significa

tambem creedo, engano, velhacaria, e iavenção para illudir, esta circumstancia a tem tornado baixa, e de ruim effeito em escriptura seria, como acontece aqui, apesar de ser termo proprio para exprimir a idéa do poeta; é necessario que fuja cuidadosamente destes termos, e outros semelhantes, que não são poucos em nossa lingua, quem aspirar á gloria de escriptor correcto, e elegante, mormente quando a nossa lingua tem muitos termos mais nobres, e egualmente proprios para supprir estes.

Author fabricou o fado
Mutações bem prodigiosas,
Que muito fossem tão breves
Si as movia em tantas rodas!

Eu, vendo que a nossa armada
Ou por pequena, ou por nossa,
Devesse á attenção dos olhos
Curiosidade tão pouca,

Lha meti pelos ouvidos
Com uma salva espantosa,
Por vêr si tinha mais vulto
Em uma attenção, que em outra.

Não me enganou meu conceito,
Porque logo sem demora
Deu fé de vista, e de ouvida
A promptidão da resposta.

Desta foi nuncio um malaio
De lingua, e de mãos tão promptas,
Que na córte, e na campanha
Dava as leis, mandava as tropas.

Vinha o barbaro tão cheio
De arrogancia, e de vangloria
Que era ali no ar do semblante
A submissão imperiosa.

Porém vendo, ou presumindo,
No meu, senhor, uma sombra,
Que o temor, ou que o respeito
Lhe fez crêr imagem vossa,

Eu não sei o que viu nelle,
Só sei, senhor, que de toda
Aquella ambição de plumas
Se desfez n'um ponto a roda,

Deu mais força a este conceito
A ostentação belicosa
De meus cahos, que adornavam
Mais o terror do que a pompa.

Absortos os cumprimentos
A quem fez por teima, ou moda
Preciosa urbanidade
Proluxiosa cerimonia,

Me perguntou, cautelando
Seu doloso fim, que drogas
Buscava com tal perigo
Em provincias tão remotas.

Respondi-lhe, que os soldados,
Que da violencia aleivosa
D'El-Rei de Malaca presos
Davam manifestas provas,

Para a ambição portugueza
Eram prendas tão preciosas,
Que em seu valor todo o Oriente
Vilissima usura fóra.

Que estes só buscava, e que estes
Seriam sem mais demora,
Ou bem fim, ou bem principio
Da nossa, ou sua derrota.

Que os perigos, e as distancias
Que tem só por termo a gloria,
Nem o infinito as dilata,
Nem o mortal as deforma.

Foi-se; esperei; porém vendo
Que a dilação da resposta
Sobre ser pouco segura
Inda era menos airosa,

Me fiz lembrado mandando
Com uma salva espantosa
A ferro, e fogo intimar-lhe
Segunda vez a proposta.

Foi ella tão bem ouvida,
Que não sei qual foi mais prompta,
Si a resposta das bombardas,
Si do tyranno a resposta.

Velo o Malaio, e comsigo
Trazia para mais prova
De sua fé, um sómente
Dos vinte, que presos foram.

Não quiz ouvil-o, julgando
Com graduação generosa
Que em vinte, menos de vinte
Não bastava um para amostra.

O preso depois de feita
A narração lastimosa
Dos mais, cuja vida estava
Ao ultimo transe exposta,

Me disse, que desde o instante
Que ali demos fundo, toda
Malaca atrozmente ardia
Em prevenções bellicosas.

Não me assustou ; porém vendo
Que expedição tão ruidosa
Mais que para seu remedio
Para seu perigo fôra :

Como o baixel fluctuante,
Que por instantes soçobra,
Entre combates furiosos
Já dos ventos, já das ondas,

A um tempo me arrebatava,
Com justa violenta furia,
Dos prisioneiros a vida,
Dos inimigos a affronta.

Insigne Rey de Araujo,
Que a meu favor nas discordias
Que teve com Dom Francisco
Sacrificou vida, e honra,

Era um dos vinte, que vendo
Que a minha inutil demora
Com salutifero aspeito
Cobria mortaes symptomas,

Me avisou lhe não roubasse
Com piedade escandalosa
A corôa do martyrio
Pela civica corôa.

Que todes estavam promptos
A derramar com fé heroica
Das vidas o ultimo alento,
Do sangue as minimas gotas.

Que si o morrer pela patria
Era em nós acção gloriosa,
Quanto mais nelles, que uniam
A uma gloria outra gloria.

Ah! magnanima, estupenda
Digna acção, merecedora
Do alto fim, a que animaste
Aquellas almas ditosas!

Que importa não conseguissem
Tão nobre intento! que importa
Se para ser admiravel
Na execução tem de sobra!

Mas pois nos échos da Fama,
Oh illustre acção prodigiosa,
Sem voz, como sem exemplo
Ficaste ou perdida, ou morta:

Seja, porque eternamente
Viva en claro, e tu famosa,
Tua voz a minha inveja,
Meu exemplo a tua gloria.

Com taes auspícios eu vendo
 Que a attenção de mais uma hora,
 Assim como era já indigna
 Podia ser perniciosa :

Mandei pôr fogo aos navios,
 De cujo incendio as vôadoras
 Labaredas alentadas
 Do vento que activo sopra,

Prenderam nos edificios
 Cujá materia disposta
 Deu pasto ás linguas de fogo,
 Que activamente os devora.

Mahomet, que as fataes chammas
 E aquella luz horrorosa
 Do seu estrago iminente
 Previu imagem mais propria,

Deu liberdade aos captivos,
 Que me disseram que a frota
 De Cambaia, em que levavam
 Suas esperanças todas,

Se esperava por instantes
 Para que unidas as forças,
 Do affligido Oriente fosse
 Malaca a libertadora.

D'ella surgiram no porto
 Tres fragatas horrorosas,
 Que com mentido pretexto
 Vinham per exploradoras.

A man tempo; porque as chammas,
 Que não estavam ociosas,
 Com seu incendio serviram
 De exemplo, e de aviso ás outras.

A' vista de tanta injusta
 Simulação cautelosa,
 Antes dos ultimos transees,
 Quiz tentar ultima prova.

Mandei dizer ao tyranno,
Que em satisfação das grossas
Despezas daquella armada,
Que mais de seis contos monta,

Ou pagasse, ou consentisse
Que para o tracto da Europa,
Se edificasse em Malaca
Uma feitoria nossa.

Mas para que é perder tempo?
Si daquella, aos ceos odiosa,
Gente infiel estavam findas
No livro do fado as contas?

Amanheceu finalmente
A fausta, felice aurora
Do Protector sacrosanto
Da inclita gente hespanhola,

Em cujos auspicios feita
A consulta, em que zeloso
Da cerimonia dos votos
Se queixou do brio a honra.

Reparto em duas esquadras
Egualmente numerosas
A armada, e nellas por cabos
Eu de uma, o gran Lima d'outra,

Que como está dividida
Malaca da caudalosa
Corrente de um grande rio,
Que em partes eguaes a corta,

Preciso foi repartir-nos
A' vista da immensa copia
Da povoação, que uma legoa
Da praia, que occupa, assombra.

Communica-se a cidade
Na entrada da larga bocca
Da barra por uma ponte
De estreitura prodigiosa.

Em competidos extremos
 Nella egualmente se mostra
 De admiravel artificio
 Inexpugnavel a força.

Sobre os ambiciosos arcos
 Que parecem se remontam,
 Para o triumpho, com que os mares
 Impetuosamente doma,

Se viam dous baluartes,
 Que um quadro perfeito formam,
 Porque o porto das duas partes
 Fosse inacessivel todo.

E mais sendo a artilheria
 Tanta, que creio ainda agora,
 Que mais a arruinou seu peso,
 Do que a violencia nossa.

Nada mais exacto do que esta breve descripção do porto, e entrada de Malaca, e da maneira porque estava defendida, e fortificada. Todos os historiadores que tractaram desta guerra, concordam perfeitamente com o aqui expellido pelo poeta.

Quando vi tamanha empreza,
 Julguei, senhor, sem lisonja
 Ser digno emprego sómente
 Da vossa augusta pessoa.

Porém já que foi preciso
 Que outra fosse, escrupulosa
 Não quiz a minha vaidade
 Que outro me roubasse a gloria.

Por saciar do gran Lima
 A grande inveja, que mostra,
 Por lhe roubar o perigo
 De uma empresa tão preciosa,

Lhe dei, para socegar-lhe
 Estes escrupulos, outra
 A' minha inferior sómente
 Nas precedencias da escolha.

Desta machina soberba
 Jazia em distancia pouca
 Um Templo, em que competiam
 Milagres, materia, e fórma.

Das soberbissimas torres,
 Que excelsamente a cordam,
 Parece que as meias luas
 Com as do ceo se equivocam.

Era tão forte, que creio
 Que a gente já receiosa
 Não quiz librar sua defosa
 No poder do seu Mafoma.

Sahia o sol, quando os echos.
 Do bronze, que horrendo informa,
 Das caixas, e das trombetas
 Castigado o vento atrôa.

No tempo de Affonso d'Albuquerque não havia tambores, mas atabales; e ainda que os houvesse não devia o poeta fazer que aquelle heroe os designasse pelo nome de *caixas*; pois é sabido que o primeiro que deu aos tambores a denominação impropria de *caixas* foi o Conde da Ericeira no seu Portugal Restaurado. E' isto uma inadvertencia, que produz uma inverosimilhança, e anachronismo.

Quando o marcial preceito
 As esquadras valorosas
 Do protector soberano
 O tremendo nome invocam.

Dado o signal, e as esquadras
 Divididas, porque possa
 Na diversão, a defensa
 Fazer-se mais duvidosa:

Occupamos as chalupas
 Tão prômptos, como se fôra
 A evidencia do perigo
 Prognostico da victoria.

Quando vi da nossa armada
Sobre quatro taboas rôtas
Todo o poder, que podera
Ser desprezo a qualquer onda,

Cedi, com que pêjo o digo !
A' immensidade horrorosa
Das esquadras inimigas,
Que um armado mundo formam.

Vi tambem com quanta causa
Para as idades vindouras
Será a fé desta verdade
Hyperbole mentirosa.

Sem duvida a Providencia
Quiz, confundindo a vangloria,
Dar nesta acção do seu braço
Outra omnipotente prova.

Saltam todos a um tempo,
E a um tempo da praia opposta
Disparou a artilheria
Com furia tão portentosa,

Que pareceu, ou que a esphera
Do fogo opprimida e rôta,
Para abraçar todo o mundo
Se desfez em raios toda ;

Ou que o cégo horrendo abysmo
Das cavernas tenebrosas
Vomitou de fumo em globos
Da tristeza eternas sombras.

Como horrisona tormenta
Que em noite caliginosa
Sobre o pobre caminhante
Parece que os ceos transtorna,

Assim sobre nós cabiam
Naquelle noite medonha,
Diluvios de ardentes raios
Dos trovões que o bronze brota.

Neste infausto, e negro abysmo
De imprecações pavorosas
A sulphurea luz maligna
Mais confunde do que informa.

Tal foi o horror, que se o vento
Que opportunamente assopra,
Do fumo não dissipara
A obstinação perniciosa,

Sem duvida que opprimidos
Da nossa confusão propria,
Livrassemos o tyranno
Do perigo, o da deshonra.

Restituída já aos olhos
A entrejida luz, a novas
Illustres, grandes emprezas
Risco maior nos provoca.

Era a muralha um congestionto
De caducas pedras toscas,
Defendidas no conceito
Que dellas o medo fórma.

A cidade de Malaca não tinha muralhas; porque a pinião guerreira dos Jaos lhes não consentia edifical-as; ulgando-se os mais valentes soldados do Oriente, blazovavam de que os seus braços, e seus peitos eram bastantes ara defendel-a de qualquer ataque dos inimigos. Esta circumstancia não escapou a Francisco de Sá de Menees, o nosso segundo epico antigo, e pintor exacto dos ostumes, e tradições orientaes, que no livro quarto da *ua Malaca Conquistada* descrevendo a posição daquella idade, assim se explica na estancia noventa e duas:

Jaz Malaca, cidade das famosas,
N'um campo plaino junto ao mar, batida
Brandamente das aguas caudalosas
De um rio pelo meio dividida;
De casas de Pomona deleitosas

Da parte do sertão ennobrecida ;
 Muros não fabricou, porque os despreza
 Dos naturaes a indomita braveza.

Devemos portanto entender que estes muros de pedras toscas, de que falla aqui o poeta, não eram mais que as trincheiras de terra, e fachinas, e outras fortificações de campanha, em que os Malaios haviam assentado a sua artilheria.

Si não do indignado bronze
 Que na larga, horrivel pompa,
 De mais de oito mil bombardas
 Guarnecia a praia toda.

Para cujo assalto as brechas
 Mais faceis, e mais expostas,
 Dos canhões desformes eram
 As horrendissimas boccas.

Todas eram necessarias,
 E todas seriam poucas
 Para entoar dignamente
 O pregão de tanta gloria.

Desta animados, rompendo
 Com temeridade heroica
 Por impossiveis de-bronze
 Incendios para mil Troyas.

Estes impossiveis de bronze sam um tributo que Manoel de Sousa Moreira pagou ao mau gosto do seu tempo; mas é preciso confessar que foi elle um dos que melhor souberam perservar-se desta epidemia litteraria que então inficionou os melhores engenhos portuguêses.

Cada qual de valôr phenix,
 Das chammas abrazadoras
 Renasceu, eternisando
 Si não a vida a memoria.

De todos os habitadores do ar, e dos mares foram a Phenix, e a Rémora, os que mais trabalho tiveram com

os nossos poetas seiscentistas; elles em seus versos trazem sempre na casa dianteira esta pobre ave, e aquelle pobre peixe de que tinham feito o necessario, e indispensavel ingrediente das suas composições.

Sam como a hydra os perigos,
Que se a cabeça lhe cortam,
Fecunda em seu mesmo estrago,
A multiplica, e renova.

Quem dissera que vencida
Aquella machina fôra
De tão illustres perigos
Preludio, em vez de corôa?

Assim foi, pois mal pisamos
Com plantas victoriosas
Aquelle orbe ardente, quando
Novos monstros nos assombram.

Pareceu-nos que Malaca
Movia por alta força
Do encanto das suas torres
Uma fulminante tropa;

Ou que alistados os montes
Contra o ceo, faziam nova
Conspiração em despique
Da primeira fabulosa.

O poeta faz aqui allusão á guerra feita pelos gigantes aos Numes para os expulsarem do Olympo conforme lêmos em Hesiodo, e Ovidio, mas parece-me que exprimiu mal o seu pensamento, pois então não foram os montes que se alistaram contra Jove, foram os gigantes, que se serviram delles como de escadas, sobrepondo uns nos outros para subirem á morada dos Numes, o que é muito differente.

Tudo era porque eram vinte
Elephantes de tal fórma,
Que ou de torres, ou de montes
Não lhe vem a phrase impropria.

Pois sobre as vastas espadoas
As machinas prodigiosas
Vinte torres pareciam
Sobre vinte montes postas.

Vinha El-Rei sobre o mais alto
Com presença tão fastosa,
Que uma imagem parecia
De Jupiter, quando trôa.

Sobre outro vinha Aladino
Seu filho, que com pomposa
Ostentação conduzia
As catervas bellicosas.

De imperio digno era o joven,
Si a simulação traidora
Do pai o não defraudara
Da acção, como da corôa.

Todos os historiadores desta guerra, tanto naturaes como estrangeiros fazem honrosa menção da valentia, e intrepidez deste principe, que mesmo em tempos posteriores incommodou muito os governadores de Malaca com os seus ataques, e correrias, sem nunca descorçoar-se com o ruim resultado, que dellas tirava.

Mas já nesse tempo as settas
Em cujas ervadas pontas
Era muito mais nociva
Do que a violencia a peçonha,

Os ares inficionando
Tyrannamente mostravam
Que mantida em seu veneno
Aleivosamente vôa.

Raiva damnada infundiam
Nos feridos, mas que importa?
Si quanto era mais damnada,
Tanto lhe era mais damnosa.

Porque accrescentando as iras
 Naturaes as venenosas,
 Fizeram que fosse estrago
 O que triumpho só fóra.

Neste pois conflicto horrendo
 Em que por mais de tres horas
 Teve neutral a Fortuna
 Suspendida a fatal roda,

Vendo El-Rei que era impossivel
 Contrastar humanas forças
 A quem faz do proprio estrago
 Os instrumentos da gloria;

E vendo já que o perigo
 Todos os extremos toca,
 Moveu dos brutos gigantes
 As máchinas monstruosas.

Como horrivel tempestade
 Horrivelmente destroça
 Da saudosa, fertil seara
 As esperanças já louras,

Assim do ordenado campo
 As fortes fileiras prostra
 Da bruta, feroz tormenta
 A violencia impetuosa.

Pois juntando estrago a estrago,
 Formidavelmente mostra,
 Um sepulchro em cada planta,
 Um moutante em cada tromba.

O Bispo Jeronymo Osorio, na vida d'El-Rei D. Manoel, conta que os elephantes traziam espadas presas ás defensas, com que faziam grande estrago aos nossos.
Eliphanti inses dentibus adligatos gestabant, tantaque ferocia in nostros iranobant, ut antesignani pellerentur.

Osorio. L. 7.

Vasco Fernandes Coutinho,
E Fernão Gomes, que as rôtas
Desordenadas esquadras
Viram, com dôr generosa,

Vendo com heroico medo
Que era de uma sorte, ou de outra,
A resistencia impossivel,
A desistencia affrontosa :

Das consternadas fileiras
Como se contrarias foram,
Fecharam a porta ao risco
Para abrir caminho á gloria.

Pois ambos a um mesmo tempo
Fizeram via espaçosa
Nas esquadras, porque ás feras :
Com menos estrago corram.

E investindo pelos lados
A do Rei, que mais briosa
No risco, como no preço
Seguiu a diante de outras,

Tão a um tempo os duros ferros
Das fataes lanças se encontram,
Nas entranhas, que poderam
Bem quebrar-se ambas as pontas.

Oh gloriosamente illustres
Inclitas almas famosas,
Dignas de que o applauso vosso
Seja só vossa acção propria !

A fera, que mortalmente
Se viu ferida, tão prompta
Sacudiu do immeuso peço
As fabricas espantosas,

Que se viu no mesmo ponto
Toda aquella altiva pompa
Do tyranno, entre as ruinas
Miseravelmente involta.

Quem se fia em ti, fortuna,
Si és tão falsa, que risonha
A face mostras sómente,
Para virar logo as costas?

Principes, Rejs, este exemplo
Tomai-o bem de memoria,
Que o que cuidais que é grandeza,
Quando muito é só tramoia!

Não vos engane a Fortuna,
Que a sua inconstante roda
A'quelles, que mais exalta,
Sam aquelles, que mais prostra.

Da mortal dôr, pois, a fera
Desatinada, e furiosa
Voltando a tromba ás feridas
Tambem contra os sens se volta.

Seguiram-no os mais, que juntos
Sem disciplina, e sem fórma
Horriavelmente igualaram
A confusão, e a revolta.

O tyranno, a quem a sorte
Com queda mais perigosa
De seu throno precipita,
Que do seu bruto o desmonta,

Por salvar a triste vida,
Que a tanto perigo exposta
Nem achou da Magestade
Para refugio uma sombra,

Se bairulhou entre as turbas,
Onde em tanto risco encontra,
Si não reparo á ruina,
Refugio em fim á pessoa.

Fiai-vos lá na grandeza,
Que em trances tão duros posta
Quanto está mais aviltada
Tanto está mais perigosa.

Com esta reflexão termina o poeta o quarto canto, ou a quarta *Memoria*, como elle lhe chama, e no quinto prosegue com a narrativa da guerra de Malaca pela maneira seguinte.

Em quanto pois neste tempo
Obstinadamente choram
Os contrários pela vida,
Os nossos pela victoria.

Chorar pela vida, ou pela victoria, em lugar de combater, ou pelear me parece phrase pouco propria; já neste tempo, ainda nos melhores escriptores, principiava a manifestar-se a decadencia da lingua, corrompendo-se a pureza da sua phraseologia, sem duvida porque os escriptores do bom seculo de D. Manoel, e D. João III. já eram pouco lidos de uns, e até desprezados de outros, porque não encontravam nelles as subtilizas engenhosas, e os brilhantes falsos da escola de Gongora, que elles chamavam cultura; e admiravam, estudavam, e imitavam com todo o desvélo.

O illustre D. João de Lima,
Depois de fazer taes cousas,
Que dellas a minha empreza
Podéra ser invejosa :

Assaltada a artilheria,
E a guarnição, que entreposta
Obstinava na defensa
Do profano templo as forças,

Não parou até que as quinas
De Portugal sobrepostas.
Nas torres das meias luas
Sacrosanto helice foram.

Eu vendo, oh! com quanta inveja!
Que mais que o vento as sonoras
Vozes, que o triumpho acclamavam,
As bandeiras se tremolam,

Adverti aos combatentes,
Que aquelles cchos, que soam,
Eram, mais que do seu triumpho,
Pregão da minha deshonra.

Que se esperavam que aquella
Consequencia vergonhosa
Da já extincta guerra fosse
Do gran Lima empreza nova,

Se enganavam, porque aquellas
Prostradas reliquias, poucas
Eram do seu braço invicto
Desprezo, em vez de victoria.

Que cerressemos ao menos
Para que na patria corra
A voz de que testemunhas
Fomos de acção tão famosa.

Já neste tempo Aladino
Salvara o pai, em que mostra
Piedade, e constancia dignas
Da heroica acção com que as obra.

Logo sem cabeça um corpo
Que é? (disse) por mais que possa,
Mais que um tronco, que cortado
Só resiste no que estorva?

Mais em formar me detive
Estas palavras, que ou louco,
Ou cego diotava a inveja
Revestida em trajés de honra,

Do que os meus, que como raio,
Desata a constante rocha
Em romper dos inimigos
A obstinação valorosa.

Que muito, si no ar foi vista
Entre luzes pavorosas
Do insigne patrão a espada
Formidavelmente rôxa!

Este apparecimento da espada de Santiago durante o assalto de Malaca é rasgo de maravilhoso da invenção de Manoel de Sousa Moreira. Pelo menos ainda o não achei mencionado em nenhum historiador. E se algum tivesse fallado nelle, é mui crível que Francisco de Sá de Menezes se houvesse servido desta idéa na sua *Malaca Conquistada* onde aproveitou com a destreza propria do genio muitas outras lendas, e tradições semelhantes.

Fez termo a mortal porfia
Da ponte fatal nas portas
Para o refugio patentes,
Mas para o perigo expostas.

Pois por ellas sem reparo
Iadistinctamente envoltas,
Entraram ao mesmo tempo
A confusão, e a victoria.

A escolher morte, a mais clara,
A mais digna, a mais gloriosa,
Digno theatro da minha,
Senhor, esta ponte fôra.

Perdoei, monarcha invicto,
Que esta cega ambição de honra
Si não descreve a modestia,
Pelo menos a transforma.

Mas não perdoeis, que eu creio
Que culpas tão generosas
Dignas sam da vossa inveja
Mais que da clemencia vossa.

Oh quem podera mostrar-vos,
Senhor, uma imagem propria
Daquellâ por tantas causas
Grande, immensa, immortal hora!

Vireis sobre aquella ponte,
Que a Fortuna como authora
Adornou para theatro
De acções tão maravilhosas,

A obstinação, e a constancia
Provam as ultimas forças
Sobre qual do acto primeiro
Fosse a primeira pessoa.

Vireis como se empenhavam
Em soccorro de uma, e de outra
A Desesperação cega,
A Valentia briosa.

Vireis de terror, de espanto
Cobrir-se a scena, em que mostra
Da morte a mais triste imagem,
Dó inferno a mais negra sombra.

Vireis que a ira, a violencia
Se encontravam tão furiosas,
Que não só vêem o seu damno,
Mas, o que inda é mais, ignoram.

E vireis ultimamente
Porque parecer não possa
Fabula o que foi verdade
De evidencias tão custosas,

Uns tão briosos vassallos,
Que sem mais premio, e sem outra
Esperança mais que a morte,
Que a tão caro preço compram,

Pleitear pelo sepulchro,
Como si fosse por toda
A circumferencia augusta,
Da vossa real corôa.

Já nesse tempo Atadino,
Que com clarissimas provas
Do pai, e da patria a um tempo
Filho igualmente se mostra,

Corria impetuoso á ponte,
Como quem ser não ignora
O Paladio, em que se libram
Os fados daquella Troya.

Foi tão duro o seu combate,
E tão grande a oppressão nossa,
Que já nem para suspiros
O coração tinha forças :

Pois entre tantas angustias
A respiração medrosa
Em vez de ser ar, que anima,
Solução é mortal, que affoga.

Ah! de quantos foi alivio
O vêr que a inimiga ponta
Para respirar lhe abrisse
No peito mais uma bocca !

Neste estado pois, em que era
Com suspensão lastimosa
Da morte menos horrivel
O perigo que a demora,

Nos achou o grande Lima,
Que o ceo tomou por sua conta
Para fatal instrumento
Desta empreza prodigiosa.

Por este, e por outros trechos vê-se que o aauthor por deferencia para com a casa de Lima, a quem talvez teria razões de fazer a côrte, dá nesta empreza a primazia a D. Manoel de Lima, mesmo á custa do credito de Alfonso de Albuquerque. Os historiadores não estão nisto concordes com elle, mas a lisonja não repára nessas cousas.

O qual depois de abrazado
O templo excelso, que fôra
Vingança mais que alimento
Das chammas expiadoras :

Depois que de augusto carro
Nas lavaredas preciosas
Accendeu as fataes téas
Daquellas infaustas bodas,

Depois que a improvisa fuga
 D'El-Rei de Pau foi tão prompta,
 A firmar seguramente
 As plantas victoriosas,

Este incendio do carro triumphal d'El-Rei de Pau, e a fuga deste Monarcha, que vendo as cousas em perigo sahiu cobardemente de Malaca com o pretexto de ir buscar soccorros, sam factos historicos.

Força foi que o fatal ferro
 A abrisse então espaçosa
 Que nella ambiciosamente
 Se adornou do triumpho a pompa;

Porém vendo os inimigos
 Ser impossivel que possa
 Caber em campo tão breve
 Uma tão grande victoria,

O despejaram tão promptos,
 Que sem fazer cerimonia,
 De salto se resolveram
 A alojar-se sobre as ondas.

Sem fazer cerimonia, e resolveram-se de salto sam phrases demasiado familiares, e pouco proprias do assumpto.

A mau tempo, porque a gente
 Da armada, que já de escolta
 Para qualquer accidente
 Deixou prevenida e prompta,

Das pontas dos crueis ferros,
 Em que os espera, os arroja
 Sobre as ondas, a que chegam
 Já quasi feitos em postas.

E como si do Oceano
 As aguas fossem já poucas:
 Para um naufragio nos mares,
 No proprio sangue se affogam.

Restava o Malaio, aquelle
Cuja embaixada aleivosa
Nos deu motivo, e direito
Para a queixa, e para a força:

Com tanta o valente mouro
Destrissimamente joga,
Um montante, que forjado
Pareceu na fragoa Kolia,

Que como trisulco raio
Com tremulos giros corta
Os ares, que horriavelmente
De maligno Sul assombra ;

Assim, fulminando estragos
Com mortaes fendentes prostra
A quanta humana existencia
Infaustamente o provoca.

Mas o fortissimo Lima
Reputando por affronta
Que para o triumpho isto fosse
Já que não risco, demora,

Interpôz o forte escudo,
Que em tão repetidas provas
Pareceu que temperado
Foi tambem na mesma forja :

E observando um contratempo
Em que o montante deu volta,
Com movimento improviso
Desde uma mão para a outra,

Meteu a espada, e apenas
Tocou a homicida ponta
O peito, quando co'a alma
Se viu sahir pelas costas.

A alta oppressão, em que a minha
Ficou mortalmente involta
Só respirar se podera
Por aquella mesma bocca.

Ella seja, oh claro Lima,
Quem só dignamente possa
Narrar deste braço invicto
As acções maravilhosas.

Em quanto eu de absorto, e mudo
Vou proseguindo a derrota,
Que a meus já triumphantes passos
Abre a tua espada heroica.

O generoso Aladino
Vendo que era acção furiosa
Querer com forças humanas
Contrastar divinas forças,

Se retirou, mas já a tempo
Em que entre as nocturnas sombras
Se equivocavam nos passos
A confusão, e a victoria.

Mercê foi do ceo, que amigo
Antecipou com piedosa
Próvida attenção da noite
As faustas propicias horas.

Pois o que a Lima acontece,
Que com aquella acção propria,
Com que vai roendo o ferro
Ou se estraga, ou se rebota.

Sucedeu a meus soldados,
Que com teima generosa
Sem descanso, e sem sustento
Batalhamos desde a aurora.

Si os já prostrados alentos
Não se animaram da gloria
De seu proprio esforço invicto
Despojo infallivel foram.

Retiramo-nos á armada,
E foi bem notavel cousa
Que o que não póde o perigo
Faze-lo o triumpho possa.

Porque a noite, o horror, o estrago
Em suspensão pavorosa
De phantasmas formidaveis
Horrendas imagens fórma.

Medo foi, porém foi medo
Do proprio valor, que agora
Do que antes fez admirado;
Disso mesmo, é que se asseombra.

Elle guarneceu os postos,
Em quanto a piedade nossa
Na assistencia dos feridos
Fez a dilação forçosa.

Foi de alguns dias, e em todos
Militou por nossa conta
Do fugitivo Malaio
A consternação famosa.

Mas cobrado finalmente
Do primeiro horror, conyoca
Para segunda tragedia
De Java inimigas tropas.

Malaca foi defendida pelos seus habitantes, e alliados com um furor, pertinacia, e encarnicamento igual aos com que os nossos a atacaram. Além da defesa dos seus lares, dos seus bens, de suas mulheres, e filhos, dos seus templos, e das sepulturas dos seus avoengos, os Malaioes quèriam sustentar a reputação dos melhores soldados da Asia, que gozavam de tempo immemorial; pôde julgar-se por aqui que valor devia haver nas tropas, que prudencia no chefe para cometerem; e acabarem tão grande empreza; e hoje por vergonha nossa dominam pacíficos os Hollandezes nesse brilhante theatro das nossas antigas glorias! *sic transit gloria Mundi.*

E reparada a ruina,
Em cujos avanços mostra
Que a seu poder os estragos
Mais que a quebrantam, a adornam,

Novo asiatico Antheo,
Com resurreição famosa,
Quiz mostrar que da ruina
Mais vivos aleantes cobra.

Parecem que outra Malaca
Della sabia; mas que importa;
Sendo para o triumpho a mesma,
Que para a vista fosse outra?

A mesma foi, porque os mesmos
Tambem certamente foram
Os que apesar das feridas
Mal curadas, e bem rotas,

Ensinaram ao tyranno,
Com experiencia nova,
Que repetir os perigos
Foi duplicar as victorias.

Mas sendo a soberba ponte
Forte misagra, que abrocha
Da dividida Malaca
As duas partes oppostas,

Preciso foi separá-las,
Porque, ou guarnecida, ou rota,
Nellas fizessem divorcio,
Ou as armas, ou as ondas.

Era (dizei) impossivel
A empreza? Não; mas tão outra,
Sendo a mesma, que do que era
Nem sombra foi o que fôra.

Porque Mahomet, prevenido
Do seu proprio estrago, mostra
Que de tão altas ruinas
Dignas eram só tais forças.

Contra este fero apparatus
A cuja vista inda agora
O horror, que antes foi dos olhos,
Escandalo é da memoria:

Despuz uma nãu soberba,
 Que animando-se entre as sombras,
 A' ponte, sô não ao passo,
 Transito á vista dar possa.

Tal era a empreza, que entendo
 Bem resoluta; e bem prompta,
 Disposição para o risco
 Não teve acção para a escolha;

Porque os meus, que não viviam
 Da vida mais que da honra,
 Presentindo em meu semblante
 Este, ou receio, ou demora,

Tão a um tempo todos junctos
 A occuparam, porque a escolha
 De que todos eram dignos
 Nenhum aggravar-se possa,

Que o querer dar precedencia
 De primeiros, seja força
 O mentir, porque os primeiros
 A'quella voz todos foram.

E mais que todos o invicto
 Antonio de Abreu, que rôtas
 De um tiro as faces; que quasi
 Lhas deixou feitas em postas,

Vendo era o cabo da empreza
 Que aquella mão piedosa
 Em quanto lhe ata a ferida,
 Lhe retarda o risco de outras,

E vendo, oh com quanta furia!
 Que haja quem tirar-lhe possa
 O logar, que mais que em sangue
 Estava alagado em gloria,

Levou da espada, e banhado
 De sangue na illustre copia,
 Que ao semblante mais que á bala
 Sahir-lhe fazia a honra,

Qual forte leão ferido,
De Africana lança, mostra
Que quanto mais vida perde
Tanto mais alento cobra.

Tal o Abreu, que desprezando
Com resolução heroica
A cura, que para o brio
Era então mortal symptoma,

» Si alguém (disse em mal distinctas
Vozes, que entre o sangue involtas
A lingua feita em retalhos
Mais do que articula, arroja)

» Si alguém fôr (diz) tão ousado,
» Que intente com furia louca
» Encher um posto, em que o risco
» Me fez digno já da escolha,

» Lhe mostrarei que inda tenho,
» Por mais que a ferida o estorva,
» A lingua para as palavras,
» Livres as mãos para as obras.»

Este facto é igualmente historico; com homens desta
tempera o Oriente devia ser, como foi, subjugado por
um punhado de Portuguezes.

Já nesse tempo desfeita
A carranca procellosa,
Que com furia horrenda armaram
Conspirações ventos, e ondas,

Corria maior tormenta
A nau fatalmente exposta,
Aos fulminantes dilúvios,
Que a raios a ponte arrojá.

Mas apesar de tão duro
Contraste, surgiu pomposa,
Junto á ponte já assombrada
Das bandeiras que tremola.

Oh lenho glorioso, e digno
De illustrar-te entre as famosas
Imagens, de que as espheras
Luzidamente se adornam !

Aqui foi quando parece
Que a innocencia luminosa
Da esphera do fogo accessa
Se desfez em raios toda.

E aqui d'onde a lusitana
Paciencia generosa
Venceu mais no soffrimento
Do que ao depois na victoria ;

Porque os inimigos tendo
Obstínadamente postas
Da ponte no fatal muro
As esperanças, e as forças,

Provaram o ultimo alento
Com accões tão generosas,
Que esse, que mais as inveja,
E' aquelle que mais as louva.

Oh varões fortes, oh invictos,
Que dita seria a vossa
Si de tão clara ruina
A causa eclipse não fôra !

Esta reflectão do author me parece menos exacta, e pouco phylosophica ; os Malaios defendiam valorosamente a sua patria, o seu culto, e as suas familias, esta causa era justa, e honrosa, e não podia servir de eclipse ao seu valor, e á gloria adquirida em tão briosa defesa.

Em vós teve a infeliz patria
Já que não a sorte, a honra
De que de suas ruinas
Resultasse a nossa gloria.

Quizera dizer a inveja,
Mas acções tão prodigiosas
Lavradas no proprio alento
Sobre a mesma inveja vóam.

Fostes, é certo, vencidos,
Mas de sorte que inda agora,
E' o horror do vosso estrago
Temor da nossa victoria.

Tu, famoso Abreu, poderas
Dar disto evidentes provas,
Pois tens para o testemunho
Ainda abertas tres boccas.

Para o de tuas proezas
As da mesma Fama róucas,
Todas eram necessarias,
E todas seriam poucas.

E mais quando com teu sangue
Tingindo 'a enxarcia as cordas
Em que aos companheiros davas
Um exemplo em cada nodoa,

Com heroico precipício
Déste da gavea alterosa
Aquelle salto, que inda hoje
Gloriosamente sóa.

Quem de céga, e temeraria
Notou tanta acção, bem mostra
Que jámais os seus excessos
Ham de incorrer em tal nota.

Estes, senhor, sam os votos
Que o templo da Fama adornam,
Que valor mais reportado
Nunca taes milagres obra.

Neste conflicto admiravel
Com gradação protentosa
Dos ultimos os primeiros
Se viu que excedidos foram.

Porque os primeiros subindo
Com resolução heroica
Levavam só do perigo
A apprehensão na coragem posta.

Quando os ultimos á vista
Dos estragos, que os provocam,
Fazem da alheia ruina
Incentivo para a propria.

Todos foram admiraveis
Com diverso fim, pois obram
Os ultimos pelo estrago
Si os primeiros pela gloria.

Oh gran Rei, para estas vistas
Sam, ou para estas memorias,
As attensões soberanas,
As reflexões magestosas.

Olhai para estes vassallos,
Que os que vos cercam á roda,
Quanto avultam em grandeza
Tanto estreitam na corda.

Não vos leve toda a vista
A ostentação das pessoas,
Que é lastima que só sejam
Bem vistas as mais vistosas.

Mas que haveis de vêr, si eu proprio
Com toda a vista, com toda
A attenção não devo aos olhos
A fé, que pedem taes provas?

Pois quem desde o mesmo effeito
Ha de crêr que a mais ruidosa
Acção, de quantas o mundo
Com brado immortal atroam,

Se intentasse, e conseguisse
Com poder, e armas tão poucas,
Que foi o mesmo successo
Descredito da victoria?

Ganhou-se a ponte, e é sómente
O que direi sem mais pompa,
Que os que a ganharam bem pôde
Ser que dizel-o não possam.

Ganhou-se, bh'estupendo caso!
Que os testemunhos, que sobram,
Nas acções para o triumpho
Faltam na voz para a prova.

Assim foi; pois de duzentos
Que deram á empreza heroica,
Nos desperdícios da vida
Prodigalidades de honra,

Nem apenas as reliquias,
Que poderam ser de gloria,
Deram um informe á vista
De tantos que á fama sobram.

Eu, e o fortissimo Lima,
Que por partes contrapostas
Para o mesmo fim corremos
Ou para a mesma derrota,

Quando ouvimos d'entre o estrôndo
Da sulphurecá ardente copia
Do bronze acclamar o triumpho
Por menos horrendas boccas,

E vemos, antes não vimos,
Da real bandeira nossa,
Em mal distinctos retalhos
Umás reliquias bem rotas,

Corremos; vendo que apenas
Neutral a vista se informa,
Si naquelle movimento,
Si espedaçá, ou si tremola.

Tudo era, pois para tudo
Dava horror, e dava mostrás,
Da hastea os mudos fragmentos,
Do braço a constancia heroica.

Contra quem, barbaros, tanta
 Fazeis profusão bisonha,
 A quem faz, mais que o dispendio,
 O mesmo estrago preciosa !

Contra o vento tanto corpo,
 Dá a vil apprehensão vossa
 A um conceito? tanto póde
 Do temor sómente a sombra?

Já neste tempo o tyranno,
 Que apesar do estrago agora
 Si atéqui de poderoso
 De omnipotente blasóna,

Por mostrar que não sómente
 Para vencer tinhá forças,
 Que ostentou com formidavel
 Repróducção prodigiosa.

Mas por ultimo despique
 A um tempo alista, e convoca
 Desatada esphera em raios
 Derramado abyssmo em sombras.

Foi o caso; ao repetil-o
 Ou de opprimida, ou de absorta,
 Em vez de informe parece
 Que assombros dicta a memoria.

Que elevada a artilheria
 Com resolução tão prompta,
 Como se do pensamento
 O bronze animado fôra,

Sobre as espadas de um mente,
 Que com carranca imperiosa
 De Malaca os altos muros,
 Si não tyrannisa, assombra,

Em um diluvio de raios,
 Em quem para estragos sobra
 A violencia, que infinito
 O numero fez ociosa,

Se desatou sobre quantos
Edificios a povoam,
Que assolados fabricavam
Armas da ruina propria.

Eu neste horrendo conflicto
Vendo as hostes valerosas,
Muito mais, que do perigo
Assombradas da victoria:

Fiz sobre o lado dircito
Conversão, que a larga bocca
De uma rua convidava
Mais franca, ou menos exposta.

Em cuja estrada observando,
Que com ser larga, e formosa
Não se via um só, que acaso
Defendel-a ou queira, ou possa,

Mandei fazer alto a tempo,
Quo uma voz clara, e sonora
Igualmente foi ouvida
Quasi das esquadras todas.

“ Não pizeis da rua infame
” As pedras (diz), que traidoras
” Tanto mais o damno occultam,
” Quanto mais o passo mostram.”

Não houve algum de tão surda
Piedade, que á protectora
Voz do ceo não tributasse
Graças, e esperanças promptas.

Com que entre um, e outro perigo
Elegemos sem demora
Antes que sepulchro infame,
Desesperação gloriosa.

Pois móvida de alto impulso
Por entre aquella espantosa
Nuvem de pedras, e raios
Que o bronze, e a ruina formam,

O monte escallamos d'onde
 Entre os estragos, que adornam,
 Dos fragmentos da ruina
 Se cordou a victoria.

Esta, senhor, de Malaca
 A empreza foi, e estas foram
 As acções, que do author mesmo
 Que as conseguiu, se desformam.

Parece-me que estes dous fragmentos poderão dar aos Leitores sufficiente idéa deste poema, singular, e de um genero novo em nossa lingua, em que o author recopilou todas as acções, e façanhas de Affonso de Albuquerque; e aquelles que acharem estas citações demasiado extensas, devem lembrar-se, que se tracta de fazer conhecer um poeta até agora desconhecido, posto que talento não vulgar, visto que os versos que neste livro deparam sam os unicos versos da secunda veia de Manoel de Sousa Moreira, que até hoje se tem publicado pela imprensa, tendo-se conservado até agora manuscriptos, esquecidos em algumas livrarias, e por mãos de raros curiosos.

Parece-me que os dous defeitos mais salientes deste poema sam a prolixidade, que nelle reina algumas vezes, e o abuso que o poeta faz em outras dos adverbios terminados em *mente*, que sendo de si pouco poeticos, muito menos o ficam sendo prodigalisados do modo por que elle aqui os prodigalisa.

Na collecção que acima citamos encontram-se mais as seguintes composições: Prometheo; poema em lingua castelhana constante de duzentas estanças; Fabula de Venus a Adonis, tambem em oitavas, dedicada em Salamanca ao Marquez de Pliego, filho do Duque de Feria. Fabula de Jupiter e Europa, Silva. Um poema de dous cantos, e em oitavas, em que debaixo do anagramma de Manleo, nos refere alguns acontecimentos da sua vida, de uma maneira mui poetica, mas pouco clara. Eis aqui como elle designa no principio do segundo canto, o seu nome, a sua patria, e os seus estudos.

Meu nome é Manleo, meu cõgnome a planta
 Que alimenta esse insecto mysterioso,
 Que com tanto primor, com gula tanta
 Edifica o seu tumulo precioso:
 Outro appellido tenho, que levanta
 Claro esplendor com fausto magestoso:
 Mas só nas Luas tem a par das Quinas
 De umas as sombras, de outras as ruinas:

Naquelle alta região, que pelo Oriente
 Desta o Douro divide, em quem os montes
 Que lhe dam nome, e credito altamente
 Levantam juncto á esphera os horizontes,
 Nasci; patria foi minha ingenuamente
 A que entre os rios dous, e duas fontes
 Excelsa jaz, e a quem com falso agouro
 Tavora gloria deu, e nome o Douro.

Passada a infancia, e com variada sorte
 De meu pai toda a casa trasladada
 Passou de Traz-os-montes para a Côte;
 Patria minha segunda, e patria amada,
 Ahi corada a cruel paterna morte
 Dignamente por mim nunca chorada,
 Decorei de bom mestre es documentos,
 Do idyoma latino os rudimentos.

Aprendidos, não sem felicidade,
 Logo a universal phylosophia
 Passei de Hespanha-á inclita cidade,
 Que é das letras emporio, e monarchia:
 Nella da imperatoria faculdade
 Os famosos oraculos ouvia,
 Que fazer bem podiam parallellos
 A's Apollineas tripodes de Delos.

Mas como o genio foi sempre inclinado
 A's cultas, e suavissimas Camenas,
 Delle na tenra idade arrebatado,
 Pois tres lustros cabaes cumpria apenas,
 Por elle fui ouvido, e celebrado

No lyceu claro da hespanhola Athenas,
D'onde com fama, e sequito me envia
Orar, e presidir a Academia.

Tive muitos amigos, que a ventura
Me adquiriu, e entre todos de alta sorte
Um Gomes, claro sol da Estremadura,
E um Medina, esplendor da Iberia corte,
Mas sobre todos com maior cultura
Observado por mim será té á morte
Faria excelso, a quem a escola via
Dictar as mesmas leis, que dar podia.

Narra depois como, voltando á patria, abraçou o estado ecclesiastico, foi parochó, e entrou na casa do Arcebispo de Lisboa, que o incumbiu, como dissemos, de escrever a historia genealogica da sua familia.

O author faz sentir graciosamente o trabalho e aborrecimento que lhe custou o desempenho daquelle tarefa impertinente.

Como inexperto, facil navegante
Dos suaves galernos enganado,
Se entrega inadvertido ao inconstante
Mar, soberbo sem susto, e sem cuidado,
Quando da doce praia já distante
Só mar, e ceo descobre, então pasmado
Com desengano nescio lá comsigo,
Tarde, e mal cré, e vê o seu perigo.

Assi engolfado eu já naquellé empenho,
Em que a ninguém jámais darei çumes,
Quando me vi com pobre, e fragil leuho
No immenso mar de tantos mil volumes,
Que para qualquer leve descmpenho
Choviam sobre mim como a cardumes,
Então foi que accusei a cego engano
De medir pelas praias o Occano.

Terminado este monumento de vaidade aristocratica, que sahio á luz em Paris, queixá-se o author, de que

o Arcebispo desagradecido a tamanhas fadigas, por obsequia-lo emprehendidas, e superadas, começou não só a tracta-lo com frieza, mas de modo que lhe foi impossivel continuar a servir com elle.

Até que manifesto o seu desvio
Com pesado, e incivil desabrimento,
Picado n'alma vivamente o brio,
Me parecia vileza o soffrimento;
Com que, remindo logo o alvedrio
De um captiveiro fiel sobre violento,
Repeti por direito, e por piedade
Do postliminio a antiga liberdade.

Este o galardão foi, com que a grandeza
De um principe, que o é cousa é notoria,
Premiou a preciosissima despeta
Que fiz de tanto estudo em tanta historia.
Mas fallando verdade, não me pesa,
Pois de mais que meu premio é minha gloria,
Com despique mui nobre, e mui barato,
Me vinguei delle, pois que o fiz ingrato.

E' neste ponto da vida do author que termina o poema, a que se seguem, no manuscripto, Paris e Enone, Comedia; Paris e Helena, Comedia; Epithalamio no casamento de D. Anna de Lorena com D. Rodrigo de Mello; Endimião e Diana, Lôa nos desposorios do Conde de S. João; Lôa ao natalicio da Condessa d'Atouguia; outra aos annos d'El-Rei D. Pedro II.; outra ao Natal; outra aos annos da Infanta D. Isabel. Esta Lôa consta que foi representada no Paço. Affectos de Psyche, e Cupido em tertia rima. Alguns sonetos (entre os quaes se contam alguns de bastante merecimento) a diversos assumptos sacros, e profanos; transcreverei alguns.

A um Crucifixo de marmore vermelho, e branco.

SONETO.

Vês esse marmore, que no monte altivo
Obstinado em fortissima aspereza,
Constante despresou toda a dureza
De tanto fulminado ardor activo?

Pois vê, que docilmente sensitivo,
 Como sombra da propria Natureza:
 Illustrá, mais que mancha, soa pureza
 Nesse purpureo arroio successivo.

Abranda-se a dureza de um rochedo,
 E em roxa undosa veia desatado
 Se mostra em tanta lastima sensível.

E chega a ser mais duro que um penedo
 Teu coração, mortal, pois obstinado
 Mais insensível é que o insensível.

A Alexandre, não querendo vêr a esposa, e filhas de Dario, que depois da derrota daquelle Rei da Persia, haviam ficado prisioneiras no seu campo.

SONETO.

Que acção mysteriosa te embarça
 Magnanimo Alexandre, á que não queiras
 Vêr nessas tres bellissimas guerreiras
 Da Asia toda a delicia, e toda a graça?

E' por não aggrávar da sorte escassa
 O rigor entré vistas lisongeiras,
 Ou porque de tão altas prisioneiras
 Não te cabe nos olhos a desgraça?

Bem pôde ser; e eu mais de ti confio:
 Mas penetrando mais profundamente
 Do teu peito o segredo mysterioso,

Não viste as charas prendas de Dario
 Porque da vista o pejo reverente!
 Do coração foi medo valoroso.

Não direi nada do pejo reverente da vista, nem do medo valoroso do coração porque estes, e outros quejandos modos de dizer fazem parte do dialecto poetico dos seiscentistas, e os capitulos antecedentes noa devem

ter familiarisado com elle. O que me parece mais singular neste Soneto, que não é dos peiores, é a denominação de guerreiras que o poeta dá aqui á esposa e filhas de Dario, como se se tractasse de Penthesilea, de Clorinda; ou de Bradamante, e Marphisa: Nem de Quinto Curcio, nem de nenhum outro author grego, ou romano consta que aquellas princezas tivessem parte nas fadigas da guerra. A religião do paiz lhe não permitia o exercicio das armas; accompanharam Dario, porque quando o rei dos Persas marchava, marchava com elle toda a casa real. E' crível que Manoel de Sousa Moreira as fizesse guerreiras, influenciado pela leitura dos romances de cavallaria, em que a todo o instante se depara com mulheres que trocam o fuso pela espada, e o toucado pelo capacete.

Ao cabellô de D. Leonor de Lorena, metido em uma bolça de setim preto.

SONETO.

Bolça avarenta, ingrata nuvem féra,
Que com negra prisão, com triste agouro,
Da terra escondes o melhor thesouro,
Eclypsas a mais clara luz da esphera.

Que te val condemnar com lei severa,
Que te importa enluctar com vil desdouro
Esse Ophir desatado em rios de ouro?
Esse Sol, que eclypsado reverbera?

Mas advertindo bem tua avareza,
Mas tua austeridade bem prevista,
Providencia foi mais que crueldade.

Pois vista a tanta luz tanta belleza,
Quantas almas teriam liberdade?
Ou quantas attenções teriam vista?

*A' mesma Senhora soltando os seus cabellos, que
a cobriam toda.*

SONETO.

Ambição, e não gala, é quanto ostenta
Aquella nuvem rica, incendio louro,
Pois só para occultar maior thesouro
Sê desata em aurifera tormenta.

Como pôde ser gala nma avarenta
Conspiração de raios, si em desdonro
Dos milagres, que esconde, a rios de ouro
Inundar toda a luz do Sol intenta?

Si já não foi que o Sol, vendo excedida
Toda a sua ambição, da luz mais pura
De seus raios formou nuvem luzida.

E com razão, pois toda a formosura
De todo um Sol á vista de Leonida
E' nuvem, quando mais, menos escura.

Tenho por um dos melhores sonetos desta collecção
o seguinte sobre a renovação de um incendio amoroso,
que se julgava extincto.

SONETO.

Aquelle incendio, Phylis, que apagado
Presumiu a alma que no peito estava,
Como do coração se alimentava
Se occultou entre as cinzas desfargado.

Porém como do ardor dissimulado
Ou presumida, ou nescia se fiava,
Foi repetir a origem que o formava,
Não sei se por descuido, ou por cuidado.

Mas quando a fatal causa deste damno
A memoria accusou com um suspiro,
Soprou a cinza, a quem o ar inflamma.

Oh nescia confiança ! oh cégo engano !
 Que aproveita dar vistas o retiro
 Si dentro d'alma se alimenta a chamma !

O soneto moral a Fabio elogiando a constancia do varão forte, que resiste ás tribulações, e triumpho dos desfavores da Fortune, póde haver-se por um dos mais perfectos, que sahiram da penna de Manoel de Sousa Moreira.

SONETO.

Por mais que o mar, oh Fabio, embravecido
 Contra o rochedo altivo se levante,
 Por mais que furibundo o Noto espante
 A robusta altivez do cedro erguido :

Só servirá sen barbaro reido
 De o deixar mais soberbo, e mais constante ;
 Só servirá sua cholera arrogante
 De o deixar mais ufano, e presumido.

Mais que o rochedo ao mar, que o cedro ao vento
 Sobre as injurias da inconstante sorte
 Sempre igual teu espirito se eleva !

Pois todo o sen furor, bem que valente,
 Se arma contra o valor do varão forte
 E', Fabio, espuma vã, é sopro leve.

Entre as poesias de Manoel de Sousa Moreira que mais applaudidas foram no seu tempo, contam-se dous romances, um contendo uma carta de D. Ignez de Castro, depois de condemnada á morte, ao Principe D. Pedro; e outro contendo uma carta da Condessa de Bolonha a El-Rei D. Affonso III., em ambos acho o defeito de serem muito extensos: eis aqui alguns trechos do primeiro.

Com o cutélo, e com a atira
 Na garganta, Augusto Pedro,
 Pendente de um fio a vida,
 E de um fio de cutélo,

Nestes caracteres puros
 Rasgos d'alma, em que funestòs
 Extractos traslada aos olhos
 O coração deste peito,

D'alma te offereço o sangue
 Para lavar limpo, e terso
 As manchas, com que o das veias
 Na violencia perde o preço.

Si é clara a tincta, mais claros
 Sam para ti meus conceitos,
 Pois tantas vezes nos olhos
 Me lias os pensamentos.

Por ti, meu bem, perco a vida,
 Por ti! quem viu taes extremos!
 Como sendo amor a causa
 Serão do odio os effeitos?

Não sinto, esposo, perdel-a
 Porque fôra indigno affecto,
 O sentir, sendo tu a causa,
 Por quem hoje a vida perco.

Sinto que arrogante o odio
 Faça ambicioso, e soberbo
 De uma offerta voluntaria
 Um sacrificio violento.

Sinto que a tanto chegasse
 O escandaloso, impio excesso,
 Que castiga em mim por culpa
 O que é nos mais privilegio.

Guarda pois, meu Pedro, a vida,
 Porque o sacrilego ferro,
 Vai para o golpe segundo
 Ensaiado no primeiro.

Arma-te de minha morte
 Que do aleivoso instrumento
 A mim só me fére o golpe,
 A ti o golpe, e mais o exemplo.

Repara que a magestade
 Não é mais que um só conceito,
 Que no rei fórma o decoro,
 E no vassallo o obsequio.

Nos temerarios insultos,
 Nos sacrilegos empenhos,
 Vencido o horror de intental-os
 E' facil o comettel-os.

Não peço, esposo, vingança,
 Pois de mais em tal extremo
 Tudo que se dá ao castigo
 Se usurpa ao merecimento.

Porque não cinja a corôa
 Me corta a cabeça um cégo,
 Que não vê quanto é mais nobre
 A do empyrio, que a do imperio!

Que corrido, que confuso
 Ficará setu odio, vendo
 Que adornou para o martyrio
 Quanto armou para o tormento!

Não sei que nota, ou reparo
 Achava ao meu nascimento
 Como se fôra mais nobre
 Que um estupro, um adulterio!

Tão cégo está que se esquece
 Affonso, Quarto que é neto
 Por Dona Beatriz do Sabio,
 Por D. Diniz do Terceiro.

Si a illigitimidade
 Excluire os reis, bem creio
 Que nem eu perdera a vida,
 Nem firmara elle o decreto.

Do grande Castro sou filha,
 Aquelle invicto guerreiro,
 Em quem foi augusto o sangue,
 Illustre o merecimento.

Não foi rei; mas si as cordas
 Se deram por justo preço,
 Póde ser que as dos Affonsos
 Chegassem antes aos Pedras.

Com meu sangue, que animado
 Em Diniz, e Affonso deixo,
 Podés triumphar da violencia
 Em resistir ao preceito.

Nelles, oh⁷ reliquias d'alma,
 Com reduplicado alento,
 Quanto infelice derramo
 Tanto immortal recupero.

Saiba Portugal que nunca
 Entrara amor em meu peito,
 Si não animara as tochas
 Nas luzes de um sacramento.

Não permittas que outra pedra
 Mais que a do teu monumento,
 Deste infelice despojo
 Sepulte os tristes fragmentos.

Devam-te minhas memorias
 De algum fiel pensamento
 O culto, como sufragio
 Quando não fór como affecto.

E lembre-te quantas vezes,
 (Oh quantas!) deram meus echos,
 Só de teu nome animados,
 Lingua ás pedras, voz aos ventos!

Lembre-te quantas copiaram
 De meus olhos, de meu peito
 Lagrimas aquella fonte,
 Saudades este penedo.

De suas pedras fabrica,
 Meu bem, o meu mausoleo,
 Que se fór de amor sepulchro,
 Será da saudade templo.

Não temas que sua dureza
Resista, porque e teu feito,
Os meus suspiros mais docil,
Minhas lagrimas mais terno.

Das lagrimas desta fonte,
Ou de meu sangue que é o mesmo,
Rubricada a pedra guarde
Estes ultimos accents.

Este romance é acompanhado de um soneto, que contém o epitaphio de D. Ignez de Castro.

SONETO.

Aqui jaz Dona Ignez de Castro, esposa
Do Principe Dom Pedro, a quem mentida
Em fineza a traição, tirou a vida
Por fazer a innocencia escandalosa.

Ditosa culpa! e tanto mais ditosa
Quanto é mais que do estrago renascida
Phenix de amor, á morte deve a vida
Que em santa paz eternamente goza.

Cuidou o odio, logo que truncada
Dos hombros a cabeça, já não tinha
O sen logar a tal circumferencia.

Oh como a féra acção ficou frustrada!
Pois em vez de tirar-lhe a de rainha,
Lhe accresceu a de martyr da Innocencia!

Alguns destes versos podem ser tachados de prosaicos, mas o pensamento é proprio do assumpto.

O segundo romance contém as reconvenções, e as queixas da Condessa Mathilde ao Principe que ella havia recolhido em seus estados, desposando-se com elle, e que a abandonou, desquitando-se delia logo que subiu ao throno. E' escripto com muita força, mas com demasiada violencia; parece-me que o poeta teria andado me-

lhor alternando as supplicas com as queixas, os amores com as injurias, e os furores com as lagrimas, é assim que se evita a monotomia, que se interessa o leitor, e se pinta ao vivo o tumulto, e ondulação de affectos encontrados, que agitam um coração apaixonado : mas deixemos o que elle devia fazer para vermos o que fez.

Aonde indignado o Têjo
No Oceano se sepulta,
A D. Affonso, o ingrato,
Mathilde, a infeliz sauda.

Excellent exordio ! A antithese de infeliz, e ingrato acha-se aqui felizmente collocada ; é assim que se tira partido desta figura, é necessario que seja o sentimento, e não o espirito que a sugira.

Lê, prosegue ! que te assombra ?
Que te embarga ? que te assusta ?
Que presa a voz na garganta
Mais se affoga, que articula ?

A mesma sou, mas por isso
A côr no semblante mudas,
Que a ser outra, o que sam queixas
Seriam, traidor, ternuras.

Si temes, que proferido
Meu nome em tua voz, injuria
Seja dessa, que em teus braços
Meu nome infeliz escuta.

Não temas, não, pois suspeito
Que em dons extremos fluctua,
Que é mui notoria a infamia,
E é mui descarada a culpa.

Antes cuido que o receio
Que internamente a estimula,
Troque os sustos com que teme
Nas vanglorias, com que triumphá.

.....

Mas porque acaso ignorante
 Póde estar da fé perjura,
 Com que o pacto sacrosanto
 Sacrilegamente anullas :

Saiba que só dos fragmentos
 Do laço, que rompe, ajunta
 Extremos, que bem unidos,
 Atam, mas não asseguram.

Saiba que a tua impiedade
 Faz nas traições, que executas,
 Do escandalo da primeira,
 Exemplo para a segunda.

Saiba, ou não saiba, pois creio
 Que para sempre ser tua
 A não valer-lhe o ser outra,
 E' bastante o ser injusto!

Mas quem ha de crêr que Afonso
 O sabio com torpe usura
 Um reino dê, porque a filha
 Vilmente se prostitua?

Herdeira fui de Bolonha,
 Antiga porção augusta
 Do reino, que de tres flores
 A alta diadema circula.

Quando o grão Filippe Augusto,
 Que attento emendar procura
 No segundo filho a sorte,
 Que lhe negou a fortuna,

Para esposa de Filippe
 Me elegeu, que fino estuda
 Dar a tão mimosas flores
 Toda a attenção na cultura.

Tão conformes pois vivemos
 Em quanto Deos quiz, que nunca
 Nem eu soube o que eram queixas,
 Nem elle o que eram desculpas.

Mas esta inimiga sorte
Em nenhum tempo segura
Póde vér em paz um dia
As durações, e a ventura.

Invejosa de que o mundo
Visse em paz firme, e diurna
Essa alma, a quem só a morte
Fez parecer que eram duas.

Ma arrebatou, perdendo
A' inutil porção caduca
De uma vida tão infausta,
Que ficou para ser tua.

Mal enchugava nos olhos
Lagrimas, que sem dôr tão crua
Poderam ser infinitas
Mas não poderam ser muitas.

Quando estas razões de estado,
Que com politica injusta
Fazem razão da violencia
Para authorisar a injuria,

Quizeram, ou quiz meu fado,
Para maior desventura,
Parecesse eleição minha
O que foi violencia sua.

De todos os que a meu dote,
Mais que a meus' dotes, em cultas
Vivas attencões notavam,
Ou a fineza, ou a usura,

Tu só pudeste em meu peito
Accender chammas tão puras,
Que parece as eternisa
A propria dôr, que as sepulta.

Por tí, ingrato, as fieis memorias,
Na propria alma, d'onde inclusas
Pareciam ser eternas
Pareceram ser defuntas.

.....

Ah traidor ! como poderam
 N'um mesmo peito estar junctas
 Com a traição a fineza,
 Com a crueldade a brandara !

Deixas a esposa, destino
 Póde ser da sorte dura,
 Que os delictos apadriuha
 Das violencias, com que insulta.

Nem meu poder permittira
 Que com queixas importunas
 Accusasse na desgraça
 Por cumplice a formosura.

Mas que um pai aos proprios filhos
 Com fereza mais que bruta,
 Não só como extranho deixe,
 Mas como inimigo suja,

Quem sem escandalo o crêra ?
 Sinão depois que confusa
 Viu a natureza uma alma
 Tão perversa como a tua ?

E' ponto de historia mui duvidoso que D. Affonso III. tivesse filhos da Condessa Mathilde de Bolonha ; antes a sua infecundidade lhe serviu de desculpa, ou de pretexto para o divorcio, passando a segundas nupcias. E' com tudo certo que pela morte d'El-Rei D. Sebastião, entre os candidatos, que pertenderam a corôa de Portugal, houve alguém que pertendeu deduzir seu direito á successão como descendente de D. Affonso, e da Condessa Mathilde, e esta circumstancia basta, me parece, para justificar a asserção do poeta neste logar.

.....
 Tu de Affonso filho ! mentes ;
 Que tão infame creatura,
 Parto foi supposto, e parte
 D'uma esphinge, ou de uma fêra.

Diga-o Sancho, que fugindo
 Trocou com sorte importuna,
 Pela purpura a mortalha,
 Pelo throno a sepultura.

De attento, e não de covarde
 Te fugiu, que em tanta injuria,
 Pois não póde a tyrannia,
 O fratrecidio se escusa.

Mas não só te fez o gosto,
 Que a infame crueldade tua
 Já não lhe agradam delictos,
 Que circumstancias não mudam.

Violadas as leis humanas
 Te pareceu que era nulla
 A violencia, se ficassem
 As divinas completas.

Que importa que no seu dote
 A nova consorte intrusa
 Alargue mais da corda
 A circumferencia augusta?

Si finalmente de quanta
 Terra ambicioso accumulias,
 Te ha de sobrar toda, menos
 A que em seis palmos se funda?

E' certo que seis palmos de terra bastam para fazer uma sepultura ; que o maior monarcha do universo, depois de morto não possui mais terreno que o coberto pelo mausoleo em que descauçam seus ossos ; mas em quanto vive, será para elle o mesmo ser senhor da Ilha de Corsega, ou da Inglaterra? do reino de França, ou do ducado de Modena? Parece-me bem que não ; e que D. Alfonso podia mui bem responder á Condessa : si isso é assim, si tudo está no terreno que havemos occupar depois de mortos, para que fazes tanta diligencia para entrares na posse de Portugal? Por ventura Bolonha

não póde fornecer-te seis pés de terra, em que sejas sepultada? Tomo a questão nos termos, em que o poeta a apresenta; e não traclo de averiguar se D. Affonso fez ou não bem abandonando, depois de rei, aquella que recebendo-o por esposo o havia feito principe soberano em um paiz estrangeiro. E' esse um assumpto theologico-politico, em que mui de proposito não quero intro-meter-me.

.....
 Vê quam precioso é teu odio,
 Pois com immensa jactancia,
 A alma, a fama, a vida, a gloria,
 Que por mim perdeste, custa.

E pois estes innocentes,
 Em quem a fereza tua,
 De prendas dá natureza
 Fez abortos da fortuna,

Não são teus, estes cachopos
 Sobre quem do mar a força
 Altamente se dobrava,
 Em cholericas espumas,

Os perfilhem; porque ao menos
 No meio da desventura,
 Que os condemna, ao deshumano
 O insensivel substitua.

E os que esta acção condemnarem,
 Saibam, que a Mathilde nunca
 Está bem ser mãe de filhos
 Que Affonso nega, ou recusa.

É continua até ao fim no mesmo tom, e remata com as tres estrophes seguintes.

Fugido irei dando vozes
 Contra o ceo; pois com injusta
 Piedade a vida de um monstro
 Ou ampara, ou dissimula.

E depois que ás mãos do fado
As odiosas ligaduras
Deste despojo infelice
Ou se rompem, ou desunam,

Te ha de perseguir, ingrato,
A indignada sombra tua,
Na vida como tormento,
E na morte como Furia.

Parece que o poeta tivera aqui, em vista os seguintes versos do canto IX. da Jerusalem Libertada de Torquato Tasso.

Fia con memoria eterna
De la mia offesa eterno anco lo sdegno;
Risorgeri nemico ognor piu crudo,
Cenero anco sepolto, e sperto ignudo.

Manoel de Sousa Moreira tambem deixou algumas poesias em estylo jocoserio, entre as quaes se distingue uma silva contendo a descripção da Torre-velha, em que ha trechos muito engraçados, mas em que o author emprega ás vezes vocabulos pouco decentes, que provam a pouca delicadeza dos nossos avós quando se tractava de fazer rir, de que sam boas testemunhas as operas do desgraçado Antonio José da Silva, e os entremezes que fizeram as delicias do nosso theatro, mesmo no tempo de el-Rei D. João V., e D. José I.

Donde soberbo o Têjo ao Oceano
Do imperio de cristal claró tyranno;
Manda mais, que tributa,
Pois em todos seus moveis executa,
Quando ambicioso adista
Vaidosos batalhões para a conquista:
Tão rico que Neptuno de admirado,
De vêr seus cabedaes fica avendo;
Mas que muito si corre em suas veias
Prata cem agua, ouro com areias!
Jaz a mui venerada Torre-velha
Com quem não tem parilha
A mesma eternidade:

Digo que jaz, e digo-o com verdade,
 Pois diz quem por cem séculos descorre,
 Que cadaver do tempo é esta torre,
 Pois mal se determina
 Si é tumba, ou se é ruina;
 Nos estragos, que mostra nos ensina
 Que já foi edificio!

Nesta não vemos o mais leve indício
 Do que é, nem do que foi; pois a moína
 Não mereceu a Deus nem ser ruina,
 Que si aos destroços do edificio nobre
 Talvez a hera abraça, a herva cobre,
 Esta inutil, phantastica chimera,
 Porque era não tem já, já não tem era.

As sujas fraldas desta velha immunda
 Tão corrido as innunda
 O pobre Téjo, e tão envergonhado,
 Que antes que o mar salgado
 A vomita-lo saia,
 Os cachopos gritando lhe dam vaia.

E bem que o rio intenta com clareza
 Mostrar sua limpeza
 O mar disto com tudo lhe faz cargo,
 E depois de o fazer passa de largo.
 Manda lhe que a seus reinos não se assome,
 Sob pena de perder ou vida, ou nome;
 Porque neste ourinol, que não é casa,
 Diz que a maré não enche, porém vasa,
 Que segundo collijo
 E' a maré do mijo.

Ai! que já me esquecia a parte donde
 Ou morta jaz, ou timida se esconde;
 Foi descuido com arte,
 Porque a tal torre cahe a toda a parte:
 Mas si a geographia me não mente,
 Jurara que cabia ao Occidente,

E o meu conceito fundo
Em que d'onde ella jaz se acaba o mundo.

Pela parte da terra,
Si é que teme outra guerra,
Mais que os eternos damnos,
Do longo, e duro assedio de seus annos,
Tem um fosso esta antiga fortaleza,
Obra da natureza,
E obra pia, pois provida procura
Dar-lhe, em vez de reparo sepultura,
E se algum judicioso der matraca
Por lhe chamarem fortaleza fraca
Saiba, que um engenheiro, (e que engenheiro!)
Affirmou muito inteiro
Que a pesar do presidio, e sentinellas
Conquistar-se podia ás mijadellas,
E é bem grande fraqueza
Que a tiros taes se renda a fortaleza.

Depois de pintar o estado miseravel da ponte levadiça, das portas, e da guarda, cujos soldados lhe parecem frades, continua :

Da fortaleza a barbican não vendo,
Perguntámos tremendõ
A um d'aquelles, cadaver penitente :
Mas elle de impaciente
« Ociosas (disse) sam essas demandas,
» Em quem vê tantas barbas venerandas,
» Quando sabem que nellas têm Sua Alteza
» A mais inexpugnavel fortaleza,
» Pois apesar de tanto louco abuso
» Si não forem da moda, sam do uso. »
Disse, e com passo tremulo voltando,
Ficou barba, e cabeça meneando,
E ao seu compasso os mais com gesto inteiro
Se moveram ao som do companheiro ;
Em quanto nós, guiados do sargento,
Fomos com passo lento
Proseguindo a viagem
Para a nefanda torre da homenagem.

E' o sargento um satyro barbado,
 De um lascivo semi-capro gerado,
 Em uma cepa havido,
 Por virtude de Bacho produzido,
 Pois mostra em sua traça
 Em corpo de odre uma alma de cabaça.

Esta pintura do sargento, nascido por intervenção de Bacho de uma cepa, e de um Satyro é sobremaneira bufona, e original.

O salão da torre da homenagem, e os mais quartos interiores não os acha o poeta em melhor estado.

Vencida pois a entrada,
 Que não a pôde haver mais bem lançada,
 Na sala entramos, e depois de entrados,
 Ficamos encantados;
 Pois logo que subimos
 Mil cousas más na dita sala vimos.
 Não é muito formosa,
 Porém é tão airosa,
 Que nella deu um dia
 Ao sior tenente um ar de parlezia,
 Com que ficou de um lado
 Mal afeito, porém bem inclinado,
 E com haver-lhe a casa merecido
 Já desta injuria em parte está esquecido,
 Mas como é tão catholico tenente
 Se esquecerá de todo brevemente.

Não fallemos nas casas interiores,
 Que para seus louvores
 A lingua se suspende;
 Mas, si alguém n'os attende,
 Saiba que nestas casas tão estranhas,
 Seu solar tem os ratos, e as aranhas,
 E dellas os alumnos são mais graves
 Infame turba de nocturnas aves,
 Infaustas queixas, funebres gemidos,
 Dos corvos, e das gralhas, nunca ouvidos
 Aqui foram jámais, que as suas vozes

Bem que horriyeis, e atrozes,
 Com gemidos impuros.
 Os males pronosticam só futuros:
 Porém nestas cavernas pestilentés
 Todos, todos os males sam presentes,
 Mas bem que os padecemos,
 E' certo que os não vemos,
 Porque o sol a esta lugubre espelunca,
 Pallido chega, ou tarde, ou mal, ou nunca.
 Talvez temendo insultos
 De quem co'a noite tam tractos occultos.
 Pois nos horrores francas
 A luz fazem carrancas,
 E se algum raio tímido entra nellas
 Anda ás apalpadellas.

A esta censura do ruim estado, da torre juncta o poeta outra relativa á sua falta de munições, e dos petrechos necessarios em toda a fortaleza para poder servir para alguma cousa.

Sobre os esterejs, barbaros rochedos,
 Que ainda estando quedos
 Um atraz do outro ao mar se precipita,
 Só por fugir talvez desta maldita,
 Cahia uma janella,
 Nem commoda, nem bella,
 Que sendo de sacada
 O tempo mais que a arte a fez rasgada.

A ella uma tarde nos pozemos, quando
 Entrou, o mar sulcando
 Uma nau, e depois que com grandeza
 Salvou de São. Gião a fortaleza;
 Com airoso despejo
 Cortou do claro Tejo
 A prata falsa, que com liga corre,
 Se pôz defronte de uma, e outra torre,
 Dando salva real a artilheria:
 A torre de Belém com magestade
 Ouvida a militar urbanidade

Fez, respondendo logo,
 Docil o bronze, e cortezão o fogo,
 Repetindo os cortejos militares
 Com voz os montes, com a lingua os mares.

Ficamos admirados na verdade
 De vér que sendo tanta a antiguidade
 Desta torre, sem della fazer caso
 Passasse ávante o peregrino vaso;
 Porém logo o tenente
 Nos disse em tom doente,
 Moralizando tudo em um suspiro,
 "A uma velha quem ha de fazer tiro?"

Mas que importa que as nauts sem fazer conta
 Passassem, si até um barco nos affronta!

Pois gritando o sargento
 Com descomposto alento
 A um barquinho d'Alfama,
 Nem celebre por nome, nem por fama;
 Que se chegasse á falla,
 Ou chegar o fariam c'uma bala,
 Os pescadores com galhofa, e bulha,
 Fervendo em viva pulha,
 Responderam de baixo,
 Deixando quando nada
 A torre a dous carrilhos empulhada?

Perguntei admirado
 Porque razão não tinham disparado
 Contra aquelles immundos pescadores?
 Ao que o sargento respondeu: "Senhores,
 Como a torre sómente está *ad honorem*,
 Também estão as armas *ad terrorem*."

Quando uma torre não corresponde por falla de pólvora á salva dos navios, que por ella passam; quando pela mesma causa não pôde obrigar um barco de pesca a ir á falla, é necessario que o desmasteo militar tenha tocado o seu auge; presumo que estes trechos bastam para fazer conhecer aos leitores esta composição.

No manuscrito que eu possuo tem esta silva o seguin-

de titulo: Descripção da Torre Velha em occasião que nella assistia o author, *muito contra sua vontade.*

E' certo que esta ultima clausula parece indicar que o author alli estivera preso, mas nem os seus biographos faliam em similhante prisão, nem da leitura da obra se deprehende isso claramente: acaso este poema não será de Manoel de Sousa Moreira, pertencendo a outro que alli estivesse preso? Em collecções manuscriptas é mui facil que se insiram escriptos alheios aos authores a quem ellas pertencem, mas tambem póde ser que a phrase *alli assistir contra sua vontade*, designe que elle alli morasse algum tempo em qualidade de capellão, e que aquella vivênda lhe desagradasse. Alguem virá que possa elucidar esta duvida, que por agora é para mim indissolúvel.

Outra composição jocosaria, que me parece de melhor gosto, é um romance hendecasyllabo, que o poeta dirige em nome de algumas religiosas de certo convento de provincia, a um corregedor, que não contente de ter prendido os freiraticos, que as namoravam, as havia tambem prendido a ellas, formando-lhes culpa por namora-deiras.

Famoso imitador daquelle augusto
Preclaro Imperador, a quem Minerva
Por gloria da Romana monarchia
Honrou com a melhor jurisprudencia:

Vós, a quem cuidadoso o reino luso
Lá donde o Douro espera, o mar se alenta
Para abono maior do seu governo,
Suspira pela vossa intelligencia:

Suspendei por um pouco a soberana
Rectidão, a que o genio vos eleva,
Pois nunca do discreto foi destlustre
Render á formosura attentões bellas.

Umás presas ouvi, que á doce culpa
De amor se vos confessam já sujeitas,
Mas si presas acabam como amantes,
Não é razão, que morram de indefesas.

Ouvi-nos, já que quiz a nossa dita,
Que essa que proferiu recta sentença,
Sendo da culpa nossa originada,
Pelos rasgos se escreva dessa penna.

Bem sabemos, senhor, que em ser amantes
Os diotâmes se encontram da lei regia,
Mas si, amando se offende o rei das quinas,
Não querendo se ultraja o rei das flexas.

Argumento fazei, e vêde agora
Adonde pôde dar-se mais offensa,
Si negando os decoros ao divino,
Si faltando ás humanas obediencias.

O rei, que como rei as leis intima,
Como homem tambem as leis modera,
Pois fôra injuria grande á regia prole
Saber negar-se ás leis da natureza.

Não é crime o amar, porque se o fôra,
Não houvera no mundo, não houvera
Para tanto aggressor tanto supplicio,
A tanto criminoso já cadeias.

Maior culpa se julga a ingratição,
A isempção mais delicto se contempla,
Que o diga Daphne convertida em louro,
Coute-o Anaxarte transformada em pedra.

De Cupido ao imperio não ha vida
Que com ancia gostosa se não renda,
Porque inda que o seu arco é arco de ouro,
Tambem são suas flexas doces flexas.

Esse deos, que no Olympo vibra raios,
Tributario se vê da sua venda,
Ou já mentido em touro por Europa,
Ou convertido em cisne já por Leda.

Tambem o deos da guerra, Marte digo,
Por amar não sentiu as indecencias,
Que á sua divindade fabricaram
As vingativas de Vulcano idéas?

Pois si os deoses, senhor, com modo grato
 Fazem timbre d'amar: tanto a belleza,
 Como póde eximir-se um peito amante
 Do que uma divindade se gloria?

Não se eximiu de amar o pastor regio
 Que decidiu das deosas a contenda,
 Pois porque em Troya visse o Sol, que amava,
 Para Troya roubou o Sol da Grecia.

Não se livrou de amar aquelle godo
 Por quem Hespanha ainda se lamenta,
 Pois por lograr agrados de Florinda
 Perdeu o reino, e a vida em dura guerra,

Que Rodrigo, o último rei dos godos, perdesse a corôa, e o reino na funesta batalha de Guadaiete, é facto que não admite duvida, mas que alli perdesse tambem a vida tem contra si a authoridade da maior parte dos historiadores, que o dam escapado do combate, e terminando seus dias fazendo vida monastica, e austera penitencia dos seus peccados: um dos quadros mais eloquentes de Frey Bernardo de Brito é aquelle em que nos pinta Rodrigo fugitivo, coberto de pó, e de sangue, desfallecido de fome, e de cansasso, entrando em um convento de que haviam fugido quasi todos os monges, levando consigo o thesouro, e paramentos sagrados, ajoelhando diante de um altar desornado, chorando, e suspirando até perder os sentidos.

Tambem tenho para mim, que o serem os amores de Cava, ou Florinda a causa dos mouros invadirem a Hespanha, é uma das muitas fabulas enxertadas na historia. Pelo menos nenhuma dos historiadores arabes, tão exactos sempre na exposição dos factos, faz menção de semelhante successo. Creio que esta Helena hespanhola, foi copiada da Helena grega. A pedantaria dos chronistas peninsulares foi por muito tempo cuidadosa de accommodar os factos da historia patria aos successos da biblia, da historia antiga, e da mythologia; serme-hia mui facil provar esta asserção comparando muitos factos em que visivelmente se conhece este systema futil de historiar.

Nosso amor não causou estrago tanto,
 Como o que Hespanha viu, e Trôya encerra,
 Que inda que o nosso affecto é fogo activo,
 Não é fogo que lance labareda.

Amâmos, mas a nossa inclinação
 No nosso rendimento-é tão attenta,
 Que transcendendo as raias de extremosa,
 Nunca passa os limites da modestia.

Queremos, porém é tão recatada
 A adoração, que o peito em si conserva,
 Que os insultos, que faz, só no silencio
 Os pôde comprehender a intelligência.

Com que assim não julgueis, não, como crimes
 Attenções, que sam filhas da fineza,
 Porque poderá ser em vós delicto
 Tudo aquillo, que em vós não fór clemencia.

Lembra-vos que sois homem, não ministro,
 Do favor vos lembrai, e não da bécã,
 Porque mais lustre pôde grangear-vos
 Uma piedade grande que a intieirã:

Vêde que quem vos roga, e quem vos pede,
 Sam umas formosuras, que estão presas,
 E sempre passou praxe de preceito
 Rogativa que fez uma belleza.

De tudo que fica exposto resulta, segundo me parece, que Manoel de Sousa Moreira foi escriptor muito instruído para o seu tempo, poeta de rica imaginação, fecundo, elegante, e pouco iscado dos vícios do culturanismo comparativamente aos seus contemporaneos: que as suas obras merecem bastante attenção dos amadores da poesia; e que seria muito para desejar que alguém se lembrasse de publicar pela imprensa não só as suas poesias lyricas, e poematos, como o Prometheo, Venus e Adonis, Cupidô e Pshyche, mas sobre tudo a sua epopeia da Herculeida, ou os Trabalhos de Hercules, em que o author teve logar para melhor desenvolver o seu talento poetico, e a sua erudição.

CAPITULO II.

Troylo de Vasconcellos da Cunha.

Nasceu na ilha da Madeira, no anno de 1654, no tempo que seu pai, Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha, alli exercia o logar de governador, para que fôra nomeado depois de haver sido Mestre de Campo de Olivença, e Capitão Mór das naus da India.

Troylo de Vasconcellos da Cunha estudou com grande aproveitamento não só as letras humanas, mas a theologia, em que foi tão versado como se vê do seu poema *o Espelho do Invisivel*.

Deu-se igualmente ao cultivo da poesia, em que adquiriu grande nomeada entre os seus contemporaneos, sendo membro de muitas Academias, em que era muito estimado dos socios, applaudido, e respeitado.

Chegando á idade de entrar no serviço publico foi declarado Fidalgo da Casa Real, e Secretario da Junta dos tres Estados, emprego que exerceu dando multiplicadas provas de sua aptidão, probidade, e desinteresse, merecendo por isso a estimação de todos os membros que compunham a sobredita Junta.

Alguns annos depois contrahiu matrimonio com D. Monica da Silva Coutinho, pessoa de boa linhagem, e, segundo dizem, dotada das mais bellas, e amaveis qualidades.

Deste matrimonio nasceram ao poeta tres filhos, e duas filhas, a saber:

Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha, que foi moço fidalgo da Casa Real, e que teve por mulher a D. Filippa de Menezes, filha natural de D. Henrique de Menezes, filho de D. Jorge de Menezes e Tavora, Viador da Casa das Rainhas D. Maria Sophia, e D. Marianna d'Austria, esposa d'El-Rei D. João V., e depois Governador

da Torre Velha, e de D. Brites Francisca de Mendonça, filha de Henrique de Sousa Tavares de Arronches.

Outro Bartholomeu de Vasconcellos, que abraçou o estado ecclesiastico, tomando a roupeta da Companhia de Jesus, e além de servir diferentes cargos daquella congregação, foi escolhido para confessor do Patriarcha de Lisboa.

Rodrigo de Vasconcellos, que como o antecedente seguiu a vida religiosa, e tomou o habito da Ordem da Santissima Trindade da remissão dos captivos.

E finalmente D. Antonia de Vasconcellos, e D. Guiomar de Vasconcellos, que ambas tomaram o véo, e professaram no mosteiro de Santa Clara desta cidade.

De todo o expendido se collige claramente que a vocação para o monachismo era enfermidade endemica da familia deste poeta, pois de cinco filhos que teve apenas o primogenito se conservou no estado secular; e como não seria assim, si naquelle tempo era doutrina corrente, e altamente prégada pelos frades, porque assim lhes convinha, que a porta de um claustro era estrada coimbrã, e segura para o reino dos ceos; e que o habito de qualquer ordem dispensava os merecimentos, e as virtudes?

Posto que nos conste que as obras de Troilo de Vasconcellos da Cunha foram mui numerosas, tanto em prosa como em verso, e que especialmente estas corresse largamente recitadas nas Academias, e manuscriptas pelas mãos dos curiosos, é certo que só duas viram a luz publica, a saber:

Justino Lusitano, ou traducção de Justino da lingua latina para a portugueza. Lisboa, por Miguel Maqesal, Impressor do Santo Officio, 1726, folio.

Esta traducção é geralmente fiel, em linguagem pura, e não desprovida de elegancia. E' hoje mui rara, e por isso pouco conhecida, mesmo dos litteratos.

Espelho do Invisivel, em que se expõem a Deos, um e trino, no throno da eternidade, as divinas idéas de Christo, a Virgem, o ceo e a terra. Lisboa, por José Lopes Ferreira, 1714, em 4.º

O titulo bastante gongoristico deste poema é natural que indisponha os leitores actuaes, e que o assumpto tambem os não convide a examinal-o: com tudo elle foi

recebido com grande applauso pelos contemporaneos, que em geral se interessavam muito por tudo que tinha relação com a religião: além disso era uma carreira nova, que o author abria com este poema didascalico, o primeiro que apparecia na nossa lingua.

Seria muito para desejar que o poeta tivesse tido o cuidado de enfeitá-lo com algumas digressões, e episodios, que interrompessem a monotonia do assumpto, e austeridade da doutrina, tirando assim ao poema o ar de um tractado, que nelle se faz demasiado sentir, este defeito lhe é commum com todos os poemas da latini-dade moderna especialmente os escriptos por Jesuitas, que sam innumeraveis: desviaram-se nisto da boa pratica dos poetas gregos, e romanos, que compozeram poemas didacticos, ou didascalicos. E' pelos seus brilhantes episodios, pela descripção da peste de Athenas, do amor physico, e outros, que Lucrecio temperou a aridez das suas doutrinas epicurísticas, e dos seus atomos turbilhando no espaço. E Virgilio tratando um assumpto muito mais ameno, e popular, qual era a agricultura, não se descuidou de adorná-lo com a descripção do inverno de Scithia, dos agouros que precederam a morte de Cesar, e com o episodio de Aristeo, o mais formoso trecho deste genero, que nos legou a antiguidade.

Outro defeito do *Espelho do Invisivel*, é, quanto a mim, a falta de elegancia do estylo, e o pouco apuro da linguagem, que decabe algumas vezes em termos baixos, e prosaicos.

Não está porém o author tão desprovido de talento, e de imaginação, que ás vezes não apresente repetidos trechos de excellente poesia: eis aqui como elle no canto I. exprime as noções theologicas ácerca da divindade.

Aquelle raro Phenix Africano,
Entrando do que é Deos no fundo abysmo,
Achou ser tanta empreza ao ser humano:
Mortal do entendimento paroxismo;
E advertido do sabio desengano
Deixou por memoravel aphorismo
Que só o que Deos não é póde explicar-se,
Mas o que é Deos não póde declarar-se.

Crêr na glória é mais puro, e reverente
 Dos Deuses vãos, que tinha por suprema
 O romano político eminente
 Deixou por admiravel apothema,
 Discorrer do divino o preeminente,
 Ensina que o juizo humano tema,
 Por vêr que á luz divina incomprehensivel
 Chegar a luz mortal era impossivel.

Mas si do racional cabe no lume
 Que ha Ser que sobre o mundo predomina,
 Não é o discurso vão, de quem presume
 Subir á esphera dessa luz divina.
 No discurso mortal do immortal Nemo
 Só admira o resplendor, que não declina,
 Que como ardor immenso, e lume vivo,
 Quanto cega, illumina o discursivo.

Haver principio eterno omnipotente
 Se acredita evidencia tão notoria,
 Que barbara nação, nem séra gente
 Ha, que lhe negue de primeiro a gloria.
 O ceo com tantos astros refulgente,
 E' patente padrão, clara memoria
 Que insinua aos mortaes mudo, elegante,
 De creado uma origem relevante.

Não ha gente que indomita resuma
 A habitação ao bosque, á gruta, ao monte,
 Que da razão guiada não presume
 Que ha Ser Divino do creado fonte:
 Mas querendo subir á esphera summa
 Cego com tanta luz como Phaeton,
 Errando adorações, e sacrificios
 Cahiram em diversos precipicios.

Quem reparar no adorno, no concerto
 De quanto ostenta o ceo, e o mundo encerra,
 No ponto fixo, no constante acerto,
 Com que os orbes se movem sobre a terra:
 As influencias observando experto,

Do tempo a roda, que estações não erra,
Verá que ordem tão certa, e verdadeira
Tem sobrenatural causa primeira.

Não ha vivente racional, ou bruto,
Ou vegetavel seja, ou sensitivo,
Pedra, fonte, metal, flôr, planta, ou fructo,
Que não seja pregão de que ha Deos vivo.
Do Eterno Ser magnifico tributo,
E' tanto ser creado successivo,
E tudo testemunhas repetidas
De uma primeira vida das mais vidas.

Maior bem, ou melhor do que Deos seja
Não pôde imaginar o pensamento,
Sobre quanto a vontade mais deseja,
Sobre quanto mais vóa o entendimento,
Posto que manifesto á vista esteja
Do que fôr mais subtil, agudo, attento,
E' impossivel que seja descoberto
Da agudeza do lince mais experto.

Deos aos olhos corporeos invisivel
Que o vejam aos do espirito concede,
Gloria da faculdade intelligivel
Por onde o humano ao mais creado excede:
Oh d'alma privilegio incomprehensivel,
Que essas distancias infinitas mede,
Preparada daquelle eterno lume
Que expõe á luz mortal patente o Nume.

Em Deos tanta divina preeminencia
Que sobrenatural o mundo admira,
E' natural a sempiterna essencia,
E a não ser natural não se admittira:
O sobrenatural por exeellencia,
Só como natural lhe competira,
Por que do Ser Eterno por grandeza
O sobrenatural é natureza.

Não tem voz, não tem côr, não tem figura,
O Rei, que os Ceos, e a Terra senhorea,
Mas por estas imagens se affigura,

Porque outras não comprehende a humana idéa,
 Como o artifice dextro, que a pintura
 Pôz em tão certa porporção, que alheia
 Da clara percepção da attenta vista
 Em razão da distancia não exista.

Ouvir-lhe Adão a voz no Paraiso
 Por onde percebeu, que Deos andava,
 Ensina a luz do natural juizo,
 Que Deos materiaes vozes não formava.
 Seguir os mesmos termos foi preciso
 O oraculo, que diz que se assentava,
 Pois totaes foram destes movimentos
 Os celestes ministros instrumentos.

De corpo divisivel carecendo,
 A mente o vai por partes distinguindo,
 Pelos termos humanos percebendo
 Quanto vai nos divinos advertindo.
 Já todo olhos se admira, tudo vendo,
 Já como ouvidos todo, tudo ouvindo,
 Todo mãos, porque tado obra, e reparte,
 No ceo ao mesmo instante, e em toda a parte.

De Deos incomprehensivel a belleza
 E' sobre a imaginavel formosura,
 De impossiveis formada a gentileza
 Apenas da divina é conjectura :
 Quanto maliza o ceo, e o mundo preza
 E' tenebroso exemplo, sombra escura,
 Dos bellos resplandores, que domina
 Qualquer athomo só da luz divina.

A prata, o ouro, as perolas preciosas,
 Os rubis, os topasios, os diamantes,
 Por mais luzidos uns, outras formosas,
 Não podem já estimar-se por brilhantes,
 Dos jardins as fragrancias deliciosas,
 Das espheras as luzes scintilantes
 Tudo ao mortal sentido desagrada,
 Pois comparado a Deos o mundo é nada.

Ainda que ao creado excedam tanto
Do Author da Natpreza as luzes puras,
Em si comprehende de excellencias quanto
De perfeições encerra nas creaturas,
Em Deos alcança a idéa, admira o espanto
As passadas, presentes, e futuras,
Pois si ao principio o termo dá respeito,
Quem chega a vêr a causa vê o effeito.

Contém de perfeições quanto se entende,
Que pôde pertencer ao Ser divino,
Porque em si todas immortal comprehende
Como ineffavel superior destino:
Si as contempla o juizo se suspende,
E o mais subtil de tanto vôo indino,
Publica humilde em cultas reverentes
Quantas em summa a um Deos sam competentes.

Mas toda a perfeição devia achar-se
Em quem todo o poder chega a applaudir-se,
Nem podera defeito imaginar-se
Onde imperio total vem a inclir-se;
Não poderia o mundo governar-se
Si imperfeição podera consentir-se
No seu Author, pois quem impera dote
Não ter nem sombras de um defeito leve.

E' Rei sobre os mais Reis, mas sem ornato
De pomposo, magnifico tumulto,
Porque em Deos não consiste no apparato
Como nos reis da terra o regio culto.
Nada visivel pôde ser retrato
Do fausto que Rei tanto encerra occulto,
Que tudo sam thesouros escondidos,
Em Deos, e sobre a esphera dos sentidos.

Falla sem voz, estrepido, ou sonido,
Do peito no mais intimo segredo,
Adonde occultamente sendo ouvido,
Uns reduz por amor, outros por medo:
Sem com maior assombro repetido

Que o do echo vão no concavo rochedo,
 Pois não se vendo quem, como, ou por onde
 Articula, pergunta, insta, responde.

Comparação mui propria, e mui poeticamente expressada, a doutrina desta estança é a que Santo Agostinho exprime no seu tractado da Essencia Divina *Loqui Deus est sine sono vocis in mentibus inspirare.*

Tão igualmente o ama, como o teme
 Quem lhe ouve os echos, si a attenção escuta,
 Bradando ao coração, oh como treme
 Das vozes a alma, que de horror se enlucta !
 Ao mesmo passo, que se anima, geme,
 Entre esperanças, e temores lucta,
 Que si a um tempo contém rigor, e affago,
 Enleva a gloria, atemorisa o estrago.

Sem tiata grava, o que sem penna escreve,
 Sendo as inspirações, que n'alma imprime
 Caracteres subtilis, com que descreve
 O que ao mortal condemna, e o que o redime:
 Expõe-lhe os beneficios, que lhe deve,
 Das penas infernaes o horror lhe exprime,
 E quanto foi sem letras escrevendo
 Das potencias internas se vai lendo.

Manda, é idéa que imagem represente,
 Affaveis umas, outras espantosas;
 Envolvendo-se em luz resplandecente
 E enluctando-se em sombras tenebrosas:
 Conforme aos corações dispostos sente,
 Avisa em varias cifras mysteriosas,
 Aos brandos insentivos de favores,
 Aos tenazes estimulos de horrores.

Dos racionais universal abrigo,
 Mostra que aos favorece, os outros fere;
 Mas de alcançar socorro, ou ter perigo
 Quaes os amados sejam não se infere,
 Gloria, ou tribulação, qual é castigo

Manda a sabia prudência se ponderê;
 Estimando o rigor, temendo o affago,
 Pois o que é bem da vida, é da alma estrago.

Talvez possa notar-se de demasiada diffusão este trecho, mas não pôde negar-se que estas idéas estão dignas, e orthodoxamente explicadas.

Todos sabem que as disputas sobre a Graça agitaram por muito tempo a Igreja de Deos, e perturbaram a paz de alguns Estados, pela imprudência com que os governos queriam intrometer-se nesta questão escolastica, em lugar de deixar os doutores de setna argumentar sobre este objecto tão abstruso nas aulas dos conventos, e das universidades, e alardear assim as subtilezas dos seus engenhos. Quasi todas as Ordens Religiosas seguiam a este respeito a doutrina de Santo Agostinho, que a Igreja sempre houvera por boa; mas o jesuita Molina, ensinou outra um pouco differente, que foi adoptada, defendida, e propagada pelos seus socios, como era de esperar por ser cousa de casa, *hic irã*, os prelós gemeram com escriptos polemicos por uma, e outra parte recheados de subtilezas, e injurias. Lançou-se mão do pulpito, e confessionario, e o povo se achou dividido por uma questão que não entendia, e que talvez nem entendiam os mesmos doutores, que a promoviam. Em França especialmente passou-se das injurias ás perseguições, e Luiz XIV. cujo despotismo se estendia ás proprias consciências, influido pelos Jesuitas, que o dominavam por meio do seo confessor, declarou-se por Molina, e todos os ecclesiasticos, e seculares, que seguiam o parecer contrario foram capitulados de hereses, e rebeldes, e empregou-se para convencer-os os argumentos irresistiveis das espadas dos dragões, das bayonetas da infantaria, e as sentenças dos tribunaes; militares de cidadãos pacíficos foram gemer nas masmorras, outros desterrados, ou emigraram, para evitar maiores incommodos; derramou-se sangue, confiscaram-se bens, arrazaram-se conventos de freiras, porque nem a estas perdoou o zelo jesuitico, e todas estas violencias se julgaram justas, e bem empregadas, pois dellas resultava o triumpho de Molina, e da Companhia de Jesus sobre as doutrinas de Santo Agostinho.

Felizmente este phrenesi theologico apenas se fez sentir em Portugal, onde os jesuitas não tinham quem lhes disputasse o monopolio da instrucção publica, nem a primasia de Molina, de que mui poucas pessoas sabiam o nome; e tanto é isto assim que neste poema, Troylo de Vasconcellos da Cunha explica a questão da graça conforme os principios de Santo Agostinho, e allegando com elle no fim das suas oitavas, sem que ninguem se lembrasse de lhe fazer crime disso: vejamos como elle no canto II. se explica a este respeito.

Por empenho da graça concedidos
 Esses premios da gloria soberanos,
 Habeis a poz de serem merecidos
 Aquelle bem supremo dos humanos:
 Pois dando a lei, e a fé que os põe despidos,
 Dos affectos terrenos, e profanos,
 Os dá ao venturoso, que os cobiça,
 Como si os merecera de justiça.

Si a graça exprime acção de graça dada,
 E por summa piedade repartida,
 Como dadiva sempre antecipada
 Nunca pôde ser paga merecida.
 E não havendo acção justificada,
 Por onde possa aos homens ser devida,
 Este divino dom, que a alma engrandece
 Já nunca de justiça alguém merece.

Da graça é tão divina a propriedade,
 Que depois que aos humanos se concede,
 O que antes foi arbitrio da vontade
 Que seja obrigação a razão pede.
 Pois sendo graça o mesmo que amizade
 Com Deos, e dom, que ao merito precede,
 Tanto que d'alma ennobreceu o interno,
 Se faz devido ao temporal o eterno.

A graça tanto a natureza alenta,
 Que o natural vencendo o mundo espanta,
 Ao fragil tanto no valor augmenta,

Que nem o mais difficil o quebranta.
 O mais arduo vencivel representa,
 Ao peito dando valentia tanta,
 Que da graça o mais debil alentado
 Todo o perigo julga limitado.

A quanto humano delicado peito
 A influencia da graça fez robusto,
 Sendo o mais fragil pelo seu respeito
 Do furor pasmo, da fereza susto.
 Aos progressos da graça ambito estreito
 E' desde o polo frio ao polo adusto
 Sendo por altos sem iguaes progressos
 Da graça incomprehensíveis os excessos.

Quantas frageis donzellas delicadas
 Deste divino dom favorecidas,
 Venceram, altamente assignaladas,
 Duras cadeias, pyras accendidas?
 Rotos aos fios das crueis espadas
 Gargantas, peitos, coraçãoes, e vidas,
 Mostraram, pasmo á barbara fereza,
 Quanto val com a graça a natureza.

E' o bem da graça que a alma predestina,
 Indulto da bondade soberana,
 Para que privilegios de divina
 Feliz tivesse a geração humana.
 Da vida interminavel a fez dina,
 Livre da morte universal tyranna,
 Porque do humano impuro, e maculado
 Templo chega a fazer santificado.

Interna claridade a mais prevista
 Espôa, por luz prophetica eminente,
 Impraticavel de Deos puro á vista
 Viver justificado algum vivente.
 Mas impossivel tanto se conquista
 Mediante a eterna graça totalmente,
 Que aos homens justifica na presença
 De Deos, a graça no poder immensa.

Oh incomparavel dadiva subida
 Da sempiterna, prodiga bondade,
 Efeito da grandeza esclarecida,
 Empenho da suprema Divindade!
 Dadiva tambem nunca comprehendida,
 Empenho é de fineza, e magestade,
 Que só poder, assombro, amor, espanto,
 Competindo poderam fazer tanto.

O Sagrado Concilio Tridentino recommenda mui prudentemente aos fieis que não se occupem muito em sondar materias tão abstrusas, e difficeis de comprehender como sam a graça, a predestinação, e outras em que não só os homens de talento mediocre, mas mesmo os muito eruditos, correm risco de desmandar-se querendo regular-se pelas luzes da sciencia humana; e eu tenho que os poetas deviam aproveitar-se deste conselho, não só pelo perigo de errarem, mas mesmo que não errem, pela difficuldade de tractar hem em verso de similhantes materias, pouco susceptiveis dos ornamentos poeticos, necessarios para figurarem, como se requer, em um poema, em que se olha mais para a elegancia do estylo, que para a exactidão da phraseologia dogmatica. Apesar disso merece, creio eu, grande louvor Troylo de Vasconcellos da Cunha pelo bem que se houve na execução de um poema de assumpto tão difficultoso, para que não tinha entre nós poema que lhe podesse servir de modelo.

No canto VII. tracta o author das prerogativas da Virgem, e da sua immaculada Conceição, que segundo as leis destes reinos, era obrigado a defender, especialmente em qualldade de cavalleiro de uma das ordens militares, e empregado publico.

Deos preferindo-a no immortal conceito,
 Ficou antes que o mundo redemida,
 Sendo da redempção primeiro effeito
 Na idéa do supremo author da vida:
 Do ser dos pais primeiros a respeito
 Foi manifestamente preferida,
 De que, attento á razão, o acerto infere
 Ser da regra excepção, se a lei prefere.

Por idéa segunda soberana
 Immediata ao filho omnipotente,
 Do horror da culpa, universal tyranna,
 Ser livre á Divindade era decente.
 Pois debuxando a natureza humana,
 Convinha ao puro da divina mente,
 Que não desse principio ao ser creado
 Quem podesse ter sombra do peccado.

Nem ficava no filho satisfeito
 Idéa principal do ser humano,
 Que o discurso mortal como imperfeito
 Facil tropeça na illusão do engano.
 Inda que fosse Christo homem perfeito,
 Era Deos junctamente soberano,
 E foi preciso haver pura creatura
 Livre da mancha original impura.

Pura creatura é um redobro de sons unisonos, que
 produz mau effeito, e deve cuidadosamente evitar-se.

Graça tanta caber na dignidade
 Da Senhora, alcançou o humano invento,
 Que inda que espante ao mundo, assombre a idade,
 Não passou de mortal intendmento.
 Si preservada sem difficuldade
 De um homem pôde achal-a o pensamento,
 Se não deve suppôr Deos soberano
 Menos piedoso, que o discnrso humano.

Desta da terra, e ceo digna princeza
 Varias figuras pôz na antiguidade,
 O ineffavel Author da Natureza,
 Enigmas raros de uma, e outra idade.
 Que de milagre tanto na extranheza
 Fossem antecipada claridade,
 No tempo em que o destino alto, e profundo
 Desse este assombro celéstial ao mundo.

O primeiro signal de ser em graça
 Creada a Aurora mãe do Eterno Dia,

E' que a corôa de rainha enlaça
 Dos choros da celeste hierarchia ;
 Si Deos os creou livres da desgraça
 Da culpa, a Virgem preservar devia ;
 Nem melhores devia Deos creal-os,
 Dando á rainha menos que aos vassallos.

Do céu princeza, humildes, a applaudiram,
 Tanto que a luz primeira receberam,
 Pois porque em Christo o ser humano viram,
 Do mundo Redemptor o conheceram.
 Pelo humanado Deos logo advertiram
 Que os bens da graça, e gloria mereceram,
 Venerando a suprema dignidade,
 Da que havia de dar-lhe humanidade.

Nem se presume do divino acerto
 Que á rainha os vassallos preferira,
 Si inda entre os humanos desconcerto
 Tão desigual nenhuma edade vira.
 Mas preservando-a deu annuncio certo
 De que em tudo conforme a produzira
 De rainha dos ceos a preeminencia,
 Menor sómente que a divina essencia.

Sem que pertenda estabelecer polemica com o author, que não pôde responder-me, e sobre materia, que não é da minha competencia, direi que me parece mal-soante a proposição emitida por elle na estancia antecedente : isto é, que *Deos creou os anjos livres da desgraça da culpa*. Parece-me que se assim fosse nem Lucifer, nem seus companheiros teriam cahido na enorme culpa, porque foram precipitados no inferno, e condemnados a penas eternas. Deixo aos theologos o decidir esta duvida, que me occorre, e que talvez não tenha fundamento, segundo os principios da sciencia.

Da terra, e ceo ao mais sublime excede,
 Que si o discurso ao mais perfeito apura,
 A quanto por creativa acção procede
 Transcende a perfeição da Virgem pura,

A tudo, assombro sem igual, precede,
 Quanto cabe na esphera de creatura,
 E por mais prodigiosa maravilha
 Do eterno Pai se acclama excelsa filha.

A voz, que de Deos Padre, filha a acclama,
 Do Deos Filho por mãe é que a publica,
 E singular esposa á Virgem chama
 Do Espirito que o mundo vivifica;
 Ter tão sublimes preeminencias clama
 A que só o infalivel certifica;
 Porque a Igreja catholica a verdade
 Participa da eterna claridade.

De prova em nenhum modo necessita
 Ser mãe do Verbo, porque a Fé o expende,
 Que esposa do Amor sacro se accredita,
 De mãe na preeminencia se comprende:
 Si obra do eterno amor, alta, infinita,
 Do Eterno Filho a encarnação se entende,
 Logo esposa ficou por attributo
 Do esposo, de quem teve a Deos por fructo.

Como é filha do Padre, se o pondera,
 Absorto se suspende o entendimento,
 Porque depois que ao Filho eterno gera,
 Na geração não pôde ter augmento,
 Mas supposto, que em Deos se considera
 Da geração, o Verbo complemento,
 Externamente, quanto ao ser creado,
 Não implica ser Pai Deos increado.

No canto VIII. refere o author a guerra dos anjos, com bastante fogo, porém este quadro fica muito inferior ao traçado por Milton, no seu *Paradise Lost*, em que pôdem, é certo, notar-se alguns defeitos de invenção, mas que é admiravel pelo lado do colorido, e força da execução.

Sendo-lhes o mysterio revelado
 Do Verbo, á humana natureza unido,

Todo o congresso se rendeu prostrado
Ao Redemptor do mundo esclarecido.
Pois do Verbo previsto já humanado
Foi o esquadrão angelico remido,
Preservando-o do horror do lago averno,
Merecendo-lhe premio sempiterno.

Estas grandes virtudes tão formosos
Aos ditosos espiritos fizeram,
Como aos maus infelizes, espantosos
Aquelles vicios horridos puzeram.
Fez a graça aos humildes venturosos,
Pela culpa os soberbos se perderam,
A virtude de uns sendo a fortaleza,
O peccado des outros a fraqueza.

De Lushel vendo o grande atrevimento
O invencivel Miguel, que o não supporta,
Oppondo-se ao Dragão sanguinolento,
Em campanha se ostenta, e aos seus exhorta.
Obediente o fiel ajuntamento
Acode, denodado, adonde importa,
Armando-se de zelo, e ardor divino,
Do horrivel bruto contra o desatino.

Valoroso, gentil, constante, forte,
O General da Gloria de uma parte,
Alento dando á vida, assombro á morte,
No ceo tremola o angelico estandarte.
Profundo no saber, feliz na sorte,
O campo ordena, as legiões reparte,
Diante tão valente, alegre, e airoso,
Que já está parecendo victorioso.

Da outra parte o dragão bravo iracundo,
Girando o collo, os dentes apertando,
De cholera bramava furibundo,
Os seus com voz horrenda convocando.
Já como nos abysmos do profundo
As tremendas esquadras governando,

Horriveis furias incitando, logo
Lança por bocca, e olhos fumo, e fogo.

Vendo aquelle sacrilego tumulto
A Miguel sem mudança no socego,
E que do monstro fero o estranho vulto,
Da lança fulminante fôra emprego,
Cedendo a impulsos de poder occulto,
Todo horror, confusão, desasecego,
Ficou Lusbel, cedendo-lhe a victoria,
Do general celeste sendo a gloria.

« Quem como Deos? » dizendo, em breve espaço,
Uns sobre os outros, e Lusbel primeiro,
Das sombras tropeçando no embaraço
Foram parar no abysmo derradeiro:
Inficionada a luz, o dia escasso,
Como horror tenebroso de chuvaeiro,
Ao romper o trovão a escura sombra,
Geme o mar, treme a terra, a luz se assombra.

Em bruta fôrma de dragão terrivel
O que prodigio foi de luzes bellas,
Contra o ceo esgrimindo a cauda horrivel
Levou comsigo parte das estrellas.
Cada espirito atroz, furia invenciavel,
Da grande Hydra infernal, que impetra nellas,
Monstro feroz, horrendo, furibundo
E' suspensão do inferno, horror do mundo.

Tanto que o bruto desde o empyriõ summo
Cahi no lago do profundo averno,
Densas nuvens lançou de negro fumo
Da pyra horrivel do sulphureo inferno.
Foi aquella acção barbara resumo
Da nescia presumpção, que é fumo eterno,
Porque um soberbo affecto é vão de modo,
Que em fumo leve se transforma todo.

Monstruoso aborto, pavoroso extremo
Se irrita contra si, contra os seus brama,

Vibrando raios contra o ceo supremo
 Que forja em fragoas de cerulea chamma.
 Passando de sacrilego a blasphemo,
 Lingua o fogo voraz, que o peito inflamma,
 Protheo de horriveis fórmas, e figuras
 Ameaçava todas as creaturas.

Em leões, tigres, touros, e serpentes,
 Uns, e outros, repente, se tornaram,
 Prevenindo-se de unhas, pontás, dentes,
 Que nas estygias fragoas fabricaram.
 Basiliscos, e furias inclementes,
 Ar, fogo, mar, e terra inficionaram,
 Fabricadores ao sentido ignotos,
 De incendios, tempestades, terremotos.

Ha aqui algumas idéas, que tambem se encontram em Milton: tal é o attribuir a rebelião de Lusbel ao recusar-se a adorar o Filho como redemptor humanado do homem. Não pertendo com isto fazer paralelo entre Troylo de Vasconcellos da Cunha e o grande epico inglez, mas só fazer sentir que todos os homens tem quasi as mesmas idéas sobre o mesmo objecto; e que a maneira de as exprimir é que differença o poeta de genio do talento mediocre.

No canto IX. sahindo o author do labyrintho das idéas theologicas, e methaphisicas, que até ali lhe prendiam os vãos da imaginação, entra em um campo mais favoravel á poesia, descrevendo os ceos, e os movimentos dos astros, e mais globos celestes, que povoam os immensos campos do espaço, e é pena que já ali chegue cansado da marcha tão longa que acaba de fazer: não deixa porém nestas descripções de elevar-se ás vezes á altura do assumpto.

Dam aos orbes continuos exercicios,
 Pelo celeste ambito rotundo,
 Espiritos angelicos propicios,
 Que o giro alternam com saber profundo.
 Moveudo-se os celestes edificios
 Em circulo perpetuo sobre o mundo,

Por ordem tão ignal, que descoberta
Deu ao discurso humano regra certa.

Esta idéa de um anjo, que preside a cada globo celeste, e que dirige a sua marcha, e regula os seus movimentos, é grandemente poetica, e se encontra no Paraíso de Milton, e mais ainda na *Messiada* de Klopstock e é mui conforme com o texto de Soares, que diz: *Cæli moventer immediate ab intelligentiis.*

Sam no immutavel giro tão constantes
Do mundo celestial os movimentos,
Que o discurso por computo de instantes
Os numera com firmes fundamentos:
Constellações, congressos mais distantes,
Eclipses, e outros celestiaes portentos,
Observa por um calculo tão prompto,
Que não ha differença de um só ponto.

Computados por seculos inteiros,
Calculados por uma, e outra idade,
Se acham tão firmemente verdadeiros,
Que é immutavel firmeza a variedade.
Tão certos os futuros derradeiros,
Segura a celestial mobilidade,
Que só dos ceos podera ser jactancia
Ter a certeza firme na inconstancia.

Da certeza em mover-se inevitavel
A celestial esphera se avalia
Ser aquelle compasso inalteravel
Concertador dos orbes harmonia:
Pois dando a varias vozes o agradavel,
E fixo ponto a acorde melodia,
Dos varios orbes o ordenado acerto
Vai, como as vozes, por compasso certo.

Astros, e espheras concertados choros
Sam da ordenada musica celeste,
Que graves, compassados, e sonoros,
Rodeam todo o circulo celeste:

Certos os dectros musicos canoros
 Vam ao ponto final de Leste ao Oeste,
 E a todos faz no dilatado espaço
 Mestre o primeiro mobil o compasso.

Além do successivo movimento
 Pelo primeiro mobil regulado,
 Tem cada astro de alheio impulso isempto
 Natural movimento em si fundado.
 Mas para ter inteiro complemento
 O giro a cada estrella destinado,
 De uma para outra idade successiva
 Não se entenda que o mundo tanto viva.

O celebré astronomo alemão, ou dinamarquez, Tycho Brahe, calcula que cada estrella, percorre cada anno cincoenta e um segundos dos graus, que sam necessarios para prefazer um circulo de 25:412 annos.

Sahiu o sol, portento luminoso,
 Do quarto dia no zenith fulgente,
 No augmento do luzir mais prodigioso,
 Nascido apenas no primeiro oriente.
 Da luz primeira, resplendor glorioso
 Uniu a qualidade á chamma ardente,
 Reduzindo a um dominio, e liberdade,
 O imperio unniversal da claridade.

Tanto que rei se viu da esphera toda,
 Reconhecer foi logo o vasto imperio
 Todo o universo circulando em roda,
 Desdê o primeiro ao último hemispherio;
 Monarcha superior não se accomoda
 Ao socego, que julga vituperio,
 Que no regio exercicio não descança
 O que mais dignamente o sceptro alcança.

Deu sempre memoravel documento
 O grande luminar, que ao dia impera,
 Em ser tão superior no luzimento
 Que igual astro nenhum se considera.

Deve o rei nas virtudes ser portento,
Como em luzes prodigio o sol na esphera,
Exemplar, que se admire no luzido,
De outro nenhum luzeiro competido.

Quando nasceu brilhante ao quarto dia,
O sol, raios vestindo, insuperaveis,
Viventes sensitivos não havia,
E viviam sómente os vegetaveis.
Revestidas as plantas de alegria
Galas trajando a esphera inestimaveis,
Parabens com reciproca fineza
Ao ceo, ao mundo dava a natureza.

Ilumina-se a pompa das estrellas
Que escurecia o pavilhão nocturno,
A luz do sol reverberando nellas
Desde o solio da lua ao de Saturno;
A cada estrella o sol, inda ás mais bellas,
Prodigo empresta o resplendor diurno,
Teudo por gloria unido ao nascimento
Dar a todos os astros luzimento.

A todas, digo, os que andam sempre errantes,
Vagando em movimento successivo,
Que aos mais que sam do ceo firmes diamantes,
Achou luz propria engenho discursivo.
Pois si as estrellas fixas, por constantes,
Em certo ponto, ostentam lume vivo,
Inculcam, sem desdouro da verdade,
Ter natural, e propria claridade.

Tem de grandeza alguns tanta estranheza,
Que excedem muitas vezes a do mundo,
Mas porque sem luzir não ha grandeza
Como no abysmo estavam do profundo;
Pouco importa ter de astro a natureza,
Nada val nascimento sem segundo,
Sem luz o esclarecido se obscurece,
Com luzimento o escuro resplandece.

Nascido no zenith logo o sol tracta
 De descer pelo rumo do occidente,
 Que a luz sepulta em tumulo de prata,
 Até que resuscita em novo oriente.
 Ficou do luminar na ausencia ingrata,
 Substituindo-o a irmãa resplandecente,
 Que do escondido sol alivio ás magoas,
 A's trevas presidindo impera as aguas.

A sombra desterrando que tyranna
 Se arma da noite contra a formosura,
 Novo esplendor, appareceu Diana,
 Nas luzes bella, nos candores pura.
 Seguindo a claridade soberana
 Do sol, que os luzimentos lhe assegura,
 Que desde o grande concavo onde impera,
 Sobre o terreno globo reverbera.

Alegre se ostentou a esphera toda,
 De lumes refulgentes guarnecida,
 Que essa etherea região circunda em roda,
 Era gala do ceo, do mundo vida.
 Porque ao socego brando se accomoda,
 A noite é dos viventes applaudida,
 Festivas cortejando-a as luzes bellas,
 Com tantas luminarias como estrellas.

De fluida materia fabricadas
 Sam as espheras sete transparentes,
 Dos luzidos planetas habitadas,
 Em concavas distancias concernentes.
 Pelo primeiro mobil agitadas
 Se movem regulares, e obedientes,
 Sendo o ligeiro, e brando movimento
 Gloriosa suspensão do pensamento.

Governa a gentil Cynthia o ceo primeiro,
 O leve embaixador move o segundo,
 Preside Cytherea no terceiro,
 No quarto a luz maior que impera ao mundo.
 Segue-se o forte luminar guerreiro,

Logo o que os raios vibra furibundo,
Ultimo ostenta a fórma adusta, e brava
O que, inhumano, os filhos devorava.

Em ambito formado de ouro fino
Por virtude dos raios, que o produzem,
Os que a superstição sobre o destino
Imagina que imperam, se introduzem.
Cada portento se intitula signo,
Que a brutas similhanças se reduzem,
A fórma attribuindo-lhe o conceito,
Ou pela propensão, ou pelo effeito.

Um se affigura Ariete, outro Tauro,
Um Gemini, outro Cancer se nomea,
Ruge o bravo Leão, a idade de ouro,
Benigna a Virgem, terminando, Astrea.
Põem a balança igual ao Cinthio louro,
Que a Escorpio, e Sagitario senhorea,
E quando Capricornio a Aquario deixe
Fará que ondas de luzes corte o peixe.

No excelso firmamento é sem lemite
A multidão dos lueidos diamantes,
Mas no mesmo alto solio se permite
Numerarem-se os fixos, e os errantes.
Constellações a observação admite,
Por experiencias, practicas constantes,
Por onde tem os homens descoberto
Haver concurso nas estrellas certo.

Constellação que principal se observa:
A dos celestes signos se acredita,
A cada signo igual porção reserva
Do imperio, que entre os doze se limita,
Nos seus illustres foros se conserva,
E a usurpações do alheio não se incita,
Pois só logares de outrem pertenderam
Os que como as estrellas não nasceram.

Zodiaco este circulo fulgente
Se acclama, onde o planeta soberano,

Correndo os signos doze inteiramente
 Regula iguaes as estações do anno.
 Sobre do polo frio ao polo ardente
 D'onde, retrocedendo, o ardor tyranno,
 Depois que gira aquella estancia toda,
 Torna de novo pela mesma roda.

Na estancia o sol de cada signo entrando,
 Raios mitiga, ou embravece ardores,
 De todos por igual participando,
 Ou das benignidades, ou rigores.
 Mais propinquo aos benignos se põe brando,
 Mais visinho aos crueis arde em furores,
 Aos mortaes repartindo as influencias
 Ou das serenidades, ou das violencias.

Luzeiro o sol por condição benigno,
 Vivificante alento do animado,
 Se emprega no louvavel, e no indigno
 Conforme com quem se acha acompanhado.
 Oh documento sobre todos digno
 De ser á eternidade consagrado
 Pois acredita quanto perde, ou ganha
 Quem do fero, ou benigno se accompanha!

Do Ariete no pasto de zaphyro
 D'onde o equinocio a sombra, e luz reparte,
 A' noite foi o sol furtando o giro,
 Por dar do imperio ao dia maior parte,
 O pavilhão das trevas em retiro
 Fez liga com o signo o fero Marte,
 E prodigo das luzes o thesouro
 Vestiu o gentil Aries vélo de ouro.

Raios vibrando em abundante copia
 O Aries deixando, ao Tauro senhorea,
 Ao tempo, em que a florida cornucopia
 Banhavam suavidades de Amalthea :
 O hemispherio, do prado bella copia,
 A admirações o pensamento enlea,

Porque em pasto de luzes alimenta
Ao formidavel bruto, que apascenta.

Multiplicando ardentes resplendores
Já penetra a de Geminis morada,
No ceo brilhante symbolo de amores,
Uma geminea luz de outra abraçada.
Era a tempo em que o bosque ás lindas flo.,
A florida estação já despojada
Retrocedendo verdes hemispherios
Hia esmaltando de ouro os seus imperios.

Do augmento superior do solesticio
Foi os brilhantes giros desfazendo,
A violencia do Cancer, que por vicio
Costuma caminhar retrocedendo.
Do perfido invejoso tem o officio,
Que os augmentos das luzes não soffrendo,
Solicita com barbaros rigores,
Declinar os luzidos resplendores.

Solicitando ardente o désagravo
O augusto luminar, que impera ao dia,
Setas de ardor dispará ao Leão bravo,
Que em campo, corpo a corpo, desafia.
No debil Cancro não vingando o aggravo,
Se emprega do Leão na valentia,
Dictando-lhe o valor que não suporte
Despicar-se no fraco, mas no forte.

No alto solio de Astrea, virgem bella,
A ceder o Leão da furia obriga,
O sol, movendo a candida donzella,
A que os bravos incendios não prosiga.
Logo applacado da formosa estrella
Benigno, ardores fervidos mitiga,
Sendo em virtude do benigno rogo
Menos voraz, menos violento o fogo.

Astrea, que o mais justo só cobiça,
Porque do antigo ser não fez mudança,

Attenta a que a igualdade é só justiça,
 O sol retrocedeu para a balança.
 Nem podia haver queixa de injustiça
 Si igual império noite, e dia alcança,
 Pois sombra, e luz no circulo da esphera
 Se ostenta no equilibrio, em que nascera.

Deixando Libra, a luminosa praça
 Rodeia d'onde Escorpio predomina,
 Que a Ceres, e a Pomona despedaça
 Porque os bosques, e os prados arruina.
 Mortal veneno influe em quanto abraça
 Sempre ao rigor, nunca ao favor se inclina,
 Sendo o bravo Escorpião por natureza
 Horrivel parto da cruel fereza.

Seguindo a lei fatal do tempo vario
 Quasi propinquo á derradeira meta,
 Pela campanha entrou do Sagittario
 Que no arco, furibundo, armara a setta.
 No aspecto, e na postura temerario
 Tinha a esphera das luzes inquietá,
 Ameaçando aos mortaes, em tempo breve
 Com frechas de cristal, lanças de neve.

Verso de estylo gongorístico, que dá pena depara-lo
 neste trecho.

Já Capricornio, assombro no ligeiro,
 Por montanhas de luzes dando saltos,
 Augmentava feroz, não lisongeiro,
 Da estação congelada os sobresaltos.
 Porque no boreal polo derradeiro
 A neve cobrava os montes altos,
 E da liquida prata, que prendia
 A fugitiva veia não corria.

Outra vez para o augmento caminhando,
 Pela estancia de Aquario o sol rodea,
 Innundantes diluvios devastando,
 Quanto alenta benigna a luz phebea;

Em pelagos o mundo naufragando
 Um elemento do outro se recea,
 Porque ameaçavam competida fragoa
 Oceanos de fogo, e golfos d'agoa.

De seguir logo ao aureo Peixe tracta,
 Nadante sobre o liquido thesouro,
 Que menos se ostentava mar de prata,
 Do que resplandecia golfo de ouro.
 No circulo brilhante se dilata,
 Tendo imparar ás ondas por desdouro,
 Por desprezar das luzes no hemispherio,
 Ter sobre as aguas soberano imperio.

Seguiu a lua o sol em breve espaço
 Mas por menos veloz no movimento,
 Achou na terra horrivel embarço
 Para permanecer no crescimento:
 Cada dia o reflexo mais escasso
 A fazia minguar no luzimento,
 Até que novamente o foi cobrando
 A opposição do globo contrastando.

Uma hora mais que o sol Cynthia dilata
 Do oriente té o occaso na carreira,
 Em que do corpo opaco a sombra ingrata
 Parte da luz lhe assombra, ou toda inteira:
 Mas a mesma demora lhe resgata
 As trevas, refazendo a luz primeira,
 Que como torna a encher, retrocedendo,
 Por onde foi minguando, vai crescendo.

Representa-se aos olhos quando cheia,
 Imperfeita, manchada, e tenebrosa,
 Mas illusão é da verdade alheia,
 Porque é toda gentil, toda formosa.
 Mais densas partes, em que a luz se atea
 Ha de Cynthia na esphera luminosa,
 Onde a vista, engabada nos effeitos,
 Recebe as perfeições como defeitos.

Do hemispherio nocturno presidente
Pelos seus crescimentos, e minguanes,
No centro undoso move totalmente
Das marés as enchentes e as vazantes.
Domina com imperio preeminente
As maritimas ondas inconstantes,
Que despoticamente senhoreia
De luz vazia, ou de resplendores cheia.

Mercurio, que de pennas se reveste,
Assombro no ligeiro, e no fácundo,
Supremo embaixador do orbe celeste,
Excelso habitador do ceo segundo.
Em tudo quanto o ser humano veste,
Influe sobre os que vagam pelo mundo,
Eloquentes, sagazes, industriosos,
Inconstantes, fingidos, ambiciosos.

Essa radiante estrella habitadora
Do vistoso jardim do orbe terceiro,
Por flôr, desvelo da gentil aurora,
Por luz, cuidado do maior luzeiro:
Do claro dia alegre percursora,
Da claridade annuncio verdadeiro,
Bello iman celestial ao sol obriga
A que amante a corteje, fino a siga.

O grande luminar que a quarta esphera,
Enriquece de luzes refulgentes,
Domina Augusto, soberano impera,
Dó mundo sobre todos os viventes.
A todos vivifica, a muitos gera,
Com proporções iguaes, convenientes,
Produzindo, e deixando introduzidas
Distinctas fórmãs em diversas vidas.

Furia mortal, ardor sanguinolento,
Tem imperio despotico distincto
No solio celestial do quinto assento,
Guerreiro horrivel, o planeta quinto.

Ao Tero Marte igual poder oppondo,
 O Tonaute se admira soberano,
 Que faz gemer a terra ao bravo estrondo
 Com que fulmina os raios de Vulcano:
 Essa etheria região toda em redondo
 Aballa horrivelmente deshumano,
 Sendo terror mortal, horrenda injuria
 Do relampago a voz, do raio a furia.

Pelo setimo globo vai Saturno
 Do estelifero assento o mais distante,
 Entre os outros planetas por nocturno
 De adusto, e melancholico semblante:
 Por mais remoto do esplendor diurno,
 Ficou de menos luz partieipante,
 Ostentando, do sol pelo desvio,
 Aspecto sempre funebre e sombrio.

Hoje temos outras idéas astronomicas, que talvez d'aqui a seculos cahirão em desprezo como o systema Ptolemaico, e outros: mas o poeta não pôde ser responsavel senão pelos conhecimentos do seu seculo, e se esta astronomia não é boa, ao menos a poesia deste trecho pôde, fallando em geral, dizer-se excellente: continua depois descrevendo as constellações, mencionando as estrellas, &c. O peor é que se mostra enfatuado das chimeras das influencias celestes, e dominio dos astros nas acções, e sorte dos homens, segundo os principios da astrologia judiciaria, que ainda dominavam bastante no seu tempo, posto que esta sciencia phantastica estivesse já mais desacreditada no resto da Europa, onde havia tido tamanha voga, e occasionado tantas desgraças. Não aconteceu porém assim nas Hespanhas, onde se conservou por mais tempo em credito, porque os erros scientificos sam os mais difficultosos de abandonar, e especialmente quando os credulos, ou os impostores, que tem interesse em propagal-os conseguem dar-lhe uma falsa tinctura de religião: hoje mesmo que os conhecimentos estão mais disseminados, que a philosophia tem feito tão agigantados progressos, não faltam entre nós pessoas capacitadas da supposta influencia das estrellas sobre o

seu destino, e dispostas a dar por impios, e pedreiros livres, todos os que tem o arrojo de zombar destas miseraveis preoccupações do espirito humano.

Estou longe de suppór que o *Espelho do Invisivel* seja uma obra prima de poesia, mas tenho para mim que não lhe fallecem trechos, que abonam o talento do author, e que Troylo de Vasconcellos da Cunha merece muito louvor por haver sido o primeiro que empreendeu, em nossa lingua, um poema verdadeiramente didascalico, e sobre objecto tão espinhoso, e pouco azado para a poesia.

E' facil de comprehender quantas vezes lhe ataria os vãos da imaginação a necessidade de medir as expressões em assumpto tão melindroso, em que qualquer desvio, mesmo de expressão, podia ser capitulado de erro de doutrina, o que não era pouco perigo no tempo em que ainda durava o grande aballo produzido pelas doutrinas de Luthero, Calvino, Zuinglo, e outros heresiarchas, e em que a Inquisição via em tudo symptomas de tendencia para o partido dos innovadores, e sob o mais futil pretexto desenvolvia toda a furia do seu zêlo, e dos rigores de que se armara para manter a pureza de uma religião toda de paz e de caridade!

A falta de episodios, e digressões, defeito que lhe é commum com grande parte dos poetas didaticos, e didascalicos modernos, e de que acima fallei, juncta Troylo de Vasconcellos da Cunha outra neste poema, que na minha opinião é maior ainda; quero dizer, a penuria de comparações.

Todos sabem que esta sorte de ornamentos, em nenhum genero de poemas tem mais cabida, e se tornam mais necessarios, õu para melhor dizer iudispensaveis, do que nos poemas scientificos, não tanto pela illucidação que delles vem ás materias, de que se tracta, mas porque as comparações sam quadros brilhantes, e novos, que descansam agradavelmente o leitor da seriedade doutrinal, recreando-lhe o animo com a variedade dos objectos, e pinturas, que lhe apresentam.

Esta minha opinião tem a seu favor o exemplo, e practica de Hesiodo, e Arato entre os Gregos, de Lucrecio, e Virgilio entre os Latinos, de Rucellai, e Alama-

ni entre os Italianos, de Delille, e Esmenard entre os Francezes, de Pope, e Darwin entre os Inglezes, que todos nos seus poemas didaticos, e didascalicos prodigalisaram as comparações empenhando nellas toda a força, e viveza dos seus pinceis.

Troylo de Vasconcellos da Cunha, ou por falta de imaginação, ou subjugado pelo exemplo dos jesuitas, ou talvez por ambas as cousas, seguiu diverso caminho: nada mais raro do que uma comparação no seu poema; e essas poucas que tem, estão bem longe de se parecerem com as que admiramos na Iliada, na Odyssea, e na Eneida, reduzem-se a simplicis similes sem adorno, nem particularisação.

Todo o cuidado do poeta está no assumpto, de que não onsa afastar-se um momento; as descripções engravam-se nas descripções como os ellos de uma corrente; as doutrinas seguem as doutrinas, e este methodo na verdade muito regular em um simples tractado, tem em poesia o grave inconveniente de produzir o cansasso de espirito pela monotonia, e uniformidade.

A versificação é em geral harmoniosa, e constante, mas parece que todos os versos foram fundidos no mesmo molde, quasi sem haver nenhum que se destaque dos outros, e que venha ferir agradavelmente o ouvido por uma cadencia nova, ou um sonido differente dos que até ali se ouviram, ou por uma expressão vibrada, e atrevida: o author ignorava inteiramente a arte de variar as cesuras, e de fazer por meio dellas que o verso corra como o vento, se precipite como a torrente, murmure brandamente como a fonte, caia, e se arraste como a serpente, retumbe como o trovão, se deslise como o regato na arêa; sendo sempre o echo do pensamento, e a representação fiel das idéas: ignorava completamente o segredo da harmonia imitativa, que Camões havia advinhado, e que fez a gloria de Delille nos nossos dias.

O que porém distingue a Troylo de Vasconcellos da maior parte dos alumnos da escola hespanhola, e que não é pequeno abono do bom gosto de que era dotado, é a pureza do seu estylo, raras vezes inquinado pelos trocadilhos, contrapostos, metaphoras violentas, conceitos alambicados, em que no seu tempo se fazia consistir

todo o character, e artificio da poesia. Não quero dizer que elle esteja inteiramente limpo destes defeitos, sobejas vezes cahiu nelles, mas não tanto a miudo como os seus contemporaneos, nem se precipitou nos excessos da extravagancia, de que vemos tantos exemplos nos escriptos dos seiscentistas, tanto em prosa, como em verso.

Troylo de Vasconcellos da Cunha falleceu em Lisboa, no dia 4 de Agosto de 1729, na idade de setenta e cinco annos, que é o meio termo entre viver muito, e viver pouco. Ignora-se onde foi sepultado. D. Antonio Caetano de Sousa, religioso theatino, na sua *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* a paginas 250 do volume II., e o crudito Antonio de Carvalho da Costa, a paginas 555 da sua *Chorographia Portugueza*, fizeram menção mui honrosa deste poeta, que não sei porque motivo escapou ao furor laudatorio do padre Antonio dos Reis no seu poema latino intitulado *Enthusiasmus poeticus*, que tantas vezes temos citado no decurso desta obra.

CAPITULO III.

D. Joanna Josefa de Menezes, terceira Condessa da Ericeira.

Esta illustre senhora, tão dada ao estudo, e ao cultivo da poesia, nasceu em Lisboa, em 17 de Setembro de 1651, foi filha do segundo Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes, a quem succedeu no titulo, por ser filha unica.

O cultivo das sciencias, e das bellas artes parecia fazer parte do patrimonio da casa da Ericeira; e por isso não admira que lhe dessem uma educação esmerada, e litteraria. Desde a mais tenra infancia seu proprio pai a foi instruindo na lingua italiana, castelhana, e franceza, que todas veiu a escrever, e fallar com admiravel faci-

lidade, e pureza; o que mostra bem que o uso é o melhor methodo para aprender com pouco trabalho as linguas vivas.

Florescia então nas aulas da companhia de Jesus, em qualidade de grande latinista, o Padre Antonio de Mello, e este déstro professor foi incumbido de instruir a condessa no idioma de Cicero, e Virgilio, e as suas lições não foram perdidas com uma discipula de tanto talento, e de tão facil comprehensão.

Creio que com o mesmo mestre estudou as regras da rhetorica, e da poetica, como então se ensinavam neste reino, a philosophia peripatetica, a theologia e os mais conhecimentos proprios de uma pessoa bem educada.

Chegando á idade de casar, foi pertendida a sua mão pelos mancebós mais illustres da corte, como era de esperar que acontecesse a quem reunia aos outros dotes physicos, e moraes a qualidade de herdeira de um titulo, e de uma casa tão distincta como rica: mas, ou por particular affeição, ou como é mais provavel, por conveniencia de familia, a condessa preferio a todos seu tio D. Luiz de Menezes, fidalgo tão nomeado nas armas como nas letras, e author da Historia de Portugal Restaurado.

Deste matrimonio nasceu D. Francisco Xavier de Menezes, quarto Conde da Ericcira, tenente general dos reaes exercitos, author da *Henriqueida*, e de uma multidão de outras excellentes obras, tanto em prosa como em verso.

A rainha de Inglaterra D. Catharina, esposa de Carlos II., e tia d'El-Rei D. João V. fazia tanto apreço das prendas, e erudição desta senhora, que voltando a este reino pela morte de seu marido, a nomeou sua camareira mór, conservando-lhe toda a sua vida a mesma benevolência, e amizade.

Igual valimento teve com a rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, primeira mulher d'El-Rei D. Pedro II., com quem se correspondia por cartas escriptas em francez, tanto em prosa como em verso.

Tem-se dito, e creio que com razão, que uma mulher estudiosa, é necessariamente ruim mãe de familia, e pessima dona de casa: mas esta regra geral, como todas,

não deixa de soffrer excepções: e uma dellas, si as memórias do tempo nos não enganam, foi D. Joanna de Menezes, que segundo dizem desempenhava com exactão todos os seus deveres domesticos, e o seu serviço no paço, despendendo na lição da historia antiga, e moderna, dos poetas latinos e vulgares, e nos outros estudos com que illustrava o seu entendimento o tempo, que as senhoras do mundo aristocratico costumam desbaratar em bailes, jogos, assembléas, e frivolidades com que muitas vezes arruinam o credito, a saude, e as mais solidas fortunas.

Nascida no seio de uma das familias mais nobres do reino, e igualmente distincta pelas letras, e pelos serviços militares, e diplomaticos, occupando um dos mais importantes officios do paço, hem vista da côrte, e de toda a familia real, rica, e titulada, gozando da estima geral pelas suas virtudes, e talentos, com um filho em quem concorria tudo quanto era necessario para lisongear o seu orgulho de mãe, D. Joanna Josefa de Menezes podia considerar-se feliz, ao menos segundo a idéa que a boa philosophia costuma dar-nos disso, que no mundo se chama felicidade, hem que os homens raras vezes desfructam, porque não sabem conhecê-lo, e muito menos conservá-lo.

Os escriptos da Condessa da Ericeira, especialmente os poeticos, giravam pelas mãos de todos na côrte, e na cidade, e eram procurados, disputados, e applaudidos com phrenesi. Ella assistia muitas vezes ás sessões da Academia, que seu filho D. Francisco Xavier de Menezes, quarto Condé da Ericeira, havia estabelecido no seu palacio, e ali era applaudida, e ouvida como oraculo de discernição.

Pindaro disse, em uma das suas bellas odes, que quem vê despontar na esphera um dia brilhante, filho do sol, não deve capacitar-se de que o ha de vêr transpôr no occaso revestido da mesma serenidade. Esta idéa sublime do lyrico Thebano, contém em si a historia da existencia do homem. E' raro que uma vida cuja primeira parte decorreu prospera, e tranquilla se termine sem graves incommodos. A taça das doçuras da vida contém sempre uma porção de veneno, e força é hebel-o, ou elle sobre-

nade, ou se precipite no fundo, segundo a sua diversa natureza.

D. Joanna Josefa de Menezes nos seus ultimos annos foi accommetida de uma parlesya, que posto combatida pela medicina, nunca esta ponde debelal-a de todo, pois lhe deixou uma lesão no corpo, e padecimentos chronicos, que por longo tempo deram exercicio á sua paciencia, e resignação christãa; felizmente as sua faculdades mentaes não soffreram alteração alguma, e ponde porisso continuar com as suas leituras, e as suas composições.

Assim viveu, ou para melhor dizermos, assim durou alguns annos até que estando um dia no convento de Santa Clara, onde havia ido vesitar algumas religiosas de sua amizade, foi ferida de um ataque apopleptico. Havendo sido conduzida para sua casa, onde se lhe prestaram todos os soccorros da arte, depressa conhecen que acabavam de abrir-se para ella as portas da eternidade.

Preparou-se pois para a grande-jornada com todos os auxilios espirituaes, e expirou tranquillamente no dia 26 de Agosto de 1709, contando cincoenta e oito annos de idade.

Seu filho lhe fez celebrar pomposas exequias, e foi sepultada na capella mór do Convento da Annunciada, de que a sua casa era padroeira. O terreno onde existiu este convento está hoje occupado por uma parte do passeio publico; acaso os ossos desta illustre poetiza, jazirão agora entaçados pelas raizes de algum loureiro, ou alfarrobeira?

A maior parte, e é mui natural que a mais importante, das suas composições ficou manuscrita, e segundo testifica Barbosa, se conservava na livraria dos Marquezes de Louriçal, seus descendentes. Eis aqui os seus titulos.

Obras poeticas portuguezas.

Obras poeticas italianas, e francezas.

Obras poeticas hespanholas, 1.^a 2.^a 3.^a parte.

Poema funebre á morte da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, consta de cem estanças.

Vida de Santo Agostinho acompanhada de varias reflexões.

Cartas francezas dirigidas á Rainha, e a muitas outras pessoas.

Cartas familiares endereçadas a varias damas da corte.

Discursos academicos, e moraes.

Triumpho das mulheres, traduzido do francez.

As suas obras publicadas pela imprensa sam as seguintes :

Panegyrico ao governo da serenissima senhora Duquesa de Saboya D. Maria Joanna Baptista de Saboya, traduzido do italiano, 1680, 4.º

Reflexões sobre a Misericordia de Deos por uma peccadora arrependida. Traducção do francez, Lisboa, 1694, 8.º : esta obra tem passado por muitas edições.

Despertador del Alma al sueño de la vida, en voz de un advertido desengaño. Lisboa, 1695.

Este poema consta de trezentas oitavas, e deveria para commodidade do leitor ser dividido em tres cantos, que de certo não ficavam pequenos; porém a authora preferiu publical-o sem divisões, e nisto não deu provas de bom gosto. Bem sei que ella poderia defender-se deste reparo com o ultimo canto do *Adonis* de Marini, que tem quinhentas estanças; mas além de que os erros de uns não podem servir de desculpa a outros, é evidente que o inconveniente assim mesmo é menor em Marini pela differença do assumpto, que é todo mythologico, e cheio de amenidade, e por isso deve por sua natureza produzir menos enfadamento que as moralidades, e os pensamentos methaphysicos, e theologicos, que contém o *Despertador*.

Este inconveniente poderia ser em grande parte corregido, se a authora tivesse tido o cuidado de amenisar, e variar a severidade do seu assumpto com a frequencia das comparações, e encantos da poesia descriptiva, e mesmo alguns episodios bem escolhidos, segundo a pratica dos poetas, que mais se tem distinguido neste genero de poemas; porém a authora, em quem havia mais talento que gosto, mais saber que imaginação, tomou por outro caminho, e não soube comprehender este segredo da arte, e uma vez tomado o tom dogmatico, não ousa abandonal-o um instante, prejudicando assim a sua fama, afastando pela maneira de expressal-as o fructo que o leitor podia tirar das suas dontrinas.

Os pensamentos deste poema sam nobres, e elevados,

as suas doutrinas solidas, e conformes com a theologia, e a boa phylosophia ; a sua linguagem é pura, a sua expressão forte, e concisa, os seus versos harmoniosos e correntes, porém o estylo é a quinta essencia do gongorismo, cujo excesso ninguem levou tão longe : é necessaria toda a attenção, e uma agudeza de engenho não vulgar, para segui-la por entre as espessas trevas, em que o seu espirito se envolve. Parece que vemos a Pythonisa de Delphos rabiando sobre a tripode no meio da escura caverna, e murmurando oraculos em estylo figarado, e inintelligivel : tenho para mim que a escuridade de Persio nas suas satyras é uma luz clara, e brilhante comparada com a que reina neste poema. E não faltam occasiões em que o leitor chega a duvidar de que a authora se comprehendesse a si propria. Alguns trechos do poema transcriptos sem escolha comprovarão o que levamos dito.

Entrambos de una accion a ver el mundo
Salimos, dei materno occulto ensaio,
Que alvergue pude en produccion fecunda
Dar un horror por indice a un desmaio :
Y del alvor, que forma vagabundo,
De matizada luz fragrante raio
Llegamos a llorar con un sentido
Al ayre vage, al dia repetido !

Com que propriedade chama a authora *materno occulto ensaio* ao ventre materno ? e os quatro versos que fecham a estança não explicam de uma maneira bem donosa a razão porque uma criança chora apenas nasce ?

Oh vida que este dia en el aereo
Theatro del discurso atencion pide,
Y no saber si infausto astro sydereo,
O propicio a tu horoscopo preside :
Dudoso examen del decreto ethereo
Con que una estella la influencia mide
Siendo a tanto mortal primer designio
El idyoma del llanto el vaticinio !

Mas para que es con tanto afan inquieto
Brujuleando de una estrella el viso,

Querer que de un influxo el duro aspecto
 En margen de verdad raye el aviso!
 Si sabes de los cielos el decreto,
 Y que acabar es termino preciso,
 Ensaia-te a morir, y livre obrando
 Como advierte el como, ignora el quando.

Entre gemidos ya, ya entre ignorancia,
 Colores estremando del arminho,
 Nos dió en puerilidad de la infancia
 Patria la cuna, arrullos el cariño!
 Triste efecto! sabida circunstancia!
 Del nacimiento proprio desaliño;
 Que vida es esta, que presume tanto,
 En miserias nascida, enbuelta en llanto!

De la innocencia blanca la librea
 Nos dió en cristales claro desempeño,
 Y debiera d'emtrampos la tarea
 Conservar del carater el diseño;
 Que pude con dichosa altiva idea
 Desmentiendo a la culpa el negro ceño,
 Lavar con perigoso, y bello ornato
 En mi el original, en ti el retrato.

Tan hermanas, tan unas las acciones
 Al nacer, y crescer se han admirado,
 Que la vida en precisas atenciones
 Seguió de mis impulsos lo animado;
 Ayroso revestió de producciones
 Mi entendimento e tu primor osado,
 Y fueran balbucientes, e veozes
 Mia la inspiracion, tuas las vozes.

Yo que a tu ser de galás le revisto
 Quanto el viviente rosieler colora
 Y amaneciendo al mundo ayroso assisto,
 De adulta sombra, esperitual aurora,
 Matiz coadusgo, resplendor existo,
 Grato a la vanidad, sublime a Flora,

Pues de lo natural de mis colores
Nunca el pensil pudo animar las flores.

En vital laberintho hilos azules,
Que a la sangre recatan los archivos,
Compartimentos d'apparencia pules,
Que dio naturaleza defensivos.
Mas viviente edificio nó te adules,
Que de la vida fragilea motivos
Solo se admira ser en mortal calma
Un compuesto de sangre, un todo d'alma.

Por mais bellas que sejam as idéas perdem toda a sua
força explicadas neste estylo. Não é neste gosto que a
musa de Young *pregava em verso*, e encantava o mundo
com os sens accentos.

.....
Donde hallará el discurso resumido
Exemplo de la fabula, o la historia,
Que te mostre en el riesgo de un sentido
Quanto esculpíó el acuerdo en lá memoria:
De los ojos engaño no advertido,
Que muda en pena prometida gloria,
Troequé el fogo a cenizas el espanto
Y el peligro del agoa lave el llanto?

Quanto el gorgoneo horror con saña adusta
Devoró de los ojos lá luz clara,
Que infausto hiezo, presuroso assusta,
La vista aguda, la atencion no avara,
Te grava en la pared saña robusta
De piedra que a los ojos fué tan cara,
Y pasmosa al viesgo atemorisa
Piedra, qué es el sepulcro, y la ceniza.

Donde señala en repetida queza,
Infeliz de los ojos prespicacia
Quanto mortal la humana vida dexa
En culpable atencion, vista rebacia,
Digal-o aquel, que vingativo alexa
Del valor de Perseo la eficacia;

Labren Preto, y Fineo en pedras duras
Estatuas, de si proprias sepulturas.

De exemplar tierno harmoniosa ofrenda
Que a los ojos robó con fe perjura,
Beldad, que pude en desdichada senda
Pizar veneno, redemir dulzura
Te ofrece de los ojos la contenda,
Que de un amante acuerda la locura
Y muestra que la vista por su encanto
Piza infeliz el reyno del espanto.

Por los ojos bevió torpe veneno
Bivora indigna, injustas atenciones,
La que hermanando su cuidado obsceno
A sangre, y fuego repitió oblaçiones,
Mas el cielo ultrajando de su seno
Quantas guardava impura sugeiciones,
La ceguedade apura entre cristales,
Desatadas las vendas, en raudales.

A anthora algumas vezes, sem deixar de todo este estylo turgido, e empeçado de conceitos, e metaphoras estranhas, que lhe é habitual, e em que talvez assentava que consistia a linguagem das Musas, se exprime em tom mais humano, e natural : assim lhe acontece nas seguintes estancias, em que tracta dos excessos da gula, desse vicio vergonhoso, que torna os homens semelhantes aos brutos, ou para melhor dizer peiores que os brutos.

Qual bruto en la carrera despeñado,
Que indomito saltando, huyendo ciego,
El freno muerde en ancias desatado,
Espumante bolcan de nieve, y fuego:
Assi nuestro apetito desbocado,
Sia que de la razon le valga el ruego,
Sueltas las viendas con la sed avara
La espuela sigue, el freno nó le para.

Quanto industriosa con cuidado inventa
La jactancia en arbitrios de la gula,

Del mar la vaga estancia fraudulenta,
 En red atraes, en hilos acumula,
 Del ayre, tierra desvelado ostenta
 El ave, y bruto que veloz regula.
 Ensaiaando del plomo, y del azero
 Para mundio segundo, harpon primero.

Qual vibora que engendra incautamente
 En el materno abrigo construida,
 Penzoña, que despues con saña ardiente
 El seno despedaza en que halló vida:
 Assi del apetito hambre pungente,
 Estrañando lo mismo a que cuubida,
 Maltrata, rompe, offende, éstraga, apura
 Muerte el manjar, veneno la dulçura.

Ceguedad indecible, infeliz ancía,
 Del apetito immoderado archive,
 Que haziendo de un peligro una jactancia,
 Gasta a la vida el fragil incentivo;
 Pues siendo demasia, y no substancia
 Del alimento trueca el fiel motivo,
 Y en desperdicios ser la vida intenta
 Homecida a lo mismo que sustenta.

Y quando el proprio riesgo en amenazas
 Los daños disimula, a que incamina
 Como del maior mal de lo que traças
 Callar podrá castigos, que fulmina?
 Si de peligros, en que el alma enlaças,
 Ya te viria la interior ruina,
 Que hasta las horas passan con engaño,
 Marcando el dia, si roendo el año.

A este trecho pôde sem escrúpulo juntar-se o seguinte sobre a variedade, que tanto imperio tem no mundo, muito especialmente nos individuos pertencentes áquella classe da sociedade, em que a authera havia nascido.

Rapido el tiempo en presuroso vuelo
 Siglos acaba, repitiendo instantes,

Y de la vida el fragil paralelo
 Sus alas signa en passos incessantes.
 Chymera es el applauso en su desvelo,
 Que a peregrinos in el alma errantes
 Quien ay que los aciertos desembóce
 Si cada qual a si se desconoce?

Que es esta vanidad tan celebrada
 Que es mas que vanidad, que al ayre empluma
 Con las ruidosas voces de la Fama
 Bolante adorno de una fragil pluma?
 Y lo heroico, o lo altivo igual derrama
 La volubilidad del tiempo summa,
 Feriando en el imperio de la suerte
 Alas la fama al tiempo, o a la muerte.

Donde el primero, que buscó arrogante
 Competencia a su applauso, siempre injusto,
 Se esconde; si del cielo, fulgurante
 Rayo le despidió precepto justo?
 O quanto el presumido es ignorante
 Si por lisongear instable gusto
 Del ayre vano en appetite ciego
 Huye la luz para engender el fuego?

Los tymbres varios, que por varios modos
 Derivan los sobervios importunos,
 De Tróyanos, Saxonios, Scythas, Godos,
 Di, mortal, que te valen oportunos?
 Si sabiendo que mueres como todos
 No te empuerta ser noble como algunos?
 Y esplendores, que buscas, tan inciertos
 Solo te sirven de contar mas muertos?

Que empuerta repetidos los blasones,
 Oro en el pecho, en el papel annales,
 O dibuxado a fuerza de atenciones,
 O pintado en la idea a los mortales?
 Si dismientiendo nobles paragones
 A todos distribue como iguales,
 Para un principio, y para un fin preciso
 Polvos la Tierra, barro el Paraiso?

Que es de los Reys? en de la corona
 Un siglo existe? veinte lustros dura?
 Si el tiempo que a las vidas no perdona,
 Encubre a muchos aun la sepultura?
 La muerte que sen tymbres abandona,
 Trofeos hurta siempre a la ventura,
 Pues que scan del tiempo en vitaperios
 Los reys, si aun acaban los imperios?

El que a la Dieba en hado peregrino
 De la fortuna, el patrocinio alcança
 Y por seilar del bien el descamino,
 Con vierde piedra, cuenta en esperança,
 No contrasté de un ipfeliz destino,
 Ultimo fim, que aun quando en mas bonança
 No pudo, o sacrificio fosse, o voto
 El hilo de la red mas que el de Clotho.

Este poema foi impresso, e publicado em nome de Apollinario de Almada, creado da Condessa da Ericeira, mas ninguem ignorava que esta, e não aquelle, o havia composto. O censor do Desembargo do Paço o insinua assim, dizendo em sua censura: « Este canto intitulado Despertador del Alma al sueño de la vida, que com amplo, grave, vehemente, e copioso estylo compoz Apollinario de Almada, *que se diz ser seu author*, não contém cousa alguma, que prohiba a lei civil. » Ainda mais explicitamente o declarou seu filho, D. Francisco Xavier de Menezes, quarto Conde da Ericeira, nos discursos preliminares do seu poema da Henriqueida, onde affirma que este poema, publicado no supposto nome de Apollinario de Almada, era obra de sua mãe D. Joanna. Esta authority não deixa duvida alguma.

E' poema notavel que a Condessa se não declarasse francamente authora do poema, que dava á luz! Receberia acaso que não fosse bem recebido? Desdenharia de confessar que cultivava uma arte, a que todos sabiam que ella se dava com grande paixão? Julgaria que isso lhe não era decente? Mas nesse caso seria melhor não escrever versos, que não os querer dar por seus. Quer qualquer pessoa dar-se por superior á arte que pro-

fessa, é quanto a mim uma puerilidade ridicula, por não dizer fatuidade!

Si as poesias, especialmente as portuguezas, da Condessa da Ericeira houvessem sido impressas, si os seus descendentes as não tivessem sepultado em manuscrito nas suas livrarias, poderíamos assentar juizo seguro sobre o seu talento poetico; reduzidos porém a este unico poema, e demais escripto em idyoma estranho, apenas poderemos dizer, que a Condessa havia nascido com grande engenho, e pessimo gosto; que requintou o estylo extravagante de Gongora, e da sua eschola, e que para fazer brilhante figura do Parnaso seria necessario que tivesse vindo ao mundo ou um seculo mais cedo, ou um seculo mais tarde.

Não era de esperar que o padre Antonio dos Reis se esquecesse de cumprimentar esta poetisa no seu *Enthusiasmus Poeticus*, e eis aqui como elle se expressa ácerca desta illustre senhora:

*Thespiadum Joanna choro dabat indita leges
Et graviore sono, quam posset femina, pigros
Surgere mortales extrema in praelia, somno
Admonet excusso: Musas habuisse magistrum,
Doctorem que pudet Phæbum; nec concipit iras
Ob prærepta sibi regalia sceptra Poesis,
Ipse, sed ingenne victum se fassus ab illa,
Plectra dedit, ferante que quondam insignia summi
Præsidis, atque graves, tacita listudine, lætus
Arrecta bibit aure sonos, grandet que doceri.*

ENSAIO

BIOGRAPHICO-CRITICO

LIVRO XXV.

CONTINUAÇÃO DA ESCIOLA HESPANHOLA.

CAPITULO I.

Caetano José da Silva Soutomaior.

A villa de Olivença, uma das praças mais importantes da provincia Transtagana, que passando depois ao poder de Castella, foi durante a guerra peninsular resgatada pelas nossas tropas, expoliando della a guarnição franceza, que a occupava, e pela paz restituída á Hespanha por influencia da nossa antiga, e fiel aliada a Gran Bretanha, que tanto se interessa na nossa prosperidade, foi a patria deste poeta.

Seu pai chamava-se Gaspar da Silva Moniz, e era doutor em leis, e exercia o logar de Provedor dos Residuos, e Capellas; sua mãe chamava-se D. Isabel Thezeza Soutomaior, Dama da Camara da Rainha D. Mariana de Austria, esposa d'El-Rei D. João V.

Seus pais, que o destinavam para a toga, o conduziram a Lisboa a fim de habilitar-se com os estudos preparatorios, que comprehendeu com muito gosto, e em que fez grandes progressos; terminados elles, passou á Universidade de Coimbra, onde frequentou o curso de leis, e concluido elle, recebeu o grau de Bacharel em direito pontificio.

Em 14 de Abril de 1721, fez a sua leitura no Desembargo do Paço, isto é, fez perante aquelle tribunal um exame, sem o qual nenhum bacharel podia servir os logares de letras. Neste exame deu elle provas eviden-

tes do muito que havia aproveitado nos seus estudos universitarios.

O primeiro logar que serviu foi o de Juiz dos Orphãos do termo desta cidade, em que se houve, segundo dizem, com grande desinteresse, e louvavel actividade, e bom tino no desempenho das suas obrigações.

Sendo mui bem visto na côrte, e muito agradavel a El-Rei D. João V. em razão do seu character jovial, e da agudeza, e graça dos seus ditos, ás vezes um tanto mordazes, foi em breve despachado Juiz do Crime do Bairro da Mouraria.

Era pratica quasi inalteravel, que os logares de magistratura fossem servidos por triennios; não se verificou esta regra com o nosso poeta, pois havia mais de doze annos, que estava com a vara do Bairro da Mouraria. Cançado em fim de marchar no mesmo terreno, e não sabendo como havia desencalhar-se daquella restinga, juntou um dia os seus papeis, dirigiu-se ao Paço, e apresentando-se a Sua Magestade lhe disse, com o seu costumado desembaraço: « Senhor, venho aos pés de Vossa Magestade supplicar-lhe uma mercê. » E qual é ella? (disse El-Rei). « Senhor, (respondeu Soutomaior) é certo que o tempo de os Ministros servirem os seus logares é de tres annos; e como me acho servindo ha mais de doze-no de Juiz do Crime do Bairro da Mouraria, parece-me que tenho direito para pedir a Vossa Magestade que me conceda a mercê da propriedade do dito officio. »

El-Rei, sorrindo-se, e batendo lhe no hombro, lhe disse que podia *ir com Deos*, phrase então muito usada na côrte como equivalente de *vá descansado*, e d'ahi a poucos dias foi provido no logar de Corregedor do Bairro do Rocio, de que tomou posse em 3 de Outubro de 1737.

O Governo o incumbiu de muitas diligencias importantes, e de todas deu mui boa conta, ás vezes com perigo evidente de sua vida, o que não cooperou pouco para grangear-lhe uma especie de privança com o Monarcha, que gostava muito de o ouvir, e levemente o desculpava de alguns factos algum tanto arriscados, e de que outro qualquer não sahiria tão a salvo, e de que referiremos alguns exemplos, que são de notoriedade publica.

Ordenando-lhe El-Rei que prendesse certo individuo, e sendo este de sua amizade, o corregedor cercou a casa com as suas justicas, mas vendo que elle havia fugido para os telhados, em lugar de proseguir na diligencia, mandou que ninguem movesse d'ali o pé, partiu a toda a pressa para o Paço, onde apresentando-se a El-Rei, lhe disse, que para saber como havia de portar-se em um caso de serviço mui delicado, necessitava de que Sua Magestade lhe declarasse, si governava de telhas acima, ou de telhas abaixo.

El-Rei que estava desaperecebido, e que tomou esta pergunta como uma das muitas bufonarias com que o corregedor costumava diverti-lo, respondeu-lhe: « Está visto que só governo de telhas abaixo, porque de telhas acima só Deos tem dominio. » — « Beijo as mãos a Vossa Magestade; á vista d'essa real declaração já sei como devo portar-me. »

Sabindo de palacio, dirigiu-se ao logar da diligencia, e vendo que o homem inda estava refugiado sobre o telhado, mandou immediatamente retirar os seus beleguins, dando a diligencia por concluida: constando o caso a El-Rei, estranhou muito ao corregedor este procedimento; mas este, sem perturbar-se, lhe replicou com todo o respeito: « Não me declarou Vossa Magestade que só governava de telhas abaixo? o homem estava sobre o telhado, e como havia eu lá ir prendel-o si me faltava a jurisdicção? »

Andando de ronda encontrou pelas oito horas da noite um homem correndo a toda a pressa pela rua larga de S. Roque, e fazendo-o parar lhe perguntou para onde ia? e respondendo elle, com todos os signaes de verdadeira afflicção, que hia chamar um confessor para sua mulher, que estava a morrer, o corregedor, ou por compaixão, ou por certificar-se da verdade, lhe disse que o acompanhasse, e dirigindo-se á Casa Professa de S. Roque, batendo á portaria, e dando-se a conhecer, pediu que alguns dos Religiosos o acompanhasse para confessar uma enferma, que estava em grande perigo; retirou-se o porteiro, e em breve trouxe ao nosso poeta a seguinte resposta: « Os padres da companhia não sahem de casa depois das Ave Marias seja para o que sôr.

O corregedor indignado repetiu as suas instancias; porém todas as diligencias foram baldadas; dirigiu-se pois a S. Pedro de Alcantara, onde promptamente lhe forneceram o confessor que exigia. Caetano da Silva Souto-maior detestava os Jesuitas, e protestou que havia tirat a desforra, e não tardou muito sem que a occasião se lhe offerecesse.

Estando na rua larga de S. Roque, pelas duas horas da noite, á frente da sua ronda viu desembocar da travessa do Poço dous Jesuitas acompanhados de um criado, que levava diante delles um archote, como era costuma das pessoas abastadas quando ainda em Lisboa não existia illuminação.

O corregedor fazendo-os cercar pelos seus homens, lhes perguntou quem eram; e respondendo-lhe elles que eram dous padres da Companhia de Jesus, o corregedor dando uma grande gargalhada lhes respondeu: « A boa porta vieram vv. mm. bater! como se eu não soubesse que os padres da Companhia não andam por fóra depois das Ave Marias! inda ha bem pouco tempo que eu proprio lá fui buscar um confessor, eram oito horas da noite, e perdi o meu trabalho; vv. mm. por tanto não são Jesuitas, mas ladrões, que vestiram essa respeitavel roupeta para mais a seu salvo perpetrarem algum roubo; amarrem esses tonantes, e conduzam-os ao tronco, e lá saberemos quem sam.»

Por mais que os bons padrecas disseram, e allegaram em seu favor, o corregedor foi inexoravel, e seu mandado cumpriu-se, e os dous chamados Apostolos foram dormir ao tropco, antiga cadeia, situada onde ora está o theatro da rua dos Condes, cujo pateo inda recorda o seu nome.

Apenas havia rompido o sol, e já o prelado de S. Roque estava em casa do corregedor, que o recebeu com toda a civilidade e respeito; porém como já esperava este passo, havia tomado as suas medidas, de modo que uma chusma de rapazes, montados em cannas, e bengalas, entrando na sala apenas o prelado começou a fallar, e accudindo elle Ministro a enxota-los, não foi possivel expôr-lhe a sua pertença, e se retirou, dirigindo-se ao Paço.

Recebeu Soutomaior ordem para ali comparecer immediatamente; e El-Rei lhe disse dissimulando a custo a hilaridade, que o facto lhe causara: «Então o corregedor prendeu esta noite dous Padres da Companhia?» Dous me livre de tal (respondeu muito sério o magistrado) quem eu prendi foram dous ladrões desfarçados em Jesuitas; estes Padres não sabem de noite, nem para uma confissão: «Apesar disso (disse El-Rei) esses homens sam na verdade dous Padres da Companhia; assim acaba de me afirmar o Geral: mande solta-los.

Soutomaior não contente com a primeira mystificação, cortou ao tronco, e determinou aos dous presos que sahisses. Era isso mesmo o que lhes não convinha, e por isso responderam, que sahiriam á noite. «Não é possível, gritou elle, a sua soltura é por ordem d'El-Rei, e as ordens d'El-Rei não admittem dilação.»

Foi pois necessario, que os Padres devorassem mais esta vergonha, e cabisbaixos, e melancolicos sahiram do tronco pela uma hora do dia, á vista do povo, que não cessava de admirar-se vendo aquellas graves personagens na habitação dos miseraveis.

O chasco era na verdade bastante pesado, e era necessario, que o Magistrado, estivesse muito seguro na protecção d'El-Rei D. João V. para ousar tanto com uma corporação poderosa, e que tanta influencia gozava na côrte, e no espirito dos povos.

Caetano da Silva Soutomaior gozava de grande popularidade, pela sua reconhecida integridade, e pelo seu character jovial, suas maneiras affaveis, e pelas suas poesias, que giravam por todas as mãos, e que eram tão estimadas, que grangearam a seu author a antonomasia de *Camões*, que quanto a mim provava menos o merecimento de seus versos, que a falta de gosto, que reinava nos seus contemporaneos.

O Doutor Caetano José da Silva Soutomaior era, segundo affirma o compillador de algumas das suas obras Antonio Correa Viana, de estatura mediana, e pela sua gordura, parecia ainda mais baixo, do que na verdade era, porém muito robusto, e animoso, de sua pessoa, e servia-se da espada como o mais bravo militar. Usava frequentemente de oculos, porque o seu estudo continuo.

lhe havia apoucado, e enfraquecido a vista; e poucos homens no seu tempo possuíam tamanho fundo de conhecimentos juridicos; morou sempre na praça do Rocio, em umas casas que ficavam da banda do Convento do Carmo; e ali terminou os seus dias a 18 de Agosto de 1789, e foi sepultado no adro do Convento de Santo Antonio dos Capuchos, em sepultura rasa, junto á cruz.

A maior parte das pessoas só conhecem este poeta pelos dous cantos impressos de um poema obsceno intitulado a *Martinhada*. Dizem que o Frey Martinho, barão desta composição, era nada menos que o proprio confessor d'El-Rei D. João V., e que o poeta quizera desallogar o odio, que lhe tinha, expondo ao ridiculo a lubricidade da satyra de tal masmarro, que se queixou altamente, e lára pedindo vingança, parte do poema ao seu real penitente, que desatou a rir. Não pude porém averiguar, se o haverem se publicado só os dous primeiros cantos deste poema foi por se haver perdido o resto, ou porque o author o não adiantou mais.

Confesso que nunca pude gostar de obras de tal estylo; parece-me um sacrilegio o prestar ás Musas a linguagem das prostitutas mais infames, e faze-las passar de mestras da virtude, e dispensadoras da gloria; ao miseravel papel de pregoeiras do vicio: não pôde porém negar-se que na *Martinhada* ha muito vigor de imaginação, mui vivo colorido nas pinturas, e mui robusta significação, e é para lamentar que estes predicados se encontram tão mal empregados em um escrito, que só redundam em vergonha, e descredito de quem o escreveu.

Mas Caetano José da Silva Soutomaior tem poesias de outro caracter, que si fossem mais conhecidas lhe dariam um lugar distincto entre os melhores poetas do seu tempo. A colleção manuscrita que tenho presente, e que não é das mais numerosas, foi feita; e copiada por Antonio Corrêa Vianna, em 1779, isto é; quarenta annos depois da morte do author, e contém cincoenta e nove sonetos; sendo alguns delles em castelhano, conforme a moda, ou a mania do tempo. Um poema de cento e oitenta estancias celebrando o casamento do sexto Conde da Ericeira com D. Maria José da Graça e Noronha, filha dos Marquezês de Cascaes. Este poema, que se in-

titula: *As Glorias de Erise*, foi publicado pelo poeta, e deu origem a uma viva polemica pela imprensa, pois alguns criticos publicaram folhetos, em que o censuraram, e Soutomaior os refutou com grande energia, e apparatus de razões. Um epicedio á morte da Infanta D. Francisca, que falleceu em 15 de Julho de 1736, e que tambem foi impresso. Dous sonetos, e algumas endeixas hendecasyllabas ao mesmo assumpto. Uma sylva a D. Margarida Baptista, sendo reeleita para o cargo de Abbadessa do Real Mosteiro de Santa Clara de Lisboa, no anno de 1736. Um romance ao mesmo assumpto. Uma sylva a D. Anna Maria de Sousa, na occasião de ser eleita Abbadessa do Real Convento de Santa Anna de Lisboa. Um soneto ao mesmo assumpto. Romance heroico por occasião de virem a Lisboa tres Embaixadores pretos da Ilha de S. Lourenço prestar voluntariamente preito, e homenagem a El-Rei D. João V. Romance em nome da mãe do author, beijando a mão do Infante D. Alexandre, filho d'El-Rei D. João V., no dia em que completava um anno.

O estylo do doutor Soutomaior é habitualmente o adoptado pela eschola hespanhola, a que pertencia, posto que ás vezes se mostre mais razoavel, mais moderado, e menos affectado que os seus contemporaneos: foi culpa do seculo, e não falta de talento, si transpoz as raias do bom gosto para correr atraz das agudezas, dos conceitos hyperbolicos, deixando o natural pelo caprichoso, e pelos ornamentos ambiciosos; mas para levantar-se acima das preocupações do seu tempo é necessario ser um genio de primeira ordem, e este poeta estava muito longe disso.

Os seus sonetos, tem, si não me engano, o primeiro logar entre as suas poesias, entre as que eu conheço, pelo menos; bem pensados, fortes de expressão, e bem versificados, nada tem que invejar aos melhores dos seus contemporaneos. E poderia alguém crêr que toparia com alguns sonetos de devoção entre as obras do author da *Martinhada*? Pois nada ha mais certo, e para prova transcreveremos o seguinte, endereçado a Santa Barbara, na occasião de ser pelos algozes despojada dos seus vestidos.

SONETO.

Virgem bella, não julgues tyrannia
 Ser despojada desse adorno insano,
 Não se cobre um planeta mais que humano,
 E despido apparece á luz do dia.

Toda espirito o orbe te advertia,
 E o decreto infalivel do tyranno,
 Mostrou que em ti, com raro desengano,
 No mortal o immortal não se encobria.

A belleza, em que o ceo ditas apura,
 Desprezando essas gallas infelices,
 Brilha triumphante, resplandece pura.

Justo foi, não violento que existisses
 Sem manchas no esplendor da formosura,
 Porque vestido o sol padece eclipses.

Neste soneto não faltam brilhantes falsos; mas eu não o citei como modello de composição, mas sim para mostrar que o poeta não se occupava só, como alguns cuidam, em tractar assumptos obscenos.

E' de muito melhor gosto este soneto a El-Rei D. João V., mandando celebrar as exequias do Summo Pontifice Clemente XI.

SONETO.

Tumulo excelso a regia potestade
 Na morte erige do Pastor Romano,
 Qu'o affecto do Monarcha Lusitano
 Excede a vida, e chega á eternidade.

No sentimento empenha a magestade,
 Pois vendo que da Parca o raio insano
 Profanou o alto Solio Vaticano
 A obediencia converte hoje em piedade.

Das cinzas frias á memoria rara
 Na funesta, magnifica estructura,
 Triumpho, inda que funebre, prepara.

Pois nesse altivo mausoleo procura
Que pareça o respeito da thiara
Ornato, e não despojo, á sepultura.

Superior a este, ao menos pelo fecho, me parece o soneto, que elle dirigiu ao principe, na occasião de lhe beijar a mão.

SONETO.

Da Lybia ardente o morador adusto
Teme o vêr-me, senhor, de vós honrado,
Pois nessa mão se admira vinculado
De Lysia o hem, da Mauritania o susto.

Receia que esse braço, sempre augusto,
Dos portuguezes todos adorado
Seja com vaticínio anticipado
Prodigo de valor triumphante, e justo.

Conhece que os turbantes orgulhosos
Chegam, senhor, a ter tantos perigos
Quantos tendes agrados decorosos.

Publique a minha dita os seus castigos,
Que a mão, que faz vassallos venturosos,
E' o mais certo terror dos inimigos.

Havendo uma senhora mui nobre, por nome D. Maria da Penha de França, fugido para Hespanha com o Marquez de Gouvêa, correu d'ahi a tempos o boato de que arrependida da sua leviandade se havia recolhido a um convento; e a este assumpto fez o nosso poeta o seguinte soneto, que não é dos peiores, que lhe sahiram da penna.

SONETO.

Esse claustro, em sagrada penitencia,
Pio te esconda, oh bella criminosa,
E converta-se em sombra a luz formosa
Que ardeu nos sacrificios da indepenca.

Tolera da prisão toda a violencia,
 Perdida já a nobreza generosa,
 Fique ainda entre a culpa indecorosa
 Benemerita ao menos a paciencia.

Principia a morrer nessa clausura,
 Encobriendo um descredito infinito
 No anticipado horror da morte obscura.

Mas oh! si em ti, por ultimo conflito,
 Como vai sendo a vida sepultura
 Chegasse a ser cadaver o delito!

Estando em Hespanha Francisco de Pina e Mello, poeta muito acreditado naquelle tempo, visitou no Escorial o Pantheon, onde estam sepultados os Reis de Hespanha, e á vista da magnificencia daquelles tumulos compoz o seguinte

SONETO.

Que intenta esta soberba architectura
 Com tão regio, marmôreo luzimento?
 Si mostra aqui distincto o nascimento
 Erra, que é tudo igual na sepultura.

Por mais que doure a face á morte escura
 Nunca ha de desmentir o monumento:
 Que vale o resplendor do fingimento
 Aonde existe a sombra da figura?

Quanto mais se mostrar engrandecido,
 Maior espelho offerta á vaidade
 Vendo-se como é, não como ha sido.

Pois de que serve a funebre deidade,
 Si ainda para objecto do sentido
 Primeiro está o horror que a magestade?

Divulgado este soneto em Portugal, o doutor Souto-maior, que via as cousas debaixo de um ponto de vista menos phylosophico que Pina e Mello, lh'e respondeu com este, que passamos a transcrever.

SONETO.

Padrões dedica a infausta architectura
 A' magestade a cinzas reduzida,
 Que sempre da grandeza destruida
 Alguma parte nas reliquias dura.

Da regia dignidade a sombra escura
 Até no ultimo horror esclarecida,
 Si não chega a eximir do estrago a vida
 Póde honrar no diadema a sepultura.

Na urna o sceptro, melhorado o effeito,
 Faz com que triste advirta o peito humano'
 As cinzas, que se intimam no preceito.

Que importa pois que brilhe o jaspe ufano,
 Onde toda a vaidade é só respeito,
 E é sómente respeito o desengano?

Ambos os sonetos me parecem bons, mas parece-me que Pina e Mello tem mais razão: gastar contos de contos de réis para amontoar pedras sobre pedras para guardar um cadaver, é na verdade vaidade louca, e pouco christãa. Ha porém razões, tiradas de boa politica, e que não sam as de Soutomaior, que podem até certo ponto justifica-la; essa vaidade alimenta as artes, e as faz prosperar, animando os que as cultivam a aperfeiçoá-las, e assim vem a ceder em proveito publico. Este genero de luxo é como os outros, que os moralistas acanhados tão acremamente censuram: se elles conseguissem banir o luxo da terra, elle levaria comsigo a industria, o commercio, a civilisação, a opulencia dos povos, e todos os commodos da vida social.

Entre os sens sonetos eroticos me parece digno de attenção este, dirigido a uma dama que tendo sido ingrata com o seu amante, chorava muito pelo vér ferido.

SONETO.

Tarde da ingratição, Chlorig, despertas,
 Pois, trocando á piedade hoje o conceito,
 Si offendeste com erros o meu peito,
 Sentindo os meus estragos, desacertas.

Vê que em mim podem ser penas mais certas
 Feridas d'alma, que, com nobre effeito,
 O coração em lagrimas desfeito
 Pelos olhos te mostra sempre abertas.

Si entre chammas terriveis me arrebatam
 De amor, e emulação ardentes lumes,
 Pouco, oh Chlorig, outras queixas me maltratam.

Erras, si morto acaso me presumes,
 Que immortal devo ser, pois me não matam
 Nem os teus olhos, nem os meus ciumes.

O seguinte, a uma dama rigorosa, não deixa de respirar viva paixão, e terna melancholia, posto que a sua expressão esteja iscada da methaphysica erotico-platonica de que os poetas daquelle seculo ás vezes abusaram tanto, mesmo a troco de se tornarem inintelligiveis.

SONETO.

Divina, Philis bella, eu te agradeço
 Dos teus rigores a contínua instancia,
 Que antes, meu bem, da minha tolerancia
 Não merecia o mesmo, que mereço.

Si o meu pesar do teu desdem foi preço,
 Que adquiriu entre penas a constancia,
 Não quero a dicta, quero a só jactancia
 De que me debes tudo o que padeço.

Não tenho nem temor, nem resistencia
 Aos males, a que o peito não repugna,
 Indistincta a paixão, e a paciencia.

Hoje até a gloria me será importuna,
 E amor, que fez costume da violencia
 Fará tambem desprezo da fortuna.

O soneto que se segue, feito a uma dama que desparou um tiro contra uma imagem de Cupido, foi um da-

quelles assumptos extravagantes, e inverosímeis com que as academias daquelle tempo atormentavam a imaginação dos seus alumnos, o que em minha opinião não cooperou pouco para a propagação do mau gosto, que então inficou a poesia.

SONETO.

Do seio de Vulcano um golpe ardente
 Dispara Phylis contra a seta hervada,
 De um Cupido, que deixa por cortada
 Alfaia inutil, si tropheo pendente.

Mas não foi esta acção porque hoje intente
 Phylis mostrar-se contra Amor irada,
 Foi saber se frustrará, estando armada,
 Golpe que o abysmo teme, e que o ceo sente.

Rendeu-se Amor ao tiro, e as armas logo
 Offerta a Phylis no mortal desmaio,
 Em que acha o rendimento desafogo.

Porque se veja no primeiro ensaio,
 Que si dos corações Amor é fogo,
 Das almas, e do amor Phylis é raio.

A condessa de S. João, que estava contemplando com muitas lagrimas, um retrato da condessa sua mãe, que se havia retirado para um convento:

SONETO.

Senhora, esse retrato, esse portento
 Tanta sandosa dôr nunca allivia,
 Que a memoria da amada companhia
 Não melhora, duplica o sentimento.

Lembrado o bem perdido é mal violento,
 E offende essa pintura a phantasia;
 Não pôde ser remedio, é tyrannia
 Fazer parcial do damno o entendimento.

Fugi dessa bellissima apparencia,
 Que o pranto justamente vos persuade,
 Que as lagrimas faz credite da ausencia.

E o vosso amor, das côres na verdade,
 Hade achar, para abono da impaciencia,
 A formosura unida co'a saudade.

Havendo-se certa dama posto mal com o poeta, mandou-lhe os escriptos, que delle havia recebido, e elle os lançou no fogo, fazendo a esse respeito este

SONETO.

Morrei, doces despojos, que algum dia
 Fostes de Chlora persuasão gloriosa,
 Que a chamma, ainda que triste, venturosa,
 Vai conservar no fogo a idolatria.

Para desprezo ser de Chlora impia
 Basta arder nessa luz pouco formosa,
 Porque da chamma, que é menos preciosa,
 Não fica sendo a ciuza menos fria.

Não fostes cridos, viestes desprezados,
 E das iras de Chlora como objectos,
 Sereis sempre uma injuria aos meus cuidados.

Eu só posso mostrar nestes affectos,
 Fazendo-vos agora desgraçados,
 Que sois constantes, e que sois discretos.

A uma dama, que o poeta recusou vêr, depois de haver lido alguns versos da mesma senhora :

SONETO.

Para venceses basta um só portento,
 Pois não foram em tudo sempre claras
 As victorias, si acaso acompanharas
 Com outro encanto o numeroso accento.

Si a minha vida, e o meu entendimento
 Já dos teus versos são victimas raras,
 Serias, si o resplendor não retiraras
 Menos avara, e eu menos attento.

Outro espirito influe reverente
 Si has de mostrar teu rosto esclarecido,
 Que um, que tinha, está preso felizmente.

Ou cesse o agrado harmonico do ouvido,
 Que hei de expôr a teus olhos indecente
 Sem mais uma alma, ou menos um sentido.

Acham-se na mesma collecção, de que me sirvo, alguns sonetos funebres, de que copiarei aqui os dous seguintes, para dar ao leitor idéa do modo porque o doutor Caetano José da Silva Soutomaior desempenhava estes assumptos. O primeiro é feito á morte de Francisco Dionysio de Almeida, morto na flôr da idade, e que tinha dado esperanças dos seus progressos em litteratura e erudição.

SONETO.

Reduzir esta vida á sombra escura,
 Na mais discreta, e mais florida idade,
 E' da morte fatal-temeridade
 Com que infama os decretos da Ventura.

Que avisos, ou que exemplos nos procura,
 Si offendido o discurso da impiedade,
 Toda a ira, a que a perda nos persuade,
 Faz esquecer o horror da sepultura?

Inveja a Parca o raro entendimento
 Que agora nos roubou, e ao golpe astuto
 Sirva de injuria o mesmo monumento,

Porque inda que o morrer seja estatuto,
 Da saudade consegue o sentimento
 Que pareça vingança o que é tributo.

O segundo é a morte do Marquez de Gouvêa, fidalgo moço, bem visto na côrte, amado do povo por sua affabilidade, e que falleceu de uma phthisica pulmonar, resultado dos seus excessos amerosos, depois de dous annos inteiros de acerbos padecimentos, como consta das memórias d'aquelle tempo.

SONETO.

Não extingue da morte o atrevimento
Em Mucio excelso a illustre heroicidade,
Muda-lhe só na iniqua austeridade
Os cultos do palacio ao monumento.

Rendeu-lhe aclamações o orbe attento,
E hoje o busca no tumulo a saudade,
Mas tão distincto o excesso na vontade
Quanto vai da lisonja ao sentimento.

Mas intenta triumphar a morte dura,
Que o affecto triste do sepulchro fia
Na saudosa attenção á fé mais pura.

A memoria consagra a tyrannia,
Porque entregue a lembrança á sepultura
Faz sempre religiosa a idolatria.

Tenho pelos melhores sonetos do doutor Caetano José da Silva Soutomator, os que sam de assumpto heroico: o author tinha certa elevação nas idéas, que o tornava proprio para este género de composição: alguns, que passo a transcrever aqui, talvez comprovem, e justifiquem a minha opinião.

SONETO

A' espada de Pedro Mascaranhas no socego da paz.

Pendurêa entre louros infinitos
Mascaranhas, o grande, a heroica espada:
Porque em ara immortal seja adorada,
Troque o mundo os assombros pelos ritos.

Si inveja foi dos Cesares invictos,
Deixe hoje na razão imaginada
A serie dos prodigios, que admirada
Não pôde ser no ardente dos conflictos.

Cause respeito, se causou desmaio,
Que admirado, e rendido eu já contemplo
Pisuerga, Pyrenneo, Ebro, e Moncaio.

Descance a espada, e a Fama no seu templo
Em idolo converta o que foi raio,
Chegue a fazer deidade o que era exemplo.

Ao grande Affonso de Alboquerque, que perdendo-se a nau, em que navegava, preferiu salvar uma menina canarina, que se refugiou a seus pés, a salvar do naufragio a grande riqueza que trazia. Esta acção mencionada por quasi todos os historiadores das cousas orientaes é um grande documento do animo generoso daquelle heroe, que pôde sem escrupulo haver-se pelo unico homem verdadeiramente grande, que de Portugal passou á India; seja isto dito sem menoscabo do valor de Duarte Pacheco, e da probidade de D. João de Castro.

SONETO.

Não me alteras, oh mar, sempre violento
Na furia destas ondas repetida;
Si estou, sendo remedio de uma vida,
Contra todo o furor deste elemento..

Nos estragos me adquires novo alento,
Pois ficamos com gloria esolarecida,
Eu assumpto da fama encarecida,
Tu da riqueza avaro monumento.

Pereça a oriental preciosidade,
E exista a honra da feliz violencia,
Que foi maior que a dita a adversidade.

Porque fica, apesar desta inclemencia,
Superado o interesse da piedade,
E a desgraça vencida da innocencia.

Eis aqui outro ao mesmo assumpto, e talvez melhor.

SONETO.

Não assustes, oh barbaro elemento,
A innocente, que tenho ao peito unida,
Que á gloria desta acção compadecida
Respeita até das ondas o violento.

Tu logras o furor, eu logro o intento,
De ficarmos com sorte repartida,
Asylo nobre de uma tenra vida,
Sepulchro avaro de ouro macilento.

Si tenho a varonil integridade,
Que consegues no horror dessa inclemencia,
Ou que importa a infeliz calamidade?

Quando fica no exemplo da violencia
Desprezado o interesse da piedade,
E vencida a desgraça da innocencia.

A El-Rei D. Pedro, que visitando o Mosteiro de Alcobaca, desconheceu a estatua de pedra, que o representava.

SONETO.

Senhor, a vossa effigie venerada
E' por vós com razão desconhecida;
Porque ficou na copia parecida
De reverente a pedra desmaiada.

Que importa que do artifice lavrada
Pareça que o cinzel lhe infunde a vida,
Si a grandeza só pôde esclarecida
Ser nas vossas victorias retratada?

Estranhaes esta imagem justamente,
Si a luz original está diante,
O reflexo perdeu-se de repente.

Inda sendo o retrato similhante,
Porque em chegando o sol a estar presente,
Mudam sempre as estrellas de semblante.

A Alexandre Magno, apertando com o seu diadema
as feridas de Lysimacho:

SONETO.

Senhor, tenha o diadema logar justo,
Que eu temo vê-lo menos respeitado,
Que importa a minha vida ao teu estado,
Si a reservas do estrago para o susto?

Não pôde altiyo, o meu valôr robusto
Permittir, que o diadema venerado
Fique nestas feridas profanado
Si as recebi por conservar o augusto.

Se te fez vencedor esta façanha,
Será tanta piedade em tanta gloria
Satisfação heroica, mas estranha.

Não percas no triumpho esta memoria,
Que só crescem regados na campanha
Com sangue illustre os louros da victoria.

Ao mesmo assumpto :

SONETO.

Rompe o sacro diadema persuadido
Que fica certamente mais honrado,
Nas illustres feridas de um soldado,
Que quando a regia fronte está cingido.

Felizmente em pedaços dividido,
Do teu sangue na purpura banhado,
Se atéqui o lograva affortunado
Agora é que o mereço esclarecido.

Porque heroico ás virtudes raras se una,
Com justiça exercito esta piedade,
Que acceitar teu valôr tanto repugna.

Remunero igualmente a heroicidade,
Que a victoria é acaso da fortuna,
E o premio distincção da magestade.

Tourear era neste tempo o divertimento mimoso da Adalgna, os mesmos principes tomavam parte neste divertimento mourisco, que ainda hoje tem entre nós tantos apaixonados, como no reino visinho. Será raro o poeta seiscentista em cujas obras se não encontre algum soneto, ou alguma canção em louvor de uma cutilada empregada com ancia, ou de algum rojão metido com graça, e desenvoltura no pescoço de algum touro. O nosso Camões do Rocio não escapou deste peccado original, e entre outros se encontra nas suas poesias este soneto em louvor do infante D. Antonio, que sabindo a um touro, que Antonio Antunes Portugal não tinha podido matar, o estendeu por terra da primeira cutilada. O louvor não podia ser melhor merecido, porque uma acção tão guapa pôe um homem, pelos menos, trezentos metros (para servir-me da linguagem dos janotas litteratos) acima dos Alexandres, e dos Cesares.

SONETO.

Dos golpes no confuso labyrintho
Morre ao mais duro o touro mais attento,
Pois sendo igual em todos o instrumento,
Em tudo o braço heroico o fez distincto.

Em cholera abrasado, em sangue tincto,
Conhece o bruto o alto regio alento,
É illustrando na morte o nascimento,
Obrou como a razão o que era instincto.

Para acabar elege uma ferida,
 Mas na eleição a rapida braveza
 Passa de irracional, fica entendida.

E em regia adoração de tanta alteza,
 Chega hoje a ser o estrago de uma vida
 Mais que injuria, lisonja á natureza.

Quando se pertende engrandecer cousas pequenas, é força que os conceitos saiam rebuscados, a expressão turgida, e que os hyperboles tomem o lugar do sublime.

A natural mordacidade do doutor Caetano José da Silva Soutomaior, faz com que elle nas satyras transcendida de ordinario os limites de uma censura moderada, e judiciosa: as setas despedidas do seu arco levam as pontas em braza, e queimam as feridas, que rasgaram: isto é um verdadeiro defeito; a satyra não deve degenerar em diffamação, e libello, cabe-lhe puogir o ridiculo, e o vicio, mas não matar o vicioso; a demasiada acrimonia não produz o péjo, nem a emenda, mas p odio, e a desespeiração. Além disso a natural destemidez do posso poeta faz que elle não respeite ninguem, e quem poderia respeitar, quem não recebeu accometer os jesuitas, tão poderosos então, e o confessor d'El-Rej, que sempre é nas côrtes um inimigo temivel? Que admira pois que elle ousasse dirigir um soneto satyrico ao Monteiro Mór? Este fidalgo era coronel de um dos regimentos da côrte, na expedição do anno de 1735, mas tinha o defeito de ser aquillo que hoje, em phrase de quartel, se chama *frigiderra*, e por isso não cessava de mandar prender para soldado, segundo o estylo de recrutamento, que então havia, e que durou até ao nosso tempo: desagradou isto ao nosso doutor Soutomaior, que sem receiar a desforra de tão grande personagem desfechou contra elle este

SONETO.

Coronel satanáz, Fernão zarolho,
 Cruel harpia das que o abysmo encerra,
 Na empreza de affligires esta terra
 De que serve o bastão, si tens esse olho?

Vai-te deitar na granja de remolho
 Onde o vilão, porque o escorchas, berra;
 Pois não é para o illustre ardor da guerra
 Abobra com feitio de repolho.

Si soubeste juntar com força rara,
 Sendo em ti o prender genealogia
 De gallinha o louvor, de mono a cara,

Anda, prende, e ateima na porfia,
 Pois em Aldegavinha tens a vara,
 É n'Asia, em Capanor a feitoria.

E' natural que sna excellencia não ficasse mui satisfeito com o panegyrico, teve porém de dissimular, fazendo boa cara ao mau jogo, porque a benevolencia d'El-Rei punha o poeta fóra do alcance dos seus tiros.

Igual mordacidade, e diremos mesmo grosseria, se encontra em outro soneto dirigido contra um pregador da ordem dos Grillos, que se fazia notavel pela vermelhidão do rosto, que alguns praguentos attribuiam, não sei si com razão, ou sem ella, ao uso immoderado que o tal reverendo fazia das libações bacchicas.

SONETO.

Tal sermão, e tão grande, e sem parelha
 Do nosso reverendo Frei Palritba,
 Será d'asnos oitava maravilha
 Por sómente constar de muita orelha.

Eu quando o vi com cara tão vermelha,
 Dizendo as asnidades em quadrilha,
 Sem reparar nos calos da servilha,
 Julguei tudo fumaças da botelha.

Si o sermão se prérgasse na Pampulha,
 De toda a marotice a vil canalha,
 Metera muito embora o frade a bulha.

Mas eu venho a inferir nesta baralha,
 Que ou o tal frade a todos nos empulha,
 Ou elle certamente come palha.

Cumpre confessar que para tractar assim um Padre Mestre, e prégador da sua ordem, quando as roupetas, e as cabeças rapadas tinham tamanha influencia, era necessaria ou muita coragem, ou muito pouca discrição.

CAPITULO II,

Outras poesias do doutor Caetano José da Silva Soutomaiur.

Da Martinhada já dissemos o que basta no capitulo antecedente, nem aquelle poema é susceptivel de extracto, ou de citação em uma obra desta natureza.

O epicedio á morte da Infanta D. Francisca, uma das mais formosas princezas do seu tempo, é quanto a mim o melhor dos innumeraveis poemas que por esta occasião se publicaram em Portugal. Consiste este poema em uma longa silva, soberbamente versificada, e cheia de muitos rasgos poeticos, que fazem honra ao talento do author; como apesar de ter sido impresso naquelle tempo, se tem tornado tão raro como os proprios manuscritos, aqui o copiarei por inteiro.

Corre o Têjo saudoso docemente
 Gigante, que do aljofar transparente
 Vai formando com liquido thesouro
 A estatura de neve, as veias de ouro:
 Mas na margem, que borda crystalina
 Sobre um tosco penhasco se reclina,
 A bella Elysia, que do grego Ulysses
 Inda chora os naufragios infelices;
 Numen divino, tutelar deidade
 Do grande emporio, da maior cidade,
 E com causa mortal, que o peito inflamma
 Tam brandamente as lagrimas derrama,

Que, viva imitadora do rochedo,
 Os banha o susto, pavoroso medo,
 Elle na agua do Tejo entumebido,
 Ella dos olhos no crystal vertido,
 Só mostra Elysia bella que é vivente
 De seus brilhantes párpados na enchente:
 Quem dissera que a dôr consegue tanto,
 Que pôde converter em alma o pranto?

Mas ao tremulo impulso de um suspiro,
 Que ao Tejo corta o placido zaphiro
 Cobre, sentindo o breve desaffogo,
 O rosto bello de purpureo fogo,
 Mas indo a dizer — ai! — logo um gemido,
 Cortando a voz deixou o ai partido:
 A metade tornou ao peito amante,
 E a metade no ar naufraga, errante,
 Causando em cada parte este ai violento
 Estrago ao coração, lastima ao vento:
 Mas a voz arrancando, e a alma nella,
 Disse ao tosco rochedo Elysia bella:

“ Triste penhasco, sobre triste, rudo,
 “ Sómente hoje discreto em seres mudo,
 “ Atalaia soberba destas aguas,
 “ Como não dizes repetidas magoas,
 “ Como não sentes um mortal quebranto,
 “ Meus olhos, e meu peito em fogo, e pranto?
 “ Que n'alma guarda, que a memoria sente,
 “ Sem que a pena no estrago te violente;
 “ As boccas romperão ao teu desmaio,
 “ Que a penha não resiste á dôr, que é raio:
 “ Poucos serão os Nilos, e os Vesuvios
 “ Que a esta queixa não bastam dous diluvios.

“ Mas ai! mil vezes ai! ai! quem me dera
 “ Um ai tão grande, que rompendo a esphera,
 “ Saudoso convertesse em ais, em dôres
 “ As estrellas do ceo, do campo as flores!
 “ Porém, ai! que inda este ai em nada explica
 “ Outro ai, que d'alma vem, e na alma fica!

«Chegue a morte, sejamos, penha dura;
 «Eu o cadaver, tu a sepultura.
 «Porém o golpe pára, que primeiro,
 «Penhasco brôncó, rustico, e grosseiro,
 «Quero este horrendo enigma declarar-te,
 «E entre ardentes suspiros abrandar-te;
 «Porque é maior excesso
 «No triste horror de um tragico successo;
 «Causar a magoa, quando influe a sorte,
 «A uma pedra o pesar, que a um vivo a morte.
 «Mas que fôra esta pena, si terrivel
 «Não dera sentimento ao insensivel!
 «Um novo modo de lamento afina,
 «Pois sendo a causa de sentir divina,
 «Os affectos, as magoas, e as ternuras
 «Ham de ser mais que immensas, mais que puras;
 «Ham de ser, quando acaso lhas consagres,
 «Muito acima da esphera dos milagres.
 «Porém, oh Téjo amado,
 «Emblema pensativo ao meu cuidado,
 «Que com silencio undoso
 «Córres, ou de assustado, ou de saudoso,
 «Iguala de meus olhos a corrente,
 «Sim de saudades, não de prata a ençhente.
 «Seja esta vez, oh Téjo,
 «Nesta pena se augmente o meu desejo;
 «Pois quando as aguas sem morrer discorrem,
 «Muito mais sentem, porque nunca morrem:
 «Mas inda assim suspende espaço breve,
 «O brilhante tumulto a tanta neve;
 «E vê que os meus gemidos,
 «Em echos uns aos outros succedidos,
 «De crystal puro em laminas vistosas
 «A teu curso são remoras saudosas:
 «Sam de fogo, e chegando ao campo frio
 «Logo se accendem, oh formoso rio,
 «Phenomenos saudosos, que os altares
 «A Thetis alumiam nestes mares.

Que inutil dispendio de espirito! Que affectação de
 conceitos! Que profusa repetição das mesmas cousas por

differentes modos! O mau gosto do seculo não deixava perceber ao poeta qué sentimentos, e affectos vivos, e ternos, exprimidos singela, e naturalmente deviam produzir mais effeito que todos estes clarões phosphoricos e luzes—luzes rhetoricos que tanto se applaudiam, e admiravam no seu tempo.

“ Vai as aguas nas vozes dilatando,
 “ E escuma sobre escuma levantando,
 “ Sóberbo erige prateados montes,
 “ Typheos de neve, de crystal Phaetontes,
 “ Que accendam, collocados no teu cume,
 “ Os meus gemidos com divino lume :
 “ Mas si formares liquidos gigantes
 “ Não temas hoje os raios fulminantes,
 “ Que os ham de ficar vendo as luzes bellas
 “ Afogados no pranto das estrellas,
 “ Ou no impulso primeiro dos seus giros,
 “ Abrasados no ardor dos meus suspiros,
 “ Não receis aos deoses, e aos estragos,
 “ Que vam contigo meus gemidos vagos,
 “ Olha, oh Téjo, que sam minhas saudades
 “ No poder superiores ás deidades. ”

A' vista de tão prolixo preambulo não teria o leitor razão para exclamar impacientado : “ Senhora Elysia, já sabemos que chora, que geme, e que prantea, mas não será inda tempo de nos dizer porque ? ”

Disse, e unindo as mãos, os olhos bellos,
 Que sam dos astros lucidos desvellos,
 D'onde as brilhantes pérolas, que chora,
 Nascem filhas do Sol, e não da Aurora,
 Tão fixos pôz nos ceos, que os seus lugares
 Temem perder os outros luminares,

Com triste, e mudo abysmo
 Nem o lamento rompe o paroxismo !
 Tinha o silencio de brilhantes côres
 Tantas estatuas, como o campo flores,
 Sendo entre horrores de um sagrado mêdo,
 O mundo sacrificio do segredo.

Mas torna Elysia logo enternecida
 A dizer de constante, ou de offendida :
 « A formosura unida à magestade
 « Roubou da morte a barbara impiedade,
 « Da morte, que eclipsou a luz do dia
 « Na triste nuvem de uma pedra fria;
 « Pedra preciosa, iman do meu cuidado,
 « Jaspe querido, marmore adorado!
 « Erario enriquecido, altar saudoso!
 « Templo sagrado! cofre mysterioso!
 « Que agora occulta avaro
 « O firmamento humano; o phenix raro,
 « O resplendor divino, a chama pura,
 « Gloria d'Amor, accerto da ventura!
 « Mimo da aurora, vida da belleza,
 « Prodigio, que excedeu a natureza;
 « Portento que não cabe no juizo!
 « Porém um echo agora era preciso
 « Que rompesse no impeto abrasado,
 « Teu duro seio, oh jaspe idolatrado!
 « Roubando-te entre lagrimas, e affectos
 « Esse amavel objecto dos objectos.

« Pedra, torna-mê o bem, que eu te asseguro
 « Com fé piedosa, com extremo puro
 « Que si tinhas agora sempre infaustos
 « De uma saudade os firmes holocaustos,
 « Tu verás em mais nobres exercicios
 « De gratidão perpetua os sacrificios;
 « Mas não has de querer fina, e constante:
 « Que a mesma luz que tens te fez diamante;
 « Só com sangue é que pôde enternecer-te
 « O intento de mover-te
 « Porém que sangue? As lagrimas sentidas
 « Que a causa faz nos olhos bem nascidas,
 « Mostrando que tambem hoje saudosas
 « Pôde a luz da razão ter mariposas.

« Da reflexão ferido o entendimento
 « Manda aos olhos as queixas, e os lamentos;
 « Sentindo a perda de um divino encanto;

- “ Quem duvida que da alma é sangue o pranto ?
- “ Desta alma, que assustada, e que ferida,
- “ Si a alma vida tem, perde a alma a vida :
- “ Porém de ti meu peito nada alcança,
- “ Pois, sepultada a flor, morre a esperança.

- “ Mas um gemido rapido, e violento
- “ Abraze a terra, accenda o firmamento,
- “ Morram os astros, nasçam os cometas,
- “ Subam as aguas, caiam os planetas,
- “ Ouvindo a dura nova lamentavel,
- “ Que offende o peito em dôr inconsolavel,
- “ Morreu de Portugal a bella Infanta :
- “ Oh reino victorioso ! Em magoa tanta
- “ Como não vóas, e entre as luzes bellas :
- “ Os influxos castigas das estrellas !
- “ Mas suspende a cholericã ousadia,
- “ E de mim toda a queixa agora fia ;
- “ Sabe que a causa foi de tanta peoa
- “ Que de invejoso o fado a morte ordena :
- “ Duvidou se immortal a formosura
- “ O feudo negaria á sepultura,
- “ Sendo esta luz irmãa do Atlante Augusto
- “ Que deu ao Orbe assombro, á Europa susto :
- “ Quiz mostrar que era humana a magestade,
- “ E roubou-lhe o penhor da divindade.

- “ Oh rei invicto, oh principe glorioso,
- “ Sempre heroico, e hoje heroico em ser sandoso,
- “ Tire a inveja da motte fementida
- “ Da mais preciosa luz a amada vida :
- “ Mas si a constancia nesse peito regio
- “ E' virtude real, é dote egregio,
- “ Do excesso na grandeza, e na distancia
- “ Vós tereis a firmeza, ella a inconstancia,
- “ E talvez que offender-vos nunca possa,
- “ Que é vosso o coração, si a pena é vossa.

- “ Eu sou, eu serei sempre, amado Têjo,
- “ Elysia desgraçada, porque vêjo
- “ Que, quando estende a noite o negro manto,

« No triste horror do solitario espanto,
 « Vacilante se entrega a phantasia
 « Da minha luz a rara idolatria ;
 « Lembra-me a luz, e lembra-me a bondade,
 « O esplendor, a belleza, a magestade,
 « O modo compassivo, o illustre affecto
 « Do meu perdido, venerado objecto,
 « Da deidade feliz, da formosura,
 « E' tudo isto me rouba a sepultura.

« Nas causas repetido o sentimento,
 « Parece eternidade o meu tormento,
 « Ou que formam com duras impiedades
 « Minhas saudades todas as saudades,
 « Ainda era por immensa pouco afficta
 « Sem ser por muitos modos infinita.

« Não pôde haver hyperbole que explique
 « Nem magoa, com que a pena mortifique,
 « Nem dôr, que o coração penetre dura,
 « Que meu mal conte, nem por conjectura ;
 « Eu porém o declaro, eu o digo todo,
 « Pois só pôde dizer-se deste modo :
 « Sou quem mil vezes vio seu rosto bello,
 « E nunca hei-de tornar jámais a vê-lo.

« Que importará que alegre nasça o dia
 « Si encontro o meu tormento na alegria?
 « Oh que sempre há-de ser objecto ingrato
 « Sem esperança a vista do retrato !

« Que importa que o esplendor nascendo infante
 « Com tremulo fulgor, chamma radiante
 « Na ametade que sahe do horizonte
 « Do cumee a superficie toque ao monte,
 « Explicando no ardor, que o valle perde
 « Perfit dourado a tanta gala verde?

« Que importa que raiando no hemispherio
 « Tenha do globo azul o sacro imperio,
 « Em fogo ardente de encarnada chamma

« Com que dos astros principe se acelama,
 « Ou que accenda na luz do meio dia
 « Brilhante, e pura neve a fonte fria;
 « Si eu vi maior portento
 « Que, perdido, hoje chora o meu lamento:
 « E inda, perdido, na memoria encanta!
 « Os olhos, digo, da divina infanta,
 « Onde em raios, e luzes junctamente
 « Unidos tinha o Sol zenith e oriente!

« Quem importará que dê a estrella d'alva
 « Em brando aljofar á campanha a salva,
 « Porém só esta imagem no meu peito
 « Abre occultos mysterios ao conceito:
 « Não encontro razão na magoa justa
 « Com que sempre a manhan lagrimas custa,
 « Porque accordando a luz que vai subindo,
 « Destille o pranto quando nasce rindo.
 « Mas oh que destes males era presso
 « Antevio ao tristissimo successo,
 « E sentindo cortéz a bella aurora
 « Desde que houve Universo este mal chora:
 « Mas já nella o pesar hoje não cabe,
 « Eu chorarei até que o mundo acabe.

« Que importará que torne a primavera
 « Do rubi vegetante amada esphera,
 « E apurando na aurora as côres finas,
 « Empunhe Abrit o sceptró entre as boninas:
 « Ou que o prado vistoso, o ceo sereno,
 « Tecendo vario, produzindo ameno,
 « Pinte a esmeralda os floridos paizes,
 « Onde sãm de ouro, e nacar os matizes,
 « Que está sempre com magoa da ternura
 « Unida a variedade á formosura?

« Que importa que o jasmim se abraze em neve
 « E que de uma aura branda ao sópro leye
 « Crie a rosa, deidade colorida,
 « Em berço d'amhar a purpurea vida?
 « Ou que triumphante Clicie entre, as mais flores
 « Agua de ouro, no sol conte esplendores.

Que ha de de commum, ou de semelhante entre a aguia, e o girasol, para este poder chamar-se nma aguia de ouro? Estas methaphoras mal formadas sam doença endemica dos seiscentistas; parece que ignoravam, ou se tinham esquecido de que a methaphora é uma comparação abreviada, e que dous objectos não podem tomar-se um pelo outro não havendo entre elles perfeita similhaça.

“ Sendo de Flora o sempre raro imperio
 “ De fragrantas estrellas hemispherio:
 “ Mas si véjo na pompa florecente
 “ Do tenro esmalte a ephimera luzente,
 “ Morrer a cada instante,
 “ Trocando em cinzas o carmim brilhante,
 “ Como ham de consolar na alma offendida
 “ Tantas mortes a perda de uma vida!

“ Que importa, oh Téjo, que a corrente clara,
 “ Que espelho aos astros tremulo prepara,
 “ Chegue em puro crystal, neve fluente,
 “ Ao procelloso imperio do tridente,
 “ E que goze, sem susto de embaraço,
 “ Da cernlea campanha undoso espaço,
 “ Que a linpha spures, e que as forças dobres
 “ De vidro azul nos paramos selebres,
 “ Si tem a pena em magoa repetida
 “ Maior inundaçaõ, e mais sentida?
 “ Impossivel do pranto é nos pesares
 “ Que o poder desse mar vença a dous mares.

“ Já remedio não ha, mais que o lamento
 “ Na morte injusta do maior portento,
 “ Mas si no peito a bella luz amada
 “ Vive em doces affectos retratada,
 “ No pranto, que da vida rompe os laços
 “ Desfeito o coração, nos seus pedaços
 “ Attento vos mandou, meus olhos tristes,
 “ Copias do original, que amantes vistes:
 “ Mas nada já vereis, olhos, que é justo
 “ Que todo o objecto vos pareça susto.

« Quando no impulso de um buscado mado,
 « Sam as ramas do florido arvoredo
 « Phantasmas, que creou a phantasia
 « No horror desta mortal melancholia.

« Accudam a augmentar os meus tormentos
 « Com piedade tyranna os elementos,
 « A terra com temor pesada, e fria
 « Abafe o centro! pallida, e sombria,
 « Produza só nos montes mais agrestes
 « O verdor denegrado dos cyprestes,
 « Dando á vista entre os horridos objectos
 « Nos despitios penhascos esqueletos.

« As nymphas pelos campos destoucades:
 « Umás chorosas, e outras desmaiadas,
 « Na copia bella dos cabellos de ouro
 « Que o mundo amante conheceu thesouros,
 « Vam enxugando os olhos brandamente,
 « E o crystal vivo em ouro refulgente
 « Guardem finas, até que as minhas queixas
 « Lhes façam arrancar de Ophir madeixas;
 « Porque vêja admirado o firmamento
 « Que vibra contra elle o sentimento
 « Das nymphas tão iradas como bellas,
 « Em pedapos os raios, e as estrellas.

« Chymera não pareça agora indina
 « Vêr que a terra no ceo astros fulmina;
 « Porque ao ceo fazer pôde infausta guerra,
 « Quando tem sepultado ao sol, a terra.

« A agua o meu pesar também declare,
 « Nos olhos corra, mas nas ondas pare;
 « Que tem sentido cada peito humano
 « Dentro no coração um oceano;
 « E no pranto avivando-se os pesares,
 « Desata a viva dôr em vivos mares:
 « Mas ainda assim no pélago salgado
 « O povo verdenegro convocado
 « No buzio de Tritão rudo se informe

« Ouvindo um rêuco alento em voz desforme :
 « Uns levantem no assopro a branca espuma,
 « Bata de outfos a canda a salsa brama
 « Padrões formando de crystal ferido,
 « Que nas sombras da noite amortecido
 « Retrata mal em rouxas ametystes
 « Umás quasi apagadas luzes tristes,
 « Até que alterne os numeros suaves.
 « O ligeiro esquadrao das brancas aves,
 « Os cysnes, que, tirando
 « Da carroça de Venos, vem cantando,
 « Que é só decente quando ao mal occorre
 « A voz que ao mesmo tempo canta, e morre ;
 « Digam que Venus pura, e mais formosa
 « Faltou dô mundo á machina lustrosa,
 « E tornando a tirar o plastro ufano,
 « Vagando sem governo no oceano,
 « Seja nas agnas tremulo nadante,
 « Si da belleza foi carro triumphante.

« O ar sentindo a pena dos viventes,
 « Na magoa involverá p'ros ambientes,
 « De sorte que no immenso do seu giro
 « Pareça todo o ar um só suspiro :
 « E os mortaes, que respiram, seus alentos
 « Só devam dô pesar aos sentimentos,
 « Que é razão desta pena na impiedade
 « Que até a respiração seja saudade.

« Cubram nevoas grosseiras, e horrosas
 « As espheras purissimas vistosas,
 « No seu lucto arrastrando os horizontes,
 « A negra sombra, que amortalha os montes,
 « Ferida apenas do abreviado susto
 « Do horroroso relampago, que adusto
 « Corta violento, funebre alamea
 « Os theatros, que erige a nuvem fea.

« O vento, duplicado nes bramidos,
 « Cruzando a esphera a golpes repetidos,
 « Abale, estremecendo, ao fixo polo

« Não saia, rompa os cárceres d' Eolo;
 « E arrancando a violencias o rochedo
 « A vida vegetavel do arvoredo,
 « Sepulte ao peso dos penhascos brancos,
 « Na insensivel republica dos troncos,
 « Si é preciso ao meu mal, que em dura sorte,
 « Usos menos communs invente a morte.

« O fogo no esplendor do incendio summo
 « Eclypse o proprio ardor em negro fumo,
 « Depois de abrazador passe a abrazado,
 « Em si mesmo nascido, e sepultado,
 « E nas entranhas dos erguidos montes
 « cavernas, que officinas sam dos Brontes,
 « Luza horroroso, pallido esmoreça,
 « Até que o meu pesar firme lhe peça,
 « Ou até que lhe rogue a sorte dura
 « Que de azul labareda em chamma escura
 « Saia rompendo as boccas macilentas,
 « E augmente os terremotos nas tormentas;
 « Mas como ha de luzir do fogo a chamma,
 « Si aquella que no peito almas inflamma
 « Perde a decente luz gloriosa, e pura,
 « Que illuminou divina a formosura!

« Mas que importa em cholericos intentos
 « A ordem perturbar dos elementos?
 « Si a Elysia triste, que entre penas chora,
 « Ancias não tira, queixas não melhora,
 « Ou no prado saudoso, ou n'alta esphera
 « O sol, a aurora, o Téjo, a primavera?
 « Que consegue meu mal nos seus clamores
 « Si augmenta as queixas, si duplica as dôres?
 « Sem alivio, piedade, ou desafogo
 « No ar, na terra, n'agua, e mais no fogo?

« Ainda assim vam meus tristes pensamentos
 « Em luzes, flores, raios, ondas, ventos,
 « E unidos todos com saudoso susto,
 « Ao sacro monumento, ao jaspe augusto,
 « Prostrando-se rendidos, e enluctados,

- « O alento preso, os olhos desatados,
 « Vejam que arde meu peito em fogo puro,
 « Incenso humilde do penhasco duro;
 « Sagrado culto á immortal memoria
 « Da vida, que trocada, existe em gloria,
 « Que acabo sem morrer a cada instante
 « De fina, de sandosa, e de constante,
 « Pois soube descobrir na dôr sentida
 « Um modo eterno de perder a vida,
 « Attenta idolatrando em culto sacro
 « Ao formoso escondido simulacro:
 « E alentando o impossivel da esperanza
 « Uma fé soccorrida da lembrança,
 « Um objecto erigido na sandade,
 « Em logar o mysterio da deidade,
 « Encherá toda a vaga phantasia
 « De extatica, e mental idolatria,
 « Que estes extremos acham as ternuras
 « Quando faltam dos olhos as venturas.

 « Verão ali chorando eternamente
 « O que ama Elysia, no que Elysia sente,
 « Quanto Elysia perdeu, e quanto chora:
 « Mas, ai de mim! que a magoa vencedora
 « Deixa por voto ao marmore sagrado
 « Com eterno silencio, sepultado
 « Das lagrimas no pélago profundo
 « Elysia, Portugal, Europa, o Mundo! »

Quando se acaba de lêr este poema, occorrem naturalmente duas observações: a primeira, que o nome da infanta D. Francisca, cuja morte aqui se deplora, nem uma só vez se encontra nelle, sendo apenas, e de raro indicada pela denominação vaga de *Infanta de Portugal*, de modo que si não fosse o titulo, e o subsidio da historia, quasi nenhum leitor poderia adivinhar quem era o objecto de tantas lagrimas, lamentações, e saudades de Elysia. Segunda, que fallando-se aqui até a saciedade da belleza da sobredita infanta, si não falla em outra alguma das suas boas qualidades; quereria acaso o poeta indicar assim que naquella senhora, não havia cousa alguma que merecesse louvor, si não a formosura? Nes-

se caso não valeria a pena escrever tantos versos deplorando a sua morte. Não posso por tanto admitir semelhante supposição, mesmo porque é impossível que a infanta não praticasse em vida algumas das virtudes christãs, que podessem servir de fundamento para o seu elogio. Prefiro pois acusar o poeta de falta de reflexão, pois não viu que era um absurdo representar o povo portuguez, symbolisado na personagem allegorica de Elysia, tão pesados e tão sentido pela falta de uma pessoa, que não tinha de bom si não a formosura, dote na verdade muito estimavel, mas que quem o possui não deve a si, mas sómente ao acaso, e mero capricho da natureza. O povo é sempre juiz recto, e imparcial do merecimento dos principes, e quando os ama e os louva, é sempre pelas suas virtudes, e não pelos dotes naturaes de que se adornam. O povo francez temia, e não amava Luiz XIV., sem embargo de ser o homem mais formoso da sua corte, porque nelle não havia si não orgulho, e despotismo; mas adorava a Henrique IV., porque era bom, valente, generoso, e punha todo o desvello em felicitar a nação, que o ceo havia confiado á sua guarda, e direcção.

O epithalamio intitulado: *As Glorias de Eriçe*, consta de cento e oitenta oitavas, é por tanto demasiado extenso para ser copiado neste Ensaio: alguns trechos d'elle bastarão para fazer conhecer o seu estylo, e a maneira do poeta na fabricação das oitavas.

VENUS, E CUPIDO.

Quiz Glauco responder, mas parou vendo
Muito ao longe um concurso de esplendores,
E no ar pouco a pouco foi crescendo
Brilhante confusão toda de ardores:
Logo que era, advertiu, carro estupendo
De Ophyr brilhante matizado as côres,
A quem pucha nos campos de zaphyro
De brancas aves um nevado tiro.

Da leve roda a ligeireza summa
Voltava em seu convexo movimento,
Nos breves globos, que levanta a escuma,

Mil circulos de perolas ao vento,
De ouro o reflexo adorna a sacra bruma,
Vendo os orbes em paramos de argento,
Com primores de artifice ignorado,
O crystal derretido, o mar dourado.

No carro vinha a deosa das deidades,
Doce causa de amantes desvarios,
Aquella, que no fogo das vontades
Abraza por costume os alvedrios;
Glorias, amores, gostos, e saudades
Dos bellos olhos desatava em rios,
Daquelles olhos, em que o sol respira,
Por quem o sol cegará, si os não vira.

A flexa nesta mão, naquella as guias,
Cupido fére os cysnes, que hoje enfrea,
E as cavernas do mar, grutas sombrias,
De claridade encheo, mais que phébea:
Mas os olhos tapou nas ondas frias,
Que o materno esplendor tambem recea,
E fóra, a não cingir co'a venda a fronte,
De mais gloriosa luz novo Phaetonte.

A praia toca o carro, e a deosa logo,
O cothurno de purpura, e diamantes
Na areia estampa, a que illumina o fogo
Doce incendio dos peitos palpitantes:
Pisa das almas um ardente rogo,
Explicado em feridas penetrantes,
Voando com amavel exercicio
Em fumo os corações, em sacrificio.

O celeste vestido airoso ondea,
Tecendo entre extenção de muitas flores,
Com pasmoso artificio de alta idéa,
Pedacos de luzeiros superiores:
Aos olhos dos humanos lisongea
Uma nova materia de esplendores,
Que excellente nos animós conquista
Muito antes o respeito do que a vista.

O TEMPLO DA MEMORIA.

De vidro immenso a lucida planicie
 Aos olhos longamente se dilata,
 Cór de pérola estende a superficie,
 Que brilhante formou zaphyro, e prata:
 O campo de crystal em parte é Clicie,
 Que incendios de ouro, e purpura retrata,
 Sendo no golfo, em que Neptuno impera
 A vista encanto, as ondas primavera.

No fim de undoso páramo de neve,
 Grande edificio em machina rotunda,
 Na dourada impressão, que a Apollo deve,
 De novos Iris todo o golfo innunda:
 Subindo á esphera lucida se atreve,
 E mostra, sem que o vento horror lhe infunda,
 Que é, resistindo os impetos de Noto,
 A excelso numen consagrado voto.

Cobertas as paredes exteriores
 Sam de grandes, e lucidos quadrades,
 Da materia da concha, em que os caudores
 Das lagrimas da aurora estão guardados:
 Tendo o puro metal, que entre os alvares
 Gera Cinthra, os extremos perfilados,
 Com subtileza inculca aos olhos grata,
 Em laminas de cór, orlas de prata.

Té a cimalha eleva o puro ornato,
 Mas chegando da purpura ao convexo,
 De muitas tartarugas o artefacto,
 Reparte em meias luas o reflexo;
 Semicirculo impõem ardente, e grato
 A outro, que inferior lhe fica annexo
 Retrutando em luzentes manchas bellas
 Sombras das nuvens, luzes das estrellas.

Mas ao findar se erige alta lanterna,
 Da materia do templo fabricada,

Que tambem cobre tartaruga externa,
 Em outra breve cupula dorada:
 Della sobe pyramide superna,
 Da mesma prata dos perfis formada,
 Tem de chama a final extremidade,
 Que accende a clara luz da eternidade.

A fachada da porta erige clara
 Quatro columnas de crystal de roca,
 Que em formatura dorica prepara
 Com que a invejas o pélagos provoca,
 A architrave de igual materia rara
 Os finos capiteis luzida tóca,
 Dando á vista brilhante, e felizmente
 Formosa entrada, e portico luzente.

Entre adornos pasmosos, e luzidos
 Sobre a porta domina um grande escudo,
 Que dos Menezes sempre exclarecidos
 As armas pinta com respeito mudo:
 Sem angustos milagres repetidos
 Que esta familia uniu vencendo a tudo;
 Si em França, e Portugal ergueram dinas
 As Lises Clodoveo, Affonso as Quinas.

Antes da porta existe um pavimento
 Em quadros, que formaram de labores
 As conchas, que do mar no movimento
 Vam polindo a dureza em vivas cores,
 Gravado o lizo, e solido ornamento
 Deboxa os prados, que retrata em flores,
 Ficando para assempres do futuro
 O vario firme, primoroso o duro.

Da negra espuma crocodilos brutos
 Em voraz turba, da soberba porta
 Fazendo a guarda indomitos, e hirsutos,
 Ao pasmo entregam a constancia absorta;
 Mas temendo, inda que horridos, astutos,
 A luz com que a deidade as ondas corta,
 Treparam neste liquido elemento
 Em genio docil a furor violento.

Cupido apressa os cygnos que iracundos
 Da plumagem volante ao sópro leve,
 Accendendo nos olhos rubicundos
 Um fogo producção de muita neve :
 E ligeiros vôando, ou furibundos,
 Põem o brilhante carro em tempo breve
 Na porta do alto Templo da Memoria
 Cantando sem morrer esta victoria.

Erice, Glauco, Venus, e Cupido
 Reverentes, e alegres respeitaram
 O braço sobre o portico luzido,
 Que em victorias dous sceptros exaltaram :
 E animados no excelso do appellido,
 No ambito do Templo altivo entraram,
 Sendo hoje, para dita de uma gloria
 Altares da Fortuna, e da Memoria.

A parede interior do Templo claro
 Com fórma circular estando em giro
 Não refulgentes marmores de Paro,
 Mas nacarados murices de Tyro :
 Este carmim, que a concha occulta, raro,
 Foi pranto da Alva, que nasceu suspiro,
 Quando ausente do Céphalo, que adora,
 Vertem de sangue lagrimas a Aurora.

Bellas columnas d'agatha luzente,
 Sacros bustos de jasuli brilhante,
 Sobre o fundo da purpura excellente
 Reverberam com luzes de diamante,
 E tremulo esplendor, ferindo o ambiente,
 Já proximo apparece, e já distante,
 Qué até no immovel foi da pedra dura,
 Nascida da inconstancia a formosura.

Do grande tecto o concavo admiravel
 Enlaçam de coral ramos frondosos;
 Qué celeste artificio inimitavel
 Com bella confusão deixou vistosos :
 A vida florecente, e vegetavel

Polia tantos adornos primorosos,
 Que retratou de nacar no dispendio
 Com purpura vistosa um novo incendio:

Flammantes gerações, busios pintados,
 O pavimento avulta entretocidos,
 Sendo em brilhantes circulos, e ovadas
 Nova pompa de esmaltes coloridos:
 Com ordem felizmente equivocados
 Na proporção com gosto repartidos,
 Sam no primor, que aos olhos lisongea,
 Glorias da vista, confusão da idéa.

Da porta em linha recta encontra a vista
 As sublimes estatuas, que a ventura
 Sobre thronos, excelsos do amethista
 Fez objetos triumphantes da esculptura:
 Das tres partes do mundo na conquista
 O seu respeito heroico eterno dura,
 Que do tempo gentil inda o segredo
 Adora o passivo, sacrifica o medo.

Então á bella Erioc, que admirada
 Vendo estava a magnanima grandeza
 Venus disse: «Oh formosa nympha amada,
 «Relancestem no excesso da belleza,
 «Aqui tens a alta serie dilatada
 «Dos heroes da fortuna portugueza,
 «Que inda sam por milagre da memoria
 «Pais da patria estes filhos da victoria.»

Estas oitavas sam bem fabricadas, e facilmente rima-
 das: os seiscentistas eram em geral optimos versificado-
 res, e nesta qualidade se distinguiam muito dos nossos
 poetas modernos, que pela maior parte nos atormentam
 os ouvidos com versos duros, prosaicos, e até errados,
 mostrando assim uma vergonhosa ignorancia das regras
 da versificação: Quanto ao *Templo da Memoria*, ou *Tem-
 plo da Fama*, que é uma só cousa com dous nomes,
 poucos sam os poetas que tenham resistido á tentação de
 descrevel-o a seu modo, julgando-se authorisados a dis-

tribuir os logares nelle a seu talento. Pope arbanjou nelle os poetas, Sá de Menezes os heroes da India, Sontomaior a familia da Bricaiza, cujo escudo assentou na sua fachada.

Quanto á localidade desse Templo, em que todos fallam, que muitos descrevem, e que ninguem viu, usaram os poetas da mesma liberdade: Pope erigiu-o no Parnaso, Sá de Menezes, e Sontomaior no fundo dos mares, e em consequencia disso deu-lhe um aspecto maritimo como poderia convir ao palacio de Neptuno. Sem caprichos da imaginação, que não devem levar-se a mal, ainda que a escolha do nosso author pareça um pouco extravagante.

Quanto á execução da pintura, é legitimamente no gosto da escola castelhana, então em voga: muito ouro, muita pérola, muito chrystal, lapislazuli, muito coral, muita tartaruga, &c. Despresaux, que eu creio piamente se riria de tanto despendio, e prodigalidade de riquezas em um edificio destinado a jazer sepultado nos abysmos do Oceano, si podesse lér, e entender esta descripção é natural que censurasse os termos technicos de que está ouzicada, e lhe applicaria estes versos da qua *Arte Poetica*.

Un auteur quelquefois trop plein de son objet,
Jamais sans l'épaissir n'abandonne un sujet.
S'il rencontre un palais, il m'en peint la face;
Il me promene après de terrasses en terrasse:
Ici s'offre un perron; la regne un corridor;
La ce balcon s'enferme en un balastre d'or;
Il compte des plafonds les ronds, et les ovales;
Ce ne sont que festons, ce ne son qu'astragales.
Je saute vingt feuillets pour en trouver la fin;
Et je me sauve à peine au travers du jardin.
Fuyez de ces auteurs l'abondance sterite,
Et ne vous chargez point d'un detail inutile.

Boileau Art. Poet. Chant. I.

No tempo em que o poeta vivia, a eleição da abbadesa, ou prioreza de qualquer convento, era um grande acontecimento, em que o publico tomava o maior interesse, e em que jogavam mais intrigas do que hoje para uma

eleição de deputados; a corte, e a cidade tomavam partido por uma, ou por outra candidata; porque cada freira tinha um par de namorados, que a cortejavam, e cada um delles tinha amigos, que o ajudavam nas suas diligencias; chegava em fim a grande dia da eleição, e a nova prelada era festejada não só com grande numero de visitas, que hiam dar-lhe os parabens; mas com ricos presentes, e com brilhantes outeiros, em que a musica, e a poesia se esmeravam em celebrar as virtudes, e os meritos, ás vezes bem poucos, da nova soberana: trienal d'aquelle reino femil, e por isso sempre mais turbulento, e inquieto do que qualquer outro; nada mais difficil que não achar nas obras de algum dos poetas d'aquelle tempo alguns versos á exaltação de alguma prelada: hoje, que felizmente acabou a seita dos freiraticos, a eleição de uma abbadessa não faz rumor fóra dos muros do seu claustro, e um tal acontecimento é inteiramente ignorado no mundo, tanto estão mudados os costumes, e as mantas dos homens!

O dputor Caetano José da Silva Soutomaior não podia escapar á influencia do seu seculo; é natural, que tivesse alguma freira por senhora dos seus pensamentos; que improvisasse ou recitasse versos nos outeiros, elogiando as novas preladas; e a prova está, entre outros escriptos deste genero, na seguinte sylva, destinada a celebrar a elevação de D. Anna Maria de Sousa no reinante grau de abbadessa do real convento de Santa Anna de Lisboa.

SYLVA.

Em virtudes, e em prendas heroica,
 Prelada, mestra, e abbadessa dina,
 Dessa dos astros lucida clausura,
 Mim do amor, imperio da ventura,
 Que em discretos, e claros resplendores
 A's estrellas unindo a côr das flores,
 E' ceo da perfeição, e da belleza,
 Criado com celeste natureza,
 E convento em que heroica a santidade
 Faz cada religiosa uma deidade.

Na sagrada, e na rigida observancia
 Não só tem perfeição, porém constancia,
 Cada uma das virtudes se faz dina
 De que seja adorada por divina,
 Para ser raro objecto do respeito,
 Gloria da vista, imagem do conceito,
 A tanta illustre clausurada estrella
 Lhe sobeja não menos que o ser bella.

Mas hoje tem mostrado
 Que vivem com juizo illuminado,
 Elegendo discretas, e ditosas
 Um sujeito de prändas tão gloriosas,
 Um compendio de partes tão sublimes
 Que approves tu, oh ceo, tu, terra estimes.

Oh si vóar minha alma hoje podera,
 Enchendo o mundo, penetrando a esphera,
 Explicar com seus echos dignamente
 Em culto nobre, em metro reverente
 De tantas perfeições a menor parte
 Que o ceo comvosco provido reparte,
 Perfeita, regular, e decorosa,
 Modesta, sabia, illustre, prodigiosa,
 Magnifica, observante, excessa, e rara!
 E que o mundo entre applausos a adorara
 Si não tractareis com saber profundo
 Sómente com desprezo a todo o mundo.

Por estes versos se vê que o poeta não era escrupuloso em louvar, porém as freiras como todas as mulheres estavam dispostas a acreditar que tudo lhe é devido, e aceitam o incenso sem que lhe venha á idéa duvidar da sinceridade de quem lho tributa.

Sois filha de um tal pai, cuja memoria
 Da sabia rectidão na immensa gloria
 Presidiu, governou em muitos annos
 Doutos areopagitas lusitanos,
 E sendo o seu engetho curto espaço,
 O mundo senador o viu do paço,
 Honra illustre do sangue dos Cerqueiras,

Admirado das côrtes estrangeiras
 Quando o monarcha augusto e magestoso,
 Que em Lusitania tem sceptro glorioso,
 Fiando-lhe do peito todo o erario,
 O declarou ministro extraordinario;
 Tudo em vós excellencias, tudo glorias,
 Vos aclamam deidade das victorias.

Agora mais que nunca, que agitado
 O claustro religioso o mais sagrado
 Dos disturbios crueis de uma violencia,
 A semrazão triumphante da prudencia,
 A crueldade unida à coatumacia,
 Perdido o norte, já sem efficacia
 A supplica, a razão; só a impiedade
 Um effeito gostoso da ventade,
 Porém depois do horror desta tormenta,
 Que tudo perturbou mais que violenta,
 Dourando a bella côr dos horizontes,
 Coroando de luz os altos montes,
 Os animos enchendo de alegria
 Como quando renasce infante o dia,
 Veiu o vosse esplendor em tudo claro
 A ser da religião exemplo raro.

O poeta allude aqui a um facto recente, em que elle havia tomado parte; para intelligencia deste logar pe-rei aqui o que o collecter destas obras, Antonio Corrêa Vianna, deixou escripto a este respeito.

« Levantaram-se as religiosas do convento de Santa Anna, a fim de sahirem fóra; cuja noticia chegando logo a palacio, se deram promptamente as providencias do Soberano para lhes estorvar a resolução, mandando competente infantaria, que as impedisse, cuja, chegada que foi, achando as portas de par em par achou já todas a ellas para sahirem, armadas cada uma com o que poude haver; mas como a immuniidade de tal sexo podia mais que todo o valor militar, viram-se os soldados impossibilitados de estorval-as, de que dando-se parte ao Throno, veiu immediatamente ordem ao nosso author para ir pacificar esta desordem, o qual assim que che-

gou á portaria do convento, aonde assim se portavam todas as religiosas, foi tal a intimativa que lhe expoz, e a discrição com que as moveu, que dissuadindo-as do seu intento, e deixando-as socegadas, se admirou com applauso n'este tempo, que para prender-lhes os passos foram mais fortes as cadeias, que sahiram da eloquente bocca de um tal Hercules da sabedoria, do que todos os movimentos, e ameaças com que se tinham portado os instrumentos, e os alumnos de Marte."

Duas cousas ha a notar aqui: primeira, a casta de mulherio bravo, que então povoava os conventos, e as desordens, e descomedimento, a que davam motivo as eleições de Preladas: segunda, o brio, e córtezia da tropa que não se atreveu a usar de violencia contra mulheres, e parecerá ainda mais notavel se nos recordarmos que tantas senhoras honestas foram insultadas, e espancadas com brutalidade propria de selvagens no tempo da usurpação, por Telles Jordão, e outros militares indignos da nobre profissão das armas, e isto sem mais causa que hirem ás prisões consolar, e soccorrer seus maridos e filhos que ali gemiam presos por haverem abraçado a causa da rainha, e da liberdade.

Em nova dita, em placido governo
As subditas terão alento eterno,
E será maravilha mais que humana
O sempre real convento de Santa Anna.
A formosura unida á santidade,
Farão que tenha o mando eternidade.

E vós, oh illustrissima senhora,
Que o tempo exalta, e que o universo adora,
Presidi, e vivei tão febriamente,
Que não passando nunca do oriente,
No principio o governo sempre esteja
A virtude triumphante, e morta a inveja.

A emulação eoharde já não ouza
Fallar no acerto de uma illustre Sousa,
Pois lhe causa deliquios, e desmaios
O infinito esplendor dos vossos raios.

E acompanhando a fama em voz activa,
Declararam todos que a Abbadessa viva!

Estes poemas puramente de circumstancia, perdem com o tempo todo o interesse, e só desafiam a curiosidade pela belleza do estylo poetico, e da linguagem, quando têm esse mérito, e como monumentos dos costumes antigos.

Eis aqui umas endechas hendecasyllabas, á morte da Infanta D. Francisca, que não são desprovidas de merecimento.

Perturbe a voz queixosa

Afflicta dos pesares

Com mil suspiros tristes

Todo o immortal socego das Deidades.

Os sandosos affectos

Pertendem sepultar-se,

Que a alma também morre

Si morreu da belleza a divindade.

Até os troncos mudos

Publiquem tantos males,

E não pareça novo

Si as almas morrem, que o silencio falle.

Não bastou á belleza

Fermosa o duplicar-se,

Quando a morte atropella

Da formosura a flôr, na flôr da idade.

Mas a versão que importa

Das flôres singulares,

Si a morte vence unidas

Nas perfeições de um rosto a immensidade?

Tyranna não respeita

A bella luz amavel,

Que sacra divinisa

No ceo da formosura a magestade.

Tal é da morte dura
 A sorte inexorável
 Que fez dos seus rigores
 Primeiro sacrificio a immutabilidade.

Dispõe que o peito os enchos
 Ao tumulto consagre,
 Que deu ás almas nobres
 Idolo triste, a sombra do cadáver.

Como intenta que os golpes
 Muitas vidas estrague,
 Feriu o ceo, e as luzes
 Foi preciso que todas acabassem.

Invejou das estrellas
 A immórtal claridade,
 Vingou-se, e se não poudo
 Tirar-lhe a vida, maltratou-lhe a imagem.

Acabou-se o universo
 Com golpe injusto, e facil,
 Pois leva neste empenho
 A morte a Infanta, a todos a saúdade.

Quiz ajudar ao forte
 A morte, que é cobarde,
 Roubou a Infanta ao mundo,
 Levou o mundo ao ceo esta vantagem.

Nem sempre esse deos cego
 De triumphador se exalte
 Que hoje chorando prostra
 Todo o imperio ao dominio da impiedade.

O véo dos olhos tira
 Rasgando-o triste em partes,
 Si a morte acaba as luzes
 Que mais venda que a mesma escuridade?

Os olhos nelle enxuga
 Que fillos satisfazem
 Em pranto enternecido
 A negação, que tinham, das piedades.

Queixoso, e irado rompe
 As flexas a' milhares,
 Que nos peitos saudosos
 Das flexas té o ouro ha de abrandar-se.

A Fama não erige
 Estatuas, e vaidades,
 Que agora tristemente
 Vai cobrindo de lucto os seus altares.

A-trombeta é surdina,
 Sam luctos as plumagens,
 E todos seus alentos
 Vagante sombra, que amortalha os ares.

No bronze risca os lémas,
 Que é justo, que se grave
 Com pranto enternecido
 Versos tristes em laminas de jaspe.

Mas ainda assim as cinzas
 Com finos cultos ardem,
 Que a morte não perturba
 Os corações no incendio eternisados.

Na urna sempre existe
 Vivente a humanidade,
 Que basta heroicamente
 Dos peitos toda a fé para animar-se.

Por isso é que depressa
 Da vida o ser amarel,
 Pois sobra no sepulchro
 Para vida das cinzas o milagre.

Depois da morte, tudo
 E' justo que se iguale,
 Mas ha vida em que a morte
 Faz o despojo ao menos respeitavel.

Parece que a memoria,
 Parece que as vontades
 Vam dando á vida bella
 Outra vida, em que póde eternisar-se.

Porém, divina infanta,
A dita aos olhos falta
Porque eram dessas luzes
Do mundo os olhos um grosseiro exame.

E vivendo entre estrellas
Do globo azul esmaltes,
Sereis como no mundo
O luminar maior dos luminares.

Que eu prometo, senhora,
Que nas penalidades,
Vêja a magoa sentida
Tantos viventes quantos exemplares.

Estas endechas sam um perfeito, e genuíno modelo do estylo lyrico, como os seiscentistas o comprehendiam; isto é, mui differente do que os gregos, e romanos adoptaram nestas composições, e que depois os arcades tão felizmente imitaram, quando tomaram a si a gloriosa empreza de restaurar o bom gosto, e a boa poesia em Portugal.

Persuado-me que os trechos, que ficam transcriptos, bastarão para o leitor formar o seu juizo sobre o talento, e estylo deste poeta, que faz honra á eschola hespanhola; servirão igualmente para desvanecer o errado conceito daquelles, que conhecendo-o só pela parte impressa da Martinhada, o tem em conta de um bufão obsceno, cuja penna sómente se empregava em assumptos tão sordidos como aquelle. Ficarão esses á vista das composições aqui citadas, convencidos de que elle tractava habitualmente materias sérias, e dignas das Musas.

Si o seu despeito, ou odio contra o confessor d'El-Rei D. João V. o levou a desmascarar naquelle poema a sensualidade brutal do reverendo, não prova isso que o poeta fosse depravado em seus costumes, e um novo Arétino: sabemos pelo testemunho, e tradição dos seus contemporaneos, que elle era de genio folgasão, jovial e mordaz, mas nada existe que prove a irregularidade dos seus costumes, e a immoralidade do seu proceder; nem é crível que de outro modo elle podesse grangear a estima da

côrte, e o favor do proprio Monarcha : segundo as idéas do tempo um magistrado discolo, e de escandaloso procedimento, não só seria menoscabado dos seus collegas, aborrecido de todos, mas não passaria muito tempo que não fosse riscado do serviço.

CAPITULO III.

Nicolau Luiz.

Raro será o leitor, nenhum talvez, para quem este nome não seja desconhecido; elle o era para todos os poetas, e litteratos, e não são poucos, com quem tenho convivido: e com tudo esse nome é o de um homem de grande talento, de um poeta secundo, que por muitos annos forneceu o theatro de dramas que foram mui bem acceitos e applaudidos pela côrte, e a cidade; de um poeta que viveu em tempos mui proximos a nós, de cujos dramas se encontram collecções em muitas livrarias, cuja leitura é ainda mui frequente no povo, e em pessoas que não são povo, e que os lêem sem saberem de quem sam.

O mesmo me aconteceu muitos annos, e o pouco que sei relativo a este homem original, devo-o as informações que d'elle me deram alguns dos nossos excellentes actores antigos como José Felix da Costa, Victorino José Leite, João Ignacio Henriques, José Antonio Ferreira, Victor Porphyrio de Borja, e Antonio Borges Garrido, que haviam na sua mocidade representado nas snas comedias, sido ensaiados, e dirigidos por elle, e que tributavam á sua memoria gratidão, e sincero respeito.

Quando existia o tão fallado theatro do Bairro Alto, edificado no pateo do Conde de Soure, morava no fim da rua da Rosa um mestre de meninos, toucado com uma cabeffeira de grande rabixo, que ninguem viu na rua se

não embuçado em capote de baetão de toda a roda, como então se usava. Este homem chamava-se Nicolau Luiz, era natural de Lisboa, de genio excentrico, e assiduo frequentador daquelle theatro.

Nicolau Luiz era solteiro, e a sua familia compunha-se de uma criada velha, que elle costumava dizer, gracejando, «que tinha em casa como ratasana moria para espantado das vivas» e de um gallego tambem velho, que lhe fazia os recados.

Este mestre de meninos, que não tinha como os do nosso tempo, que de certo valem menos do que elle, a fatuidade de nomear-se professor, ou director de lyceu, possuia uma livraria, que fazia as suas delicias, porém esta livraria compunha-se quasi exclusivamente das obras de Calderon, Moreto, Lope de Vega Carpio, Alarcon, Roxas, e outros comicos hespanhoes, de que era, e com razão, admirador sincero, e entusiasta.

Por muitos annos se não fez notar Nicolau Luiz senão pelo desalinho, e desmazelo do seu vestuario, por um grande cão d'agua, que o acompanhava sempre, pela sua continuada assistencia na platéa do Bairro Alto, e pelas repetidas pitadas de simonte, que sorvia com toda a placidez, e magestade cathedratica: ninguem si quer sonhava que no mestre eschola da rua da Rosa andava occulto um poeta, e muito menos um poeta dramatico.

Era impossivel que um homem, que frequentava tanto o theatro, não tomasse com o correr do tempo conhecimento com alguns dos actores; e elle se ligou muito especialmente com o famoso centro José Procopio. Talvez que esta tendencia de um para o outro nascesse do espirito de classe, pois José Procopio havia sido em outro tempo professor de rhetorica, e poetica, mas faltando-lhe a paciencia, que exige o magisterio, havia abandonado Cicero, e Quintiliano, preferindo representar no tablado ás noites, a aturar rapazes de dia.

Em uma tarde que Nicolau Luiz, e José Procopio conversavam tomando café no botequim do theatro, manifestou este áquelle o desgosto que lhe causava não encontrar um drama para o seu beneficio com as circumstancias, que elle desejava. Nicolau Luiz, ouvindo isto, o conduziu a sua casa, e abrindo uma papeleira, lhe

apresentou algumas comedias, primorosamente copiadas por elle, e lhe disse com ar mysterioso, que as examinasse, e visse se entre ellas deparava cousa que lhe conviesse. De quem sam? (perguntou Procopio) Minhas, (lhe responde Nicolau com muita pachorra). Suas! (tornea Procopio) Minhas (disse o outro) divertio-me nisso no tempo que a rapaziada me deixa livre!

O actor ficou attonito vendo que tinha convivido tanto tempo com um poeta dramatico sem lhe ter aventado a prenda; e mais attonito ficou quando percorrendo aquellas composições achou nellas tanto conhecimento da scena, e tantas bellezas theatraes, que elle na qualidade de professor de poetica, e de actor devia conhecer, e sentir melhor do que qualquer outro. Escolheu pois para seu beneficio a Castro, que os comicos depois nomearam *velha*, para a distinguir da tragedia de João Baptista Gomes, que elles denominavam a *Castro nova*.

A seu tempo começaram os ensaios da sobredita comedia, e o author, que assistia a elles, fez tão assidas observações, e deu tão bons conselhos sobre o modo de a *meter em scena*, sobre a declamação, e vestuario, que a companhia não podia accreditar que tão grande somma de conhecimentos scenicos, se abrigasse debaixo daquelle cabelleira mal penteada.

Chegou o dia da representação, o theatro estava cheio, não só por ser noite de beneficio, mas porque a noticia de que se representava a comedia de um author novo, não podia deixar de promover a concorrência, em tempo em que o povo da capital mostrava um gosto decidido pelos espectaculos theatraes.

A Castro produziu um grande effeito nos espectadores, o que facilmente acreditará, quem sabe que a pesar da grande accitação que teve em nossos dias a Castro de João Baptista Gomes, ella continuou a ser bem vista no theatro de Lisboa. Os actores animados pelos applausos do publico, que rompiam a cada scena, empenharam todas as forças, e o theatro pareceu fundar-se com vivas, e applausos, quando a celebre Cecilia Rosa, a melhor actriz daquelle tempo, que executava o papel de D. Ignez, apresentando os filhiphos ao rei, lhe dizia soffocada em lagrimas:

Nelles vos apresento, Affonso invicto,
Para serem do indulto intercessoras,
As mesmas testemunhas do delicto.

O drama foi representado em vinte recitas consecutivas, e sempre com a mesma fortuna.

A' Castro seguiu-se *Amor e Obrigação*, que teve iguaes applausos, e depois mais algumas, e vendo o empresario, a perfeição, e talento com que o nosso poeta dirigia os ensaios, o escriptou com bom salario para ensaiador, e director da sua companhia.

Desde então Nicolau Luiz se consagrou todo ao serviço do theatro, fechou a aula, queimou a serula, e só cuidou de escrever comedias, e ensaiar-as. Si devo dar credito ao que diziam os actores, que trabalharam debaixo da sua direcção, nunca appareceu no theatro portuguez um ensaiador tão habil. « Uma comedia metida em scena por Nicolau Luiz (me disse muitas vezes José Felix), era um ramallete! » E com tudo este homem que tinha tanta habilitade para fazer com que os outros representassem bem, cahiu um dia na tentação de entrar em uma comedia, e o fez tão mal que ficou para sempre curado dessa veledade. Tanto é certo que ensaiar, e representar sam talentos perfeitamente distinctos, e que raras vezes se encontram reunidos no mesmo sujeito.

O bom ordenado, que recebia como ensaiador, o producto do seu beneficio, e das suas comedias, em nada alteraram, ou melhoraram o modo de viver de Nicolau Luiz, continuou a habitar na mesma casa, em que exercera o magisterio; continuou no mesmo desalinho, e falta de acieio no trajar; o seu dinheiro, apenas recebido, era logo desbaratado em brodios, romarias, e outras funções, e divertimentos com os comicos, e outros amigos de igual humor, e com o sexo feminino, de que foi, segundo ouvi, em demasia apaixonado, de que nascia muitas vezes o vêr-se obrigado a contrahir dividas, que poderia bem excusar, se tivesse a cautela de contar com o dia de amanhã!

Si era pouco zeloso da sua fortuna, e bem estar, não o era menos da sua gloria litteraria: nunca houve homem que menos caso fizesse dos seus escriptos, e da fa-

ma, que delles podia provir-lhe; os seus versos apenas compostos passavam logo para as mãos dos actores, vendia os manuscriptos das suas comedias aos cegos, que as imprimiam, e vendiam, sem que elle siquer tomasse o trabalho de corrigir as provas, ou exigisse que o seu nome fosse estampado no frontespicio. Era nisto como as mãis, que engeitam os filhos, e os mandam lançar na roda, sem que mais se recordem delles.

Deste desleixo provieram dous graves inconvenientes: primeiro, a incorrecção com que sabiram impressos os seus dramas: segundo, o estar hoje o seu nome completamente esquecido, apesar das suas obras serem ainda mui lidas.

O methodo de composição seguido por Nicolau Luiz era lançar mão de uma comedia hespanhola, ou italiana, eliminar della tudo o que lhe desagradava, substituil-o por scenas de sua invenção, e ás vezes juntar-lhe novas personagens, e dialogar tudo a seu modo; isto pôde verificar quem comparar a D. Ignez de Castro de Guevarra com a do nosso poeta. Igual methodo seguiu depois Antonio Xavier na composição dos seus dramas, quasi todos fundados em dramas francezes.

E' indubitavel, que pelo menos um terço das *Comedias de cordel*, assim chamadas porque os cegos as expunham á venda em papel, pependentes de um barbante pregado nas paredes ou nas portas, pertencem a Nicolau, porém como nenhuma traz o seu nome no frontespicio, é cousa bastante difficil o averiguar quaes sam as que sabiram verdadeiramente da sua penna, e para isso não vejo si não um meio, que é a confrontação do estylo de cada drama com a daquelles que ha certeza serem delle, deixo esse trabalho a quem tomar a tarefa de escrever a historia do nosso theatro, e para o guiar nessa indagação, aqui lhe deixo appontados os titulos das comedias que me consta serem suas, pela informação de alguns actores, que nellas haviam feito papeis.

D. Ignez de Castro.

Amor, e Obrigação.

Aspasia na Syria.

D. João de Alvarado.

Alarico em Roma.

O Escravo em grilhões de Ouro.

Cordova Restaurada.

O Conde Alarcos.

A Restauração de Granada,

A Bella Selvagem.

A Ilha desabitada.

As comedias de Nicolau Luiz sam todas escriptas umas em versos octosyllabos, outras parte em octosyllabos, e parte em hendecasyllabos, e outras, mui poucas, todas em hendecasyllabos. Nunca entrou na cabeça do bom mestre de meninos que uma comedia podesse ser escripta em prosa; e nisso tinha razão sobeja, a comedia é um poema, e poemas em prosa sam um contrasenso dos tempos modernos. Tragedia em prosa, epopeia em prosa, e odes em prosa, como Lamothe ousou escreve-las, poderão ser tudo que quizerem menos poesias, porque a poesia nunca foi a linguagem dos tendeiros, e çapateiros, mas o idyoma dos deoses, que se distingue pelo colorido do estylo, e a harmonia metrica, de que não pôde prescindir. A opinião contraria só pôde ser defendida pelos que não sabem fazer versos, e querem ordenar-se poetas com reverendas falsas. Voltaire, cujo voto é de tanto peso em materias de gosto, diz, que se transpõem todos os limites das artes, e se confundem todas as idéas quando se dá á prosa o nome de poesia. O judicioso La Harpe examinando a Conquista de Granada, de Florian, folmina com todo o rigor da sua critica os chamados poemas epicos em prosa, como composições ridiculas, e monstruosas. No theatro portuguez está tão enraizado o uso de comedias, e dramas em prosa, que será por ora mui difficiloso o acabar com elle; até por que os comicos não sabem representar em verso.

Nicolau Luiz, como a maior parte dos dramaticos hespanhoes, que lhe serviram de modelo, é pouco exacto na pintura dos costumes, e caracteres das diversas nações que apresentava em scena. Os seus heroes, quaesquer que sejam, pensam sempre e fallam como peninsulares, os mais bem pintados sam os mouros, e esses mesmos ainda deixam muito que desejar.

Não pôde porém dizer-se o mesmo da expressão dos affectos, que é muitas vezes eloquente, os seus pensamen-

tos elevados: ha nos sens dramas scenas que arrebatam por sua força, e originalidade, e trechos de poesia excellentes, tal é a seguinte narração da *Ilha Desabitada*.

GUALBARINO.

Tornei como mandaste, e te confesso
 Que da scena, que vi inesperada
 Fiquei confuso, timido, e perplexo;
 A Rodrigo recorde a tua offerta,
 E a resposta lhe peço; elle então chama
 Sens velhos hespanhoes á sua presença.
 Vêjo sabir dos concavos rochedos,
 Que lhe servem d'abrigo, aquelles vultos
 Duvidosos, que de homens conservavam
 Só a figura, que atéli mostravam;
 Que vem todos a um tempo obedientes
 A' voz do capitão chegar primeiro:
 E o que mais se apressa, tropeçando
 Dos debeis passos chega derradeiro.
 O que tem a cabana mais distante
 Ultimo não quer ser, tremendo sabe,
 E vendo adiantar-se os companheiros,
 A hõmbrear com elles corre, e cahe,
 Chegam! as ordens do seu chefe esperam,
 Todos curvos não só por humildade,
 Que a faltar-lhe attenção sendo preciso
 Supprira o peso ali da muita edade.
 Revestido Rodrigo de um character
 Mais vistoso, com esta falla rompe,
 O funebre silencio do congresso,
 Que ou já sabem, ou temem o successo.
 « Amados filhos (diz) e companheiros
 « Na serie de fadigas gloriosas,
 « Vós bem sabeis o quanto trabalhosas
 « Sam as illustres glórias dos guerreiros,
 « Estas pois, que honrarão nossa memoria,
 « Com perigo da vida merecemos,
 « E no misero estado, em que nos vemos
 « Tentemos fortes a ultima victoria.
 « Vinte annos ha, que da fatal tormenta

« Nos abrigou o justo ceo nesta Ilha,
 « E nella, com sagrada maravilha,
 « De fructos innocentes nos sustenta.
 « Em paz vos governei em quanto o brio
 « De hespanhoes presistiu em nossos peitos,
 « Faltou este, e escravos ou, sujeitos
 « Ficamos ás leis impias de um genio.
 « A todos o cruel nos ameaça,
 « Com a morte, em vingança rigorosa
 « De não lhe dar Mathilde por esposa,
 « Ultima injuria, e ultima desgraça!
 « Como bons, e catholicos soldados
 « Si quereis, filhos meus, ter morte honrada
 « Em defeza da nossa lei sagrada,
 « Exponde o peito aos golpes dos malvados:
 « Livrai aquella misera innocente
 « Dos braços de um idolatra insolente. »

Inda não concluia a falla, quando
 As nevadas cabeças levantando,
 Os do congresso, mais que conselheiros
 Se quizeram mostrar fortes guerreiros.
 Olham para o semblante angustiado
 Do capitão, em lagrimas banhado,
 E sem gastarem vozes escusadas
 Proferem juntos, com tremendos echos,
 « Vamos todos buscar mortes honradas. »
 E de improviso, eu pasmo! eu me confundo,
 Feras ao parecer mais desumanas
 Não nutrem as montanhas indianas,
 Nem julgo, as possa haver em todo o mundo.
 Os corpos descabidos, e curvados
 Lanças parecem já postas a prumo.
 Agora os passos movem appressados,
 Na demora uns com outros se enfurecem,
 E nas cãs que são velhos só parecem.
 Qual ao tronco de uma arvore se lança
 Para lhe servir d'arma; qual nos braços
 Se cré com forças, cego de vingança,
 Para arrancar ás rochas uns pedaços;
 Este corre á cabana, e traz a espada,
 Que livrou do naufragio; de roliços

Seixos tem já aquelle a mão armada :
 Uns empunham os paus ao sol tostados,
 Outros arcos, e flexas, e em um breve
 Instante eu olho, e todos vêjo armados
 Desafiando a morte ! pareciam
 Na intrepidez do aspecto, na braveza
 Das diversas acções qual mais famosa,
 Que a juvenil idade vigorosa
 Lhe tinha transformado a natureza,
 Ou que ali como divida pagara
 A's forças, que co'os annos lhe tirara.
 Todos se apressam para o fêro estrago,
 Como para nm convite de delicias :
 Assim o deixo, e sam estas noticias
 A funesta resposta que te trago.

Esta narração pareceria hoje demasiado extensa em razão da impaciencia dos espectadores, que pensam que devem ir ao theatro, para vêr muito, e ouvir pouco, e alcunham de *seccatura* qualquer falla, ou qualquer scena de maior extenção.

Não era assim no tempo do poeta, em que as *relações*, que assim chamavam ás narrações, estavam em moda, e não se julgava boa a comedia que não tinha uma narração para a dama, outra para o galão, outra para o rei, e quanto maiores eram estas narrações mais se estimavam, porque nellas é que os actores empenhavam toda a força da sua representação.

E' comtudo preciso confessar, que sem embargo de um tanto extensa, esta narração além de em geral bem versificada, contém excellentes rasgos de poesia, tal é a pintura dos velhos hespanhoes sabidos das grutas á voz do seu chefe, a attenção com que ouvem a pathetica oração, que elle lhe dirige, o valor que ella lhes infunde, em que parecem renascer, e recobrar forças, a alicia com que correm ás armas, tudo isto são excellentes pincelladas, que recitadas com energia por bons actores, deviam produzir grande effeito.

Vejamos como é bem pintada a morte do barbaero Tucapel, que vencido pelos hespanhoes conserva até ao ultimo instante a sua altiveza, e ferocidade.

RODRIGO.

Olá, não o mateis, qual brava fera
 Nutrida na mais barbara montanha
 Dos desertos de Arauco, irá o monstro
 Seguro com grilhões, ser pasmo a Hespanha.

TUGAPEL.

Enganas-te, soberbo, o meu destino
 Hoje sei dominar! si me guardavas
 Para ser de europeos ludibrio indigno,
 Este ferro, meu braço, e minha furia
 Livrar-me agora sabem dessa injuria.
 O mundo não dirá, filhos traidores,
 Que vosso triste pai morreu infame
 Nas mãos destes crueis conquistadores,
 Mas sim, que limitou a desventura
 Cravando o peito, e abrindo a sepultura.
(Fere-se, e precipita-se no mar).

Para darmos ao leitor alguma idéa do modo de dialogar deste poeta, transcreveremos dous trechos em versos octosyllabos, que sam os de que elle faz mais uso, assim como os seus modelos: seja o primeiro extrahido do acto terceiro, scena segunda, da Destruição de Troya.

HELENA, e ENONE.

HELENA.

Em vão, Enone, pertendas
 Consolar meu peito afficto,
 Tudo, em que cuido sam penas,
 E sustos quanto respiro,
 Já todos os meus segredos
 Te communiquei, tens visto
 Com quanta causa hoje choro:
 Pois consente o fado esquivo,
 Que da pátria desterrada,
 Dos vassallos sem auxilio,
 Aborrecida do esposo,

E em termos de vér perdido
 Aquelle presado objecto,
 Origem dos meus martyrios;
 E entre tão crueis rigores
 Como posso ter alivio?

ENONE.

Não eras to a que á pouco
 Me consolavas? Preciso
 É' que te lembres do lance,
 É com mais justos motivos;
 Que si o meu mal é causado
 Por deixar-mê aquelle indigno
 Infame esposo, tu sentes
 Por te ausentares do abrigo
 Do teu, por tua vontade,
 E é duplicado martyrio
 O pesar, que outrem me causa,
 Que o que eu por meu gosto sinto.

HELENA

Por mais que o animo esforce,
 Por mais que fujo, e resisto
 Á paixão, que me atormenta,
 Parecê que o meu destino
 Com violencia tyranna
 Faz com que esteja restricto
 Todo o poder da minha alma,
 Pois a cada instante sinto
 Que um superior impulso
 Me rouba della o dominio.

ENONE.

Nem os deoses, nem os fados
 Costumam ser impropicios,
 Os deoses, porque são justos,
 Os fados porque é delirio
 Suppôr que delles depende
 Qualquer successo: Acredita
 Que o bem, e o mal só depende
 Do que obramos.

HELENA.

Tenho visto
Mil innocentes culpados,
E muitos féos absolvidos.

ENONE.

Porém lá chega a Verdade,
Que como sabio ministro,
Dá ao innocente o premio,
E impõe ao réo o castigo:

HELENA.

Enone, das minhas penas
Bem sei que eu fui o motivo;
A qualquer parte que volto,
Me parece que diviso
O vulto de Meneláo,
Tão cruel, e enfurecido,
Que vibrando o agudo ferro,
Quer fazer neste conflicto
Por expiar seu aggravado
Do meu sangue sacrificio.
Ai de mim!... querida Enone!...
Ceos! quem me ampara!
(*Desmaia nos braços de Enone*).

Seja o segundo tirado do acto quarto da Bella Selva-
gem, drama imitado do grande cómico venesiano, o dou-
tor Carlos Goldoni.

D. ALVA.

Desafogai a paixão
Meus affectos desgraçados,
Pois fostes mal empregados
Em um falso coração;
Não vos evito o profundo
Excesso com que chorais,
Mas que inda um vil adorais
Se esconda á face do mundo.
Ama, coração o indigno,
Sem dar razão de que o amas,

Até que as amantes chammas
 Possa apagar o destino.
 Mas como em taes sentimentos
 O meu cêgo amor se empenha?
 E' possível, que inda tenha
 Tão infames pensamentos?
 Vença a um excesso inimigo
 O meu decoroso tracto,
 E não me lembre o ingrato
 Mais do que para o castigo!...
 Elle vem; vêja o rigor...
 Porém não! eu me retiro,
 Que um descuidado suspiro
 Póde dar provas de amor!

XIMENES e a dita.

XIMENES.

Dona Alva! meu bem! Senhora!...

D. ALVA.

Calla-te, infiel, não profiras
 Esse nome!

XIMENES.

Tantas iras
 A um triste, que vos adora?

D. ALVA.

Vai-te!

XIMENES.

Não! a teu furor
 Humilde, e amante me exponho.

D. ALVA.

Calla-te, que me envergonho
 De que me adore um traidor!

XIMENES.

Suspendei o impio excesso
 Com quem foi do vosso agrado.

D. ALVA.

Não reçoordo haver-te amado,
Lembra-me que te aborreço.

XIMENES.

Naquelles ditosos dias
Da primeira inclinação,
Foram ao teu coração
Doces as idolatrias.

D. ALVA.

Te amei?

XIMENES.

Foste meu objecto.

D. ALVA.

Si tal foi, como tens dito,
Vê como um cruel delicto
Escureceu tanto affecto.

XIMENES.

Tornai, senhora a querer-me,
Vereis que soube emendar-me.

D. ALVA.

E' vil para restaurar-me
Quem foi vil para perder-me.

XIMENES.

As iras me certificam
De que foste lisongeira,
Pois de uma fé verdadeira
Sempre algum resquicio fica.

D. ALVA.

Quando, infame, foste digno
De prender-me o coração?

XIMENES.

Antes que uma vil traição
De vós me fizesse indigno.

D. ALVA.

Talvez que no teu conceito
Já vivesse a affronta minha,

XIMENES.

Não, meu bem, que inda não tinha
Manchado de infamia o peito.
Vêjo o meu estrago certo,
Pois vos não causa desgosto
Vêrdes, senhora, o meu rosto
De pejo, e de horror coberto.
Si pelo ceo castigado
Me vêdes nesta affição,
Que melhor satisfação
Pertendeis de um desgraçado?
Mereça aos erros desculpa
O arrependimento meu,
Vêde, senhora, que o ceo
Perdoa piedoso as culpas;
Usar esta acção sublime
Si está vendo entre os humanos,
Perdoam os soberanos
Aos seus vassallos o crime:
Só eu devo sem effeito
De vós perdão esperar?
Não, que para mo negar
Não tendes tão fero o peito.

D. ALVA.

Ingrato! já não me enganas,
Calla os pensamentos teus,
Não se mensuram c'os ceos
As nossas paixões humanas;
Somos a vingar sугeitos
Os aggravos affrontosos,
E sempre serão piedosos
Os ceos, pois não tem defeitos.
Os homens negam piedade,
Si querem, ao rogo attento,
Póde do arrependimento

Contentar-se a magestade,
 Mas seja virtude ou vicio
 Minha paixão dominante,
 Não verás em meu semblante
 De piedade um leve indício.
 E podes desenganar-te
 Que sinto, oh alma tyranna,
 Não ser tua soberana
 Para poder castigar-te.

XIMENES.

A minha contraria sorte
 Soberana vos pertende,
 Pois de vossa mão depende
 Minha vida, ou minha morte :
 Applaca piedosa, e humana
 Do irmão o bem justo enfado,
 Um feliz de um desgraçado
 Fareis como soberana.

D. ALVA.

Bem sei que á minha presença,
 Vieste, ingrato inimigo,
 Buscar perdão do castigo,
 E não pedil-o da offensa.
 Em teu rosto fementido
 E' a palidéz, que vejo
 Mais de te humilhares péjo,
 Que signal de arrependido :
 Não, não me empenhas no indulto,
 Antes com maior razão
 Estimula-te o Irmão
 Para a vingança do insulto.
 Triste coração, valôr! (*áparte*).

XIMENES.

Ah! tu suspiras, meu bem!

D. ALVA.

Vai-te já, não véja alguém
 Que eu inda fallo a um traidor!

XIMÉNES.

Porque nutrir intentaes
Na pena um rigor constante,
Si o vosso gentil semblante
Dá de piedoso signaes?
Dos olhos a formosura,-
Onde sempre o amor existe,
Póde reparar n'um triste
Sem que lhe cause ternura?
Não, meu bem! da crueldade
Deixa já o modo ingrato,
Pois vosso rosto um retrato
E' da mais terua piedade.
Duvído, Dona Alva, que esse
Desejo de rigor mude
Aquella amavel virtude
Que o mundo em vós reconhece,
Si como esposo, senhora,
Já não mereço fallar-vos,
Ao menos possa buscar-vos
Para minha protectora;
Goze minha alma opprimida
De vossa mão generosa,
Sendo fineza de esposa,
E amor de compadecida. (*ajoelha*).
Vêde a vossos pés rendido,
Quem já vistes humilhado,
Então de amor abrazado,
Hoje da injuria abatido;
Mas como é a petição
Diversa, obté nha o favor,
Que então supplicava amor,
Agora implora perdão;
Applacai já da ira o fogo,
Pois não é, chara inimiga,
O castigo que me obriga
A's humilhações do rogo,
Sam sim o vosso respeito,
A injuria dos meus parentes,

A murmuração das gentes,
E os remorsos do meu peito.

D. ALVA (*á parte*).

Completoú-se o meu desejo
Em vêr aos meus pés o altivo.

XIMENES.

Seja do indulto motivo
O meu lastimoso pêjo.

D. ALVA.

Te envergonhas, aleivoso
De abater teu pensamento?

XIMENES.

Sim, que cresce o abatimento
De um delicto vergonhoso.
Farei muitos sacrificios
Por vencer vossa paixão.

D. ALVA.

Levanta-te.

XIMENES.

De perdão
Dá primeiro alguns indícios.

D. ALVA.

Ergue-te, falso.

XIMENES.

Obedeço.

D. ALVA.

Oh meu coração, conforto!

XIMENES.

Em fim, vós me quereis morto?

D. ALVA.

A tua morte appetço,

XIMENES.

Um peito, que fôí benigno,
Tanto hoje o odio alimenta?

D. ALVA.

Da minha vista te ausenta,
Pois és de perdão indigno.

Este dialogo é grandemente theatral, ainda que hoje talvez parecesse extenso de mais. E pôde aqui observar-se o quanto o verso octosyllabo é proprio para a declamação scenica, e quam bem andon Gil Vicente, e os comicos hespanhoes em ordinariamente o empregarem nos seus dramas. E' elle o unico que nos dous idiomas da Peninsula pôde supprir o jambo,

populares
Vicentem strepitosis,

segundo o dizer de Horacio.

Vejamos agora Nicolau Luiz no dialogo comico. O Sechibirat, o gracioso do drama *A Bella Selvagem*, recebe de Zadir, um dos chefes indianos, um punhal, e a ordem de assassinar D. Affonso, o general portuguez. Sechibirat, como todos os selvagens, tem uma paixão ardente pelo vinho, e pelas bebidas espirituosas, e apparece em scena meio embriagado, com uma garrafa na mão, e como todos os homens, naquelle estado, arrazoa sobre o projecto de que está incumbido, confundindo a cada instante as especies, e baralhando as idéas.

SECHIBIRAT.

Ninguém vê vê! chuchar esta
Ségunda garrafa posso! (*bebe*).
Excede o gosto do vinho
Do mundo os melhores gostos!...
Bemdito momento, em que
Chegaram ao nosso porto
Desta bebida excellente
Os possuidores ditosos!... (*bebe*).
E queria Zadir que eu

Desse morte a Dom Affonso!
 Ora é bem asno!.. tomara
 Ser senhor de todo o ouro
 Para dar-lho em recompensa
 Deste licor precioso!..
 Zadir que vá hogiar,
 E não faça de mim tolo!..
 Cá vai á sua saude,
 Por que eu não o quero morto. (*bebe*).
 Que! matar o capitão!..
 O capitão!.. Eu!.. irrorio!
 Vinho, e mais vinho, e o punhal
 Hei-de deital-o n'um poço. (*bebe e cambalea*).
 Tem-te!.. tem-te, Sechibirat,
 Que é isto? o chão está torto?
 Ou quer-me lançar abaixo
 Andando comigo aos tombos?
 Mas não!.. sou eu que, de alegre,
 Ter-me sobre os pés não posso;
 Zadir é um asneirão!..
 Viva Affonso, e vivam todos! (*bebe*).

ROSA, e o dito.

ROSA.

Aqui está Sechibirat,
 Que nem póde abrir os olhos,
 Quero vêr se desta vez
 As negras barbas lhe corto.
 Oh Sechibirat, como estás?

SECHIBIRAT.

Estou bem bom!..

ROSA.

Ora folgo.

SECHIBIRAT.

Ah Rosa! Rosa desta alma!
 Em que estado me tens posto!

- ROSA.

Estás bebado?

SECHIBIRAT.

Não, filha :
Tenho baques no miolo.

ROSA.

Não é nada.

SECHIBIRAT.

Não é nada !
Ah oachorra ! esse teu rosto
E' capaz de fazer dar-me
O coração um estouro.

ROSA.

Bem sei que me queres muito.

SECHIBIRAT.

Ora toma, bebe um golo.

ROSA.

Eu não bebo a estas horas.

SECHIBIRAT.

Pois eu beberia a todos
Os instantes, si livesse
Sempre a garrafa com molho. (*bebe*).

ROSA.

O pobre está bem toldado !

SECHIBIRAT.

Ai triste de mim ! socorro !
Mofina sorte ! Rosinha,
Chora tambem, pois eu choro.

ROSA.

Que tens ?

SECHIBIRAT.

Acabou-se o vinho !
E estou mui sequioso,

Ai! o licor da minha alma,
Que me fugiu!

ROSA.

Queres outro?

SECHIBIRAT.

Eu não te direi que não,
Nem inda depois de morto.

ROSA.

Deixa-me cortar-te a barba,
Verás que to trago logo.

SECHIBIRAT.

Que? que corte a barba?

ROSA.

Sim.

SECHIBIRAT.

Hei-de ficar descomposto?

ROSA.

Antes ficas mais bonito.

SECHIBIRAT.

Ficar sem barba! não soffro.

ROSA.

Pois dava-te um barril cheio
Si ma desses.

SECHIBIRAT.

Estou louco?

Que tem esta pobre barba
Com o vinho!

ROSA.

Faço gosto

De pessui-la!

SECHIBIRAT.

Mas dize,
Para que?

ROSA.

Um pincel novo
Quero fazer, e uma escova,
Que arranhe mais que as de coco.

SECHIBIRAT.

Não quero!

ROSA (*pegando-lhe na barba*).

Dá-me a barbinha!

SECHIBIRAT (*tirando o punhal*).

Irra! tira a mão do rosto,
Ou te cravo este punhal.

ROSA.

Traidor! infame! afeivoso!
Tu com punhal escondido!
Vou dize-lo a Dom Afonso.

SECHIBIRAT.

Eu te tiro esse trabalho,
Cravando-to pelo corpo.

(*Atira-lhe um golpe, ella se retira, e elle cambalea*).

ROSA.

(*Tremo delle*). Não me firas,
Pois bem sabes que te adoro.

SECHIBIRAT.

Que é isso? não te matei?

ROSA.

Não, eu estou viva.

SECHIBIRAT.

Como?

Não corre sangue do golpe?
Pois eu dei-to como um doudo.

ROSA.

Não vês que não tenho nada?

SECHIBIRAT.

Adiante! traze-me um pouco
De vinho, e façam-se as pazes:
Não temas, que já escondo
O punhal!

ROSA.

Para que o guardas?

SECHIBIRAT.

Cá para certo negocio.

ROSA.

Tu queres matar alguém?

SECHIBIRAT.

Quero, e não quero!

ROSA.

Pois logo

Como é isto?

SECHIBIRAT.

Eu a mulheres

Os meus segredos não conto,
Todas sam mui chocalheiras.

ROSA.

Pois vinho de nenhum modo
Te darei, si mo não dizes.

SECHIBIRAT.

Não digo, que não sou tolo.

ROSA.

Eu adivinho.

SECHIBIRAT.

Adivinha.

ROSA.

Tens aos portuguezes odio.

SECHIBIRAT.

Que! eu odio a uma nação
 Que traz licor tão gostoso?
 Fóra! não adivinhaste.
 Tem muito bom vinho Affonso;
 Que tenho eu cá que Zadir
 Esteja delle zeloso?
 Eu não o hei-de matar,
 Que não caio nesse logro.

ROSA.

Zadir te mandou matar
 A meu amo?

SECHIBIRAT.

Como? como?
 Quem te contou isso Rosa?

ROSA.

Sou eu, que adivinho todos
 Os segredos.

SECHIBIRAT.

Irra, Rosa!
 Tu conversas c'o Demonio?

ROSA.

Sou grande adivinhadora.

SECHIBIRAT.

Vou dormir, que tenho somno.

ROSA. .

Já que eu sei alguma cousa,
E tenho genio curioso,
Dize por que causa quer
Zadir a meu patrão morto?

SECHIBIRAT.

Eu te digo, porém guarda
Segredo em todos os modos.

ROSA.

Não receis.

SECHIBIRAT.

Vem alguém?

ROSA.

Estamos sós, conta.

SECHIBIRAT.

Conto.

Chamou-me Zadir, e tinha
Encarniçados os olhos,
Camur estava com elle,
Mas então mui furioso:
Um dizia é minha filha,
Respondia então o outro
E' minha esposa! e eu me agrado
Do vinho que é saboroso.

ROSA.

Mas quem te deu o punhal?

SECHIBIRAT.

O punhal é de aço todo,
E o vinho é uma delicia.

Irra! Senhor Dom Affonso,
Zadir quer que eu mesmo o mate!

ROSA.

Tu, Sechibirat!

SECHIBIRAT.

Aposto
Que sou capaz de beber
Uma pipa só d'um golo!
Quero dormir; boas noites
Minha Rosa.

(Deita-se no chão, e vai adormecendo pouco a pouco).

ROSA.

Está bonito!
Tomara poder tirar-lhe
O punhal.

SECHIBIRAT.

Oh cães! sam poucos.

ROSA.

Elle não ha de ter frio,
Que tem bem roupa no corpo.

SECHIBIRAT.

Rosa!.. Rosa!.. tenho sede,
Traz-me vinho!

ROSA.

Sim, logo.

SECHIBIRAT.

Morra, ou não morra? sim, morra!
O punhal, o vinho!

ROSA.

Em sonhos
Parece que está fallando;
Zadir é bem aleivoso!

Meu amo o livrou da morte,
 E o barbaro lhe tem odio!
 Vou avisal-o depressa,
 Porém quero vêr se posso
 Levar-lhe o punhal! oh bello!
 Dorme, porque já dá roncós,
 Tiro-lho sem que me sinta!...
 Fóra! que tem leve o somno,
 Vamos mais de vagarinho...
 E que tal para o negocio!
 Com um só golpe o matava!
 Arrenego do Demonio!
 Si não temesse o vir gente...
 E' agora o tempo proprio
 De cortar-lhe a barba... sim,
 Agora me lembra o modo.
 Olá, senhores soldados,
 Sejam um dia piedosos,
 Este pobre homem tomou
 Uma bebedeira; e como
 Vossas mercês saberão,
 Pois as tomam mui bem todos;
 Levem-no com muito geito
 Para aquella casa, e logo
 Lhe darei a paga.

SECHIBIRAT:

Rosa,
 Vê não me dês algum tombo.

ROSA.

Vou dar parte ao meu patrão,
 E a cortar-lhe as barbas torno.

Esta scena me parece mui theatral, bem dialogada, e graciosa. O modo porque Sechibirat, perturbado pelos fumos da embriaguez, que progressivamente se vai d'elle apoderando, deixa escapar o segredo, que pertendia occultar, a confusão de suas idéas, tudo isto me parece rigosamente comico, e justifica a grande reputação, de que o poeta gozou no seu tempo.

Na scena I. do acto V. deste mesmo drama, ao levantar do panno, vê-se Sechibirat, dormindo, estendido na terra, em um pequeno bosque; desperta ainda atordoado pelo vinho mal cosido, leva a mão á barba, e não a achando, admira-se, e procura pelo chão.

SECHIBIRAT.

Que é isto, que me succede?
 A minha barba não acho!
 Será sonho? ou é deveras?
 Durmo? ou estou acordado?
 Eu movo cabeça, e mãos,
 Eu bullo c'os pés, eu fallo, ...
 Logo não durmo, nem sonho,
 Porém barba!... nem bocado!
 Ai pobre de mim sem barba,
 Fiquei com o rosto calvo,
 Que dirão os meus patricios,
 Vendo-me sem este ornato?
 Quero pelas minhas barbas
 Fazer espantoso pranto!
 Ninguem me dirá que choro
 Já pelas barbas abaixo,
 Como torno a ser creança,
 Não me é o chorar estranho,
 Como é ás vezes nos outros
 O vêr chorar um barbado.
 Que escarneo farão de mim
 Todos os americanos!
 Ai a barba da minha alma
 Que me deixou desbarbado!...
 Ah Rosa! mofina Rosa!
 Contrá ti grito, e me assanho!
 Pois por amor de um pincel
 Mê quizeste vêr pellado!
 Com este ferro; ... que é delle?
 Onde estará, que o não acho?
 A feiticeira mofina
 Mo roubou!... mas reparando
 Bem neste sitio, ... onde estou?...

Isto é cousa do diabo!...
 Adormeci n'uma casa,
 E agora accordo no campo!...
 Porém tudo isto é medo;
 O que me dá mais aballo
 E' da minha barba a falta,
 Vou-me esconder n'um pedhaseo;
 Adeos, oh mundo! adeos vinho,
 Morrerei desesperado
 Com sede; agua nunca mais
 Me irá pela goella abaixo!

E' na verdade mui risivel a amofinação, e desespero do pobre Sechibirat, pela perda da sua barba, que a travessa Rosa por veleidade feminil lhe havia cortado: mas é elle verosimil? De certo que não; os americanos, não só nunca foram como os russos, e os turcos ciosos das barbas, mas todos os historiadores no-los representam como imberbes, e costumados a arrancar todo o cabello do corpo; eis aqui como a este respeito se expressa o bispo D. Jeronymo Osorio, no livro II. de *Rebus Emmanuelis: Hominu sunt colore subnigro, capillum habent mallum nigrum, atque promersum; sunt omne imberbes, propterea quod volsellis omnes corporis pilos evellunt.* O mesmo afirma Roberson na sua vida de Colombo, e todos os escriptores hespanhoes, e portuguezes, que tractaram da America. A' vista do que não póde entender-se a rasão porque Sechibirat se envergonhe tanto de apparecer desbarbado 'diante dos seus patricios, que não usam de semelhante cousa, porque seria para elles muito incommoda em rasão do clima quente em que habitam, em que mostram mais bom senso que os nossos janotas, cujos bigodes, barbas, e peras formam um ridiculo contrasense com o calór do nosso clima, e os nossos trajes estreitos, e justos. Mas estas reflexões não as fazem os espectadores, que só attendem ao effeito theatral, e aos gestos dos actores. Nem farei disso grande censura ao author, que authorisado pelo exemplo dos dramaticos castelhanos, a quem imitava, punha pouca exactidão na observancia dos costumes, e do caracter nacional dos diferentes povos.

Eis aqui outra scena comica porque principia o acto segundo da *Ilha Deshabitada*.

GLANEA, e RONGO.

RONGO.

Foge, Glanea, depressa destes bosques.

GLANEA.

Tens medo que me engula alguma féra?

RONGO.

Peior! peior!

GLANEA.

Que dizes? peior damno?

RONGO.

Pois não será peior que algum magano
Dos hespanhoes, que habitam nesta parte,
Qual faminto leão venha apanhar-te?

GLANEA.

Rongo, dos hespanhoes mal não me digas,
Que sam uns coutadinhos; com agrados
Tractam as indianas, e vocês
Sam para ellas tigres assanhados.
Olha, a escolher marido, não te engano,
Antes um hespanhol, que um indiano.

RONGO.

Ah velhaca gentia! e não te abraza
Com seus raios o sol? Oh! luz do dia!
Castigai esta perfida, pois é
Indigna já do nome de gentia!
Os indios a despresem, nenhum seja
Jámais com seu amor compadecido,
Desesperada por casar se véja,
Sem achar entre todos um marido.

Todos os nossos algarvios, no seu immenso vocabulário de pragas, que tanto os tem tornado celebres, não

seriam capazes de encontrar maldição mais assustadora para uma mulher, que o não casar, e por isso não admira que a pobre Glanea fique tão aterrada com ella.

GLANEA.

Pobresinha de mim! que desventura!

RONGO.

Já tremes do castigo? emfim, perjura,
Ainda que não queiras,
Ainda que chores qual desamparada,
Has-de morrer solteira.

GLANEA.

Oh que praga! que praga rigorosa!
Não haverá um indio compassivo
Que me ampare, e me queira para esposa!

RONGO.

Nada, nada, em castigo do que disse,
Ha-de levar á cova a donzelice,
Depois de se damnar com pena, e magoa,
Que a mulher sem marido
Se damna como o cão, por falta d'agua!

GLANEA.

Desgraçada mulher, fuge dos indios!

RONGO.

Que? d'onde vai? não cuide que me engana.

GLANEA.

You a vêr mui depressa
Se encontro alguma alma castelhana
Que me livre das pragas, que me rogas.

SANCHO, e os ditos.

Aqui tens uma já, e tão amante,
Que suspira por ti a todo o instante.

RONGO.

Que injuria! que insolencia! eu desespero!

GLANEA.

Chegaste em bella occasião, meu Sancho,
Queres casar comigo?

SANCHO,

Olá si quero!

GLANEA.

E este bruto de Rongo me dizia
Que por meu mal solteira morreria!
Inda bem! inda bem! que hei-de casar,
Só para te fazer desesperar!

RONGO.

Ah só tractante, vá-se já embora!
Si não quer, que lho diga
Com mais algum rigor.

SANCHO.

Que mal lhe faço?

RONGO.

Anda-me aqui atraz da rapariga!

GLANEA.

Que lhe importa a vossê, impertinente?
E' meu pai? meu marido? ou meu parente,
Para me andar guardando a todo o instante.

RONGO.

Oh velhaca! eu não sou o seu amante?
Não a posso guardar como marido
Que hei-de ser logo, logo?...

SANCHO.

Ora, senhor lapuz, vá abalando,
Si não quer que lhe vá tocando a fogo.

RONGO.

Não tenho medo a ralhos castelhanos,
Venha comigo já, que entre maganos
Não a quero deixar.

GLANEA.

Largue-me o braço.
 Si não leva dous murros irmãos deste. (Dá-lhe)

SANCHO.

Agora me regalias, Glanea, investe,
 Esmurra-lhe os narizes com estouros,
 Que as vaccas também marram como os touros.

GLANEA.

Então, larga?

RONGO.

Não quero.

GLANEA.

Irá levando. (Dá-lhe)

SANCHO.

Eu te ajudo tambem. (Dá-lhe)

RONGO.

Si torna a dar-me,

A Tucapel irei logo queixar-me.

SANCHO.

Pois para que o attenda mais contente,
 Leve-lhe estes dous murros de presente.

Parece-me que entre as comedias heroicas de Nicolau Luiz tem o primeiro logar a *D. Ignez de Castro*, *Amor e Obrigação*, a *Cordova Restaurada*, *Aspasid na Syria*, e o *Conde Alarcos*. Entre as comedias de capa, e espada, ou de figuras, como lhe chamam os hespanhoes, as que mais abonam o seu talento sam *D. João de Alvarado*, a *Dama dos Encantos*, e os *Tributos da Mocidade*.

Seria muito para desejar, que algum curioso tomasse o trabalho de collegir as melhores comedias de Nicolau Luiz, e limpando-as dos innumeraveis erros typographicos, que as deturpam, fizesse dellas uma edição nítida, fazendo assim reviver o nome deste bello engenho tão benemerito do theatro portuguez.

Nicolau Luiz chegou a idade muito avançada, e morreu pobre; não porque a fortuna se lhe mostrasse em tudo pouco favoravel, mas porque a sua imprevidencia o levou a dissipar quanto ganhava, sem nunca pensar no futuro.

CAPITULO IV.

O Advogado Antonio José da Silva.

A fortuna foi sempre em Portugal pouco favoravel aos poetas, parece que esta divindade caprichosa se apraz em deprimir mais os que mostram maior talento; Camões, Francisco Manoel, Garção, Bocage, e Santos e Silva, sam provas exuberantes desta assersão, mas no numero destes illustres desgraçados, não ha um só que possa comparar-se com aquelle de que vamos a tractar neste capitulo.

Antonio José da Silva nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 8 de Maio de 1705, e foi baptisado na Sé do Rio de Janeiro. Foi filho do advogado João Mendes da Silva, e de sua mulher Lourença Coutinho, e tinha dons irmãos mais velhos, um dos quaes se chamava André Mendes da Silva, e outro Balthasar Rodrigues da Silva, que eram os nomes de seus avós paterno, e materno.

Estes individuos compunham uma familia de christãos novos, das mais ricas, e aparentadas do Rio de Janeiro, e destas familias existiam muitas no Brasil, que os donatarios haviam para ali conduzido, fiados no privilegio de asylo inviolavel, que o governo lhe havia outhorgado, como meio de accelear a população daquella parte do mundo, que então, com razão se julgava a sua primeira necessidade. A estas familias se juntaram outras, que para lá passaram da Hollanda, e para quem os hollande-

zes, quando no reinado de D. João IV. cederam quanto ali haviam usurpado no tempo dos Philippes, haviam estipulado em sua capitulação segurança, e protecção.

Destas familias hebraicas algumas conservavam ainda a lei de Moysés, porém a sua maioria, no todo e na maior parte dos seus individuos, haviam abraçado o christianismo: porém todas se davam com ardor ao trabalho, á industria, e ao commercio, com grande proveito seu, e das terras em que habitavam, e com especialidade do Rio de Janeiro, onde ellas eram mais numerosas, e que pelas vantagens de sua situação já fazia esperar que não tardaria muito, em despojar a Bahia da prerogativa de capital do Brasil.

Todas estas familias israelitas, ex-israelitas, e mixtas se julgavam seguras, e deviam julgar-se assim, confiadas na fé de tractados, e de estipulações solemnes, que por muitos annos foram religiosamente observadas, e sempre o deveriam ser, tanto por credito do governo, como por interesse politico, e prosperidade commum dos portuguezes d'aquem, e d'alem mar.

Porém a razão do fanatismo, si nelle ha razão, não é como a razão da politica, tem como os doidos uma idéa fixa a que subordina tudo, e uma vez que triumphe a sua opinião, pouco lhe importa que seja a troco do exterminio do genero humano.

No principio do seculo passado inflammou-se o zélo da Inquisição pela conversão, ou exterminio dos judeus brasileiros; e como a Inquisição não respeitava tractados, nem estipulações, e o governo de então tudo faria, menos contrastar as resoluções daquelle terrivel tribunal, depressa a perseguição transpoz de um salto o Atlantico, e foi lavrar no Brasil como um vasto incendio. Todos os dias numerosas familias eram violentamente arrancadas do seio dos seus lares, arrojadas nos porões das embarcações, e conduzidas aos carceres do Santo Officio de Lisboa; muitas vezes sem mais causa que as calumnias dos seus inimigos, ou meras suspeitas sem fundamento.

Entre estas numerosas familias judias veiu a Lisboa, em 1713, como ellas debaixo de prisão, a do doutor João Mendes da Silva, não por accusações contra elle, notoriamente conhecido por grande devoto, e grande compo-

ditor de poesias devotas, mas contra sua mulher Lourença Coutinho, por suspeitas de judaismo, a qual foi por isso sepultada nos carcerees da Inquisição. Não pôde na verdade deixar de admirar-se o extraordinario theor da justiça deste tribunal, que fazia transportar presa do Brasil a Lisboa uma familia inteira unicamente por suspeitas que havia de um dos seus membros; e que não ás havia dos outros prova-se claramente, porque o doutor João Mendes ficou livre com seus filhos, tranquillamente advogando, em quanto sua infeliz mulher soffria as torturas, e os rigores dos carcerees da Inquisição. Parece porém, que ou ella não tinha culpa, ou que suas culpas não eram graves, porque passados alguns tempos foi posta em liberdade.

Antonio José da Silva contava apenas seis annos quando chegou a Lisboa, e nesta cidade principiou a sua educação litteraria, frequentando as aulas de primeiras letras, e depois as de instrução secundaria; e como a pobre creança, pela nota de judaismo que manchava a sua familia, não tractava senão com parentes, e christãos novos perseguidos, e com israelitas declarados, foi a pouco e pouco cedendo á influencia dos seus exemplos, e das suas doutrinas, e desgraçadamente chegou por fim a adoptal-as.

Concluidos os estudos preparatorios, passou a Coimbra, onde estudou direito canonico com grande aproveitamento, porém este estudo não teve efficacia, ao que parece, para o desviar da lei de Moysés, que havia adoptado.

Tendo voltado a Lisboa depois de conseguidos os graus academicos, começou a practicar a advocacia em 1726 no escriptorio de seu pai, contando então vinte e um annos de idade.

E' muito natural, que por alguma imprudencia sua deixasse transflorar o segredo da sua religião, e que algum dos muitos familiares, e espiões do Santo Officio, de que a capital estava então cheia, fosse denunciá-lo ao tribunal, como judaisante; o certo é que em 8 de Agosto foi preso, e conduzido ás prisões da Inquisição, em que sua desgraçada mãe havia por tanto tempo gemido, e padecido.

Instaurou-se o seu processo, confessou francamente o

seu delicto, e offereceu fazer completa abjuração dos seus erros; e apesar desta lhe ser acceita, não deixou por isso de ser posto a tractos, e torturado tão eruelmente, que os dedos lhe ficaram em tal estado, que por muito tempo não poude nem assignar o seu nome. Os juizès fizeram consignar no auto, que elle durante o tormento invocava a Deos, e não á Virgem, ou algum santo.

No mez de Outubro celebrou o tribunal da Inquisição um auto de fé, e nelle, entre muitos outros réos, compareceu Antonio José, e fez publica abjuração dos dogmas judaicos, e findo elle, foi em fim restituído á liberdade.

Havendo escapado de tão horriveis trabalhos voltou para casa de seu pai, e continuou no exercicio de advogado. Parece que a sua abjuração fôra sincera, pois consta que rompendo toda a commuicação com judeos, e christãos novos, começou a frequentar os religiosos mais instruidos e bem morigerados de alguns conventos, que na occasião do seu segundo processo não duvidaram de attestar a sua religiosidade, e excellente comportamento moral.

Antonio José da Silva casou em 1734 com Leonor Maria de Carvalho, cuja filiação, e qualidade se ignora, porém é muito probavel que pertencesse a alguma familia tambem de origem hebraica, porque não é natural, segundo a opinião daquelle tempo, que algum christão velho desse sua filha a um christão novo, especialmente havendo passado pelo labéo de haver estado nas masmorras do Santo Officio, e feito figura em um auto de fé.

Em 1735 lhe deu sua mulher uma filha, que foi baptisada na freguezia do Soccorro, pondo-se-lhe o nome de Lourença, que era o de sua avó paterna.

Antonio José havia principiado a cultivar a poesia na Universidade de Coimbra; mas a sua maior vocação era para a poesia dramatica; e como naquelle tempo havia na Mouraria um theatro mui frequentado, em que representavam figuras innanimadas, para elle principiou a escrever seus dramas, que foram alli muito acceitos e applaudidos, não só pela pompa das suas decorações, e pelo prestigio da musica, e da dança com que os anima-

va, mas pelo bem enredado de suas fabulas, e a inexgotavel jovialidade do seu dialogo.

Naquelle theatro, e por aquelles actores foram executadas as *Guerras de Alecrim e Mangerona*, o *Labyrintho de Creta*, *Variedades de Protheo*, *Esopaida*, *Amphitrião*, *D. Quixote de la Mancha*, *Medea*, e o *Precipicio de Phaeonte*, que occupam o primeiro e segundo volume da collecção publicada em 1744 por Francisco Luiz Ameno, mais conhecida pela denominação de *Operas de Judeo*. As que comprehendem o terceiro e quarto volume, não são de Antonio José, mas de Alexandre Antonio de Lima, e de outros authores, e pela maior parte ruins traducções do italiano, e tenho para mim, que nenhum bom conhecedor de estylos ousará affirmar o contrario.

E' muito probavel que o poeta com os interesses do escriptorio, e do theatro podesse viver, si não abastado, pelo menos livre de vexames, e precisões com a sua pequena familia, mormente em tempos de tão pouco luxo, e em que o espirito de dissipação ainda não tinha ganhado a classe media; podia pois considerar-se feliz, e esquecer as calamidades, e trabalhos passados, si a desventura lhe não accarretasse outros ainda maiores.

E' natural que a Inquisição tivesse em vista o poeta pelas censuras que aventurava nas suas peças contra o relaxamento do clero, e por tal, ou qual trecho do *Amphitrião*, em que parece alludir ao man tractamento que recebera nos carcerees: além disso a sua gloria dramatica devia crear-lhe invejosos, e os invejosos sam sempre os inimigos mais temiveis, por que a inveja só cabe em almas vis, e estas nem se applicam, nem escrupulisam nos meios de vingança.

Pequenas cousas sam muitas vezes origens de grandes desastres. Lourença Coutinho, mãe do poeta, tinha uma escrava preta, por que nesse tempo havia ainda escravos neste reino, e aquella escrava era deshonestas, e dissoluta, como todas ellas, e como o sam quasi todas as criadas.

Antonio José da Silva a castigou, e é natural que com rigor approximado ao que em taes casos se usa no Brasil: a negra era vingativa como quasi todos os negros, e ou por malignidade propria, ou por sugestões de pes-

soa, ou pessoas a quem se queixou, apresentou contra elle no Santo Officio uma denuncia de judaisante, e de relapso.

Falsa, ou verdadeira, esta denuncia era um pretexto plausivel para a prisão de Antonio José, e esse pretexto era esperado anciosamente para satisfação do odio concebido contra o desgraçado, e em consequencia disso no dia fatal de 5 de Outubro de 1737, segundo anniversario de sua filha, os familiares, e beleguins da Inquisição se apresentaram ua sua casa no Largo do Soccorro, e o conduziram aos calabouços do Rocio, com sua esposa Leonor Maria de Carvalho, e a negra denunciante, que devia ser interrogada no processo que se lhe ia formar.

Porém a justiça de Deos não quiz que esta perversa mulher continuasse a ajudar a ruina de seu senhor, nem gozasse de sua vingança tão traidoramente procurada, pois apenas a negra entrou no carcere possuiu-se de taes terrores, que dentro em breves dias terminou a sua existencia.

Sepultado o supposto réo no carcere n.º 6., do chamado *corredor meio novo* deu-se obra ao seu processo, e como faltavam provas, e culpas articuladas, e definidas, pois todas se reduziam ás accusações vagas, taes quaes as podia dar uma negra boçal de Cabo Verde, quizeram os seus juizes, ou seus algozès sahir da difficuldade creando-as na sua mesma prisão.

Do seu processo, que existe no real archivo da Torre do Tombo, consta que os guardas foram incumbidos de o espionar pelas *escutas* ou boracos que existiam nos cantos dos tectos dos carceres daquelle terrivel tribunal, dispostos de maneira que se podesse vêr, e ouvir quanto nelles se passava, como eu notei visitando grande parte daquellas masmorras quando se patentearam ao publico em 1821. Que os ditos guardas quasi todos depozeram que muitas vezes o viram ajoelhar, persignar-se, e recitar devotamente as orações christãs; accrescentando sómente alguns, que elle alguns dias não tocava na comida, naturalmente (diziam elles) per satisfazer aos jejuns da lei de Moysés; como si a um homem, em tal logar, em taes circumstancias, separado dos seus, e em manifesto risco de morte, e que morte! não sobrassem

motivos para perder o appetite! Collocassem os guardas, e os juizes em caso identico, e então veriamos se mostravam avidez ainda para os manjares mais delicados!

Consta igualmente do mesmo processo, que o poeta protestou sempre pela sua innocencia; que produziu em sua defeza muitas testemunhas, e entre ellas religiosos graves de differentes Ordens, até da Dominicana, e que todos elles affiançaram o seu zêlo religioso, a sua exacção no cumprimento dos preceitos da igreja; mas tudo foi baldado, e a fatal sentença foi lavrada sem mais fundamento, que o não ter algumas vezes vontade de comer, e o depoimento singular de um só denunciante.

Esta sentença foi relaxada ao braço secular em 11 de Março de 1739, e ficou em segredo durante sete mezes, estando entre tanto elle por confiança na sua innocencia, e os seus amigos pelos depoimentos favoraveis que haviam feito a seu favor lisongeados com a mui verosimil esperanza da sua absolvição.

Chegou em fim a cathastrophe desta espantosa tragedia; e na tarde do dia 16 de Outubro se lhe intimou a sentença, sendo logo conduzido ao oratorio, onde o padre Francisco Lopes, da Companhia de Jesus, durante aquella tremenda pausa entre a morte, e a vida, lhe assistiu, e lhe prodigalisou as consolações, e os auxílios da religião.

No fim dos tres dias de oratorio foi conduzido com a pompa, e acompanhamento usados em taes casos, ao Campo da lã, isto é, ao sitio onde hoje se acha edificado o Terreiro Publico, e ali reduzido a cinzas. Assim acabou o homem, que ia assentando os fundamentos do nosso theatro comico nacional! tendo apenas trinta e quatro annos de idade. Respeitemos a sua memoria, honremos os seus talentos, e dêmos lagrimas á sua desventura!

A Inquisição foi mais benigna com sua desgraçada viuva Leonor Maria de Carvalho, e sua mãe Lourença Coutinho, pois se contentou de as condemnar a fazer abjuração publica no mesmo auto de fé, em que seu desgraçado marido, e filho representou um papel tão desastroso.

Nenhum homem ainda se aproximou mais da tempera

de espirito de Aristophanes do que Antonio José da Silva. Ha em ambos elles a mesma originalidade, invenção phantastica, e incorrecção na contextura das fabulas, a mesma habilidade em pintar pelo lado ridiculo os costumes nacionaes, a mesma acrimonia satyrica, a mesma facilidade de dialogo, e igual conhecimento do effeito theatral, e sobre tudo a mesma abundancia de graciosidade popular, de apodaduras, e chistes. E' impossivel que haja genio tão melancholico, que possa lêr, ou assistir á representação das suas comedias, sem rir com um riso *inextinguivel*, como os deoses de Humero quando viram Vulcano coxeando, lhes servir de copeiro.

Antonio José da Silva tinha um gosto raro para inventar decorações brilhantes para os seus dramas, e para compor letras para a musica, que nelles sabia introduzir a proposito, e sem prejuizo da representação.

Alguns criticos tacham a sua linguagem de plebéa, as suas graças de grosseiras, e algumas das suas expressões de obscenas, e indecentes; mas como nas numerosas colleções de entremezes desse tempo, existentes na bibliotheca publica, e nas poesias jocoserias dos seiscentistas se encontram essas mesmas expressões, e não poucas ainda peiores do que ellas, força é acreditar que taes phrases eram então do bom tom, e que a censura é mal fundada. Já no primeiro tomo desta obra fiz observar a proposito de algumas coplas dos nossos trovadores, quasi todos cortezãos e fidalgos, e por consequencia bem educados, que as idéas de decencia, e a graciosidade variam com os tempos, como os costumes, e os usos.

Uma prova do grande talento dramatico de Antonio José, é que apenas haverá drama seu, que a favor de pequenos côrtes, e modificações de phrase, não possa hoje ser representado, e muito applaudido do publico, uma vez que o decorador seja habil, a musica boa, e que seja executada por actores de merito, e que sejam ao mesmo tempo cantores. Lembro-me de ter ha bastantes annos assistido no theatro do Salitre a uma representação do *Labyrintho de Creta*, e que esta peça foi vivamente applaudida, em muitas recitas consecutivas, e muito maior effeito produziria si não lhe houvessem tirado a musica e algumas das decorações.

Uma sorte ainda mais feliz teriam hoje em scena as *Guerras do Alecrim e Mangerona*, geralmente reconhecida pela obra mais perfeita de Antonio José, e uma das poucas comedias portuguezas que merecem o nome de boas. O theatro normal devia fazer esta tentativa; mas torno a dizer seria necessario não prescindir da musica, e ter grande esmero com o scenario, e a representação.

Logo immediata em merecimento ás *Guerras de Alecrim e Mangerona* me parece estar a *Esopaida*, tanto no estylo, como na arte do dialogo facil, e chistoso. Nada mais bem pintado que a petulancia graciosa d'Esopo, e a pedantaria de seu senhor o philosopho Xanto, os caracteres dos outros actores não desmerecem muito destes, especialmente o da tarasca Euripedes, mulher do philosopho.

No *D. Quixote* soube o author com muito gosto e engenho reduzir ás pequenas dimensões de um quadro dramatico os principaes acontecimentos da Novella de Cervantes.

As *Variiedades de Protheo*, e o *Precipicio de Phaeton-te*, recommendam-se pelo apparatus, e pompa theatral, e pelo bem inventado das transformações, de que abundam estas operas, e pela profusão dos incidentes, e situações variadas.

Os *Encantos de Medéa*, podem considerar-se como uma das peças de Antonio José da Silva, que mais effeito deve produzir representada pelos lances em que o heróe se vê collocado, pelo duplice amor de Medéa, e Creusa, que ambas disputam o seu coração. Aqui o author se affastou bastante da tradição mythologica, mas nem elle, nem os seus espectadores se mostraram nunca escrupulosos a esse respeito.

Amphytrião, ou Jupiter e Alcmena, era um assumpto já tractado por Plauto, e por Camões, e por isso se tornava mais difficultoso de pôr em scena. Antonio José não se acobardou com isso, e sem copiar nem a um, nem a outro, soube produzir um dos melhores dramas que sobre aquelle assumpto se tem escripto; elle soube melhor que ninguem atenuar a indecencia da sua idéa fundamental aturdindo o espectador com a sua inexaurivel jovialidade! que rica invenção na contextura da fabula! que força comica nas diversas scenas entre Alcmena, e

Amphitrão, entre este, e Jupiter, entre Mercurio e Saramago, entre Cornucopia, e ambos elles! Que naturalidade de dialogo! que diversidade nos incidentes, e que profusão de facecias! que fecundidade de talento dramatico presumpção a concepção, e a execução desta comedia! Basta o breve, e pomposo desenhão de uma oratória tão complicada para abonar o instincto dramatico com que a natureza o dotára.

Algumas citações das suas operas servirão para dar aos leitores, e ainda mais aos estrangeiros alguma idéa das facecias comicas, e do modo de dialogar do Aristophanes brasileiro.

Na primeira scena da *Esopaida*, ou vida de Esopo, o theatro representa um mercado, ou feira em Athenas, com todos os accessorios proprios em espectáculos semelhantes; por entre o grande concurso de homens, e de mulheres, que concorrem a fazer suas compras, vê-se entrar em scena o phylosopho Zeno, trazendo consigo Esopo, e dous outros escravos, de que deseja desfazer-se. Esopo logo se faz conhecer pela sua jovialidade, e ditos engenhosos.

ZENO.

D'onde, Esopo, vas? Tu não ouves? com quem fallo eu?

ESOPO.

E' comigo?

ZENO.

Sim.

ESOPO.

Eu não me chamo Esopo Vaz; sou Esopo só, nú, e criou e espuzio como minha mãe me pariu.

ZENO.

Aonde ias, entremetido?

ESOPO.

Si eu fóra entremetido, perguntára a v. m. para que nos traz hoje a esta grande feira?

ZENO.

Para vender-vos a todos tres, pois todos tres sois in-

toleraveis pelas vossas manhas; porque tu és um bebedor, e tu um ladrão.

ESOPHO.

Viste isso, quem comprar a este, sendo ladrão, compra siss, e tudo. E eu, senhor, quaes sam as minha habilidades, ou virtudes?

ZENO.

Sam boas; primeiramente mexeriqueiro, e bacharel.

ESOPHO.

Si eu fóra bacharel soubera direito; si eu soubera direito eu me endireitára, e não fóra corcovado. Não é por ahi que vai o gato ás filhozes. Tem mais de que me accuse?

ZENO.

Mais tenho; e o ser alcovateiro não presta?

ESOPHO.

Eu digo que não presta! mas o que me dige é que se v. m. me vende por isso, não faltará quem por isso me compre. Ora o certo é que estamos em um tempo em que se não sabem estimar os homens de prendas, ou as prendas dos homens! Si v. m. bem soubera o que eu sou, talvez me não vendesse, porém fallando com a mais captiva reverencia, não é o mel para a bocca do asno.

ZENO.

Qual é o mel, e qual é o asno?

ESOPHO.

O asno fallando por entre dentes é v. m., e o mel é o que sáe, e o que levo do tinteiro.

ZENO.

Acaba com isso, que si começas com arengas, nunca acabarás. Mas em quanto vam chegando os feirantes vamos passeando por esta praça. Que té parece? não é boa?

ESOPHO.

De boa tem pouco.

ZENO.

Pois achas que esta praça não é boa? Que achiques lhe pões.

ESOPHO.

Senhor, não pôde deixar de ser achacada uma praça com fontes, e a meu vêr tem dôr de pedra, porque opprima de vagar.

HOMEM.

Ah só amigo, que procura? si quer uma boa espada aqui a tem.

ESOPHO.

Sou tentado com espadas, este homem é bruxo, advinhou-me o genio. Vejamos lá que tal é?

HOMEM.

E' uma folhinha velha.

ESOPHO.

Folhinha velha! isso é do anno passado, e não serve para este. Quero uma folhinha para este anno, que vem com um eclipse de estocadas.

HOMEM.

Não me entende? digo que tem aqui uma espada velha.

ESOPHO.

Peior! eu não quero si não uma espada nova, e vem cá o senhor á feira com uma espada velha!

HOMEM.

Vá-se d'ahi, que não entende de espadas, ahi tem rocas, vá compral-as.

ESOPHO.

(O homem não tem siso) pois fia v. m. de mim, que não entendo de espadas? pois saiba que meu pai foi ferrovelho, e quando me gerou na baina de minha mãe, hasci eu tão espadaudo que cuidou a comadre, que eu era um peixe espada, e por signal que a poucos dias de nas-

cido me punham á cabeceira uma espada nua por amor das bruxas.

HOMEM.

Passa fóra, corcunda ; inda levas a merenda ás costas ?

ESOPO.

A das costas é minha ; a que está mais abaixo é para vossé.

OUTRO.

Fóra, poeta !

ESOPO.

Olha tu não te faça uma synalepha na cara, e um poema de pés quebrados.

ZENO.

Valha-te o diabo, maldito ! não te calarás, que és aqui o fabula do povo.

ESOPO.

Pois se eu sou a do povo, tambem o povo é a fabula de Esopo.

MULHER.

Aqui tem boas couves, menino, merque comigo.

ESOPO.

Devéras que a menina das couves não é mau repelho para a panella do amor.

MULHER.

Olha quem falla em amor ! tira-te d'ahi espantalho, não me enguices a venda.

ESOPO.

Ku nunca vi vencer com Venus, vêem vossés ? esta couveira me ha de enterrar no cemiterio dos seus olhos, que sam dous valentes carneiros.

ESCRAVO.

Dize-lhe dessas.

ESOPO.

Chiton que ahí vem nosso patrão direito como um sa-

so; esperem, esperem, lá vai para a feira das bestas! Ah senhor! aonde vai? tambem v. m. se quer vender?

ZENO.

Que dizes, bruto?

ESOPHO.

Que arre para cá, não se troque v. m. que ao depois não o poderemos conhecer! e quando não, ponha um signal na orelha, e vá-se.

ZENO.

Como te tenho por bobo tens licença para tudo.

XANTO, PERIANDRO, ENNIO *com vestidos,
talares, e os ditos.*

XANTO.

Nesta mesma variedade confusa se sustenta a potencia visiva.

PERIANDRO.

Senhor mestre Xanto, sobre isso de potencia visiva tinha eu um argumento, e muito forte.

XANTO.

Periandro, fique-vos de advertencia que nem todó o logar é para todas as cousas; nas praças vende-se, e nas aulas argumenta-se.

ENNIO.

Diz bem o nosso mestre; vós, Periandro, sois terrivel!

PERIANDRO.

E vós, Ennio, também me quereis reprehender? é o que me falta.

ZENO.

Senhor phylosopho, v. m. por ventura quererá comprar algum destes escravos?

XANTO.

Eu só venho comprar um jumento para a nora da minha quinta.

ESOPHO.

Eu nunca vi phylosopho, com quinta.

XANTO.

Mas si contudo me accomodar no preço, não se medá de comprar um escravo. Anda tu cá, que sabes fazer?

1.º ESCRAVO.

Tudo.

XANTO.

E tu?

2.º ESCRAVO.

Eu tudo sei fazer.

PERIANDRO.

Quem tudo sabe, nada sabe.

XANTO.

E tu, monstro, que sabes fazer?

ESOPHO.

Eu nada, graças a Deos!

XANTO.

Homem, si é que o és, é possível que não saibas fazer cousa alguma?

ESOPHO.

Senhor, não se admire v. m., que como estes meus companheiros tomaram por sua conta o fazer tudo, não ficou para mim nada.

PERIANDRO.

Que diz da resposta, senhor Xanto?

XANTO.

Está com subtiliza: ora dize-me, como te chamam?

ESOPHO.

A mim chamam-me como me querem chamar; não ha meia hora que uns me chamaram poeta, outros concunda.

XANTO.

Pergunto o teu nome.

ESOPO.

Eu, senhor, com perdão de v. m. chamo-me Esopo.

XANTO.

D'onde nasceste?

ESOPO.

Do ventre de minha mãe.

XANTO.

Não me entendes? em que logar nasceste?

ESOPO.

Tambem não me disse minha mãe si me pariu em logar alto, ou baixo; mas cuido que foi ahí algures ao pé de alguma cama.

PERIANDRO.

Ennio, o escravo tem atacado o philosopho nesse mestre.

XANTO.

Ou tu és mui simples, ou muito velhaco. Pergunto-te de donde és natural.

ESOPO.

Aquí d'El-Rei, senhor, eu sou legitimo, e não natural.

XANTO.

Valha-te Deos! aonde é a tua patria?

ESOPO.

Isso é outra cousa: sou de d'onde me vai bem, que ahí é a minha terra.

XANTO.

Na verdade que me tem admirado as respostas deste escravo. Hei-de compral-o per todo o dinheiro, ainda que minha mulher se enfade. Quanto quer por Esopo?

ZENO.

Pois não quer estes dous, que sam perfeitos, e só lhe

agradou esse bruto? mas como v. m. disse que vinha comprar um jumento, levando Esopo, tude vem a ser o mequról

XANTO.

Eu, senhor, não compro as perfeições do corpo, mas sim as da alma.

ZENO.

Uma vez que v. m. assim o quer, toda-vez que me der dez moedas leve-o.

XANTO.

Aqui as tem.

ESOPO.

Que diabo estarão dizendo um ao outro, apontando para mim? eu estou vendido aqui.

XANTO.

Esopo, anda comigo, que te comprei.

ZENO.

Esopo, vai com o senhor Xanto, que a elle te vendi.

ESOPO.

Não disse eu que estava vendido? Vamos, senhor Xanto phylosopho; mas saiba que ambos vamos vendidos.

XANTO.

De que sorte?

ESOPO.

Eu porque v. m. me comprou; e v. m. porque não sabe o que leva em mim.

XANTO.

O que levo em ti eu o sei.

Dirá, alguém que estas duas scenas não estão bem dialogadas, e cheias de comico popular? que o carácter de Esopo, sua jovialidade, humor sarcastico, e sentencioso não está aqui bem representado?

Um dos grandes meritos de Antonio José da Silva, e

que feita muitas vezes aos mais affamados enmicos, consiste na brevidade, e clareza das suas exposições, todas em acção, e em que o assumpto, e o caracter das personagens se mostram por si, sem o ordinario soccorro das narrações, quasi sempre inverosímeis, porque de ordinario, uma personagem conta a outra cousas que ella de necessidade deve saber, mas que é necessario repetir para intelligencia dos espectadores.

No *D. Quixote*, por exemplo, ao levantar do panno vê-se uma sala, e nella *D. Quixote* sentado, e o barbeiro fazendo-lhe a barba, e junto delle a sobrinha, e ama. O dialogo principia por uma conversa de novidades, como de ordinario accontece entre os barbeiros, os mais incansaveis tagarellas, e falladores do mundo, e os freguezes, que procuram assim entreter-se, e distrahir-se do fastidioso tempo do barbeamento; porém essa conversa, á primeira vista indifferente, em breve nos fará conhecer o heroe da Mancha, e os seus graciosos delirios.

D. QUIXOTE.

Senhor mestre barbeiro, vêja v. m. como me péga nessas barbas, que são as mais honradas que tem toda a Hespanha, e pôde gabar-se de que nem quantos gigantes tem o mundo se atreveram a olhar para ellas nem com o rabo do olho, porque sempre lhe tive a barba teza.

BARBEIRO.

Ella assim o mostra, pois de teza que é, dobra o fio á navalha.

D. QUIXOTE.

Ora só mestre, vossê bem sabe que é obrigação dos do seu officio, quando fazem as barbas, dizer as novidades, que ha pela cidade. Que se falla dos principes da Italia, e do governo politico do orbe? que como estive doente, e tantos tempos de cama, por causa das minhas cayallarias andantes, não tenho sabido nada.

BARBEIRO.

Senhor *D. Quixote*, novidades não faltam: dizem que o turco vem com uma poderosa armada assollando os ma-

res, e os príncipes todos procuram fazer-lhe guerra offensiva e defensiva, para o que já em Biscaia se prepara uma grossa armada.

D. QUIXOTE (*sorrindo*).

Para que se cansam com tantas machinas? eu lhe dera um bom arbitrio, com que em menos de uma hora, vencessem quantas armadas, e armadilhas o turco tiver.

BARBEIRO.

Diga v. m. qual é.

D. QUIXOTE.

Não quero, porque não faltarão mexeriqueiros, que não vão dizer, e ganhem as alviças do meu trabalho.

BARBEIRO.

Diga v. m., que lhe prometo á fé de barbeiro que aqui fique sepultado septe braças debaixo do chão como pedra de raio.

D. QUIXOTE.

Debaixo dessa fé, que é mui boa, o direi: mandem esses príncipes buscar alguns cavalleiros andantes, que não faltam na nossa Hespanha, que só um delles bastará para destruir com a sua espada, e sua lança mil armadas.

ANA.

Triste de mim, senhora! seu tio está outra vez doendo; ainda cré que ha no mundo cavalleiros andantes.

SOBRINHA.

A mim me metem se por aqui não anda Sancho Pança, que é quem lhe mete estas loucuras na cabeça.

ANA.

Vamos ter com Simão Carrasco, a vér se lhe póde tirar estas asneiras da cabeça, que é homem de manha.

SOBRINHA.

Vamos. (*vam-se.*)

Como é possível, senhor D. Quixote de la Mancha, que um cavalleiro andante possa destruir um navio, quanto mais uma armada?

D. QUIXOTE.

Só mestre, tracte do seu estôjo, e das suas navalhas; e não se meta a querer investigar os reconditos arcanos dos cavalleiros andantes! Si vossê lêra as antigas historias de Palmirina d'Oliva, Roldão, Amadis de Gaia, Amadis da Grecia, e outros muitos de que o clarim da fama por cem bocças canta as suas nunca vistas façanhas, subera então o que vale um cavalleiro andante! heu sei de um, que só com um suspiro é capaz de afundar uma armada, e com galeões.

BARBEIRO.

Quem será esse tal? tomara-o conhecer.

D. QUIXOTE.

Sou eu! sou eu! D. Quixote de la Mancha; por outro nome, o cavalleiro da triste figura. Eu, torno a dizer, eu só, com a minha espada, a minha lança, e o meu broquel, me atrevo a engulir o gram-turco, como quem engole uma cereja de sacco!

BARBEIRO.

Quando eu cuidava, que v. m. estava de todo são, dessa loucura ainda o vejo tão enfermo della! Ora, Senhor, deixe essa teima. Quem lhe meteu em cabeça que havia no mundo cavalleiros andantes, e quando isso assim fôra, v. m. por ventura tinha barbas para o ser?

D. QUIXOTE.

Oh grandissimo magano!... por vida de minha senhora Dulcinea del Toboso, que vos farei em pó e cinza! assim se perde o respeito a um cavalleiro andante? (Atira com o barbeiro ao chão).

E' assim que se apresenta em scena um character dramatico, aqui apparece D. Quixote todo inteiro como o creou Cervantes, e os antecedentes da acção vem ao conhecimento do espectador como por acaso, e sem intenção: isto prova que ao poeta não faltava artificio, nem o conhecimento da theoria da sua arte.

Bocage fazia grande apreço das comedias de Antonio José, e a respeito de D. Quixote referirei uma anecdota sua, que mostra que elle lia estes dramas com reflexão, e sabia investigar as suas bellezas.

Indo em uma vez visita-lo, durante a sua ultima enfermidade, achei-o deitado de bruços sobre a cama, com um livro na mão, e rindo como um doido. "Que livro é esse (lhe perguntei), que te provoca tanta hilaridade? Sam (respondeu) as Operas do Judeo, e achei aqui no D. Quixote uma idéa tão bufona, tão extravagante, que admira haver escapado a Cervantes!" e depois de algumas gargalhadas, lêu o seguinte:

D. QUIXOTE.

E si bem reparo agora nas feições deste Sancho, lá tem alguns laivos de Dulcinea; porque sem duvida Sancho ás vezes o vejo com o rosto mais afeminado, que quasi me persuado que está Dulcinea transformada nelle.

SANCHO.

(Meu amo está no espaço imaginaria!) Ah Senhor, toca a cavalgar que o rocinante está sellado, e o burro albardado. senhor! . . v. m. não ouve?

D. QUIXOTE.

Sim, onço! que seja possivel, prodigioso enigma de amor, galharda Dulcinea del Toboso, que os magicos antagonistas do meu valor, te transformassem em Sancho Pança?

SANCHO.

(Ainda esta me faltava para ouvir, e que aturar!) Que diz Senhor? está louco? com quem falla v. m.?

D. QUIXOTE.

Fallo contigo, Sancho fingido, e com Dulcinea transformada.

SANCHO.

Se v. m. algum dia tivesse juizo, dissera que o tinha perdido. Que Sancho fingido, ou que Dulcinea transformada é esta?

D. QUIXOTE.

Não sei como agora falle, si como a Sancho, si como a Dulcinea! vá como fôr! Saberás que os encantadores tem transformado em tua vil, e sordida pessoa a sem igual Dulcinea; vê tu, Sancho amigo, si ha maior desaforo, si ha maior insolencia destes feiticeiros, que mascarar o semblante puro, e rubicundo de Dulcinea com a mascara horrenda da tua torpe cara!

SANCHO.

Ora diga-me, Senhor, por onde sabe v. m. que a senhora Dulcinea está transformada em mim?

D. QUIXOTE.

Isso é que tu não alcanças, simples Sancho! pois sabe que nós, os cavalleiros andantes, temos cá um tal instinto, que nos é permittido descobrir aonde está o engano, e a transformação, pelas effluvios que exhala o corpo, e pela physionomia do rosto.

SANCHO.

Basta que conheceu v. m. pela simonetria do rosto! pois, Senhor, que parentesco carnal tem a minha cara com a da senhora Dulcinea? Ora eu atéqui não cuidei que v. m. era tão bobo! Cuido que nem na vida de v. m. se conta semelhante desventura!

D. QUIXOTE.

Quanto mais te desesperas, mais inculcas que és Dulcinea! Deixa-me beijar-te os athomos animados desses pés! já que não permittes tocar com os meus labios o jasmim dessa mão. Dalcissima Dulcinea! . . . (Quer abraçar Sancho).

SANCHO.

Aqui d'el-rei, senhor, que não sou Dulcinea! tire-se lá o bibe que lhe dou uma esnelada!

D. QUIXOTE.

Ora, meu Sancho, dize-me em segredo, si és Dulcinea, que eu te prometto um bom premio!

SANCHO.

Como, senhor, lhe hei-de dizer? sou tão macho como v. m.

D. QUIXOTE.

Sancho, nesse mesmo dengue agora confirma que és Dulcinea.

SANCHO.

Ora leve o diabo o dengue! que queira v. m. que á força eu seja Dulcinea ensanchada, ou Sancho endulcinado? Ora pois já que quer que tu seja Dulcinea, chegue-se para cá, que lhe quero dar dous conces.

D. QUIXOTE.

Tu me queres dar conces? agora vejo que não és Dulcinea! pois Dulcinea tão formosa, e tão discreta nunca podia ser besta, nem ainda transformada, para dar o que me offereces com a tua grossaria.

Acabada esta leitura, algumas vezes interrompida pelo riso, Bocage proseguiu: «Então? que te parece? não é isto uma lembrança bem original, bem graciosa, e bem propria? e o judeu não soube tirar della um grande partido produzindo uma scena bem comita? Oh esta idéa devia ter occorrido a Mignel de Cervantes!

Tinha razão Bocage, como sempre lhe acontecia em materias de gosto, quando o seu bom senso não era influenciado pela rivalidade, e pelos seus despeitos pueris.

Estou bem certo de que se esta scena se representasse no theatro, fazendo de D. Quixote o inimigo Theodorico, e de Sancho Pança o graciosissimo João dos San-

tos, o riso levantado dos camarotes, e da platéa atroa-
ria todo o theatro, e não deixaria ouvir os actores.

Nas *Guerras do Alecrim, e Mangerona*, Semicupio, que é o gracioso da comedia, conseguê introduzir-se em casa de D. Lanserote, velho avaro, para dar a sua filha D. Chloris um recado de D. Gil Vaz seu amante; o meio de que se serve para isso é fingir-se vendedor de alecrim; e D. Chloris, que ouve o pregão, o faz chamar, mas como estão presentes o velho, seu sobrinho D. Tiburcio, e algumas pessoas mais, Semicupio finge-se repentinamente atacado de um accidente, acodem-lhe todos, deitam-lhe agua, &c. e por fim o velho vendo que não torna a si, manda á creada Sevadilha que o cubra com o seu capote de saragoça, e o deixem descansar, e retiraram-se todos, á excepção da creada, então Semicupio levanta-se, principia como era de razão, por que a caridade bem entendida começa por nós, a tractar dos seus amores com a creada, chama esta depois a ama, Semicupio desempenha a sua missão, e retira-se levando o capote do velho. Depois de todas estas situações comicadas, apparece D. Lanserote perguntando á creada pelo seu capote, e então tem lugar este dialogo cheio de rapidez, de movimento, e comica naturalidade.

LANSEROTE.

Já sabiu o homem, Sevadilha?

SEVADILHA.

Sim, senhor.

LANSEROTE.

Guardaste o capote?

SEVADILHA (*á parte*).

Ahi é ella.

LANSEROTE.

Não ouves? guardaste o capote?

SEVADILHA.

Qual capote?

LANSEROTE.

O meu.

SEVADILHA.

Qual meu?

LANSEROTE.

O meu de saragoça.

SEVADILHA.

Ah sim! o capote do homem do alecrim.

LANSEROTE.

Qual homem?

SEVADILHA.

O do accidente.

LANSEROTE.

Tu zombas?

SEVADILHA.

Zombaria fóra; o homem levou o capote.

LANSEROTE.

O meu capote!

SEVADILHA.

Eu não sei si era de v. m., o que sei é que o homem do alecrim levou um capote, com que estava coberto.

LANSEROTE.

E como o levou?

SEVADILHA.

Nos hombros.

LANSEROTE.

O meu capote furtado?

SEVADILHA.

Pois nunca se viu furtar um capote?

LANSEROTE.

Não, birbantona, que era um capote aquelle que nunca ninguem furtou. Oh dia infeliz! dia aziago! dia indigno de que o sol te visite com seus raios!

SEVADILHA.

Santa Barbara!

LANSEROTE.

Tu, descuidada, has-de pôr para ali o meu capote, ou do corpo to hei-de tirar.

SEVADILHA.

Como o ha-de tirar si o não tenho?

LANSEROTE.

Desta sorte.

DUETO.

LANSEROTE.

Moça tonta, e descuidada,

SEVADILHA.

Ha mulher mais desgraçada

Neste mando? não, não ha.

LANSEROTE.

Si não dás o meu capote

Tua capa hei-de rasgar.

SEVADILHA.

Não me rasgue a minha capa.

LANSEROTE.

Dá-me, moça, o meu capote.

SEVADILHA.

Minha capa

LANSEROTE.

O meu capote

AMBOS.

Tracta logo de pagar.

LANSEROTE.

Meu capote assim furtado

SEVADILHA.

Meu adorno assim rasgado?

LANSEROTE.

Contra a moça

SEVADILHA.

Contra o velho

AMBOS.

A justiça hei-de chamar.

Não é menos gracioso o modo porque Semicupio dá conta depois a seu amo do resultado da sua commissão.

Vejamos:

D. GIL.

Disse a Semicupio que aqui o esperava; mas tarda

tanto, que entendo que o apanharam na empreza. Mas será aquelle que ali vem? Não é Semicupio, que elle não tem capote. Quem será?

SEMICUPIO.

Lá está um vulto embuçado no meio do caminho; queira Deos que não me chegue ao vulto! Não sei si torne para traz, mas peor é mostrar cobardia; eu faço das tripas coração, vou chegando, mas sempre de longe.

D. GIL.

Elle se vem chegando, e eu confesso que não estou todo trigo.

SEMICUPIO.

Este homem não está aqui para bom fim; eu finjo-me valente: affaste-se lá! . . . deixe-me passar, aliás o passarei.

D. GIL.

V. m. póde passar.

SEMICUPIO.

Ai que é D. Gil; pois agora farei por que me tenha por valoroso! quem está ahí! falle, quando não despeçasse desta vida, que o mando para a outra.

D. GIL.

Primeiro perderá a sua quem me intenta reconhecer.

SEMICUPIO.

Tenha mão, Sr. D. Gil Vaz, que sou Semicupio.

D. GIL.

Si não fallas, talvez que a graça te sabbisse cara.

SEMICUPIO.

Ignal v. m., que se o não conhêço pela voz, sem duvida, Sr. D. Gil Vaz, lhe prego com o seu nome na cara.

D. GIL.

Deixemos isso; dá-me novas de D. Chlois; dize, podeste dar-lhe o recado?

SEMICUPIO.

Não sabe que sou o Cesar dos alcoviteiros?

D. GIL.

Dá-me um abraço, meu Semicupio.

SEMICUPIO.

Não quero abraços; venham as alviçaras, si não emmudecer como oráculo.

D. GIL.

Em casa tas darei; conta-me primeiro o que fazia D. oris.

SEMICURIO.

Isso sam contos largos; estava toda rodeada de brazeiros de alecrim, com um grande molho delle no peito, cheirando a rainha de Hungria, mascando alecrim, como quem masca tabaco de fumo. E como acabava de jantar vinha com um palito de alecrim, e finalmente, senber, com o alecrim anda sempre tão verde, como se tivesse icthericia.

D. GIL.

É do mais, que passaste?

SEMICURIO.

Isso é para mais de vagar, basta que saiba por ora que apenas lancei o anzol no mar da simplicidade de D. Chloris, picando logo na minhoca do engano ficou engasalhada com o engodo de mil patranhas que lhe encaixei á mão tente.

D. GIL.

Incriveis sam as tuas habilidades; e que capote é esse?

SEMICURIO.

Este é o despojo do meu triumpho. Joguei com o velho os céntos, ganhei-lhe este capote, e si v. m. soubesse a virtude que elle tem, pasmaria.

D. GIL.

Que virtude tem?

SEMICURIO.

É um grande remedio para sarar de accidentes de gota coral.

D. GIL.

Conta-me isso.

SEMICURIO.

Fallemos de manso, que ahí vem um homem.

Muitos rasgos semelhantes se encontram nas outras obras, assim como na de *S. Gonçalo de Amaranis*, e na dos *Amantes de Escabeche*, dois dramas, que correm manuscritos, e que alguns attribuem a Antonio José, quanto a mim com bastante razão, porque nelles reina o mesmo espirito, o mesmo estilo, a mesma facilidade em dispor, e ligar as scenas, e sobre tudo a mesma graciosidade, que não pôde equivocar-se com a de outro.

Parece por isso impossível que tantas pessoas, mesmo instruidas, tenham attribuido a Antonio José da Silva as

operas, ou comedias, que formam o terceiro, e quarto volumes da collecção publicada pelos typographos Francisco Luiz Azevedo, e Simão Thaddeo Ferreira. E' certo que a estas comedias, pela maior parte de Alexandre Antonio de Lima, não falta merecimento dramatico, mas basta considerar a sua linguagem; manciara de dialogar, e o forçado dos gracejos para reconhecer, que quem compoz as operas contheudas nos dous primeiros volumes não podia ser author das que compõem o terceiro, e quarto.

E' além disso inverosimil que um homem que viveu tão pouco, porque prematuramente lhe tiraram com tanta crueldade a vida; podesse compôr tamanho numero de dramas, muito mais tendo de empregar a maior parte do seu tempo no laborioso exercicio do mister de Advogado, mister que elle exerceu tanto em vida de seu pai, como depois da sua morte, ficando com o seu escriptorio, e a sua clientella.

Sim, o doutor João Mendes da Silva terminou a existencia antes de seu filho, e nisso foi elle mais feliz do que sua esposa Lourença Coutinho, pois não teve como ella a desventura horrorosa de presenciar, de saber ao meos o barbaro, e lastimoso supplicio daquelle a quem dera o ser, e que tanto honrava a sua familia, e a sua patria com os seus talentos. Morreu a tempo, e muitas vezes morrer a tempo, é o maior beneficio que pôde fazer-nos a Providencia.

Havendo nos trechos acima transcriptos dado idéa aos leitores do dialogo, e espirito comico desta peça brasileira, passaremos a fazer conhecer o seu estilo poetico, e seu gosto de versificar; e para isso, a falta de alguns manuscriptos seus, e de algumas obras que se publicaram atulsas; e hoje muito raras, ou absolutamente perdidas, nos serviremos do Epicedio á morte prematura da infanta D. Francisca. A falta desta princeza, que passava por uma das mais bellas, que então existiam na Europa; foi grandemente sentida dos portuguezes; excitou o estro dos melhores poetas do tempo, de modo que a collecção dos versos publicados por esta occasião formam um grosso volume de 42^{as}; que alguns curiosos possuem.

O Epicedio de Antonio José reduz-se a uma glossa, em octava rithmica, do sonetto de Luiz de Camões, que principia

Alma minha gentil, que te partiste

E é uma das melhores composições deste género.

SONETO.

Alma minha gentil, que te partiste
 Tão cedo desta vida descontente,
 Repousa lá no ceo eternamente
 E viva eu cá na terra sempre triste.
 Si lá no assento ethereo, a que subiste,
 Memoria desta vida se consente,
 Não te esqueças daquelle amor ardente
 Que já nos olhos meus não puro viste.
 E se virés que pôde mereber-te
 Alguma cousa a dôr, que me ficou,
 Da magoa sem remedio de perder-te,
 Roga a Deus, que tehs annos encurtou,
 Que tão cedo de cá me leve a ver-te;
 Quão cedo de meus olhos te levou.

GLOSA.

Que importa, que separe a féra morte
 Os extremos, que amor ligou na vida,
 Si quando mais violenta intima o corte
 Vive a alma no affecto mais unida?
 E posto te imagine, oh triste sorte!
 Nos horrores de um tumulto escondida,
 Nunca do peito meu te dividiste,
 Alma minha gentil, que te partiste.

Si no régio pensil flôr animada
 Purpuras arrastrava a galhardia,
 Por isso na belleza inseparada
 A duração ephemera existia.
 Si está na formosura vinculada
 Esta da morte occulta sympathia,
 Que muito te ausentasses levemente
 Tão cedo desta vida descontente.

Como flôr acabou quem rosa era,
 Porém nessa frâgrancia transitoria

Não quis ser flor na humana primavera,
 Por viver seraphim na excelsa gloria:
 Já que o desejo meu te considera,
 Gozando nesse Empyreo alta victoria,
 Apesar da sandosa dôr vehemente
 Repousa lá no ceo eternamente:

Nessa patria de raios luminosa,
 Onde immortal se adora a luz immensa,
 Alegre viverás, alma ditosa,
 Sem limites jámais na gloria immensa,
 Que eu infeliz, em abita luctuosa,
 Farei no meu gemido a dôr extensa,
 Eterna goza tu o bem que viste,
 E viva eu cá na terra sempre triste.

Não cuides que o affecto de adorar-te
 Sé extinguiu nos limites de perder-te,
 Porque na viva fé de idolatrar-te
 Na memoria conservo o bem de ver-te:
 Tão constante me enlevo em venerar-te,
 Que não sei que podesse mais querer-te;
 Si cá na terra dura, onde me viste,
 Si lá no assento ethereo, a que subiste.

E se nesse brilhante ajuntamento
 De algum humano bem memoria dura,
 E porque no logar da culpa isempto
 Não se veja de ingrato a mancha impura,
 Lembre-te pois, oh alma, o vago alento,
 Que em suspiros exhalla esta anciosa pura
 Lembre-te, pois tambem no ceo luzente
 Memoria desta vida se consente.

Quantas vezes a tanta galhardia
 Portugal sacrificios dedicava?
 Nos altares de um peito amor ardia,
 Nos ardores de uma alma amor se achava;
 Si este extremo, que em luzes se accendia,
 Era fragos de amor, que se abruava,
 Para alivio efficaz d'um peito amante,
 Não te esqueças daquelle amor ardente.

Mas si algum dia o gosto por activo
 Em crystalino riso se explicava,
 Que tambem o prazer per excessivo
 Pelos olhos rhetorico fallava,
 Hoje corre turbado e successivo
 Crystal, que o resto amado publicava,
 Turvo destila a magoa, o pranto triste,
 Que já nos olhos meus tão puro viste.

Para eterno padrão uma saude
 Mausoleo immortal se erige: oh quanto
 Póde uma dôr! pois toda a eternidade
 Breve circulo é de affecto tanto;
 Recebe pois, oh inclita deidade,
 O liquido holocausto de meu pranto,
 Si acaso digno é de engrandecer-te,
 E se vires que póde merecer-te!

Neste fero tormento desigual,
 Sem remedio me vejo enlouquecer,
 Sendo sómente alivio para o mal
 Nesta ausencia infeliz por ti morrer!
 Vivo tão satisfeito do fatal
 Tormento, que me obriga a padecer,
 Que mitigo no mal, que me deixou,
 Alguma cousa a dôr, que me ficou.

Viste as Tagides bellas lamentando
 Entre as ondas do Tejo a morte escura,
 Que lacrimoso feudo derramando,
 Dam a Neptuno infausta investidura?
 Não viste os patrios montes arrancando
 Do coração de penha a fonte pura?
 Pois tudo effeitos sam, si bem si adver-te,
 Da magoa sem remedio de perder-te.

Mas si tens por objecto o celestial
 Numen, de quem te ostentas girasol,
 Felice tu mil vezes, que immortal
 Vives eterna, á sombra desse sol:
 E se pois transmigrou teu ser mortal
 A um sublime ser, sendo crysol

Da virtude, que a tanto te exaltou,
Roga a Deos, que teus annos encurtou.

Quantos desejarão no grave espanto
Da ausencia, que formaste hoje em retiros,
Abrandar essa urna com o pranto,
Accender essas cinzas com suspiros!
Qual á morte dirá.: Não tardes tanto!
Leva-me a mim também em vagos giros,
Pois quão cedo de mim soube esconder-te,
Que tão cedo de cá me leve a vér-te!

Qual nevada bonina, que o subtil
Matutino licor, feliz bebou,
A quem o Sol ardente em raios mil
A odorifera pompa lhe abateu,
Assim, oh bella infanta, alma gentil,
Noto no teu estrago o golpe seu,
Que admirado do mal por certo estou,
Quão cedo dos meus olhos te levou!

Alguns leitores se admirarão sem duvida de vér o epicedio de uma princeza metido na glosa de um soneto; mas devem lembrar-se de que naquellè scenã se dava grande apreço a estes esforços de espirito, porque então as difficuldades passavam por poesia. Os melhores poetas do tempo, e alguns mesmo do principio dèste seculo, como Antonio Barbosa Bacelar, Frey Jeronymo Bahia, Antonio da Fonseca Soares, e outros muitos se deram a este modo de poetar, deixando-nos glosados em oitavas muitos sonetos de Camões, e de outros.

Quanto ao estylo parece-me ter mais pontos de semelhança com o de Calderon, que com o de Gongora, nem é isso de admirar em um poeta dramático, que devia sem duvida estudar muito os excellentes dramas daquelle grande comico, e facilmente tomamos alguns elementos do estylo daquelles authores, cuja leitura nos é familiar.

A este poemeto juntaremos algumas poesias, que Antonio José deixou distribuidas pelas suas operas, taes são estes sonetos á mangerona, ao alecrim, e ao malmequer, que se recitam na linda comedia das Guerras de Alecrim, e Mangerona.

SONETO.

A Mangerona.

Para vencer às flôres, quiz amor
 Settas de mangerona fabricar;
 Foi discreta eleição, pois soube achar
 Quem soubesse vencer a toda a flôr.

O jasmim desmaiou no seu caudor,
 A rosa começou-se a espinhar,
 No girasol foi culto o inclinar,
 Ais o jacintho deu de inveja, e dôr.

Entre as vencidas flores pode vêr
 Retirar-se fugido o alecrim,
 Qué amor para vingár-se o quiz colhêr.

Cantou das flores o triumpho enfim
 Nem os despojos quiz, por não querer
 Jacintho, girasol, rosa, e jasmim.

SONETO.

Apologia do Alecrim.

Um dia para Psyche quiz Amor
 Uma grimalda bella fabricar,
 E, por mais que buscou, não poudo achar
 Flor do seu gosto, entre tanta flôr.

Desprezou do jasmim o seu candor,
 E a rosa não quiz por se espinhar,
 Ao girasol mostrou não se inclinar
 E ao jacintho deixou, na sua dôr.

Mas tanto que chegou Cupido a vêr
 Entre virentes pompas o alecrim,
 Um verde ramo pertendeu colhêr:

Te só me agradas (disse) pois enfim
 Por te desprezo, só por te querer
 Jacinthos, girasol, rosa, e jasmim.

SONETO.

Ao Malmequer.

Essa, que em cacos velhos se produz
 Mangerona miserrima sem flor,
 Esse pobre alecrim, que em seu ardor
 Todo se abraza por sahir á luz;

Ainda que se vêjam hoje a fluz
 Desbancar nas baralhas do amor,
 Cuido que ellas o bolo ham-de repôr,
 Si não negro seja eu como um lapuz.

O malmequer, senhores, isso sim,
 Que é flor que desengana, sem fazer
 - No verde da Esperança amor sem fim.

Deixem cortar o tempo, e quem viver,
 Verá que a mangerona, e o alecrim
 As plantas beijarão do malmequer.

Estes sonetos sam, como já dissemos, extrahidos das Guerras de Alécrim, e Mangerona; e por occasião deste drama proporei aos tafues antiquarios, uma questão,

Que si elles a resolverem,
 Feliz do genero humano!

Todas as pessoas, que conhecem Cintra, sabem que os elegantes, e janotas, que estão habituados a passar o verão oaquelle paraiso terreal, costumam juntar-se todas as noites faça luar, ou faça escuro, na estrada dos Pisões, juncto á quinta da Regaleira, e ali sentados em dous grandes camapés de pedra, e ali, murmuram, politicam, e o maior numero tractam de amores, até que já bem tarde se retiram daquelle pasmadão.

Por muito estrambolico, que pareça este gosto de sahir das casas, e dar uma grande caminhada, para ir palrar, e tijolar no meio de uma estrada, muitas vezes debaixo de uma ventania que sopra, e sibila ameaçando constipações, e pleurizes, é certo que elle é muito antigo naquella villa, e que aquelle ajuntamento tem tido logar em diferentes sitios, como o Campo de Centeas, a Fonte dos Amores, e primeiro na sombria, soli-

taria, e pedregosa estrada da Cabeça, onde ainda existem os bancos de pedra e cal, onde então se assentava aquella turma jovial, dividida em dous ranchos, appellidados um *do Alecrim*, e outro *da Mangerona*, cujos raminhos então usavam trazer no peito. Pergunto agora, seriam estes ranchos quem suggeriu a Antonio José a idéa da sua comedia? ou a comedia de Antonio José a origem destes dous ranchos? espero pela solução deste problema, que julgo tão necessário para a intelligencia da historia do nosso theatró, como frei Cláudio, de burlesca memoria, julgava indispensável a chronica da casa dos vinte e quatro para a intelligencia da historia do reino.

Ha nos dramas de Antonio José alguns recitativos e arias, que mostram bem quante lhe eram familiares as operas de Metastasio, e de Apostolo Zenó. Tal é o seguinte.

RECITATIVO.

Sorte tyranna, estrella rigorosa,
Que maligna influencia com luz opaca,
Rigor tão féro contra um innocente!
Que delicto fiz eu, para que sinta
O peso desta asperrima cadeia,
Nos horrores de um carcere penoso,
Em cuja triste, lobrega morada
Habita a confusão, e o susto mora?
Mas si acaso, tyranna, estrella impia
E' culpa o não ter culpa; eu culpa tenho!
Mas, si a culpa, que tenho, não é culpa,
Para que me usurpes com impiedade:
O credito, a esposa, a liberdade?

ARIA.

Oh! que tormento bárbaro
Dentro do peito sinto!
A esposa me desdenha,
A patria me despenha,
E até o céu parece
Que não se compadece
De um misero penar.

Mãe, oh Deuses, si sois justos,
 Como assim tyrannamente
 A este misero innocente
 Chagaes hoje a castigar?

RECITATIVO.

Oh infeliz! oh triste sem alivio
 Misero amante, como sem Ismene
 Viverei? morrerei ao duro golpe
 Da sentença cruel, que me separa
 Aquella alma sublime deste corpo
 Cujã união amor ligou constante.
 Oh Jupiter piedoso, dessa esphera
 O trisulco furor do teu incendio
 Contra um peito infeliz fulmina ingente,
 Que para provocar os teus furores
 Incentivo não ha mais adequado
 Que nascer infeliz um desgraçado.

ARIA.

Irado, e languante
 Frenetico, e amante,
 Oh injusta deidade,
 Da sua impiedade,
 A Jove supremo
 Me quero queixar.
 Si a luz me usurpaste,
 Do sacro hymineo,
 Cruel te enganaste,
 Que em chamma mais pura
 Minha alma constante
 Se sente abraçar.

RECITATIVO.

Já que em tanto tormento não alcanço
 Alivio neste apocriphto delicto,
 A quem reccorrerei misero amante?
 A quem reccorrerei? a quem, Almena,
 Si não ao puro archivo do meu peito,
 Onde os extremos meus, e os meus suspiros
 Fielmente exhalados

Poderão commover as duras pedras,
E os asperos rochedos!
Que talvez nesta barbara aspereza
Ache menos rigor, mends dureza.

ARIA.

Pois, tyranna, não te abrauda
Do meu peito a asiarga pena,
Dize, ingrata, esquiva Alcmena
Que farei por te abraudar?
Ao teu idolo adorado
Meu affecto já prostrado,
Toda a victima de uma alma
Sacrifica em teu altar!

Descobre-se, nestas composições para musica um grau de tino dramatico; os recitativos nunca parecem demasiado longos; as clausulas são breves e bem calculadas para as pausas do periodo musical, os versos facéis, fluidos, e harmoniosos, nada de palavras asperas, de contracções inharmonicas, e discordantes. As arias ligam-se artificialmente com o recitativo, e pela graça da idéa e bem collocado das rimas, e a chistosa mistura de versos graves, e agudos deviam inspirar o compositor para as notar sem difficuldade.

Algumas das arias dos dramas de António José, considerando-as destacadas das situações em que elle as collocou, poderiam sem escrúpulo tomar-se por lindissimas Odes Anacreonticas. Citaremos alguns exemplos.

ARIA.

Em ti mesmo considero
De meus males o motivo,
Por ti morro, por ti vivo;
Tu me matas, tu me alentas,
Pois contigo está meu mal,
E contigo está meu bem.
Deixa pois que triste viva,
Quem alegre busca a morte,
E verás que dessa sorte
Esta vida me horrorisa,
E esta morte me convém,

Não é menor bella a seguinte.

ARIA.

Na onda repetida
Do Zephire impelida,
Talvez a dura penha
Amante não desdenha
Seu liquido crystal.

Si pois a clara espuma
Tropheo de um monte alcança,
Bem pôde haver mudança
Na instancia dos carinhos,
Do genio seu fatal.

Será possível dar um torneio mais gracioso, e mais
terno a uma declaração de amor do que o que observa-
mos nesta

ARIA.

Não sei que novo affecto
Sinto no amante peito;
Sei só que o seu effeito
Me obriga a te adorar.
O teu doce atractivo
Já sente o amante peito,
E a vida não compete
Gosto mais singular.

Como é imaginosa, e brilhante a aria seguinte!

O navegante,
Que, combatido
De uma tormenta,
Logo experimenta
Quieto o vento,
Tranquillo o mar;
Como eu, nem tanto,
Se alegra, vendo
Que vai crescendo
Minha ventura,
E vai cessando
Do meu gemido
O suspirar.

Que imagens tão agradáveis, que expressão tão volupiosa, e amena se encontra nas seguintes arias, em que respira o espirito de Anacreonte, e Metastasio.

ARIA.

Vis-te, oh Chlori, a flor gigante:
Que procura firme, e amante,
Seguir sempre a luz do Sol?
Dessa sorte sem desmaios,
Sol, que gira, sam teus raios,
E' meu peito girasol.

Mas ai, Chlori, que a luz pura
De teus raios mais se apura
De meu peito no chrysol.

ARIA.

Ditosa pastorinha,

Que alegre em verde prado

Só cuida no seu gado

Ao som da melodia,

Que inspira a rude flauta

Do amante seu pastor.

Políticas não usa,

Nem maximas inventa,

Ufana se contenta,

Das flores, que tributa

A fé de um casto amor.

ARIA.

Borboleta namorada,

Que nas luzes abrazada,

Quando expira nos incendios

Solicita o mesmo ardor!

Tal, oh Chlori, me imagino

Pois parece que o destino

Quer, por mais que tu me mates,

Que appetença o teu rigor

ARIA.

Selvatica fêra

Da brenha mais tosa,

Se encorespa, se encorespa,
 Si a chara consorte,
 Nos braços encontra
 D'amante rival.

Si o rustico instincto
 De um bruto padee,
 Desculpa merece
 Uma alma abrazada
 Dos zêlos no mal.

Aria.

Dirás ao meu bem,
 Que não desconfio,
 Que adore, que espere,
 Que não desespere,
 Que á sua firmeza
 Constante serei.

Estas bellissimas composições fazem lamentar que se perdessem as poesias lyricas de Antonio José, que naturalmente deviam ser muitas, pois espirito tão poetico não é crível que se conservasse muito tempo em ocio em um tempo em que a poesia, si em geral não era boa, pelo menos era muito estimada, e não serão dignos da execração da posteridade os algozes, que tão barbaramente tiraram do numero dos vivos, no começo da idade viril, um poeta que tanta honra podia fazer á sua patria?

A graça proverbial de Antonio José faria considerar como grave descuido, o não apresentar aqui algumas das cantigas burlescas que elle espalhou pelas suas operas.

Aria.

Toda a mulher que não for
 Inclinada ao matrimonio,
 Ha-de ter a o demónio
 Si não a levar amor
 Tracte logo de se por
 Seu tyranno desdenhar,
 Porém si não abandonar
 Seu rigor, deve escolher
 Ou casar por não morrer
 Ou morrer por não casar.

ARIA.

E' o amor que uma alma engole
 Sabão molle,
 Pois com elle quem se esfrega
 Cabra céga,
 Escorrega
 Cae aqui, cae acolá:
 Assim uma alma namorada
 Esfregada,
 Ensaboada,
 Que tropeços não fará?

ARIA.

Não ha quem me diga
 Por esta cidade
 Si devo casar,
 Si não, ou si sim?
 Porém que verdade
 Me podem dizer,
 Si eu hei-de morrer
 Assim como assim?

ARIA.

Que tremulo marres,
 Que extatico morras,
 Que extitico mirres,
 Que marras, que morres, que mirres,
 E a mim que se me dá?
 Por mais que em teus males
 Em ancias estales,
 E em prazer te estiles
 Debalde será.

ARIA.

Si cuidas menina
 Que eu seja perjuro,
 Pois olha eu te juro
 Um raio me parta,
 Me abraze um corisco,
 O diabo me leve
 Si eu falso te fôr.

Mas ai ! Taramella,
Si és linda, si és bella,
Terás em meu peito
Seguro o amor.

ARIA.

Não vêem o meu noivo
Come é galantinho ?
Com esse focinho
Queria mulher ?
Que tolo ! que simples ! que nescio. é vossé.
Bem sei não mereço
Tão lindos amores,
Porém taes favores
Os lanço de mim co'a ponta do pé !

ARIA.

Viram já vossés um gato,
Que miando pela casa,
Tudo arranba, tudo atraza,
E caçando o pobre-rato
Este guincha que o não rape,
D'ali diz-lhe a moça "cape,
E o gato responde "miáu,
E a senhora grita xó ?
Dessa sorte Amor tyranno
Faz das unhas duras frexas,
Que trepando da alma ás brexas,
Corações, forçuras, hofes
Come, engole, e faz em pó.

A Inquisição extinguiu a vida de Antonio José ; a censura fez esquecer o seu nome, não consentindo que elle se estampasse á frente de suas operas ; o povo que as estimava, e applaudia, só as designava pelo nome de *Comedias do Judeo* ! As escolas latina, e franceza conseguiram banir essas mesmas comedias da circulação litteraria, a primeira, porque não eram classicas ; a segunda, porque não eram escriptas no estylo elegantemente amaneirado, que havia tomado dos francezes : o geral

dos litteratos, sem as lêr, fallava dellas com desdem, como de abortos dramaticos sabidos de um cerebro extravagante, e phantastico: até que no presente seculo os seus escriptos examinados por um critico justo, vam adquirindo uma voga, que promete que em breve a nação lhe faça justiça, e a sua gloria se restabeleça: consta que no Brazil se prepara uma edição nitida dos seus escriptos; que um poeta daquella nação, mancebo de grande talento, teve a coragem de apresentar Antonio José no theatro, em um drama seu intitulado « O Poeta e a Inquisição » que foi muito applaudido do publico.

Eu, sem querer dar o meu gosto como regra, não tenho duvida em confessar, que tenho grande predilecção pelos dramas deste illustre brasileiro, e estou persuadido que os nossos poetas dramaticos tem muito que aprender dos seus escriptos, que encerram grandes bellezas, e muito conhecimento de scena; e de que seria mui util que alguns dos mancebos, que hoje seguem com maito talento a carreira theatral, se deixassem de imitar os melodramas, e vaudevilles francezes, e se applicassem a aperfeiçoar o systema dramatico de Antonio José, criando a verdadeira comedia popular portugueza, de que elle lançou os fundamentos.

CAPITULO V.

Recapitulação.

De todas as escholas poeticas, que atégora tem dominado em Portugal, a mais abundante de talentos, e grandes engenhos tem sido a hespanhola. Gabriel Pereira de Castro, Vasco Mousinho de Quevedo, Manoel de Galhegos, Manoel de Vasconcellos Barbuda, Antonio da Fonseca Soares, Frey Jeronymo Vahia, Antonio Barbosa Bacelar, e alguns outros nomeados nos capitulos antecedentes haviam nascido poetas, e seriam grandes poetas se tivessem tido a ventura de nascer no tempo em que os bons estudos floresciaam na nossa patria; no tem-

po em que os grandes modêlos da sabia antiguidade, fonte inexaurivel do bello ideal, e da pura imitação da natureza os podia guiar ás regiões do sublime, porque a poesia marcha sempre a par da illustração, e dos conhecimentos do seculo.

Nascidos porém no tempo em que os jesuitas apode-rando-se do magisterio, desde as aulas de primeiras le-tras, até ás cadeiras da Universidade de Coimbra, pro-curando adrede que ninguem soubesse nem estudasse si não o que convinha aos interesses da Companhia, sub-stituindo para isso a boa phylosophia, e a boa theolo-gia pela phylosophia, e theologia escolastica, como era possivel que esses grandes engenhos se desenvolvessem, e aperfeiçoassem no meio das trevas de uma ignorancia systematica? Como podiam elles estudar a bella nature-za, si as sciencias naturaes eram desprezadas? formar o bom gosto, si lhe arrancavam das mãos os livros gre-gos, e latinos, inculcando-lhe a sua leitura como inu-til, e perigosa?

Criados entre as argucias, as distincções, e as sub-tilidades de que lhes nutriam o espirito, força era que elle se fosse depravando, e corrompendo, e como o bom es-tylo nasce das idéas claras, e do bom pensar, como era possivel que adquirissem um estylo puro, correcto, e elegante? quem não vê que em taes circumstancias, quanto maior fosse o talento mais se perderia nas idéas alambicadas, e exaggeradas, grangeando assim um estylo pretencioso, affectado, cheio de trocadilhos, de jogos de palavras, de combinações pueris, e de metbaphoras ex-quisitas, e mal formadas? como podiam colher fruetos sasonados, os que só procuravam flôres brilhantes? o que então se chamava dizer bem, era o dizer as cousas de uma maneira extraordinaria, e fóra do natural, ter juizo era qualidade; para ser admirado era necessario ser dis-creto, e o discreto, segundo a opinião do tempo, era pen-sar e expressar-se de um modo insolito, extravagante, e quasi sempre ininteligivel: lêa-se a *Arte de Agudeza y Ingenio* de Gracian, e ali se verá como se entendia a eloquencia, a poesia, e o sublime. Quando o mau gos-to se reduz a preceitos, quando se fóra uma arte para dar as regras de extravaganciar, e delirar em prosa, e

verso, é necessario que todo o bom-saber esteja perdido, que a corrupção seja geral, e que o systema de educação seja pessimo, e em taes casos mais valeria a pura ignorancia, porque só grandes talentos podem ser superiores á barbaridade do seu seculo, como o mostraram Homero, Dante, Shakespeare, e Optz, mas acham muito mais difficuldade em desamparar-se das luzes enganadoras, e dos preconceitos de uma erudição falsa, e bastarda.

Nem se julgue que o estylo pretencioso, e ridiculamente affectado do seculo de seiscentos fosse peculiar; e privativo dos poetas; pelo contrario, elles cantavam como todos os seus contemporaneos fallavam; todos os livros desse tempo historia, philosophia, theologia, &c. estão escriptos no mesmo estylo, no mesmo estylo eram os sermões, as conversações, e até as correspondencias particulares; isto prova que o mal vinha das aulas, e não do capricho de alguns escriptores de pouco siso. Si assim não fosse como poderia a poesia ser tão estimada, e applaudida naquelle seculo? como poderia o povo entender então os poetas, si o seu espirito não estivesse, digamol-o assim, adelgadoo pela philosophia escolastica, e habilitado para adivinhar charadas?

O estylo é o grande defeito dos seiscentistas, ou dá eschola hespanhola; mas devemos por isso proscreever, como fizeram alguns criticos demasiado severos, todos os poetas daquella epocha, e daquella eschola? não por certo. Nem todos elles peccaram no mesmo grau de extravagancia. Houve então alguns poetas, que á força de bom senso, e de gosto natural, souberam escapar aos excessos ridiculos, e estravagantes do estylo em voga, e conservar-se quasi sempre nos limites do que se chama estylo florido, e que fazem desculpar os seus defeitos com grande numero de verdadeiras bellezas. Neste numero conto eu Gabriel Pereira, Quevedo, Bacelar, Galhegos, e Gregorio de Mattos.

Não pôde igualmente negar-se que a arte fez alguns progressos naquêlle tempo, e com aquella eschola; os poetas sam de ordinario mais originaes do que os seus antecessores. Os poemas didaticos, e didascalicos foram comprehendidos naquelle seculo, mesmo quando alguns

dos seus authors pertencem á escola italiana. E' da mesma epocha a introdução dos romances na nossa lingua, assim como a das decimas, uma das mais bellas e harmoniosas combinações rimicas nos versos octosyllabos, as canções chegaram-se mais á ode pela fôrma externa; os assumptos foram mais variados, e a poesia teve um character mais popular apparecendo nella muitas, e differentes allusões aos usos, e costumes populares.

E' tambem deste seculo a poesia satyrica, propriamente dita, e jocoseria, em que tanto se distinguiram Gregorio de Mattos Guerra, Thomas Pinto Brandão, e outros.

Houve tambem um grande progresso, e melhoramento nas clausulas, e periodos poeticos, que nesta escola se apresentam mais bem cortados, de modo que não falta a respiração antes das pausas.

A versificação sobre tudo foi nestes poetas mais fluida, mais rapida, e harmoniosa; nos seus poemas são raros, os versos prosaicos, e mais raros, ainda os versos duros, e talvez que o pouco apreço, que elles fizeram de Ferreira tivesse por motivo principal a dureza, e escabrosidade, que geralmente se nota na sua versificação, e talvez que mais que a outra causa devesse Camões á soberba harmonia dos seus optimos versos, a grande admiração, e estima que lhe tributaram os poetas daquelle tempo.

Parece-me pois que os criticos, que pozeram peito á empreza da restauração do bom gosto, e da poesia andaram com demasiado rigor quando envolveram em uma proscricção geral todos os poetas da escola hespanhola, sem excepção nenhuma: equivocando assim os homens de verdadeiro talento com os ineptos, que quizeram campar por poetas contra a vontade de Apollo; e de Minerva: talvez que esse demasiado rigor fosse então necessario; porém hoje que as circumstancias são outras, que se professam outros principios em litteratura, tenho para mim que é tempo de julgar esses poetas com imparcialidade, de fazer justiça ao merito, e de se examinarem em suas obras, porque em grande parte dellas ha muito que aproveitar.

INDICE DO TOMO X.

LIVRO XXIII.

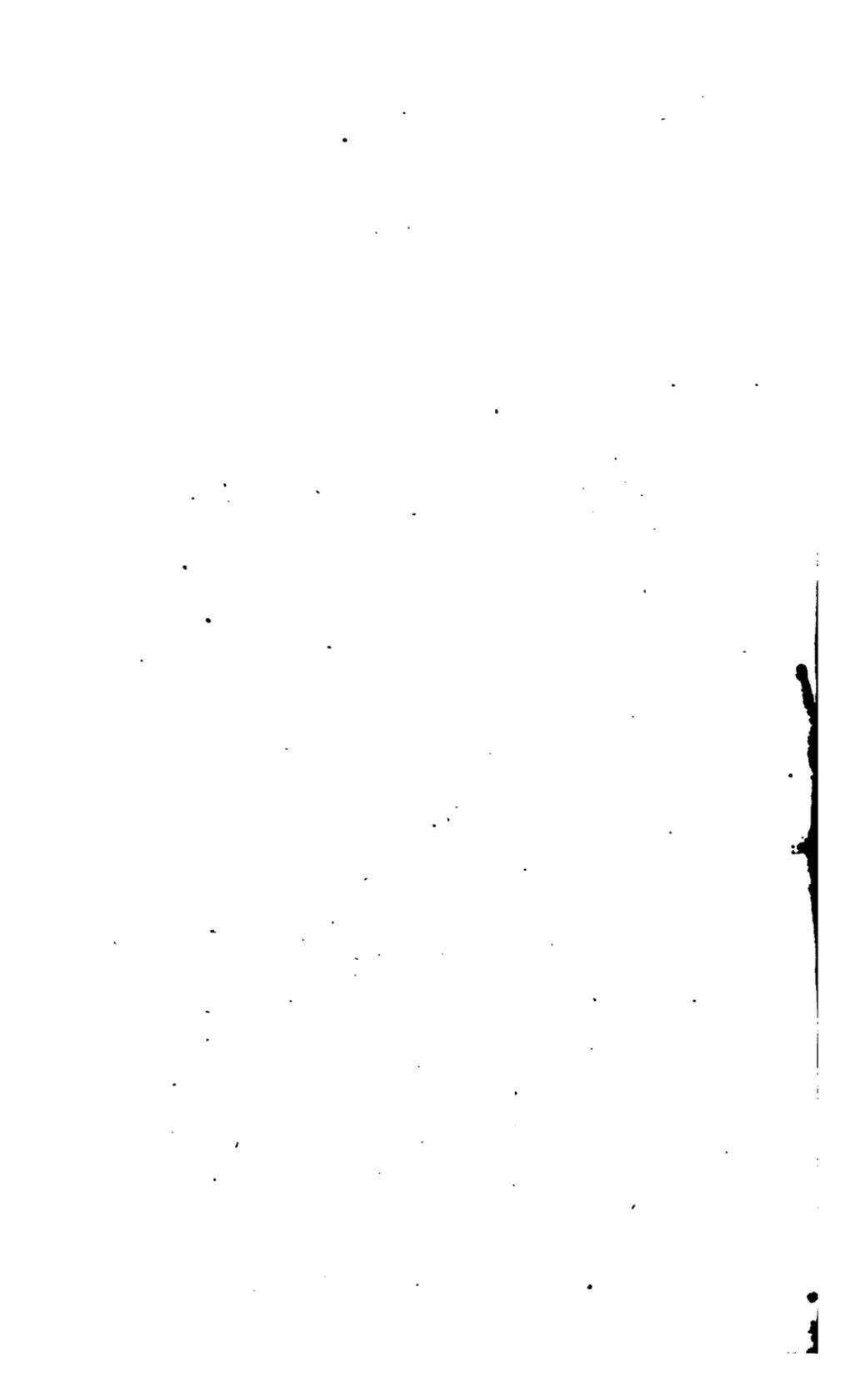
CAPITULO I. <i>Antonio da Fonseca Soares</i>	5
CAPITULO II. <i>Poesias Lyricas de Antonio da Fonseca Soares</i>	29
CAPITULO III. <i>Manoel Botelho de Oliveira</i>	67
CAPITULO IV. <i>Manoel Tavares Cavalleiro</i>	84

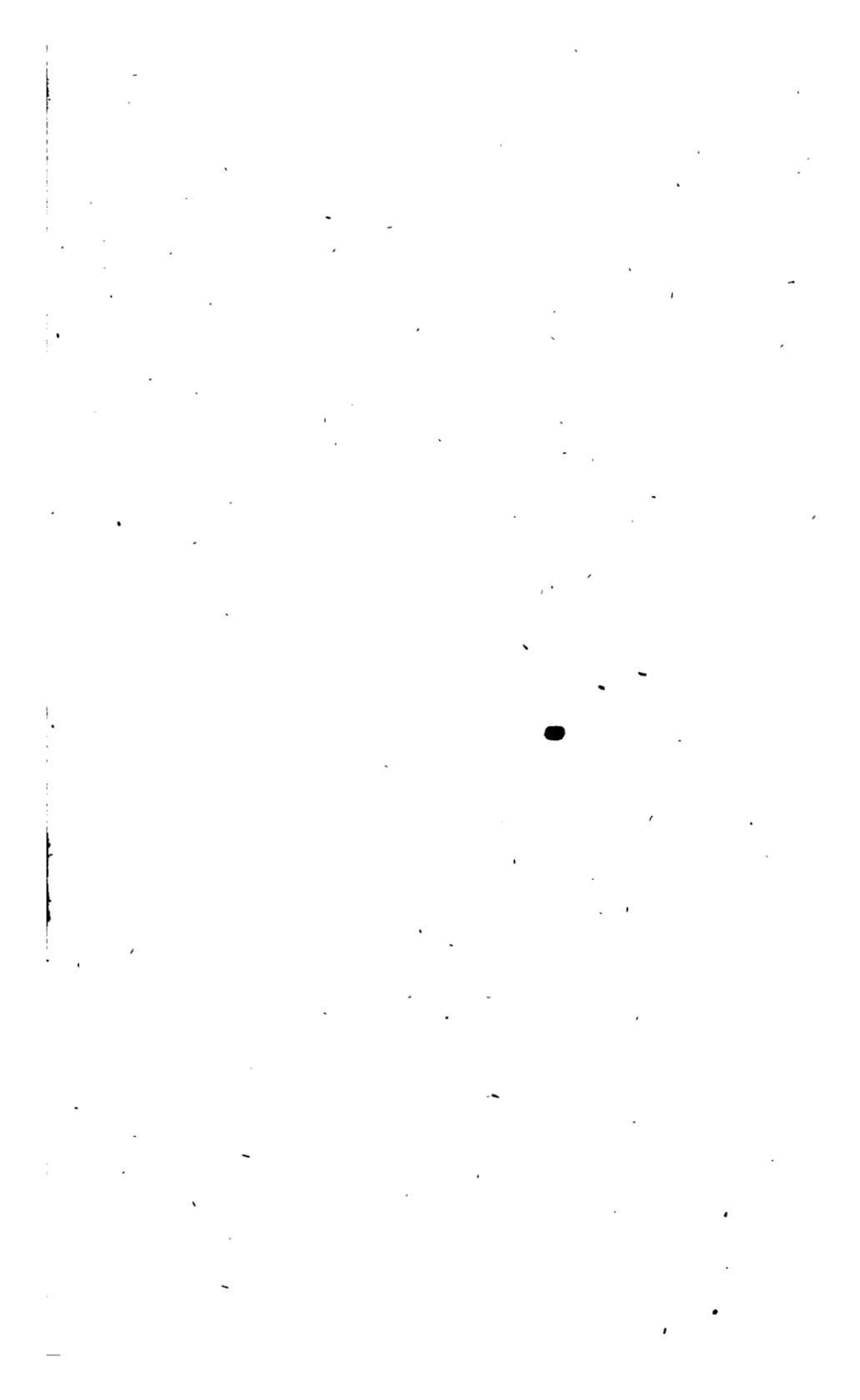
LIVRO XXIV.

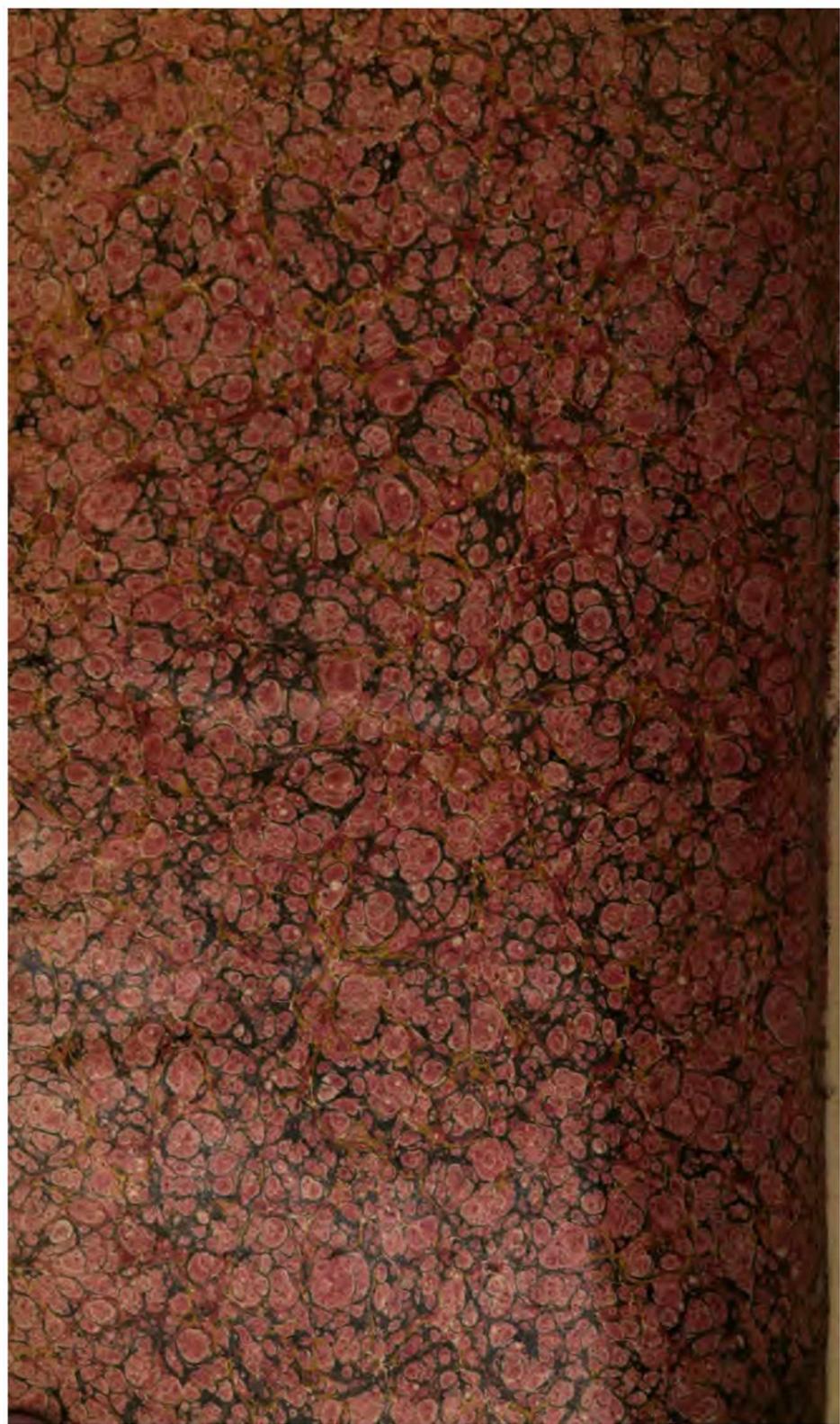
CAPITULO I. <i>Manoel de Sousa Moreira</i>	125
CAPITULO II. <i>Troylo de Vasconcellos da Cunha</i>	200
CAPITULO III. <i>D. Joanna Josefa de Menezes, terceira Condessa da Ericeira</i>	231

LIVRO XXV.

CAPITULO I. <i>Caetano José da Silva Soutomaior</i>	244
CAPITULO II. <i>Outras poesias do doutor Caetano José da Silva Soutomaior</i>	266
CAPITULO III. <i>Nicolau Luiz</i>	294
CAPITULO IV. <i>O Advogado Antonio José da Silva</i>	328
CAPITULO V. <i>Recapitulação</i>	371







BIBLIOTECA DE JUAN M.

30

N.º

935

PTAS.

50.

Raw. Lon 10 Fms.



BIBLIOTECA DE JUAN M.

3e

N.º 935

PTAS. 50 -

Raw. Low 10 Fount.

